

ncopatha

AGANDA HOMEOPATHICA

torio Especial Homeop

ISTICO

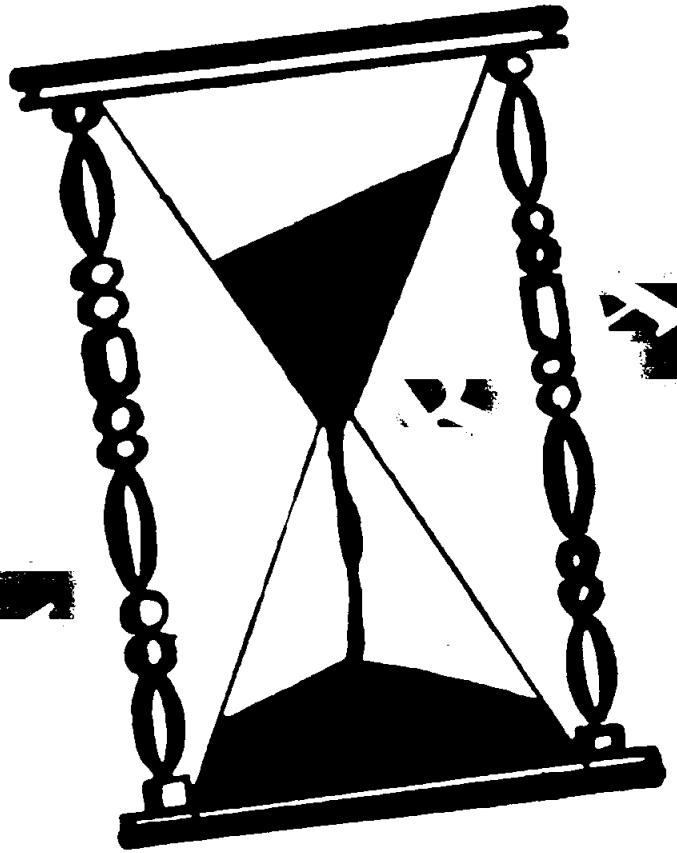
DE 1890

DE 1890

ATE

LIBRARIAS

LUIZ DO NASCIMENTO



DA  
IMPREENSA  
DE  
ERNAMBUCO

RECIFE

1972

Palavras do escritor Barbosa Lima Sobrinho, na sessão de 17 de novembro de 1970 da Academia Brasileira de Letras:

"Sr. Presidente: Tenho em mãos, para oferecer à Biblioteca da Academia, o livro de Luiz do Nascimento — "História da Imprensa de Pernambuco". Luiz do Nascimento é um pesquisador de mérito extraordinário e dotado de uma paciência invencível. A presente obra está planejada para 14 volumes, e ele aqui está publicando o 5º, relativo aos periódicos do Recife aparecidos entre 1851 e 1875. Na verdade, todos esses jornais foram por ele lidos atentamente, e seus resumos dos aspectos principais dessas edições por ele pesquisadas são tão úteis que, ainda recentemente, quando tive necessidade de verificar, por exemplo, a fase da colaboração de Oliveira Lima em alguns jornais pernambucanos, fui encontrar em Luiz do Nascimento as datas precisas, isto é, quando começara e terminara a colaboração do autor de "D. João VI no Brasil" no **Jornal do Recife**, exatamente aquele em que ele iniciou sua atividade jornalística, e posteriormente no **Diário de Pernambuco**. Como se vê, dotados de índice admiravelmente bem feitos, são livros de maior utilidade para as pessoas que se dedicam às pesquisas históricas, ou que tenham a mesma curiosidade de conhecer alguma coisa do passado de Pernambuco".

"O importante na leitura desses volumes, cada qual mais decisivo para a história da cultura brasileira, é que ficam as respectivas épocas, devidamente, estudadas nos aspectos que em geral se filtram através dos jornais: literatura, política, vida social e econômica, bem como a parte chistosa de boêmia local. Retrata-se, assim, nas pesquisas do historiador excelente, toda a vida pernambucana dos períodos narrados em cada volume. Porque Luiz do Nascimento não se limita a mandar assessores copiar títulos e datas de jornais, para depois os reunir em livro, tarefa que exige apenas paciência e tempo e até um pouco de mediocridade, que por vezes se distrai e desculpa nessas preocupações. Revolve arquivos e bibliotecas, expõe e critica. Dá-nos a visão ampla de um passado desconhecido, que é o que se oculta no silêncio dos baús ou das estantes empoeiradas" (De Joaquim Inojosa, no **Boletim Mensal da Ordem dos Velhos Jornalistas**, Rio de Janeiro, GB, edição de setembro de 1970).

A - 482



*Ao sempre amigo  
& confrade acadêmicos  
Mauro Neto, Sr  
com um abraço do  
Primo Nascimento*

*15.8.72*

# **História da Imprensa de Pernambuco**

**(1821 - 1954)**

Capa: *Wilton de Sousa*

LUIZ DO NASCIMENTO

# História da Imprensa de Pernambuco

(1821 - 1954)

VOL. VI

PERIÓDICOS DO RECIFE - 1876 - 1900

**BIBLIOTECA  
MAURO MOTA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

EDITORA UNIVERSITÁRIA

RECIFE - 1972

## TRABALHOS DO AUTOR

### Publicados:

HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO, vols. I (duas edições), II, III, IV, V, VI.  
IMPRENSA PERIÓDICA PITORESCA DE PERNAMBUCO.  
PERIÓDICOS DO RECIFE NO SÉCULO XIX (mimeografado).  
O JORNAL POR DENTRO E POR FORA.  
TRÊS MESTRES DE DIREITO NO "BATENTE" DO JORNAL.  
A IMPRENSA VITORIENSE NO SÉCULO XIX.  
UM DECÊNIO DE IMPRENSA E VIDA (separata).  
ROTEIRO JORNALÍSTICO DE MANUEL CAITANO.  
HISTÓRIA DA IMPRENSA DE GOIANA (separata).  
OS BICHOS NA TOCA DA IMPRENSA.  
CADEIRA 39 A TRÊS VOZES (separata).  
ROTEIRO JORNALÍSTICO DE VALDEMAR DE OLIVEIRA.  
SESQUICENTENÁRIO DO PRIMEIRO JORNAL DE PERNAMBUCO.

### A publicar:

HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO, vols. VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV.  
HISTÓRIA DA IMPRENSA DE OLINDA.  
MARTIROLÓGIO DO JORNALISTA BORGES DA FONSECA.  
DICIONÁRIO PERNAMBUCANO DE PSEUDÔNIMOS.  
ROTEIRO DE JORNALISTAS PERNAMBUCANOS.  
O RECIFE PELA VOZ DOS POETAS.  
REMINISCÊNCIAS DE UM JORNALISTA MATUTO.  
O ADMIRÁVEL NASCIMENTO FEITOSA.  
MÁRIO MELO ONTEM, HOJE E AMANHÃ.  
O PAPEL DA IMPRENSA PELO TEMPO A FORA.

BB000039614

Fundação Joaquim Nabuco

BIBLIOTECA CENTRAL

878.19.9 88

Rua Bartolomeu de Gusmão Nº 258 - Aptº 3

Fone: 270512

Madalena - Recife



## ÍNDICE DE TÍTULOS

<i>Abolicionista (O)</i> .....	159
<i>Academia (A) — 1888</i> .....	251
<i>Academia (A) — 1889</i> .....	266
<i>Academico (O)</i> .....	90
<i>Academus</i> .....	36
<i>Acicate (O)</i> .....	432
<i>Albacora (A) — 1890</i> .....	281
<i>Albacora (O) — 1889</i> .....	272
<i>Album (O) — 1888</i> .....	259
<i>Album (O) — 1894</i> .....	368
<i>Album (O) — 1900</i> .....	465
<i>Alcorão (O)</i> .....	288
<i>Alfinete (O) — 1878</i> .....	68
<i>Alfinete (O) — 1890</i> .....	285
<i>Almanach Administrativo, Industrial e Comercial da Cidade do Recife</i> .....	209
<i>Almanach de Pernambuco</i> .....	443
<i>Almanack de Artes e Litteratura Para 1895</i> .....	380
<i>Almanack Literario Postal Pernambucano</i> .....	409
<i>Almanak Administrativo, Mercantil, Agricola e Indus- trial do Estado de Pernambuco</i> .....	351
<i>Almanak da Provincia de Pernambuco</i> .....	75
<i>Almanak de Lembranças</i> .....	396
<i>Almanak Litterario Pernambucano</i> .....	109
<i>Alpha (O)</i> .....	404
<i>Alvorada (A)</i> .....	226
<i>Amazonia (A)</i> .....	348
<i>Amazonia Artistica</i> .....	222
<i>America do Sul</i> .....	192
<i>Anarchista (O)</i> .....	373
<i>Anna's da Sociedade de Medicina de Pernambuco</i> ....	441
<i>Antheu (O)</i> .....	240
<i>Anti-Rebate</i> .....	229
<i>Apipucos (O)</i> .....	458
<i>Archivo Brasileiro de Philosophia, Jurisprudencia e</i>	

<i>Litteratura</i> .....	236
<i>Arquivo Forense</i> .....	411
<i>Arquivo Poetico</i> .....	348
<i>Archivos do Norte</i> .....	317
<i>Arco-Iris (O)</i> .....	383
<i>Arion</i> .....	327
<i>Arraza (O)</i> .....	317
<i>Arrabol (O)</i> .....	193
<i>Arte Dramatica (A)</i> .....	180
<i>Artista (O)</i> .....	247
<i>Atalaia (O)</i> .....	207
<i>Atheneu (O)</i> .....	134
<i>Aurora</i> .....	140
<i>Autonomia (A)</i> .....	363
<i>Ave-Libertas</i> .....	208
<i>Aza Negra</i> .....	121
<i>Azucrim (O)</i> .....	157
<i>Bacamarte (O)</i> .....	179
<i>Baccho (O)</i> .....	281
<i>Badalo (O) — 1884</i> .....	197
<i>Badalo (O) — 1895</i> .....	387
<i>Badalo (O) — 1898</i> .....	437
<i>Barbosina (A)</i> .....	357
<i>Baroneza Rabujenta (A)</i> .....	174
<i>Beata (A)</i> .....	461
<i>Beija-Flor (O) — 1880</i> .....	92
<i>Beija-Flor (O) — 1883</i> .....	139
<i>Beija-Flor (O) — 1889</i> .....	262
<i>Beija-Flor (O) — 1898</i> .....	425
<i>Bem-te-vi (O)</i> .....	178
<i>Bendegó (O)</i> .....	268
<i>Bernarda (A)</i> .....	357
<i>Besouro (O)</i> .....	397
<i>Bicho (O)</i> .....	422
<i>Bicho Feiticeiro (O)</i> .....	433
<i>Bicho na Ponta (O)</i> .....	433
<i>Bilontra (O) — 1892</i> .....	345
<i>Bilontra (O) — 1895</i> .....	389
<i>Binoculo (O)</i> .....	103
<i>Bisbilhoteiro (O)</i> .....	393
<i>Bisnaga (A) — 1890</i> .....	281
<i>Bisnaga (A) — 1897</i> .....	414
<i>Bisturi (O)</i> .....	347
<i>Bohemia (A)</i> .....	371
<i>Bohemio (O)</i> .....	461
<i>Boletim Bibliográfico</i> .....	100
<i>Boletim da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco</i> .....	121

<i>Boletim Diocesano</i> .....	470
<i>Boletim Homoeopatico</i> .....	223
<i>Boletim Mensal de Estatistica Municipal da Cidade do Recife</i> .....	392
<i>Bond (O)</i> .....	308
<i>Borboleta (A)</i> .....	338
<i>Borges (O)</i> .....	326
<i>Bouquet (O)</i> .....	362
<i>Brado Juvenil (O)</i> .....	251
<i>Brado Pernambucano</i> .....	256
<i>Brasileira (A)</i> .....	164
<i>Brazil Artístico (O)</i> .....	405
<i>Brazil Republicano (O)</i> .....	399
<i>Bruxa (A)</i> .....	216
<i>Bumba (O)</i> .....	434
<i>Bystoryl</i> .....	272
<i>Cabeça de Burro (O)</i> .....	302
<i>Cabelleira (O)</i> .....	289
<i>Cacete (O) — 1878</i> .....	72
<i>Cacete (O) — 1883</i> .....	166
<i>Cachorra (A)</i> .....	95
<i>Cachorro (O) — 1880</i> .....	94
<i>Cachorro (O) — 1883</i> .....	177
<i>Cadaver (O)</i> .....	170
<i>Caiador (O)</i> .....	245
<i>Cai-Mi</i> .....	456
<i>Caiporinha (A)</i> .....	307
<i>Canalha (A)</i> .....	430
<i>Canário (O)</i> .....	176
<i>Cangica (A)</i> .....	449
<i>Canudo (O)</i> .....	418
<i>Capenga (O)</i> .....	398
<i>Capeta (O)</i> .....	415
<i>Capetinha (O)</i> .....	261
<i>Cara-Dura dos Salões (O)</i> .....	253
<i>Cara Mole (O)</i> .....	264
<i>Carnaval (O) — 1877</i> .....	47
<i>Carnaval (O) — 1881</i> .....	96
<i>Carnaval (O) — 1889</i> .....	262
<i>Carnaval (O) — 1897</i> .....	413
<i>Carranca (O)</i> .....	321
<i>Carrousel (O) — 1900, marco</i> .....	462
<i>Carrousel (O) — 1900, junho</i> .....	468
<i>Cartaz (O)</i> .....	346
<i>Cassandra</i> .....	189
<i>Ceará Livre (O)</i> .....	182
<i>Certamen (O)</i> .....	171
<i>Charivari</i> .....	67

<i>Chave do Futuro (A)</i> .....	389
<i>Chicote (O) — 1883</i> .....	175
<i>Chicote (O) — 1885</i> .....	201
<i>Chronica Semanal</i> .....	163
<i>Cigana do Recife (A)</i> .....	346
<i>Cigana Ulrica (A)</i> .....	358
<i>Ciganinha (A) — 1883</i> .....	155
<i>Ciganinha (A) — 1886</i> .....	216
<i>Clarim (O) — 1878</i> .....	69
<i>Clarim (O) — 1889, junho</i> .....	268
<i>Clarim (O) — 1889, julho</i> .....	270
<i>Clarim (O) — 1889, novembro</i> .....	273
<i>Clarim (O) — 1892</i> .....	339
<i>Clarim Social (O)</i> .....	463
<i>Cleto (O)</i> .....	464
<i>Club 33 (O)</i> .....	120
<i>Clube dos Reporteres (O)</i> .....	140
<i>Coisa (A)</i> .....	366
<i>Co'sa do Tabaréo (As)</i> .....	478
<i>Colombo (O)</i> .....	376
<i>Combate (O) — 1889</i> .....	270
<i>Combate (O) — 1891</i> .....	312
<i>Combate (O) — 1892</i> .....	349
<i>Cometa (O)</i> .....	134
<i>Commercial (O)</i> .....	73
<i>Concintração (A)</i> .....	452
<i>Congresso Academico</i> .....	400
<i>Conservador Academico (O)</i> .....	195
<i>Conspirador (O)</i> .....	335
<i>Constitucional (O)</i> .....	87
<i>Contemporaneos</i> .....	34
<i>Contrabando (O)</i> .....	292
<i>Contra Rebate (O)</i> .....	220
<i>Corisco (O) — 1883</i> .....	170
<i>Corisco (O) — 1885</i> .....	202
<i>Correio (O)</i> .....	290
<i>Cotia (A)</i> .....	177
<i>Cousas da Arabia</i> .....	356
<i>Crenca (A) — 1878</i> .....	59
<i>Crenca (A) — 1897</i> .....	420
<i>Crente (O)</i> .....	92
<i>Cri-Cri</i> .....	194
<i>Crise (A)</i> .....	198
<i>Crotero (O)</i> .....	399
<i>Cruz (A) — 1877</i> .....	47
<i>Cruz (A) — 1881</i> .....	98
<i>Cruzada Academica</i> .....	176
<i>Cythara (A)</i> .....	128

<i>Defensor do Povo (O)</i> .....	321
<i>Deleterio (O)</i> .....	305
<i>Democracia (A) — 1884</i> .....	193
<i>Democracia (A) — 1885</i> .....	203
<i>Democrata (O)</i> .....	85
<i>Derby (O)</i> .....	451
<i>Derrota (A)</i> .....	159
<i>Descrente (O)</i> .....	274
<i>Desengano (O)</i> .....	177
<i>Desespero (O)</i> .....	93
<i>Deus Momo (O)</i> .....	210
<i>19 de Maio</i> .....	449
<i>Dezenove de Setembro (O)</i> .....	272
<i>Dezesseis de Fevereiro</i> .....	412
<i>Dezesseis de Setembro</i> .....	240
<i>Dezoito de Maio</i> .....	448
<i>Diabinho (O) — 1884</i> .....	195
<i>Diabinho (O) — 1885</i> .....	202
<i>Diabo (O) — 1883</i> .....	157
<i>Diabo a Quatro</i> .....	370
<i>Diabrete (O)</i> .....	449
<i>Distração (A)</i> .....	257
<i>Doze de Maio</i> .....	369
<i>Duqueza do Linguarudo (A)</i> .....	44
<i>Echo da Evolução</i> .....	186
<i>Echo das Lettras (O)</i> .....	390
<i>Echo da Torre (O)</i> .....	85
<i>Echo do Povo — 1877</i> .....	48
<i>Echo do Povo — 1887</i> .....	234
<i>Echo Juvenil (O)</i> .....	349
<i>Eleição (A)</i> .....	271
<i>Emulação (A)</i> .....	86
<i>Encouraçado (O)</i> .....	168
<i>Engrosso (O)</i> .....	467
<i>Ensaio (O) — 1877</i> .....	52
<i>Ensaio (O) — 1882</i> .....	135
<i>Ensaio Juridico e Litterario</i> .....	63
<i>Equador (O) — 1886</i> .....	212
<i>Equador (O) — 1888</i> .....	246
<i>Equador (O) — 1893</i> .....	366
<i>Equador (O) — 1898</i> .....	440
<i>Era Nova</i> .....	227
<i>Era Nova (A)</i> .....	279
<i>Ersilia Ancarani</i> .....	328
<i>Erudição (A)</i> .....	188
<i>Escalpello (O) — 1881</i> .....	96
<i>Escalpello (O) — 1887</i> .....	241
<i>Escola de Direito</i> .....	419

<i>Escrinio (O)</i> .....	453
<i>Escudo da Verdade (O)</i> .....	367
<i>Esforço (O)</i> .....	252
<i>Esmola (A)</i> .....	225
<i>Espanador (O)</i> .....	425
<i>Espelho (O)</i> .....	58
<i>Espião (O)</i> .....	243
<i>Espiga (A)</i> .....	450
<i>Espirita (O)</i> .....	394
<i>Estação Lyrica (A)</i> .....	122
<i>Estimulo (O)</i> .....	259
<i>Estréa (A)</i> .....	38
<i>Estrella d'Alva</i> .....	256
<i>Estudo (O)</i> .....	216
<i>Etna (O)</i> .....	101
<i>Eusebio de Queiroz</i> .....	132
<i>Evolução (A) — 1882</i> .....	131
<i>Evolução (A) — 1886</i> .....	222
<i>Evolução (A) — 1891</i> .....	322
<i>Evolução (A) — 1892</i> .....	342
<i>Exposição (A)</i> .....	236
<i>Ezequiel (O)</i> .....	430
<i>Fada Morgana (A)</i> .....	371
<i>Fadas e Prazeres</i> .....	389
<i>Falla Tudo (O)</i> .....	176
<i>Fanatico (O)</i> .....	417
<i>Fantasma (O)</i> .....	201
<i>Fantoche (O)</i> .....	323
<i>Fé (A)</i> .....	381
<i>Feiticeira (A) — 1884</i> .....	188
<i>Feiticeira (A) — 1895</i> .....	389
<i>Feiticeiro (O)</i> .....	173
<i>Fernando (O)</i> .....	440
<i>Filhote (O) — 1899, fevereiro</i> .....	446
<i>Filhote (O) — 1899, maio</i> .....	449
<i>Fim de Mundo</i> .....	449
<i>Fim do Mundo (O)</i> .....	103
<i>Flaviano (O)</i> .....	473
<i>Flor do Dia (A)</i> .....	165
<i>Flores Academicas</i> .....	125
<i>Folha do Recife</i> .....	184
<i>Folha Moderna (A)</i> .....	249
<i>Folhinha de Variedades</i> .....	29
<i>Folhinha Popular</i> .....	179
<i>Fora da Patria</i> .....	308
<i>Frade (O) — 1876</i> .....	33
<i>Frade (O) — 1883</i> .....	175
<i>Frade (O) — 1884</i> .....	194

<i>Futuro (O) — 1878</i> .....	64
<i>Futuro (O) — 1884</i> .....	199
<i>Futuro (O) — 1887</i> .....	229
<i>Futuro na Palma da Mão (O)</i> .....	371
<i>Futuro Revelado (O)</i> .....	90
<i>Gabinete Portuguez de Leitura de Pernambuco (O)</i> ...	479
<i>Gallo (O)</i> .....	52
<i>Gangorra (A)</i> .....	390
<i>Gazeta Academica</i> .....	228
<i>Gazeta Academica de Sciencia e Lettras</i> .....	79
<i>Gazeta da Tarde</i> .....	80
<i>Gazeta de Pernambuco</i> .....	306
<i>Gazeta do Povo</i> .....	204
<i>Gazeta do Recife</i> .....	138
<i>Gazeta dos Monos (A)</i> .....	211
<i>Gazeta dos Operarios</i> .....	292
<i>Gazeta Gastronomicas</i> .....	205
<i>Gazetinha</i> .....	226
<i>Gazetinha (A)</i> .....	435
<i>Generalissimo (O)</i> .....	294
<i>Gitana (A)</i> .....	321
<i>Giuseppe Vilalta</i> .....	350
<i>Globinho (O)</i> .....	262
<i>Globo (O)</i> .....	151
<i>Graciliano (O)</i> .....	355
<i>Grande Enireb (O)</i> .....	342
<i>Gratidão (A)</i> .....	413
<i>Gremio dos Professores Primarios (O)</i> .....	146
<i>Grinço (O)</i> .....	467
<i>Guarda-Civica (O)</i> .....	71
<i>Guerrilha (A)</i> .....	39
<i>Guia (O)</i> .....	450
<i>Heroe (O)</i> .....	315
<i>Holophote (O)</i> .....	388
<i>Homem (O)</i> .....	29
<i>Homem do Pandeiro (O)</i> .....	422
<i>Homenagem à Distinta Atriz Adela Nagel</i> .....	197
<i>Homenagem ao Maestro Carlos Gomes</i> .....	125
<i>Homenagem do Clube Martins Junior ao seu Inclito Chefe</i>	351
<i>Homens e Lettras</i> .....	250
<i>Homeopatha (O)</i> .....	129
<i>Idéa (A) — 1878</i> .....	74
<i>Idéa (A) — 1883</i> .....	167
<i>Idéa Nova (A)</i> .....	87
<i>Ideia (A) — 1884</i> .....	187
<i>Ideia (A) — 1885</i> .....	199
<i>Ideia (A) — 1893</i> .....	365
<i>Ilheo (O)</i> .....	335

<i>Ilustração (A)</i> .....	384
<i>Imparcial (O)</i> .....	393
<i>Imperio do Brasil</i> .....	271
<i>Imprensa (A) — 1890</i> .....	300
<i>Imprensa (A) — 1891</i> .....	313
<i>Imprensa (A) — 1894</i> .....	369
<i>Imprensa (A) — 1898</i> .....	442
<i>Incentivo (O)</i> .....	153
<i>Indicador Pernambucano</i> .....	480
<i>Industria (A)</i> .....	176
<i>Industrial (O)</i> .....	136
<i>Infantil (O)</i> .....	469
<i>Influenza (A)</i> .....	280
<i>Internacional (O)</i> .....	392
<i>Interprete (O)</i> .....	136
<i>Iracema</i> .....	131
<i>Jacaré (O)</i> .....	169
<i>Jacobino (O)</i> .....	399
<i>Jagunço (O)</i> .....	418
<i>Jandaia (A)</i> .....	417
<i>Janota (O) — 1896</i> .....	397
<i>Janota (O) — 1898</i> .....	432
<i>Jardim Infantil</i> .....	48
<i>Jasmim (O)</i> .....	361
<i>Jesus Redemptor</i> .....	479
<i>Jettatore (O)</i> .....	432
<i>João Fernandes (O)</i> .....	217
<i>João Grillo</i> .....	390
<i>João Patusco (O)</i> .....	449
<i>Jornal Baratinho</i> .....	225
<i>Jornal das Moças</i> .....	208
<i>Jornal do Domingo — 1877</i> .....	53
<i>Jornal do Domingo — 1885</i> .....	202
<i>Jornal do Domingo — 1893</i> .....	359
<i>Jornal do Miranda</i> .....	262
<i>Jornal do Povo (O)</i> .....	198
<i>Jornal para Chorar</i> .....	66
<i>Jornal para Rir</i> .....	65
<i>Jornal Pequeno (O)</i> .....	316
<i>Juanita</i> .....	255
<i>Juca (O)</i> .....	410
<i>Judarão (O)</i> .....	463
<i>Judas (O) — 1891</i> .....	314
<i>Judas (O) — 1892</i> .....	340
<i>Judas Iscariotes (O)</i> .....	186
<i>Julio (O)</i> .....	366
<i>Julio Borges</i> .....	332
<i>Julio Hancem</i> .....	362



<i>Junta (A)</i> .....	331
<i>Justiça (A)</i> .....	192
<i>Juventude</i> .....	238
<i>Juventude (A)</i> .....	34
<i>Labaro (O)</i> .....	469
<i>Labor (O)</i> .....	422
<i>Lamarão (O)</i> .....	398
<i>Lanceta (A)</i> .....	276
<i>Lanterna Magica</i> .....	112
<i>Larousse (O)</i> .....	305
<i>Latego (O)</i> .....	185
<i>Leão (O) — 1880</i> .....	95
<i>Leão (O) — 1885</i> .....	202
<i>Leão do Norte</i> .....	406
<i>Liberal Federativo (O)</i> .....	208
<i>Liberdade (A)</i> .....	160
<i>Libertador</i> .....	149
<i>Liga Operaria</i> .....	51
<i>Litterato (O)</i> .....	261
<i>Livre Pensador (O)</i> .....	55
<i>Livro da Romaninha (O)</i> .....	203
<i>Louros e Palmas</i> .....	251
<i>Lucta (A)</i> .....	161
<i>Luiza Fons</i> .....	370
<i>Luso-Pernambucano (O)</i> .....	285
<i>Luz (A)</i> .....	189
<i>Lyceu de Artes e Officios (O)</i> .....	479
<i>Lyra (A)</i> .....	99
<i>Macaca (A)</i> .....	192
<i>Macaco (O)</i> .....	175
<i>Maciel Pinheiro</i> .....	275
<i>Madame Viremont, a Chave do Futuro</i> .....	229
<i>Maestro Carlos Gomes (Ao)</i> .....	125
<i>Major Leal (O)</i> .....	295
<i>Malaqueta (A)</i> .....	397
<i>Maná (O)</i> .....	155
<i>Maniçoba (A)</i> .....	433
<i>Mão Occulta (A)</i> .....	263
<i>Maria Fontana</i> .....	403
<i>Marinheiro (O)</i> .....	358
<i>Martello (O)</i> .....	471
<i>Martins Junior — 1889</i> .....	279
<i>Martins Junior — 1890</i> .....	287
<i>Matraca (A) — 1883</i> .....	177
<i>Matraca (A) — 1900</i> .....	472
<i>Mattia (O)</i> .....	454
<i>Matuta</i> .....	124
<i>Médico do Povo (O)</i> .....	273

<i>Medonho (O)</i> .....	210
<i>Mephistopheles</i> .....	126
<i>Mephistopheles (O)</i> .....	344
<i>Mequetrefe (O)</i> .....	398
<i>Meteoro (O)</i> .....	206
<i>Metralha (A)</i> .....	82
<i>Microbio (O)</i> .....	280
<i>Microscopio (O)</i> .....	130
<i>Minha Esperança</i> .....	283
<i>Mocidade (A)</i> .....	345
<i>Morcego (O)</i> .....	179
<i>Motim (O)</i> .....	343
<i>Movimento (O)</i> .....	31
<i>Mulata (A)</i> .....	433
<i>Mulher (A)</i> .....	142
<i>Nacional (O)</i> .....	77
<i>Neophyto (O)</i> .....	341
<i>Neto do Diario (O)</i> .....	198
<i>Nícaula, Rainha de Sabá</i> .....	268
<i>Nome (O)</i> .....	312
<i>Normalista (O)</i> .....	127
<i>Norte (O) — 1882</i> .....	134
<i>Norte (O) — 1887</i> .....	241
<i>Norte (O) — 1899</i> .....	446
<i>Nova Patria</i> .....	246
<i>Nove de Novembro</i> .....	304
<i>Novidades</i> .....	255
<i>Novo Isaias (O)</i> .....	289
<i>Número Unico</i> .....	397
<i>Obreiro (O)</i> .....	269
<i>Offerenda</i> .....	193
<i>Olho (O)</i> .....	468
<i>Onze de Agosto</i> .....	162
<i>Operario (O)</i> .....	78
<i>Oriente (O)</i> .....	427
<i>Orion</i> .....	329
<i>Orphão (O)</i> .....	472
<i>Ortiga (A)</i> .....	197
<i>Pachola (O)</i> .....	432
<i>Palavra (A)</i> .....	381
<i>Palmas e Flores</i> .....	434
<i>Palmas e Louros</i> .....	100
<i>Pançudo (O)</i> .....	242
<i>Pandego (O)</i> .....	265
<i>Panno Sobe (O)</i> .....	54
<i>Pansudo (O)</i> .....	177
<i>Papagaio (O) — 1883</i> .....	166
<i>Papagaio (O) — 1886</i> .....	223

<i>Papagaio (O) — 1898</i> .....	441
<i>Papironga (A) — 1892, fevereiro</i> .....	335
<i>Papironga (A) — 1892, junho</i> .....	346
<i>Parnaso (O)</i> .....	248
<i>Pasquim (O)</i> .....	411
<i>Patria (A)</i> .....	43
<i>Patusco (O)</i> .....	220
<i>Pau (O)</i> .....	480
<i>Pechote (O)</i> .....	416
<i>Pedante (O)</i> .....	314
<i>Pedro Pereira (A)</i> .....	133
<i>Peia (A)</i> .....	178
<i>Penna (A)</i> .....	438
<i>Pequenito (O)</i> .....	455
<i>Pequeno Boletim do Conselho Central do Recife</i> .....	403
<i>Pequeno Jornal</i> .....	295
<i>Peralta (O)</i> .....	467
<i>Peregrina (A)</i> .....	329
<i>Pernambucano (The)</i> .....	395
<i>Pernambuco a Camões</i> .....	91
<i>Pernambuco ao Marquez de Pombal</i> .....	124
<i>Pernambuco Macpie (The)</i> .....	481
<i>Perola (A)</i> .....	294
<i>Petisco (O)</i> .....	399
<i>Petroleo (O)</i> .....	88
<i>Phalena</i> .....	57
<i>Pharol (O) — 1879</i> .....	83
<i>Pharol (O) — 1884</i> .....	190
<i>Philartista (O)</i> .....	256
<i>Philatelista (O)</i> .....	301
<i>Philomomo (O)</i> .....	353
<i>Phonographo (O)</i> .....	152
<i>Pierrot</i> .....	140
<i>Pierrot (O)</i> .....	334
<i>Pimpona (A)</i> .....	417
<i>Piparote (O)</i> .....	246
<i>Pipo (O)</i> .....	423
<i>Polichinelo</i> .....	399
<i>Polichinelo (O) — 1890</i> .....	281
<i>Polichinelo (O) — 1895</i> .....	391
<i>Polyanthéa</i> .....	400
<i>Popular (O)</i> .....	170
<i>Porvir (O) — 1882</i> .....	130
<i>Porvir (O) — 1889</i> .....	269
<i>Porvir (O) — 1891</i> .....	329
<i>Porvir (O) — 1895</i> .....	386
<i>Porvir (O) — 1899</i> .....	451
<i>Porvir Commercial</i> .....	330

<i>Postilhão (O)</i> .....	119
<i>Povo (O) — 1890</i> .....	303
<i>Povo (O) — 1897</i> .....	421
<i>Prego (O)</i> .....	470
<i>Primavera (A)</i> .....	479
<i>Primeiro de Maio (O)</i> .....	465
<i>Princesa Linguaruda (A)</i> .....	75
<i>Progresso (O)</i> .....	143
<i>Propaganda (A) — 1886</i> .....	217
<i>Propaganda (A) — 1900</i> .....	473
<i>Propheta (O) — 1889</i> .....	267
<i>Propheta (O) — 1894</i> .....	370
<i>Prophetinha (A)</i> .....	390
<i>Propulsor (O)</i> .....	147
<i>Protesto (O)</i> .....	78
<i>Provincia de Pernambuco</i> .....	82
<i>Provinciano (O)</i> .....	224
<i>Pythonisa (A)</i> .....	390
<i>14 de Agosto de 1891</i> .....	349
<i>Quatro de Junho de 1893</i> .....	356
<i>Quatro de Outubro</i> .....	133
<i>15 de Janeiro</i> .....	309
<i>Quiri (O)</i> .....	179
<i>Rabo Escondido com o Gato de Fora</i> .....	244
<i>Radical (O)</i> .....	344
<i>Raio (O)</i> .....	280
<i>Raio X (O)</i> .....	433
<i>Razão (A)</i> .....	183
<i>Reacção (A) — 1889</i> .....	266
<i>Reacção (A) — 1891</i> .....	315
<i>Realidade</i> .....	386
<i>Rebate (O)</i> .....	70
<i>Recife (O) — 1888</i> .....	244
<i>Recife (O) — 1894</i> .....	375
<i>Recife Ilustrado</i> .....	253
<i>Reclame (O)</i> .....	207
<i>Recreativo (O)</i> .....	310
<i>Recreio Infantil (O)</i> .....	481
<i>Recreio Popular</i> .....	32
<i>Renovação (A)</i> .....	263
<i>Reporter (O)</i> .....	123
<i>Republica (A) — 1881</i> .....	97
<i>Republica (A) — 1887</i> .....	231
<i>Republica Brasileira (A)</i> .....	333
<i>Republicano (O) — 1883</i> .....	167
<i>Republicano (O) — 1891</i> .....	324
<i>Repucho (O)</i> .....	179
<i>Resabios Lyricos</i> .....	189

<i>Revista Academica</i> — 1883 .....	156
<i>Revista Academica</i> — 1886 .....	213
<i>Revista Academica da Faculdade de Direito do Recife</i> ..	318
<i>Revista Academica de Sciencias e Lettras</i> .....	37
<i>Revista Agricola e Commercial</i> .....	35
<i>Revista Bohemia</i> .....	324
<i>Revista Carnavalesca</i> .....	32
<i>Revista Commercial</i> .....	136
<i>Revista Contemporanea</i> .....	372
<i>Revista das Artes</i> .....	200
<i>Revista da Sociedade Bahiana de Beneficencia</i> .....	187
<i>Revista de Artes e Anuncios</i> .....	361
<i>Revista de Farmacia</i> .....	190
<i>Revista de Instrução Publica do Estado de Pernambuco</i>	457
<i>Revista de Pernambuco</i> .....	53
<i>Revista do Norte</i> — 1877 .....	56
<i>Revista do Norte</i> — 1887 .....	224
<i>Revista do Norte</i> — 1889 .....	266
<i>Revista do Norte</i> — 1891 .....	310
<i>Revista do Turf</i> .....	394
<i>Revista Dramatica</i> .....	352
<i>Revista Industrial e Mercantil</i> .....	459
<i>Revista Lirica</i> .....	169
<i>Revista Mensal da Sociedade União Piauihyense</i> .....	325
<i>Revista Moderna</i> .....	373
<i>Revista Paraense</i> .....	148
<i>Revista Potyguar</i> .....	360
<i>Revista Progressista</i> .....	83
<i>Revista Sportiva</i> .....	271
<i>Revista Universal</i> .....	414
<i>Revistinha</i> .....	214
<i>Revistinha Academica da Faculdade de Direito do Recife</i>	364
<i>Revolução (A)</i> — 1880 .....	89
<i>Revolução (A)</i> — 1882 .....	136
<i>Revolução (A)</i> — 1889 .....	274
<i>Ribalta (A)</i> .....	408
<i>Rio Branco</i> — 1882 .....	133
<i>Rio Branco</i> — 1884 .....	196
<i>Rodrigues (O)</i> .....	396
<i>Roleta (A)</i> .....	371
<i>Romeiro das Lettras (O)</i> .....	40
<i>Ronca (A)</i> .....	265
<i>Ronda (A)</i> .....	323
<i>Rosa (A)</i> .....	301
<i>Rua (A)</i> .....	314
<i>Saber (O)</i> .....	128
<i>Sahara (O)</i> .....	150
<i>Saloia (A)</i> .....	468

↳ <i>Saltimbanco</i> (O) .....	235
<i>Salve 26 de julho de 1900</i> .....	471
<i>Salve 27 de abril de 1899</i> .....	448
<i>Sangaio</i> (O) .....	399
<i>Sansone</i> (O) .....	368
<i>Santino Pinto</i> .....	376
<i>Satanaz</i> (O) .....	111
<i>Satelite</i> (O) .....	299
<i>Saturnina</i> (A) .....	467
<i>Sciencia</i> (A) .....	101
<i>Seculo</i> (O) — 1878 .....	65
<i>Seculo</i> (O) — 1882 .....	111
<i>Seculo</i> (O) — 1883, janeiro .....	137
<i>Seculo</i> (O) — 1883, setembro .....	173
<i>Seis de Março</i> (O) .....	211
<i>Seis de Outubro</i> .....	144
<i>Semana</i> (A) .....	293
<i>Semanario</i> (O) .....	31
<i>Sentinella da Republica no Estado de Pernambuco</i> .....	309
<i>Seringa de Pravaz</i> (A) .....	91
<i>Sertaneja</i> (A) .....	450
<i>Setta</i> (A) .....	169
<i>Seu Anastacio</i> .....	398
<i>Siluetta</i> (A) .....	394
<i>Silva Jardim</i> — 1889 .....	273
<i>Silva Jardim</i> — 1891 .....	326
<i>Silva Jardim</i> — 1893 .....	358
<i>Silva Pinto</i> .....	437
<i>Situação</i> (A) .....	58
<i>Soberania</i> (A) — 1877 .....	50
<i>Soberania</i> (A) — 1884 .....	191
<i>Socialista</i> (O) .....	431
<i>Sorriso</i> (O) .....	229
<i>Sorvete</i> (O) .....	347
<i>Sport</i> (O) — 1888 .....	260
<i>Sport</i> (O) — 1895 .....	387
<i>Sportman</i> (O) .....	249
<i>Sport Pernambucano</i> .....	262
<i>Sportsman</i> .....	339
<i>Stereographo</i> (O) .....	131
<i>Subilla do Norte</i> (A) .....	389
<i>Sylphorama</i> (O) .....	336
<i>Tabaco Livre</i> (O) .....	242
<i>Tabica</i> (A) .....	177
<i>Taboca</i> (A) .....	331
<i>Tagarella</i> (A) .....	170
<i>Tamoyo</i> (O) .....	283
<i>Telegrapho</i> (O) .....	180

<i>Telephone (O)</i> .....	172
<i>Temerario (O)</i> .....	242
<i>Tempestade (A)</i> .....	73
<i>Tempo (O) — 1893</i> .....	364
<i>Tempo (O) — 1896</i> .....	404
<i>Tentamen (O) — 1883</i> .....	171
<i>Tentamen (O) — 1898</i> .....	436
<i>Tesoura (A)</i> .....	260
<i>Testamento de Judas Iscariotes (O)</i> .....	448
<i>Theatro Santa Isabel</i> .....	370
<i>Thereza Diniz</i> .....	469
<i>Tobias Barreto</i> .....	291
<i>Tomba (O)</i> .....	412
<i>Trabalho (O)</i> .....	476
<i>Traço de União (O)</i> .....	96
<i>Traque (O)</i> .....	449
<i>Traquinas (O)</i> .....	473
<i>13 de Maio</i> .....	343
<i>Tribofe (O)</i> .....	268
<i>Tribuna Academica (A)</i> .....	211
<i>Tribuna do Povo</i> .....	83
<i>Tribuna Litteraria</i> .....	402
<i>Tribuno (O)</i> .....	275
<i>Trinta de Setembro</i> .....	175
<i>Troça (A) — 1889</i> .....	279
<i>Troça (A) — 1890</i> .....	289
<i>Troça (A) — 1897</i> .....	418
<i>Trocista (O) — 1897, fevereiro</i> .....	413
<i>Trocista (O) — 1897, maio</i> .....	417
<i>Trocista (O) — 1900</i> .....	459
<i>Turbilhão (O)</i> .....	179
<i>Tumbira (O)</i> .....	287
<i>Tzigana (A)</i> .....	371
<i>Ubiquidade (A)</i> .....	135
<i>União (A)</i> .....	377
<i>União Commercial</i> .....	361
<i>União da União (A)</i> .....	367
<i>Urso (O)</i> .....	165
<i>Urubu (O)</i> .....	175
<i>Vanguarda (A)</i> .....	382
<i>Vasculhador (O)</i> .....	425
<i>Vassoura (A)</i> .....	447
<i>Velha Rabugenta (A)</i> .....	160
<i>Verdade (A)</i> .....	258
<i>Victor Hugo</i> .....	204
<i>Victoria</i> .....	252
<i>Vigilante (O) — 1876</i> .....	39
<i>Vigilante (O) — 1880</i> .....	92





*Eis o sexto volume da "História da Imprensa de Pernambuco", terceiro da série "Periódicos do Recife", nêle analisadas 726 publicações, dos mais diversos feitos e feições, dadas à luz no período de 1876 a 1900.*

*A par de jornais, revistas, álbuns, arquivos e anais, vão aqui bibliografados os almanaques, como já foi feito, aliás, no volume precedente. Tão conspícuos membros da família da imprensa foram, inexplicavelmente expunhidos dos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana -- 1821/1908", de Alfredo de Carvalho, assim como não lhe mereceram atenção os jornalísticos livros-REVISTAS de sortes, começados a aparecer impressos, no Recife, em 1880, para depois tornar-se rotineiros.*

*Entrou, enquanto isto, para os domínios da imprensa indígena, em época vinculada neste volume, um nôvo elemento: a poliantéia, jornal ou revista de número único. Surgiu a primeira, igualmente, no ano de 1880. E como teve seguidores! Caracterizava-se pelo louvor póstumo ou pela literatura bajulatória dos aniversários natalícios e de homenagens a personalidades.*

*Não faltaram os jornalecos do tipo licencioso, em apreciável quantidade, verdadeiros pasquins, todos, finalmente, com o direito de figurar sob o teto onde têm honroso assento periódicos da maior importância, do mais acentuado prestígio, de caráter literário, científico, político ou religioso.*

*É mais um documentário que tenho a satisfação de apresentar a mais autorizados pesquisadores da imensurável área da letra de fôrma e aos estudiosos de nossa história geral, uma vez que cada página dêsses jornais encerra uma partícula da história de Pernambuco.*

L. do N.



**PERIÓDICOS DO RECIFE**

**1876 / 1900**



**FOLHINHA DE VARIEDADES — Adotada Expressamente para o Ano de 1876** — Entrou em circulação nos primeiros dias de janeiro, formato de bolso, contendo 72 páginas, mais a capa. Editada pela firma Guimarães & Oliveira, imprimiu-se na Tipografia Universal, situada à rua do Imperador nº 52. Preço do exemplar — 400 réis.

Sua matéria constou de “um cômputo eclesiástico”, calendário, “um extrato da novíssima lei do recrutamento e regulamento do nôvo mercado” e informações úteis (**Bib. Liceu de Artes e Ofícios**).

**O HOMEM — Realidade Constitucional ou Dissolução Social** — Surgiu a 13 de janeiro de 1876, formato de 38x27, a três colunas, com quatro páginas, a primeira circulada de vinhetas finas, trazendo abaixo do sub-título um desenho de fitas entrelaçadas, com as palavras: Liberdade — Fraternidade — Igualdade. Estas mesmas palavras figuravam acima do título, a primeira e a segunda em viés, aos cantos, e a terceira em sentido reto, servindo de indicação aos seguintes dispositivos, respectivamente: “Nenhum cidadão pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei” (Const., art. 179, § 1º). “Aquêle que tem ódio a seu irmão está em trevas e anda nas trevas, e não sabe para onde vá, porque as trevas cegaram seus olhos” (S. João, Ep. I, cap. V. 11). “Todo cidadão pode ser admitido aos cargos públicos civis, políticos ou militares, sem outra diferença que não seja a dos seus talentos e virtudes”. “A lei será igual para todos, quer proteja quer castigue, e recompensará em proporção dos merecimentos de cada um” (Const., art. 179, §§ XIII e XIV).

Completando o complicado cabeçalho, via-se, numa faixa em tôda a largura da página, o programa/expediente, como a seguir: “**O Homem** tem por fim principal promover a união, a instrução e a moralização dos homens de côr per-

nambucanos. Advogará a causa dos interesses legítimos dêles e defenderá seus direitos políticos, propugnando para que a Constituição seja uma realidade para todos os brasileiros, sem distinção de classes. As injustiças que lhes forem feitas serão levadas ao conhecimento do público, para que a maldição geral cáia sôbre aquêles que as tiverem praticado e o mesmo terá lugar relativamente à opressão e perseguição que sofrerem.

“Sairá, por ora, uma vez por semana, às quintas-feiras. As assinaturas serão pagas adiantadamente, à razão de . . . . 2\$000 por três meses. Todo assinante tem direito a fazer publicar na fôlha artigos de interesse particular seu, à razão de 2\$000 por cada coluna que ocupar, uma vez que apresente responsável legal, não contradiga as idéias da fôlha e guarde as conveniências exigidas pela boa sociedade. As publicações dos que não forem assinantes serão feitas mediante ajuste particular. Todos os outros cidadãos que, sentindo-se oprimidos ou perseguidos, recorrerem ao **Homem**, encontrarão também benigno acolhimento, qualquer que seja a posição social do opressor ou do perseguidor. Todos os negócios relativos à fôlha serão tratados na tipografia do **Correio do Recife**, no pátio da Matriz de Santo Antônio nº 15”.

Seguiram-se: “Duas palavras explicativas da aparição d’ **O Homem**”, reafirmando os princípios do programa enunciado; a seção “Homens de côr vítimas da política conservadora nesta província”; a “Galeria de homens de côr ilustres”, a começar por Antônio Pereira Rebouças; e uma poesia de Antônio Rangel de Tôrres Bandeira, também autor da matéria precedente.

Em seu nº 2, o semanário focalizou a dubiedade de atitudes d’**A Província** e, no seguinte, fêz graves acusações ao Presidente da Província, Henrique Pereira de Lucena, que não admitia pardos ocupando lugar de destaque em seu govêrno. Na quarta edição, longo artigo focalizou a balbúrdia e a confusão existentes na administração do país.

**O Homem** circulou com regularidade, repleto de matéria sôbre personalidades de côr, de defesa da raça negra e de propaganda dos princípios do abolicionismo. Do primeiro ao décimo número, divulgou o folhetim “Beata — a vítima dos preconceitos” (história veneziana). Na seção “Variedades”,

liam-se sonetos de Rangel de S. Paio, havendo também uma parte de noticiário comentado e transcrições, tudo versando sobre a injusta inferioridade atribuída aos homens de côr.

Findou a publicação com o nº 12, datado de 30 de março, precisamente quando iniciava novo folhetim, em regime de continuação (**Bib. Púb. Est.**).

**O MOVIMENTO — Jornal Científico e Literário** — Deu à luz o nº 1 no dia 1 de fevereiro de 1876, formato de 33x22, com quatro páginas de duas colunas largas. Confeccionado na Tipografia Industrial, à rua do Imperador nº 29, assinava-se a 3\$000 por trimestre, acrescidos de \$500 para as províncias, a tratar no escritório da redação, rua da União nº 67.

“Sem termos as altas pretensões dos nossos colegas da imprensa — declarava o artigo de apresentação — vamos por meio dêles, e como simples soldados, propugnar pela supremacia das letras e da ciências, sem nos descuidar também dessas idéias generosas e grandes que falam de liberdade, venham elas de onde vierem”.

“Começa hoje **O Movimento** sua rota pelo mar da Imprensa, levando consigo os mais nobres fins a que se pode propor”. Esperava, por fim, a “benevolência e proteção” do público.

Constou do sumário o início dos ensaios “Brasil — rápido esbôço”, de Manuel Antero de Medeiros Furtado, e “Música — Rossini”, de **Paladino**, cabendo o restante espaço da edição a **H. B. S. C.** (Homem Bom de Siqueira Cavalcanti), cujas iniciais figuravam em dois artigos e três poesias.

O nº 2, do dia 12, deu curso ao prosseguimento dos estudos, inserindo outros artigos de **H. B. S. C.** e **M. C. de S.**; poesia de Pelino Guedes e folhetim assinado por **Mamf** (Medeiros Furtado).

Terminou aí a publicação (**Bib. Púb. Est.**).

**O SEMANARIO** — Em sua edição de 21 de fevereiro de 1876, **A Província** noticiou o aparecimento desse novo jornal, declarando-o substituto d'**O Bizouro**. Circulou precisamente

no dia 18 do referido mês (1), conforme adiantou o periódico **O Homem**.

Publicação irregularíssima, só existe comprovante do nº 6, ano III, sem data de espécie alguma, mas de fevereiro ou março de 1878. Tinha o formato de 31x22, com quatro páginas, funcionando a redação na rua do Aragão nº 2. Assinatura semestral — 3\$000. Insetiu artigos diversos, variedades e notas picarescas (**Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA CARNAVALESCA** — Tendo circulado, pela primeira vez, no dia 23 (1A) de fevereiro de 1876 (“Anais”), restam comprovantes, unicamente, do nº 4, ano IV, de 23 de fevereiro de 1879, e do nº 5, ano V, de 8 de fevereiro de 1880. Obedecendo ao formato de 37x25, o jornal (não revista) apresentou como redator-chefe o **Dr. Momo**. Escritório: “Em sua casa”. Assinaturas: grátis. Bem variado de matéria, esta incluía trepações políticas, notas chistosas, versos de **Pontual**, **K. Brion**, **Sans-Souci**, **Narciso**, **Amando Amado das Virgens**, etc. O nº 5, afora uma crônica de Leovigildo Samuel e algum humorismo, constituiu-se quase todo de poesias de Tibúrcio Varela (**Bib. Púb. Est.**).

**RECREIO POPULAR** — Revista semanal, circulou a 5 de março de 1876, formato de 22x16, com 12 páginas, inclusive capa, esta tôda ocupada por um desenho, a bico de pena, representando um lago, colinas e árvores, ao pé das quais homem e mulher embebidos na leitura de livros, a certa distância um do outro. Abaixo, o nome dos colaboradores: **Carneiro Vilela** (autor da alegoria), **Rangel de São Paio**, **Francino Cismontano** (pseudônimo de Francisco do Brasil Pinto Bandeira e Acioli Vasconcelos), **Afonso Olindense** e **Marcolino Câmara Júnior**. Constava, ainda, do desenho o seguinte expediente: Volume I; caderneta I; assinatura — 1\$000 por trimestre; preço de uma caderneta — 100 réis.

Dizendo introduzir uma novidade na imprensa pernambucana, escrevia a redação: “...tem como programa a empresa do **Recreio Popular** o de fazer que chegue ao conhecimento de todos, e à posse de tôdas as bolsas, romances, poe-

---

(1) No seu livro “Anais da Imprensa Periódica Pernambucana — 1821 1908”, Alfredo de Carvalho avançou, errôneamente, para outubro de 1876 a data do número de estréia d’**O Semanario**.

(1A) Provável engano, pois ocorreu a 27 o primeiro dia do Carnaval.



1876

# RECREIO POPULAR

REVISTA SEMANAL



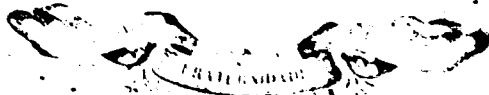
## COLABORADORES

Camilo Villa  
Rafael S. P. de ...  
A. O. ...



# O HOMEM

## REALIDADE CONSTITUCIONAL OU DISSOLUÇÃO SOCIAL



O HOMEM E LIBERTADE DE ASSOCIAÇÃO

... dos homens de...  
... que se...  
... a...  
... do...

... e...  
... e...  
... e...  
... e...

... e...  
... e...  
... e...  
... e...

A...  
... e...  
... e...  
... e...

... e...  
... e...  
... e...  
... e...

... e...  
... e...  
... e...  
... e...

... e...  
... e...  
... e...  
... e...

... e...  
... e...  
... e...  
... e...

... e...  
... e...  
... e...  
... e...

... e...  
... e...  
... e...  
... e...

... e...  
... e...  
... e...  
... e...

... e...  
... e...  
... e...  
... e...

... e...  
... e...  
... e...  
... e...

... e...  
... e...  
... e...  
... e...

... e...  
... e...  
... e...  
... e...

1 ANNO

2 SERIA

N. 9



ASSIGNATURA  
ADIANTATA

HEBDOMADARIO ILLUSTRADO

TRIMESTRE 5000  
AVULSO 200



FOR DE QUEROZ

# JORNAL PARA RIR

CADA  
NUMERO  
80 REIS

PUBLICAÇÃO SEMANAL

CADA  
NUMERO  
80 REIS.

SOB A DIRECÇÃO DE MUNDO DE ABÓ E CARNE.

REDACTORES Eu, tu, elle, nós, vos, elles

LIBRO-PAPELARIA

Accetta-se a collaboraçã, de accordo com o programma deste jornal, e sujeita ao Cadinho da Direcção.

## JORNAL PARA RIR

Revista, 22 de Junho de 1875.

Queremos fazer rir.

A nossa ambição não pôde ser mais modesta, nem mais humanitaria o nosso desigño.

Quando ha por ali tantos motivos de pranto, tantos desgostos publicos e privados, tantas doencas conhecidas e ignoradas, tantas afflicções descobertas e occultas, arrojar a viva sentelha da alegria ás trevas de tantos soffrimentos, é proceder de benemeritos e trabalho digno dos mais elevados encónios.

E não se vá pensar que engrandecemos exageradamente a utilidade do nosso intento.

Fazer chorar é facil e cruel; fazer rir é difficil e humano.

O riso é um tónico d'alma; a melancolia um adstringente.

Aquelle dilata-a, fortalece-a, torna-a grande, formosa e attraente; esta contrahe-a, irrita-a, fêla má e repulsiva.

Um mostra a face bella da natureza; a outra o aspecto sombrio da criação.

O riso é o *demus* de Democrito e a potentissima arma de Voltaire. A melancolia é a *bilis nigra* dos antigos, a doença de Tiberio e Torquemada.

Esses dois homens foram máos, porque foram melancolicos.

As crianças riem porque são bellas, ternas e innocentes.

Os grandes, malvados, os monstros sanguinarios, foram tambem os entes mais perseguidos pela tristeza.

Diz-se ás vezes:

*Muito riu, pouco riso.* Este rilião foi inventado pelos Tartalios, em vindaicta contra Molière—

a eterna fonte de um certo perpetuo ghanificação do engenho litterario.

Se a graça do espirito exprimisse carencia de criterio, Beaumarchais seria um tolo e Cervantes um idiota.

*Figaro e D. Quixote* são creações memoraveis por que hão de illuminar sempre a alma humana com os fortes lampejos de uma alegria inextinguivel.

O Christo pregado á cruz, sombrio e triste, com as suaves linhas do rosto perturbadas pelo pungir da ultima agonia, é menos adoravel que o Christo transfigurado, perdendo-se no infinito azul com os labios abertos n'um sorriso de bondade suprema e triumphante regosijo.

O nosso programma é, pois, fazer rir uma população que é melancolica, por temperamento, e pelo rigor de suas circumstancias.

A empreza, como se vê, não é tão facil, nem tão honoritoria como possa parecer a certos individuos, na sua maior parte hypochondriacos.

Daremos nós conta do recado?

Esta é que é a questão.

O publico que nos leia, que nos anime, e depois condemnos ou absorva-nos, que lhe accitaremos submissamente o *credictum*.

## O NOSSO TITULO

(A PROPOSITO DA QUESEÃO DA LISBOA)

Tomamos para o nosso semanario o titulo de *Journal para rir*, e desde já scientificamos, a quem interessar possa, que não accitamos discussão sobre elle.

Ignoramos se a sua origem é grega ou troyana; o que porém temos por muito certo, e para isto temos opiniões muito abalizadas em nosso favor, é que Adão e Eva, conhecidos como paes do genero humano, já costumavam rir-se.

Não sabemos tambem se os antigos riam-se no *masculino* ou no *feminino*; sabemos porém que desejamos agora fazer rir ambos os sexos e em todos os tempos.

Esta nossa observação, pôde parecer supertua, mas não o é, pois nos tempos grammaticos que atravessa-

# JORNAL PARA CHORAR

PROPRIEDADE DO CLUB DOS HERACLITOS

REDACTORES. — EU CHORO, TU CHORAS, ELLE CHORA, NÓS CHORAMOS, VÓS CHORAI, ELLES CHORAM.

50 reis numero avulso (ou quatro lagrymas de vinteim)

Quem não chora não vive!

## JORNAL PARA CHORAR

### Choradeira de Jandó!

Já por ali se dizia a bocca pequena que o *Jornal para chorar* tinha morrido; o Agra esfregava as mãos de contente, a pensar no magestoso enterro, e todos os nossos leitores choravam a cortar o coração o passamento do infeliz pimpo-

...mas mais de um homem respeitavel e serio entrar em nosso escriptorio e perguntar com a vez entrecortada pelos soluços:

— Então... foi-se?

E nós, os chorões da redacção, os aproveitados discipulos de Heraclito, estavamos orgulhosos, porque o nosso fim tinha sido alcançado. Fizeram os chorar!

Assignalado serviço prestámos á humanida-

de. Uma epidemia grassava na cidade e nós trouxemos o remedio a ella.

Um dia, tres espirituosos moços lembraram-se de fazer rir a população desta cidade, e com tal zelo e pericia houveram-se no cumprimento desta missão que as gargalhadas foram pouco a pouco estendendo-se e engrossando-se, a ponto de confundirem-se afinal em uma unica e eterna gargalhada.

A policia incommodou-se. O Dr. Moscoso teve zelos pela salubridade publica, e o Cunha requereu um exame em seus cigarros *afim* de provar... que elles não faziam rir.

O Santos dizia que era uma praga com que Deus se vingava das *mosquinhas* feitas pelos magens a Fr. Vital!

E ninguém se entendia no meio da conti-

nuencia se... porém todos riam!

Nas grandes crises surgem os grandes homens!

Os grandes homens teem idéas gigantescas! Modestia á parte, — Os grandes homens eramos nós. A idéa gigantesca o apparecimento do *Jornal para chorar!*

Não nos ponhamos a fadigas nem a despezas.

... ao *fiat lux* do illustre e in-

telligente mancebo que nos dirige surgiu o unico e irresistivel remedio ao mal que grassava!

Tambem o publico comprehendeo-nos. Lançou-se com tal avides ao remedio que — em cinco dias vimos esgotar a edição de dez mil exemplares que fizemos imprimir; fomos forçados a tirar uma segunda edição, de dons mil numeros, mais correcta e augmentada, e que continuaremos a vender pelo mesmo e insignificante preço por amor da humanidade.

O proprio *Jornal para rir* conheceo o mal que causava e recebeu-nos com o sorriso nos labios.

As suas palavras lisongeiras gravaram-se em nossos corações, porque são o nosso paixão de gloria.

Isto e o prazer de ver um illustre mercador ambulante abandonar as *marchandises de Paris* pelos nossos productos pagam-nos sobejamente de todos os nossos sacrificios!

Tudo isto foi um sonho!

Foi tudo uma illusão!

Nós não fizemos chorar; fizemos rir!

Não curámos; augmentámos o mal!

Maldados medicos, os *Lenias* revelaram-nos toda a verdade!

Entiados, sunúimo-nos, e ali está explicada a demora do segundo numero.

Depois... pensámos... o general que foge porque perdeu a primeira batalha é um covarde!

Outra doce lá vai!

Se não fizer effeito, peor para o doente: — está incuravel!

Antes de terminar:

Um espirituoso redactor do *Diabo a Quatro* disse que o nosso jornal era escripto por *Fr.* Nós, que não possuímos cá *Fr.* algum, ficámos bastante *encafifados*.

Volletario

Estamos autorizados a atiançar aos nossos leitores que D. Vital, o nosso bispo diocesano, não morreu, como falsamente espalhou-se por esta cidade.

ANNO 1º

Nº 221

# LANTERNA MÁGICA

PERIÓDICO LIVRE E HUMORÍSTICO

Publicase nos dias 10-20-30 de cada Mês

ASSIGNATURA 1000 RE MENSAL



O Franklin eo Burlamaque,  
Depois de quebrarem lanchas,  
Tomaram... indeferido  
Na petição das balanças



# Postilhão

PERIODICO CHISTOSO E SATYRICO

Provincias

Recife  
Trimestre 3\$000  
Anual 400  
Pagamento adiantado

Trimestre 4\$000  
Mez 1\$000  
Pagamento adiantado

PUBLICAÇÃO SEMANAL

RECIFE 27 DE JULHO DE 1882

## O POSTILHÃO

RECIFE, 27 DE JULHO DE 1882



### A MEMORIA DE CARLOS EDUARDO MÜHLERT

• Pallida mors aequo pulsat pede tabernas pauperum, seguntiquituras. •

(HIERATO.)

Levou nos a mão, o pensamento loge-nos  
exalçou nos o coração no traçar os presentes  
do crebro, repassados da mais acerba dor e  
lágrimas molhadas pelas nossas lagrimas.

E qual a razão?

Qual o poderoso mozel que tão dolorosamente  
nos abala todo o ser e faz-nos por usarmos da  
pluma e a pena?

Qual a parte dessa imensa e gigantesca  
enxada que se denomina vida, aquelle que na  
terra se chamou Carlos Eduardo Muhlert. Sim:  
a morte sempre cruel, sempre de extra em ceifar  
vidas preciosas, acaba de roubar-nos um pre-  
toso amigo. Arranca-nos um colação he-  
telor que com o mais inequivoco e irrefragan-  
te dosse tanto pugnou na typographia em  
sua provincia.

Carlos Eduardo Muhlert no seu tyrocínio pe-  
lo estrada da existencia, deixou uma lacuna  
benedita de preencher e abriu um fiteiro do  
supremo um claro mar que pronunciado.

Muitos antes, porém, são os omnipotentes de-

signios da Providencia, e nos fracos moches ad  
é dade resignaram se com elles

Valto proeminentemente, amigo dedicado, philan-  
thropico em extremo, pai de familia digno de ser  
imitado, eis em poucas palavras o seu elogio.

Era elle o alto relevo das grandes e nobres  
ações, pela unanmidade do seu coração, pe-  
la grandeza e sublimidade do seu alama, pela sua  
philantropia emfim.

Nos sigas o conhecemos, que admiramos as suas  
virtudes, que o vimos sempre como uma forte  
colunna da arte typographica em Pernambuco,  
não podiamos extrair-nos de, nas desalinhadas  
palavras que sibi ficem, render o proito do sus-  
tente e de admiração a memoria do illustre  
fidejo.

Imaginando nos no justo pezar de sua incon-  
solavel e desolada familia, enviamos lhes as nos-  
sas cordinaes e sentidas condolencias.

E' este o modesto tributo de veneração, e sau-  
dade, que o nosso humilde periodico dedica á  
preclara memoria de Carlos Eduardo Muhlert.

Requiescat in pace.

### AGRESSÃO SEM NOME.

Sob esta epigrapho deparamos com um  
artigo em que se narra um facto dado no dia  
21 do corrente ás 5 horas da tarde pouco mais  
ou menos, e de que vamos tratar.

Pela analyse que fizemos, achamos que o  
Sr. Torres é o homem mais vil e infame que  
se pôde imaginar, porque aproveitandoo  
do ensajo que proporcionava a saluda do Sr.  
Dr. Democrito do escriptorio do «Tempo»,  
do qual é muito digno redactor, aproveitou  
este cobardo para aggreddio, sem que o mes-  
mo Dr. suspettasse-o, e tão infame loque  
aproveitou-se da occasiao em que calou o



sias, viagens, folhetins, variedades, etc., dos autores estrangeiros ou nacionais mais festejados e reconhecidos no mundo das letras; procurando por êste modo que se encontre na sua revista, por meio de uma leitura amena, um lenitivo às fadigas do trabalho”.

Completando o expediente, lia-se na página de fundo da capa: “No fim de cada trimestre a emprêsa distribuirá, com a revista, uma estampa litografada de alguma das cenas mais notáveis dos romances, assim como dará, como prêmio aos seus assinantes, um volume nitidamente impresso, sendo o dêste primeiro trimestre distribuído imediatamente na ocasião da assinatura, e constando de um conto humorístico do sr. dr. Carneiro Vilela, sob o título de **Noivados originais**”.

Impresso na Tip. Uníversal, o **Recreio Popular**, com escritório à rua Larga do Rosário nº 21, 1º andar, inseriu o sumário a seguir: início do romance “O baile das vítimas”, de Ponson du Terrail, versão de Valentim de Almeida; “Recitativo”, por Afonso Olindense; comêço da novela “Biosia”, de Carneiro Vilela, e a “Revista da Semana”, por Pantagruel.

Não obstante tão bons propósitos, a publicação teria ficado no primeiro... caderno (**Bib. Púb. Est.**).

O **FRADE** — Saiu a lume no dia 13 de março de 1876, formato de 32x22, com quatro páginas, impresso na tipografia da **América Ilustrada**, à rua Paulino Câmara (hoje Camboa do Carmo) nº 28. Sob o título apresentava a divisa:

**“Per me se va nella citá dolente,  
Per me se va n’ell’eterno dolore,  
Per me se va tra la perduta gente,  
Lasciate ogni speranza, voi ch’entrate!”**

Redigido em linguagem jocosa, escreveu, inicialmente, **Fr. Kagado**: “A redação dêste periódico ilustradíssimo não tem escritório, apesar de haver por aqui muita casa vasia”. Faria suas reuniões nas calçadas das igrejas, nos bancos do jardim, etc. “Não receberá assinaturas porque não tem hora, dia, número de vezes para a sua saída”. Não tinha “amigos nem camaradas, porque só aparecem nestas ocasiões”. “Rezará por qualquer maçom que falecer dentro da comarca

e o recomendará a Frei Vital, para melhor chegar ao céu". Preço do exemplar — 100 réis, "para não escabriar o comprador".

Outros itens de tal jaez completavam o artigo-programa, seguindo-se um "estudo" assinado por Fr. Vergalho, sob o título "O que é o Frade?" As duas páginas centrais, conjuntas, constaram de **charges** em litogravura, o mesmo ocorrendo nas edições a seguir, sendo os frades o alvo principal da ridicularia do desenhista.

Circulando somente um número por mês, teve o periódico curta vida, pois o 3º e último saiu a 6 de maio.

Além dos pseudônimos mencionados, **Fr. Pistola** e **Fr. S. Paio** eram também colaboradores, este assinando um soneto. A linguagem manteve-se idêntica à do primeiro editorial, a salientar a sátira e o veneno da crítica a frades, beatas e elementos das graças do poder público (**Bib. Púb. Est.**).

**CONTEMPORANEOS (1)** — Encontra-se n'A **Província**, edição de 20 de março de 1876, boa notícia do magazine com o título em tela, sob a direção de P. de Lery Santos, que se propunha "a descrever os traços biográficos dos homens illustres do Brasil". O primeiro estudado foi o Duque de Caxias.

Quase dois meses após, a 11 de maio. **A Província** informou achar-se em circulação o nº 2, que foi último.

**A JUVENTUDE** — **Periódico Científico e Literário** — "Como frágil batel na convulsão das ondas", apareceu, no dia 4 de maio de 1876, "êste pequeno periódico dirigido por estudantes de preparatórios", segundo rezava ligeiro artigo de apresentação, adiantando:

"Sem pretensão a conquistar o título de reformadores, **A Juventude**, cheia de entusiasmo, vem colocar uma pequena pedra no alicerce do futuro, cujo edifício é a liberdade".

Impresso na tipografia d'O **Commercio a Retalho**, situada à rua do Imperador nº 12, para onde devia "ser dirigida qualquer correspondência", o quinzenário tinha qua-

---

(1) Não mencionado nos "Anais", de Alfredo de Carvalho.

tro páginas, formato de 32x22, a duas colunas largas de composição. Assinaturas: trimestre — 2\$000; mês — \$700. Número avulso — \$400.

Propondo-se “ao estudo da ciência e da literatura”, não pôde **A Juventude**, entretanto, prosseguir no seu intento, encerrando-se-lhe a existência com a segunda edição, datada de 31 (1) de maio. Teve como colaboradores: **Ego** que, além do seu folhetim, atacou, em artigo, o jesuitismo; **Michelozzi**, **Rosbar**, **D. Vasco** e **Eu Mesmo**, êste último ocupando-se da necessidade de uma reforma que facultasse ao Ginásio Provincial o direito de conceder títulos de bacharéis em letras. Só o primeiro número divulgou poesias, assinadas por **O. E. S.** e **M. B.** (**Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA AGRÍCOLA E COMMERCIAL** — O primeiro número saiu a 5 de maio de 1876, sob a direção de João Alves Mendes da Silvo, trazendo abaixo do título o excerto a seguir, do Barão de Santo Ângelo (Informações dadas ao ministro da Viação): “Cuide o govêrno nas medidas tendentes a difundir o ensino pelo interior do Império, a propagar a instrução primária, a instruir o agricultor, e deixe o ensino prático. Êle virá por si mesmo; a prática de cada lavrador, auxiliada por pouca teoria que êle tenha, o fará mestre na sua cultura”. Impresso na Tip. Mercantil, à rua do Tôrres nº 10, formato de 30x22, assinava-se a 6\$000 por ano, devendo circular nos dias 5 e 20 de cada mês.

Lia-se no artigo de apresentação, após algumas considerações sôbre o valor do jornal, “o mais importante motor do progresso e prosperidade dos povos”: “**A Revista Agrícola e Comercial**, inteiramente estranha às lutas ruinosas dos partidos que para aí se debatem na arena política, propõe-se a tratar dos interêsses da lavoura e do comércio, não só proporcionando aos agricultores notícias dos melhoramentos e progresso obtidos nos diversos ramos da agricultura, como também transcrevendo os métodos mais aperfeiçoados de plantação e advogando os seus interêsses, bem como os do comércio, com quem faz causa comum”.

O magazine teve existência normal, divulgando artigos assinados por Nabor Carneiro B. Cavalcanti, Felix Fernan-

---

(1) Não do dia 19, como consta dos “Anais”.

des Portela, Henrique de Albuquerque Milet, Jaques Mário, **O Cosmopolita, Um Agricultor Obscuro, Um Plantador de Cana**, João Fernandes Lopes e outros, além de comentários redacionais, notas econômicas, estatísticas e informações especializadas.

Circulou até o nº 24, de 20 de abril de 1877 (1). Algumas edições (sempre com oito páginas) faziam-se acompanhar de um Suplemento, em formato duplo, contendo o movimento comercial da quinzena (**Bib. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.**).

**ACADEMUS — Periódico Político, Científico e Literário** — Entrou em circulação a 15 de maio de 1876, formato de 37x24, com quatro páginas de três colunas. Sob o título trazia a divisa: “O povo que extermina os reis não pode ser por estes exterminado”. Impresso na tipografia d’A **Provincia**, à rua do Imperador nº 77, assinava-se a 1\$000 por mês, tendo escritório de redação à rua Marquês do Herval (hoje da Concórdia) nº 142. Redatores: José Maria de Albuquerque Melo, A. C. de Castro Madeira e Manuel do Nascimento Castro e Silva. Publicação bimensal.

Iniciando o editorial, lia-se: **“O Academus pede a palavra à filha dileta de Guttenberg e vem, por sua vez, falar ao país em nome da mocidade, dessa mocidade em cujo cérebro enxameiam as utopias generosas e os agigantados sonhos do porvir...”**

Aludiu, mais adiante, à palavra “República, que resume em si as mais altaneiras ambições da humanidade, como condição da perfeitibilidade no governo dos povos”.

Já concluindo, após longas considerações, acentuou ser “o Trono — o mais revoltante dos privilégios”, e “a hereditariedade — o mais odioso dos monopólios”. **A Monarquia**, como “a tartaruga da fábula”, haveria de despedaçar-se de encontro aos rochedos da Democracia”.

Seguiram-se artigos redacionais sobre política, imprensa, Direito e alguma literatura.

---

(1) Alfredo de Carvalho registara, como último número, o 20º, de 20 de fevereiro, que é justamente até onde chega a coleção incompleta da Biblioteca Pública do Estado.

Jornal bem redigido, de idéias palpitantes, não conseguiu, todavia, ultrapassar a tercelra edição, que saiu a 15 de junho. Na parte literária, inclusive folhetins e poesias, colaboraram Maffio, J. H. S., O. Rosa. J. Liceti, A. Santiago, Célio e Luciano Irerê, afora os “Devaneios”, de Claudius Hermann, série que, inserida nas três edições, ficou em meio do caminho. Sobre Direito Público escreveu Clisthenes, ao passo que Pedro Queiroz iniciou, no nº 3, uma “Revista Crítica”, cuja continuação ficou, igualmente, prejudicada. Não faltou o título “Revista”, onde se continha o noticiário. As “Pinceladas”, de Gavroche, só funcionaram quando o **Academos** estava no fim (**Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA ACADEMICA DE SCIENCIAS E LETTRAS**  
 (1) — “Apareceu, sob a direção do bacharel em letras Fernando Mendes de Almeida, mais uma publicação acadêmica com o fim de discutir teses de Direito e de outras ciências, e literatura. Sua redação é composta de comissões de todos os anos acadêmicos. Agradecendo o primeiro número desta **Revista**, congratulamo-nos com a mocidade acadêmica pelo amor ao estudo que tem revelado e animação de que se acha possuída” (**D’A Provincia**, de 2/6/1876).

Publicação mensal, tendo o nº 1 circulado em maio, seguiram-no o 2º e o 3º, respectivamente, em junho e julho (2) de 1876, com um total de 171 páginas, em numeração seguida, formando o Vol. I (e único). Formato pequeno. A redação funcionava à rua Visconde de Albuquerque nº 121.

A par do “Noticiário da Academia”, com a assinatura do Diretor, a colaboração das duas edições manuseadas distribuiu-se como a seguir: **Direito**: Jerônimo Muniz, Augusto de Borborema, José Joaquim Seabra Júnior, Pedro Leão Velloso Filho, José L. da Cunha Paranaguá, José Cordeiro Alvim da Silva, João Pedro Saboia Bandeira de Melo, José Augusto de Freitas, João Henrique Vieira da Silva, Fernando Mendes, Antônio Amazonas de Almeida e Nina Ribeiro; **Ciência**: Neno, Jerônimo Muniz e **Evandro**; **Literatura**: A. Fal-

---

(1) Fruto de pesquisa apressada, Gondin da Fonseca incluiu a **Revista Academica de Sciencias e Lettras** na “Biografia do Jornalismo Carioca” (pag. 352), como sendo publicação do Rio de Janeiro.

(2) Alfredo de Carvalho, registara, nos “Anais”, os três números da **Revista** como tendo circulado nos meses de junho, julho e agosto.

cão, Pedro Paulo do Amaral, Tarquinio de Sousa Filho, C., Marcolino Câmara Júnior e Erasinus (Bib. Nac.).

**A ESTRÉA — Revista Científica e Literária dos Acadêmicos do Primeiro Ano da Faculdade de Direito do Recife** — Surgiu a 1º de junho de 1876, em formato de 29x20, com duas largas colunas e oito páginas de texto, sendo impressa na Tip. Mercantil, à rua do Tórres nº 10. Escritório da redação à Travessa João Francisco nº 11. Lia-se sob o título: “A ciência, para poder progredir, requer duas condições — **Liberdade e Associação**” (Brito, Fil. do Dir.). Devia publicar-se nos dias 1 e 15 de cada mês, cobrando 3\$000 por assinatura trimestral. Redatores eleitos: Júlio César (relator), José Maria de Albuquerque Melo, Manuel do Nascimento Castro e Silva, Manuel Antero de M. Furtado, Manuel do Rêgo Melo, Nilson (?), Turiano Meira de Vasconcelos, Antônio Serapião de Carvalho e Henrique Augusto de Albuquerque Milet, alguns deles substituídos do primeiro para o segundo número.

Abriu a primeira página a nota a seguir: “A redação, por si e em nome de seus dignos colegas, tem a honra de saudar os ilustres srs. acadêmicos dos anos superiores, almejando-lhes o mais feliz resultado aos seus profundos estudos. Pelo princípio moral de confraternização e particularmente pelos estreitos laços de consócios na ciência do Direito, os estudantes do primeiro ano procuram exprimir, por estas breves palavras, a estima e consideração que tributam aos seus companheiros escolares”.

Seguiu-se o editorial de apresentação, oferecendo “à sociedade os primeiros frutos dos nossos estudos”, dizendo-se “tocados pelo fogo sagrado do verdadeiro amor às ciências”. E mais adiante: “Aos nossos dignos lentes, portanto, daqui, do alto da primeira coluna da nossa revista, temos a honra de enviar uma sincera e verdadeira saudação”. Pugnaria pela “liberdade jurídica” e, como rumo, traçara um caminho — o Trabalho.

Tôda a composição em tipo corpo 12, o jornal só inseriu, além do necrológio do professor José Antônio de Figueiredo, dois artigos de Júlio César Leal, um de M. A. de Meeiros Furtado, ambos abordando matéria de Direito, e o “Folhetim” da última página, assinado por Ellom, ou seja José Maria de Albuquerque e Melo.

O nº 2 circulou a 15 de junho, nêlo colaborando T. Meira, Albuquerque Milet (dois artigos), **Arime**, **Turiano Meira**, **Furtado** e **Belastro**.

Ainda ocorreram, pelo menos, duas outras edições (1) (**Bib. Púb. Est.**).

**A GUERRILHA** — “Mais um campeão da democracia” saiu à luz a 3 de junho de 1876, “prometendo, em seu primeiro artigo, colocar-se ao lado dos verdadeiros propugnadores da causa do povo”.

“A moderação e firmeza de sua linguagem, a elevação do seu pensamento bem mostram os intuitos de que se acha animada **A Guerrilha**, que tem de mais o merecimento de falar de modo a poder ser compreendida por todos” (Cf. **A Província**).

Os ns. 2 e 3 (formato de 22x16, quatro páginas) circularam nos dias 10 e 17, respectivamente, tendo no cabeçalho a indicação: “Periódico Crítico e Noticioso”. A venda “no Pátio do Terço nº 40 e nas ruas da cidade”, a 40 réis o exemplar. Impressão da oficina d'**A Província**.

Demonstrava ter orientação republicana, através dos editoriais. Colaboração única de **Oizerolf** (**Bib. Púb. Est.**).

A publicação prosseguiu, aos sábados, até o nº 8, sempre anunciada nos “Avisos” d'**A Província**, cuja edição de 26 de julho fêz constar que o nº 9 estava “no prelo”. Este último, porém, jamais se desvencilhou do prelo (1 A).

**O VIGILANTE** — **Periódico Noticioso, Crítico, Jocosos e Literário** — Destinado a sair às quintas-feiras, deu à luz o nº 1 no dia 22 de junho de 1876, formato de 32x22, com quatro páginas de duas colunas. Assinatura trimestral — 1\$000.

---

(1) Os “Anais” de Alfredo de Carvalho registaram, apenas, os dois primeiros números d'**A Estrêa**. É, na realidade, o que se encontra na Biblioteca Pública do Estado. Entretanto, o contemporâneo **O Romeiro das Letras**, (edição de 31.7.1876) acusou, em seu noticiário, o recebimento do nº 4.

(1 A) Nos “Anais”, Alfredo de Carvalho registou, como último, o nº 6, de 8 de julho.

Custo do exemplar — \$100. Impresso na tipografia da **América Ilustrada**, à rua Paulino Câmara (atual Camboa do Carmo) nº 28, tinha como encarregado de negócios Inácio de Almeida Darinho, instalado na rua do Caldeireiro nº 11. Trazia, sob o cabeçalho, as quadras aqui reproduzidas:

“Contra a mentira e o vício,  
Contra o crime e a perdição,  
Clamarei, ousado e forte,  
Sem ter dó nem compaixão.

Quero o bem, amo a verdade,  
Amo a justiça e a lei;  
Quero o trono a bem do povo,  
Quero o povo feito rei”.

Reafirmou, no artigo de apresentação, conciso e enérgico: “**Vigilante** é o meu nome; ser vigilante é o meu fim”.

Na segunda edição, datada de 29, divulgou interessante matéria, em prosa e verso, a exemplo do número de estreia, comentando temas relevantes, sobretudo atinentes à educação e “A situação do país” (colaboração de **O Cabrion**), a par de reportagens crítico-satíricas e glosas de B. F.

Não ficou no nº 2 (1). Circulou, pelo menos, até o nº 5, de 23 de junho, do qual constaram ataques aos jesuitas, além das seções “Charivari”, por **Lúcio Genavo**; “Coisas que parecem impossíveis” e “Charadas”. E o “encarregado de negócios” foi substituído por José Izidro da Silva (**Bib. Púb. Est.**).

**O ROMEIRO DAS LETTRAS** — Com o título em semi-círculo, trazendo sob a parte côncava o lema “Surge et ambula” e, mais abaixo, o sub-título: “Periódico Científico, Literário e Recreativo”, surgiu no dia 15 de julho de 1876, tendo como redatores: J. C. Ribeiro da Silva, F. T. Teixeira, A. J. Mendes Bastos e A. O. J. Publicação bimensal, assinava-se a \$500 mensais, sendo impresso na Tip. Comercial, à rua Estreita do Rosário nº 12, com escritório da redação à rua do Sossêgo nº 9. Formato de 31x21, a três colunas de 12 cíceros e quatro páginas.

---

<sup>11</sup>(1) Nos “Anais”, figura o nº 2 d’**O Vigilante** como tendo sido o último publicado



Lia-se no artigo de apresentação: “**O Romeiro** toma o seu bordão, ainda que fraquíssimo, e vem, qual outro Ciri-neu, ajudar os seus irmãos d’armas a lutar a favor de tudo quanto é nobre e justo”.

Não tinha partido político; comentaria os acontecimentos, fazendo justiça. Quanto à literatura e à ciência, pron-tificava-se a discutir os princípios ao seu alcance, não se fur-tando a qualquer discussão, mas sem “o característico da injúria”. E acentuou: “Qual outro Ashaverus, **O Romeiro** caminhará, sempre, tendo em mira o progresso intelectual”.

Inseriu trabalhos, em prosa e verso, assinados pelos membros do corpo redacional, não faltando o “Recreio”, constituído de charadas e enigmas.

Circularam mais três números do periódico mais do que tudo literário, contando, também, com a colaboração de **R. Guaporé**, **B. de Tungurágua**, **Antônio Pepes B. de Vasconcelos**, **J. Capsoon**, etc. Em cada edição vinha uma crônica-folhetim, com assinaturas diferentes: **C. N.**, **C. Sedanves**, **A. Oraivileson** e **Amicus**. Três produções literárias ficaram no regime do “continua”.

**O Romeiro das Letras** terminou o ano com o nº 4, de 31 de agosto. Reapareceu — nº 1 ano II — a 15 de maio de 1877, sofrendo ligeiras alterações no cabeçalho (já colocado o título em linha reta), a saber: sub-título: “Ciência, Lite-ratura, Crônica, Recreio”; direção de **J. C. Ribeiro da Silva**. A impressão ficou a cargo da Tipografia Filartística, à rua Estreita do Rosário nº 36, 1º andar.

Retomando “o bordão”, que descansara por tantos me-ses, voltava **O Romeiro**, sempre infenso à política, para “pro-fligar acicamente os desmandos de qualquer partido”, apro-var o que eles pudessem “fazer de bom, ou, para melhor dizer, fazer justiça a qualquer dêles”. Trabalharia, enfim, “pelo bem social”.

Continuou a divulgação das matérias iniciadas no ano anterior e manteve as mesmas características, acrescentan-do a colaboração de **Ovídio Filho**, **Gaspar Regueira Costa** e **Belarmino Dourado**, para terminar com a “Crônica”, cons-tituída de noticiário.

Foi mais curta, ainda, a vida do periódico no segundo ano: tendo publicado o nº 2 a 31 de maio, o 3º (e último) só saiu a 15 de julho.

Após três anos de inatividade, voltou **O Romeiro das Letras** — ano III, nº 1 — no dia 1 de agosto de 1880, com o sub-título limitado a “Ciência e Literatura”. Confecção a cargo da Tipografia Central, achando-se o escritório instalado na Travessa da Congregação: loja de livros. Redatores: Ribeiro da Silva, Cunha Melo Sobrinho, Ovídio Filho, Coelho Lisboa, Hermínio M. Lemos e Landelino Câmara. Tendo adormecido após “uma vertiginosa peregrinação”, ressurgiu “mais esperançoso, porém sempre modesto”, continuando a marcha interrompida, “em busca de novas conquistas”.

Divulgou essa edição — também alterada a composição para duas colunas largas — prosa e verso somente dos redatores.

O nº 3, datado de 10 de setembro, trouxe a primeira página circulada de tarja com um soneto de **A Redação** à memória do professor Aprígio Guimarães, além do respectivo necrológio, na segunda, a cargo de Ovídio Filho (que o lera, no cemitério, como orador da sociedade “Pugilato das Letras”) e ainda poesia alusiva, de Martins Júnior, também recitada quando da inumação dos despojos do famoso juriconsulto e jornalista. Sobre outros assuntos, escreveram Hermínio A. Moreira Lemos, Tomaz Gomes e Ribeiro da Silva (poesia). Terminou o ano com o nº 4, de 30 de setembro.

A 5 de agosto de 1882 retornou **O Romeiro das Letras** — nº 1, ano IV — em formato maior, 37x25, juntando ao sub-título anterior a palavra “Política”, como “publicação semanária”, impresso na oficina gráfica da **Gazeta de Notícias**, à rua do Imperador nº 39, e redação no mesmo local. Dos redatores, restaram, no cabeçalho, José Cavalcanti Ribeiro da Silva, Ovídio Filho e Landelino Câmara, fazendo-lhes companhia A. J. Oliveira Júnior. E, ao lado do lema primitivo, apareceram os seguintes conceitos de E. Littré: “As gerações passadas coube destruir muito e edificar pouco. As gerações futuras cabe destruir pouco e edificar muito”. Assinatura mensal — 1\$000.

Longo artigo, assinado pelo mais novo redator, focalizou a missão histórica da imprensa, para concluir que o ór-

gão, por mais de uma vez detido “em meio da jornada”, à falta de forças, erguia-se novamente, sacudindo “o pó das sandálias”, para “continuar a sua interrompida peregrinação”.

Prosseguiu até o nº 5, de 7 de setembro, sempre inserindo produções, em prosa e verso, do pessoal de casa, além de raros outros originais, inclusive de B. de Andrade Melo, Ciridião Durval, Fernando de Castro, Gaspar Costa e Figaro Júnior, que escrevia “Pelos Teatros”.

A última das mencionadas edições constituiu nova homenagem a Aprígio Guimarães, por motivo do segundo aniversário do seu falecimento.

Encerrou-se, definitivamente, a existência d’O Romeiro das Letras (Bib. Púb. Est.) (1).

**A PATRIA — Fôlha Política, Comercial e Noticiosa, Destinada a Defender todos os Direitos e Interesses Legítimos e as Vítimas da Opressão de Qualquer Natureza —** Iniciou sua existência com a edição de 9 de setembro de 1876, em formato médio de quatro boas colunas, com quatro páginas. Impressa na Tipografia Comercial, assinava-se a 6\$000 por semestre e 3\$000 por trimestre, mais 1\$000 para o interior e províncias. Exemplar a 100 réis. Publicações particulares e anúncios a 40 réis por linha, pagando os assinantes pela metade. Adotou a divisa: “*Et veritas liberalit vos*”. Redação no 1º andar da casa nº 30 do Cais 22 de Novembro (atual Martins de Barros), sôbre o Bilhar dos Arcos”. Redator principal Bemvindo Gurgel do Amaral.

Entre outros tópicos, lia-se no artigo de apresentação: “Profligaremos sempre a injusta perseguição autoritária, quer administrativa, quer judiciária, exercida principalmente contra os fracos”.

Criticou, inicialmente, os métodos eleitorais, a desordem administrativa no fôro, a dissipação dos dinheiros e outros aspectos da vida política do país sob a Monarquia. Além dos editoriais, incluiu “Folhetim” na primeira página

---

(1) A coleção manuseada falta o nº 4 de 1880, que, no entanto, existe na seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional.

e, nas seguintes, “Gazetilha”, “Jurisprudencia”, “Seção Geral” e “Literatura”, ficando a última cheia de anúncios (Bib. Púb. Est.).

Embora a ausência de outros comprovantes, a publicação estendeu-se até o nº 15, de 13 de janeiro de 1877, segundo o registro dos “Anais”, de Alfredo de Carvalho.

1877

**A DUQUEZA DO LINGUARUDO — Periódico Imparcial, Crítico, Satírico e Joco-Sério** — Começou com o nº 70 — ano III — a 7 de janeiro de 1877, como continuador d’ **A Marqueza do Linguarudo**. Sobre o título exhibia desenho, em xilogravura, de uma velhota de óculos, pena à mão, sentada diante de uma mesa, na disposição de escrever, mas encarando o leitor. O expediente constituía-se das quadras que vão a seguir (1), dispostas quatro de cada lado do clichê:

“Saio todos os domingos,  
Nesta terra a passear,  
Visitando os meus leitores  
Para os cobres embolsar.

Combater a tirania  
É sòmente o meu desejo;  
Liberdade para o povo  
É o que eu mais almejo.

Quinhentos réis por dois meses,  
Sempre pagos adiantados,  
Custa minha assinatura,  
Logo à vista e não fiados.

Mil réis por um trimestre  
Para fora da cidade:  
Quem quiser apreciar-me  
E gostar da liberdade.

---

(1) Seis das quadras alinhadas constam do expediente d’A Marqueza do Linguarudo, sendo novas a segunda e a quarta (Ver vol. V desta obra).

Também retalho-me avulsa  
Por quatro vinténs sòmente;  
Sou uma velha dos diabos,  
Já fui fria, hoje sou quente.

Quem me quiser assinar  
Venha à rua do Imperador,  
Na casa número doze,  
Onde assisto sem temor.

Aceito correspondências  
De interêsse particular,  
Conforme o meu ajuste  
Com quem vier publicar.

Tod'os negócios comigo  
Serão nesta tipografia,  
Onde tenho o meu caixeiro  
Tôda noite e todo dia”.

O primeiro editorial focalizou o nôvo título do jornal e a “importância” da posição da **Duqueza**, declarando continuar a tarefa a que se propusera como **Marqueza**.

A defesa do povo, a necessidade do cumprimento do dever por parte do govêrno; a inutilidade dos partidos; o “alto preço da carne verde”; a “escravidão” em que permaneciam os brasileiros e os excessos do govêrno imperial foram, entre outros de natureza local, assuntos de que se ocupou, constantemente, o periódico, na sua linguagem forte, às vêzes vasada em versos, nos quais a sátira se casava à boa verve.

Em artigo do nº 95, de 1 de julho, a redação chegou a proclamar a necessidade da revolução, uma vez que o país se achava sob “abandono governativo” (2).

Impresso, a partir do nº 115, na “tipografia da **Duqueza do Linguarudo**”, conforme se declarava ao pé da última co-

---

(2) O folhetinista d'O **Progresso** (edição de 30.7.1877) não aturava a linguagem d'A **Duqueza do Linguarudo**. Era “um esterquilínio, em que as pessoas mais asseadas desdenharão manchar as mãos”. Abusava da ingenuidade do povo, fazendo-o “descer um grau de bom senso com tal leitura, poluindo assim a cândida filha de Guttenberg”.

luna da quarta página, encerrou o ano com o nº 118, de 16 de dezembro, a cujo artigo de despedida seguiu-se longa estirada em versos, assim iniciada:

“Adeus, meu governo  
Tirанизador;  
Até para o ano,  
Se eu viva fôr”.

Continuou, numerando-se seguidamente, no dia 13 de janeiro de 1878, sem alterar o programa. Sucediam-se os editoriais em que a **Duqueza**, sempre falando na primeira pessoa, aludia, sarcásticamente, ao Imperador, chamando-o “meu amo”. Liam-se alguns Comunicados de João Balbino Ramos da Silveira, que criticava os órgãos conservadores **O Clarim** e **O Tempo**, porque pretendiam desacreditar os liberais e os republicanos. Outros raros colaboradores só apareciam com pseudônimos, tais como: **A Sentinela**, **A Coruja** etc.

Em nota “Ao Público”, na edição de 7 de julho de 1878, a empresa anunciava haver transportado a tipografia “da rua do Imperador para a rua da Viração ou oitão da Igreja de São Pedro nº 39.

A 21 do referido mês assinava o jornalista Romualdo Alves de Oliveira um manifesto “ao corpo eleitoral de Pernambuco”, pedindo votos, na qualidade de candidato à Assembléia Provincial. E adiantou: “Não tenho padrinhos para minha apresentação, mas, confiando nos distintos cavalheiros que dirigem, na província, o Partido Liberal, que me não guerrearão, peço ao povo que seja meu protetor”. Outros manifestos foram depois divulgados por êle, inclusive um dirigido “aos eleitores de Goiana”, sua terra. Enquanto isto, o pleito de 5 de setembro tornava-se o assunto capital d’A **Duqueza do Linguarudo**, que apontou seus próprios candidatos.

Verificar-se-ia, depois, que só foram eleitos os “barrigudos políticos”. Ao que comentou a redação, no nº 148, de 15 de setembro de 1878, último publicado (3): “O que é verda-

---

(3) Alfredo de Carvalho registara, como último número publicado, o 118, de 16 de dezembro de 1877.

de é que estamos à borda do abismo, cavado por conservadores maus, por liberais maus” (**Bib. Púb. Est.**).

**A CRUZ — Periódico Religioso Ilustrado** — Impresso na Tipografia Universal, à rua do Imperador nº 52, com redação à rua do Queimado (hoje, Duque de Caxlas) nº 66, 1º andar, publicou o primeiro número a 14 de janeiro de 1877, destinando-se a sair todos os domingos. Trimestre — 5\$000; exemplar avulso — \$500. Sem editorial programativo, inseriu, na sétima página, o seguinte aviso:

“Não teve lugar a publicação dêste número no dia que havíamos determinado, em consequência de não haver quem quisesse se encarregar de fazer o trabalho de desenho, e da dificuldade que encontramos no exorbitante preço das tipografias, e que hoje, graças a Deus, estão vencidas estas dificuldades, ficando-nos a esperança de que o espírito religioso ainda não está de todo corrompido, por ter-nos chegado alguns oferecimentos relativos ao incremento desta empresa — **A Redação**”.

Confeccionado em formato de 31x22, com oito páginas, o título num desenho de motivos religiosos, **A Cruz** divulgou, apenas, três extensos artigos de doutrinação católica, o último dos quais em regime de continuação (sem continuar), sendo quatro páginas — as centrais e as externas — ocupadas com artísticos quadros religiosos (trabalho litográfico, dos melhores, de E. M. S. Gouveia).

O número 2 circulou no dia 21, ostentando a mesma feição ilustrada. Nas quatro páginas tipográficas foram inseridos outros três artigos, um dos quais destinado a continuar na edição seguinte, que jamais apareceu (**Bib. Púb. Est.**).

**O CARNAVAL — Órgão da Pândega** — Tendo como redator-chefe o **Dr. Momo**, circulou no dia 11 de fevereiro de 1877, em formato de 35x25, com quatro páginas de duas colunas largas, para distribuição gratuita.

Focalizando a máscara como “um grande meio de dizer a verdade”, o editorial de apresentação foi a única matéria em prosa do jornal, constituída a parte restante de versos satíricos e humorísticos, assinados por **Don Quixote**, **Poli-chinelo**, **Sancho Pansa**, **Don Juan**, **Sabino**, **Budião de Escama** e **Barão dos Coentros** (**Bib. Púb. Est.**).

**JARDIM INFANTIL** — **Fôlha Científica, Literária e Recreativa** — Propriedade do Colégio Dois de Dezembro, circulou, pela primeira vez, a 15 de fevereiro de 1877, formato de 22x15, com 16 páginas de coluna larga.

Impresso em oficina própria, apresentou-se com modesto editorial, em que dizia não ser possível parar quando “o mundo inteiro caminha”, assim justificando o seu aparecimento.

Divulgou artigos sobre os temas Cosmografia, Geografia, Tipografia e História, assinados por J. S., o mesmo João Sampaio; Manuel Diegues, Olinto Victor e V. Acioli. Fechando a edição, um “aviso aos assinantes” pedia desculpas pelos erros de revisão, ocasionados pela deficiência de tipos, prometendo dar a seguinte edição em formato menor, com oito páginas. Vendeu-se o exemplar a \$500, prometendo baixar, no segundo, para \$300.

Não com oito, mas com dezesseis páginas, mais a capa; não em formato menor, porém um pouco maior, de 25x18, foi como se apresentou o segundo número (1) do **Jardim Infantil**. Lia-se, no expediente, que circularia “uma vez por mês, com o número de páginas que lhe puder dar a redação”; preço da assinatura trimestral: \$900 para a capital; 1\$200 para o interior da província e 1\$500 para as outras províncias.

Tôda a matéria da segunda edição constituiu-se da “Parte científica”, com lições de Astronomia, Geografia, História, Gramática e Arimética.

Não há indício de ter continuado (**Bib. Púb. Est.**).

**ECHO DO POVO** — **Órgão do Partido Nacional** — Tendo como redatores “diversos”, iniciou sua existência com a edição de 26 de março (1 A) de 1877, impresso em tipografia própria, à rua do Rangel nº 67, onde funcionava também a redação. Apresentou-se no formato de 37x25, a três colunas de composição e quatro páginas, assinando-se a 1\$000 por

---

(1) Alfredo de Carvalho só registou, nos “Anais”, o nº 1, dando-o como único.

(1 A) Não a 1º de abril, como consta da relação de Alfredo de Carvalho,



trimestre. Preço do exemplar: \$100. Cobrador: Pedro Alexandrino de Faria Rodrigues.

Na última página lia-se: “Publicamos o nosso jornal confiados tão somente na benevolência do público, donde esperamos todo apoio”. Noutro ligeiro aviso, punha advogados à disposição das pessoas que fôsem atacadas em seus direitos e não tivessem meios de defesa.

No primeiro e longo editorial, começou por atacar a reigência feminina (enquanto o Imperador Pedro II viajava) e a dinastia bragantina. Já atingida a segunda página, escreveu a Redação: “É a mentirosa fala do trono, atirada à face da Nação, que faz a publicidade do **Echo do Povo**”.

“O nosso fim é, e será, sempre, dizer a verdade; mas para dizê-la, não procuraremos incensar êste ou aquêle partido” — acentuou, frisando que as duas agremiações políticas atuantes no Brasil tinham sido escravas “de uma monarquia bastarda”. E concluiu: “Hoje, só o que pode salvar êste país é a República”.

Mais dois artigos políticos redacionais e a “Crônica Semanal”, assinada por **O Lemonde**, completaram a edição.

Logo, porém, na edição seguinte, o **Echo** deixava de ser o porta-voz do Partido Nacional, explicando na “Crônica Semanal”, já sem assinatura: “Querendo manter a mais ampla liberdade, não nos foi possível continuar nossa missão, porque de alguma sorte viamo-nos girando em uma esfera restrita”.

Em o nº 3, de 14 de abril, escrevia que o Brasil resvalava, cada vez mais, para o abismo. Causticando a representação provincial no Congresso e as ligas partidárias, frisou: “Os partidos Liberal e Conservador são iguais na desmoralização, iguais no estbanjamento dos dinheiros públicos, iguais na escolha dos ineptos para os cargos públicos e para a representação”.

Mantendo programa a prol da regeneração política e social, seguiu o **Echo do Povo** sua jornada, incluindo artigos assinados por **S. C.**, **Quidam Brasilicus** e **Jelius Belins**. Compensando as estiradas políticas, acrescentou-se-lhe uma seção literária, com prosa e verso assinados por Ezequiel Frei-

re, **Godefrou de Buillon** e **B. Urdoado**, enquanto **Zozimo** forjava extensas crônicas sôbre Teatro.

Atingiu o nº 7 a 22 de maio (**Bib. Pú. Est.**).

Ainda circulou o nº 8, noticiado por **A Provincia** de 13 de junho do mesmo ano (2).

**A SOBERANIA — Periódico Político** — Apareceu a 10 de abril de 1877, formato de 30x20, com quatro páginas de duas colunas largas, exibindo a divisa: “**Libertas quae sera tamen**”. Impresso na Tipografia Industrial, tinha escritório de redação à rua Visconde de Albuquerque nº 75, sendo encarregado de negócios financeiros José Maria da Conceição. Publicar-se-ia trimensalmente, cobrando 1\$000 por assinatura mensal e \$400 réis por exemplar.

Foi “o amor decidido à causa da liberdade”, conforme o artigo de abertura, o que deu lugar à publicação d’**A Soberania**, “para combater os horrores de uma situação anómala”, uma “política capciosa, cujas mais altas aspirações traduzem, só e unicamente, a satisfação de interesses pessoais”.

Após demorada série de considerações a respeito da atualidade política, concluiu: “...tornar uma realidade a autonomia e soberania nacionais, êsses dois magnos elementos constitutivos dessa entidade moral que se chama Estado, deve ser o fanal dos que são como nós liberais”.

Em nota dirigida “ao povo liberal”, pedia o auxílio de suas assinaturas, pois é sabido quão difícil é entre nós a sustentação de periódicos que só têm como único recurso seus assinantes”, acrescentando: “Os oprimidos do povo encontrarão sempre em nossas colunas a defesa da causa e de seus direitos”.

Dois outros artigos atacaram, desabridamente, o Partido Conservador, então no poder, crismando-o, entre outros arrasadores epítetos, de “governo pernicioso e imoral”. Completaram a edição a “Crônica”, constituída de noticiário, e o “Folhetim”, de matéria política, sem assinatura, mas depois firmado por **Le Docteur Sans-Cullote**.

---

(2) O citado autor dos “Anais” registara, como último, o nº 7.

Prosseguiu a fôlha, atacando os erros da administração pública e focalizando “A Questão Religiosa”, já superada, aliás, em franco combate ao “governo teocrático”.

Circulando com regularidade até o nº 11, de 20 de julho, o 12º sofreu demora relativamente prolongada, só aparecendo a 30 de agosto. E foi o derradeiro, assim terminando o respectivo editorial de despedida:

“A Soberania, suspendendo a sua publicação, sente que, se não alcançou o fim a que se havia destinado, todavia, com os poucos passos incertos e vacilantes que deu, não se encharfou na abjeção, detratando caracteres, nem elevando a corrupção e abocanhando o mérito” (**Bib. Púb. Est.**).

**LIGA OPERARIA — Gazeta Popular** — Publicou-se o nº 1 a 12 de abril de 1877, formato de 32x22, com quatro páginas de três colunas. Constava do cabeçalho: “Democracia — Ciência — Arte” e “Literatura — Notícias — Anúncios”. Trabalho da Tipografia Filartística e redação à rua Estreita do Rosário nº 36, 1º andar. Pretendendo circular semanalmente, adotou a seguinte tabela de assinaturas: trimestre — 1\$000; ano (para as províncias) — 4\$000; semestre — 2\$000. Número avulso — 80 réis.

“Liberdade e civilização é o nosso grito de guerra” — foi como principiou o artigo de apresentação. Citou duas armas poderosas — a imprensa e a tribuna: “...que rasguem, desapiadadamente, o flanco dêsses corpos históricos e ruinosos: Monarquia, Nobreza e Clero, e que por tôda parte se levantem templos à instrução, pedestais à soberania do talento”. Mais adiante: “Sejamos grandes como o Amazonas, altivos como o Itacolomi, imponentes como as nossas pororocas, assombrosos como os nossos irmãos dos Estados Unidos”.

Inseriu “Folhetim”, de **Okisik**, ocupando rodapés da primeira e da segunda páginas; longa “Crítica Religiosa”; “Revista do estrangeiro”; “Notícias do país”; “Literatura” (versos de C. Taylor) e Charadas. Entre os redatores contava-se **J. Moreira Lírio**.

Circulando com marcante irregularidade, a existência da **Liga Operária** não foi além do nº 5, de 17 de julho. A par das seções aludidas, divulgou poesias de **A. Fenelon**, **Belarmino Dourado**, **G. Brreto**, **Frou-Frou** e **Okisik** (**Bib. Púb. Est.**).

O **ENSAIO** — **Periódico Literário e Recreativo** — Começou a circular a 1º de maio de 1877, formato de 31x22, com quatro páginas de duas colunas largas. Impresso na tipografia do **Correio da Tarde**, à rua Estreita do Rosário nº 12, aí também funcionava a redação, assinando-se à razão de . . . . 3\$000 trimestrais. Publicação semanal.

Destinado “ao cultivo das letras”, segundo o artigo-programa, assinado por **A Redação**, para isto empregaria todos os possíveis “recursos intelectuais”. E adiantou: “. . . tímidos combatentes, todavia não desejamos que a vida d’**O Ensaio** seja efêmera, como infelizmente soi suceder com quase todos os periódicos que se publicam nesta cidade”.

O restante da matéria constituiu-se de literatura, em prosa e verso, inclusive três diferentes traduções, por R., em regime de continuação.

Nas poucas edições d’**O Ensaio**, a não serem os editoriais, sobre “Instrução Pública” e “O Trabalho”, nada mais ocorreu que não fôsse literatura e uma “Seção Humorística” (1), composta, principalmente, de charadas.

Os poetas ou cronistas só firmavam suas produções com iniciais, a saber: A., J., L., R., M., e R. S. Na última edição iniciava-se, em vão, o folhetim-romance “Marina”, por Ed Laboulay.

Sairam, apenas, cinco números, terminando a existência do jornal a 6 de junho (**Bib. Púb. Est.**).

O **GALLO** — **Jornal Satírico** — Circularam quatro números, entre os dias 3 e 24 de junho de 1877, sem que restem comprovantes nas Bibliotecas. Ocupava-se, segundo **A Província**, “com bastante chiste, da questão teatral, em que são

---

(1) A Seleção Humorística divulgou a primeira (e única) das “Cartas de M. a seu amigo ausente A. C.” (constituída de noticiário comentado), valendo salientar o tópico seguinte:

“**Jornais** — Todos os anos há uma época em que abundam, nesta cidade, os jornais: estamos agora nela. Além dos diários, que, como sabe, são **Jornal do Recife, Diário de Pernambuco, Província, Tempo e Correio da Tarde**, publicam-se os seguintes: **Diabo a Quatro, Soberania, Ensaio; Primavera, Liga Operária, Echo do Povo, Jornal do Domingo, Duqueza do Linguarudo, Revista Agrícola e Comercial, Lanterna de Diogenes, América Ilustrada, Progresso e Romeiro das Letras**. Ao todo, 18. Já é! . . .”

protagonistas o administrador do Teatro Santa Isabel e o chefe de Polícia”.

**REVISTA DE PERNAMBUCO — Ciências e Letras —** Publicação bimensal, sob a direção de Figueiredo Júnior e Ciridião Durval, surgiu a 14 (1) de junho de 1877, formato de 22x16, com oito páginas de duas colunas, mais a capa, esta em papel de côr. Como divisa, apresentou a seguinte frase dum discurso de A. C. Antunes Guimarães: “...quando a ciência entroniza-se no **cérebro do mundo**, o mundo inteiro deve saudá-la num só grito de entusiasmo”.

Com escritório de redação à rua do Imperador nº 37, 1º andar, assinava-se a 1\$500 ou 2\$000 por trimestre, conforme fôsse para a capital ou para fora. Impressão na tipografia d’O Tempo, à rua Duque de Caxias nº 28.

Do editorial de apresentação constava: “A instrução popular, eis a robusta alavanca do império da ciência. É por isso que a **Revista de Pernambuco** surge dentre as suas fraquezas para alistar-se na imensa cruzada do futuro. Instruir o povo não é mais que estender-lhe os braços e atirá-lo feliz no paraíso sonhado desde o primeiro homem até nós”.

Publicou-se regularmente, divulgando, além de produções, em prosa e verso, dos redatores, outras, assinadas por João de Oliveira, Gil Amora, F. C. ou Francino Cismontan<sup>o</sup> (2), (pseudônimo de Francisco do Brasil Pinto Bandeira e Acioly Vasconcelos), Pedro de Queiroz, Pantagruel, com a crônica “A minha 25ª companheira”, inserida nas três primeiras edições; Alfredo Falcão e Laurindo C. Leão.

Embora com três matérias em regime de continuação, a **Revista** terminou sua existência com o nº 5, de 15 de agosto, somando 40 páginas, em numeração seguida (**Bib. Púb. Est.**).

**JORNAL DO DOMINGO — Gazeta Literária —** Saiu o primeiro número no dia 6 de maio de 1877, formato de 31x22,

---

(1) Não no dia 15, como consta dos “Anais”.

(2) Nos seus registros, a começar pela **Revista de Pernambuco**, Alfredo de Carvalho fez questão de errar o nome literário do famoso poeta, sempre mencionando-o como **Francisco Cismontano**, quando êle jamais deixou de firmar-se **Francino**.

com oito páginas circuladas de sóbria vinheta, a duas colunas largas de composição. Impresso em bom papel, na tipografia d'O Tempo, à rua Duque de Caxias nº 28, tinha como redator e proprietário Feliciano Prazeres, assinando-se a 3\$000 trimestrais.

“Despido de altas pretensões” — consoante conciso artigo de apresentação — propunha-se o bem redigido órgão, “apenas, a dar todos os domingos alguns instantes de leitura amena”. O móvel da publicação foi “a falta que, entre nós, já se ia tornando sensível, de um jornal neste gênero”. Esperava, finalmente, apoio e proteção dos leitores.

Iniciou o sumário o romance de Perez Escrich “O violino do Diabo”, seguido do estudo “Superstições e crendices de minha terra”, de Rangel de São Paio, e do comentário “Os bastidores políticos”, sem assinatura, matérias essas em regime de continuação; versos românticos de Eduardo de Carvalho e Carneiro Vilela; quadras humorísticas de **Inocência, Zero e Quasimodo**; “Pensamentos”, de Helena Amália; a interessantíssima seção “Cousas”, de anedotas e quadras jocosas; um conto e ligeiras notícias.

A publicação, sobretudo bem confeccionada gràficamente, prosseguiu, cada semana, com as seções e novos colaboradores na parte poética, a salientar Augusto Cratinguy, P. Stubs e Enéas Macróbio, acrescentando-se à matéria geral logogrifo e charadas.

O último número publicado (ainda com trabalhos em continuação), foi o 9º de 1 de julho (1) (**Bib. Púb. Est.**).

**O PANNOSOBE — Jornal para a ocasião** — Publicou-se um número único, datado de 26 de maio de 1877, em pequeno formato de 22x16, com quatro páginas. Redigido por Demétrio Simões, foi impresso na tipografia d'O Echo do Povo, vendendo-se o exemplar a 100 réis. Motivou-o “a questão havida, dias antes, sobre a subida do pano de bôca do Teatro

---

(1) Segundo Alfredo de Carvalho (obra citada), a publicação findara com o nº 6, de 10 de junho.

Um dia antes de circular o nº 9, já o folhetinista do contemporâneo **O Progresso** (edição de 30 de junho de 1877) lamentava o desaparecimento do **Jornal do Domingo**, “que aliás ia-nos fornecendo, por desfastio, homeopáticas doses de leitura semanal fugitiva e amena”.

Santa Isabel, quando reclamada pelo público e ao que se opusera uma autoridade policial”.

Assim começou o artigo de apresentação: “**O Panno Sobe** vem hoje **subir** à imprensa para ver se, com a sua **subida**, **sobe** ou não **sobe** o **pano** do Teatro Santa Isabel”. Concluiu, depois de fazer chistosa descrição de tudo o que tem capacidade de subir: “**O Panno Sobe** **subiu**, **subirá** e **morrerá subindo** e profligando a ordem de que o **pano** não **sobe**. Esta é a sua divisa, e os **cem réis** a sua animação”.

Do princípio ao fim, prosa ou verso, tudo vasado em crítica amena e fino humorismo, a matéria em pêsso do jornalzinho teve como tema o motivo do seu título (**Bib. Púb. Est.**).

**O LIVRE PENSADOR — Órgão da Nova Propaganda Filosófica** — Circulou, pela primeira vez, a 1º de junho de 1877, trazendo sob o título: “Nossa divisa será sempre — Razão, Justiça e Liberdade”. Impresso em tipografia própria, situada à rua Duque de Caxias nº 2, onde também funcionava a redação, assinava-se a 10\$000 por ano ou . . . . 3\$000 por trimestre, para a cidade; e a 12\$000 ou 4\$000, respectivamente, para o interior e para fora da província. Publicação semanal, aos sábados, tinha o formato de 37x27, em três colunas, saindo com quatro páginas.

Advogando a idéia da criação, por “liberais e conservadores que pensam livremente”, de um partido **nacional** ou de livres pensadores, assim concluiu o artigo-programa:

“Mostraremos as grandes vantagens sociais da separação da igreja; do casamento civil, da secularização dos cemitérios e do registro de batizados. Patentaremos ao povo o que são as religiões e para que foram criadas; dar-lhe-emos explicações sôbre muitos fatos, que lhe cumpre saber, em matéria de crenças, e que, propositadamente, lhe têm sido ocultados pelos mercadores dos templos. Reservaremos sempre em nossas páginas duas colunas para o que disser respeito à sociedade maçonica e aos interêsses legítimos dos nossos dignos irmãos. Firme em seus princípios, e guiado pela suprema luz da verdade, **O Livre Pensador** cumprirá o seu dever”.

Numa nota final, intitulada “Ao público”, dizia aceitar artigos “em linguagem decente e de utilidade geral”, dispondo-se a advogar os direitos dos seus leitores e assinantes.

A publicação seguiu curso normal, focalizando, em editoriais bem redigidos, os temas do seu programa, inclusive "Seção Filosófica", "Seção Maçônica", "Noticiário", "A pedido" e ligeiros anúncios, mantendo-se suas colunas à disposição de "um e outro Oriente, nesta província".

Só a partir do nº 6 constou do cabeçalho o corpo redacional, assim constituído: Aires de Albuquerque Gama, Francisco A. de Almeida e Júlio César Leal. Logo mais, era suspensa a publicação com o nº 8, de 28 de julho, por dificuldades financeiras.

Entretanto, ainda deu uma edição, que foi a última, a 5 de setembro, nela explicando a situação precária da empresa, uma vez que, dos trezentos assinantes comprometidos, apenas cem tinham efetuado o devido pagamento, o que ocasionava um prejuízo de 100\$000 mensais. Pretendia insistir, mas não insistiu. Justamente nesse número final a direção econômica passava a ser exercida por Hermino Ernesto de Lemos Amaral, proprietário da tipografia (**Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA DO NORTE — Publicação em continuação ao Correio da Tarde** (1) — O nº 1, volume I, circulou a 8 de agosto de 1877, impresso na Tipografia Comercial, à rua Estreita do Rosário nº 12, onde funcionava também a redação. Formato de 22x16, com 16 páginas de coluna larga. Tabela de assinaturas: mês — 1\$000; para fora da cidade: trimestre — 4\$000, devendo sair nos dias 8, 15, 23 e 30 de cada mês.

Inseriu editorial sôbre a atualidade política; "Crônica", de fatos ligeiros, por **Bryant**; e Seção Literária, dela constando: início de "Um falso inquisidor", romance de Zaccone, traduzido por L. Filgueiras, que também assinou poesias; "Folhetim da Revista", por **Amour**; a continuação do romance "Os mistérios do Palais Royal" (vindo do último número do **Correio da Tarde**), e poesia de **M.**

O segundo número saiu no dia 15 do mês referido; e prosseguiu até o 8º, mas sem data no texto (2), só divulgan-

(1) O **Correio da Tarde**, de circulação diária, publicou-se até 31 de julho de 1877, sob a direção, por último, de Raimundo Paraiso. Acha-se estudado no vol. III desta obra.

(2) A coleção da Biblioteca Pública do Estado, constante do Vol.



do os romances começados, aos quais se juntou, já para o fim, “O poder da vontade”, por A. J. Fernandes dos Reis; além da seção “Economia Doméstica” e “Uma palestra científica”, por Jerônimo Muniz.

Em numeração seguida, as oito edições (3) tôdas de 16 páginas, perfizeram o total de 128, sem chegar ao fim a publicação dos romances (**Bib. Púb. Est.**).

**PHALENA — Revista Literária e Ilustrada — Dedicada às Senhoras** — Saiu a lume no dia 20 de agosto de 1877, formato de 22x15, com 16 páginas de duas colunas, tendo como redatores Gaspar Regueira, Gaspar Drumond Filho, Joaquim Homem de Siqueira e José L. de Meneses Vasconcelos de Drumond.

“... vimos, apesar de fracos, — dizia o artigo de apresentação — batalhar, revestidos de coragem e esperanças, no vasto anfiteatro da imprensa, onde as idéias se debatem e chocam-se para que brote a deslumbrante faúla da verdade, como do embate das nuvens salta o raio”.

Mais adiante: “A educação da mulher, questão de suma importância, tão desprezada no Brasil, há de merecer principalmente a nossa atenção”... “porque dela depende a moralidade de costumes, espírito e virtude das nações”. Concluiu oferecendo suas colunas às senhoras que quisessem honrá-las “com algum escrito”.

Publicação puramente literária, divulgou o seguinte sumário: poesias de Castro Alves, Eduardo de Carvalho, Gaspar Regueira, L. Filgueiras, Emanuel Visconde (também assinou uma “Fantasia”), Narcisca Amália e Antônio Pepes B. de Vasconcelos; transcrição de um fragmento de Guerra Junqueiro; dois contos de G. Drumond Filho; carta do professor Aprigio Guimarães (1); uma conferência (sobre Tira-

---

4098, foi encadernada sem as capas, que naturalmente traziam a data de cada edição, só avistada na abertura dos textos dos ns. 1 e 2. O último, consoante informação do **Diário de Pernambuco**, saiu pouco antes do dia 5 de outubro do mesmo ano.

(3) Alfredo de Carvalho registara simplesmente: “nº 1 e único”.

(1) Sentenciou, então, o famoso jurisconsulto: “Mulher que não ame as flôres, moço que não ame as letras, velho que não ame a mocidade são, para mim, repugnantes aleijões”.

dententes), de J. H. de Siqueira Cavalcanti, e a “Galeria de Senhoras” (I — “Poetisa Maria Heráclia de Azevedo”), por J. V. Meira de Vasconcelos.

Apesar de tão bem apresentada, não continuou, ao que tudo indica, a publicação da **Phalena** (Bib. Púb. Est.).

**A SITUAÇÃO — Periódico Joco-Sério, Satírico e Literário** — Tendo começado a publicar-se no dia 14 de setembro de 1877 (“Anais”), os primeiros comprovantes encontrados são os ns. 10 e 11, datados, respectivamente, de 18 de abril e 24 de maio de 1879. Quatro páginas, no formato 32x22. a duas colunas largas de composição. Mal confeccionado, em tipografia própria, assinava-se a 3\$000 por trimestre, mediante pagamento adiantado. Redação atribuída a Eduardo Augusto Ferreira de Moraes.

O nº 15, ano IV, circulou a 30 de junho de 1881, para continuar a publicar-se, com certa regularidade, duas a três vezes por mês. Bastante variado de matéria, abriam as edições d’**A Situação** artigos sobre Artes e temas diferentes, inclusive políticos, defendendo os princípios de liberdade e fraternidade. Na parte literária, contou com a colaboração poética de M. Sousa, **Arborso**, A. A. S. de Castro Ribeiro, Armino Lisboa, Gratuliano V. M. Coelho, Fernando T. S. Magalhães, Antônio de Sousa Pinto e outros. Ocorriam seções joco-sérias, tais como “Telegramas”, “É o que dizem”, “Mofinas”, “Movimento marítimo”, etc., constituídas de trepções políticas ou crítica dos costumes da cidade e da vida particular das pessoas porventura consideradas fora da linha, chegando ao ponto de revelar namoros escandalosos. Não deixou de inserir folhetins, o último dos quais, a novela “A Pianista”, não pôde chegar ao fim, uma vez que o jornal encerrou sua existência com o nº 30, de 3 de dezembro do mesmo ano (1) (Bib. Púb. Est.).

**O ESPELHO — O Jornal do Recife**, edição de 30 de outubro de 1877, informou haver sido publicado o primeiro número dessa “fôlha satírica e crítica”. Faltam pormenores (1 A).

---

(1) Alfredo de Carvalho registara o nº 11, ano IV, de 24 de maio de 1881, interrogativamente, como último publicado.

(1 A) Tendo em vista a data em que um órgão da imprensa diária (o único, aliás), lhe noticiou o aparecimento, é pouco provável que **O Espelho** tenha circulado dois meses antes, ou seja, no dia 2 de setembro, como está no registo dos “Anais”.

1 8 7 8

**A CRENÇA — Periódico Político, Literário e Noticioso** — Sem que exista comprovante da edição de estréia, sabe-se, no entanto, que saiu a lume a 26 de janeiro de 1878, conforme noticiou, dois dias após, o **Jornal do Recife** (1 A).

O nº 2 publicou-se a 6 de fevereiro, formato de 32x22, com quatro páginas de três colunas. Adotou a epígrafe: “Nossa divisa será sempre — Razão, Justiça e Liberdade”, herdada d’**O Livre Pensador**, em cuja tipografia se imprimiu. Redação à rua da Roda nº 31. Assinaturas: ano — 10\$000; trimestre — 3\$000; para fora da cidade — 12\$000 e 4\$000, respectivamente. Responsabilidade atribuída a Hermino E. de Lemos Amaral.

Em editorial a redação defendeu a política dos liberais genuínos, atacando os conservadores, que havia dez anos ocupavam o poder. Outros artigos políticos tiveram a assinatura de Júlio César Leal e **Monino**. Pouca literatura e noticiário. Fechou a derradeira página um apêlo aos amigos e correligionários, no sentido de que acorressem com suas assinaturas, a fim de que a empresa pudesse prosseguir. Não prosseguiu (**Bib. Púb. Est.**).

**OS XENIOS — Revista Satírico-Epigramática. Sob a direção de um bom par de galhetas** — Entrou em circulação no dia 16 de março de 1878 (1), obedecendo ao formato de 27x19, com oito páginas de coluna larga, além da capa. Impressão da Tipografia Cosmopolita, à rua do Imperador nº

---

(1.A) Alfredo de Carvalho deu a data de 30 de janeiro, erroneamente, ao aparecimento d’**A Crença**.

(1) Alfredo de Carvalho, no seu registo dos “Anais”, afirmou que “o nº 1 da série I saiu em outubro de 1877”, errando, ainda, redondamente, como se verá adiante, ao completar a informação: “... e o nº 6 (último?) da série III e última em setembro de 1879”.

Confirmando a data certa do aparecimento da fôlha, noticiou o **Diário de Pernambuco** de 18 de março de 1878 (segunda-feira): “**Xenios** — Sob essa denominação começou, no sábado, a ser publicada, nesta cidade, uma revista satírico-epigramática, sob a direção de um bom par de galhetas”.

Essa confirmação faz-se necessária pelo fato de os comprovantes da primeira série haverem sido encadernados sem a respectiva capa de cada exemplar, da qual constariam as datas, como pode ser visto nos volumes da Biblioteca Pública do Estado e da Biblioteca Nacional.

8, atribuída a redação aos jornalistas Afonso Olindense, Francisco Inácio Ferreira e **Francino Cismontano**, como se assinava Francisco do Brasil Pinto Bandeira e Acioli Vasconcelos. Abaixo do título, a quadra a seguir, de Goethe (“Fausto”):

**“Vrais insectes nous sommes la,  
Tenant une mauvaise pince  
Pour rendre honneur au puissant prince  
A Satan, notre cher papa”.**

Começou assim o editorial de abertura: “Caríssimo leitor: não é sem um sumo prazer da nossa parte e talvez com algum desgosto da tua, que vimos do alto desta página apresentar-te **Os Xenios**”.

Passou a tecer considerações em torno da palavra do título, que naturalmente daria o que falar aos gramáticos, adiantando: “Pois o sr. Goethe e o sr. Schiller tiraram-se um belo dia de seus cuidados e deram-se as mãos para azoinar, com o riso cáustico do epigrama e com a mordacidade da sátira, as loucuras, as presunções, as baixeiras e os vícios da pátria Alemanha. Com o predito fim, começaram a publicar uma coleção de epigramas e... que título lhe puseram? Aquê-le mesmo que, vestido agora à portuguesa, vai aqui servindo de corda a êste feixe de carapuças”.

Seguiu-se a matéria geral, em prosa e verso, a saber: “Farpoadas”, “**Ridendo castigat mores**”, “Enigmas”, “Tou radadas”, “Epigramas”, “Os vistosos”. Do terceiro número do semanário por diante, começaram a surgir os pseudônimos: **Gargantuá**; **Tic-Tac**, com os “Retalhos”; **D. Fuas**, com as “Alfinetadas”; **Braz Júnior**; **D. Juan**; **Hortêncio Braga**, o das “Pitadas”; **Pimenta**; **K. Langro**, etc., tendo começado no nº 4 a inserção do folhetim “Um assassino”, de Eugênio de Mirécourt, traduzido pela redação.

“Que quer dizer **Xenios**?” — voltava um artigo redacional — “Eis o que ainda hoje se ouve perguntar aí a cada canto. Já ninguém pergunta: — Caiu o Ministério? Morreu o Papa? Como vai Frei Vital da sua reverendíssima garganta? S. M. já tirou as provas às suas “Recordações de Viagem?” O Padre Eterno já restituiu os terrenos dos jesuitas?!!! Nada, nada. Hoje só se pergunta: — Que quer dizer **Xenios**?”.

Após alguns esclarecimentos, frisou o editorialista: “Assim, pois, vê-se que a palavra **Xenio**, por suas raízes etmológicas, entre os gregos, queria dizer — **mimo, presente**, e que com a mesma significação a tomamos nós. O mesmo nome de **Xenios** deu Marcial ao 13º livro de seus epigramas, que, na realidade, são uns presentes muito generosos, como é sabido, com que mimoseou a mui altos cavalheiros e matronas do seu tempo”.

A partir do nº 10, em artigos com a assinatura **A Empresa do Xenios**, a redação estabeleceu polêmica, de alto sentido, com **O Diabo a Quatro** (2), a propósito da palavra **Xenios**, invocando os clássicos da língua portuguesa, um de cujos artigos ocupou nove páginas, edição que foi assim aumentada para 12.

Admitindo novos colaboradores, como **San Remo, Posição Social, O Piretinho, K. C. U. P.** e outros, não fugiu a fôlha ao seu programa de crítica e sátira em bom estilo, concluindo-se a primeira série com o nº 21, datado de 13 de agosto, formando, em numeração seguida, um total de 172 páginas.

Com o formato aumentado para 32x23, a três colunas de composição, apareceu o nº 1, ano I, série II, d'**Os Xenios** a 27 de agosto de 1878, declarando-se “**Hebdomadário Ilustrado**”, contendo oito páginas, as duas externas em litografia. O clichê do cabeçalho figurou um jornalista de caneta a tiracolo, cercado de cenas alegres, incluindo mulher deitada no campo, a tocar flauta, e sobre ela a palavra **Xenias**, em letras minúsculas. Completou a página uma alegoria com idêntica figura de jornalista, as pernas firmadas sobre uma caneta e um craion, de chapéu à mão, tendo às costas um exemplar d'**Os Xenios**, em atitude de saudação; abaixo, a legenda: “Até hoje andávamos em uma só perna

---

(2) Na revista **O Diabo a Quatro**, também de caráter satírico-epigramático, o comentarista **Puck** (pseudônimo de Aníbal Falcão) ocupou-se dos **Xenios**, em vários artigos, a partir da edição de 12 de maio de 1878, partindo do princípio de que a palavra era grega. Entendia que o título dado ao jornal estava errado, porque fôra empregado na acepção de sátiras, devendo, portanto, ter sido **Xenias**; do gênero feminino; só usado no plural. Acentuou **Puck**: “**Xenios**, como sinônimo de **hospitaleiros**, é adjetivo substantivado, e corresponde, justamente, à palavra grega **Xenios**. De sorte que vós escreveis um periódico satírico com êste significativo título — **Os hospitaleiros**”.

(a pena) e tachavam-nos de mancos! Agora que obtivemos outra (o craion), eis-nos completos aos olhos de VV. SS.; e cumprimentamo-los”.

Das ilustrações, que se constituíam de retratos ou **charges**, incumbiu-se o desenhista Vera Cruz, e do trabalho material a Litografia de Epaminondas Gouveia, à rua do Rangel nº 16. Estabeleceu-se o regime de assinatura trimestral, a 3\$000, custando \$300 o número avulso.

Um artigo de **Calafange**, apresentando a nova série da revista, frisou que seria mantida a mesma bandeira: “... nem pelo craion, nem pela pena sairemos do circulo que nos havemos traçado: a crítica independente, desapaixonada e respeitosa”.

Não se fêz a publicação sempre, semanalmente, como pretendia, mas de dez em dez dias e, às vêzes, quinzenalmente. Abria cada número a seção “Telefonia”, de resposta a consultas dos leitores. Nela comentou-se, na quinta edição, que o vigário da igreja de São Pedro, de Olinda, proibira “aos seus fregueses” a leitura d’**Os Xenios**.

A partir do nº 8, a confecção tipográfica passou a ser feita em oficina própria. Terminado o ano com o nº 13, de 14 de dezembro, continuou a numeração em 1879, saindo o nº 14, ano II, a 16 de janeiro.

Dentro do programa, manteve as seções a seguir, que se iam revezando ou substituindo: “Sabonetes” — **Fr. Picanço**; “Imprensices” — **Sindulfo**; “A vol de Diable” — **San-Remo**; “Frutas do tempo” — **Dr. Ximpirra** (pseudônimo de Agápito da Purificação); “Notas a lápis” — **Galileu**; “Gracejos” — **Júlio César (Leal)**; “Badaladas” — **L’inconu**; “Epístolas” — **Whali**; “Reverberos” — **Adolfo Bias** (Afonso da Silva); “Teatro” — **Zut (Felix Pacheco)**; artigos de **Borboleta** (Fernão Teles) e seção de Charadas. No fim, as ilustrações eram da autoria de **A. Roth**.

Estendeu-se a vida da interessante revista satírica até 25 de maio, quando circulou o nº 27. A 20 de junho, apareceu um Suplemento de duas páginas, só impresso o anverso, no qual a redação justificava a ausência, por um mês, d’**Os Xenios**. Provinha de dificuldades financeiras, oriundas do não pagamento de grande número de assinaturas, esperando superar tal situação.

Até aí, a coleção completa. Apareceu, depois, entre os papéis avulsos da Biblioteca, um comprovante do nº 4, série III, d'Os Xenios, datado de 10 de outubro de 1879, com o subtítulo "Sátiras e Epigramas". Mas o formato se achava reduzido a 13½x9½, aumentando o número de páginas para 32, afora a capa, esta em papel de côr. Abriu a edição um sumário de tôdas as matérias, que se seguiram em tipo batido, sem títulos, salvo a primeira: "O Grilo" (Bib. Púb. Est.).

**ENSAIO JURÍDICO E LITERÁRIO — Publicação Quinzenal** — Saiu o primeiro número a 1º de maio de 1878, formato de 23x17, com 16 páginas de coluna larga, mais a capa, de côr, impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 14. Assinava-se a 1\$000 mensais, para Pernambuco, e a 3\$500 trimestrais para as outras províncias, mediante pagamento adiantado. Redigida por Tarquinio de Sousa Filho, Pedro de Queiroz, Antônio Augusto de Vasconcelos, Virgílio Brígido, José Augusto de Sousa e Gil Amora, assinaram todos êles a "Introdução", dizendo a certa altura:

"O que é o **Ensaio Jurídico e Literário** indica-o sobejamente o modesto título com que se apresenta ao público: êle dispensa qualquer programa, o seu fim é assaz manifesto. Saído da íntima convivência em que têm vivido os seus redatores, êle exprime o desejo que êstes nutrem de oferecer à consideração pública o minguado fruto de seus estudos. O meio de que lançaram mão, para satisfazer essa desculpável veleidade, foi a publicação de uma pequena revista que tivesse por fim principal a discussão de questões jurídicas, deixando entretanto ampla liberdade àqueles que quisessem ceifar no campo vastíssimo da literatura".

Logo a partir do nº 2, o **Ensaio** foi impresso na oficina d'O Tempo, à rua Duque de Caxias nº 8, achando-se a redação e a administração instaladas na rua do Riachuelo nº 5.

Sem alteração no programa traçado, publicou-se o magazine nas datas certas. Além da produção maciça dos redatores, teve a colaboração de C. H. P. S. e Giuseppe Agostini, êste encarregado da "Crônica" do fim.

Atingiu o nº 8 a 15 de agôsto, formando um total, em numeração seguida, de 128 páginas. Terminou aí (Bib. Púb. Est.).

O FUTURO — Periódico Científico e Literário — Publicação quinzenal, teve seu primeiro número divulgado no dia 1 de junho de 1878, formato de 22x16, com 16 páginas, fora a capa, esta em papel de côr. Sob o título vinham as divisas: “Cultiver son esprit, chercher a connaitre la verité, est un devoir pour tous les hommes” e “Scribendi nullus finis”. Redatores: João Hosannah de Oliveira, Manuel Porfírio de Oliveira Santos, Antônio Cícero Fernandes Belo e Bento Emílio Machado Portela, funcionando a redação na rua dos Pires nº 30. Assinaturas: mensal — 1\$000; trimestral (para fora da cidade) — 3\$500. Impressão da Tip. Industrial.

Fechando a última página, lia-se a “Advertência”: “Aceitamos com prazer e nos confessamos agradecidos aos nossos colegas que, compenetrados da necessidade da existência de nosso periódico e do penoso encargo que temos, quizerem auxiliar-nos com a sua colaboração”.

Ocupou três páginas o editorial de apresentação, assinado pelos quatro redatores. Nêle, em meio a considerações gerais, se falava na Imprensa como “a mãe da Liberdade”, a “mestra de exemplos”, a “grande sacerdotisa”.

Inseriu produções sôbre Direito e Literatura, prosa e verso, assinadas pela turma responsável e mais Joaquim Homem de Siqueira Cavalcanti, cabendo a crônica do fim a Nazon, pseudônimo do primeiro dos redatores mencionados.

Circulou com regularidade, logo se transferindo o trabalho gráfico para a Tip. Nacional; e, no nº 3, o redator Antônio Cícero era substituído por Benedito A. de Oliveira Cota, que entrou a subscrever a “Crônica”, usando o pseudônimo B. Cottinhac. Foram colaboradores das reduzidas edições: Alcibiades Cavalcanti e Th. de Moura (como se assinava Tomé Afonso de Moura).

Numerando-se seguidamente, chegou ao fim com o nº 6, de 1º de setembro, perfazendo o total de 98 páginas. “Somos forçados — dizia a redação — a sobrestar por algum tempo a publicação d’O Futuro, a fim de que possamos entregar-nos exclusivamente ao estudo das matérias em que temos de ser arguidos...”.

Esperava estar “de nôvo em campo” no próximo ano letivo, mas não o conseguiu (Bib. Púb. Est.).



**O SÉCULO — Revista Científica e Literária** — Apareceu a 1º de junho de 1878, em formato de 27x18, com 32 páginas, mais a capa, esta em papel de côr, sendo impressa na Tipografia d'O Tempo, à rua Duque de Caxias nº 8. Custava 1\$000 a assinatura por mês, mais 500 réis para fora da capital. "Publicação mensal de uma Associação", eram os seguintes os seus membros: J. C. Baltazar da Silveira, Pereira de Araújo, Tobias Barreto de Meneses, Vitoriano Palhares, Firmino Soares, J. Saraiva Sobrinho, José Viana Vaz, Th de Moura, (Tomaz Afonso de Moura), João Peixoto, Meira e Sá, Leovigildo Filgueiras, Joaquim Inácio Amazonas de Almeida, Francisco Luiz Osório, J. V. de Sousa Cabral, Lopes Lima, Marcolino Câmara Júnior e M. C. de Sousa Bandeira.

O objetivo da associação, expresso no editorial-programa, era "instruir, instruindo-se, quer pela imprensa, quer por conferências populares", e "propalar verdades — científicas e literárias", tendo "por divisa a liberdade de idéias".

Na parte científica, iniciada com a tradução de um excerto filosófico de W. Herbert Spencer, escreveram: Amazonas de Almeida, João Peixoto, Th. de Moura, Leovigildo Filgueiras e Meira e Sá, os três últimos também assinando poesias. Na parte Literária, em prosa, figuraram duas produções, só uma assinada, da autoria de J. C. B. da Silveira, ambas para continuar na edição seguinte.

O nº 2 publicou-se a 1º de julho, com igual quantidade de páginas, impresso na Tip. de Bourgard & Cia. Divulgou a seguinte colaboração: Na Parte Científica: Saraiva Sobrinho, Manuel Bandeira, João Peixoto, Meira e Sá, Th. de Moura e Paz Portela; Na Parte Literária: J. C. B. da Silveira, Leovigildo Filgueiras, Firmino Soares e Th. de Moura. A última página foi dedicada a "Erratas".

Apesar de ficarem duas matérias em regime de continuação, tudo indica que **O Século** não voltou a circular (**Bib. Púb. Est.**).

**JORNAL PARA RIR** — Publicação semanal, sob a "di-reção de **Mundo, Diabo e Carne**", tendo como redatores — **Eu, Tu, Êle, Nós, Vós, Êles**, apareceu a 22 de junho de 1878, em formato de 31x22, com quatro páginas de duas colunas

largas. Preço do exemplar — 80 réis. Impressão da Tipográfica de J. E. Purcell, à rua Larga do Rosário n° 24-A, local também da redação.

“Queremos fazer rir” — anunciou o editorial de apresentação, acentuando: “Fazer chorar é fácil e cruel; fazer rir é difícil e humano. O riso é um tônico d’alma; a melancolia, um adstringente”. “Um mostra a face bela da natureza; a outra, o aspecto sombrio da criação”. “O nosso programa é, pois, fazer rir uma população que é melancólica por temperamento e pelo rigor de suas circunstâncias”.

Numa nota, a seguir, dirigiu-se a redação “aos chefes de família: “Vs. Ss. e Exas. ficam, desde já, na obrigação de comprar o nosso jornal. Num tempo como êste, em que a farinha está tão cara, é necessário que passem, com suas Exmas. famílias, alguns momentos agradáveis. Esta imposição é tôda de coração e filha da sincera amizade que liga esta redação a Vossas SS. e Exas.”.

Na última página, seção da “Anúncios”, lia-se: “Precisa-se de compradores para êste jornal: as pessoas que quiserem ou saibam quem queira, dirijam-se ou mandem ao escritório da redação ou às agências, que serão gratificadas com um número, deixando quatro vintens”.

Redigido em linguagem elevada, de puro humorismo, em prosa e verso, nada mais pretendeu o periódico senão cumprir seu programa, com predominância do anedotário. Matéria geralmente sem assinatura, só alguns versos foram firmados por Joaquim Augusto de Oliveira, por **Fifiu, Prêto Pacheco** e **C. M.**

Publicaram-se seis números, o último dos quais datado de 27 de julho (**Bib. Púb. Est.**).

**JORNAL PARA CHORAR** — “Propriedade do Clube dos Heráclitos”, o n° 1 circulou a 28 de junho (1) de 1878, formato de 32x21, com duas colunas largas e quatro páginas. Impresso na Tip. Comercial, à rua Estreita do Rosário n°

---

(1) Não a 12 de julho, como se acha registado nos “Anais”, de Alfredo de Carvalho, que também se enganou ao mencionar o n° 1 como tendo sido único.

12, tinha como redatores: “**Eu Choro, Tu Choras, Ele Chora, Nós Choramos, Vós Chorais, Eles Choram**”. Preço — 80 réis o número avulso, ou “quatro lágrimas de vintém”. Ainda no cabeçalho, a divisa: “**Quem não chora não mama**”.

O editorial de apresentação ocupou-se do “vale de lágrimas” que era o mundo, e das diversas fases em que a humanidade chora, desde o berço até o pagamento da conta da casa funerária”.

Tôda a matéria baseava-se em chôro e lágrimas, a ressaltar a seção “Casos tristes”, de excelentes anedotas; os “Anexins rimados” e os “Chorões da terra”.

Só durou o curioso jornal até o segundo número, que saiu no dia 19 de julho, sem deslustrar o caminho traçado no primeiro, à base de sátiras a pessoas e costumes, com boas doses de verve. Algumas epígrafes: “Uma lágrima”, “Gemidos”, “Mais um chorão”, iniciando o texto a “Choradeira de fundo” (**Bib. Púb. Est.**).

**CHARIVARI** (1) — Entrou em circulação a 5 de julho de 1878, formato de 30x23, com quatro páginas de duas colunas. “Redatores: um Frade, um Soldado, um Estudante e um Marujo, sob a direção de um Barbeiro. Preço — 80 réis, ou mesmo mais, se quiserem”. Propriedade de J. F. Moraes. Ainda no cabeçalho: “**Qui potest capere, capia!**” Trabalho material da Tipografia Cosmopolita.

Lia-se no editorial de abertura: “Iremos onde quer que vejamos a máscara da hipocrisia afivelada à cara dos que aí campando vão de altesas e merecimentos, arrancar-lh’a e pôr-lh’a (sic) aí na praça pública em tôda a sua hediondez...”

A matéria do desabusado jornal constou de notas críticas e satíricas em poucas linhas e de versos do mesmo estilo, visando a pessoas e costumes sociais, sem côr política. Nenhuma colaboração assinada. E ficou no nº 1, ano I (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Não **O Charivari**, conforme registaram os “Anais”, de Alfredo de Carvalho, o qual também se enganou quanto ao nome do proprietário, dando-o como José de Freitas Mendes.

O ALFINETE — Tome cuidado! Não se espete! — **Jornal para fazer rir, chorar, enjoar, gemer, dansar, pular, cantar, dormir**, — **Jornal ilustradíssimo, mais que chistoso, crítico, político, científico, literário, noticioso...** — Surgiu — “primeiro número”, “primeira semana” — no dia 13 de julho de 1878, formato de 31x22, com quatro páginas de duas colunas a 16 cíceros. Redator — **Caim**. Preço do exemplar — 80 réis, “pagos adiantados”. Impressão da tipografia de Bourgard & Cia.

Assim começou o artigo de apresentação: “Decididamente, grassa uma epidemia jornalística. Guttenberg deve ter desvanecimento de gáudio no seio de sua imortalidade ao contemplar os progressos de sua arte”. Receava que, após a praga da sêca, aparecesse “nova praga — uma inundação de jornais”, tão crescido já era o número dos existentes... Não havia, porém, o desejo de auferir lucros, mas, sim, “o de expor o cabedal de espírito dos seus autores”.

Em meio de tal afã, aparecia **O Alfinete**, cuja missão era “ferir sem causar grande incômodo de saúde”. O público que se acautelasse, porque a sua reportagem descobriria “tôdas as mazelas”, por mais ocultas que estivessem. Espetaria a todos “aquêles” ou “aquelas” que se desviassem “do caminho do bom, do justo e do verdadeiro”.

Alfinetando indiscriminadamente, teceu uma série de considerações, em seu nº 3, sôbre a situação da Imprensa. Citando incoerências do **Diario de Pernambuco** e do **Jornal do Recife**, asseverou o articulista que nenhum dêles tinha “programa, nem idéias, nem princípios, nem escopo”.

No nº 4, de 3 de agôsto, alterava-se o cabeçalho, passando a constar do sub-título: “Político, Crítico, Satírico e Joco-Sério”. Baixou o preço do exemplar para \$040 e admitiu um segundo redator: **Torquemada**.

Prosseguindo, atacou a “comédia eleitoral”, a Monarquia, os “leões”, os políticos conservadores e seu órgão **O Clarim**, destacando-se a seção “De leve...”, de notas ligeiras e sarcásticas, em que menosprezava nomes como os de José Mariano e Joaquim Nabuco, e uma página, aproximadamente, de “Alfinetadas”, em versos de sete sílabas, cheios de sátira e humor. Havia, igualmente, um “Folhetim” (tudo sem assinatura), de literatura jocosa. Já na edição de 31

de agosto, substancioso editorial regozijava-se com “esta terra, de tão nobres tradições revolucionárias”, pela fundação do Clube Republicano, esperando que o povo pernambucano soubesse “fazer justiça à sinceridade dos intentos de seus fundadores”.

Mas estava por um triz a existência d’O **Alfinete** (1), cujo último número foi o 9, da “9ª semana”, publicado a 7 de setembro do mesmo ano, com artigo “de fundo” dedicado à data (2) (**Bib. Púb. Est.**).

O **CLARIM** — Iniciou-se a 25 de julho de 1878, formato de 26x19, com quatro páginas de duas colunas, impresso em tipografia própria. Do cabeçalho constou, em plano superior, o desenho, em xilogravura, de um miliciano tocando corneta, tendo aos lados, duas a duas, as seguintes quadras, à guisa de expediente:

“Uma vez por semana, e na rua,  
O troar do **Clarim** se ouvirá.  
Muito nobre missão é a sua  
— Só verdade ao povo dirá.

Onde o vício estiver escondido,  
Receando o castigo afrontar,  
**O Clarim**, que é audaz, destemido,  
Com certeza o irá encontrar.

A virtude êle rende seus peitos,  
Êle quer que se cumpra o dever  
E do povo os sagrados direitos  
Se propõe com vigor defender.

Custa o número avulso comprado  
De **quarenta reais** a quantia;  
Por tal preço é o povo inteirado  
Dos melhores petiscos do dia”.

(1) Alfredo de Carvalho (obra citada) fez duplo registo d’O **Alfinete**, sob os ns. 513 e 652. São idênticos, menos quanto ao ano: ao primeiro atribuiu 1872; ao segundo 1878. O primeiro não existiu.

(2) Segundo O **Cacete** (28/8/1878), Th. Moura era o redator d’O **Alfinete**.

Lia-se no artigo de abertura: “**O Clarim** é um jornal escrito para o povo. Propondo-se a defender todos os seus direitos, a promover a garantia de tôdas as suas liberdades, a instruí-lo de todos os seus deveres, não poupará esforços para o bom desempenho de sua missão. É este o seu programa”. E acentuou: “... não enfeitará suas frases com franjas e arrendados, que servem muitas vêzes para encobrir as mais calvas mentiras”.

De princípio, ocupou-se o periódico em dar combate à oligarquia do Barão de Vila Bela, Domingos de Sousa Leão, líder da corrente liberal dos “leões”, que ocupava o poder. “Em Pernambuco — frisava — só se pode ser hoje Sousa Leão ou Siqueira”, ao que se seguiu uma lista de 15 parentes daquela família nomeados para cargos importantes.

As eleições de 5 de agôsto, para deputados federais, foram, em continuação, assunto de tremendas críticas do jornal, inclusive ao presidente da Província, Adolfo de Barros, e aos candidatos eleitos, tirados “do bolso” do chefe Luiz Filipe de Sousa Leão, entre êles mencionado, com mordacidade, Joaquim Nabuco. Paralelamente, ataques eram desferidos contra os órgãos que faziam a política dos “leões”, como **O Alfinete**, **O Guarda Civica** e **A Situação**.

Além da matéria em prosa, cada edição continha boa quantidade de versos satírico-humorísticos, em quadras, oitavas e glosas, nos quais eram levados ao maior ridículo os elementos situacionistas, a salientar, nas edições de 26 de outubro e 9 de novembro, a “Galeria dos Tartufos”.

Geralmente bem redigida, a fôlha conservadora circulou, com algumas lacunas, até 21 de dezembro, quando saiu o nº 16. E voltou — nº 1, ano II — a 18 de janeiro de 1879, fazendo votos ardentes de grandes felicidades aos leitores. Continuará dizendo verdades “nuas e cruas”.

Realmente, assim o fêz. Mas por pouco tempo, extinguindo-se a vida d’**O Clarim** após a publicação do nº 3, datado de 1º de fevereiro (**Bib. Púb. Est.**).

**O REBATE — Periódico Político, Crítico e Satírico** — Sem que exista comprovante da edição inicial, circulou o nº 2 no dia 20 de agôsto de 1878, formato de 27x20, com quatro páginas, dizendo-se impresso em tipografia própria. Proprie-

dade “de um triunvirato”. Preço do exemplar — 40 réis. Inseriu artigos políticos de condenação à oligarquia, pugnando pela vitória das hostes liberais nas eleições em expectativa. A seção “Boatos” encheu duas páginas de trepações políticas.

Ainda circulou o nº 3 (1), datado de 27 de agosto, anunciando a inauguração de “um clube republicano”, para “fazer propaganda, por meio de escolas primárias, da história do Brasil e de explicações da Constituição, de conferências públicas, do órgão do Clube”. Noutro artigo, criticou a linguagem atacante d’O Clarim. Mais “Boatos” e “Trocadilhos”, em versos (Bib. Púb. Est.).

O GUARDA-CIVICA — Político e Noticioso — Destinado a sair às quartas-feiras, apareceu a 21 de agosto de 1878, com quatro páginas de duas colunas, no formato de 22x16. Impresso na tipografia d’A Duqueza Linguaruda, vendia-se o exemplar a 40 réis.

Declarou, em conciso artigo-programa, ser um “soldado do povo”, apoiando o partido do povo — o Liberal, porque nêlo o povo podia “expandir seus sentimentos e seus interesses”.

“Liberal até a medula”, dispunha-se a “morrer pela liberdade — viver pela liberdade”.

Em prosa e verso, tudo sem assinatura, O Guarda-Civica atacou e satirizou, nessa primeira edição, o Partido Conservador e seus maiores. Até o ligeiro noticiário era de caráter político.

No nº 3, aparecia no cabeçalho: Editor e proprietário — João Benigno Ramos da Silveira, e declarava-se impresso em tipografia própria, embora inalterada a feição material.

O renitente semanário seguiu à risca o programa enunciado, incluindo nos seus ataques a imprensa conservadora, principalmente O Clarim, O Debate e o diário O Tempo.

---

(1) Alfredo de Carvalho mencionara o nº 2 como tendo sido o último publicado.

O nº 5 e último foi dado à publicidade no dia 18 de setembro (**Bib. Púb. Est.**).

O **CACETE** — **Periódico Político, Crítico e Religioso** — “Publicação incerta”, surgiu a 28 de agosto de 1878, com quatro páginas, formato de 32x22, a duas colunas de 16 cíceros. Preço do exemplar — 40 réis.

Lia-se no artigo de apresentação: “**Cacete** é um pouco de tudo: **clarim** do bom senso; **rebate** da justiça e da verdade; **alfinete** dos velhacos; **ensaio jurídico** do povo que fala bom português; **futuro** (1) de quanto tratante há por este império de luminárias”.

Mais adiante, explicou o editorialista: “**O Cacete** foi o símbolo de **Mercúrio**. O lastro senatorial de Roma é, nada mais, nada menos, o **cacete**. O cajado de São Pedro é o **cacete** nas mãos do catolicismo (misericórdia!). O cetro real é, ainda, o **cacete**, a presidir a “larga evolução” da vida de um povo”.

“Agora, sua profissão de fé. Em religião, é, e nem podia deixar de ser, católico, apesar de sua conduta às vezes equivocada para com frades e freiras, rosários e bentinhos; em política, acompanha o “clubes nacional”.

Divulgou, apenas, as seções “Fatos da Semana” e “**Cacetadas**”, a cargo, respectivamente, de **Au Revoir** e **Heracles**, constituídas de notas satíricas e de crítica.

Não existe comprovante do nº 2. O nº 3 só veio a publicar-se no dia 10 de junho de 1880, ano II, assim justificado: “É nas grandes ocasiões que êle revive, como a Fenix da Fábula”.

“Nada de retórica e nada de insultos” — era sua divisa. Inseriu matéria mais variada, inclusive artigo de crítica à “periodicomania” (2) e interessante Correspondência de **O Velho Liberal**, procedente do município de Bonito.

Foi a derradeira **cacetada** (**Bib. Púb. Est.**).

(1) As palavras grifadas no tópico eram títulos de outros periódicos então existentes no Recife.

(2) Escreveu o redator d'**O Cacete**: “Quem quiser ver uma coisa



**O COMMERCIAL** — Exclusivamente Consagrado ao Comércio desta Província — Propriedade “de uma Associação” e impresso na tipografia situada à rua Estreita do Rosário n<sup>o</sup> 30, 1<sup>o</sup> andar, entrou em circulação no dia 1 de setembro de 1878, obedecendo ao formato de 32x23, com quatro páginas de três colunas. Assinatura mensal — 1\$000, sendo o pagamento adiantado. Gerente e có-proprietário — Manuel Faustino de Lemos Amaral.

O artigo de apresentação focalizou a situação do país, declarando inicialmente: “Tudo vai mal, muito mal, neste país de manequins e mesureiros do rei”. Aludiu à farça ridícula da emancipação dos escravos”; à política em “completa anarquia” e ao comércio, finalmente, “verdadeiro bode expiatório”, prontificando-se a indicar ao governo as “conveniências palpitantes” dessa “importante fonte de riqueza pública”. **O Commercial** — concluiu — “saberá honrar o título que o distingue e nobilita”.

Órgão “Editorial, Ineditorial, de Direito e Noticioso”, franqueou suas colunas aos interessados e iniciou, em rodapé, a inserção do romance “Mistérios de Fortuna”, sem assinatura e sem chegar ao fim.

Fiel ao programa que se traçara, quase sem anúncios, **O Commercial**, que circulou regularmente, cada semana, teve sua vida encerrada com o n<sup>o</sup> 8, de 22 de outubro (**Bib. Púb. Est.**).

**A TEMPESTADE** — Crítico e Satírico — Entrou em circulação no dia 5 de setembro de 1878, formato de 31x22, com quatro páginas a duas colunas de composição e excessivas margens em branco. Redatores — **Aqua, Terra, Ignis e Aer.**

---

muito curiosa vá à tipografia assistir o sair à luz qualquer jornal acadêmico, pela primeira vez. Nenhuma parturiente é cercada de tantos desvelos, e creio até que **nem a Mãe do Nazareno foi tão festejada**. Os redatores ali se encontram a cada hora, inquietos, a assistirem a **composição** (período da gestação) e, no dia, então, de **vir à luz** é uma sofreguidão. uns cuidados que até atrapalham os operários; não vão almoçar, nem ceiar, todos; ficam alguns a fazer **quarto**, e só descansam quando recebem nas mãos, ébrios de alegria, o fruto de tantos cuidados, de tantos desvelos, de tantas insônias. Mas isto é só quando **sai à luz** o primogênito. Do segundo em diante a coisa esfria, e só aparece na tipografia um ou dois redatores mais interessados, até que afinal não aparece mais um só; e... foi uma vez um jornal”.

Impresso na Tipografia Industrial, estabeleceu o preço de 40 réis por exemplar. Constou do cabeçalho:

“... dum graves Cyclopum  
Vulcanus ardens urit oficinas...”

Ocupou tôda uma página o editorial de apresentação, assinado por **Os Quatro Elementos**, focalizando o “império netuniano” e suas “maravilhas ignotas”, para terminar, após a sentença “**Ridendo castigat mores!**”: “Então começamos a escrever **A Tempestade**, de cujo furor pedimos que se acautelem as suscetibilidades hipócritas”.

Apareceu, novamente, “em campo” no dia 12, “para cumprir a sua espinhosa missão de açoutar, da nossa sociedade, os males que a acabrunham”.

Um dos objetivos precípuos do jornal, nos seus dois únicos números, foi criticar, com a maior dose de sarcasmo, a eleição de Joaquim Nabuco para deputado geral, o que fêz na paródia “O filhote e o povo” (1) e no editorial da segunda edição. Nos folhetins, intitulados “Aerolitos”, seu autor, **Ignis**, terminava saudando a fundação do Clube Republicano.

Por não se haver publicado o nº 3, ficaram em meio do caminho (na 20ª oitava) as “Ciclópicas”, assinadas por **Os Cíclopes** e constituídas de versos decassílabos, e as “Sessões no Averno”, em prosa altamente satírica (**Bib. Púb. Est.**).

A **IDÉA — Periódico Político, Científico e Literário** — Pretendendo circular bissemanalmente, saiu o nº 1 a 4 de outubro de 1878, formato de 32x23, com quatro páginas de

---

(1) Assim começou a versalhada, parodiando o poema “O Livro e a América”, de Castro Alves:

“Nascido p’ra qualquer cousa,  
P’ra viver na ilusão,  
O Nabuco dentro d’alma  
Sente os vermes d’ambição!  
Chegando o prazo infeliz  
D’eleições, eis que lhe diz  
Do orgulho a grande soma:  
— Vai, meu ilustre Nabuco,  
As plagas de Pernambuco  
E traz de lá teu diploma!”

duas colunas largas. Direção de O. F. da Silva Filho. Assinaturas para o Interior e Exterior: \$500 e \$600 mensais, respectivamente.

Vinha, segundo o artigo-programa, “empregar todos os esforços para espancar as trevas da ignorância e concorrer com seu óbolo, ainda que diminuto, para a grande obra da regeneração por meio do derramamento das luzes científicas”. Tais “as razões que levaram **A Idéa** a surgir na arena da Imprensa”.

No editorial seguinte, pregou a necessidade da “libertação nacional”, com uma “Constituição verdadeiramente moralizada”, condenando o poder pessoal do Imperador e a inutilidade dos partidos políticos existentes. Girondino Rimar escreveu “Instrução, depois... religião” e o folhetim “Reminiscências”, completando a edição poesias de **Gilbert** e do diretor, e uma charada em versos.

Não passou do primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

1 8 7 9

**ALMANAK DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO** — Para 1879 — Edição de 165 páginas, formato de 17x11, saiu a lume nos primeiros dias do mês de janeiro. Apresentou regular quantidade de informações úteis, além do Calendário. Aspecto material lisonjeiro, bom papel e impressão nítida.

No volume encadernado acha-se omitida a página de rosto (**Bib. Púb. Est.**).

**A PRINCEZA LINGUARUDA** (1) — “Filha legítima da defunta **Duqueza do Linguarudo**”, circulou o nº 1 a 17 (2) de janeiro de 1879, no mesmo formato de 37x26, incluindo largas margens de papel, com três colunas de composição e quatro páginas, sendo impressa em tipografia própria, à rua da Viração nº 39. Sobre o título, colocado abaixo do centro da página, via-se o clichê (14 cm. de altura), confeccionado em madeira, de uma “princesa” sentada no tro-

---

(1) Não “**A Princesa do Linguarudo**”, conforme consta dos “Anais” de Alfredo de Carvalho.

(2) Não no dia 24, como registou a obra citada.

no, coroada, de cetro à mão, tendo em cada lado seis quadras, nelas expresso o expediente do jornal, encimadas pelos slogans “Liberdade, Igualdade, Fraternidade” e “Viva o governo do povo pelo povo”. Os versos diziam:

Nas sextas-feiras passeio  
Pelas ruas da cidade,  
Para defender o povo,  
Seu direito e liberdade.

Quem quiser se divertir  
Ou comigo namorar,  
Venha à rua da Viração,  
Onde pode me encontrar.

A tirania eu combato,  
Apesar de ser Princeza;  
Detestando a fidalguia,  
Que m’importa com a nobreza?

Meu palácio é conhecido,  
Tem o número trinta e nove,  
Onde combato os tiranos  
Que do povo não se comove.

Um mil réis por quatro meses  
É meu preço e meu valor,  
Quem quiser ter o gostinho  
De comigo ter amor.

Publicações eu aceito,  
Salvando as vidas privadas.  
Qualquer que seja o assunto  
Serão logo publicadas.

Para fora da cidade  
Mil e quinhentos serão,  
Se me quiserem amar  
No íntimo do coração.

Quem tiver algum segredo  
Para de mim confiar,  
Corra logo ao meu palácio,  
Que nêle há de me achar.

Assim que me receberem  
Empreguem todo cuidado,  
Dando logo meu valor,  
Que é sempre adiantado.

Sòmente peço ao povo  
A sua coadjuvação,  
Defender os seus direitos,  
É esta minha missão.

Por um preço diminuto  
Sempre o povo encontrará,  
Com os seus quatro vintens,  
Quem o defenda terá.

Debelar a monarquia  
É tôda minha firmeza,  
Pisar todos os fidalgos  
Sendo eu uma **Princeza**.

Apesar da versalhada-programa, não faltou o artigo de apresentação, dando a origem e as qualidades de “prudência, nobreza, civilidade, sabedoria, respeito e honradez” da **Princeza**. a par de explicações porque era **Linguaruda**. Outros artigos: “As razões de minha aparição”, “Minha genealogia”, “Quais são os governos bons”, “A situação do país”, “A nova situação política”, “A fome” e “Coisas velhas”. Um aviso final, intitulado “Quem quiser que venha”, dizia: “A **Princeza** oferece-se para defender os direitos do povo, sua

liberdade, qualquer que seja o matiz político a que pertencer o ofendido”.

Não obstante a encenação feita, o pretense semanário estancou, apenas pôsto em circulação o nº 2, datado de 31 de janeiro, no qual, em meio aos artigos e notas ligeiras, teceu encômios às personalidades políticas de José Mariano Carneiro da Cunha e do Barão de Nazaré. Ocorreram alguns versos pitorescos. E ficou nisso (**Bib. Púb. Est.**).

**A VOZ DO NORTE** — “Com êste título — noticiou **O Tempo**, edição de 15 de abril de 1879 — encetou-se, nesta cidade, a publicação de um periódico político, industrial e noticioso, cuja missão especial, segundo escreve em seu artigo editorial, é “advogar os interêsses desta parte do império, tão esquecida e espesinhada pelo govêrno”.

Ao que tudo indica, não passou do primeiro número, que foi publicado no dia 12.

**O NACIONAL — Órgão Republicano — Liberdade, Igualdade e Fraternidade** — O nº 2 (não existe comprovante do primeiro) circulou no dia 29 de maio de 1879, formato de 37x25, com quatro páginas de três colunas e excessivas margens em branco. Constavam do cabeçalho as sentenças: “O govêrno de um país não pode nem deve ser herança de uma família. Abaixo as mistificações! Quem não é por nós é contra nós. A soberania dos povos está acima dos governos”. Impresso na tipografia d’**O Livre Pensador**, destinava-se a sair uma ou duas vêzes por semana, quando possível “e em dias indeterminados”. Redação à Travessa do Carmo nº 7. Assinaturas: ano — 10\$000; trimestre — 3\$000; para fora da cidade: 12\$000 por ano e 7\$000 por semestre.

Abriu a edição uma Circular, em que se solicitava a coadjuvação dos leitores, mencionando como programa: “pugnar pelos interêsses de todos”. A seguir, em vibrante editorial, advertia o não identificado redator: “... o Brasil não pode continuar, por mais tempo, debaixo do aniquilador sistema de govêrno monárquico constitucional”. Noutro, acusava o Partido Liberal de haver prometido muito quando estava no ostracismo, sem nada realizar quando detinha o poder. Completou a edição pouco mais de uma página de literatura.

Vivendo curta existência, **O Nacional** cumpriu seu programa político, que incluía censuras à administração provincial. Divulgou artigo de Romualdo Alves de Oliveira, republicano e xenófobo; poesias de Vilhena Alves e **Ortsac Sezenem** (anagrama); conto de P. A. Alarcon; variedade e noticiário.

Circulando em datas irregulares, publicou-se o nº 6, que foi último, no dia 16 de julho (**Bib. Púb. Est.**).

**O OPERÁRIO** — Publicação semanal, em dias indeterminados, saiu o primeiro número a 17 de maio de 1879, com quatro páginas, obedecendo ao formato de 37x26, a três boas colunas de composição. Trabalho material da Tip. Mercantil, à rua do Tórres nº 10. Sob o título, trazia a divisa (de Lemercier): “A legislação civil deve abandonar os princípios do direito romano e do direito feudal, para apoiar-se nas doutrinas da filosofia moderna”. Tabela de assinaturas: bimestre (capital) — 1\$000; trimestre (interior) — 2\$000, mediante pagamento adiantado.

Constou do artigo-programa a seguinte exclamação: “Operários, regeneremo-nos e trabalhemos resolutos, porque havemos de vencer! Nós, **O Operário**, mostrando-vos o caminho, arrancando-vos ao letargo em que vos haveis deixado ficar, prosseguiremos levando à choupana do proletário a senha da regeneração social: Instrução! Trabalho! Liberdade!”

Noutros editoriais, atacou a política dominante, clamando pela Liberdade. Seguiram-se as seções: “Artes”; “Folhetim”, por **Aurélius**; “Literatura”, prosa de **Niro-Vosahilo** e poesia de J. C. Ribeiro da Silva; “Noticiário” e “Avisos”.

Não ficou no primeiro número (1), pois o quinto saiu a 20 de julho. Os editoriais do nº 4 pugnavam pelo voto direto e pela abolição da escravatura. Colaboração, ainda, de **Stello** e transcrição de Guerra Junqueiro (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**) (2).

**O PROTESTO** — **Periódico Conservador Acadêmico** — Apareceu a 20 de maio de 1879, tendo como redatores Ban-

(1) Alfredo de Carvalho (obra citada) registara o nº 1, aliás dubiativamente, como tendo sido “único”.

(2) Na Biblioteca Pública do Estado encontram-se os ns. 1 e 4. Na Biblioteca Nacional, os ns. 4 e 5.

deira de Melo, Jaime Rosa, Tarquinio de Sousa Filho, José Augusto de Sousa, Augusto da Câmara, C. P. e Oliveira, Isaias de Almeida, Sancho Bittencourt, Fulgêncio Simões e Viveiros de Castro. Impresso na Tip. Mercantil, de C. E. Muhlert & Cia., formato médio de quatro boas colunas, tinha redação à rua Visconde d'Albuquerque nº 26, 2º andar. As assinaturas trimestral e mensal custavam, respectivamente, 3\$000 e 1\$000.

O editorial de apresentação, de Jaime Rosa, comentou o "tristíssimo aspecto" da situação política dominante, aludindo à "violação das leis", ao "menosprezo dos interesses reais da sociedade", ao aviltamento da imprensa e outros aspectos negativos do gabinete de 5 de Janeiro, o que levou a mocidade acadêmica a manifestar-se através de um jornal, a fim de exercer "uma censura severa, mas comedida, sobre os atos da administração".

Quase todos os redatores escreveram artigos assinados, completando a edição um poemeto de Virgílio Brigido (**Bib. Púb. Est.**).

Segundo os "Anais", de Alfredo de Carvalho, a publicação continuou, pelo menos até o nº 9, de 11 de outubro do mesmo ano.

**GAZETA ACADEMICA DE SCIENCIA E LETTRAS** — Revista mensal. deu à publicação o nº 1, ano I, em maio de 1879, formato de 23x15, com 40 páginas de duas colunas largas, fora a capa. Impressão da Tip. do **Correio da Noite**, à rua do Imperador nº 77. O corpo redacional estava assim constituído: 5º ano — João B. de Melo Peixoto e Antônio Ibiapina; 4º — Artur Leal Ferreira e M. Nascimento Castro e Silva; 3º — J. M. C. Moniz Freire, J. Homem de Siqueira Cavalcanti e Virgilio Ramos Gordilho; 2º — Urbano Santos da Costa Araújo, Manuel Lopes da Cunha e Alfredo Raposo Barradas. Preço do exemplar — 1\$000, acrescido de \$200 para fora da capital.

Surgiu a *Gazeta Academica*, "no vasto campo das pugnas intelectuais, como um lidador modesto e desprezioso", simbolizando "uma luta hercúlea contra os elementos conspiradores de inação e indiferentismo".

Acentuava, depois, o artigo de apresentação: "Aqui não faremos monopólio de crenças nem de idéias; assentes no

princípio de que só a discussão franca pode engendrar a certeza, nossa bandeira não terá côres, não fomentaremos ódios”.

Ao editorial assinado **A Redação**, seguiu-se um adendo de Artur Leal Ferreira, que dizia estar solidário com tudo quanto dizia respeito à revista, menos no que afetava às suas crenças religiosas. Mais artigos sobre Direito e Literatura, assinados por quase todos os redatores.

O nº 2 circulou no mês de junho (1), com duplicada quantidade de páginas, anunciando achar-se a redação instalada na rua Barão de São Borja nº 43. A colaboração esteve, entre outros, a cargo de Artur Leal Ferreira, Urbano Santos, Alfredo Raposo Barradas, João B. de Melo Peixoto, J. M. C. Moniz Freire e J. Homem de Siqueira Cavalcanti (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**) (2).

**GAZETA DA TARDE — Periódico Político, Noticioso, Literário, Comercial e Agrícola** — Surgiu no dia 4 de junho de 1879, formato de 31x22, com quatro páginas de três colunas, sendo impresso na Tip. Mercantil, à rua do Tôres nº 10. Tabela de assinaturas: ano — 6\$000; oito meses — 4\$000; quatro meses — 2\$000; para fora da capital: 7\$000, 5\$000 e 2\$500, respectivamente, mediante pagamento adiantado. Publicação bissemanal. Redação à rua Duque de Caxias nº 71.

A **Gazeta da Tarde** era a tradução do “pensamento generoso” de alguns moços que não desesperaram da salvação do país, que mãos inábeis estavam “prestes a precipitar no abismo”. E hasteava a bandeira conservadora, “êsse lábaro com que nossa pátria tem obtido os melhores de seus triunfos”, propondo-se a combater a corrupção, sustentar os bons princípios e defender o povo, pugnando pelas suas legítimas aspirações.

Seguiram-se artigos redacionais de crítica ao gabinete de 5 de janeiro e à política liberal; uma parte de “Literatu-

---

(1) No registo dos “Anais”, Alfredo de Carvalho mencionara, apenas, a existência do primeiro número.

(2) Encontrado um só comprovante em cada uma das duas Bibliotecas, o primeiro dêles na Estadual, havendo outro exemplar do mesmo em poder do colecionador particular historiador Manuel Albano Amora, residente na capital do Ceará.



ra”; outra de “Variedades” (charadas) e, finalmente, a “Resenha Noticiosa”, bem fértil.

Continuou sua rota, servida de editoriais de combate à política situacionista, detida pelos liberais; outros versando assuntos diferentes, principalmente Agricultura e Instrução Pública.

No mês de julho, além da premiação dos decifradores de charadas, vigorou um concurso de glosadores, pouco concorrido, cujo vencedor recebeu “três moedas de prata” de diferentes nacionalidades. Publicou correspondência de Paris e, na parte literária, concluiu (27 inserções seguidas) a tradução “Do papel das emoções na vida da mulher”, de autoria do médico francês L. Cerise. De vez em quando, surgiam versos de J. C. Ribeiro da Silva e de raros outros poetas.

Enquanto isto, a **Gazeta da Tarde** mantinha oposição ao governo provincial exercido por Adolfo de Barros, congratulando-se, na edição de 19 de setembro, com sua substituição. “Dêle — acentuou o editorialista — só se pode dizer que foi uma calamidade para esta província”.

Com tiragem declarada de mil exemplares, o periódico veio a ter o formato aumentado a partir do nº 32, de 3 de outubro, páginas de quatro colunas a 12 cíceros, tendo mais vida os caracteres do título. Elevou o preço das assinaturas: na razão seguinte: semestre — 6\$000; trimestre — 3\$000; fora da cidade — 7\$000 e 3\$500, respectivamente. A impressão mudara-se, desde o nº 23, para a Tipografia Central, à rua do Imperador nº 75.

Criava-se, assim, “mais espaço para defesa dos múltiplos e segrados interesses” dos leitores, a par de alguns anúncios. Abriu uma “Coluna Neutra”.

Em artigos bem elaborados, o bissemanário continuou a criticar o Gabinete Sinimbu. Na parte literária admitiu a colaboração de José Vicente Meira de Vasconcelos, João Diniz Ribeiro da Cunha (postumo) e Batista Regueira (os dois últimos assinando poesias), além de transcrições. Voltou (edição de 8/11) a lamentar a “decadência desta grande província de Pernambuco, tão bem fadada pela Natureza”.

Terminou com o nº 51, de 17 de dezembro, quando a redação se despediu dos leitores, prometendo voltar em 1880,

impresso em nova tipografia, que estava sendo montada. Todavia, não reapareceu (**Bib. Púb. Est.**).

**PROVINCIA DE PERNAMBUCO — Fôlha Liberal** — Fundada, segundo o registo dos “Anais”, a 21 de junho de 1879, restam arquivados dois únicos comprovantes: o nº 14, de 11 de outubro, e o nº 19, de 27 de novembro. Apresentava amplo formato, quatro colunas de composição a 15 cíceros, com quatro páginas, exibindo o slogan “**Et veritas liberabit vos**”. Impressão da Livraria Universal, à rua do Imperador nº 52. Assinatura trimestral — 3\$000, ou 4\$000 para fora da cidade. O editor, que era Manuel Ferreira Rabelo, foi substituído, no nº 19, por Anastácio Alexandrino de Sales Dutra, administrador da empresa.

Repletos de matéria política, o nº 14 divulgou, sobretudo, extenso “Manifesto perante a opinião pública do país”. O nº 19 especializou-se em ataques ao diário conservador **O Tempo e A Liberdade**, periódico ligado à facção liberal dos leões (**Bib. Púb. Est.**).

A publicação continuou, ainda consoante Alfredo de Carvalho, saindo o nº 20 a 6 de dezembro e os ns. 1 a 6, ano II, entre os dias 15 de janeiro e 20 de março de 1880, impressas as duas últimas edições na Tipografia Industrial. Redator principal — Bemvindo Gurgel do Amaral.

**A METRALHA — Periódico Popular** — Saiu a lume no dia 20 de julho de 1879, pequeno formato de 22x16, com quatro páginas, prometendo publicar-se todos os domingos. Assinatura trimestral — \$500, acrescidos de \$200 para fora da capital. Preço do exemplar — \$040. Impresso na Tipografia Filantrópica, à rua da Viração (atual Filipe Camarão), nº 39, lá mesmo funcionava a redação.

“Seu único trilho que tem de caminhar — lia-se no artigo-programa — é a defesa do povo, sendo contra os salteadores políticos, quer sejam republicanos, conservadores ou liberais, que vivem à custa dos sofrimentos do povo, enganando-o constantemente”. Não guardaria conveniências políticas, metralhando de perto quem quer que caísse em falta.

Constou a edição, unicamente, de artigos contra o regime, contra os falsos liberais e contra a administração pública (**Bib. Púb. Est.**).

Consoante o registo de Alfredo de Carvalho, o segundo e último número circulou a 27 do mesmo mês.

**REVISTA PROGRESSISTA** — Impressa na Tipografia Filantrópica, em pequeno formato, “saiu à luz no dia 6 de setembro pelo dêste periódico enciclopédico, de redação dos srs. José Ribeiro da Fonseca Braga, Marcelino Cleto e Xisto Cruz”.

Tal a notícia divulgada a 11 de setembro de 1879, pelo **Diário de Pernambuco**, o qual, na edição do dia 26, também anunciou haver circulado o nº 2. Nada mais disse.

O **PHAROL** — Estreou a 16 de setembro de 1879, formato de 25x18, com quatro páginas de duas colunas, tendo como redatores F. F. S., F. B. e E. F., ou seja, Filipe Figueiroa Sobrinho, Fernandes Barros e Elísio Fonseca. Trabalho gráfico da oficina do **Diário de Pernambuco**, à rua Duque de Caxias nº 42. Tabela de assinaturas: trimestre — 1\$500; mês — \$500; fora da capital — 1\$700 e \$560, respectivamente. Número avulso — \$400.

“Não pertence a nenhum dos matizes políticos — lia-se no editorial de apresentação — sendo seu fim somente pugnar pela justiça e pelo Direito. Sua divisa — a imparcialidade”. Embora “redigido por penas ainda jovens”, mas cheias “de amor à pátria e ao progresso”, combateria, “em termos vigorosos”, a corrupção, os desmandos e “os excessos e abusos do desprestigiado governo”.

Seguiram-se os artigos “Desordem na moral do governo” e “Instrução popular”, assinados por E. F., sendo a última página tôda de versos de F. F. S. e Castro Filho.

O segundo número duplicou o formato, saindo com três colunas de 16 cíceros. A par da matéria política, constante de ataques à Monarquia e ao governo liberal, tiveram início, na parte literária, o “Folhetim”, assinado por Jefc, e a “Crônica”, por Swift, que focalizou a união da mocidade acadêmica em prol da abolição da escravatura (**Bib. Púb. Est.**).

Ao que consta dos “Anais”, a publicação estendeu-se até o nº 4, datado de 9 de outubro.

**TRIBUNA DO POVO** — **Fôlha Republicana** — Trazendo sob o título o slogan “Voz do povo, voz de Deus”, entrou em

circulação no dia 5 (1) de novembro de 1879, obedecendo ao formato de 31x22, com quatro páginas a duas colunas largas de composição. Impressa na Litografia e Tipografia, a vapor, de J. E. Purcell, à rua Vigário Tenório nº 19, aí se instalou também a redação. Custava 10\$000 a assinatura anual e 5\$000 a semestral; para o interior — 12\$000 e 6\$000, respectivamente.

Na última página vinha o Aviso: “Esta fôlha não promove assinaturas, que aliás aceita, começando a entrega dos números depois do respectivo pagamento. Queremos evitar por nossa parte que algumas pessoas continuem a considerar o jornalismo político como sendo um — mendigo de casa; e assim estabelecemos o preço de 40 réis por cada fôlha, e assim estará o nosso jornal ao alcance de tôdas as classes. Aceitará com especial agrado a exata informação dos fatos e de quaisquer ocorrências dignas de menção. Discutirá, no interêsse da justiça e do direito, as questões forenses e administrativas, sempre que ficar a redação habilitada por documentos e provas. Defenderá sempre a causa da justiça, e principalmente profligará os abusos, a opressão exercida contra os fracos, e denunciárá a barbaridade com que entre nós é executada a prisão”.

A matéria da primeira edição constou, unicamente, de dois longos artigos de apresentação, cada um de duas páginas, em tipo corpo 7, batido. O primeiro, sob o título “Cidadãos brasileiros, povo pernambucano de tôdas as classes!”, dizia, a certa altura:

“Despertai, povo americano do Sul: despresai a curiosidade estéril e frívola de conhecerdes quem vos dirige a palavra. Sou a **Tribuna do Povo**. Sou o brado nacional aflito, que vem denunciar ao mundo que D. Pedro II, imperador do Brasil por Graça de Deus e Aclamação dos povos, príncipe nascido nestas terras americanas, treme ante a só perspectiva da liberdade, a qual se aproxima sem ameaças!”.

“Os reis foram sempre inimigos da liberdade, porque não amaram nunca a justiça, que é e será sempre o horror dos privilégios, mormente do que de todos é o mais odioso — a Monarquia, destinada a perpetuar o império do obscurantismo”.

---

(1) Não no dia 8, como consta dos “Anais”.

O segundo e longo artigo, redigido em forma de diálogo entre a **Tribuna** e “o Respeitável Público”, focalizou a política liberal da província, dividida entre **leões** e **cachorros**. Concluiu dizendo que a redação conserva “rigoroso incognito”.

Proseguiu sua missão de defensor dos princípios enunciados, polemizando com o diário conservador **O Tempo** e retransmitindo resumos do serviço telegráfico do Sul do país, extraídos das publicações diárias. Bateu-se por uma “Constituinte soberana e livre”, pela “extinção do poder moderador e do Conselho de Estado” e pelo “Senado temporário”.

Como era comum, teve curta duração a vida da **Tribuna do Povo**, finando-se com o nº 5, de 24 de novembro (**Bib. Púb. Est.**).

1 8 8 0

**O ECHO DA TORRE — Fôlha Gastronômica** — Número único, datado de 8 de janeiro de 1880, apresentou-se no formato de 22x16, com quatro páginas. Dava-se “um exemplar a quem comprasse outro”, mas o preço era um simples “zero”.

O editorial de abertura, assinado por **Sancho-Pança**, recheado de humorismo, terminou convidando os leitores a comparecerem ao **Restaurante Campestre**, ao ensejo dos tradicionais festejos da **Capela do subúrbio da Torre**.

Bem redigido, tanto em prosa quanto em verso, só focalizou mesmo assuntos gastronômicos, como órgão oficial da mencionada casa de pasto (**Bib. Púb. Est.**).

**O DEMOCRATA — Órgão do Clube Dêste Nome** — Saiu a lume no dia 14 de fevereiro de 1880, em formato acima de médio, com quatro boas colunas de composição. Sob o título, a divisa: “Ordem e Progresso”. Impresso na **Tip. Industrial**, à rua das Cruzes (atual rua Diário de Pernambuco) nº 18, e instalada a redação na rua Barão da Vitória (hoje rua Nova) nº 7, assinava-se a 2\$000 por trimestre.

O longo artigo-programa (uma página e meia de considerações em torno da necessidade da implantação de um re-

gime verdadeiramente democrático) assim concluiu: "... a Monarquia tornou-se um impossível com a felicidade nacional".

Seguiram-se prolixos editoriais sôbre Economia e Finanças, Instrução e Educação.

Teve seguimento normal, semanalmente, pregando a necessidade da republicanização do país e atacando a administração provincial. Eram longos editoriais doutrinários sôbre política, Economia e História, a salientar a série "Luiz do Rêgo Barreto"; mais transcrições de Teófilo Braga, folhetins, literatura geral e artes. **Rusticus** escrevia sôbre temas agrícolas. Liam-se poesias de Martins Júnior, João de Deus e Mariano Augusto. Transcreveu as produções de **Timandro**, em série, sob o título "O libelo do povo", da imprensa carioca. No nº 26 iniciava-se a publicação do "Catecismo Republicano", de autoria de Carrilho Videira e Tavares Bastos, ocupando duas páginas a primeira inserção.

Jornal sisudo e de boa apresentação gráfica, eram seus prováveis redatores Antônio Carlos Ferreira da Silva, Antônio de Sousa Pinto e Landelino Rocha, sendo êste secretário do Clube Democrata.

Encerrando o ano com o nº 38, de 11 de dezembro, saíu o 39º a 15 de janeiro de 1881. Foi o último encontrado na pesquisa, possivelmente terminando aí a vida d'O Democrata (**Bib. Nac. e Bib. Pú. Est.**) (1).

**A EMULAÇÃO** — Fôlha educacional, impressa na tipografia de A. P. S. Soares, à rua Nova nº 30, formato pequeno, com quatro páginas, deu à luz o número primeiro a 15 de maio de 1880. Pretendia sair aos sábados, ao preço de 500 réis por assinatura mensal.

Destinava-se à publicação de todos os atos ocorridos no "Curso Primário e Preparatório", de que era órgão, e ao desenvolvimento intelectual dos alunos. O Curso dividia-se, segundo a descrição feita, em dois partidos — o Russo e o Turco, para efeito de debates, cada um com seu gabinete ministerial e respectivo parlamento.

---

(1) Na Biblioteca Pública do Estado só existem o nº 1 e outro exemplar.

A matéria acrescentavam-se uma “Parte da Polícia”, “Notas diversas” e “Variedades”, ocupando a quarta página o “Regimento interno”, assinado por Manuel Crisóstomo da Silva Braga”.

Não há notícia de haver circulado segunda edição (Bib. Púb. Est.).

**A IDÉA NOVA** — Tendo como redatores os acadêmicos Clóvis Bevilaqua, José Izidoro Martins Júnior e Clodoaldo de Freitas, publicou-se o primeiro número a 15 de maio de 1880, com oito páginas, formato de 31x21, impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 14. Sob o título vinha o seguinte conceito de Littré: “Todo aquêlê que, por pouco que seja, aumenta a soma da positividade dos espíritos, trabalha no sentido geral da civilização e presta um serviço social”.

No artigo de apresentação, com sua assinatura, Clóvis Bevilaqua traçou a profissão de fé dos redatores do pequeno jornal, terminando (duas e meia páginas) com o programa delineado. Além dos estudos críticos, como meta principal, dizia:: “Literatura, política, costumes, tudo analisaremos à luz dos nossos princípios”. Não discutiria individualidades, afastando de suas colunas a “reles criticazinha de jornal caricato, o pugilato indecoroso de injúrias e aleives e a análise incabida da vida particular do contendor”.

Mais dois longos artigos dos outros redatores e um de Artur Orlando, para continuar no seguinte, constituíram a matéria do primeiro número.

Publicaram-se mais duas edições, a última das quais datada de 30 de junho, sem alterar-se o corpo de colaboradores, que firmavam imensos artigos filosóficos ou literários, inclusive “O movimento intelectual da Academia de Direito do Recife”, de Clodoaldo de Freitas, que deveria ser concluído na edição subsequente, mas esta jamais apareceu (Bib. Púb. Est.).

**O CONSTITUCIONAL** — Órgão do Clube Constitucional Acadêmico — Deu à luz o nº 1 no dia 22 de maio de 1880, em bom formato de quatro colunas, sendo impresso na Tip. Central, à rua do Imperador ns. 73/75. Redação a cargo de Tarquinio de Sousa Filho, J. Augusto de Sousa, Henri-

que Domingues, F. Milagres, Artur Ribeiro, Viveiros de Castro, Miguel de Novais, Luiz Domingues, Tito de Lemos e Vieira da Silva.

Tratando-se de elementos conservadores — dizia o artigo de apresentação, assinado pelo primeiro dos redatores — pertencendo a uma Escola cuja idéia capital era a manutenção da Constituição, manteria o seu jornal “posição acentuatadamente definida, tolerância para as personalidades adversárias” e “intransigência de idéias”. Tal a sua “norma de conduta nos arraiais da imprensa política do país”.

Sòmente de artigos maciços constou a matéria do sisudo órgão, não havendo indício de ter continuado a publicação (**Bib. Pùb. Est.**).

O PETROLEO (1) — Publicação de bôlso, de uma só coluna de composição, a 20 cíceros, e apenas quatro páginas, saiu o primeiro número no dia 26 de maio de 1880, impresso na tipografia do **Correio da Noite**, à rua do Imperador nº 77. Com o título em diagonal, ladeava-o, à direita, o verso da “Marselhesa” “**Aux armes, citoyens...**”, com a respectiva assinatura de R. de Lisle, e, à esquerda, a tradução para o português. Preço do exemplar — 40 réis.

Só conteve mesmo o editorial de apresentação, em que dizia, inicialmente: “...faz ciente a todos os seus leitores que se destaca dos escrevinhadores mercenários, que empestam a livre e heróica terra de Nunes Machado”. Respeitaria “os caracteres honestos, os cidadãos sinceros e probos que desejam a prosperidade e engrandecimento do Brasil, sem deixar, por isso, de chegar o ferro em brasa na chaga pútrida do corpo social que lhe atrofia os sentimentos nobres e grandiosos, desmantelando o organismo político”.

Seguiu-se tremendo ataque aos “degenerados filhos de Pernambuco que hipòcritamente dizem-se liberais”, acentuando: “É chegada a hora do povo não sofrer mais”. “Ante o poder do povo nada é o poder dos mandões, dos áulicos, dos protegidos dessa parte da América. O poder oficial tem a baioneta, tem o canhão que assola e mata; o povo tem a faca de ponta, tem o punhal, tem o revólver e, mais que tudo isso, tem o petrôleo, que produz o mesmo efeito”.

---

(1) A grafia do título, na edição de estréia, saiu assim: **O Petrollo**.



Proseguiu, nas edições subsequentes, semanais, a mesma linguagem virulenta. No nº 4, de 19 de junho, rebateu críticas da “coluna alugada” do **Jornal do Recife**, focalizando os “traidores políticos”, os “saltimbancos do poder, verdadeiros cupins dos cofres públicos”.

Cada edição comportava um único artigo, visando, sobretudo, à ala liberal dos “leões” e, já no fim, a chacina de Vitória de Santo Antão. Circularam, ao todo, sete números, o derradeiro deles datado de 13 de julho (**Bib. Púb. Est.**).

**A REVOLUÇÃO — Periódico Político e Literário** — Surgiu a 1º de junho de 1880, formato de 38x27, com quatro páginas de três colunas, tendo como redatores Genaro Vampa e Franklin Vampa. Destinado a publicar-se semanalmente, custando 1\$000 a assinatura mensal, apresentou, uma de cada lado do título, as divisas: “O amor por princípio. A ordem por base. O progresso por fim” (A. Comte), e “**Salus populi suprema lex est**”, com a respectiva tradução: “A salvação do povo é a lei suprema”. Dizia-se “impresso em Paris, na tipografia do **Amigo do Povo**”.

Após declarar, no artigo de apresentação, que o Brasil marchava para uma hecatombe, com “um pé levantado sobre o abismo”, balouçando-se “à aresta de um precipício”, acentuou a redação: “... nós marchamos com aqueles que levantam a bandeira simpática e fascinante que tem tremulado sobre as ruínas de todos os despotismos, servindo ao mesmo tempo de faixa a tôdas as liberdades — a bandeira da Revolução! Somos partidários decididos dêsse direito supremo, dessa última razão dos povos”.

Outro editorial criticou a atitude da Câmara temporária liberal, “traidora e hipócrita”, seguindo-se o comentário “Coisas velhas”, por **Juvenal**, e o folhetim “Zig-Zag”, por **Frantz**, ambos pondo em ridículo os periódicos **Idéia Nova**, **Brasil Agrícola** e **A Liberdade**, este último filiado aos leões, assim chamados os elementos genuínos do Partido Liberal de Pernambuco. Houve, ainda, uma “Seção Econômica”, por **Marius**, encerrando a edição notas elogiosas ao “colega e correligionário” José Maria de Albuquerque Melo e um pouco de literatura satírica.

No segundo número, datado de 12 de junho e último publicado (1), continuou seu programa democrático, termi-

(1) Segundo a relação dos “Anais”, o nº 1 tinha sido “único”.

nando por aconselhar ao **Diario de Pernambuco**, ao qual repugnava a revolução: “Não tremam os colegas sem ter razão: o dia há de chegar e só sofrerá quem tiver culpa no cartório” (**Bib. Púb. Est.**).

**O ACADEMICO — Revista Científica e Literária** — Circulou pela primeira vez no dia 1 (1) de junho de 1880, com oito páginas de duas colunas de composição a 18 cíceros, impressa na tipografia d’A **Opinião** (2), à rua de Santa Rita nº 5.

Num artigo de quase duas páginas, Virgílio Brígido traçou o programa estabelecido. “Resume-se — frisou — em publicar o resultado de nossas vigílias — ciência e literatura”, adiantando: “Nada temos que ver com o indivíduo, discutimos idéias”.

Longos comentários foram assinados, no primeiro e nos seguintes números, pelos demais redatores: Figueiredo Carmargo, Elpídio de Mesquita, Carvalho de Mendonça e Antônio Rubim, além dos colaboradores. A par de assuntos jurídicos, divulgaram-se algumas poesias.

A primeira página do nº 3 prestou homenagem póstuma ao estudante Gabriel Cercalis da Câmara Gondim.

Circularam quatro números (3), o último deles datado de 15 de julho (**Bib. Púb. Est.**).

**O FUTURO REVELADO — Livro de Sortes Variadas** (1) — Apareceu em junho 1880, no formato de 17x11, com 114 páginas de papel acetinado. Sumário constituído de “assuntos do dia, seguidos de jogos de prendas e de espírito, assim como de uma coleção de poesias; próprio para as fes-

---

(1) Não no dia 7, como está nos “Anais”.

(2) Também não foi impresso o magazine na tipografia d’A **União**, como indicou o autor da obra citada.

(3) Outro lapso de Alfredo de Carvalho foi ter dado o nº 3, de 1 de julho, como tendo sido o último publicado.

(1) Eram comuns, desde princípios do Século XIX, os jogos de prendas, baralhos de sortes e outros sistemas de atrações juninas, até chegar aos livros ou revistas especializados, com caráter de órgãos da imprensa propriamente ditos, tendo sido **O Futuro Revelado** o primeiro no gênero. Alfredo de Carvalho não lhes deu importância, deixando de registá-los nos seus “Anais”.

tejadadas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro". Trabalho gráfico da Livraria Industrial, à rua Barão da Vitória (atual rua Nova) nº 7, tendo como editor-proprietário J. Valfredo de Medeiros, que rubricou cada exemplar. Abriu a edição o "Soneto/Prólogo". Vieram, após, 78 páginas de Sortes, em versos de sete sílabas, constando as restantes de um "Recreio e Passatempo das Famílias", prosa e poesia, quase tudo assinado por Modesto ou um simples A., além de transcrições (Bib. de Moacir S. Maior, Bom Jardim).

**PERNAMBUCO A CAMÕES** — Poliantéia destinada a "comemorar o tricentenário do grande épico português", circulou em junho (1) de 1880, obedecendo ao formato de 30x21, com oito páginas de texto, além da capa. Edição da Libro-Papelaria de Pinto & Cia., situada à rua Larga do Rosário, foi confeccionada na Tipografia Industrial, à rua do Imperador nº 14. Sob o título interno, os versos de Camões (canto VIII, est. XXXV):

"Digno feito de ser no mundo eterno;  
Grande no tempo antigo, e no moderno!"

A publicação constituiu-se de produções dos nomes mais expressivos das letras pernambucanas: Aprígio Guimarães, Francisco Augusto Pereira da Costa, V. Chaves Júnior, Isaias de Almeida, Antônio de Sousa Pinto, José Izidoro Martins Júnior, José Tavares da Cunha Melo Sobrinho, Eduardo de Carvalho, Alfredo Falcão e Vitoriano Palhares (versos), todos se reportando à personalidade e à obra de Camões (Bib. Púb. Est.).

**A SERINGA DE PRAVAZ** — Periódico Satírico, Político e Joco-Sério — Surgiu a 17 de junho de 1880, formato de 31x22, com quatro páginas de duas colunas largas. Aos lados do cabeçalho, versinhos de quatro sílabas faziam a apresentação do jornal, que era vendido ao preço de dois vinténs (40 réis) por exemplar.

Criticou, em prosa e verso, a facção do Partido Liberal denominada "leões" e o diário **A Liberdade**, já extinto. Tôda a matéria girou em tórno do referido tema.

---

(1) Não no mês de julho, como consta dos "Anais".

Não passou do primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

**O BEIJA-FLOR — Jornal Dedicado às Senhoras** — Entrou em circulação a 19 de junho de 1880, formato de 22x16, com quatro páginas a duas boas colunas de composição, sendo impresso em papel especial, na Tip. Acadêmica, à rua Duque de Caxias nº 18. Preço do exemplar — 40 réis.

Órgão essencialmente literário, embora promettesse ocupar-se de tudo, deu a público o nº 2 no dia 10 de julho, não mais aparecendo. Prometera, em artigo de apresentação, proporcionar boa leitura, indo “procurar os escritos mais belos” para “encantar” as leitoras.

Nas duas edições divulgadas, **O Beija-Flor** inseriu comentários locais e crônicas intituladas “O Riso”, “As flôres”, “Os romances”, “A mulher”, etc., esta última a continuar num terceiro número. Nenhuma matéria, todavia, nem mesmo o único poeminha, teve assinatura. Redação, igualmente, desconhecida (**Bib. Púb. Est.**).

**O VIGILANTE — Jornal Crítico e Literário** — O aparecimento da edição de estréia foi noticiado pelo **Diario de Pernambuco** de 7 de julho de 1880.

Só existe comprovante do nº 2, que circulou no dia 15 (1), com quatro páginas de pequeno formato, impresso na Tipografia Central, à rua do Imperador ns. 73/75. O artigo redacional focalizou a necessidade de uma reforma eleitoral. Seguiu-se a colaboração de **Anafônico**, **Gil de Teives**, **Zani Crane**, autor da “Crônica”, e **Luciano Carbon**, o dos “Fatos e Boatos” (**Bib. Nac.**).

**O CRENTE — Política, Ciências e Letras** — Impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 14, iniciou sua atuação na imprensa a 10 de julho (1 A) de 1880, formato de 31x22, com quatro páginas de duas colunas de composição a 16 cíceros. Sob o título, à direita, lia-se: “Nos governos livres, o povo todo é chamado a realizar por si próprio a vida

---

(1) Não no dia 10, como registou Alfredo de Carvalho, segundo o qual o nº 1 saiu no dia 3.

(1 A) Não no mês de junho, conforme consta dos “Anais”, de Alfredo de Carvalho. Outro erro do historiador foi ter registado o “nº 5”, que não houve, dando-lhe a data do nº 2.

política”; à esquerda: “É da natureza das grandes instituições custarem lágrimas e sangue”.

Constava do editorial de apresentação: “Somos crentes, mas a nossa crença não tem por objetivo a parte dogmática de qualquer seita religiosa, nem tampouco certas instituições do passado...”.

“Cremos na lei do progresso e com esta crença por Ciri-neu havemos de trabalhar pela liberdade, pela instrução do povo, pela regeneração da humanidade”.

Ao concluir, declarou que sua divisa seria: “**Libertas quae sera tamen!**”

Artigos redacionais, outro assinado por **Lapin** e “Crô-nica” de **Silfo** constituíram tôda a matéria da edição de estréia.

Circulou o nº 2, que foi último, no dia 31 de julho, con-tendo dois longos editoriais, em tipo corpo 7, batido, em que reclamava: num, a opção — “pelo rei ou pelo povo”; no ou-tro, “a mudança da forma de govêrno”, pacificamente ou através da revolução, e **Lapin** escrevia: “A moralidade de um povo é a sua maior apoteose”. A matéria final — “Notas de uma carteira” — teve a assinatura de **Alidas (Bib. Púb. Est.)**.

**O DESESPERO — Periódico Crítico e Imparcial** — Im-presso na Tip. Filantrópica, de João Balbino Ramos da Sil-veira, situada à rua da Viração nº 39, saiu a lume no dia 18 de julho de 1880, formato de 23x16, com quatro páginas de duas colunas. Publicação dominical, assinava-se a 200 réis por seis números, custando o exemplar 40 réis.

Aparecia em cena, segundo o artigo de apresentação, como “a voz do povo indignado”, aduzindo que “a indigna-ção provoca o desespêro”.

Sôbre a farsa eleitoral pouco antes verificada, na qual conservadores e liberais haviam praticado “a mais deplorá-vel imoralidade”, acentuou: “A política d’O Desespero é proclamar a verdade social, mostrar e provar a corrupção dos deputados, dos influentes governativos”. Profligaria “os

erros, os crimes, os magistrados venais, as autoridades protetoras dos crimes e imoralidades”.

Proseguiu **O Desespero**, cada domingo, inserindo artigos, como os intitulados: “O povo é sempre a vítima dos tiranos sociais”; “Lamentos do povo”; “Não há mais salvação”; “O que esperamos mais?”, “Os nossos sofrimentos”; “A causa da miséria”; “Como se esbanja o dinheiro do povo”; “Os partidos mentem”; “O povo é sempre a vítima” e outros que tais.

Adotou a política republicana, apoiando, por outro lado, a atuação de Joaquim Nabuco em favor do abolicionismo. Deu cobertura a acontecimentos da vida local, sempre no sentido de defender o povo das “bandalheiras” que contra êle, e em seu nome, se consumavam. Inseria raras colaborações, sendo mais frequentes os “a pedido”, em que se punham calvas à mostra, inclusive através de versos sem assinatura ou assinados com pseudônimos.

Tendo vivido mais longamente do que o comum dos pequenos jornais da época, **O Desespero** atingiu o nº 23, que circulou a 19 de dezembro, declarando, no artigo “Despedida”, que voltaria, em 1881, se fôsse possível “vencer as dificuldades”. Ficou nisso (**Bib. Púb. Est.**).

**O CACHORRO — Periódico da Cachorrada** — O nº 1 circulou a 5 de agosto de 1880, formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas. Vendia-se a 40 réis o exemplar.

Ao que salientou no artigo-programa, vinha “ladrar, no templo de Guttenberg, como um cão à lua majestade”, mas não se furtava a “arrancar um pedaço da perna de um balofo aristocrata”. Em resumo, seu programa mesmo era morrer...

Constituiu-se, a edição, de notas leves e alguns versos, em linguagem satírico-humorística, de crítica à **cachorrada** dos liberais, que se dividiam, igualmente, em leões. Na quadra abaixo, última das doze assinadas por **O Marat-Mirim**, sintetizava-se o pensamento da redação:

“Zé Povinho, te convence  
Que assim não podes ser nada;  
Fixa em teu pensamento  
Que entre nós só há **cachorrada**”.

Não prosseguiu o desabusado jornalzinho, ficando no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

O LEÃO — **Periódico da época** — apareceu a 12 de agosto de 1880, formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas. Preço do exemplar — 40 réis.

“Depois d’O Cachorro, era necessário que aparecesse na arena O Leão”. Assim começava a nota de abertura, para dizer, em seguida, que vinha “perseguir a cáfila, e perseguir sem a menor piedade. A cachorrada há de ter fim”. E concluiu: “O Leão está em campo. Salve-se quem puder”.

Redigido metade em verso, metade em prosa, o jornalco criticou a tôrto e a direito, empregando a linguagem do ridículo. Achava o desconhecido redator, num mote bem glosado, que

“Entre nós os dois partidos  
São eterna bandalheira”.

Não passou da primeira edição (**Bib. Púb. Est.**).

A CACHORRA — Dizendo-se “barata e gostosa”, circulou o primeiro número a 19 (1) de agosto de 1880, formato de 21x16, com quatro páginas, custando 40 réis o exemplar. Abaixo do título, tendo ao centro a vinheta do animal que lhe deu o título, liam-se as quadras a seguir:

“Estou danada,  
Não é história;  
Tôda a questão  
É a senatória”.

“Sou cachorrinha  
Muito dengosa,  
Mas quando mordo  
Sou venenosa”.

Sua matéria constou de comentários, notas e versinhos, em tudo ridicularizando a cisão existente no Partido Liberal de Pernambuco, que se dividira em **leões** e **cachorros**.

No mesmo sentido publicaram-se mais dois números, sendo o último datado do dia 26. Declarava-se impressa na Tip. d’A Cachorra (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Não no dia 18, como consta dos “Anais”.

**O TRAÇO DE UNIÃO** — **Jornal de Instrução** — Surgiu no dia 20 de agosto de 1880, com quatro páginas, formato médio de três colunas largas. Impresso na Tipografia Central, vendia-se a 200 réis o exemplar.

Redigido pelo professor Oscar Destibeaux, constou sua matéria de lições de francês, com a respectiva tradução, o que ocupou quase três páginas; outras de primeiras letras de português e taboada, tudo seguido de explicações sobre o Método Ephraim, criado por êle.

Pretendendo prosseguir a publicação, daria “por cada 2\$000 de anúncios um número grátis”. Entretanto, não passou da primeira edição (**Bib. Púb. Est.**).

1 8 8 1

**O CARNAVAL** — Edição de quatro páginas, em duas colunas, circulou a 27 de fevereiro de 1881, com toda a matéria em versos, distribuída sob os títulos “O que há no Recife”, “Leões e cachorros”, “Coisas de Olinda”, “A boa viagem”, “Verdades miudas” e anúncio da Tip. Industrial, rua do Imperador nº 14, onde foi impressa. Pretendia sair uma vez por ano, mas não voltou jamais (**Bib. Púb. Est.**).

**O ESCALPELLO** — **Estudos Críticos de Política, Letras e Costumes** — O nº 1 apresentou-se datado de 1881 (sem mencionar o mês), com 16 páginas, afora a capa, formato de 16x10 e uma só coluna de composição, na largura de 16 cíceros. Direção de Clóvis Bevilacqua e Martins Júnior e impressão da Tipografia Industrial, à rua do Imperador nº 14.

Justificando a iniciativa, declarava o editorial de apresentação: “A. Karr escreveu as “Guepes”; Ramalho e Eça escreveram as “Farpas”; outros, a “Crônica do Império”. Escrevemos nós, agora, com o mesmo intuito talvez, não com os mesmos princípios, **O Escalpello**, que tem um nome inofensivo, nobre e sobretudo significativo”.

Teceu mais considerações o articulista, explicando a significação da linguagem do novo órgão, para acentuar: “Nós, os redatores d’**O Escalpello**, temos um gravíssimo defeito que não nos há de ser relevado pela nossa sociedade em



regra geral hipócrita, mexeriqueira, cheia de convenções, de ticos, de misérias: é o nosso modo de dizer franco, quase brutal, quando escrevemos para o público”.

Seguiram-se, sem título nem assinatura, comentários diferentes. Lia-se num dêles: “A nossa Assembléia Provincial merece uma meia dúzia de palavras boas, fortes, incisivas, dessas que chamam o sangue às faces”.

Encerrou a edição um artigo de apologia à eleição direta, que fêz acabar “os corrilheiros políticos que andavam errantes de bando em bando entre os partidos, pondo o voto a leilão, vendendo a consciência por um prato de lentilhas” (Bib. Nac.).

Não ficou comprovante do nº 2. Abriu o nº 3, igualmente datado de 1881, uma nota assinada pelos dois redatores, que derramavam “uma lágrima de discípulos” diante “da veneranda cova de Maximiliano Paulo Littré”, falecido a 2 de junho. A edição incluiu artigo de João Batista Regueira Costa, intitulado “O decênio de Castro Alves”, e comentário sôbre livros, além das “farpeadas” do programa. Com numeração seguida, completaram-se, com a terceira e última edição, 48 páginas (1) (Bib. Púb. Est.).

**A REPÚBLICA — Órgão do Clube Republicano Acadêmico** — Impresso na Tip. Universal, à rua do Imperador nº 50, formato de 30x22, com oito páginas, circulou o primeiro número a 20 de maio de 1881. Comissão Redatora: José Carlos Júnior, Pereira Simões e Tomaz Gomes. A êste último coube assinar o artigo-programa, dizendo que a razão do aparecimento da fôlha era a necessidade duma nova forma de govêrno e, principalmente, “defender as idéias de uma porção de moços acadêmicos que se congregaram para formar um clube democrático, o Republicano”.

Além das produções do pessoal da redação, escreveram no primeiro número: F. de Sales, José Izidoro Martins Júnior, Coelho de Assis e Elpídio de Mesquita.

---

(1) Numa nota de pé de página, na **Revista Contemporânea**, edição de 30 de abril de 1895, escreveria Martins Júnior: “Em meados de 1881, Clóvis Bevilacqua e eu publicamos em três folhetos, de 32 páginas cada um, diversos ensaios críticos sôbre política, letras e costumes. Êsses folhetos tiveram ou tinham a denominação de **Escalpello**...”

Só se enganou o mestre no tocante à quantidade de páginas.

Não voltou a publicar-se senão em 1882, com o nº 1, ano II, datado de 15 de maio, obedecendo ao mesmo programa e idêntico formato, sendo impresso na Tip. Central, à rua do Imperador nº 73. Redatores: Martins Júnior, Clóvis Bevilaqua e os três primitivos.

Sairam quatro números, mensalmente, o último dos quais a 11 de agosto, quando do corpo redacional anterior só restava Clóvis Bevilaqua, sendo os demais substituídos por Gonçalves Chagas, A. Pedro de Melo, João Bandeira e Ciri-dião Durval. Além do que escreveram êles, outros trabalhos foram assinados por Faelante da Câmara (versos), Coelho dos Reis, César R. Monteiro, Germano Hasslocher e Manuel Adeodato de S. Júnior, ora sôbre literatura, ora fazendo a propaganda republicana.

Novamente suspensa, **A República** voltou a 21 de julho de 1883 — nº 1, ano III — escrevendo Pereira Simões, em primeiro plano, que a fôlha vinha “ocupar um lugar no meio do jornalismo acadêmico, pugnando pelas idéias democráticas”. Seguiram-se extensos artigos dos outros redatores, que foram Higino Cunha, César do Rêgo Monteiro, Faelante da Câmara e Tomaz Gomes, além de M. Coelho dos Reis, todos focalizando a necessidade da republicanização do Brasil.

Não passou daí a acidentada existência da fôlha acadêmica (**Bib. Púb. Est.**).

**A CRUZ** (No cabeçalho figurava, apenas, como título, o símbolo +, vinheta de poucos centímetros de altura). Iniciou sua circulação no dia 6 de julho de 1881, formato de 32x22, com duas colunas de 18 cíceros e quatro páginas, sendo impresso na Tipografia Universal, à rua do Imperador nº 50. A um lado, dizia: “Fôlha avulsa — Trimestre: 2\$000 — Avulso: \$160”. No outro lado os versos:

“A cruz não tem adoração  
Nem tão pouco santificação;  
Mas ela é o emblema  
Da nossa Regeneração”.

**E mais:**

“Cessa tudo quanto a Musa canta,  
Porque outro poder maior se levanta”.

Trazia, abaixo, um trecho bíblico de São Mateus e, igualmente em tôda a largura da página, o expediente: “O fim dêste jornal é a explicação do Evangelho de Jesus Cristo em tôdas as suas partes, por meio do Espiritismo; publicar-se-á uma vez por semana, nas quartas-feiras, se acharmos quem nos queira ajudar, não sòmente com suas assinaturas, mas também com algumas dádivas em moedas para um fim tão justo, no que farão um grande benefício a si e a seus irmãos, não só pelo conhecimento das verdades que daí podem resultar, como para salvação de suas almas; visto não termos a certeza de sua aceitação nem do número de assinantes”.

Tôda a edição foi ocupada pela “Introdução”, mais um aviso e uma transcrição.

Circulando com tôda regularidade, redigido por Joaquim José Alves de Albuquerque, **A Cruz** só divulgava mesmo artigos doutrinários de fundo espiritualista, geralmente prolixos, a ponto de, às vêzes, um dêles ocupar as quatro páginas. E assim proseguiu até o nº XXXII, de 25 de fevereiro de 1882 (1) (**Bib. Pú. Est.**).

A **LYRA** — Poliantéia em homenagem “à exímia artista” Giuseppina de Senespleda Battaglia, circulou a 12 de julho de 1881, dia da récita da afamada prima-dona, no Teatro Santa Isabel. Em elegante formato e de 44x31, com quatro páginas circuladas de vinhetas, ocupou a primeira expressivo retrato da cantora, em litogravura de Antônio Vera Cruz, vendo-se acima do título uma vinheta da Deusa da Música.

Na segunda página liam-se crônicas assinadas por F. C. (Faelante da Câmara), Tobias Barreto de Meneses, A. A., João Ramos e Elpídio de Mesquita, ao passo que a terceira exibiu poesias e sonetos, firmados por Martins Júnior, Antônio Rubim, Adalberto Guimarães, L. Virgolino, Eduardo de Carvalho, A., Belisário Pernambuco e Sá Lima, tudo em saudação a Giuseppina.

---

(1) Duplo engano cometeu Alfredo de Carvalho, nos “Anais”, ao registrar como último número, embora seguido de interrogação, o XXXIV, datado de 11.2.1882. Esta data corresponde ao nº XXX, último da coleção encadernada. Na seção de avulsos da mesma Biblioteca Pública do Estado, encontra-se o nº XXXII.

Da quarta página constou, apenas, em tipos fortes, o programa do festival. Foi uma publicação da oficina gráfica do **Jornal do Recife (Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.)**.

**BOLETIM BIBLIOGRÁFICO** — Circulou pela primeira vez em julho de 1881, editado pela Livraria Francesa, de João Valfredo de Medeiros, sucessor da firma Lailhacar & Cia., situada na rua Primeiro de Março. A edição constou de uma relação dos livros à venda naquele estabelecimento (Cf. **Diário de Pernambuco** do dia 26).

Pretendia publicar-se cada mês, com regularidade, dando ciência das novidades em livros. Assim, porém, não há notícia de que tenha sido feito. Só a 6 de junho de 1883 foi possível encontrar outra nota ligeira, no mesmo **Diário**, segundo a qual a afamada Livraria publicara, em conjunto, os ns. 1, 2 e 3, correspondentes ao trimestre de janeiro a março do ano em causa (1).

**PALMAS E LOUROS** — Poliantéia de 16 páginas, tôdas circuladas, formato de 31x22, foi impressa na Tip. Mercantil, à rua das Trincheiras nº 50. Da capa, ilustrada com uma coroa de flôres, constava: “À inspirada cantora Ida Giovana — Homenagem de seus admiradores” e, após a data do benefício, 27 de julho (1 A) de 1881, a mesma em que se publicava a revista, os versos:

“Coroada pela glória,  
Entre palmas e louros,  
Eterna é a tua memória  
Aos presentes e vindouros”.

A primeira página do texto trazia apenas uma dedicatória, em versos, assinada por E. de C. Passando para o editorial, dizia êste: “...a prima-dona Ida é a mais perfeita cantora de quantas se têm feito ouvir em nosso teatro”. Nas demais páginas, saudações, em prosa e verso, eram assinadas por Alfredo Falcão, Pedro Jaques, R. de M., Belarmino Carneiro, J. de L. Freire, Pitanga Filho, Homem de Siqueira, Mariano Augusto, J. Matos Júnior, Tomaz Gomes, Th. de Luna, P. Frota e outros. Uma página inteira, por

---

(1) O registo dos “Anais” deteve-se na edição de 1881.

(1 A) Não no mês de junho, como registou Alfredo de Carvalho.

fim, deu a relação dos presentes oferecidos à cantora por 32 senhoras da melhor sociedade do Recife (**Bib. Púb. Est.**).

**A SCIENCIA — Periódico Científico e Literário** — Circulou no dia 1 de setembro de 1881, com quatro páginas de duas colunas a 16 cíceros, ao preço de \$500 por exemplar.

Visava, consoante o artigo de apresentação, a “derramar e espargir luz e mais luz sôbre os cérebros ainda pouco desenvolvidos”, “estimular a mocidade e acostumar seus pequeninos redatores a escrever e questionar cientificamente pela imprensa”.

Dois artigos transcritos, um folhetim e o “Mosaico”, de pensamentos de homens célebres, completaram a edição, que foi primeira e única, embora pretendesse publicar-se duas vêzes por mês. Impressão nítida, em bom papel, da Tip. Central, à rua do Imperador nº 73 (**Bib. Púb. Est.**).

**O ETNA — Hebdomadário Ilustrado e Satírico** — Circulou o primeiro número a 8 de outubro de 1881, formato de 32x22, com oito páginas, sendo quatro de matéria tipográfica, circuladas, e quatro de desenhos litográficos. Assinava-se a 1\$000 por mês, vendia-se o exemplar a \$300, tinha redação à Praça de São Pedro nº 54 A, e imprimia-se na Tip. d’O Etna. Corpo redacional atribuído a Honório Silva, Ribeiro da Silva, Alfredo Falcão, Antônio Pepes de Vasconcelos e Ovidio Filho.

A edição de estréia ocupou a primeira página com um desenho de vulcão em erupção, êste representado por uma cara enorme ostentando lente no olho direito, vendo-se em primeiro plano grande multidão em atitude de fuga. O título era “O Etna no Recife”, e a legenda: “A imprensa e ao público pernambucano”. Da oitava página constava uma alegoria em “homenagem à memória do dr. João de Barros Falcão de Albuquerque Maranhão — tributo d’O Etna”: mulher com coroa de louros; uma pira flamejante, uma lira, um livro, uma pena e barrete frígio. As duas páginas centrais continham **charges**.

Lia-se no editorial de apresentação: “... aqui, em nossas páginas, haverá a consciência crítica — a crítica que não causa asco aos homens sensatos. O Etna levará as suas lavas sômente àqueles que forem dignos de escárneo, qualquer que seja a posição em que se acharem colocados”.

O sumário tipográfico ficou assim dividido: “Expediente”; “Estilhaços”, por Geisers; “Lavas”, por Stromboli; “A ordem do dia”, por Hekla, e “Em cima do prelo”, por Vesúvio. Uma fôlha em separado continha anúncios.

No segundo número homenageou-se, na primeira página, o líder José Mariano, e na oitava, os abolicionistas.

Prosseguiu regularmente; mas atingido o nº 9, de 3 de dezembro, ficou a fôlha suspensa, para recomeçar — nº 10, ano II — a 11 de março de 1882, quando apresentou excelente alegoria, ocupando página dupla, no centro, em homenagem à “memória dos mártires da Liberdade Pernambucana — ao 6 de março de 1817”.

Outro significativo desenho ilustrou a primeira página da edição de 1 de abril — nº 13, figurando uma mulher-anjo a coroar o poeta Francino Cismontano, em efígie ao lado, vendo-se ao pé uma lira e uma pena. Na página seguinte, vinha a notícia comentada do falecimento do “robustecido cultor das musas” Francisco do Brasil Pinto Bandeira e Acioli Vasconcelos, que usava aquêlê pseudônimo.

Além das seções de troças e dos comentários, visando política e costumes, publicava: “Cartas aos leitores do Etna”, sem assinatura; poesias de Ribeiro da Silva e Artur Feneion; matéria ligeira assinada com pseudônimos, a saber: Heckla, Pico, Encelado, Plutão, Empedocles de Agrigenta, Necveit-Alle, Cotopaxi, Stenelo, etc.

As ilustrações, até o nº 4 a cargo de Antônio Vera Cruz, passaram a sair ora assinadas por A. Roth, ora sem assinatura. Confecção litográfica de Hilarino Lopes & Cia.

Na coleção manuseada passa-se do nº 13 ao 27º, de 23 de julho, com retrato do poeta Ribeiro da Silva no frontispício, mantido o ritmo inicial do interessante órgão, mais a colaboração de Claudino dos Santos e José Maia. Uma nota redacional aludia a atrasos na publicação d’O Etna, prometendo normalizá-la (Bib. Púb. Est.).

Segundo Alfredo de Carvalho (obra citada), estendeu-se a existência do periódico até o nº 43, de 24 de dezembro de 1882.

O FIM DO MUNDO — “Ano final — Recife, novembro — Número último”. Embora omitisse o ano, circulou em 1881, constando, ainda, do cabeçalho: “De 15 até 30 dêste, nada sou”.

Deu ensejo à publicação uma profecia da época, lendo-se em manchete: “... o acontecimento é glorioso para o sr. Diabo, que terá número elevado de jesuitas no inferno”.

Com quatro páginas, formato de 30x20, a duas colunas de 18 cíceros e vendido o exemplar a 80 réis, o estranho jornal inseriu longo editorial, em que, após comentar a profecia, terminou com o “programa do fim”, de 15 até 30 de novembro, assinado por **Pedro d’Alcântara**; seguiram-se os artigos “As eleições” e “Testamento de um político”, ambos de **João Carlos**, e versos de **Bibiano Francisco** e **Leopoldo Salvador**, todos versando sôbre o fim do mundo (**Bib. Púb. Est.**).

O BINOCULO — **Publicação Semanal** — Apareceu a 19 de novembro de 1881, formato de 31x22, com quatro páginas a duas colunas largas de composição, impresso na oficina gráfica do **Diario de Pernambuco**, à rua Duque de Caxias n<sup>o</sup> 42. Assinaturas: trimestre — 1\$500; mês — \$500; para fora da capital — 1\$600 e \$600, respectivamente. Redatores: **Filipe Figueiroa Sobrinho**, **Fernandes Barros** e **Joaquim Monteiro de Seixas Borges**.

O artigo de apresentação, ao pedir vênia “para fazer o seu ingresso nos domínios da publicidade, da vida e da luz”, acentuou:

“Literatura, ciências, artes, indústria, o belo e o útil, a verdade e o sonho, o agradável e o justo, tudo isto terá entrada em suas colunas sem exclusivismo, livre e variadamente”. Não trataria “da política dos partidos, a acanhada política”; seria imparcial e prudente. Nem sòmente republicano, nem sòmente liberal, nem sòmente conservador; estaria com cada um, desde que praticasse “medidas salutaras, de interêsse geral e proveitosas”.

A edição completou-se com folhetim, poesias de **Martins Júnior** e **Misael de Sousa**; “Notícias diversas” e “Telegramas — Dizem”, seção constituída de sátiras, firmada por **Periquito**.

Seguiu-se com a devida regularidade, inserindo matéria variada e bem redigida. Foram publicadas, até 24 de dezembro, seis edições, aí afastando-se Fernandes Barros do corpo redacional. Começou numeração nova a 7 de janeiro de 1882 — ano II.

Constava a matéria d'**O Binoculo** de uma parte literária, com a colaboração de Leovigildo Samuel, que era, ao mesmo tempo, o **Ely Hesse** dos folhetins, em que alternava com **O Curioso**, **Cazuza Magro** e **Essebê** (como se ocultava Seixas Borges), e de Ovídio Filho, enquanto Filipe Figueiroa aparecia também como **F. S.** e **Epilef**; mais “Variedades”, “Notícias diversas” e editoriais, concisos, em que era focalizada, algumas vezes, a situação política do país e da província.

Ao atingir o nº 27, 8 de julho, a redação transferiu-se para o nº 14 de hoje inexistente rua das Laranjeiras, e cresceu ligeiramente o formato, páginas de três colunas de composição, sem mais alterações, a não ser a substituição das seções fixas por notas soltas, que primavam pela concisão, seja no noticiário, seja nas trepações, anedotas, motes-glosas, epigramas, triolês, passatempos, etc., além de aparecerem e desaparecerem alguns novos colaboradores.

Assinalou-se, uma vez divulgado o nº 46, de 18 de novembro, o primeiro aniversário da fundação do periódico, cujo editorial salientou não haver desmentido o programa que se traçara, não transpondo “as regras do decôro e da civilidade”.

“Depois de um pequeno interregno”, em que depôs a “arma de combate”, a fim de repousar, retornou — nº 1, ano III — a 8 de janeiro de 1883, formato de 37x26, de quatro colunas. Dizia uma nota solta: “**O Binoculo** recebe anúncios e aceita, de bom grado, convites para soirées, jantares, casamentos e outras queijandas...”

Prosseguiu, sem modificações substanciais, voltando ao cabeçalho, do qual tinham desaparecido havia bastante tempo, os nomes dos constantes redatores Filipe Figueiroa Sobrinho e Seixas Borges. Não era, contudo, satisfatório o comportamento dos assinantes da fôlha, aos quais foi mandado, no nº 30, de 28 de julho, o recado abaixo:



“Ó! assinante, é demais!  
 Paga **O Binoculo** ... senão,  
 Estampo o teu nome e, zás,  
 És tu quem grita: — É demais!  
 Eu sou amante da paz,  
 Gosto pouco de questão,  
 Por isso, grito: — É demais!  
 Paga ao **Binoculo**; senão...”

Uma edição inteirinha saiu em “Homenagem às sogras” (1), lendo-se nela editorial, crônicas, notas ligeiras, anedotas, epigramas, sonetos, décimas e quadras, tudo dentro do tema em espécie. Iniciou-se, então, o folhetim “Uma sogra & Cia.”, de Xavier de Montépin, em tradução de F. F. da Silva Vieira. Fechando, porém, a quarta página, foi inserida, como compensação a tanto ridículo, a nota intitulada “Excepções à regra”, que abaixo se transcreve:

“**O Binoculo** atira um punhado de rosas sôbre as sogras, que, compenetradas dos seus direitos e deveres, constituem-se outros tantos anjos de paz no seio do lar doméstico. A estas os nossos eternos agradecimentos”.

O nº 39, de 29 de setembro, apresentou a primeira página circulada de vinhetas, centralizando-a os seguintes dizeres, em caracteres vistosos: “Lei do Elemento Servil — de 28 de setembro de 1871 — José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco”. O editorial, abrindo a segunda página, focalizou a data aniversária da Lei do Ventre Livre.

Findou o ano com 49 publicações, a última das quais datada de 7 de dezembro de 1883.

Até aí a coleção regular, encadernada, pertencente à Biblioteca Pública do Estado. Tudo o que existe, a seguir, são edições esparsas, encontradas a êsmo, nas malas de jornais avulsos da mesma biblioteca. De 1884, por exemplo, só existe o nº 31, de 2 de agosto.

---

(1) O diário **A Folha do Norte** comentou, em sua edição de 23 de setembro de 1883: “O sr. Borges, o d’**O Binoculo**, concebeu a idéia aristofânica de dedicar um número especial às sogras, o de ontem. Originalíssimo. Há ali um verdadeiro **sabbath** de epigramas, em que os toucados e os óculos das boas matronas rodopiam nos torvelinhos da dança macabra, numa vertigem que faz pena, mas que também faz rir como uma inalação de protóxido de azoto”.

Prosseguiu nos anos seguintes. Só foi possível, no entanto, encontrar comprovante do nº 18, ano VII, de 11 de maio de 1887. Dizia-se, então, “revista de variedades; noticiosa, crítica, literária e comercial”, sendo proprietário da empresa Olímpio de Seixas Borges, irmão do fundador de igual sobrenome. A redação mudara-se para a rua Estreita do Rosário nº 18, 1º andar, e o preço da vendagem avulsa, que era de 100 réis, passou para 200 réis. Os colaboradores eram **K. Brion, Ego, Klopstock**, o das “Coisas e lousas”, de notas humorísticas, Celino Júnior, etc.

Em 1888, o nº 10, de 17 de março, apresentou a primeira página circulada de tarja, em homenagem à memória de Joaquim Monteiro de Seixas Borges, sobre cuja personalidade escreveram Martins Júnior, Figueiroa Sobrinho, Tomé Aroxa, Claudino dos Santos e outros jornalistas. O nº 18, de 18 de maio, foi dedicado à abolição da escravatura e aos líderes abolicionistas. No mês de junho retirava-se do corpo redacional Leovigildo S. da Silva Costa (carta a **A Província**, dia 17), por “incompatibilidade recíproca no sistema de **jornalisticar**”. O nº 43, de 10 de novembro, parabenizava, entre vinhetas, na primeira página, “as Exmas. Sras. D. Maria Coelho da Silva e D. Maria Fragoso, primeiras bacharelas do Brasil”, formadas a 6 de novembro.

Por algum tempo, entre 1888 e 1889, **O Binoculo** teve como diretor José Coelho da Silva, sem alterar-se a posição do proprietário e redator Olímpio de Seixas Borges.

O nº 39, ano IX, de 23 de novembro de 1889, homenageou a Proclamação da República, evocando os movimentos de 1710, 1789 e 1817 e enaltecendo Saldanha Marinho, Quintino Bocaiuva, Martins Júnior, Maciel Pinheiro, Aristides Lobo, Deodoro da Fonseca e outros nomes de projeção nas lutas pela implantação do regime republicano.

Atingido 1890, o **Diario de Pernambuco**, de 9 de fevereiro, acusando o recebimento do nº 7, ano X, d'**O Binoculo**, revelou que este se achava, então, sob a direção de Artúrio Vieira, tendo como auxiliares Spencer Neto, João Alfarra, Seixas Borges e Celino Júnior, estava “muito melhorado”, tornando-se mais “digno de apreço”.

A edição de 2 de agosto, nº 30, exibiu o slogan “**Veritas, Libertas et Lux**”. Transferira-se a redação para a rua Barão

da Vitória (atual rua Nova) nº 39, 1º andar. Um Aviso declarava que a direção d'**O Binoculo** não seria mais benévola para com os assinantes relapsos, advertindo: "Quem não pagar verá seu nome publicado, e o regulamento será cumprido". Como exemplo, via-se, bem no centro da última página, em tipo corpo 16, um convite ao Comandante Timbauba R... C..., para que fôsse pagar 25\$000 que devia à direção do jornal, correspondente a "um anúncio que botou por cinco meses e uma assinatura no mesmo prazo". O nº 45, de 29 de novembro, apareceu com roupagem diferente; é que deixara de ser impresso na Tipografia Comercial, porque o proprietário queria censurar a matéria, a fim de que não saísse "qualquer publicação que a si e aos seus amigos não lhes conviesse". Aproveitara a ocasião para reduzir o formato devido às despesas não compensadas pela falta de pagamento de numerosos assinantes. Entretanto, apresentava melhor aspecto, mais nítida impressão. Tinha a colaboração dos poetas Ernesto de Paula Santos e Artur de Faria. Como sempre, uma página de anúncios, a quarta.

A 27 de janeiro de 1891 — nº 1, ano XI — Seixas Borges divulgou a declaração de que, precisando de ausentar-se, contratara os serviços de Pedro Pessoa para a direção do jornal, sem interrompê-lo. No entanto, interrompeu-se na mesma ocasião, pois **O Binoculo** só voltou a circular a 4 de abril, com a presença do antigo redator-proprietário.

(Encontra-se, a seguir, um volume de edições consecutivas, pertencente ao acervo do Arquivo Público Estadual).

Em nota assinada, na edição de 14 de setembro de 1891 — nº 22, ano XI, Seixas Borges declarou haver fundido **O Fantoche**, também de sua propriedade, e de curta existência, a **O Binoculo**, herdando-lhe, êste último, a parte ilustrada — 1a. e 4a. páginas, constituídas de charges a craion, litográficas, a cargo de **Xico**. E assim prosseguiu a publicação. Assinava-se, para a capital, a 1\$500 por trimestre, e, para fora, a 3\$200 por semestre, custando cada exemplar \$200.

As duas páginas tipográficas mantinham a colaboração, através de pseudônimos, em prosa e verso, de **Bocacio**, **Piperlin**, **Cock**, **Caturra**, **Crochk**, **Gavroche**, **Matraca**, **K. Turra**, **Gravete**, **Fulano de Tal**, **Tito**, **Chicó**, **Bandarra**, **Ossiam**, **Gil Vaz**, **Pacífico**, **Z. Bedeu**, etc., sempre se revezando e substituindo. A par de notas redacionais sôbre assuntos gerais,

era comum a sátira e a crítica política. Enquanto isto, a parte ilustrada enchia de ridículo os donos da situação política, à frente José Maria de Albuquerque Melo, mas também retratava, de vez em quando, personalidades do mundo social ou artístico.

A publicação findou o ano regularmente, começando nova jornada a 9 de janeiro de 1892 — nº 1, ano XII — para atingir o nº 11 no dia 30 de março, aí terminando a coleção encadernada do Arquivo Público, nº e data d'**O Binoculo** que correspondem, também, aos de uma coleção por acaso existente na biblioteca do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.

Volta-se ao regime de exemplares esparsos, sempre raros (de nôvo na Biblioteca Pública do Estado), o que coincide com um período de suspensão da fôlha, só reaparecida — nº 1, ano XIII, 2a. fase — a 12 de janeiro de 1895. Começou por declarar que não havia circulado em dezembro do ano anterior, devido à necessidade de reformas a ajustar, inclusive no pessoal da redação, mantida a propriedade de Seixas Borges. Anunciava “novos horizontes”, passando a circular às segundas-feiras. E apresentou artigos assinados por Manuel Arão, Artur Bahia, Olímpio Galvão, Ernesto de Paula Santos e Araújo Costa; seções de curiosidades e humorismo, a cargo de **Crispim, o azucrim, Pangloss, Braz, o audaz, e Job**. Seguiu idêntico ritmo o nº 3, de 28 de janeiro.

Ocorreu, depois, quando? nôvo hiato na publicação d'**O Binoculo**. Eis em circulação outro nº 1 no dia 12 de março de 1898, tendo voltado ao formato maior, sem ilustrações litográficas, abrindo a edição o editorial “Surrexit”. Reapareceu, dizia, após “enorme sono”, obedecendo ao antigo lema, “armado das mais puras e vastas intenções, sem **partipris**, fazendo a boa justiça”, contando na redação com as “principais penas da capital e **de seus subúrbios**”. Esperava, pois, levar “a cruz ao infinito”. Apresentou copiosa matéria, realmente de interesse para o leitor, do tipo joco-sério, e boa publicidade comercial.

Atingiu, finalmente, o ano **XIX**, cujo nº 3 circulou no dia 28 de janeiro de 1899, constando do cabeçalho: “Revista (mas era jornal mesmo) semanal de variedades — Notícia, Literatura, Arte, Comércio, Indústria, Troça e Crítica. Propriedade de uma Associação. Neutralidade em política. Im-

parcialidade na crítica. Ano — 10\$000; mês — 1\$000”. João Adriano Dutra era o encarregado de “cobranças e demais serviços externos”. A redação achava-se instalada na rua da Conceição nº 27. Em bom formato de 46x33, a edição em referência mostrou-se abundante e variada de matéria redacional e de colaboração, sem faltar a clássica página de anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

Além do último exemplar manuseado, continuou a circular **O Binocular**, pelo menos até o nº 18, ano XIX, registado pelo noticiário da edição de 31 de maio de 1899 do **Jornal do Recife** (1).

1 8 8 2

**ALMANAK LITTERARIO PERNAMBUCANO** — Para 1882 — Circulou com 128 páginas, formato de 14x10, impresso na Tipografia Central, à rua do Imperador nº 73.

No artigo de apresentação — “Ao leitor” — dizia tratar-se de “modesto tentame de alguns moços dados às letras”, sem outra recomendação ao público “mais do que a sua utilidade, e sem outro garante além do merecimento que se nota nos variados artigos constantes de suas poucas, mas agradáveis, páginas”.

Inseriu, além do clássico calendário, uma série de informações úteis, ainda não exploradas, no setor das comunicações férreas, marítimas e telegráficas, dedicando mais de metade do volume às seções literária e charadística.

Prosseguiu a publicação, regularmente, cada ano, até o nº 5, correspondente a 1886, quando foi impresso na Tipografia Apolo, com 160 páginas, e apareceu na capa o nome do diretor: Gaspar Regueira Costa.

Disponha o **Almanak**, a par de transcrições, de significativo corpo de colaboradores, a saber: Francisca Isidora, Ciridião Durval, Landelino Câmara, Barbosa Viana, com o pseudônimo **Zero**, Leovigildo Samuel, Faelante da Câmara, Pedro Celso Uchoa Cavalcanti, Ribeiro da Silva, João Duar-

---

(1) Nas oito linhas dedicadas a **O Binocular**, Alfredo de Carvalho, pesquisando mal, concluiu que a publicação se prolongara, apenas, “até 1898”.

te Filho, João Barbalho, Júlio Pires Ferreira, Artur Belo, Domício Rangel, Gonçalves Crespo, Rangel Sobrinho, Martins Júnior, Sebastião de Vasconcelos Galvão, Mariano Augusto, Pedro Jaques, Cunha Melo Sobrinho, Gaspar Drumond Filho, Fernandes Belo, Antônio Inácio de Tórres Bandeira, J. Ribeiro Gonçalves, **Américo Yetim** (pseudônimo de Teotônio Freire), Guilherme Azevedo, J. Penido de Lima Barros, etc.

Decorridos oito anos de suspensão, reapareceu o **Almanak Literário Pernambucano** — nº 6 — em 1894, sob a mesma direção, editado pela Livraria Boullitreau. Contendo 260 páginas, as 86 finais eram só de anúncios, além de numerosos outros em meio à matéria redacional.

A partir do ano seguinte, estampava retratos de homens notáveis, melhorando, por outro lado, a parte informativa, no tocante ao comércio e à indústria. Continuou a publicação até 1897, não saindo em 1898. A edição de 1899 foi impressa na Livraria/Tipografia de Tondela, Cockles & Cia. Variada quantidade de páginas.

Manteve, nessa segunda fase, a boa linha de produções literárias em prosa e verso, de nomes em evidência nas letras, a saber: Teotônio Freire, França Pereira, Miguel Barros, Paulo de Arruda, Carlos Pôrto Carreiro, Manuel Arão, Ernesto de Paula Santos, Demóstenes de Olinda, Domingos Magarinos de Sousa Leão, Celso Vieira, Gervásio Fioravanti, Manuel Cirilo, Pedro d'Able, **Gregório Júnior** (pseudônimo de João Gregório Gonçalves), Artur Bahia, José Julião Regueira, Artur Orlando, João Barreto de Meneses, José de Vasconcelos, Eurico Vitrúvio, padre Cristóvão de Holanda Cavalcanti, Alfredo de Castro, Artur Meira, Clóvis Bevilacqua, Carlos Xavier Pais Barreto, Euniciano Ribeiro, Eugênio e Edwiges de Sá Pereira, Caitano de Andrade, João de Deus do Rêgo, João Eustáquio Pereira (Faneca) e outros (**Bib. Púb. Est.**).

O **Almanak** sofreu nova paralisação. Dez anos transcorreram e o interessante livro de utilidades retornou com a edição de 1909. Abriu a edição a biografia de Martins Júnior, por Artur Muniz, ilustrada com retrato, ocupando 30 páginas. Seguiu-se o Almanaque propriamente dito, até a página CCXLIV. A parte literária foram dedicadas 187 páginas. Nove outras, sem numeração, eram de anúncios, fora

as quatro primeiras, na abertura, e as da capa. Do resumo constaram, entre outras produções em prosa: excertos de Joaquim Nabuco; biografia do prefeito Arquimedes de Oliveira, artigos de Sebastião Galvão, Oscar Brandão, Jaime Regueira Costa, Osvaldo Machado, Carlos Dias Fernandes, Gaspar Uchoa, Silva Lobato, Franklin Seve, Faria Neves Sobrinho, Adelmar Tavares, etc., e poesias de Mateus de Albuquerque, Múcio Teixeira, Raul Monteiro, Júlio Pôrto Carneiro, Artur Bahia e outros.

Seguiu-se a edição de 1910 — nº 12 — obedecendo ao mesmo ritmo, incluindo alguns novos colaboradores (**Bib. do Inst. Arq.**).

Sem que reste o respectivo comprovante, Gaspar Regueira Costa, em consórcio com a empresa do **Almanack He-nault**, do Rio de Janeiro, fez imprimir, em Paris, o nº 13 do **Almanack Litterário Pernambucano**, que saiu “em fino papel couché, encadernado em cartolina”, com todos os anúncios em tricromia. Apresentava, conforme noticiou o **Jornal Pequeno**, de 11 de dezembro de 1912, “variada parte literária, tabelas de estrada de ferro, calendário para 1913, crescida seção de gravuras, destacando-se retratos de vultos importantes da política nacional e edifícios notáveis do país; as principais vistas de Pernambuco e suas principais figuras políticas, literárias e industriais”.

Tendo custado a chegar a remessa de exemplares proveniente da França, a publicação só foi distribuída, no Recife, em abril de 1913. Vendeu-se a 2\$500 cada volume.

O **SECULO** — “Com êste título apareceu últimamente o primeiro número de um periódico que se faz bimensal e que professa idéias republicanas” (**Diário de Pernambuco**, 12.1.1882).

O **SATANAZ** — **Periódico Chistoso e Satírico** — Sem que exista comprovante da edição inicial, o nº 2 circulou a 31 de janeiro de 1882, em formato de 31x22, com quatro páginas de duas colunas largas. Declarando-se semanário, cobrava 3\$000 por assinatura trimestral, acrescidos de 1\$000 para o interior. Número avulso — 400 réis.

Sua matéria constituiu-se de comentários redacionais; artigo de Horácio Vernet; crônicas de **Jonkopings** e do **Moço**

**Pálido; seções de Charadas e de piadas, poesias e versos anagramáticos.**

**Não há indícios de ter prosseguido a publicação (Bib. Púb. Est.).**

**LANTERNA MÁGICA — Periódico Livre e Humorístico** — O nº 1, ano I, circulou a 20 (1) de janeiro de 1882, em formato de 31x22, com oito páginas, quatro das quais tipográficas, a duas colunas largas de composição, e as restantes em litogravura: as externas e as centrais, na primeira incluído o cabeçalho, em letras de fantasia. Publicação nos dias 10, 20 e 30 de cada mês, custando 1\$000 a assinatura mensal, a ser subscrita, onde igualmente se vendia número avulso, nas Livrarias Francesa e Industrial. Diretor-proprietário — Luiz Antônio da Silveira Távora.

Começou a imprimir-se na Tipografia Mercantil, meses depois estabelecendo-se em oficina própria, com redação à rua do Rangel nº 16, 1º andar, em cujo pavimento térreo funcionava a litografia de Epaminondas Mariano de Sousa Gouveia, responsável pela execução das ilustrações.

A matéria redacional, a cargo de penas hábeis, constava de artigos, crônicas e notas, tomando por base e crítica de costumes e a sátira política, com títulos fixos ou não, a salientar, no primeiro caso: “Tagarelogia”; “O Bem-te-vi”; “Pei...tica” e “Piruetas”; epigramas, mote-glosas, etc.

As páginas em litogravura constituíam o pensamento da redação através de **charges** e caricaturas, levados ao ridículo os pontos fracos da vida recifense e exaltados, nalguns casos, feitos patrióticos ou personalidades.

Publicando-se regularmente, terminou o ano o nº 35, de 30 de dezembro, prossequindo a numeração a 10 de janeiro de 1883. Assim o nº 71, a 10 de janeiro de 1884. Assim o nº 106, de 10 de janeiro de 1885. Jamais se deteria, numerosos anos adiante, o interessante órgão, cujos colaboradores iniciais foram **Marínio, Mamãe-Eva, Dr. Cornélio, Repórter, W. T. e O Lince.**

---

(1) Não no dia 10, como consta dos “Anais”.



A **Lanterna Mágica** abriu a edição inicial de 1885 com expressiva alegoria, na primeira página, representada por um velho — 1884 — que se despedia, apontando para a criança que chegava, de barrete frígido, pena ao ombro, sobraçando papéis com as epígrafes “Abolição” e “Reformas”. Logo mais, no nº 112, de 10 de março, a redação apresentava um projeto de libertação imediata da escravatura, obrigando o trabalho dos escravos mediante pagamento, para assim concluir: “Srs. Representantes da Nação: tenham compaixão da humanidade escrava, há tantos anos privada de sua liberdade e de todos os gozos”.

A política merecia drástico menosprêzo da revista, em cujo comentário principal, da edição de 20 de abril do referido ano, se salientou que os “beócios liberais” nasceram unicamente “para a canga e para a peia”, ao mesmo tempo que os guabirus (conservadores) eram chamados escravocratas, “pobres diabos” e “animalejos”.

Nesse ano, a **Lanterna** defendeu a candidatura, a deputado geral, de Joaquim Nabuco, congratulando-se com a respectiva eleição em artigo do nº 121. E terminou a jornada de 1885 com o nº 140, cuja primeira página exibiu o desenho de um jornalista, com caneta e pena a tiracolo, chapéu e máquina fotográfica na mão direita, enquanto mostrava, com a esquerda, a legenda:

“Caros leitores: até o dia 10 de janeiro de 1886. A todos desejo boas festas; peço somente que fujam como eu das tricas eleitorais, dos vícios e crimes da Nova Hamburgo, do alimento de carne azul, de uma coisa que se chama saúde pública, do medonho, dos cívicos, das caretas do sr. Zé Fernandes e dos pintos do Farias da Caruaru”.

O desenho do cabeçalho foi substituído, a partir de 20 de julho (1886), por outro melhor. Pouco mais, a edição de 30 de agosto apresentava, na primeira página, belo desenho de mulher chorando à beira de um túmulo, com a legenda: “A memória de Valfrido da Silveira Távora”. Filho de Luiz Távora, era o autor dos versos firmados por W. T. e auxiliar do serviço de gravação.

A 10 de setembro, escrevia a redação: “O Partido Conservador, que inteirou um ano da sua última ascensão, ainda não deu uma prova séria da sua maior aptidão para go-

vernar”, acrescentando, entre outras considerações: “O partido da **ordem**, que é tão semelhante ao seu irmão da **desordem** como são-no entre si dois ovos da mesma **ema**, ou as duas asas da mesma **coruja**, ainda não fêz nem disse coisa alguma que merecesse atenção”.

Atingido o ano de 1887, lia-se na “Vista d’olhos” da edição de 10 de maio: “José Maria, que já foi republicano, liberal, democrata, ateu e ultimamente jesuita e liberal escravocrata **leonino**, perdeu o mando d’A **Província** e passou a ser soldado do grande chefe do abolicionismo, dr. Joaquim Nabuco”. E exortava: “É sempre bemvindo o arrependimento. Trabalha pela causa santa da abolição; trata de distinguir-te no combate da liberdade contra a escravidão”. Novamente, veio a **Lanterna** a regozijar-se, a 20 de setembro, com a eleição de Joaquim Nabuco para outra legislatura da Câmara Geral.

O nº 218, de 30 de março de 1888, estampou, na primeira página, expressiva alegoria, em que apareciam uma mulher — o Recife — espancando um escravo, e um anjo — Goiana — altaneiro, os braços erguidos, tendo nas mãos uma algema quebrada e um facho de luz, ao passo que lhe ficavam atrás figuras de escravos, um deles ostentando a bandeira — Liberdade. Abaixo, a legenda:

“Vêde! Enquanto Goiana se liberta  
E entrega a seus escravos a alforria (2),  
O Recife inda os seus traz em agonia  
E à voz da liberdade não desperta!”

Menos de dois meses após, o nº 223, de 20 de maio, era inteiramente dedicado à abolição da escravatura no país, com magnífico retrato da Princesa Isabel na primeira página, abrindo o texto tipográfico o soneto “Ave Libertas!”, de Carneiro Vilela, e fechando-a a página de versos intitulada “Carta de tôda parte”, assinada **Brasil**.

Nesse ano, **João da Ladeira** escrevia “Doze sonetos”; as “Vistas d’olhos” tomavam a assinatura de **Lince Júnior** (3),

(2) O município de Goiana foi pioneiro, em Pernambuco, na libertação dos escravos, o que efetivou, festivamente, a 25 de março de 1888.

(3) A crônica “Vista d’olhos” veio de 1883, começando com a assinatura de **Lince**; dez anos depois, mudava o título para “crônica”, assim

e **Inácio Fagundes Calafange** (4) (pseudônimo de A. J. Barbosa Viana) iniciava constante colaboração, que se prolongou até 1894. Ocorriam, desde algum tempo, versos de **Maio Júnio** e **Zeca-Peta** (o mesmo Barbosa Viana); mais os “Solfejos”, de **Arnaldo**, aparecendo depois boa poesia de **Desmoullins**. Surgiam e desapareciam, comumente, diferentes pseudônimos.

A edição de 10 de janeiro de 1889 registou haver-se transferido a redação para o Patio do Terço nº 4, aí localizada a oficina litográfica de Antônio Carlos Borromeu dos Santos, cujos serviços passou a ocupar, por ter deixado a de Epaminondas Gouveia, “sem nada lhe dever, nem mesmo favor”.

Foi totalmente dedicada a edição de 20 de janeiro de 1890, primeira do ano, à memória de El-Rei D. Luiz I, de Portugal, com o respectivo retrato na primeira página, sendo esta e as demais páginas ilustradas de autoria especial do famoso desenhista Libânio Amaral. Carneiro Vilela abriu, com um soneto alusivo, o texto tipográfico. No ano em referência, a partir de 10 de maio, iniciava-se, sob o título “O nosso jornalismo” e o sub-título “Panteon Caricato”, interessante galeria, ocupando a última página de cada edição (5).

---

prolongando-se até 1904. E teve a assinatura, em seguimento, de **Lince Neto**, **Lince Sobrinho**, **Lince Avô**, **Lince Júnior** e **Lince Neto**, novamente.

(4) **Calafange**: epíteto atribuído aos deputados provinciais.

(5) Apareceram, no “Panteon”, de edição para edição, os seguintes jornais: **A Época** — Mulher gorda, de palmatória e cacete às mãos, bentinhas ao pescoço e, pendurados ao cinto: rosário, tesoura e uma forquilha.

**Jornal do Recife** — Tipo de malandro, bacamarte apontado para a estrada, por trás de um tronco de árvore, no qual se lia a palavra — Interesse.

**A Província** — Enorme tigre, dentes arreganhados, com vontade de avançar, mas prêso, por grossa corrente, a um tronco com a inscrição — Contrato.

**Gazeta da Tarde** — Africana vestida a caráter, tendo à cabeça taboleiro de guloseimas.

**A Lanceta** — Mulher em atitude vibrante, cabelos ao vento, cigarra a tiracolo e, nas mãos erguidas, um machado em atitude de golpear, tendo sob os pés cabeças roladas e restos de uma cidade.

**Estado de Pernambuco** — Figura de D. Quixote.

**Nova Era** — Freira armada de rifle, trazendo a tiracolo uma bolsa e, pendentes do cinto, rosário, tesoura e um rebenque.

**O Binoculo** — Homem de matulão às costas e saco à frente, batendo, com o cajado, numa porta.

**O Tamoyo** — Figura de índio meio civilizado.

Terminado o ano com o nº 311, seguiu-se a publicação da **Lanterna**, sem jamais alterar-se sua periodicidade, pelos anos de 1891, 1892 (6), 1893, 1894, 1895... Neste último, já no nº 465, de 10 de julho, figurou, pela primeira vez, abrindo a segunda página, a linha: "Redator — Luiz Antônio da Silveira Távora". Enquanto isto, aparecia, na primeira, uma **charge**, representada pela auto-caricatura dêle, no balcão da redação, falando à massa, vista em baixo: "Meus senhores: Não descubro o corpo da redação, como manda a lei (7), porque a **Lanterna** é jornal das famílias, uma espécie de revista de modas..."

Mais uma vez substituiu-se o cabeçalho, o que aconteceu a 10 de outubro de 1896. O nôvo desenho simbolizou um bobo, uma coruja e a indefectível lanterna espargindo luz... Veio 1897 e leu-se logo na primeira edição do ano: "Carregamos os nossos pesados materiais de nossa tenda de trabalhos, do pátio do Terço nº 4 para a rua do Padre Nóbrega ns. 18 e 22. E sentimos a maior satisfação em declarar em voz grossa que de lá saímos sem nada dever". Transferira-se, assim, o serviço geral, tipográfico e litográfico, para o Atelier Miranda, que funcionava no enderêço mencionado. Só a partir de 30 de julho do ano em referência, apareceu a tabela de assinaturas substituta: ano — 12\$000; semestre — 6\$000; trimestre — 3\$000.

Não se arredava a **Lanterna** do seu programa, censurando o que considerava errado na política e nos costumes sociais, através da sátira mais contundente. As **charges** mantinham o mesmo padrão inicial, enchendo de ridículo coisas e pessoas, numa fertilidade de imaginação espantosa, não

---

(6) No decorrer do ano de 1892 verificaram-se os fatos a seguir, o primeiro dos quais não cogitado através da **Lanterna**:

Em artigo publicado n'**A Província**, de 25/2, Francisco Pinto de Abreu declarou que um dos motivos de sua demissão, como promotor público da capital, foi ter requerido que o questor interino mandasse proceder imediatamente a exame médico na pessoa de Luiz Távora, redator e proprietário da **Lanterna Mágica**, o qual fôra chicoteado pelo engenheiro Constantino Rondelli.

Na mesma **A Província** (edição de 5/5), escreveu, por sua vez, Luiz Távora, dizendo que tinha ido à Prefeitura para procurar o desenhista dali, e, na ocasião, foi insultado pelo prefeito Ribeiro de Brito, que o desafiara a brigar na rua, por causa de censuras feitas, no seu jornal, a atos dêle.

(7) O govêrno de Barbosa Lima criara uma lei, de nº 140, que obrigava os jornais a estamparem, no cabeçalho, o nome dos redatores.

escapando do craion de Luiz Távora elementos do clero. Surgiam novas seções, a saber: “Pratos do dia”, “Aparas”, “Coisas alegres”, “Contra-Marca”; “História dos dez dias”, por José da Hora; “Pimentinhas”, por Pimentão; “Narcóticos”; “Comentários”, por Mefistófeles; “Coisinhas”, etc.

Ao findar 1898, com o nº 582, de 10 de dezembro, despedia-se a auto-caricatura do diretor, de lanterna em punho: “Vou passar as férias com o Campos Sales e declaro dever pouco nesta praça e fora dela, salvo êrro ou omissão. Quem se julgar prejudicado suspenda seu juízo até a minha volta”.

Voltou em 1899, vendendo-se o exemplar a \$500; prosseguiu em 1900 e, a 30 de março de 1901, mudou mais uma vez o desenho do cabeçalho. Divulgava, então, produções assinadas por Fausto Cunha (versos), inclusive sob o pseudônimo de **John Kopings; Juan Satan, Stênio, Parada Júnior, Dominó, Anselmo Ribas, Simplicio da Simplicidade, Samuel Lins, Aretino e Mário Sete**. Andou a criticar F. A. Pereira da Costa, chamando-o (edição de 10 de outubro) “historiador das dúzias” e “famigerado historiador”. O ano foi encerrado com a edição de 30 de novembro, cujo comentário de despedida, intitulado “Tréguas”, dizia:

“...entramos em férias desde já, com o direito que sempre reclamamos de descansar um pouco o corpo e tonificar o espírito, deixando também em descanso a República do sr. Campos Sales, o **Jornal Pequeno** do engenheiro Gibson, os artigos de fundo e sem fundo do **Diario**, o **cavagnac** do Major Lúcio e as demais coisas ordinárias que são do domínio público no Recife e no país”.

Em 1902, já no seu nº 707, de 30 de agosto, quando apareceu com diferente clichê de cabeçalho, lia-se no violento editorial “O reino da bandalheira”: “Onde outrora foi o Brasil, ao longo do vasto continente sulamericano, desde as margens do Oiapock às cabeceiras do Prata, estende-se o grande reino da Bandalheira, que as vagas do Atlântico beijam em suaves transportes de volúpia. Ah! como tudo ali respira a patotas e trapças de tôda espécie!” Mais adiante: “A República despiu os andrajos para envolver-se num manto de Arlequim; deixou o pó das estradas para encarapitar-se no velho trono da monarquia”. Em conclusão: “O ar que aqui se respira não é mais o ar embalsamado dos velhos tempos; é o bafo nauseabundo dos alcouces, que entontece e enjoa”.

Passadas as 34 edições de 1903, começou o ano seguinte com o nº 751, a 10 de janeiro. Foram novos colaboradores anotados: **Yoyô Galante**, que fazia a seção "Diversos a diversos"; **Laiete Lemos**, **Manuel Arão**, **Rosália Sandoval** (pseudônimo da poetisa alagoana Rita Rosália de Abreu), **Francisco Marotti**, **Vicentina Mariz**, os dois últimos falecidos em plena fase de colaboração; **Professor Faustino**, o das "Notas sem arte", **Frei Cemitério** e **Dr. Fergusson**.

Continuou, tempo a fora, a afluência de colaboradores, que se substituíam comumente, a salientar **Olímpio Galvão**, também aparecido com o pseudônimo de **Colis Postal**. Nôvo cabeçalho foi adotado ao iniciar-se 1907, e a redação transferiu-se para a rua do Bom Jesus nº 63, onde funcionava a Tipografia e Litografia de **M. Sousa Mendes**. **Bill** entrou a assinar os editoriais. Apareciam bilhetes de **Antônio Silvino**, o **cangaceiro**. Em 1908, escreviam em prosa e verso, **Vulcano** (pseudônimo de Severo de Barros), **Sebastião Pinto Ribeiro**, **Leovigildo Júnior**, **Pintalegrete**, **Fernando Gazzi**, **Flávio de Tolendal**, **J. de Figueiredo**, **Vital Melo**, etc.

Um "Cavaco", na edição de 30 de junho de 1909, dizia: "A Lanterna Mágica tem 28 anos de existência sem proteção das políticas, 28 anos de existência sem subvenções nem favores oficiais e pode dizer que durante sua vida ainda não houve um contemporâneo notável pelas letras que não tivesse sido seu redator. Jurisconsultos, poetas, romancistas, literatos e cientistas de qualquer ramo tem-lhe emprestado seu nome, o fulgor de sua linguagem, o brilho de seus talentos e o **humour** de sua verve".

Dentre os redatores do bem feito magazine foi possível identificar **Carneiro Vilela**, **Manuel Arão**, **Bráulio Cunha**, **Olímpio Galvão** e **Sebastião Pinto Ribeiro**. Era, na realidade, uma fôlha sempre bem redigida, não deixando jamais de cumprir o programa que se traçara. E **Luiz Távora**, durante quase 28 anos, produziu, de dez em dez dias, quatro páginas de desenhos e **charges** de crítica de costumes, fazendo-o com a perícia que o tornou famoso nos meios artísticos. Desenhava diretamente, nas pedras litográficas e, segundo o testemunho de **Eustórgio Vanderlei**, escrevia as legendas "com muita habilidade e grande rapidez, da direita para a esquer-

da" (8). A **Lanterna Mágica** chegou a merecer o diploma "Primeira Menção Honrosa", na exposição de jornais caricatos, realizada em Berlim, "pela graça espontânea e vivacidade das suas caricaturas" (9).

No ano de 1909 deixou de existir o bem feito órgão, cujo último número publicado foi o 948º, de 20 de outubro (**Bib. Púb. Est.**) (10).

**O POSTILHÃO — Periódico Chistoso e Satírico** — Publicação semanal, iniciou-a no dia 1 de março de 1882, formato de 31x21, com quatro páginas de duas colunas largas. Impresso em tipografia própria, localizada no Beco do Marisco, assinava-se a 3\$000 por trimestre, acrescidos de 1\$000 para outras províncias, ou 1\$000 mensais, custando 400 réis o número avulso. Redação atribuída a Eduardo Augusto Ferreira de Moraes.

Em seu artigo de apresentação, declarou-se inimigo da política, assim classificada: "... dois bandos de mascates, que se sucedem na praça, ao passo que o fiel da balança governamental pende mais para o lado da concha em que estão amontoadas as conveniências mercantis da bolsa nacional".

Estava pronto para esclarecer a opinião pública e trataria de "outras coisas de transcendente importância".

Crônicas ligeiras, a seção "Enquanto o **Postilhão** roda", por **Briareu**, notas sôltas e folhetim, em prosa e verso, tal era a matéria do periódico, que seguiu sua meta, troçando e ridicularizando pessoas e coisas. Não lhe faltava, entretanto, sisudo editorial, comentando deslises da política liberal; às vêzes pugnando pela República e outras pela libertação da escravatura.

Foram colaboradores d'**O Postilhão**: **Girono**, **Fr. Folia**, **Cabron**, **Severino de Araújo**, **Ernesto Alves Pacheco**, **Conceição Pessoa**, **Artúnio Vieira**, **Jaques Aragão**, **Dantino**, etc. A partir do nº 6 criaram-se as seções "Bilhetes Postais" e "Dizia-se ontem", esta última especializada em indiscreções de

---

(8 e 9) "O Távora da **Lanterna**", no livro "Tipos populares do Recife", 2a. série. Edição do Colégio Moderno, Recife, 1954.

(10) Contém algumas lacunas a coleção da Biblioteca Púb do Estado.

mau gôsto, focalizando maus pagadores e pequenos escândalos amorosos. As edições de 19 e 30 de novembro exaltaram a personalidade do líder político José Mariano, em prosa e verso, a primeira das quais feita poliantéia, inserindo, como única matéria, um poema panegirista, assinado **A Redação**.

Publicou-se com irregularidade, saindo o nº 23 a 13 de dezembro, quando ficou suspenso.

Reapareceu, começando nova numeração, a 2 de janeiro de 1883, aumentado o preço da mensalidade para 1\$500. E prosseguiu sem alterações, a não ser o aparecimento do poeta Ricardo Guimarães assinando sucessivos sonetos e poeminhas de sete sílabas, sendo êle um dos redatores.

Até 18 de novembro circularam, sempre irregularmente, 24 edições (**Bib. Púb. Est.**).

Ainda apareceu **O Postilhão** em 1884, quando se viu publicado a 18 de janeiro, o nº 2, ano II. Declarava uma nota: "De nôvo aparecemos na imprensa", obedecendo ao lema: "Liberdade, Igualdade e Fraternidade".

Combateria, como sempre, "as arbitrariedades de um govêrno de déspotas", à frente D. Pedro de Alcantara. "Somos republicanos — exclamava — e abolicionistas!" concluindo: "Abaixo a Monarquia! Abaixo a escravidão!"

A edição, de aspecto material pouco lisonjeiro, inseriu poesias de **P. de Chastenet** e Ricardo Guimarães (três, diferentes); folhetim, em continuação, e notas variadas (**Arq. Púb. Est.**).

O CLUB 33 — Publicação da sociedade carnavalesca de igual nome, circulou em março de 1882, formato acima de médio, com quatro páginas a quatro colunas de 16 cíceros, nitidamente impressa, em ótimo papel. Com o cabeçalho enfeitado de vinhetas, lia-se abaixo: "Assuntos picarescos dos nossos dias".

Muito bem redigido, iniciou o texto a crônica "Carambolas por tabela", dividida em capítulos, ocupando três páginas. A última, tôda em versos pilhéricos, terminou com vivas ao "nosso clube" e ao Carnaval.



Outra edição (1) ocorreu onze anos depois, a 12 de fevereiro de 1893, 2a. época, Ano XVIII (?), principalmente redigida pelo famoso humorista **Gregório Júnior** (pseudônimo de João Gregório Gonçalves), contendo mais versos do que prosa. Eram redatores: “Um por todos e todos por um”.

Voltou a publicar-se em 1895, com a data de 24 de fevereiro, Ano XX (?), reduzido o título para **Clube 33**, assim como o formato, ligeiramente, para três colunas de 18 cícros. Figuravam no expediente: Redator-chefe — Manuel Arão; repórter — Guilherme Carroll; agência — João Ramos. Muito variado de matéria humorística e carnavalesca, inseriu, sobretudo, versos de **Gregório Júnior** e Gomes de Melo. Mas tôda a quarta página foi ocupada por um poema sério — “A festa e a caridade”, de Tomaz Ribeiro (**Bib. Púb. Est.**).

**BOLETIM DA SOCIEDADE AUXILIADORA DA AGRICULTURA DE PERNAMBUCO** — Publicou-se o fascículo primeiro em março de 1882, formato de 20x14, com 70 páginas de coluna larga e capa de côr. Trabalho da Tipografia Central, à rua do Imperador ns. 73/75. Preço do exemplar — \$500.

Sua matéria constou, apenas, de um relatório do gerente da agremiação, Inácio de Barros Barreto, sôbre “O atual fabrico do açúcar”, acompanhado de vários documentos.

Circularam mais dois fascículos (1 A): o 2º em junho e o 3º em setembro do mesmo ano, com 64 e 56 páginas, respectivamente, contendo atas, pareceres, representações e normas de contratos (**Bib. da S. A. A. P.**).

**AZA NEGRA — Periódico Semanal** — Entrou em circulação no dia 5 de março de 1882, formato de 23x16, com quatro páginas de duas colunas. Tendo escritório à rua da Ponte Velha nº 1, impresso em tipografia própria, assinava-se a 5\$000 anuais, 3\$000 semestrais e 1\$500 trimestrais. “Publicações”: grátis para os assinantes.

Lia-se no artigo-programa, assinado por **Mefistófeles**: “O fim dêste pequeno jornal é beliscar, porém de maneira que

---

(1) Nos “Anais” só foi registada a edição de 1882.

(1 A) Alfredo de Carvalho mencionou, apenas; a publicação do primeiro número, interrogativamente.

não inflame a pele do próximo; porque, fique o público sabendo: a nossa pena não possui a mais pequena quantidade de baba. A dor que produzimos é uma dor deliciosa, que dá vida e alegria, tom e nervo, fôrça e coragem”.

A partir do nº 4, aumentou o formato para 28x19, ficando com duas colunas largas. E circulou regularmente, cada semana, repleto de matéria chistosa, através de crônicas, notas soltas e versos de diferentes matizes. Assinava a principal colaboração **Elmano**, um dos redatores, mas não identificado pelo nome; seguindo-se-lhe **Ka Peta**, **Plutão**, **Gregório Júnior** (João Gregório Gonçalves), **Aza Negra**, **Muzela**, **Avelino Gamero**, **Vaz Teles & Cia.**, **Asmodeu**, **Nininhas**, **Valentim Sanhudo**, **Manuel U. Correia de Araújo** e outros, que se iam alternando. Alguns focalizavam assuntos teatrais.

O nº 14, de 4 de junho, foi dedicado a **Carlos Gomes**, cujo retrato, magnífico trabalho a craion, figurou na primeira página, em litogravura, abrindo a segunda artigo redacional alusivo ao aniversário natalício do grande maestro brasileiro, sendo a parte restante da edição constituída de poesias, assinadas por **Pedro Jaques**, **Henrique Azevedo**, **C. V.** (**Carneiro Vilela**), **Gonçalves Lima**, **S. B.** e **Filinto Bastos**.

Logo depois, pôsto em circulação o nº 16, do dia 25 de junho, foi suspensa a fôlha, para continuar com o título **Mefistófeles** (**Bib. Púb. Est.**).

**A ESTAÇÃO LYRICA** — Com expressivo desenho simbólico servindo de cabeçalho, entrou em circulação no dia 18 de abril de 1882, com quatro páginas, obedecendo ao formato de 37x23, impresso em papel **couché**, trabalho da tipografia e litografia de **J. E. Purcell**, à rua **Marquês de Olinda** nº 27. Assinatura única — 3\$000 até o mês de julho.

Apresentou-se com o intuito de divertir os leitores no decorrer da temporada da **Companhia Lírica Italiana**, contratada para exhibir-se no **Teatro Santa Isabel**.

Sua matéria constou de retratos, na primeira página de cada edição, de artistas, magnificamente desenhados, em litogravura, por **Antônio Vera Cruz**; crônicas, noticiário e cavacos sôbre os espetáculos; folhetim assinado dor **Santinelli**; transcrição de libretos de óperas e uma seção de triolés. Eram principais colaboradores **I. Bastos** e **Tamagno**.

Os ns. 5 e 6 fizeram-se acompanhar de Suplementos de uma fôlha maior que o formato do jornal, só impressa no anverso, contendo os libretos, respectivamente, da "Norma" e da "Traviata".

A 13 de junho publicava-se o nº 8, impresso na Tip. Mercantil, de C. E. Muhlert, à rua das Trincheiras (extinta) nº 50. Abria a primeira página: "A Estação Lyrica ao insigne maestro brasileiro Carlos Gomes", cujo retrato, em meio a excelente alegoria, ocupou uma fôlha ao centro, em sentido vertical, de 45x23. No texto tipográfico, em prosa e verso, escreveram: B. C., Tobias Barreto de Meneses, L. M., Ciridião Durval, Martins Júnior, Samuel Martins, Pedro Jaques, Faelante da Câmara, M. Raposo, Eurípedes, A. Lima Júnior, M. Rozendo e F. Marrocos (Francisco Alcedo da Silva Marrocos).

Foi o último número encontrado na pesquisa; mas Alfredo de Carvalho (obra citada) aludiu à existência do nº 9, de 29 de junho (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**). (1).

O REPORTER — Propriedade de "uma Associação", apareceu no dia 29 de abril de 1882, formato médio, com quatro páginas de quatro colunas. Impresso na Tipografia Central, tinha redação instalada à rua Larga do Rosário nº 24-A. Redator-responsável — Manuel Joaquim Neiva de Figueiredo. Destinava-se a circular ora uma, ora duas vezes por semana. Assinatura mensal: com direito a anúncios — 2\$000; sem direito a anúncios (para o interior) — 1\$000.

Declarou no editorial "A nossa razão de ser", que faria chegar a todos os leitores "os fatos sucedidos nesta província, no país ou fora dêle, quer sejam de ordem política ou moral, social ou científica", e não recusaria "o óbolo de seu apoio a essa miseranda raça que, às vistas de nossa civilização, ostenta degradantemente as feras calcetas do feudal escravagismo".

Findou solicitando anúncios, "mediante uma retribuição assás módica", sem cujo patrocínio "indubitavelmente se despenhará no insondável do fatalismo, onde se sepultam tantos outros aguerridos paladinos jornalísticos".

---

(1) A coleção da Biblioteca Nacional começa com o nº 4.

Sua característica principal foi o noticiário [miúdo e variado, entremeado de anúncios-foguetes. Divulgou, na edição de estréia, poesias de J. Duarte Filho, Belisário Pernambuco e C. de Figueiredo; iniciou a seção "Teatro", a cargo de Labordelle, e inseriu um folhetim, também sôbre tema teatral, que ocupou rodapés da primeira à terceira páginas. Na última — anúncio do Teatro Santo Antônio.

Jornal ligado aos interesses gerais do comércio, com um mínimo de matéria redacional, não lhe faltaram, no decorrer de sua existência, circulando ininterruptamente, produções poéticas de diferentes vates; notas humorísticas; crônicas teatrais e literárias e até dois artigos de Filinto Bastos contra Tobias Barreto.

A coleção encadernada estende-se até o nº 31, existindo, ainda, em meio aos avulsos, exemplar do nº 37, de 4 de novembro do mesmo ano (**Bib. Púb. Est.**).

Entretanto, a publicação d'**O Reporter** foi mais além, segundo Alfredo de Carvalho, que registou, como último, o nº 60, de 14 de março de 1883.

**PERNAMBUCO AO MARQUEZ DE POMBAL** — Poliantéia comemorativa do centenário do estadista lusitano, circulou em maio de 1882, com quatro páginas de bom formato, impressa na Tipografia Mercantil, menos a página de frente, que estêve a cargo da Litografia de J. E. Purcell, exibindo artístico retrato do Marquês, desenhado por Antônio Vera-Cruz. Mandada publicar pela Comissão Executiva do Gabinete Português de Leitura, teve como editor Antônio da Maia Pessoa.

As páginas restantes apresentaram produções, sôbre a personalidade homenageada, firmadas por Aníbal Falcão, Clóvis Revilaqua, Francisco Inácio Ferreira, Coelho Lisboa, Tomaz Gomes, A. Pedro de Melo e J. B. Gonçalves de Lima, terminando com um Calendário Positivista, no qual foi registrado o nome de Pombal a "19 de Frederico dos anos bissextos, semana de Richelieu" (**Bib. Púb. Est.**).

**MATUTA** — Livro de Sortes — Editado por Medeiros & Cia., da Livraria Francesa, saiu a lume no primeiro dia de junho de 1882. Seu conteúdo constituiu-se de "variadíssima coleção de chistosas sortes adequadas aos entretenimentos

das festejadas noites de Santo Antônio, São João, São Pedro e Santana”, além de boa porção de “recitativos, charadas e adivinhações dos melhores autores” (*Diário de Pernambuco*, 3 de junho).

**FLORES ACADEMICAS** — Publicação que se anunciava como periódica, mas não passou do primeiro número, surgiu no mês de junho de 1882. Inseriu a longa poesia “Os sinos”, de Schiller, traduzida por José Carlos da Costa Ribeiro, precedendo-a uma carta de Clóvis Bevilaqua, que teceu encômios ao trabalho do tradutor (Cf. *Jornal do Recife* e *Diário de Pernambuco* de 2 e 7 de julho).

**AO MAESTRO CARLOS GOMES (1)** — Poliantéia divulgada no dia 27 de junho de 1882, apresentou-se em formato de 43x32, com quatro páginas de três colunas largas, mais a capa em papel de côr e uma fôlha de rosto com o retrato do grande compositor brasileiro, desenho litográfico de alto efeito, em oval, emoldurado de fôlhas de louro, de autoria do pintor Antônio Vera-Cruz. Impressão da tipografia d’O Aza Negra.

Em saudação ao homenageado, escreveram, em prosa ou verso, Clóvis Bevilaqua, Martins Júnior, Pedro Jaques, Ciridião Durval, Gonçalves Lima, Crispiniano Buarque, João Gregório Gonçalves Júnior, M. P. de Oliveira Teles, Cícero V. César e Henrique de Azevedo (**Bib. Púb. Est.**).

**HOMENAGEM AO MAESTRO CARLOS GOMES** — Poliantéia de 29 de junho de 1882, foi impressa na Tipografia Central, em formato médio.

Constou de quatro páginas, a primeira das quais apresentando o título e os dizeres: “Pela Comissão Promotora dos Festejos — Por ocasião da récita de Autor — Em 29 de junho de 1882”, tudo encimado com emblema do Brasil Imperial. Nas duas do centro (tôdas circuladas de vinhetas) encontravam-se crônicas em tôrno da personalidade extraordinária do compositor brasileiro, e poesias, assinadas por Tobias Barreto, Ciridião Durval, E. S., J. Duarte Filho, A.

---

(1) A publicação em tela corresponde à que foi registada nos “Anais”, sob o título **Carlos Gomes**, como tendo saído a 29 de junho, data em que circulou outra, da qual não se ocupou o citado autor, sob o título “Homenagem ao maestro Carlos Gomes”.

C., João Barbalho, M. A. e T. C. Na última estampou-se o programa da ópera “Salvador Rosa”, a ser representada, no mesmo dia, no Teatro Santa Isabel (Bib. Púb. Est.).

**MEPHISTOPHELES** — Periódico Semanário — Começou a existir com o nº 17, datado de 2 de julho de 1882, em substituição ao Aza-Negra, obedecendo ao mesmo programa satírico-humorístico, idênticos formato e tabela de assinaturas, com quatro páginas.

Aos que considerassem excentricidade o nôvo título, esclareceu o editorial de reapresentação, firmado por **Elmano**: “...o nosso **Mephistopheles** é um diabo bom e simpático, não indo ofender às crenças religiosas de pessoa nenhuma”. E mais: “... o nosso diabo saberá guardar certas conveniências e, como não tem rabo, ridicularizará convenientemente aquêles que o tiverem”.

Além do artigo, inseriu “Histórias”, por **Asmodeu**, de notas apimentadas, envolvendo nomes de pessoas. Terminou com alguns versos. As duas páginas centrais foram integralmente ocupadas, em sentido horizontal por uma litogravura de **Carlos Gomes**, primoroso retrato executado pelo desenhista **Vera Cruz**, o mesmo da poliantéia de 27 de junho.

**Valentim Sanhudo**, abrindo a edição seguinte com “Uma Declaração”, ratificou, em prosa e verso, o programa do periódico, inclusive com o triolé a seguir:

“Quem fôr bom não tenha mêdo,  
 Pois só faremos justiça!.  
 Do nosso falar azêdo  
**Quem fôr bom não tenha mêdo;**  
 Pois, se apontarmos co’o dedo  
 Da sociedade a carniça,  
**Quem fôr bom não tenha mêdo**  
 Pois só faremos justiça!”

Prosseguiu o jornal, aproveitando os colaboradores da **Aza-Negra**, alguns dos quais depois substituídos por **Pantagruel**; **Le Grand Diable**, o da “Galeria Célebre”; **Diablotin**, **Plácido Pacífico**, **Jack Dorpe**, **Gil**, sôbre Teatro; **Sataniel**, **Bento Mendes**, **Biagio**, **Belzebu**, **Dr. F. Brillhante**, **Valentim Diabo**, **Cérbero**, **Mefisto**, **Aristofanes**, **Berneck**, **Pancrácio**, **Bibiu**, **Tencote**, etc.

A partir do nº 23, **Mephistopheles** veio a estampar retratos a craion, em litogravura, **charges** e alegorias, ora na primeira, ora na quarta página, começando por homenagear a memória do juriconsulto Aprígio Guimarães. O nº 37 foi inteiramente dedicado ao líder político José Mariano, ao passo que o 41º apresentou, na página de frente, um desenho de crítica “à morte da arte dramática”. Já o cabeçalho passara, desde o nº 33, a apresentar-se com desenho de **Hilarino Lopes**.

Empregando a crítica, a sátira e o humorismo, tanto em prosa quanto em verso, a salientar o chiste de **Gregório Júnior**, o periódico atingiu o nº 42 a 24 de dezembro. Pretendia fazer algumas reformas, pedindo, por isso, aos assinantes em atraso, que comparecessem com os “cobres”, sob pena de estampar-lhes os nomes.

O nº 1, ano II, saiu a 7 de janeiro de 1883, continuando o mesmo ritmo, até o nº 16, de 22 de abril, quando chegou ao fim (1).

A tipografia do **Mephistopheles**, a princípio instalada à rua Ponte Velha nº 1, transferira-se, depois, para o Cais 22 de Novembro nº 79, sendo seus proprietários Antônio Irineu & Cia. (**Bib. Púb. Est.**).

O **NORMALISTA** — Jornal “exclusivamente instrutivo”, propriedade do Clube Literário dos Normalistas, surgiu no dia 6 de julho de 1882, formato de 33x22, com quatro páginas, a duas colunas largas de composição. Impresso em papel acetinado, na tipografia da **Gazeta de Notícias**, à rua de São Francisco (atual Siqueira Campos) nº 2-A, para circular quinzenalmente, tinha como diretores: Ernesto Miranda, Alberto Pradines, Mamede J. dos Reis, Aprígio Braz e João Damasceno.

Segundo o editorial de apresentação, era “mais um auspicioso fruto do grande invento de Guttenberg a correr mundo e a encetar a sua gloriosa missão de rasgar o mundo negro da ignorância”, “cooperando para o desenvolvimento do ensino”.

---

(1) Consoante o registo de Alfredo de Carvalho, **O Mephistopheles** tinha morrido em 1882.

Além dos diretores, escreveram, na edição de estréia, Américo Yetim (pseudônimo de Teotônio Freire), Rodolfo Filho (poesia) e Freire Júnior.

Seguiu-se normalmente a circulação do periódico, que passou a imprimir-se, desde o nº 3, na tipografia d'O **Mephistopheles**. Sempre divulgando matéria instrutiva, incluía poesias de J. Duarte Filho e **Oberon**.

Findou com o nº 6, de 16 de outubro (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

O **SABER — Jornal Literário** — Começou a circular a 7 de julho de 1882, formato de 31x21, com quatro páginas de duas colunas largas, impresso na tipografia da **Gazeta de Notícias**. Redação a cargo "de uma sociedade", sob a direção de Artur Fenelon, instalada na Praça Pedro II nº 54.

Seu objetivo, expresso em sêco editorial, era "a reconstrução sociológica", dispondo-se a estudar o estado da sociedade, o progresso e as necessidades do país.

Contou com a colaboração de Artur Ramos, P. C. M. A., **Vival**, **Ali Remgeh**, **Pinus**, **Biscarre** e **Bias Pharolindevo**, além do poeta diretor.

Publicação que pretendia ser hebdomadária, o nº 3 foi dado à luz no dia 30 de julho (**Bib. Púb. Est.**).

Ainda circulou o nº 4 (1), cujo aparecimento foi noticiado pelo **Diario de Pernambuco** de 20 de agosto.

A **CYTHARA** — Poliantéia editada a 11 de julho de 1882, apresentou-se com quatro páginas de três colunas, formato de 44x32. Da primeira, circulada de vinhetas, constava o seguinte: "Preito de admiração à exímia prima-dona Líbia Drog. Seus admiradores". Sobre o cabeçalho via-se uma figura de mulher tocando harpa. Focalizando a personalidade artística da homenageada, escreveram, nas páginas do centro, Pedro Vergne, Martins Júnior, Clóvis Bevilaqua, Alfredo de Castro, Pedro Celso, Ciridião Durval, Gaspar Regueira, etc. Na última página divulgou-se o programa do

---

(1) O registro dos "Anais" só atinge o nº 3.



benefício, a ser levado a efeito na mesma data, no Teatro Santa Isabel (**Bib. Púb. Est.**).

**O HOMEOPATHA — Órgão de Propaganda Homeopática** — Propriedade da Farmácia e Laboratório Especial Homeopático do Dr. Sabino, circulou o primeiro número a 11 de julho de 1882, impresso na Tip. Central, à rua do Imperador nº 73, formato de 38x26, com quatro páginas a três colunas de composição de 16 cíceros.

Aos lados do título apresentava as frases: “**Similia similibus curantur**” e “**Res non verba**”, e, abaixo, as sentenças: “Não vos peço que deis credito às minhas palavras; peço-vos somente que façais experiências; mas fazei-as como eu as faço, segundo os preceitos que vos dou; e ficareis então convencidos” (Hahnemann): — “É pela própria experiência que o povo chegará um dia a abandonar as antigas crenças e adotar definitivamente a homeopatia” (Dr. Sabino O. L. Pinho).

O artigo-programa teve o título “O que é a Homeopatia”, ocupando quase toda a edição, completada com alguns anúncios. Eram redatores: João Sabino de Lima Pinho, Baltazar da Silveira e Tristão Henriques da Costa.

Com o nº 2, saído da oficina do **Diário de Pernambuco**, a publicação seguiu seu curso, inserindo artigos assinados pelos redatores, discurso e artigos de Joaquim Murтинho, noticiário e anúncios especializados. Não passou, porém, no ano do aparecimento, do nº 5, que saiu no dia 17 de novembro, já impresso em oficina própria, à rua Barão da Vitória (Nova) nº 43, 1º andar. A primeira página inseriu artigo sobre a personalidade do pioneiro dr. Sabino Olegário Ludgero Pinho, propagador máximo da homeopatia no Recife, falecido a 17.11.1869.

Reapareceu **O Homeopatha** — nº 1, ano II — a 26 de março de 1883. O nº 2 circulou um mês após, mas o 3º só foi publicado a 2 de julho e o 4º em novembro.

Novamente suspenso, voltou a 18 de janeiro de 1884 — nº 1, ano III. Mais alguns meses e publicou-se, no mesmo ano, outro nº 1 — ano ... IV. Findou aí sua existência, sem ter ocorrido qualquer modificação no programa enunciado (**Bib. Púb. Est.**).

**O PORVIR — Órgão da Sociedade Ensaio Jurídico e Literário** — Impresso na Tip. Central, à rua do Imperador nº 73, circulou, pela primeira vez, a 18 de julho de 1882, com quatro páginas, formato de 33x22 a duas colunas de 16 cêmeros. Redação dos primeiranistas de Direito Fernando de Castro, Claudino dos Santos, Alfredo Pinto Vieira de Melo, Assunção Meneses e Davino Pontual, todos assinando produções de acôrdo com o programma.

Circularam, nas mesmas condições, mais dois números, o último dos quais datado de 11 de setembro, divulgando a nota a seguir: “**O Porvir** vai descansar; deixa a luta para adquirir no repouso e na paz a fôrça necessária para nova jornada”. É que a Sociedade encerrara suas atividades no dia 30 do mês anterior (**Bib. Púb. Est.**).

**O MICROSCOPIO — Escritos de Faelante da Câmara e Oliveira Teles** — Circulou o primeiro número em agôsto de 1882, obedecendo ao formato de 17x12, com 16 páginas, inclusive a de rosto, mais a capa em papel verde, só impressa a parte da frente. Modesto trabalho da Tipografia Central.

Abriu a edição a nota intitulada “Ao leitor”, em que **A Redação** se declarava “os mais obscuros peões da república das letras”, mas com “a ombridade necessária para suportar o gargalhar dos **fidalgos idiotas**”.

Constou o opúsculo, unicamente, de dois artigos de crítica: “Algumas palavras sôbre a Academia e principalmente sôbre o livro do sr. Pereira Simões”, de Faelante da Câmara, e “A conferência do sr. Pedro Vergne”, assinado pelo outro redator, Manuel dos Passos Oliveira Teles, que condenou a idéia da abolição imediata da escravatura, tema do conferencista. Batia palmas “a qualquer clube abolicionista”; louvava “a generosidade dos particulares”, acrescentando: “...mas não gosto do movimento de que Joaquim Nabuco foi iniciador nos últimos tempos. Porque não quero a desgraça de minha terra, sobretudo de minha província, Sergipe, que vive da lavoura, e conta um número limitado de capitalistas” (1) (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Refutando-o, o acadêmico Pedro Vergne de Abreu divulgou o artigo “O reverso da crítica”, num folheto de 28 páginas, Tip. Industrial, no qual defendeu o seu ponto de vista e qualificou seu contendor como idiota.

O **Diário de Pernambuco**, edição de 3 de setembro, informou haver entrado em circulação o nº 2 d'**O Microscopio**, dêle não restando comprovante.

**IRACEMA — Periódico Literário-Abolicionista** — Impresso na Tip. Universal, à rua do Imperador nº 50, com redação à rua da Imperatriz nº 14, 1º andar, circulou o primeiro número a 12 de agosto de 1882, formato de 31x22, com quatro páginas, em bom papel. Sob o título, a divisa, em inglês: “**Let the justice be borne ithoug the heavens fall**”, com a respectiva tradução: “Faça-se a justiça na terra, embora desabem os céus”. Trimestre — 1\$500; mês — \$500.

O editorial de apresentação, assinado por Clóvis Bevilaqua, contra o escravagismo, frisava: “Foi êsse modo de compreender os fatos, que se estão passando sob nossos olhos, a causa do aparecimento do **Iracema**. Quisemos também tomar parte no generoso movimento que agita a população brasileira do Norte ao Sul do Império, e armamos aqui a nossa tenda, por cima da qual tremula, em flâmula, o nome de **Iracema**”. O título significava uma homenagem ao Ceará, que deu “a virgem dos lábios de mel” e onde “mais acentuadamente se levanta o movimento abolicionista”.

Publicou-se até o quarto número (1), o penúltimo com seis páginas e o último datado de 30 de Setembro, divulgando trabalhos, em prosa, sobre o abolicionismo, de Clóvis Bevilaqua (em tôdas as edições), Álvaro Gurgel de Alencar, R. Farias Brito, Plínio Franklin do Amaral, R. Alexandre Pereira e Elísio de Castro; rodapé literário de Flávio Russo e versos de Anísio de Abreu (**Bib. Púb. Est.**).

**STEREOGRAPHO — Estudos de Crítica Genética** — Sob o título acima e o subsidiário, “os srs. Clóvis Bevilaqua e Izidoro Martins Júnior, alunos da Faculdade de Direito, deram à estampa um pequeno opúsculo, com pretensões a fazer propaganda republicana” (Cf. **Diário de Pernambuco** de 8 de setembro de 1882).

**A EVOLUÇÃO — Jornal Literário, Científico e Noticioso** — Iniciou sua publicação a 26 de setembro de 1882, formato de 31x22, com quatro páginas de duas colunas largas.

---

(1) Alfredo de Carvalho registara o nº 3, de 16 de setembro, como último, fazendo-o, aliás, dubitativamente.

Impresso na tipografia situada à rua de São Francisco (atual Siqueira Campos) nº 2-F, destinava-se a circular bimensalmente, cobrando 300 réis por assinatura mensal.

Consoante concisa nota de abertura, o programa da nova fôlha consistia em promover “discussões literárias”. Seguiu-se um artigo, na seção política, segundo o qual **A Evolução** desejava “trilhar o caminho do progresso, difundindo no solo brasileiro a instrução, discernindo com a estrêla sacrossanta da verdade”. As considerações políticas da redação só terminaram no segundo número, censurando “o modo de reinar e governar”, que levava a corrupção a alçar o colo.

O restante da matéria constou de produções literárias ou ditas científicas; folhetim; versos ligeiros e logogrfos, findando alguns artigos com a nota “continua”.

Circulou o nº 2 a 11 de outubro, contando, inclusive, com a colaboração de **Draco**, U. V., Joaquim Neto, S. B., Misael de Sousa e **G. R. (Bib. Púb. Est.)**.

Embora a inexistência de outros comprovantes, **A Evolução** não morreu logo. Chegou a publicar-se até o nº 5, que foi registado pelo **Diario de Pernambuco** de 8 de novembro (1).

**EUSEBIO DE QUEIROZ** — Poliantéia datada de 28 de setembro de 1882, em “homenagem ao grande e humanitário estadista que acabou o tráfico dos africanos e permitiu a redenção dos cativos, e a sua incorporação na família, na pátria e na humanidade”, publicou-se por iniciativa de Carlos Falcão, Felisberto Milagres, Germano Hasslocher e Barros Cassal.

Impressa na Tip. Mercantil, apresentou-se em formato de 44x27, com três colunas de composição e quatro páginas, em fino papel, a primeira das quais ocupada pelo retrato, em litogravura, do homenageado, num desenho de A. Vera Cruz.

---

(1) Para Alfredo de Carvalho, só tinham circulado mesmo as duas edições guardadas na Biblioteca Pública do Estado.

Além dos organizadores, escreveram sobre a personalidade de Eusébio de Queiroz os escritores Aníbal Falcão, Clóvis Bevilacqua, Martins Júnior, J. V. Meira de Vasconcelos e outros (**Bib. Púb. Est.**).

**A PEDRO PEREIRA** — Outra poliantéia de 28 de setembro de 1882, circulou como “homenagem dos acadêmicos cearenses a Pedro Pereira da Silva Guimarães”, com oito páginas, em bom papel e formato de 31x22. Impressão da Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 14.

A página de frente trouxe bem desenhado retrato a craion, do homenageado, trabalho da Litografia de J. E. Purcell. Seguiram-se produções alusivas à atuação de Pedro Pereira, deputado pelo Ceará — o primeiro que, no Parlamento, deu o grito de alarma, em 1850, contra a escravidão — assinando-as Clóvis Bevilacqua, P. Cruz, R. Farias Brito, João Brígido Júnior, Plínio Franklin, Alvaro Gurgel de Alencar, A. B. C., R. Alexandre Pereira, Linhares de Albuquerque, Reinaldo da Silva Pôrto e E. Sizenando.

Concluiu a edição a lei de 28 de setembro de 1871, que considerou livres todos os nascidos no Brasil (**Bib. Púb. Est.**).

**RIO BRANCO — Homenagem Abolicionista** — Número único, ainda de 28 de setembro de 1882, foi impresso em papel couché, na Tip. Mercantil, à rua das Trincheiras nº 50, formato de 32x21, com quatro páginas de duas colunas largas de composição. Preço do exemplar — 100 réis.

Foi assunto exclusivo da poliantéia o 11º aniversário da lei que libertou o ventre da mulher escrava, com trabalhos assinados por Severiano Peixoto, Sales Barbosa, Antônio Chermont, Felinto Bastos e Libânio Moraes, os dois últimos em prosa e verso (**Arq. Púb. Est.**).

**QUATRO DE OUTUBRO** — Número único de 1882, circulou na data que lhe serviu de título, em solenização ao quarto aniversário da Sociedade Recreio Instrutivo, sendo impresso na Tip. Universal, à rua do Imperador nº 50, em bom papel, formato de 33x22, com quatro páginas.

Tôda a matéria foi alusiva ao evento, assinando artigos Sebastião Siqueira, J. Borba, Paulo Silveira, Camerino Sobrinho, Gaspar Peres, Francisco de Sá, J. V. N. e A. G. (**Bib. Púb. Est.**).

O NORTE — **Periódico Literário e Científico** — Impresso na oficina gráfica da **Gazeta de Notícias**, em pequeno formato, “o nº 1 saiu a 6 de outubro” de 1882 (“Anais”).

O ATHENEU — **Órgão do Clube dos Estróinas** — Apareceu no dia 10 de outubro de 1882, formato de 29x20, com quatro páginas a duas colunas de 16 cíceros, sendo impresso na tipografia da rua de São Francisco nº 2-F. Destinado a circular nos dias 10, 20 e 30 de cada mês, custava 500 réis a assinatura mensal.

Declarava-se, no artigo-programa, “fiel intérprete” de moços “regeneradores da humanidade”, concluindo: “É mais um jornal que se destina a combater a tirania, o descabro e as infâmias; que se destina a causticar as podridões informes da sociedade; que se destina, enfim, a pugnar pelas idéias do bem e do direito, regendo-se pelo princípio que um dia há de reger a humanidade inteira: — Liberdade, Igualdade e Fraternidade”.

Divulgou colaboração de Pepes de Vasconcelos e **Américo Yetim** (pseudônimo de Teotônio Freire), iniciando, em folhetim, o romance “A carteira de meu tio”, de Joaquim Manuel de Macedo. A quarta página só inseriu as “Variedades”, de Alírio Mendes, o qual terminou avisando “que os moços do **Atheneu** são todos uns bons rapazes, amantes da ordem e das instituições”.

Sem indicar corpo redacional, divulgou um Aviso, ao pé da última página, segundo o qual a correspondência para a redação devia ser endereçada para as iniciais A. C. E., na rua Velha de Santa Rita nº 95.

Processou-se a publicação literária com a devida regularidade, mas não passou do nº 5, dado a lume no dia 20 de novembro. Foram outros colaboradores: Marcelino Cleto, focalizando temas musicais; Sindolfo Baviera, Freire Júnior, Pánfilo do Espírito Santo e Rodolfo P. C. (**Bib. Púb. Est.**).

O COMETA — Número único, “redigido por algumas senhoras”, circulou a 12 de outubro de 1882 (embora sem mencionar dia nem mês), formato de 22x16, com quatro páginas, a primeira das quais só com o soneto “Fatalidade”, em quadro, e as restantes com notas curiosas e humorísticas, de poucas linhas, sem título nem assinatura, e alguns ver-

sos, no mesmo estilo, firmados por **K. 7**. Preço do exemplar — 100 réis. Tôda a matéria aludia ao cometa que fôra observado no Recife (**Bib. Púb. Est.**).

**O ENSAIO — Periódico Científico e Literário** — Surgiu no dia 5 de novembro de 1882, formato de 31x21, a três colunas de composição, com quatro páginas. Impresso na Tip. da **Gazeta do Recife**, à rua de São Francisco nº 2-F e com redação à rua Duque de Caxias nº 23, assinava-se a 1\$000 por trimestre, mediante pagamento adiantado. Circularia quinzenalmente.

Segundo o artigo de apresentação, tratava-se de um jornal de moços, que lhe dedicavam “suas horas vagas com o fim de acompanhar o progresso intelectual da época”. Não traria à publicidade a vida privada de ninguém; nem encheria colunas com artigos declamatórios. As “produções literárias de mérito” ocupariam lugar de honra. Tal era o seu programa.

A edição seguinte saiu no dia 20, tendo ambas inserido diferentes artigos da redação, inclusive fazendo o panegírico do chefe político José Mariano; verso e prosa de Armino Spezio; poesia de Henrique Azevedo e “Variedades”.

Continuou no ano seguinte (não encontrados os ns. 3 e 4), saindo o nº 5 a 15 de fevereiro, “depois de um mês de interrupção, correspondente às ferias de Natal”. E, a partir da sexta edição, foi impresso na Tipografia Industrial, à rua do Imperador nº 14.

Jornal de boa feição, apresentava colaboração de Claudino dos Santos, Rangel Sobrinho, Galdino Loreto, B. R., autor de poesias e da seção biográfica “Pernambucanos distintos”; João de Sousa e outros; folhetim, “Variedades”, comentários diversos e noticiário.

Prolongou-se a existência d'O Ensaio, circulando nos dias certos, até 15 de outubro de 1883, quando saiu o nº 20, que foi o último publicado (**Bib. Púb. Est.**).

**A UBIGUIDADE — Órgão Dedicado aos Interesses do Povo** — Saiu a lume no dia 8 de novembro de 1882, formato de 22x16, com quatro páginas. Redação à rua Imperial nº 274. Devendo publicar-se semanalmente, estabeleceu o preço de \$500 por mês.

Pretendia, consoante o artigo-programa, analisar, “desde o Rio de Janeiro até aqui”, todos os fatos sociais, comerciais e obras públicas. Só divulgou artigos políticos e o início do folhetim “A menina feliz”, da autoria do redator único João Randal Verviers. Ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

**A REVOLUÇÃO — Órgão Literário e Noticioso** — Circulou o primeiro número, que foi também único, a 20 de novembro de 1882, formato de 22x16, com quatro páginas, vendendo-se ao preço de \$300 o exemplar.

Apresentado aos leitores com o programa de sair duas vezes por mês, dizia-se “pequenino no formato e grande nas aspirações”. Além de um folhetim, notas ligeiras e charadas, divulgou produções dos redatores Sigismundo Teixeira, Levino Reis e Lima Escobar e, ainda, de Ribeiro da Silva (**Bib. Púb. Est.**).

**O INTERPRETE — Fôlha Teatral** — Poliantéia dedicada ao ator Francisco Pereira de Lira, “na noite do seu benefício no Teatro Santa Isabel”, circulou a 26 de novembro de 1882, com quatro páginas, formato de 33x22.

Saudações, em prosa e verso, foram inseridas, assinadas por A. Figueira, J. Gonçalves, Cândido T. dos Reis e outros. A quarta página constituiu-se de um desenho confeccionado com vinhetas, formando uma lira, entre palavras de homenagem ao ator, tendo ao centro um acróstico organizado com títulos de peças teatrais da época (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

**REVISTA COMMERCIAL** — Registada, nos “Anais” de Alfredo de Carvalho, como tendo circulado no decorrer de 1882, não era mais do que uma página suplementar, quinzenal, do **Jornal do Recife**. Realmente organizada pelo corretor Bernardino de Vasconcelos, constava de relação de preços correntes de gêneros, estatísticas econômicas, mapas de importação e exportação, etc.

1 8 8 3

**O INDUSTRIAL** — **Revista de Indústrias e Artes** — Saiu o nº 1, ano I, a 15 de janeiro de 1883, formato de 35x23, a duas largas colunas de composição e 12 páginas, impressas



em papel especial. Propriedade da Fábrica Apolo, de Antônio Pereira da Cunha, em cuja tipografia, à rua do Hospício nº 79, foi confeccionada. Redatores — José Higinio Duarte Pereira, Tobias Barreto de Meneses, Barros Guimarães e Graciliano Batista. Destinada a circular mensalmente, anunciou o preço de 5\$000 por assinatura anual, custando o exemplar 400 réis. Redação: rua do Cabugá (hoje, Duque de Caxias) nº 14, 1º andar.

Propunha-se — dizia o artigo inicial — a “servir à causa da nossa agricultura, da nossa indústria em geral”, mas não utopicamente; realizaria “um trabalho todo prático e positivo, baseado, principalmente, na leitura e assimilação do que melhor contenham a respeito da agricultura, indústrias e artes, livros e jornais franceses, ingleses e alemães, russos e americanos”.

Inseriu diversos editoriais, uma “Seção noticiosa” e outra intitulada “Útil e agradável”, só reservando para anúncios a última página.

Publicou-se com a necessária regularidade, sempre apresentando oito páginas, repletas de artigos redacionais bem elaborados, ou transcrições, obedecendo ao programa traçado. Uma página do centro exibia, em cada edição, gravuras de diferentes tipos de máquinas alemãs.

Atingido o nº 12, datado de 15 de dezembro do mesmo ano, foi sustada a publicação, lendo-se, a propósito, no editorial sob o título “Porque não continuamos”: “. . .apesar de ninguém contestar a utilidade d’O Industrial, apesar de ser esta revista considerada como bem escrita, apesar de ser em seu gênero a mais barata e a mais bem impressa do Império, não pode ela continuar por não ter ao seu alcance os meios pecuniários que lhe são indispensáveis para manter-se sempre como até agora”.

Depois de outras considerações, concluiu: “O Industrial, como se vê, não pode viver no meio social existente; é forçado a desaparecer; a atmosfera que o rodeia não é favorável à sua existência” (Bib. Nac., Bib. Púb. Est. e Bib. Fac. Dir. UFPe.).

O SÉCULO — Ciências, Artes, Literatura — Com o título em caracteres góticos, pequeno formato de 22x16, com

quatro páginas, apareceu a 15 de janeiro de 1883, sendo impresso na Tip. Universal, à rua do Imperador nº 50. Redator único — Rangel Sobrinho. Publicação quinzenal, assinava-se a 300 réis por mês, mais 600 réis para fora da cidade.

Num editorial de quase duas páginas, dizia ter como objetivo “acompanhar a marcha progressiva dos acontecimentos; erguer altares à virtude; clamar contra a injustiça e a opressão; pleitear a mais sublime das causas, a causa da democracia, a causa do povo, sempre de lança em riste contra a hipocrisia e a tirania”. E mais: “Não usar da linguagem grosseira e indecente dos pasquinhos, atassalhadores da reputação alheia, prostituidora da sublime invenção de Guttenberg”; “não visar o interesse pecuniário”, concluindo: “...a verdade, sempre a verdade, será nossa bússola no tempestuoso mar das paixões”.

Completaram a edição um artigo sobre assunto científico (continuando no nº 2) e a poesia “Saudação ao dr. José Mariano”, assinada pelo redator.

Saiu o nº 3 a 15 de fevereiro, com artigos prolixos, apesar da pequena estatura do jornal, e versos de Cândido T. dos Reis. Foi o último (**Bib. Púb. Est.**).

**GAZETA DO RECIFE** (1) — Jornal “de todos e para todos”, destinado a publicar-se nas terças-feiras, quintas e sábados, estreou no dia 20 de janeiro de 1883, formato de 42x28, com quatro páginas de quatro colunas, tendo escritório e redação instalados à rua de São Francisco nº 2-F, mesmo local da tipografia que o confeccionava, a do **Correio do Recife**. Assinatura trimestral — 2\$000; ou 2\$500 para fora da cidade.

Lia-se no bem elaborado artigo-programa: “As colunas da **Gazeta do Recife** abrem-se a tôdas as idéias de progresso, aceitam a defesa de todos os direitos, filiam-se à propaganda de tôdas as grandes reformas, morais e materiais, celebram tôdas as virtudes, combatem todos os vícios”.

Salientou o articulista que a liberdade de que cogitava não conhecia conveniências pessoais nem estacava diante

---

(1) Ao contrário do que registara Alfredo de Carvalho, nos “Anais”, esta **Gazeta do Recife** não foi fundada por José de Vasconcelos, nem teve ligação com o diário de igual nome que circulou quase dez anos depois.

de suscetibilidades autorizadas, mas abria mão “do espírito de partido, para render culto somente ao direito e ao dever”. E sentenciou sobre a Imprensa: “...ela é efetivamente picareta inquebrantável na demolição desses montes de misérias que cobrem governantes e governados; é cautério que mata tôdas as úlceras que lavram o corpo social”. Seria, finalmente, livre e independente.

Inseriu, na primeira edição, o comentário “Estudos Políticos Sociais”, abrindo uma série de oito artigos contra o jogo da loteria; poesia de Mariano Augusto; folhetim: “O Mandarim”, de Eça de Queiroz; a “História completa de Leon Gambetta” por Alfredo Borbou, que, como o anterior, não chegaria ao fim; seção comercial; noticiário nacional e internacional e quase uma página de anúncios.

Seguiu-se a existência regular da **Gazeta**, que, além do editorial rotineiro, versando temas diferentes, se especializou em matéria leve, alternando as pequenas notícias com anedotas ou notas curiosas. Iniciou, no nº 7, a crônica-folhetim “A Semana”, por **La Fossê**, sem continuar. Outro cronista que ficou na estréia foi **Fabioni Cratosoc**, o mesmo sucedendo a Emídio d’Oliveira. Coube a **Piperlin** (e outros pseudônimos) a crônica teatral. Publicaram poesias: Henrique de Azevedo, Rangel Sobrinho, **Filis**, etc., e manteve-se a quarta página repleta de anúncios.

Terminou a vida do bem feito órgão com o nº 18, datado de 13 de março (2) (**Bib. Púb. Est.**).

**O BEIJA-FLOR — Periódico Literário** — Dedicado “às distintas brasileiras”, deu à luz o primeiro número no dia 28 de janeiro de 1883, formato de 29x21, com quatro páginas, destinando-se a circular todos os domingos. Impresso na oficina da **Gazeta de Notícias**, à rua de de São Francisco nº 2-A, assinava-se a 500 réis mensais, custando 200 réis o exemplar.

Escreveu a redação, no artigo-programa: “O espírito fino e penetrante sem a grosseria da **blague**, a alegria franca e salutar sem as risadas do deboche; enfim: a agilidade elegante, a inocência sincera e o amor da verdade unido ao da arte andam tão desquitados do nosso jornalismo atual que

---

(2) Não “de maio”, como está na obra citada.

havia e que há, na sociedade, uma iniludível necessidade da aparição de uma pequena fôlha sabendo ter espírito ágil e alegria inocente. O **Beija-Flor** atreve-se a pedir para si o encargo de satisfazer a essa necessidade. E por isso aparece. Aparece e confia sua vida, principalmente, ao sexo amável”.

A 2<sup>a</sup>. e a 3<sup>a</sup>. páginas foram ocupadas com a música da polca “As coisas não estão boas”, de João Rosas. A 4<sup>a</sup>, só de poesias, fechou com a nota abaixo: “A redação pede desculpas às suas exmas. leitoras se nesse primeiro número o seu travesso **Beija-Flor** não pôde sugar o mel do segrêdo e amores das mimosas brasileiras, o que fará no número seguinte”.

Publicou-se até o nº 4, datado de 28 de fevereiro, último aparecido. Mais voltado ao verso do que à prosa, divulgou poesias de Júlio Falcão, Flora D., Francisco Lisboa, Armin-do Lisboa, Augusto C., J. Gonçalves e Manfredo Franlis; crônicas de Josefa de Oliveira e Fausto Júnior e a seção “Variedades” (**Bib. Púb. Est.**).

**PIERROT** — Fôlha carnavalesca, cujo número único circulou no dia 3 de fevereiro de 1883, em bom papel, apresentou-se com o título em fôlha dupla, de grande formato, constituindo um só clichê litográfico, repleto de **charges** a craion, com legendas manuscritas, figurando em primeiro plano o próprio Pierrot.

A parte interna da fôlha, em composição tipográfica do **Jornal do Recife**, foi dividida em quatro páginas pequenas, cheias de matéria chistosa, assinada com pseudônimos. Sua apresentação esclarecia que **Pierrot** se achava na “melhor disposição de espírito e pronto a fazer figura decente no **sabbat** carnavalesco” (**Bib. Púb. Est.**).

**O CLUB DOS REPORTERES** — “Edição extraordinária — Número único — Ano presente”, embora não indicasse data, publicou-se no dia 3 de fevereiro de 1883, formato de 32x23, com quatro páginas de duas colunas largas. Inseriu apreciável matéria carnavalesca, constante de humorismo, sátira e troças (**Bib. Púb. Est.**).

**A AURORA** — **Revista Científica e Religiosa** — Surgiu a 15 de fevereiro de 1883, formato de 22x16, com 16 páginas, sendo impressa na Tipografia Central. Assinatura anual

— 10\$000. Preço do exemplar — 500 réis. Da última página constou o “Aviso final” seguinte: “Tudo o que pertencer à redação e administração será remetido ao padre Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, à rua Formosa nº 19. Assina-se na mesma rua e casa acima e também em casa do Vigário da freguesia de Santo Antônio, Revmº Luiz Francisco de Sales Pessoa”. Era cobrador Manuel Pernambucano Quintero.

“Patrocinar a causa católica, pugnar pelas idéias da Igreja, tornar bem conhecidas as verdades dogmáticas e morais da nossa religião, e combater o êrro e incredulidade sob suas diversas formas e manifestações. é o fim a que nos propomos e a causa principal do aparecimento desta revista” — dizia o artigo-programa, acrescentando, após longas considerações, que não descuraria dos problemas políticos, sem se associar, porém, a nenhuma parcialidade militante. Concluiu rogando a coadjuvação dos irmãos sacerdotes e de todos os católicos, “já com suas assinaturas, já com seus conselhos e luzes”.

A par de artigos doutrinários, evangélicos, e algumas poesias, inclusive assinadas por Batista Regueira, apresentou noticiário específico, bastante variado.

Em numeração seguida, circulando quinzenalmente, terminou o ano a edição de 30 de dezembro, para continuar a 6 de janeiro de 1884, quando saiu o nº 23, em novo formato de 44x28, com quatro páginas. Colocara sob o título: “Periódico hebdomadário consagrado aos interesses do catolicismo”; mais a divisa: “**Religioni et bonis artibus**”. Permaneceu o preço da anualidade, ajuntando-se-lhe a parcela: semestre — 5\$000. Correspondência para a rua do Imperador nº 73, onde ficava a Tipografia Central.

Mantido o programa traçado, contou com a colaboração de **A** e **B**, continuando a longa “Seção de Notícias”, à qual se juntaram a “Seção de Avisos”, a “Seção de Anúncios” e o “Expediente do Bispado”.

Publicado o nº 26, a 27 de janeiro, findou o primeiro ano. prosseguindo — nº 1, ano II — no dia 2 de fevereiro de 1884, sem mais modificações, para circular, semanas a fora, com tôda regularidade. Na seção “Literatura”, apareciam poesias assinadas por Olímpio Bonald, Gomes Leal,

Andrade Filho, êste também prosador, e outros, criando-se, depois, uma "Seção Amena" e a "Seção Instrutiva", além do constante folhetim. Foi último número do ano o 47º, de 21 de dezembro.

A 11 de janeiro de 1885, começou o ano III — nº 1 — cujo artigo de abertura, assinado por **Valete**, assim concluiu: "...seguimos nossa jornada, confortados e fortalecidos pela santidade da missão providencial e benéfica a que nos dedicamos e pela justiça da causa que defendemos".

Passou **A Aurora** a ser impressa em papel acetinado, o que fêz até o nº 34, de 23 de agosto. **Tivolino**, Antônio Daniel do Prado e **Marieta** foram, entre outros, novos colaboradores. E transferiu-se, a 27 de setembro, o trabalho de confecção para a Tipografia Industrial, à rua do Imperador nº 14. Publicaram-se, até 20 de dezembro, 50 edições.

Começou o ano IV — nº 1 — a 10 de janeiro de 1886 (1), prolongando-se até o nº 50, de 19 de dezembro. Ficou, então, suspenso o periódico, em caráter definitivo, uma vez que, nos dois anos transatos, metade dos assinantes deixou de satisfazer seus compromissos, levando a direção a uma situação de **deficit** que não foi mais possível contornar (**Bib. do Inst. Arq.**).

**A MULHER — Periódico de Literatura, Medicina e Belas Artes, consagrado aos Interesses e Direitos da Mulher Brasileira** — Circulou o nº 7 no dia 15 de fevereiro de 1883, em pequeno formato, com quatro páginas de duas colunas largas, impresso na oficina do **Jornal do Recife**. Redatoras — Josefa Águeda Felisbela Mercedes de Oliveira e Maria Augusta Generosa Estrêla.

Sua matéria constituiu-se, unicamente, de artigos redacionais dentro do programa enunciado. O primeiro dêles dizia haver o jornal voltado "depois de uma interrupção de

---

(1) No seu registo dos "Anais", Alfredo de Carvalho mencionara, apenas, os anos de 1883, 1884 e "alguns números" em princípios de 1885". O conêgo Alfredo Xavier Pedrosa, nas suas "Letras Católicas de Pernambuco", foi mais categórico no êrro, concluindo: "...desde fevereiro até março de 1885".

dois anos" (1), acrescentando: "Achando-nos no Brasil, por incômodos de saúde, resolvemos continuar a publicação de nossa gazeta" (**Bib. Púb. Est.**).

Não ficou no nº 7, como pretendeu Alfredo de Carvalho. Dois meses depois, publicou-se o nº 8, devidamente noticiado através da "Revista Diária" do **Diario de Pernambuco** de 24 de abril.

Mais alguns meses, outro diário, **O Tempo** (edição de 19 de setembro), registava o recebimento do nº 9 d' **A Mulher**, sob a direção única de Josefa Águeda, "aluna da Academia de Medicina do Rio de Janeiro".

24 DE FEVEREIRO — 1843/1883 — Poliantéia de 16 páginas, circuladas, publicou-se na data do título, formato de 29x21, sendo impressa na Tipografia Mercantil. Tiragem declarada de 1.000 exemplares.

Lia-se, na capa: "Homenagem ao preclaro escritor moderno Teófilo Braga, pelo seu quadragésimo aniversário — Dirigida pelos seus mais sinceros admiradores". No reverso, uma poesia de Martins Júnior. Iniciou o texto a biografia do homenageado, firmada por Teixeira Bastos, que ocupou quatro e meia páginas, seguindo-se artigos de Soares Quintas, o dono da iniciativa; Claudino dos Santos, Alfredo Pinto Vieira de Melo, Eduardo de Carvalho, Antônio de Sousa Pinto, Faelante da Câmara, Feliciano de Azevedo, Pereira Simões, Artur Orlando, etc., todos ocupando-se da personalidade de Teófilo Braga (**Bib. Púb. Est., Arq. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

**O PROGRESSO — Periódico Literário e Satírico** — Surgiu a 1º de março de 1883, formato de 31x22, com quatro páginas de duas colunas largas, impresso na tipografia d'**O Homeopatha**, à rua Barão da Vitória (atual rua Nova) nº 43, 1º andar. Em vez do corpo redacional, constava do expediente: "São únicos cobradores desta fôlha os nossos colegas Dias Barroso e Silva Castro". Quinzenário, assinava-se a \$300 mensais, para a cidade, ou \$500 para as províncias.

---

(1) As duas jornalistas brasileiras haviam publicado o pequeno órgão, até o nº 6, em Filadélfia, Estados Unidos, para onde tinham ido; anos atrás, fazer o curso de Medicina.

O editorial de abertura, de quase duas páginas, teceu considerações em torno do título do jornal, concluindo por pedir aos leitores complacência para os tímidos jovens que faziam “os primeiros passos na senda literária”.

Circulou o nº 2 (1) no dia 17, e o respectivo editorial logo aludiu à “perda de algumas assinaturas” de pessoas que se desgostaram com um artigo da edição de estréia, “o qual ocupava-se de um fato que ocorreu na ocasião do sermão na Matriz da Boa Vista”, artigo escrito “em termos vigorosos, porém decentes e comedidos”. Mas, adiantou que não havia de ser nada, porque aquêles assinantes haviam sido substituídos em dôbro.

A par de notas humorístico-satíricas, inseria trabalhos de colaboração de S. Teixeira, Dias Barroso, **Murger**, **Barão Sui-Generis** e J. P. Ferreira dos Santos, que iniciou, no nº 2, o folhetim “Osvalda”.

Teria ficado aí a publicação (**Bib. Púb. Est.**).

**SEIS DE OUTUBRO — Órgão da Associação dos Funcionários Provinciais de Pernambuco** — Começou a publicar-se no dia 15 de março de 1883, formato de 36x23, com quatro páginas de duas colunas largas. Impressão da Tip. Universal, em papel superior. Bimensário, assinava-se a 6\$000 por ano, mais \$500 para fora do Estado.

Constava do editorial de apresentação: “...no círculo legal que é permitido ao cidadão, estudará o **Seis de Outubro** as questões sob a relação moral, intelectual e material; e do resultado de suas cogitações que entender individualmente com o funcionalismo e em geral com a sociedade, o externará em suas colunas, para que suas vozes cheguem aos poderes públicos, que, representando a opinião, tem a imprensa por auxiliar”.

Abria suas colunas à colaboração dos interessados, contanto que guardassem “conveniência de linguagem”.

Sob a direção e redação única de Antônio Vitrúvio Pinto Bandeira e Acioli Vasconcelos, sem apresentar colabora-

---

(1) Alfredo de Carvalho registara, como único, o primeiro número.



ção assinada, o quinzenário inseria, em cada edição, substanciais artigos, focalizando temas de alto descortino, a saber: Impostos, Empréstimo, Orçamento, A crise, Rendas e despesas públicas. Direitos de exportação, a Centralização, a Agricultura, a Descentralização, Condições econômicas da província, Crédito, Ensino Público, etc. Comentava os trabalhos da Assembléia Provincial, fazendo-o com elevação de vistas. Manteve a seção “Noticiário” e divulgava atas das reuniões da Associação de que era órgão. Com o prosseguimento, apareceram a “Seção Artístico-Industrial” e a de “Conhecimentos úteis”.

Encerrou o ano o nº 20, datado de 30 de dezembro, para prosseguir em 1884, a 15 de janeiro — nº 1, ano II.

Ao atingir o nº 5 do segundo ano, criava-se nova seção sem assinatura: “Carteira de um curioso”, de comentários gerais. Veio, depois, a de “Literatura”, só de transcrições. A par de temas gerais, artigos da redação ocupavam-se da situação vexatória dos funcionários públicos, havia meses seguidos sem receber vencimentos, dada a penúria do Tesouro.

Tendo o bem feito jornal, do qual era proprietário um grupo de associados, passado a pertencer à Associação, e tendo o seu diretor deixado a presidência da mesma, que também exercia, foi constituído, já no mês de outubro de 1884, o seguinte corpo redacional: Adolfo Tácio da Costa Cirne, monsenhor Joaquim Arcoverde Cavalcanti de Albuquerque, padre Jerônimo Tomé da Silva, João Barbalho Uchoa Cavalcanti e Francisco Carlos da Silva Fragozo.

Logo mais, após o nº 22, de 30 de novembro, entrava em férias, de acôrdo com os Estatutos sociais, anunciando que voltaria no ano seguinte.

Voltou, realmente, a 30 de janeiro de 1886, circulando 21 edições durante o ano, religiosamente registadas, cada quinzena, pelo **Diário de Pernambuco**, a última vez no dia 1º de dezembro. Só existe comprovante, porém, da edição especial de 6 de outubro, que saiu com oito páginas, comemorativa do quarto aniversário da Associação dos Funcionários Provinciais de Pernambuco. Foi impressa na Tip. Industrial, constando do cabeçalho o slogan: “Um por todos e todos por um”. Abriu com artigo de Vitruvio Pinto Ban-

deira, ao que se seguiram poesia de Trigo de Loureiro e diferentes produções de Lucilo Varejão, A. Silveira Carvalho, Alfredo dos Anjos, Francisco Amintas Carvalho de Moura, etc.

Nas mesmas condições do anterior, circularam mais 21 edições em 1887 e outras tantas no ano seguinte, sempre focalizadas pela imprensa diária, sem interrupções que não as férias de dezembro e da primeira quinzena de janeiro de cada ano.

De 1888 existe comprovante (único guardado no Arquivo Público Estadual) do nº 8, ano VI, de 15 de maio, cujo editorial, intitulado “Abolição da escravidão”, ressaltou: “...opera-se no Brasil uma das mais incandescentes reformas por que pode passar a sociedade humana”.

Voltando à fonte anterior, foi possível avistar, ainda, entre avulsos, o nº 17, precisamente do dia 6 de outubro de 1888, dedicado ao sexto ano de vida da instituição, repleto de artigos e crônicas sobre a data, além do noticiário das comemorações programadas (**Bib. Púb. Est.**).

Continuou, finalmente, o **Seis de Outubro** a publicar-se em 1889, a começar de janeiro, mas, a certa altura, passou de quinzenário a mensário, de modo que o nº 16 foi noticiado pelo **Diário de Pernambuco** de 4 de dezembro, aí terminando a existência do conceituado órgão da Associação dos Funcionários Provinciais de Pernambuco (1).

**O GREMIO DOS PROFESSORES PRIMARIOS — Órgão da Mesma Sociedade** — Impresso na Tip. Universal, à rua do Imperador nº 50, para publicar-se quinzenalmente, saiu o primeiro número no dia 25 de março de 1883, com oito páginas, formato de 28x20, de duas colunas largas. Assinatura anual: para fora da província — 6\$000; para o interior — 5\$000. Comissão de redação: Vicente de Moraes Melo, Cirilo A. da S. Santiago, Augusto José M. Vanderlei, Francisco Carlos da Silva Fragoso e Cristovão de Barros Gomes Pôrto. Escritório redacional à rua Pedro Afonso nº 20.

Apresentando-se “com passos vacilantes”, mas “crenças firmes”; “humilde soldado das letras”, doia-lhe “no íntimo

---

(1) Para Alfredo de Carvalho, o jornal em tela não ultrapassara o mês de novembro de 1884.

dalma ver o conjunto de tantas causas que concorrem para o aniquilamento da instrução". Assim, além de advogar os direitos da classe, apontaria os meios "de melhorar e uniformizar o ensino primário".

Seguiu curso normal, contendo, afora os editoriais, nunca ausentes do programa enunciado, "Parte Noticiosa"; "Parte Pedagógica"; "Parte Escolar" e "Parte Literária".

Sempre com oito páginas, circularam 17 edições até 25 de novembro, sendo aí suspensa a fôlha, para reaparecer, iniciando nova numeração, a 25 de janeiro de 1884, quando foram acrescentados à Comissão Redacional os nomes de Francisco da Silva Miranda e Benjamin Ernesto Pereira da Silva, sem mais alterações no decorrer do segundo ano.

Além das produções assinadas pelos redatores, inseria colaboração de Aires de Albuquerque Gama, Ricardo de Medeiros, A. Herculano de Sousa Bandeira Filho, Horácio Costa, Herculano Higino Nunes Bandeira, Maria Amélia de Queiroz, Carlos Pôrto Carreiro, Joaquim da S. Lacerda, Luiz de França Pereira, Amaro Pessoa, Maria do Rosário Pinheiro e B. J. Borges.

**O Gremio** deu a lume seu último número — o 21º, ano II — no dia 25 de novembro (**Bib. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.**).

**O PROPULSOR — Órgão dos Interesses Abolicionistas, Industriais, Agrícolas, Literários, etc.** — Circulou o nº 1 a 9 de abril de 1883, formato acima de médio, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Impresso na Tip. Mercantil, apresentou lisonjeira disposição gráfica e bem distribuída matéria. Assinava-se a 2\$000 por mês, custando 500 réis o exemplar.

No artigo de apresentação discriminou seu programa, declarando visar à difusão de conhecimentos nos diversos setores de atividade humana, com a preponderância, porém, do abolicionismo sobre os demais assuntos. Além dos comentários redacionais e outros artigos, com poucos anúncios, apresentou um rodapé de poesias que abrangeu tôdas as páginas, começando com uma transcrição de Castro Alves, a que se seguiram os menestrelis Ciridião Durval, Sales Barbosa, Ferreira Júnior, Carvalho Ramos, Raimundo A. Pereira e Afonso Celso Júnior.

Publicaram-se mais dois números d'**O Propulsor**, sendo o 3º (1) (e provavelmente último) datado de 30 de abril, quando figurou o nome de Alexandre Bittencourt como redator e se mencionou o de Sales Barbosa feito encarregado da parte noticiosa. Longo artigo de R. M. (Rodolfo Gonzaga de Meneses) conclamava as senhoras pernambucanas a participarem da campanha abolicionista. Foi igualmente divulgada a "Carta às Senhoras Baianas", de Castro Alves, datada de 1871 (**Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA PARAENSE** — Publicação mensal, teve o aparecimento do seu primeiro número noticiado na edição de 18 de abril (1 A) de 1883, da **Gazeta de Notícias**, que acrescentou:

"Acham-se à frente de sua redação os moços estudiosos e inteligentes Timóteo Teixeira, Adriano Tocantins, Geraldo S. Pais de Andrade, Gaspar Costa, Teodorico Magno, Alvarés da Costa, João Siqueira Mendes e Raimundo Siqueira Mendes, uma bonita metade do pugilo das letras. Os artigos do nº 1 estão bem escritos, destacando-se o sob a epígrafe "Pena de morte".

Circulou com regularidade, cada mês. Entretanto, só existe comprovante do nº 5, de 15 de agosto do ano mencionado. Apresentou-se em formato de 31x22, com 16 páginas, impressa em bom papel e confeccionada na Tipografia Industrial. Trazia sobre o título o escudo de armas do Brasil, constando, ainda, do cabeçalho: "Século I — Escola de Direito — Parte Especial". Mais os nomes: Patroni — padre Batista Campos — Tenreiro Aranha. Comemorava, assim, a data do aniversário da adesão do Pará à independência do Brasil, a respeito da qual escreveram todos os redatores, além de Pinto de Castro e Afonso Pinto Guimarães. Outras matérias completaram a edição, incluindo seções Jurídica e de Literatura (**Bib. Púb. Est.**).

O magazine dos acadêmicos paraenses ainda deu a público o nº 6, cujo aparecimento foi noticiado pelo diário **O Tempo**, edição de 27 de setembro do mesmo ano.

---

(1) Não o nº 5, como está na relação dos "Anais".

(1 A) Nada de "fins de junho ou princípios de julho", como informou o autor dos "Anais". Nem ficou no nº 5.

**LIBERTADOR** — O primeiro número circulou a 27 de abril de 1883, formato de 37x27, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Impressão da Tipografia Central, à rua do Imperador nº 73. A um lado do título, figuravam os nomes: Pedro Pereira e Visconde do Rio Branco; do outro: Joaquim Nabuco e “Libertadora Cearense”. Abaixo: “Acarape, Icó, São Francisco, Pacatuba, Baturité e Pedra Branca”. Comissão de Redação: Plínio Franklin do Amaral, Pompílio Cruz e Raimundo Alexandre Pereira.

O artigo-programa dizia não precisar o abolicionismo mais de propaganda, porque já criara raízes; estava na mente de todos.

Redigido por cearenses radicados no Recife, frisava o editorial: “... o nosso Ceará expurga de seu seio a nódoa — escravo, porque lá não se reconhece a propriedade — homem”, concluindo: “Temos certeza de que o Ceará não está só na empresa. Pernambuco está a seu lado. Nem podia deixar de assim sê-lo. Existem entre ambos laços que se não esquecem e aí estão duas datas gloriosas para o atestarem: 1817 e 1824”.

Além dos redatores, escreveram sobre o assunto: Horácio de Figueiredo e R. de Farias Brito. Ainda inseriu uma “Seção Política” e uma “Revista” de notícias ligeiras, tudo dizendo respeito ao movimento abolicionista, com a mais completa cobertura das ocorrências da província cearense, inclusive acrescentando em cada edição, na linha abaixo do cabeçalho, novos nomes dos municípios que vinham libertando escravos.

O nº 4, de 24 de maio, foi consagrado à libertação de Fortaleza da escravatura, apresentando diferente comissão de redação: Farias Brito, Raimundo Alexandre Pereira e Horácio de Figueiredo. A primeira página, circulada, estampou, em caracteres fortes: “Homenagem à pátria — Homenagem à imprensa cearense — Glória à “Libertadora Cearense” — Glória aos jangadeiros do Ceará — Congratulações aos abolicionistas sinceros — Parabens ao país e à humanidade”. As três páginas restantes só contiveram produções alusivas, assinadas por nomes de projeção, entre os quais Martins Júnior, Faelante da Câmara, Barros Guimarães, Anísio de Abreu e Gomes Parente.

Depois do nº 5, dois dos redatores foram substituídos por Linhares d'Albuquerque e Andrade Pessoa, os quais formaram ao lado de Raimundo Pereira. Mas, o **Libertador** não pôde prolongar sua existência, encerrando-a com o nº 7, de 26 de junho.

Além dos mencionados, teve, igualmente, a colaboração de Olímpio da Rocha, João Capistrano Bandeira de Melo Filho, Higino Cunha, Magalhães Lopita, João Brígido Júnior e Landelino Câmara (**Bib. Púb. Est.**).

**O SAHARA** — Destinado a publicar-se semanalmente, tendo como redatores Fausto Cardoso e Helvécio Guimarães, deu a lume o primeiro número no dia 1 de maio de 1883. Formato de 37x25, a três colunas, com quatro páginas, foi impresso na tipografia da Fábrica Apolo, à rua do Hospício nº 79. A tabela de assinaturas, bastante minuciosa, abria com o preço de 7\$500 por anualidade, custando o exemplar \$200.

O editorial de apresentação resumiu-se no "Ligeiro golpe de vista sôbre esta província", com palavras de censura ao poder executivo e à representação parlamentar da Província. Insinuava o erguimento de Pernambuco: "Ergue-te na pessoa de teus novos filhos, ainda não corrompidos pelas misérias da conveniência". Até no setor literário, segundo o articulista, Pernambuco se achava numa horrível "curteza de pensamento". A luta não se faria esperar, e o "elemento de reação" levantava-se "nas pessoas de Martins Júnior e Artur Orlando", os "mais esforçados lutadores do pensamento moderno".

Da parte restante da edição de estréia constou um estudo de Benilde Romero sôbre Tobias Barreto, além da "Gazetilha" e versos de João Ribeiro Fernandes e Joaquim Calzans.

O nº 2, de 9 de maio, saiu em formato maior, de quatro colunas, impresso em papel acetinado, na tipografia d'O **Hemeopatha**, à rua Nova nº 43, 1º andar, com bastante e variada matéria redacional, inclusive folhetim humorístico de **F. Saga Júnior**, e iniciou, noutro rodapé, a publicação do romance de M. Pinheiro Chagas "Tristezas à beira-mar".

Ficou nisso. Não apareceu mais nenhuma edição (**Bib. Púb. Est.**).

O **GLOBO** — “Propriedade de uma Associação”, iniciou sua existência a 5 de maio de 1883, sendo impresso na Tip. d’O **Homeopatha**, à rua Barão da Vitória (atual rua Nova) nº 43, 1º andar. Formato médio de quatro colunas, com quatro páginas e bom aspecto. Tabela de assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 5\$000; trimestre — 3\$000; pagamento adiantado. Eram diretor e redator, respectivamente, o dr. Sabino Pinho e o poeta Afonso Olindense.

Tinha como objetivo “auxiliar as legítimas aspirações das classes que se dedicam à lavoura, ao comércio e a tôdas as indústrias da província”. Neutro em política, aceitava a emancipação da escravatura, conforme a lei de 28 de setembro de 1871, não se opondo “ao moderado ampliamto”.

Do primeiro número constaram editoriais, variado noticiário, folhetim, com o início do romance “O Guarani”, de José de Alencar; uma parte comercial e a quarta página de anúncios.

A abolição do elemento servil, os bancos agrícolas, a colonização, as artes, o movimento da Assembléia provincial, o orçamento, o monte-pio, o bem público, o imposto de cem réis e a crise financeira foram temas que, em prosseguimento à circulação normal do periódico, a redação abordava, através de substanciosos comentários.

Também manteve a seção “Variedades”, dela constando charadas e raras poesias, como as de Gonçalves Crespo, Castro Rebelo Júnior, B. S. C. M., João de Deus e Sindolfo Baviera. Alternando com o folhetim, as edições de 5 e 7 de setembro e 20 de outubro inseriram rodapés de versos interessantes, cheios de sátira, intitulados “O Volante”, “O eleitor” e “Martírio eleitoral”, todos sem assinatura. A 7 de dezembro surgiu outro folhetim: “Cambiantes”, crônica mundana de **Ariel** (também assinou, depois, o “Semanário Teatral”), seguido de “Bom-bocado”, por **Titino**.

A publicação continuou em 1884, sem interromper-se, dando o nº 55 a 5 de janeiro. Logo vieram as “Fototipias”, em versos humorísticos de **Jap-of-Japs**, e as “Grafotipias”, de **Tong-King-Sing**. Foram outros colaboradores: Manuel Valadão, **Quinquim**, dr. Melo Moraes, **Fotoca** e **Pripier**.

A edição de 25 de março dedicou a primeira página, circulada de vinhetas, à emancipação dos escravos no Ceará,

sob o título “Página de luz”, com palavras de exaltação ao grande feito.

Publicando-se, ora uma, ora duas vezes por semana. O **Globo** divulgou setenta edições até 19 de abril, quando deu por terminado o primeiro ano.

O nº 1, ano II, saiu a 1º de maio de 1884, não havendo indício de ter continuado. Em consequência, não terminou a publicação dos folhetins “O Guarani” e “A fonte do mal”, éste de Afonso Olindense, deixados na 55ª e na 9ª inserções, respectivamente (**Bib. Púb. Est.**).

O PHONOGRAPHO — **Periódico Crítico e Literário** — Imprimiu-se o primeiro número a 7 de maio de 1883, na Tip. da **Gazeta de Notícias**, à rua do Imperador nº 39, formato de 29x21, com quatro páginas a três colunas de composição. Semanário, assinava-se a 1\$500 por trimestre e \$500 por mês, ou 2\$000 e \$600, respectivamente, para fora da capital. Preço do exemplar — \$120.

Foi fundado, segundo o artigo de apresentação, para “causticar as chagas mais vivas do corpo coletivo de nossa sociedade, que são: os erros e os vícios. Não fitamos alvos indecorosos nem baixos”.

Estreou com as seções “Coisas e Tal”, de trepações políticas; “Em tiras”, folhetim; “Triolés”; “Resenhas (pelos bastidores)”, e “Bustos calafanginos”, por **Book**; poesia de S. M. I. Z. e versos epigramáticos de Xavier de Novais.

Seguiu-se a publicação com regularidade, preponderando a matéria de estilo satírico-humorístico, mas a última página geralmente dedicada a poesias.

Desde o nº 4, a confecção material passou a fazer-se em tipografia própria, no beco do Sarapatel nº 2, 1º andar, ficando a redação instalada na rua do Cabugá (atual Duque de Caxias) nº 1-C. E só depois do nº 12 constou do cabeçalho: Propriedade de Antônio Claudino Ferreira da Luz.

Foram colaboradores principais: **Alcione**, C. S., **Ricardo Guimarães**, **Francisco de Sá**, **Ascanio**, **Jovinet**, **Antônio de Barros Lima** (Biografia de Tiradentes”, em várias edições) e **Henrique Azevedo**.



Nos editoriais, focalizava assuntos de ressonância, inclusive a abolição da escravatura, ponto de vista que defendeu com ardor. Algum espaço era dedicado à crônica teatral.

O último número publicado foi o 19º, a 25 de setembro (**Bib. Púb. Est.**).

**INCENTIVO — Jornal Científico, Literário e Humorístico** — Estreou a 15 de maio de 1883, formato de 31x21, com quatro páginas de três colunas. Impresso em bom papel, na Tip. Mercantil, à rua das Trincheiras (hoje inexistente) nº 80, bairro de Santo Antônio, estabeleceu redação à rua da Aurora nº 5, 1º andar. Assinaturas: para a capital, mês — \$500; para fora, trimestre — 1\$700, sendo o pagamento adiantado.

Em artigo-programa, prometeu não se envolver nos meandros da política, afirmando ter como principal objetivo incitar os ânimos ao estudo da ciência e da literatura.

Tendo como redatores José Manuel Cardoso de Oliveira, Araújo Saldanha e Zacarias dos Reis, foi um periódico interessante, de lisonjeiro aspecto gráfico e bem colaborado. Editoriais abriam cada edição, focalizando temas como a instrução pública, a necessidade de ser abolida a escravidão e outros. Liam-se artigos, de literatura ou não, inclusive folhetins, assinados pelos redatores e por Gaspar Vicente da Costa, Rangel Sobrinho, Juvenal, L. C., Jacome de Sevi, Landelino Câmara, Claudino Santos, etc. Ocorriam, também, algum noticiário e “Variedades”.

O nº 10 prestou, nas duas primeiras páginas, “homenagem ao 28 de setembro de 1871”, data do 12º aniversário da assinatura da lei do ventre livre, inserindo colaboração alusiva, em prosa e verso.

Não tendo circulado nos meses de outubro e novembro, saiu a última edição do ano — a 12ª — a 31 de dezembro.

Em seu nº 1, ano II, de 19 de janeiro de 1884, apresentou-se **O Incentivo** em formato maior, três colunas de 15 cículos, sem outras alterações.

“Lutando contra todos os maus preconceitos, visando somente à verdade; tecendo encômios a tôdas as ações

generosas e boas, animando, por sua vez, outros ao trabalho” — era o que tinha em mira, segundo o artigo redacional, enquanto não se lhe abrisse “a sombria vala comum”.

A redação transferiu-se para a rua da Imperatriz nº 28, 2º andar. Foram outros colaboradores: J. F. do Rêgo, Geraldo Sousa Pais de Andrade, Ovidio Filho, etc.

O nº 4, de 25 de março, teve caráter especial, para distribuição gratuita, em homenagem à libertação dos escravos no Ceará. Ficou suspenso.

Só reapareceu mais de um ano depois, começando a numeração com o nº 4 (devia ser 3), datado de 15 de julho de 1885. Mudou a confecção para a tipografia da rua das Flores nº 24, 1º andar, ao passo que se instalava a redação à rua Primeiro de Março nº 4. E exibiu, no cabeçalho: redator e proprietário — Manuel Torquato d’Araújo Saldanha, que assinava crônicas também feito **Colibri**.

“Sim! — lia-se no editorial de abertura — **O Incentivo**, como a fenix da fábula, renasce de suas cinzas, mais forte, mais vigoroso, mais empenhado na luta titânica e suarenta da Imprensa”.

Afastado Cardoso de Oliveira (cujo pseudônimo principal era **Cardoliva**), mantiveram-se, no seguimento da publicação, os principais colaboradores: Zacarias dos Reis e Rangel Sobrinho.

Chegado o fim do ano com o nº 16, de 15 de dezembro, apareceu o nº 1, do ano IV, no dia 15 de fevereiro de 1886, quando passou a ser impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador, nº 14.

Teve, ainda, a par do folhetim “Ananias Pau d’Arco”, por Gaspar Costa, a colaboração de Narcisa Amalia, Alvares da Costa, Alfredo Pinto Vieira de Melo, Belisário Pernambuco, **Phelippe Derblay**, José de Godoy, Adelaide Santina, **Rhicosats**, Luiz de França Pereira, João de Deus do Rêgo, Inês Sabino Pinho Maia e outros. Sempre as “Variedades” e o “Noticiário”.

A circulação quinzenal foi interrompida durante os meses de abril a julho (por motivo de enfermidade do diretor),

de modo que o nº 6 (último) só apareceu no dia 30 de agosto de 1886 (**Bib. Púb. Est.**).

O **MANÁ — Jornal Crítico e Noticioso** — Divulgou o nº 1, ano I, a 21 de maio de 1883, declarando ter “redação e tipografia à rua das Horas Mortas nº 1425”. Assinava-se a 1\$500 trimestrais e \$500 mensais, custando 40 réis o exemplar. Tendo aparecido em formato maior, reduziu-o, no segundo número, para 22x15, com quatro páginas de duas colunas. Semanário.

“Na época da galhofa, do riso, da palhaçada, dos suculentos **manás** — dizia o artiguete-programa — não é de estranhar o boné que escolhemos para a cabeça do nosso jornalito”, acentuando: “Havemos de cantar o **maná**, em prosa e verso; levá-lo, finalmente, aos cornos da lua, se a tanto nos ajudar o cobre e a boa vontade dos nossos assinantes”.

A partir da oitava edição, constou do cabeçalho: Propriedade de Antônio de Sousa Maia. E, abrindo a página de frente, lia-se uma declaração “moralizadora”, assim terminada: “... só aceitaremos o que estiver de acôrdo com o nosso programa: castigar o vício por meio de polidas palavras”.

No entanto, a linguagem d’**O Maná**, que teve circulação regular, muito deixou a desejar: clamava contra tudo e contra todos; expunha fatos escandalosos, tudo em notas breves e insulsos versos, no estilo de pasquim. Nada de artigos.

Mal impresso, passou, desde o nº 8, a ser confeccionado na tipografia de Antônio Irineu da Silva, no Cais 22 de Novembro (hoje Avenida Martins de Barros) nº 79, melhorando o aspecto; mas no 14º mudou-se para a oficina d’**O Livre Pensador** e, já no fim, juntou ao cabeçalho mau clichê (desenho em madeira) de uma mulher seminua. A redação era na rua do Fogo nº 54.

Prolongou-se a existência do jornaleco até 10 de novembro, data do 20º e último número (**Bib. Púb. Est.**).

A **CIGANINHA** — “Com êste título publicou-se um nôvo livro de sortes para as noites de Santo Antônio, São João e São Pedro. Os versos são mimosos e espirituosos alguns” (**Diario de Pernambuco**, 12.6.1883).

**A ZINGARELLA — Livrinho de Sortes Variadas —** Saiu a lume em junho de 1883, no formato de 15½x10, com 64 páginas, fora a capa. Constava do expediente: “Para divertimento das festejadas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro; além de diferentes assuntos das sortes, contém uma coleção de mimosas poesias”. Impressão da Tipografia Central, à rua do Imperador nº 73.

A nota de abertura — “Ao leitor” — assim concluiu: “Apresentamos ao respeitável público **A Zingarella**, que, mediante uma insignificante quantia, deixada na casa do sr. Gonçalves Braga, Livraria Industrial, à rua Barão da Vitória (atual rua Nova) nº 7, pode proporcionar algumas horas de distração agradável”.

Tôda a matéria se constituiu de Sortes e algumas poesias transcritas. Em prosa, só as 17 linhas da página de apresentação (Bib. Púb. Est.).

**REVISTA ACADEMICA — Publicação Mensal de Estudos Jurídicos** — Surgiu a 15 de junho de 1883, formato de 22x14, com 34 páginas, mais a capa, impressa em papel de côr. Redatores — Alfredo Moreira de Barros O. Lima, Luiz Antônio Domingues da Silva, Antônio Pedro de Melo, Abílio Cavalcanti de Albuquerque e Pedro Celso Uchoa Cavalcanti. Redação à rua do Riachuelo nº 8 e confecção da Tipografia Central, à rua do Imperador nº 73.

Segundo o artigo-programa, constituía o magazine “uma coleção de trabalhos tirados dentre as matérias que ensinam-se em nossa Faculdade, estudadas e dadas a público por moços que têm assento nessa escola de aprendizagem científica”.

Constou sua matéria, exclusivamente, de artigos assinados pelos elementos do corpo redacional, o que ocorreu, do mesmo modo, nas edições seguintes, aparecidas no tempo exato.

O nº 4, com a colaboração excepcional de Antônio Rubim, só circulou em outubro. Resolveram, então, os redatores suspender a publicação, conforme o artigo de abertura, sem a promessa de fazê-la retornar, em face do desencanto em que se encontravam. É que, além das dificuldades financeiras inerentes a emprêsas de tal ordem, havia “a falta de

companheiros dedicados, a falta de apoio no seio mesmo da Faculdade”.

Numerando-se ininterruptamente, as quatro edições divulgadas (1) deram o total de 124 páginas (Bib. Fac. Dir. UFPe.).

**O AZUCRIM — Jornal Crítico Desbragado** — Circulou, pela primeira vez, no dia 3 de julho de 1883, na “Cidade da Insolência”, declarando publicar-se irregularmente. Impresso em tipografia própria, adotou o formato de 23x16, com quatro páginas de duas colunas. Preço do exemplar: 40 réis.

Segundo o artigo “de fundo”, dedicava-se “ao belo sexo”, acentuando: “O seu programa é criticar pública e particularmente da vida dos próximos corrutos que infestam as nossas ruas, afrontando a moral, a polícia e a ceguinha: a justiça”.

Em primeiro plano vinha o “Aviso”, repetido em cada edição: “Pedimos a tôdas as pessoas que souberem alguma coisa da vida dêstes biltres que andam na nossa sociedade com capa de homem honrado sendo umas pestes iguais ao cólera-morbus, comuniquem à redação, o que podem fazer enviando, em carta fechada, pelos vendedores do jornal”.

A partir do nº 4, constou do cabeçalho: Proprietário — José Miranda Coutinho.

Ao contrário do que predissera, o jornaleco aparecia bissemanalmente, adotando linguagem licenciosa de pasquim. Cada edição terminava, geralmente, com uma versalhada de sete sílabas, sob o título “Cantos do Azucrim”. Entre os pseudônimos usados, salientavam-se **Galinha Choca**, **A. Garnizet** e **Cauira**.

Findou a azucrinção com o nº 7, de 19 de julho (Bib. Púb. Est.).

**O DIABO — Periódico Infernal** — Surgiu no dia 17 de julho de 1883, formato de 22x16, com quatro páginas de duas

---

(1) Nos “Anais”, Alfredo de Carvalho registou, apenas, o nº 1, seguido de interrogação.

colunas, para publicar-se semanalmente, impresso na tipografia d'O Postilhão, no Beco do Sarapatel nº 18. Seu programa estava expresso nas quadras a seguir, colocadas lado a lado, sob o cabeçalho:

“No mundo ando sôlto,  
Cuidado comigo;  
Em minha jornada  
Não tenho um amigo.

Maldigo de todos,  
Não poupo ninguém;  
Sentido, rapazes;  
E moças também”.

A partir do terceiro número, constou do cabeçalho, entre as duas quadras, horrível clichê, em madeira, do diabo, um verdadeiro pobre diabo...

Constituia-se sua matéria de editorial, nêle focalizados, cada semana, diferentes assuntos, e de uma parte chistosa, linguagem tipo pasquim, em prosa e verso, adotando títulos como êstes: “O Diabo a passeio”; “Canções do Diabo”; “Eu bem que disse”; “Coisas que desapontam”; “Figuras diabólicas”, etc., com assinatura ou não, no primeiro caso os pseudônimos **Lucifer**, **Mefisto**, **Plutão**, **Vulcano**, **Satan** e outros. Excepcionalmente, versos de **Ricardo Guimarães**.

**O Diabo** atingiu o nº 10 no dia 10 (1) de setembro, última edição do ano.

Decorrido longo tempo, voltou a publicar-se o diabólico jornal, sem que existam comprovantes, salvo o nº 28, ano II, de dezembro de 1886, obedecendo às mesmas características da fase inicial.

Outro exemplar manuseado foi o nº 31, datado de novembro de 1887, feito “periódico crítico, satírico e literário”. Estivera ausente da circulação, consoante nota explicativa, esperando seguir sua meta. Existe, ainda, o nº 32, mas é uma repetição do anterior, sem nenhuma matéria nova. Só alterou a data, acrescentando ao mês de novembro o dia 15 (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Não no dia 16, como registou **Alfredo de Carvalho**, o qual também errou quanto às datas atribuídas às edições d'O **Diabo** de 1886 e 1887.

**O ABOLICIONISTA — Órgão da Caixa Emancipadora Maranhense Marques Rodrigues** — Entrou em circulação no dia 20 de julho de 1883, formato de 37x25, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Destinado a sair bimensalmente, assinava-se a 1\$000 bimestrais, sendo impresso na Tip. Universal, à rua do Imperador nº 50. Redatores: J. J. Matos Júnior, Barbosa de Godoi, Higino Cunha, Georgino Gonçalves e Hugo Barradas.

O segundo dos redatores assinou longo artigo de apresentação, declarando ser o periódico um dos meios para que se realizasse a missão humanitária que a nova instituição “empreendeu tomando parte no movimento abolicionista” que se agitava em todo o país.

Publicaram-se apenas três edições da fôlha, cuja matéria constou de prolixos artigos, todos focalizando o tema do título e, sobretudo, a falta de iniciativa da Província do Maranhão, onde o povo (artigo de A. Mota, edição de 30 de julho) ainda não se dispusera, “resolutamente, a combater a escravidão”.

Fora as produções dos redatores, teve a colaboração de Joaquim Rabelo e E. F. O nº 3 e último saiu a 20 de agosto, deixando dois artigos no regime do “continua” (Bib. Púb. Est.).

**A DERROTA — Jornal Crítico e Humorístico** — Surgiu a 26 de julho de 1883, formato de 22x15, com quatro páginas de duas colunas, impresso na tipografia d'O **Phonographo**, situada no Beco do Sarapatel nº 2. Publicação duas vezes por semana.

Sua missão, segundo o artigo inicial, era “derrotar, porém comedida e humoristicamente”.

Publicação do tipo pasquim, usando linguagem de alcouce especializada em divulgar pequenos escândalos amorosos, clamava, todavia, em artigos de fundo, contra a corrupção, propondo-se (edição de 7 de agosto) a extinguir “do seio da sociedade os maus costumes e doutrinas absurdas”.

Em prosa e verso, com diferentes pseudônimos, abundavam trepações, mexericos e desabusada crítica a elementos do clero. Circulou, até certa altura, regularmente, pas-

sando, depois, a aparecer em datas indeterminadas. Attingiu o nº 23, que foi o último, datado de 28 de novembro (**Bib. Púb. Est.**).

**A LIBERDADE — Periódico Crítico e Literário** — Surgiu a 27 de julho de 1883, tendo como redatores A. B. Rocha Melo e G. Barros. Impresso na tipografia d'O Livre Pensador, Beco da Bomba nº 7, com quatro páginas, formato de 33x23, a duas colunas de 15 cíceros, tinha redação à rua Pedro Afonso nº 31. Assinatura trimestral — 1\$500.

Segundo o seu programa, não alimentava “paixões partidárias nem mesquinhos ódios”, pugnando pelo comércio, indústria, artes e instrução. Faria “crítica sincera e regular”.

Dispondo de matéria leve, com alguns comentários e poesias, circularam apenas três edições, a segunda e a última, respectivamente, datadas de 5 e 14 de agosto, impressas noutra tipografia (a d'O Phonographo) e apresentando como redator Augusto Clementino Bezerra.

Teve um único colaborador: Alberto Pradines (**Bib. Púb. Est.**) (1).

**A VELHA RABUGENTA — Periódico Crítico, Noticioso e Joco-Sério** — Saiu a lume no dia 29 (1-A) de julho de 1883, formato de 23x16, com quatro páginas de duas colunas, sendo impresso na tipografia d'O Phonographo. Lia-se no expediente: “Passeio todos os domingos. Todos os negócios comigo serão com o meu tipógrafo, que para isto está autorizado. Vendo-me a 40 réis”.

Vinha, segundo o artiguete de apresentação, “combater o vício, o crime, a imoralidade, a corrupção, o roubo, o assassinato, o proteccionismo, a fidalguia de chinelo, guardando todo decôro à vida privada das famílias”.

Sua “moralidade” transparecia através das seções “D. Ursa em palácio”, “D. Ursa e o diretor”, “D. Ursa no mercado”, etc. Tudo ironia, trepações, ridicularia.

---

(1) O nº 2 só o possui o escritor Gilberto Freyre.

(1A) Não no dia 30, como consta dos “Anais”, de Alfredo de Carvalho.



Attingido o nº 5, apareceu, no cabeçalho, o nome do proprietário d'**A Velha Rabugenta**: Raimundo O. Ramos da Silveira. Melhorou um pouco, passando a inserir algumas notas políticas, em que atacava a situação dominante.

Circulou até o nº 8, de 14 de setembro (2-A), para continuar com o título **A Baroneza Rabugenta (Bib. Pub. Est.)**.

**A LUCTA — Periódico Literário e Satírico** — Impresso na tipografia da rua das Flores nº 24, 1º andar, apareceu a 10 de agosto de 1883, formato de 31x22, com quatro páginas a duas colunas de 16 cíceros. Assinava-se a 1\$500 por trimestre, custando o mês \$500. Publicação trimensal.

Encetando sua “peregrinação pelas varedas tortuosas da publicidade” — dizia o artigo de apresentação — não serviria de “intérprete à odiosidade” de quem quer que fôsse; sua sátira nunca chegaria a ser “descomedida, inconveniente ou ofensiva”. Não tinha, finalmente, côr política.

A par de “Variedades” e “Noticiário”, inseriu boa colaboração literária, inclusive folhetim.

Só no segundo número divulgou-se o corpo redacional: Artur de Albuquerque, Sizenando Carneiro, Pacífico dos Santos, Flaviano Ribeiro e Tobias Maestrali. E apareceu a “Seção Satírica”, depois assinada por **D. Egas**.

Prosseguindo com regularidade, houve modificações no corpo redacional, de que também participaram Virgílio Cavalcanti e Deoclécio Fábio da Silva Rêgo, terminando, a partir do nº 9, assim constituído: Artur de Albuquerque, Manuel Xavier Carneiro de Albuquerque Passos e Sizenando Carneiro.

Além da parte assinada pelos diferentes redatores, contou com a colaboração, em prosa e verso, de Sigismundo Teixeira, Odilon França, Carlos Costa, Honório P. de Araújo, Rangel Sobrinho, Monteiro Lopes, Dias Barroso, F. Alves de Mendonça, Agábito Júnior, **Pivolet**, com as “Bicadas”, e **Dracon**.

Circulou a 12 de dezembro o nº 14, último do ano, para reaparecer — nº 1, ano II — no dia 12 de janeiro de 1884,

---

(2 A) Não, também, no mês de agosto, outro engano do historiador.

em formato um pouco maior. Atirava-se “ao público com a mesma pujança e denodo”, desejando que os leitores “tivessem fruído agradáveis festas e que o primeiro sol, que despontou prateado sôbre a cúpula do oriente, trouxesse-lhes montões de felicidade”.

Em rodapé duplo, iniciava-se o “Folhetim d’A **Lucta**”, numa linguagem repleta de sátira, assinada com o anagrama **Ruhtra d’Euqreuqubla**. Depois, viriam as “Miniaturas dosimétricas”, pelo **Dr. Caraminhela**, e a “Fôlha de porta”.

Além da colaboração costumeira, não faltaram, nas poucas edições vividas, editoriais de interêsse local e noticiário ligeiro.

Tornando-se semanário, o quarto e último número saiu no dia 2 de fevereiro (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**) (\*).

ONZE DE AGOSTO — Número único, circulou em 1883, na data correspondente ao título, formato de 50x30, com quatro páginas, impresso na oficina do **Diario de Pernambuco**. Constavam do cabeçalho as divisas: “Deus e Ciência” e “**Nosce te ipsum**”. Visava a “estimular os seus colegiais ao gôsto pelo cultivo das letras”, sendo distribuído por ocasião da festa comemorativa do aniversário da fundação do Colégio Onze de Agosto e da instalação da Sociedade Literária do mesmo nome. Direção do professor Manuel Sebastião de Araújo Pedrosa, também diretor do educandário.

Anuário que se tornara, voltou a publicar-se em 1884. Interrompido por um ano, reapareceu em 1886, estampando, sempre, na primeira página, o quadro dos alunos premiados pelo colégio (1) e enchendo-se as três restantes de noticiário das atividades letivas e literatura estudantil. Prosseguiu, cada 11 de agosto (2), até 1900, dando ainda uma edição, a

---

(\*) Na Biblioteca Pública do Estado só existem os comprovantes correspondentes a 1883, e no Arquivo Público Estadual só os de 1884.

(1) Na edição de 1886, figurou em primeiro lugar o nome de Trajano Chacon, com a seguinte nota: “Este é o aluno que primeiro alcançou prêmio de primeira classe desde a fundação do Colégio. Teve 136 notas ótimas e 53 boas”.

Trajano Chacon, que se tornou jornalista combativo, foi bárbaramente espancado, no Recife, na noite de 11.8.1913, falecendo na primeira hora do dia seguinte.

(2) Uma vez realizada cada sessão literária, durante a qual era feita

última, em 1903 (3). Sòmente a partir de 1899 deixara de dedicar a primeira página aos alunos premiados, estampando, então, com grande destaque, o quadro da diretoria da Sociedade Literária Onze de Agosto e o Hino do Colégio, este, no ano seguinte, substituído por um soneto de Afonso Celso.

O jornal divulgava, sucessivamente, produções dos alunos, ora em prosa, ora em verso, tais como: Metódio Maranhão, Geraldo Sousa Pais de Almeida, Álvaro Gurgel de Alencar, Francisco Xavier Carneiro de Albuquerque, Pedro Landim, Olímpio Bonald, Francisco Pinto de Abreu, J. B. de Oliveira, João de Aquino Ribeiro, Costa Filho, Júlio Belo, Cunha Melo Filho, A. Gondim, F. Ricardo de Medeiros, Olinto Filho, Izidro Gomes, Júlio Queiroz, Carlos Benigno Pereira de Lira, Eduardo de Albuquerque, Artur Bahia, Severino Pinheiro, Sebastião Lins, Neto Campelo, Pedro Celso, Landelino Câmara, Pedro Salgado, Júlio Maranhão, Osvaldo E. Samico, Juarez Gambeta, Pedro Mendes e outros.

A confecção material efetuou-se, desde 1886, na Tipografia Universal, depois na de G. Laporte & Cia., ainda na Tip. F. Boulitreau e, por fim, no Atelier Miranda (**Bib Púb. Est.**) (4).

**CHRONICA SEMANAL — Notícia — Literatura — Crítica — Política** — Surgiu no dia 12 de agosto de 1883, formato de 31x21, com quatro páginas de três colunas, impresso na tipografia da rua das Flôres nº 24, 1º andar, tendo escritório de redação à rua Estreita do Rosário nº 34 1º. Assinava-se a \$500 mensais, ou \$600 para fora da cidade, custando \$200 o número avulso. Constava, ainda, do Expediente: “Solicitadas e anúncios — pelo preço que se ajustar. Para os assinantes pontuais — grátis. Aceita-se colaboração em artigo conciso e com siso. A parte poética é exclusivamente da redação”.

---

a distribuição dos prêmios, imprimia-se uma plaqueta contendo todos os discursos pronunciados e a reprodução da matéria do jornal. Assim se fez nos anos de 1887 a 1890, cujas brochuras, no formato de 20x12, impressas na Tip. Universal, foram enfeixadas em livro, sob o título “Colégio Onze de Agosto”. Pertencente ao acervo da Biblioteca Pública do Estado.

(3) Os “Anais”, de Alfredo de Carvalho, registaram, como último número publicado, o de 1898.

(4) A coleção manuseada só falta comprovante da edição de 1900, que, por coincidência, é a única existente no Arquivo Público Estadual.

Lia-se no artigo de abertura: “Nosso programa é — não ter programa. Apenas — e é bastante — prometemos ser fôlha humorística, livre, imparcial, circunspecta, sincera, tolerante, mas intransigente e... crônica... se a isto ajudar-nos os nossos Cirineus — os assinantes”.

A edição de estréia especializou-se em produções pouco expressivas, que traziam ao pé o clássico “continua”, além de noticiário local e internacional; “a pedidos” e ligeiras notas satíricas.

Seguiu-se a publicação; mas, decorreu quase um mês entre os ns. 3 e 4. Este saiu a 22 de setembro e foi o último, tudo nêles sem atração (**Bib. Púb. Est.**).

VINTE E UM DE AGOSTO — Poliantéia de 12 páginas, circulou na data do título, em 1883. Formato de 31x22, a duas colunas de 16 cíceros. Significava uma homenagem da Academia de Direito do Recife “ao dr. José Joaquim Seabra, no dia do seu 27º aniversário natalício”, cujo retrato, numa litogravura de Antônio Vera Cruz, aparecia na capa externa. A começar por Argemiro Galvão (biografia), assinaram artigos ou poesias de saudação ao famoso jurista: Sales Barbosa, Batista de Oliveira, R. Alexandre Pereira, Eurico de Caldas Brito, Enéas Galvão, Pedro Vergne, Libanio Morais, Leôncio Gurgel do Amaral, Ciridião Durval e outros (**Bib. Púb. Est.**).

A BRASILEIRA — **Periódico Crítico e Literário** — Em substituição a **A Liberdade** (falta o nº 4), publicou-se o nº 5 no dia 27 de agosto de 1883, reduzido o formato para 22x16, com quatro páginas de duas colunas. Trabalho gráfico da oficina d’**O Phonographo**, situada no Beco do Sarapatel e redação na rua Pedro Afonso (atual da Praia) nº 31.

Em artigo redacional, atacou o governo como responsável pela crise reinante. Seguiram-se uma “Parte Literária” e uma “Parte Crítica”, esta a cargo de Antônio I. Muniz Amaral, sendo a última página dedicada a Humorismo, começando, em rodapé, o “Romanceto”, de Adélia Camargo.

Outras edições avistadas foram os ns. 7 e 8, de 13 e 25 de setembro, nêles incluída a colaboração chistosa de **Maria Patagones** e **João Pançudo**, além da matéria de rotina (**Bib. Púb. Est.**).

Ainda circulou o nº 9 (e último), cujo aparecimento foi noticiado pelo **Diário de Pernambuco** de 11 de outubro do mesmo ano (1).

O **URSO — Periódico Crítico** — Semanário, começou a publicar-se a 24 de agosto de 1883, formato de 21x14, com quatro páginas de duas colunas. Confeção da tipografia d' **O Postilhão**, no beco do Marisco nº 18. O cabeçalho exibiu péssima xilogravura de homem conversando com urso, aos lados da qual liam-se as quadras:

“Eis **O Urso** e bem barato;  
Custa só quarenta réis  
Por não ser urso de carne,  
Ser pintado nos papéis.

Comprem, leiam e verão  
Que coisas tão bonitinhas:  
Fala de brancas, crioulas,  
Caboclas e mulatinhas”.

Ocupou o restante da página de frente o artiguete de apresentação, que assim resumiu seu programa: “Corrigir os maus e proteger os bons”.

Não obstante a linguagem chistosa, irônica, trocista, porém pouco aseada d' **O Urso**, seu desconhecido redator encheu mais de uma página do nº 2 com substancioso artigo sob o título “Filosofia natural” (**Bib. Púb. Est.**).

Segundo Alfredo de Carvalho (obra citada), circularam, ao todo, oito números, o último dos quais datado de 30 de setembro.

**A FLOR DO DIA — Periódico Científico e Noticioso** — Surgiu no dia 30 de agosto de 1883, formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas, sendo impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 75, para vender-se o exemplar a 40 réis. Iniciando a seção “Notícias da **Flor**”, lia-se: “Eu me vendo pelas ruas da cidade e também no nº 54, à rua do Fogo; sou querida das meninas e das simpáticas moreninhas. Estimo muito a quem me ler e me quiser honrar com seus escritos”.

---

(1) Para os “Anais”, **A Brasileira** findara com o nº 8.

Divulgou poesias de F. A. G., Campos Pôrto, F. V. B. e Galdino Rosas, completando a edição noticiário local e do país, em poucas linhas.

Admitindo, dos leitores, “artigos amorosos e notícias, tudo por preço barato”, deu a lume a segunda edição a 10 de setembro, contendo matéria ligeira, sem licenciosidades.

Mais de dois meses decorridos é que saiu o nº 3 (e último), datado de 20 de novembro, declarando-se, também, “crítico”, sendo impresso na oficina gráfica do **Correio do Recife**. Entretanto, transformara-se em pasquim. Pretendia circular bissemanalmente, mas não continuou (**Bib. Púb. Est.**).

**O CACETE — Jornal Crítico e Noticioso** — Inexistente comprovante da edição de estréia, publicou-se o nº 2 no dia 2 de setembro (1) de 1883, formato de 24x15, com quatro páginas de duas boas colunas. Propriedade de Antônio de Sousa Maia, imprimiu-se na tipografia d’**O Livre Pensador**. Preço do exemplar — 40 réis.

Abrindo o texto, lia-se o Aviso: “No escritório da redação d’**O Cacete** recebe-se artigos, publicações, declarações e anúncios; tudo por preços cômodos, à rua do Fogo, 54”.

Circulou o nº 3, que foi último, a 21 do referido mês. Divulgava a seção “As verdades d’**O Cacete**”, de crítica de costumes, e notas ligeiras de sátira, ridículo e escândalos amorosos, tipo pasquim (**Bib. Nac.** (nº 2) e **Bib. Púb. Est.**).

**O PAPAGAIO — Jornal Maquiavélico, Humorístico e Noticioso** — Entrou em circulação a 2 de setembro de 1883, formato de 22x15, com quatro páginas de duas colunas, impresso na Tip. d’**O Phonographo**, situada no Beco do Sarapatel (atual Trav. do Carmo) nº 2, 1º andar. As letras do título separavam-se por um desenho de papagaio (mau desenho), em xilogravura.

Palavras de apresentação: “Estamos no tempo do Jornalismo; eu, como tenho a minha lingua de prata, entendi que não devia ficar no canto e, por esta razão, me apresen-

---

(1) Alfredo de Carvalho atribuiu a data de 2 de setembro ao nº 1.

to com todos os efes e erres, pedindo ao respeitável público que não se incomode com a minha linguagem, pois ela é verdadeira e só pronuncio o que se me ensina. Logo, não têm os leitores que se incomodarem. É êste o meu programa”.

Publicação semanal, seguiu o programa delineado, tendo como principal seção as “Papagaiadas”, constituídas de notas ligeiras, assim iniciadas, invariavelmente: “Papagaio louro para Portugal; quem passa, meu louro?”, seguindo-se trepações com a turma visada. Outras: “Conselho de papagaio”; “Vôos”; “Conversas de papagaio com a vizinha”, etc. Em versos, sômente “Triolês”, sendo, em tudo, mais utilizada a sátira do que o humor, assim como a crítica de costumes, servindo de assinaturas diferentes pseudônimos.

Entre os nomes atacados na crítica do periódico salientavam-se o poeta Belisário Pernambuco e o jornalista “mentecapto” Fortunato Pinheiro, candidatos à deputação estadual, a respeito dos quais escreveu o desabusado redator, na edição de 24 de outubro: “Parabens ao eleitorado do 1º distrito por saber cumprir com o seu dever, repelindo das urnas os dois bandidos que esperavam os sufrágios dos eleitores. Êstes dois idiotas...”, continuando aí a catilinária.

Encerrando o ano o nº 14, de 6 de dezembro, só reapareceu — nº 1, ano II — a 9 de janeiro de 1884, mas, após o nº 2, do dia 17, não há indício de ter prosseguido (1) (**Arq. Púb. Est.**).

A IDÉA — Jornalzinho manuscrito, de 1883, circulava semanalmente, entre os alunos do Colégio 7 de Setembro, tendo como diretor Antônio José de Melo e Sousa. Ocupava uma folha de papel almaço, dividida cada página em 2 colunas de matéria variada, constituída de literatura juvenil, noticiário, troças, folhetim e, até, “artigo de fundo carrancudo”. Desapareceu com o sétimo número, talvez o oitavo (**Inf. do livro “Dois Recifes”, de Policarpo Feitosa, pseudônimo de A. J. de M. e S.**).

O REPUBLICANO — Da mesma fonte de informação acima constou a existência, igualmente em 1883, dêsse ou-

---

(1) Aludindo, apenas, à data do nº 1 d’O Papagaio, registara Alfredo de Carvalho: “...a publicação ainda perdurava em meados de 1884”.

tro semanário manuscrito, dirigido pelo colegial Laurentino Vitoriano de Borba Cavalcanti, do Colégio 7 de Setembro, que o fazia circular clandestinamente, por causa do título. “Se um número chegasse aos olhos do diretor, a cafua seria inevitável”. Tinha oito páginas de papel pautado dobrado ao meio. Durou vários meses, inserindo “copioso noticiário dos incidentes e acidentes, entrada e saída de alunos e de censores, brigas de meninos no recreio e, sobretudo, muita troça”.

**O ENCOURACADO — Jornal Satírico e Joco-Sério —** Apareceu no dia 4 de setembro de 1883, impresso na tipografia d’**O Livre Pensador**, à Travessa da Bomba nº 7, formato de 25x15, com duas páginas de duas colunas. Encimava o cabeçalho pequena vinheta de navio... a vela. Circularia duas a três vezes por semana. Assinaturas: mês — 1\$000; trimestre (só para o interior) — 3\$000, tudo a pagamento adiantado. Número avulso — 40 réis; atrasado — 100 réis. Correspondências para J. F. R. S.

Constava do artigo-programa: “**O Encouraçado** bombardeará desde o palácio do rei até a mais humilde choupana. Ai dessa súcia de trampoloneiros políticos, de negociante falsário e bancarroteiro, dos falsificadores de gêneros, do empregado corruto e imoral, da autoridade arbitrária e venal, etc., etc”. Depois de outras considerações, concluiu: “Temam e tremam todos”.

Publicação irregular, sua matéria, que nada tinha de atraente, mas de linguagem incisiva, constituía-se de extensos diálogos entre comandante e comissário, “Ordem do dia” e “A pedido”, nas quais eram passados em revista os casos escabrosos da cidade, maus costumes, deslises administrativos ou políticos, declarando sempre pugnar “pelo bem estar da província”, para isto usando a redação uma política secreta.

A 21 de dezembro circulou o nº 9, último do ano.

Reapareceu, quase um ano depois, — nº 1, ano II — a 16 de novembro de 1884, sem nenhuma alteração. E prosseguiu, meses a fora, publicando-se em dias indeterminados.

O nº 16, de 18 de junho de 1885, foi dedicado a Joaquim Nabuco, que viera do Rio de Janeiro, a fim de fazer a cam-



panha de sua candidatura a deputado geral. Além da primeira página, contendo a dedicatória da homenagem, a matéria restante cingiu-se à apologia dêle, apontando-o ao eleitorado.

Mais de um mês após circulava o nº 17, datado de 4 de agosto, que foi o último (**Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA LÍRICA** — Apareceu essa interessante publicação a 4 de setembro de 1883, com quatro páginas. formato de 33x22, sendo impressa na tipografia de Antônio Irineu da Silva. Circularam mais duas edições, a última das quais datada de 28 do mencionado mês. Em tôdas, apresentava-se a primeira página com retrato de cantora da Companhia Pasini, Malcher, Bourgarti & Cia., então funcionando no Teatro Santa Isabel, em desenhos de Antônio Vera Cruz e serviço litográfico da firma Hilarino & Silva. O espaço restante continha noticiário, comentários, triolés, folhetim e o libreto das peças representadas (**Bib. Púb. Est.**).

**A SETTA — Periódico Científico e Literário** — Impresso em formato de 31x22, com quatro páginas de três colunas, na Tipografia Industrial, à rua do Imperador nº 75, saiu o primeiro número no dia 4 de setembro de 1883, para publicar-se quinzenalmente. Assinatura trimestral — 1\$000.

Tendo como redatores Manuel dos Santos Moreira e Galdino Loreto, dizia-se jornal de moços, os quais, “convictos de que da Imprensa nasce a luz; da luz a paz; da paz o progresso. e do progresso o respeito”, se atiravam ao “brilhante sacerdócio do jornalismo”. Era seu desiderato: cultivar a literatura, “porque quem diz Literatura diz Progresso”. Suas páginas ficavam abertas ao movimento pró-abolicionismo.

Ao lado de Galdino Loreto, escreveram, na edição de estréia, Joaquim Tiago da Fonseca, A. F. Costa Filho e outros; mais “Variedades”, ligeiro noticiário e o folhetim “História de dois patifes”, sem assinatura, que ficaria inacabado.

Não saíram senão três números d’**A Setta**, o último dêles datado de 5 de outubro. Foram outros colaboradores: J. C., **Alcione** e S. Meneses (**Bib. Púb. Est.**).

**O JACARÉ** — **Jornal Crítico, Diabólico e Pândego** — Circulou a 5 de setembro de 1883, formato de 21x16, com

quatro páginas, sendo impresso na tipografia d'O **Phonographo**.

Sua matéria, em prosa e verso inexpressivos, caracterizou-se pela divulgação de escândalos amorosos e crítica grosseira. Não passou do primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

**O CORISCO — Jornal Crítico e Noticioso** — Circulou, pela primeira vez (e única), a 6 de setembro de 1883, formato de 22x16, com quatro páginas, sendo impresso na Tip. d'O **Postilhão**.

"... filho dileto da trovoada e do relâmpago, apareceu na imprensa para fulminar os aleijões sociais" — dizia o artigo-programa. Bem redigido, inserindo versos humorísticos interessantes, terminou a edição, entretanto, descambando para a pasquinada (**Bib. Púb. Est.**).

**A TAGARELLA — Jornal Crítico e Noticioso** — Tipo pasquim, apareceu o nº 1 e único a 11 de setembro de 1883. Formato pequeno, quatro páginas e redação à rua do Fogo nº 54 (**Bib. Púb. Est.**).

**O CADAVER — Jornal Crítico e Noticioso** — Saiu a lume, para ficar no nº 1, a 13 de setembro de 1883, formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas, impresso na tipografia d'O **Livre Pensador**. Apresentou como proprietário A. de Sousa Maia, não passando da linguagem pasquinista, idêntica à dos precedentes. Preço do exemplar — 40 réis (**Bib. Púb. Est.**).

**O POPULAR** — Propriedade de "uma associação", surgiu no dia 13 de setembro de 1883, formato de 31x22, com quatro páginas de três colunas. Impressão da tipografia da **Gazeta de Notícias**, situada à rua do Imperador nº 39, cobraria 5\$000 por ano; semestre — 3\$000; trimestre — 1\$500; mas, para o interior, 7\$500 por assinatura anual, tudo mediante pagamento adiantado.

Consoante ligeiro artigo de apresentação, não fazia profissão de fé; destacava, apenas, o seu lema: Democracia.

Com duas únicas edições, sendo a segunda datada de 26, o jornal teceu comentários favoráveis à abolição da escravidão; inseriu uma "Seção Noticiosa"; os "Apanhados"

(anedotas); “Literatura” — prosa de J. A. Machado e versos de André Gomes e Niro Vosahilo, além de notas soltas (**Bib. Púb. Est.**).

**O CERTAMEN — Jornal Literário e Satírico** — Deu à luz o primeiro número a 13 de setembro de 1883, em bom formato de três colunas, com quatro páginas, destinando-se a circular nos dias 10, 20 e 30 de cada mês. Redigido por J. Virgílio Galvão e João Pacífico dos Santos, estabeleceu a seguinte tabela de assinaturas: trimestral — 1\$000; mensal — \$500, sendo impresso na Tip. Industrial.

Tinha “como divisa o **suum cuique tribuere**”, frisando o editorial de apresentação: “**O Certamen**, disposto sempre para o combate, dirá franca e conscienciosamente que o dever único do homem para consigo e para com seus semelhantes é instruir-se e instruí-los”.

Num segundo artigo, dizia: o que **O Certamen** “pretende, sem o menor vislumbre de vaidade, e que dí-lo sem ambages, sem reticências, é mostrar o esfacelamento em que vão as instituições do país”.

A par de alguns outros comentários, inseriu prosa e verso assinados pelos redatores.

O terceiro e último número circulou a 28 de setembro em edição especial, comemorativa. Da primeira página constava: “Homenagem ao dia 28 de setembro de 1871 - -1883”, vindo abaixo a quadra:

“Vinte e oito de setembro! As explosões da História  
Hão de te endeusar em fúlgidos lampejos,  
E não de te elevar aos páramos da glória  
Em férvidas canções, em rútilos bafejos”.

Sôbre o feito daquela data (1), escreveram, nas três páginas restantes, Faelante da Câmara, Fernando de Castro, Alfredo Pinto Vieira de Melo, J. Virgílio Galvão e J. Pacífico dos Santos (**Bib. Púb. Est.**).

**O TENTAMEN — Periódico Literário** — Órgão da Sociedade Comício Literário, circulou o primeiro número a 15

---

(1) Lei que considerou livres todos os nascidos no Brasil.

de setembro de 1883, formato de 32x21, com quatro páginas a três colunas de composição. Impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador n° 14, pretendia publicar-se quinzenalmente, à razão de 1\$000 por assinatura trimestral, tendo redação à rua da Aurora n° 19. Comissão de redação: João de Macedo França, João Frota, João da Costa Ribeiro e João Pacífico dos Santos.

Era o jornal “inteira e rigorosamente dedicado à literatura”, segundo o artigo inicial, frisando: “Somos anti-monárquicos e, portanto, republicanos, pelo que estamos sempre prontos a protestar, em linguagem comedida e séria, contra a opressão e abusos dos grandes para com o povo”.

Inseriu produções assinadas por **Ottamo Adamra**, M. Bastos, Macedo França, Rutilio de Oliveira, J. Seldar e o início de um folhetim sem assinatura (1).

Após “um período de retraimento”, reapareceu o **Tentamen** com o n° 1, ano II, a 20 de abril de 1884, “cheio de entusiasmo e aspirações, pugnando pela literatura pátria, batendo-se sinceramente pela liberdade nacional”.

Publicou-se com certa regularidade, sendo o n° 5, de 14 de junho, dedicado à comemoração do primeiro aniversário da Sociedade Comício Literário.

Divulgava matéria geral e não só literária assinada pelos redatores, entre os quais se incluiu Fernando Barroca, e por outros associados, como Licurgo Pamplona, A. Sousa Filho, Tomato Ramada, J. B. de Carvalho, Galdino Souto, Olímpio Bonald, Júlio Seldar e outros. O último número foi o 7º, datado de 25 de julho (2) (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**) (3).

**O TELEPHONE — Periódico Noticioso —** Circulou o n° 1 (e único) a 17 de setembro de 1883, sendo impresso na Tip.

(1) Em seu livro “Dois Recifes — Com 60 anos no meio” (Imprensa Industrial, Recife, 1945), **Policarpo Feitosa** (pseudônimo do northeriograndense Antônio José de Melo e Sousa) declara que foi um dos colaboradores d’**O Tentamen**. Não lhe encontrei o nome. Talvez tivesse usado pseudônimo.

(2) Alfredo de Carvalho registara o n° 6, de 1 de julho, como tendo sido o último publicado.

(3) São do Arquivo Público Estadual os comprovantes d’**O Tentamen** de 1884.

da **Gazeta de Noticias**, em pequeno formato, com quatro páginas. Divulgou matéria leve, em prosa, e versos satíricos. Sua redação ficava na rua do Imperador, “na oficina de ferreiro, por baixo do Convento de São Francisco” (**Bib. Púb. Est.**).

**O FEITICEIRO — Jornal Crítico e Noticioso** — Propriedade de José I. Cavalcanti de Oriá, circulou o primeiro número a 19 de setembro de 1883, em formato de 22x16, com quatro páginas. Impresso na Tipografia de Antônio Irineu da Silva, indicava redação à rua do Fogo nº 18, 3º andar. Preço do exemplar — 40 réis.

Repleto de notícias e versos escabrosos, tipo pasquim, dêle publicaram-se cinco edições, a última das quais datada de 17 de outubro (**Bib. Púb. Est.**).

**O SECULO — Periódico Científico e Literário** — Saiu à luz no dia 20 de setembro de 1883, para publicar-se bimensalmente, sendo impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 75, com redação à rua do Rangel nº 28. Formato de 31x22, a três colunas, com quatro páginas. Assinava-se a 1\$000 para a capital ou 1\$200 para fora.

Destinado, consoante o artigo de apresentação, a estimular a “causa das letras, alavanca poderosa da instrução”, esperava que “os seus dias literários, embora afanosos”, fôsem “prósperos e favoráveis”.

Inserindo boa matéria, dentro do programa enunciado, a fôlha seguiu sua marcha, pugnando, em editoriais, pela abolição da escravatura e pela republicanização do país. Além disso, só a colaboração de S. de Meneses, José F. B. de Macedo, José Calazans de Assis, J. F. Moraes Pinheiro, D. A. F. de Paula, Galdino Loreto, Henrique Azevedo e S. de Vasconcelos Galvão, os dois últimos assinando poesias.

Terminou o ano o nº 6, de 30 de novembro.

Mais alguns meses e exibiu-se em nova fase, apresentando o nº 1, ano II, a 21 de abril de 1884, como órgão quinzenal da Sociedade Luta Literária, sendo tôda a edição dedicada à memória de Tiradentes.

No segundo número, a 4 de maio, expressou nôvo programa: “...não é sômente a liberdade política o que quer

**O Seculo**; êle quer que a liberdade se estenda a tudo, êle quer também a liberdade social e a de cultos; e, por isso, tratará de ativar, tanto quanto puder, a propaganda emancipacionista que se agita atualmente em nosso país". Defenderia, de acôrdo "com o sempre chorado e jamais esquecido dr. Aprígio Guimarães", a "Igreja livre no Estado livre". Mas, em conclusão, seu desiderato era "cultivar a literatura, na acepção mais lata desta palavra".

Prosseguiu a publicação, iniciando folhetim com as "Noites na Taverna", de Álvares de Azevedo, que não chegou a terminar, e inseriu produções de Felício Buarque, Henrique Azevedo, Gervásio Fioravanti Pires Ferreira, Guenes Júnior (um dos redatores), Galdino Loreto, Euclides Quintero e Moraes Pinheiro, que assinava a crônica das reuniões da Sociedade Luta Literária. Além disso, F. B. divulgou uma série de artigos sob o título "O povo. O Republicanismo entre nós. Seu sistema de propaganda".

Tendo circulado regularmente até o nº 5, de 15 de junho, o nº 6 (e último) só saiu no dia 1 de agosto (\*), com o qual terminava o primeiro trimestre, ficando suspenso, "temporariamente, por motivos imprevistos e de muita fôrça". Não voltou jamais (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**A BARONEZA RABUGENTA — Periódico Crítico, Noticioso e Joco-Sério** — Continuando o programa d'**A Velha Rabugenta**, divulgou a primeira edição, nº 9, a 21 (1) de setembro de 1883. Nenhuma alteração no feitio. Propriedade de Raimundo O. Ramos da Silveira. Tipografia d'**O Phonographo** (2).

Especializou-se em traçar extensos comentários políticos. Combateu a escravatura, a corrupção e a imoralidade; fêz o panegírico do líder liberal José Mariano Carneiro da Cunha e atacou o govêrno imperial.

Publicou-se até o nº 16, de 17 de novembro (**Bib. Púb. Est.**).

---

(\*) As edições de 1883 encontram-se na Biblioteca Pública do Estado, menos o nº 6, e as de 1884 no Arquivo Público Estadual O derradeiro número coincide com o único comprovante existente na Biblioteca Nacional.

(1) Não no dia 18, como consta dos "Anais", de Alfredo de Carvalho.

(2) O autor desta História da Imprensa mantém o princípio de não alterar a grafia dos títulos das publicações estudadas.

**O FRADE — Jornal Crítico e Noticioso** — Circulou o nº 1 (e único) a 22 de setembro de 1883, formato de 22x16, com quatro páginas, impresso na Tip. d'O Postilhão, Beco do Marisco nº 2-F. Só divulgou matéria de duplo sentido moral, tipo acabado do pasquim em prosa e verso (**Bib. Púb. Est.**).

**O MACACO — Periódico Científico e Noticioso** — Publicou-se uma só vez: a 29 (1) de setembro de 1883, em pequeno formato de duas colunas, com quatro páginas, trazendo sob o título uma vinheta de símio e os versos "Lira Macacatória", assim terminados:

"Tu, leitor, que gostas dêle,  
Do **Macaco**, aí o tens.  
Em paga disto (não fujas)  
Manda prá cá dois vinténs".

Constituída, a matéria, de notas ligeiras de crítica e humorismo barato, foi o jornalzinho impresso na Tipografia Industrial, tendo redação instalada à rua do Fogo nº 54. Custava cada exemplar 500 réis (**Bib. Púb. Est.**).

**O CHICOTE — Jornal Crítico e Humorístico** — Deu à luz o nº 1 (e único) a 29 de setembro de 1883, formato de 21x16, com quatro páginas, sendo impresso na Tip. d'O **Phonographo**. Tipo acabado do pasquim, só inseriu matéria de escândalo barato (**Bib. Púb. Est.**).

**TRINTA DE SETEMBRO** — Número único, de 1883, com a data do título, publicou-se para comemorar a liberdade da escravatura no município de Mossoró, editado pela Sociedade Libertadora Norte-Rio-Grandense. Foi impresso na Tipografia Industrial, à rua do Imperador nº 14, em formato médio, a três colunas de 18 cêceros, inserindo produções alusivas ao acontecimento, assinadas por Martins Júnior, Faelante da Câmara, Álvaro Gurgel de Alencar, Geraldo Sousa Pais de Andrade, Tobias Monteiro, Maria Cândida Maciel de Vasconcelos, Tomaz Gomes e outros (**Bib. Púb. Est.**).

**O URUBU — Jornal Crítico e Humorístico** — Apareceu no dia 30 de setembro de 1883, formato de 22x16, com quatro páginas, impresso na Tip. d'O **Phonographo**, instalada

---

(1) Não no dia 25, como se acha registado nos "Anais".

no Beco do Sarapatel (depois Travessa do Carmo) nº 2.  
Preço do exemplar — 40 réis.

Só divulgando assuntos escandalosos, tipo acabado do pasquim, como tantos outros da época, viveu até o nº 5, de 19 de outubro (**Bib. Púb. Est.**).

**O FALLA TUDO — Jornal Crítico e Noticioso** — Saiu a lume o nº 1 e único no dia 5 de outubro de 1883, com quatro páginas de pequeno formato, impresso na Tip. d'**O Livre Pensador**. A tiragem “limitava-se” a... 2.900 exemplares e vendia-se o exemplar a 40 réis. Abriu com um editorial a respeito da necessidade da emancipação da escravatura, seguindo-se-lhe uma saudação, em versos, ao líder político José Mariano, por José Miranda C. Lima, e o restante só de pasquinadas, inclusive “As verdades do **Falla Tudo**”. Era, também, propriedade de A. de Sousa Maia (**Bib. Púb. Est.**).

**CRUZADA ACADEMICA — Órgão do Clube Acadêmico Católico** — Impresso na Tip. Central, em formato médio, com quatro páginas, circulou a 10 de outubro de 1883, destinando-se à “defesa das idéias religiosas”. Sob o título, trazia o seguinte, como lema: “**Quod ab omnibus, quod ubique, quod semper**”. Eram redatores: Gaspar Costa, Geraldo Sousa Pais de Andrade, Teodorico Magno, padre Assis B. de Menezes, Gomes Vilar e Pedro Ribeiro, todos figurando com artigos assinados. Ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

**A INDUSTRIA** — “É êste — noticiou **O Tempo**, de 18 de outubro de 1883 — o título de um pequeno periódico que ontem viu a luz nesta cidade pela primeira vez, sendo a publicação irregular e distribuída gratuita”. Era propriedade da firma Adolfo & Cia.

**O CANÁRIO — Jornal Crítico e Noticioso** — Saiu o primeiro número no dia 21 (1) de outubro de 1883, formato de 21x15, com quatro páginas de duas colunas. Foi impresso na tipografia d'**O Livre Pensador**, declarando ter redação instalada na rua do Fogo nº 54. Preço do exemplar — 40 réis. Lia-se no expediente: “O redator desta gazeta declara que quem por si se julga a mim não ofende”.

---

(1) Não no dia 12, como consta dos “Anais”.



Foi mais um órgão de linguagem licenciosa, só ocupado em ridículos e escândalos. Ainda deu a público o nº 2, datado de 27 do mesmo mês (**Bib. Púb. Est.**).

**O CACHORRO — Jornal Crítico e Noticioso** — Impresso na tipografia d'O Postilhão, em pequeno formato, "o nº 1 e único saiu a 21 de outubro". Tipo pasquim ("**Anais**").

**A MATRACA — Jornal Crítico e Noticioso** — Saiu a lume no dia 22 de outubro de 1883, sem mais voltar à tona. Impresso na Tip. da Rua de São Francisco nº 2-F, com quatro páginas de duas colunas, tinha redação à rua do Fogo nº 54. Sem nenhuma diferença d'O Macaco, copiou-lhe as dez primeiras linhas da nota de apresentação, frisando: "A minha aparição a ninguém deve causar assombro" (**Bib. Púb. Est.**).

**O DESENGANO — Jornal Crítico e Humorístico** — Impresso na tipografia d'O Phonographo (1883), em pequeno formato, "o nº 1 e único (?) saiu a 25 de outubro. Pasquim" ("**Anais**").

**A COTIA — Jornal Crítico e Noticioso** — Com redação à rua do Fogo nº 54, tendo o caráter de pasquim, destinava-se, porém, ao objetivo a seguir, consoante o seu artiguete de apresentação:

"1º — auxiliar as autoridades superiores no bom desempenho da justiça; 2º — defender o fraco e o inocente contra o forte e o criminoso; 3º — dominar os vícios e os abusos, combatendo-os sem trêgua".

Foi impresso na Tip. da Rua de São Francisco nº 2-F, circulando pela primeira vez (e única) a 31 de outubro de 1883, em pequeno formato, com quatro páginas (**Bib. Púb. Est.**).

**O PANÇUDO — Jornal Crítico e Humorístico** — De linguagem sôlta e licenciosa, circulou uma só vez, no dia 6 de novembro de 1883, formato de 22x16, com quatro páginas. Confecção da tipografia d'O Phonographo (**Bib. Púb. Est.**).

**A TABICA — Jornal Crítico e Humorístico** — Apareceu no dia 16 de novembro de 1883, formato de 22x16, com quatro páginas, impresso na tipografia d'O Phonographo. Lin-

guagem pouco decente, a principal de suas pasquinadas era a seção, em versos, "Tabicadas"; e como eram fortes!

Semanário, circularam três números, o último dêles no dia 30 (Bib. Púb. Est.).

O BEM-TE-VI — **Jornal Crítico e Humorístico** — Impresso na tipografia d'O Phonographo, Beco do Sarapatel nº 2, formato de 22x16, com quatro páginas, dizia-se órgão mensal, cobrando 500 réis por mês. Linguagem de pasquim, foi possível observá-la nos ns. 4, de 18 de novembro (1), e 7, de 13 de dezembro de 1883.

Entretanto, no nº 1, ano II, de 13 de janeiro de 1884, anunciou O Bem-te-vi novo programa: "... defender os direitos do povo, censurar os maus governantes" e "bradar contra as imoralidades". Inseriu, inclusive, comentário verberando a alta do preço da carne verde, que atingira 800 réis por quilograma. Mas a edição terminou com notas de escândalo e maus versos chistosos.

Não há indício de ter prosseguido (Bib. Púb. Ets.) (2).

A PEIA — **Periódico Científico, Crítico e Peador** — Saiu a 24 de novembro de 1883, impresso na Tip. da Rua de São Francisco nº 2-F, com quatro páginas de duas colunas a 15 cíceros.

Abrindo o texto, declarava um Aviso que a redação recebia "artigos amorosos e notícias, tudo por preços cômodos, à rua do Fogo nº 54".

Segundo o editorial, A Peia seria "manejada somente pela moralidade", constituindo sua missão bater de rijo "nas costas dos ladrões, dos patoteiros, dos venais, ou seja, visconde, conde, barão, marquês, autoridade policial, administrativa ou judiciária".

Em meio às críticas, motejos e pasquinadas, divulgou sonetos de Sousa e Ricardo Guimarães. Nada obstante os

---

(1) Nos "Anais", Alfredo de Carvalho atribuiu, erroneamente, a data 20 de novembro ao primeiro número d'O Bem-te-vi, que deve ter aparecido em fins de outubro.

(2) Coleção desfalcada.

prognósticos da redação, o jornalzinho ficou mesmo no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

**O BACAMARTE — Periódico Contra a Corrupção e Imoralidade** — Deu à luz o primeiro número a 25 de novembro de 1883, com quatro páginas de pequeno formato, sendo impresso na Tip. d'O **Phonographo**.

No dia 1º de dezembro circulou o nº 2 (1), trazendo, sob o título, mais o seguinte: "Viva a moralidade! — Fora a corrupção!". Divulgou artigos e notas, inclusive políticas. Preço do exemplar — 40 réis (**Bib. Púb. Est.**).

**O MORCEGO — Periódico Livre e Satírico** — Tipo pasquim, circulou apenas uma vez, a 4 de dezembro de 1883, impresso na Tip. d'O **Postilhão**. Formato de 21x16, com quatro páginas (**Bib. Púb. Est.**).

**O QUIRI — Periódico Científico, Crítico e Noticioso** — Nada mais que um repositório de notas de escândalo nas ruas escusas, publicou-se apenas um número, datado de 8 de dezembro e impresso na Tip. da Rua de São Francisco nº 2-F. Redação na rua do Fogo nº 54. Pequeno formato, com quatro páginas (**Bib. Púb. Est.**).

**O REPUCHO** — Acha-se registado nos "Anais", como tendo circulado, feito pasquim, em 1883. Sem pormenores.

**O TURBILHÃO** — Idêntico ao anterior.

1 8 8 4

**FOLHINHA POPULAR** — Para 1884 — "Editada e à venda na tipografia d'A **Tribuna**, à rua da Imperatriz nº 73". Anunciou-lhe o aparecimento, desde 4 de setembro do ano transato, o diário **O Tempo**, acrescentando: "É um trabalho interessante e que vale muito bem os 200 réis por cada exemplar. Além do calendário, contém a **Folhinha** muitas tabelas, charadas, receitas e informações utilíssimas".

---

(1) Alfredo de Carvalho registara, apenas, o nº 1, dando-o como único publicado.

**O TELEGRAPHO — Periódico Satírico, Joco-Sério e Noticioso** — Começou a circular no dia 13 de janeiro de 1884, formato de 31x21, com quatro páginas de três colunas de composição, assinando-se a \$500 por mês. Impressão da tipografia situada à rua de São Francisco n° 2-F.

Do seu programa, expresso no editorial de abertura, constava: “Ele noticiará o que lhe fôr transmitido, e trará ao conhecimento de todos o que fôr vindo para que sejam ridicularizados os charlatães e encomiados os homens de senso”.

Esclarecendo melhor sua posição, escreveu **O Telegrapho**, no n° 2, que não conhecia “política senão aquela que se assenta no triângulo civilizador — liberdade, igualdade, fraternidade”. E mais: “...declara-se opositor a todos os governos, a todos os políticos que não tendam com seus sacrifícios em benefício do país”.

Seguiu-se a publicação regularmente, cada semana, inserindo matéria variada, com predominância das seções “Variedade” e “Risos” e do noticiário. Na parte de Literatura, escreveram C. Rodrigues, S. Filho, **Bam**, R. Elviro de Melo, **Seetelenno**, Clemente F. da Silva, etc. A princípio inserindo poucos anúncios, terminou com a última página cheia dêles.

Circularam, pelos menos, sete edições (1), a última das quais datada de 2 de março (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**) (2).

**A ARTE DRAMÁTICA — Jornal de ocasião** — Para distribuição gratuita, propriedade de Francisco de Paula Mafra, circulou pela primeira vez no dia 14 de fevereiro de 1884, formato de 31x20, com quatro páginas de duas largas colunas de composição. Impressão da oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador n° 47, em papel couché.

Pretendia, consoante o artigo de apresentação, assinado por Lídio de Albuquerque, “aviventar as idéias sôbre uma

(1) Os “Anais”, de Alfredo de Carvalho, registaram, como último, o n° 6, de 17 de fevereiro.

(2) O Arquivo Público Estadual possui coleção d’**O Telegrapho** até o n° 6, mas na Biblioteca Pública do Estado, onde só existem dois números esparsos, está o 7°.

das mais palpitantes necessidades para os povos civilizados, qual a de fazer sentir o interesse resultante das boas lições de moral, que para eles gera a arte dramática, incontestavelmente uma escola primorosa, onde se aprende tudo aquilo que uma sã moral pode inocular no coração do homem”.

Seguiram-se, a propósito de drama e de teatro, artigos de Tobias Barreto, José Izidoro Martins Júnior, Pereira da Costa e Ovídio Filho; folhetim humorístico de Afonso Olindense e um soneto de Lima Penante, ocupando a página final um anúncio da representação do dia, no Teatro Santa Isabel, pela Companhia Dramática da Empresa Lima Penante & Soares de Medeiros.

O segundo número, sem nenhuma matéria assinada, saiu a 6 de março, não fugindo, todavia, à finalidade do jornal. Passaram-se seis meses, quando apareceu, no dia 13 de setembro, o nº 3, inteiramente dedicado à atriz Emília Adelaide Pimentel, quase todo escrito por Seixas Borges e Afonso Olindense, acompanhando-o um Suplemento só com o retrato da homenageada, artisticamente desenhado por Vera Cruz, em litogravura.

Dois meses após, datado de 11 de novembro, circulava o nº 4 (1) solenizando o reerguimento do drama em Pernambuco, com a reabertura do Santa Isabel pela companhia organizada por Emília Adelaide. Além do nome do proprietário, constou, então, do cabeçalho o imenso corpo redacional a seguir: Afonso Olindense, Tobias Barreto, Sousa Pinto, Lídio Mariano, Martins Júnior, Alfredo Falcão, Ovídio Filho, Pereira da Costa, Castro Vilela e Lima Penante. Nada obstante, só teve assinatura o soneto “Arte dramática”, de Castro Vilela.

Voltou **A Arte Dramática** em 1885 — nº 1, ano II — datado de janeiro, na qualidade de “órgão do Clube Dramático Familiar — Publicação mensal confiada ao Júri Dramático do mesmo Clube”. Assinatura semestral — 2\$000. Preço do exemplar — 400 réis. Impressão da tipografia situada na rua Duque de Caxias nº 6, em papel especial.

Circularam no segundo ano, apenas, quatro números (colaboração de Alfredo Oscar May e de Zeo e artigos da

---

(1) Não o nº 5, de 15 de novembro, como consta dos “Anais”.

redação), o último dos quais em maio, comemorativo do terceiro aniversário do Clube (ocorrido a 28 de abril).

Na primeira página da edição em tela figurou, apenas, o registo da data festejada, em caracteres fortes; liam-se, nas duas do centro, artigos alusivos, de Ovidio Filho, Claudino dos Santos, Alfredo Pinto Vieira de Melo e Ulisses Ponce de Leon e versos de J. Gonçalves Júnior, estampando-se na última o anúncio do espetáculo levado à cena no Teatro Santa Isabel: "A Cabana do Pai Tomaz", com o qual o sodalício assinalou o evento (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**) (2).

**VINTE E CINCO DE MARÇO (1)** — Número único de 1884, com a data do título, publicou-se em "comemoração ao maior dia da pátria", como "homenagem da Caixa Cearense Emancipadora Pedro Pereira às instituições congêneres abolicionistas", conforme constava, em letras fortes, da capa.

Em formato de 35x23 (duas colunas de 18 cíceros), teve tôdas as suas oito páginas circuladas de linhas, sendo a impressão, a duas côres, feita na Tip. Apolo, de A. P. Cunha, à rua do Hospício nº 79. Escreveram sôbre a data: Figueira Lima, Filipe de Figueiroa Faria, José Austregésilo, R. de Farias Brito, Martins Júnior, J. Moreira Alves, A. Olímpio da Rocha, Ciridião Durval e outros (**Bib. Púb. Est.**).

**O CEARÁ LIVRE** — Edição "em favor dos escravos", publicou-se o nº 1 a 25 de março (1 A) de 1884, trazendo sôbre o título: "Era moderna" — "Século XIX", e abaixo: "Despedaçou-se a última cadeia", com a assinatura de Guerra Junqueiro. Sôbre o tema Abolicionismo escreveram: Clóvis Bevilacqua, Artur Orlando, Georgino Gonçalves, Faelante da Câmara, Alfredo Falcão, Claudino dos Santos, Martins Júnior e Antônio de Sousa Pinto.

---

(2) Só encontrados no Arquivo Público os números correspondentes a 1884 e na Biblioteca Pública os de 1885.

(1) Tôda a matéria publicada no **Vinte e Cinco de Março**, n' **O Ceará Livre** (nº 1), nas edições especiais d' **O Rebate**, **O Incentivo**, **O Echo de Palmares**, assim como artigos, poesias e discursos estampados na imprensa diária na mesma data, acham-se enfeixados no livro "Pernambuco ao Ceará", tendo por sub-título "o dia 25 de março de 1884". Constituiu uma homenagem da Comissão Central Emancipadora do Recife, que atribuiu a tarefa de coordenação e descrição das festas celebradas no Estado ao historiador Francisco Augusto Pereira da Costa. Edição da Tipografia Central, 330 páginas, Recife, 1884.

(1 A) Não no mês de maio, como está nos "Anais".

Circulou o nº 2 a 28 de maio, numa homenagem do Clube Ceará Livre a Julieta dos Santos, na noite do seu benefício no Teatro Santa Isabel. Constituiu-se numa poliantéia à apreciada artista, só inserindo crônicas e artigos alusivos.

Finalmente, saiu no dia 28 de setembro a “terceira edição em homenagem aos escravos”. Comemorava, então, um dos dias “mais faustosos da pátria”, quando se concedeu liberdade a “treze irmãos escravizados”. Além de outros, escreveram: Fernando de Castro, Samuel Martins, Mariano de Medeiros, Vilela do Rêgo e Olinto Victor, todos focalizando a lei de 1871, que declarou livres os filhos de mãe escrava. (Bib. Púb. Est.).

A RAZÃO — Órgão quinzenal, surgiu no dia 12 de abril de 1884, formato de 31x22, a duas colunas de 16 cíceros, com quatro páginas. Redatores principais: Dioclécio Fábio da Silva Rêgo, Henrique Azevedo, Rodolfo Pires e João Lages, além da seguinte comissão de redação: F. Alves de Mendonça, M. de Sousa e V. Cavalcanti. Assinaturas: 1\$500 por trimestre e 500 réis por mês; ou 2\$000 e 700 réis, respectivamente, para fora da capital. Redação e tipografia à rua das Flôres nº 24, 1º andar.

Apresentou-se com o artigo “O que vimos fazer na imprensa”, no qual dizia **A Comissão de Redação**, já na parte final das considerações: “A fonte primordial, a causa eficiente de nossos males não tem sido outra senão o império do absurdo, onde só devia reinar a inteligência. Assim, a nossa política, bem se vê, não é a política insensata e de baixos interesses, que temos atualmente; a nossa religião não é a do paradoxo santificado e cheio de essências orientais; a nossa filosofia não é o culto do vago, do indefinido e do metafísico. Seremos, porém, tolerantes convenientemente e não precipitaremos doidamente aquilo que só o trabalho lento da evolução poderá fazer”.

Metade da edição foi dedicada à redenção dos escravos do Ceará. Entre a matéria assinada pelos redatores, figuraram os pseudônimos de **Marc-Intosh** e **Alcione**.

Publicado o primeiro número, verificou-se uma cisão no corpo redacional, que resolveu deixar sozinho Dioclécio do Rêgo e mudar o título do jornal para **Echo da Evolução**.

Nada obstante, ainda circulou o nº 2 d'A **Razão** (1), datado de 23 de abril, pugnando pela Instrução e pela abolição da escravatura (artigo de **Múcio**) e inserindo produções literárias de **Wolf, Dracon** e **Figueiredo** (versos) (**Arq. Púb. Est.**).

**FÔLHA DO RECIFE** — Deu à luz o primeiro número no dia 15 de abril de 1884, impressa em tipografia própria, à rua de S. Francisco nº 2-F, para publicar-se trissemanalmente. Formato de 37x25, com quatro páginas a três colunas de composição de 16 cíceros. Redatores: **Ribeiro da Silva, Ovídio Filho** e **Mendes Bastos**. Assinatura trimestral 2\$000 e número avulso 40 réis. Sob o título lia-se: “Primeiro ano da emancipação do Ceará”, abrindo o texto um quadrinho com os dizeres: “A memória de **Pepes Vasconcelos**”.

Constava do editorial de apresentação: “Não lisonjearmos; não negaremos a César o que lhe pertencer; não seremos tolerantes ante os grandes e pequenos atentados”. Seu escudo: “a honra, a verdade e a justiça”. Ao fim, rendeu homenagem a **Pepes**, “um gênio, que seria a pena mais ilustrada do jornalismo pernambucano se a inveja dos **Midas** e a lei da destruição não existissem”.

De feição gráfica modesta, inserindo produções assinadas, noticiário e anúncios, êstes na quarta página, conservou êsse ritmo, circulando às terças, quintas e sábados, com a esperança de tornar-se diário, caso as circunstâncias o permitissem. Foram colaboradores reais, dentre os que figuravam no **Expediente**, **Afonso de Albuquerque Melo**, **Alfredo Pinto Vieira de Melo**, **Fenelon Borba** e **Gaspar Costa**.

Não deixou de comentar os acontecimentos políticos e sociais da época, especializando-se, porém, na parte noticiosa e informativa.

A coleção manuseada atingiu o nº 9, de 12 de maio (**Arq. Púb. Est.**).

Entretanto, a publicação foi mais além, consoante a relação de **Alfredo de Carvalho**, que assinalou, como último, o nº 20, de 7 de junho do mesmo ano.

---

(1) **Alfredo de Carvalho** registou, apenas, o nº 1.



Logo mais, no dia 17, igualmente de junho, o diário **O Tempo** divulgou uma carta, nela declarando Ribeiro da Silva, Ovídio Filho e Mendes Bastos: “Nesta data temos suspenso, temporariamente, a publicação da **Folha do Recife**, por circunstâncias alheias à nossa vontade”.

**O LATEGO — Periódico Crítico** — Começou a circular a 19 de abril de 1884, formato de 32x21, com quatro páginas a duas colunas largas de composição. Impresso na Tip. d’**O Latego**, situada no Beco dos Mariscos (depois na rua Camboa do Carmo), assinava-se, como semanário, que pretendia sê-lo, a 3\$000 por trimestre, acrescidos de \$500 para as outras províncias, ou 1\$500 mensais, custando 250 réis o exemplar.

O lugar do artigo-programa foi ocupado por outro sob o título “Vinte e cinco de março”, em homenagem à libertação da escravatura pelo Ceará, com uma nota de pé de página, em que se pediam excusas por não ter circulado o jornal na referida data.

Só no segundo número, de 3 de maio, é que saiu o editorial de apresentação, no qual se lia: “Somos republicanos intransigentes, somos abolicionistas”. Combateria “os estudantes caricatos da adulação” e mais “o crime e a bandalheira” e a “corrução que emana do nauseabundo palácio de S. Cristóvão, êsse harém imundo onde se exercitam todos os laçaios passados, presentes e futuros do nosso Imperial senhor”. Concluiu declarando que não temia a responsabilidade dos seus atos.

A 9 de junho circulou o terceiro número, cujo editorial combatia “a corrução, o crime, a bandalheira”. Entretanto, além de noticiário e comentários ligeiros, **O Latego** foi, mais do que tudo, literário, divulgando diversas poesias de Ricardo Guimarães e versos satíricos assinados com pseudônimos, inclusivos de **Voltaire Júnior** e **Capitão Satan**.

Depois de mais três edições (das quais não restam comprovantes), saiu o nº 7 a 24 de agosto, em que se aludiu à retirada de Ricardo Guimarães da função de redator, reperilaram-se ataques d’**O Rebate** e prometeu-se regularizar a circulação do jornal, bastante malfeito gráficamente e sem atração intelectual.

Circulou mais um número a 11 de setembro, que, provavelmente, foi o último (1) (**Arq. Púb. Est.**).

**ECHO DA EVOLUÇÃO** — Apareceu no dia 19 de abril de 1884, com o nº 2, substituindo **A Razão**, no formato de 30x21, com quatro páginas de duas colunas largas, impresso na tipografia da rua das Flores nº 24, 1º andar. Seus redatores — Henrique Azevedo, Misael de Sousa, Alves de Mendonça e Rodolfo Pires — afastavam-se, assim, do companheiro Dioclécio Fábio da Silva Rêgo, com o qual se tinham iniciado naquele outro jornal, deixando-o com o respectivo título.

Constavam do expediente os seguintes colaboradores: Afonso Olindense, Alfredo Pinto Vieira de Melo, Claudino dos Santos, Cícero César, Pedro Bentzem e Landelino Câmara. Publicando-se quinzenalmente, foi, sobretudo, órgão literário, acrescido de serviço noticioso, sem deixar de emitir pontos de vista sobre a situação política do país, que entendia, já no nº 7, carecedora de substancial reforma administrativa. O nº 3 foi em grande parte dedicado ao 32º aniversário do falecimento do poeta Álvares de Azevedo, e o 4º dedicou, igualmente, longo espaço à memória do jurisconsulto Joaquim Gonçalves de Lima, falecido um ano antes.

Findou-se o **Echo** com a sétima edição, datada de 10 de junho, quando resolvera tornar-se semanário, tendo aumentado bastante o formato (quatro colunas), passando para o corpo redacional Alberto J. Gois Teles. A última página só continha reclamos comerciais.

Além das produções, em prosa e verso, do pessoal mencionado, mais **Alcione** e **Nininhas**, manteve-se uma crônica-folhetim assinada, alternativamente, por **Erasmus** e **Jonkopings**. Ficou na primeira inserção outro folhetim — o romance "A fonte do mal", de Afonso Olindense (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O JUDAS ISCARIOTE** — Fundado no sábado de aleluia de 1884, publicando-se nova edição um ano depois ("Anais"), existe comprovante do nº 1, ano III, datado de 24 de abril

---

(1) Alfredo de Carvalho (obra citada) registara, apenas, o "nº 1 e único", fazendo-o interrogativamente.

de 1886. Apresentou-se em formato de 26x18, com quatro páginas de duas colunas. Preço do exemplar — 0\$40.

Como única matéria, ocupando tôda a edição, em tipo corpo 10, sob o título contínuo “Judas é...”, enfeixou 52 definições, envolvendo políticos, comerciantes, industriais, instituições públicas ou não, funcionários, tôdas as classes, para terminar: “Judas, enfim, são todos os tratantes e trampolneiros” (Bib. Pú. Est.).

**REVISTA DA SOCIEDADE BAHIANA DE BENEFICENCIA** — Circulou com vinte páginas, incluída a capa, esta em papel de côr (formato de 30x23), no dia 6 de maio de 1884, data do primeiro aniversário do sodalício. Comissão de redação: Batista de Oliveira, Bernardo Costa, M. Carvalho Ramos, Urbano Neves e Otaviano de Araújo; de revisão: Bráulio Pereira, Antônio de Faria e Aires de Almeida. Impressa na Tipografia Universal, de J. J. Alves de Albuquerque, tinha escritório redacional à rua Visconde de Albuquerque n° 44, 2° andar, pretendendo divulgar-se mensalmente.

Visava, consoante o artigo-programa, “desenvolver e elevar à altura de que é digna a Sociedade Bahiana de Beneficência, a fim de poder realizar seus compromissos”, entre os quais “combater e destruir os obstáculos que a pobreza opõe à cultura da ciência, que um capricho da sorte apresenta a centenas de irmãos nossos, aos quais é negada a entrada em nossas academias”.

Focalizando literatura e assuntos diversos, as páginas da revista acolheram produções de M. Santos, Afonso Joli e Sarahiba, além das que tiveram assinatura dos redatores. Ficou no primeiro número (Bib. Pú. Est. e Bib. Nac.).

**A IDEIA** — “É êste — noticiou o **Jornal do Recife**, de 17 de maio de 1884 — o título de um periódico que começou a ser publicado no dia 15 do corrente e sai duas vêzes por mês. São seus redatores os srs. R. Bettencourt, Oswaldo Silva, Antônio M. da Costa Ribeiro, Walfrido Bastos e Artur Barroca e é órgão da Sociedade Certame Literário”.

Existem comprovantes dos ns. 3 e 4, de 15 e 30 de junho. Quinzenário, imprimia-se na tipografia da rua das Flôres n° 24, 1° andar, formato de 31x22, com quatro pági-

nas a três colunas de composição. Assinatura trimestral — 1\$000.

Só dedicado a literatura, divulgava produções, em prosa e verso, dos redatores, menos o primeiro da lista, logo afastado, e de Sousa Filho (**Bib. Púb. Est.**).

O último publicado foi o nº 5, registado pela “Gazetinha” do **Jornal do Recife** de 20 de julho de 1884.

**A FEITICEIRA — Novíssimo Livro de Sortes para as festejadas noites de Santo Antônio, S. João e S. Pedro** — Foi entregue à circulação no dia 2 de junho de 1884. formato de 18x11, com 32 páginas de bom papel acetinado e capa rósea. Editor proprietário — Manuel G. da Silva. Impresso na Tipografia Mercantil, à rua das Trincheiras (hoje extinta) nº 50.

Publicava-se, o “livrinho”, para facilitar, “por meio de uma edição popular, a tôdas as classes da sociedade, principalmente a menos favorecida, a aquisição de um livro que, a par de outros de igual assunto e de preços mais elevados”, proporcionasse “horas de agradável passatempo nas tradicionais noites em que se consultam os oráculos”.

Sua matéria constou de duas partes. Na primeira, as Sortes, divididas em oito “assuntos”, a doze quadras de sete sílabas, metade para “homens”, metade para “senhoras”. Na segunda, uma coleção de 50 “mimosas quadras populares” e o poema “A Feiticeira”, de Melo Moraes Filho, dos “Cantos do Equador”. Nenhum anúncio (**Bib. Púb. Est.**).

**A ERUDIÇÃO** — Impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 14. formato de 32x21, com quatro páginas a duas colunas largas de composição, saiu a lume no dia 4 de junho de 1884, tendo como redatores Paulo Antigonio, Pedro Melo, Sabino Júnior, André Gomes e Roberto Guimarães. Constava também do cabeçalho a seguinte lista de colaboradores: dr. Clodoaldo Lopes; professores Conceição Pessoa e José Nunes; Tertuliano Guimarães e Primo de Ataíde. Destinado a circular duas vezes por mês, assinava-se a 1\$500 por trimestre e \$500 por mês, ou, para fora da capital: 2\$000 e \$700, respectivamente, tendo escritório de redação instalado à rua Padre Floriano nº 25.

O artigo de apresentação, de quase uma página, não foi bastante convincente em seu emaranhado de frases; formulou, apenas, um objetivo: "Instrução a tôdas as camadas sociais". No segundo número iniciava-se o folhetim "Os enfeitados", drama em quatro atos, de Antônio Enes, que não passou da terceira inserção.

Retirando-se o primeiro redator da lista, foi substituído, já no nº 4, por Sacramento Ramos. Da penúltima para a última edição houve um interregno de 41 dias. Publicou-se a 11 de setembro o nº 5, com o qual o periódico encerrou sua existência. Além da matéria em prosa, inseria poesias de Sabino Júnior e André Gomes (**Arq. Púb. Est.**).

**RESABIOS LYRICOS — Revista de Crítica do Teatro Lírico** — Entrou em circulação a 6 de julho de 1884, antecipadamente anunciada pelo diário **O Tempo**. Reuniu doze páginas, em pequeno formato, para vender-se a 200 réis o exemplar. Publicação semanal, tinha como proprietário e redator o acadêmico Manuel Claudino de Melo e Sousa, sendo impressa na rua das Flôres nº 24, 1º andar.

Foi possível manusear comprovante do nº 4 (e último), datado de 27 de julho, com 24 páginas, compreendendo, pois vinham numeradas seguidamente, as de ns. 37 a 60. Da capa, em papel de côr, só foi impressa a página de frente: o título e anotações do Expediente. A matéria constituiu-se de assuntos teatrais, incluindo colaboração de Adolfo Campelo e a seção "Variedades" (**Bib. Púb. Est.**).

**CASSANDRA — Série de Novas Sortes para as noites de S. Antônio, S. João e S. Pedro** — Circulou em junho de 1884, obedecendo ao formato de 16x10, com 114 páginas de papel acetinado e capa em couché. Editôres — Medeiros & Cia. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua do Imperador nº 14.

Sua matéria dividiu-se em cinco partes, a saber: Assuntos (das Sortes), Charadas, Jogos de Prendas, Recitativos e Pensamentos e Provérbios (**Bib. Púb. Est.**).

**A LUZ — Órgão da Sociedade Recreio Literário Infantil** — Publicação quinzenal, entrou em circulação no dia 5 de julho de 1884, formato de 31x20, com quatro páginas de duas colunas largas. Redatores: João Atenógenes de Barros Luna,

José de Castro e Silva e Pedro Júnior, com redação instalada à rua das Flôres nº 24, 1º andar, em cuja tipografia se imprimiu. Assinatura trimestral — 1\$000.

O editorial de apresentação assim concluiu: “O nosso objetivo é concorrer, justa e legalmente, pela nossa emancipação civil, política e religiosa, trabalhar pela liberdade, pela instrução do povo. Sem limitar-se, portanto, **A Luz** a um programa definido, terá em vista tudo quanto possa concorrer legitimamente para o progresso de nossa pátria. Poderemos ser vencidos, mas restarnos-á a glória do trabalho”.

Logo no terceiro número, a S. R. L. I. transformava-se em Congresso Literário Científico, o que passou a constar do cabeçalho. Ao mesmo tempo, o segundo e o terceiro redatores eram substituídos por Álvaro Cavalcanti.

De curta duração, fora produções dos nomes mencionados, teve a colaboração, em prosa e verso, de Galdino de Barros, Camerino Sobrinho, Fortunato Rafael A. de Carvalho, Artúnio Vieira e Antônio Guimarães; mais a “Crônica”, de Xavier Carneiro, constituída do resumo das reuniões sociais. Cada edição trazia um editorial sôbre assunto do momento.

Findou com o nº 5, de 4 de setembro, sem terminar o folhetim de Atenógenes Luna “Vingança e virtude”, já na sua quinta publicação (**Arq. Púb. Est.**).

**O PHAROL — Órgão do Clube Aires Gama** — Destinado a circular quinzenalmente, saiu a lume no dia 15 de julho de 1884 (1), com quatro páginas, em pequeno formato, tendo como redatores Artur Ramos, Artur Fenelon, Vicente Lima, José do Rêgo e José Florêncio (Cf. **O Tempo** e o **Jornal do Recife**, edições de 16 e 17 de julho).

Logo mais, publicava-se o nº 2, ao que noticiou, a 5 de agosto, o primeiro dos referidos diários.

**REVISTA DE FARMÁCIA — Órgão do Congresso Farmacêutico de Pernambuco** — “Destinada aos interesses da classe”, deu à estampa o primeiro número a 20 de julho de

---

(1) Único registo dos “Anais”: “**O Pharol** — Recife, 1884”.

1884, formato de 31x22, com oito páginas. Impressa na Tip. Mercantil, assinava-se a 10\$000 por ano, para a capital e o interior, acrescidos de 2\$000 para as outras províncias, constando ainda do expediente: "Não se aceitam anúncios de especialidades estrangeiras de natureza alguma. Os demais serão publicados conforme ajuste prévio".

Lia-se, no editorial de apresentação: **A Revista de Farmácia** "vem marcar uma era nova nos anais da luta pela vida dos farmacêuticos de Pernambuco. É a primeira que se ergue nesta província e quiçá de todo o norte do Império".

"De acôrdo com a letra dos Estatutos do Congresso, a **Revista** virá estreitar mais a união da classe por meio de correspondências dos farmacêuticos do sul e do norte do Império".

Publicou-se regularmente, cada mês, inserindo matéria especializada, incluindo noticiário, atas, formulários e demais informações de utilidade para a classe. O nº 13, provavelmente último, circulou a 1º de setembro de 1885 (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**) (1).

**A SOBERANIA — Órgão do Clube Conservador Acadêmico** — Surgiu no dia 11 de agosto de 1884, formato médio de quatro colunas, com quatro páginas, sendo impresso na Tip. da Rua das Flores nº 24, 1º andar, com redação à rua Pedro Afonso (hoje, da Praia) nº 59. O corpo redacional, sob a chefia de Diogo Cavalcanti de Albuquerque, estava assim constituído: Nogueira Jaguaribe, Hugo Barradas, Sales Barbosa, Cavalcanti Mendonça, Magalhães Bastos e Deraldo Maia, os dois últimos substituídos, no segundo número, por Gonçalves Maia.

O artigo de apresentação, intitulado "A nossa profissão de fé política", assinado pelo redator-chefe, ocupou mais de uma página, assim concluindo: "Somos conservadores, mas não desertamos das falanges do progresso! Eis iniciada a nossa missão na imprensa".

Saiu o nº 2 no dia 28. Além da produção dos redatores, lam-se prosa e verso de Ciridião Durval, Francisco Verneck

---

(1) Coleções incompletas.

e Luiz Guimarães, findando com a “Resenha”. O nº 3, que foi último, publicou-se no dia 20 de setembro, bem redigido e farto de matéria assinada, como os anteriores (**Arq. Púb. Est.**).

**AMERICA DO SUL** — Órgão trimestral, propriedade “de uma Associação”, deu à luz o primeiro número a 15 de agosto de 1884, formato de 40x28, com quatro páginas a três colunas de 18 cíceros. Impressão da Tipografia Universal, à rua do Imperador nº 50, custando 2\$000 a assinatura trimestral. Fram redatores: Manuel L. de Carvalho Ramos, Bernardo Costa, Zacarias dos Reis e Antônio Faria, estando o escritório da redação instalado à rua da Matriz nº 44, 2º andar.

No artigo de apresentação, dizia dividir-se sua matéria em “uma parte científica, uma parte literária e outra humorística”, advogando os interesses “dos leitores, nos limites determinados pela justiça”.

Divulgou produções assinadas por Carvalho Ramos (duas), Sales Barbosa e **Berta**, com uma parte noticiosa e poucos anúncios. Assim prosseguiu, circulando em datas indeterminadas, inserindo boas crônicas, sobre assuntos gerais, assinadas com os pseudônimos **João Frolo**, **Zebedeu**, etc.; produções outras, em prosa e verso, a cargo dos redatores e também de Tito Cardoso, Eurico de Caldas Brito e Sales Barbosa. Não faltaram editoriais sobre a política nacional e, por fim, de apoio à abolição da escravatura.

Publicaram-se, apenas, sete edições, a última das quais datada de 25 de outubro (**Arq. Púb. Est.**).

**A MACACA — Periódico Crítico** — Circulou o primeiro número (e único) no dia 18 de agosto de 1884, formato de 21x16, com quatro páginas, sendo impresso em tipografia da rua Camboa do Carmo. Só divulgou notas satíricas, troças, pequenos escândalos de esquinas e lugares excusos, utilizando linguagem pouco decente (**Bib. Púb. Est.**).

**A JUSTIÇA** — Poliantéia de 21 de agosto de 1884, apresentou-se com quatro páginas de duas colunas largas, em papel **couché** róseo, impressa na tipografia da Rua das Flôres nº 24, 1º andar. Constituiu um “preito da Faculdade do Recife ao dr. José Joaquim Seabra, no seu **XXVIII** aniver-



sário”, inserindo produções alusivas, em prosa e verso, de Alvaro Gurgel de Alencar, Seixas Borges, Anibal Seixas, Ciridião Durval, Sales Barbosa, Geraldo S. Pais de Andrade e J. Holanda da Cunha (**Bib. Púb. Est.**).

**O ARREBOL** — **Periódico Literário, Científico e Satírico** — Órgão “de uma Associação, tendo como diretor Júlio Hancem, surgiu a 30 de agosto de 1884, formato de 32x21, com quatro páginas a duas colunas de composição, circuladas. Sob o título, trazia: “Colaboração franca aos assinantes” e “*Libertas et lux*”, sendo a impressão feita, em papel especial, na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 14.

Com programa modesto, expresso em ligeiro editorial, assim concluiu **A Redação**: “...prometeremos, unicamente, àqueles que se dignarem auxiliar-nos, o cumprimento do nosso dever tendo como divisa a frase gigante do pensador profundo do Calvário: *Igualdade, Liberdade e Fraternidade*”. (Sic.).

Dizendo-se publicação trimestral, saiu o segundo número, que foi o último, no dia 10 de setembro. Divulgou assuntos locais, em artigos assinados por **Orion, J. Pinheiro** e **Artúrio Vieira**, êste também responsável pelo folhetim literário, tendo iniciado no segundo número a novela “Como eu fui à Torre”, que terminou com um “continua”. E mais: versos de José de Castro, Pacífico dos Santos e Manuel Chaves, um dos redatores (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac. (o nº 2)**).

**OFFERENDA** — Ao ator **Álvaro Felipe Ferreira**, por seus admiradores do Recife, no noite do seu festival. — Número único de 11 de setembro de 1884, para distribuição grátis, apresentou-se com quatro páginas de duas colunas, circuladas. Escreveram sobre o homenageado: Sales Barbosa, Antônio de Sousa Pinto, A. P. Chichorro da Gama, Gonçalves Maia, Ciridião Durval, Jocelin Brandão e outros (**Bib. Púb. Est.**).

**A DEMOCRACIA** — Sob a orientação de Antônio Epaminondas de Melo, apareceu no dia 18 de setembro de 1884, formato médio, com quatro páginas de quatro colunas a 16 cíceros, sendo impresso na Tip. dos Democratas, à rua Duque de Caxias nº 6. Custava 12\$000 a assinatura anual e publicava-se “uma ou duas vezes por semana, enquanto não estiver completamente montado o nosso estabelecimento tipográfico”.

Nasceu “sob a inspiração antiga e constante de homens que têm servido ao partido liberal, à causa democrática”, dizia o editorial de apresentação, acentuando: “É mais uma tentativa para que haja um jornal que particularmente se ocupe da aplicação do princípio de liberdade, e discuta os interesses legítimos da política liberal desta província, com certa independência e franqueza, mantendo e esclarecendo, quanto lhe fôr possível, a opinião liberal”.

Inseriu editoriais sôbre a necessidade da extinção da escravatura, sôbre o govêrno provincial, eleições e instrução pública, além de noticiário, variedades, folhetim e versos de Benvenuto Lobo e Afonso Joly (**Bib. Pú. Est.**).

Não existem outros comprovantes d’A **Democracia**. Entretanto, a publicação continuou, segundo Alfredo de Carvalho, até o nº 6, de 26 de outubro. É possível mesmo que tinha ido mais longe.

**O FRADE — Periódico Crítico** — Publicou-se uma única vez, no dia 23 de setembro de 1884, formato pequeno, com quatro páginas, inserindo matéria do mesmo quilate d’A **Macaca (Bib. Pú. Est.)**.

**CRI-CRI — Jornal Avulso** — De duas páginas, só impressa a da frente, circulou a 27 de setembro de 1884, formato de 32x21, com duas colunas largas de composição. Confeccionado na tipografia de A. I. Silva, em bom papel, apresentou-se com uma nota de dez linhas, assinada por **Marrasquino & Cia.**, em que dizia:

“É bem resumido o programa dêste nôvo jornal. Tem por fim publicar o resumo do libreto das óperas que se representar, fazer umas **caretas** a certos tipos, analisar o desempenho das peças e... brincar levemente com alguns amigos”. Mais umas palavras e concluiu: “É jornal para rir e deve **expirar** logo que termine a **temporada** do sr. **Milone**”.

Cumpriu o programa, inserindo seções ligeiras, tais como: “Na ribalta...” por **Zenobia**; “Revérbero lírico”, por **Japonês**; “Lirismos”, por **Petit Duc**, etc., cabendo a **Marrasquino & Cia.** a abertura da página.

Circulou semanalmente, expirando com o nº 5, datado de 26 de outubro (**Arq. Pú. Est.**).

O CONSERVADOR ACADEMICO — Órgão do Grêmio de igual nome, apareceu no dia 27 de setembro de 1884, impresso na tipografia da rua das Flôres nº 24, 1º andar. Pretendendo sair bimensalmente, estabeleceu redação à rua Duque de Caxias nº 30, 1º andar, e divulgou a seguinte tabela de assinaturas: semestre — 3\$000; trimestre — 2\$000; mês — \$700, com aumentos para fora da cidade; número avulso — \$400. Formato de 43x30, a quatro colunas de 14 cíceros e quatro páginas. Sob a chefia de João de Siqueira Mendes, era o seguinte o corpo redacional: João Leopoldino, Claudino de Melo, Lins Caldas, Manuel Paturi e Barbosa Magalhães.

Apesar de conservadores, segundo o artigo de apresentação, assinado pelo redator-chefe, davam os acadêmicos profissão de fé emancipacionista.

Divulgou longos artigos políticos, assinados ou não (também algum noticiário), predominando nêles a idéia da emancipação, embora “não bruscamente, de chofre”, como doutrinou Claudino de Melo, ao sentenciar: “Faça-se do escravo o cidadão”. O mesmo Claudino iniciou um folhetim, que continuaria na edição seguinte, mas não há notícia de que tivesse prosseguido a publicação (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

O DIABINHO — Entrou em circulação a 27 de setembro de 1884, formato de 22x15, com quatro páginas de duas boas colunas, impresso em tipografia da rua das Cruzes (hoje, rua Diário de Pernambuco). Publicação bissemanal.

Não vinha, segundo concisa nota de apresentação, “vomitar fogo pelos olhos, pelas ventas e pela bôca”; não espanteria “as beatas, nem as crianças, nem as almas crendei-ras”, mas, sabendo de tudo, pretendia “moralizar a sociedade” e “corrigir a humanidade”, concluindo: “Sua arma: a linguinha; arma de dois fios: o crítico e o ridículo”.

Bem redigido, de agradável aspecto material, cumpriu seu programa nos poucos números dados à circulação, ocupando-se de temas como o voto, as eleições em perspectiva e o Partido Liberal, do qual era adepto, além de assuntos mais leves, inclusive em versos chistosos. A colaboração era assinada por **Pafuncio, Chico Cebola, Casé, Chiquinho, K. Indo, K. Fifa e Frei Bernardo.**

Circularam, apenas, seis números, o último dos quais datado de 21 de outubro, vendendo-se o exemplar a 40 réis (Arq. Púb. Est.).

RIO BRANCO — **Periódico Conservador. Religioso e Literário** — Surgiu no dia 28 de setembro de 1884, formato de 30x20, com quatro páginas de duas boas colunas. Redator e proprietário — **Grak Lok** (pseudônimo do Capitão Antônio Gracindo de Gusmão Lobo), auxiliado pelo alferes Júlio Coriolano Dias. Impressão da Tipografia Universal. Redação na rua Cruz Cabugá (atual Duque de Caxias) nº 11, 1º andar. Tabela de assinaturas: ano — 12\$000; semestre — 6\$000; trimestre — 3\$000; para o interior e províncias — 14\$000, 7\$000 e 3\$500, respectivamente. Preço do exemplar — 250 réis na capital e arrabaldes; fora daí — 260 réis.

Circulando, antes, com o título **O Latego**, explicou o artigo inicial, a propósito da substituição: “Com esta denominação — **Rio Branco** — sob a qual começamos no presente número, temos que ficará assim melhor traduzido o nosso programa, que é a emancipação gradual da escravatura brasileira, tributando ao mesmo tempo uma modesta mas sincera homenagem à memória sempre respeitosa de uma notabilidade pátria tal como foi José Maria da Silva Paranhos, depois Visconde do Rio Branco”.

Mudara o título precisamente no dia em que, treze anos atrás, foi promulgada a lei que extinguiu o tráfico de africanos.

Ao que tudo indica, não ocorreu nenhuma outra edição até o fim do ano.

Reapareceu — nº 1, ano II — a 7 de janeiro de 1885, pretendendo publicar-se semanalmente. Logo no nº 4 substituiu-se o alferes Coriolano (que tomava conta do escritório) por outro alferes, chamado João Galdino Cavalcanti de Albuquerque, cedendo êste o lugar, ao atingir o nº 20, ao tenente Antônio Machado Revoredo.

O periódico seguiu sua meta, inserindo editoriais sobre política, finanças, administração, etc.; noticiário variado; a seção “Assuntos diversos”; “Literatura” e folhetim, com o romance “De noite todos os gatos são pardos”, de Rebelo da Silva. Pequenos anúncios fechavam a última página. Além

das constantes poesias de G. L. (o diretor), contou com a colaboração poética de Tertuliano Pessoa, João dos Santos Jorge, Cleodon de Aquino, Joaquim Cândido da Costa Pereira e Júlio Hancem.

A edição de 22 de agosto foi dedicada à elevação do Partido Conservador ao poder. A de 9 de setembro deu início ao folhetim "A luta pelo amor", de F. Th Jacques, no lugar do anterior, que ficou, depois de numerosas inserções, sem terminar, como não terminaria o nôvo.

Sem alterações no programa enunciado, apenas ocorrendo algumas lacunas na circulação, o **Rio Branco** chegou ao nº 40 a 14 de dezembro. Pretendia, consoante o editorial de despedida para as férias de fim de ano, voltar em 1886, o que não foi possível (**Bib. do Inst. Arq.**).

O **BADALO — Periódico Crítico** — Sem que exista comprovante do primeiro número, saiu o nº 2 a 21 de outubro de 1884, formato de 22x16, com quatro páginas. Dizia-se "publicação avulsa" e, afora um soneto de Ricardo Guimarães, só divulgou matéria do gênero satírico, mordaz, de duplo sentido e até sem sentido (**Bib. Púb. Est.**).

**HOMENAGEM A DISTINTA ATRIZ ADELA NAGHEL**  
(1) — **Por seus admiradores de Pernambuco, em a noite de seu benefício** — Número único, para distribuição grátis, circulou a 23 de outubro de 1884. Impresso na Tip. Universal, à rua do Imperador nº 50, apresentou-se em formato de 32x20, com quatro páginas de duas colunas de composição, circuladas de vinhetas.

Iniciou a poliantéia Manuel José de Santana Araújo Filho, seguindo-se, nas saudações, em prosa ou verso, à famosa cantora, Júlio Falcão, F. Lima, Graciliano Martins Sobrinho, Saldanha Pinto, Ponciano de Miranda e outros (**Arq. Púb. Est.**).

**A ORTIGA — Periódico Crítico** — Redigido em linguagem licenciosa, saiu o nº 1, que foi último, no dia 27 de outubro de 1884, formato de 22x16, com quatro páginas (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Não consta dos "Anais", de Alfredo de Carvalho.

A **CRISE — Periódico Crítico** — Publicação avulsa, deu o nº 1 e único a 2 de novembro de 1884, formato de 22x14, com quatro páginas. Na primeira, em editorial, dizia-se órgão republicano, aconselhando o eleitorado a votar certo no pleito que se aproximava. Noutra nota, sugeria os nomes dos candidatos à deputação geral José Mariano e Joaquim Nabuco. Tôda a matéria restante descambava para o escândalo, divulgando versos picantes e notas ligeiras sôbre o comportamento dos bordéis da cidade (**Bib. Púb. Est.**).

O **JORNAL DO POVO — Fôlha de Ocasião** — Comprovante único avistado foi o nº 3, ano I, de 31 de dezembro de 1884, formato de 31x22, com quatro páginas de duas colunas largas, impresso na Tip. Mercantil. Do cabeçalho constavam os **slogans**: “Tudo para e pelo povo” e “Um por todos e todos por um”.

A edição agasalhou três diferentes comentários de **Spartaco**, que, no primeiro dêles, atacou acerbamente o diário conservador **O Tempo**, frisando que êste, achando-se na oposição, tinha “o restrito dever de falar a verdade e não o direito de inventar...” (**Bib. Púb. Est.**).

Segundo Alfredo de Carvalho, a publicação atingiu 1886, saindo o nº 2, ano II, no dia 6 de fevereiro.

O **NETO DO DIARIO** — Em formato de 13x9, com quatro páginas, estas divididas em três colunistas de seis cíceros, circulou o interessante órgão, pela primeira vez, a 20 de dezembro de 1884. Propriedade da “Encadernação Comercial”, de Manuel J. de Miranda, em cuja tipografia se imprimiu, à rua Duque de Caxias nº 39. Pequena vinheta de uma coroa sobrepunha-se ao título, aos lados da qual vinha o seguinte: Assinatura: por um ano — 30\$000; número avulso: na rua — grátis.

Nas poucas linhas da nota inicial, dizia que a imprensa grande se queixava de falta de assunto, enquanto êle, **O Neto do Diario**, levava vantagem: não precisava de muita coisa para encher suas colunas. E sendo pequeno, poderia aventurar-se a certas liberdades, que nunca são tomadas a sério quando ditas por crianças.

Noutro comentário, opinando sôbre a política, escreveu a redação: “Vai muito mal de saúde. Começou perdendo

apetite e caráter, e atualmente não faz mais do que lutar por viver. Dizem os médicos, que a têm tratado, que viverá assim muito tempo, mas que continuará sempre de mal a pior. É o que também acreditamos”.

Além de “Coisas e lousas”, comentário de **Mário Neto**, o jornalzinho divulgava produções ligeiríssimas de **Adnarim**, **Cifra**, **Zero** (Barbosa Viana) e outros pseudônimos, em prosa e verso, sem faltar o folhetim, ocupando dois rodapés, e ainda uma seção de charadas. Na última página, só o anúncio da empresa editora.

Circulando irregularmente, chegou ao mês de setembro de 1885, quando foi publicado o 8º e último número (**Bib. Púb. Est.**).

O FUTURO — Acha-se registado nos “Anais”, como tendo circulado em 1884, “in-fol. peq”. Nada mais.

1 8 8 5

A IDEIA — **Semanário Abolicionista** — Ostentando sobre o título os slogans “Fiat Lux” e “Viver às claras”, apareceu no cenário da imprensa a 2 de janeiro de 1885, com quatro páginas a duas colunas de 18 cíceros e mal impresso. Propriedade de Ferreira de Meneses, teve, inicialmente, como redator Ricardo Guimarães. Tabela de assinaturas: trimestre — 3\$000; fora da cidade — 3\$500; número avulso — \$200 e \$300, respectivamente.

Apresentava-se “ao público nua completamente de preconceitos, sem proteção alguma a não ser o generoso auxílio de alguns amigos”. Eram seus redatores “abolicionistas intransigentes e declarados”. Ao fim do artigo-programa, dizia esperar “vencer os perigos” que tinha de “correr na perigosa viagem através dos mares agitados do jornalismo”.

Inseriu o primeiro número várias poesias do redator, a salientar longo folhetim, no mesmo gênero, dedicado a José Mariano e Joaquim Nabuco.

Circulou regularmente. O nº 12, de 1º de abril, ocupou a primeira página com um retrato, a craion, do Barão de Nazaré, como “homenagem de gratidão” ao assinante gene-

roso. No texto, lia-se colaboração de M. Cruz e Camerino Sobrinho. Um Aviso da Direção do jornal falava do afastamento de Ricardo Guimarães, acrescentando que não tinham mais valor recibos por êle assinados (1). Mais de uma página de anúncios.

Veio a sofrer lacunas a publicação, cujo nº 24 saiu a 13 de agosto, dedicada a primeira página ao retrato, feito a craion (Litografia H. Lopes), de D. Leonor Pôrto, “presidente da Sociedade Ave Libertas e incansável abolicionista”, seguindo-se editorial alusivo. Quatro produções, em prosa e verso, tôdas assinadas por Narciso Duperron, completaram a edição.

Não foi possível, uma vez que a coleção manuseada só atinge o nº 24, apurar se continuou ou não em fins de 1885.

Inexistente exemplar do nº 1, o nº 2, ano II, de 6 de fevereiro de 1886, apresentou-se como “periódico semanário e republicano”. Pedia desculpas pela demora, prometendo ser mais pontual, e indicava, como encarregado de assinaturas, Benedito Cedrim. Acompanhou o ritmo da fase inicial, não havendo mais notícias d’A Ideia no segundo ano encetado (**Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA DAS ARTES — Hebdomadário de Propaganda Instrutiva** — Deu à luz sua primeira edição — “1a. semana” — no dia 11 de janeiro de 1885, formato de 23x16, com capa e oito páginas de texto. Impressa na Tipografia dos Democratas, à rua Duque de Caxias nº 6, era propriedade de Francisco da Paula Mafra, tendo como redatores Afonso Olindense, Tobias Barreto de Meneses e Antônio de Sousa Pinto. Também figurava na capa a lista dos colaboradores, entre os quais se destacavam: Joaquim Nabuco, Martins Júnior, Faelante da Câmara, J. B. P. Côte Real, Alfredo Falcão, Marcelino Cleto e F. A. Pereira da Costa.

Lia-se no artigo de apresentação, assinado pelo proprietário: “... os assuntos referentes em geral à instrução de cada uma das classes artísticas serão tratados minuciosa e deta-

---

(1) Uma nota intitulada “Ao público”, inserta na edição única d’O Atalaia (8/8/1885), explicava que, após dois meses, Ricardo Guimarães deixara O Ideal porque não podia ser conivente com o relaxamento e má direção que Ferreira de Menezes dava ao jornal.



lhadamente”. Mas daria “preferência à instrução da mulher e à higiene da vida e da família”. E mais “... a parte agrícola, que mais se prende ao ramo das artes, e a veterinária não serão descuidados”; “em geral, tudo quanto houver de histórico, artístico e arqueológico”.

A par das diferentes produções no número de estréia, Afonso Olindense iniciou uma série de estudos sobre a Arte Dramática. A capa, que se apresentara desenhada de vinhetas, inseriu pequenos anúncios nas páginas internas e, na última, o “Almanack da **Revista das Artes**”.

Publicaram-se, ao todo, oito números, indicados por semana — “8ª semana”, — datado, o último, do mês de abril. Inexplicavelmente, lia-se em cada número: “2ª edição”. Indicava a tiragem de 2.000 exemplares.

Além dos colaboradores mencionados (menos Joaquim Nabuco e F. A. Pereira da Costa, que nada escreveram), figuraram, ainda, Herculano Ramos, Manuel de Siqueira Alfredo de Figueiredo, Castro Vilela, Alfredo Pinto e **Falstaff**, com as “Faulhas” (**Arq. Púb. Est.**).

A 2 de julho de 1886, a **Revista das Artes** deu uma edição especial, em “homenagem ao mérito de Lucinda Furtado Coelho”, cujo retrato a craion figurou na capa. Foi impressa na Tip. Mercantil, à rua das Trincheiras nº 50, formato pequeno, com vinte páginas, tôdas cercadas de vinhetas. Circulou no dia do festival em benefício da atriz, com abertura, em versos, de F. Mafra, seguindo-se ligeiros artigos de saudação, assinados por Tobias Barreto, Martins Júnior, A. de Sousa Pinto, Mariano de Medeiros, Alfredo Falcão, Afonso Olindense, Silveira Carvalho, Artur Orlando, Claudino dos Santos, Faelante da Câmara, Xisto Bahia, Tomaz Espiuca, J. Gonçalves Júnior, Carvalho Lisboa e outros (**Bib. Púb. Est.**).

O **CHICOTE — Periódico Crítico** — Tipo pasquim, circulou o nº 1 e único a 28 de janeiro de 1885, sendo vendido o exemplar a 40 réis. Formato de 22x16, com quatro páginas (**Bib. Púb. Est.**).

O **FANTASMA — Periódico Crítico** — Nas mesmas condições do anterior, publicou-se um só número, no dia 30 de janeiro de 1885 (**Bib. Púb. Est.**).

**JORNAL DO DOMINGO** — **Revista Literária Semanal** — Apresentou-se em formato de 37x26, a três colunas de composição, com apenas duas páginas, feito prospecto, datado de janeiro de 1885.

Editado por G. Laporte & Cia., destinava-se a divulgar importantes romances, tendo começado a experiência com um capítulo de “A padeira”, de Xavier de Montepin, completando a edição matéria ligeira.

Não passou da amostra (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

**O CORISCO** — **Periódico Crítico** — De linguagem pouco moral, apareceu a 5 de fevereiro de 1885, para não mais voltar à circulação. O cabeçalho indicou, como redator, o nome **Paulo Farinha de Mandioca Machado**. Formato de 22x16, com quatro páginas (**Bib. Púb. Est.**).

**O DIABINHO** — **Periódico Crítico** — Idêntico ao anterior, acompanhando a série de pasquins, o nº 1 e único saiu no dia 11 de fevereiro de 1885, obedecendo ao mesmo pequeno formato e igual quantidade de páginas (**Bib. Púb. Est.**).

**O LEÃO** — Publicou-se o nº 2 (não resta comprovante da edição de estréia) no dia 3 de março de 1885, formato de 31x22, com quatro páginas a duas colunas de 16 cíceros. As letras do título inexpressivas, via-se-lhe abaixo mal feito desenho, em madeira, de um leão. Imprimiu-se na tipografia d’**A Ideia**, declarando ter escritório de redação à rua Direita nº 18, 1º andar.

Sua matéria constou de editorial de ataque à instituição do Júri; “Palestra do Leão com o Diabo”; poesias sem assinatura; notas soltas e a quarta página de anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

**VINTE E CINCO DE MARÇO** — Edição “em favor dos escravos”, circulou na data do título, em 1885, formato de 44x33, com quatro páginas de três colunas largas. Impressão da Tipografia Apolo, utilizando papel **couché**.

Apresentou-se a página de frente cercada de vinhetas, contendo os seguintes dizeres, em grandes caracteres, a duas côres: “Homenagem da sociedade Ave Libertas ao primeiro aniversário da libertação integral do Ceará, realizada no dia 25 de março de 1884”.

As páginas restantes, em seguida ao editorial de regozijo, inseriram produções, em prosa, de Fernando de Castro, Carlota Vilela, Alfredo Pinto, Artur de Albuquerque, Albertina de Oliveira, Leonor Pôrto, Graciliano Martins, Odília Pompílio, Adelaide Pôrto, Maria Pinto, Maria P. Vilela dos Santos, Mariano de Medeiros, P. de M. e Agostinho de Magalhães, e poesias de Claudino dos Santos, Afonso Olindense, Faelante da Câmara, Carlos Pôrto Carreiro, Maria Amélia de Queircz, Ana Paulino Belo, Anísio de Abreu e Inês Sabino Pinho Maia, tudo sôbre a data (**Bib. Púb. Est.**).

A DEMOCRACIA (1) — Número único, de 18 de abril de 1885, foi publicado em homenagem ao seu fundador (2), o “Exmo. Sr. Dr. Antônio Epaminondas de Melo, deputado geral pelo quinto distrito e chefe do Partido Democrata da Província”, no 30º dia do seu falecimento.

Impresso na Tipografia dos Democratas, apresentou formato de quatro colunas, com quatro páginas, figurando na primeira o retrato do extinto, a craion, desenhado por Vera Cruz e executado na Livraria de Epaminondas Gouveia, à rua do Rangel nº 16. Dizia a legenda: “Demonstração de eterna saudade do Partido Democrata”.

O título da poliantéia só apareceu na segunda página, aí começando a matéria do texto, repleto de manifestações de pesar e recortes, alusivos, de outros jornais. Da quarta página constaram, apenas, no centro, palavras de saudade, tarja e emblema fúnebre (**Bib. Púb. Est.**).

O LIVRO DA ROMANINHA — Magnífica Coleção de Sortes para as Noites dos Divertidos Santo Antônio, S. João e S. Pedro — Apareceu em cena no mês de junho de 1885, formato de 13x10, reunindo 144 páginas. Redator — Dr. Pihéria; editor — M. J. Braga. Trabalho material da Tipografia Apolo, situada à rua do Hospício nº 79.

Em seguida à parte pròpriamente de Sortes, sua matéria geral foi assim dividida: “Seção dos Jogos de Sociedade”, “Poesias” e “Seção do Riso”, tôdas com o sub-título “Compilação” (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Não consta dos “Anais” de Alfredo de Carvalho.

(2) Achava-se fora da circulação o periódico **A Democracia**, fundado no ano anterior.

VICTOR HUGO — Poliantéia dedicada à memória do famoso escritor francês, circulou a 1º de junho de 1885, com oito páginas, na primeira das quais estampado o respectivo retrato, num desenho de Vera Cruz, litografado por E. M. S. Gouveia. Impressão da Tipografia Apolo, formato de 38x25.

“Abriu-se o Panteon, abram-se os nossos corações” — escreveram, no artigo de abertura, os responsáveis pela publicação: Samuel Martins, Jorge Victor F. Lopes Neto, José Hugo Gonçalves, José Fernandes da Silva Manta, Euclides B. Quinteiro e Manuel Bartolo Júnior.

Foram outros colaboradores sôbre a personalidade de Victor Hugo: J. Tiago L. da Fonseca, M. P. Vilaboim, Antônio Guimarães, Gervásio Fioravanti Pires Ferreira, Galdino Loreto, Henrique Martins, M. Santos Moreira, Faelante da Câmara, Martins Júnior, Figueiroa Sobrinho, Carlos Pôrto Carreiro e Inês Sabino Pinho Maia (**Bib. Púb. Est.**).

GAZETA DO POVO — Entrou em circulação a 17 de junho de 1885, formato de 37x25, com quatro páginas de quatro colunas. Impressa na tipografia situada à rua Duque de Caxias nº 4, tinha como proprietário e redator principal Luiz José da Silva Cavalcanti Filho. Não admitia, absolutamente, “testa de ferro”. Assinatura trimestral — 1\$500, ou 2\$000 para fora da capital.

Esta fôlha — assim começou o artigo-programa — terá por norma jornalística defender os interesses do povo, das classes artística, industrial e agrícola”. Prosseguiu focalizando a situação política, então aviltada pelo regime das conveniências pessoais, em detrimento das classes menos favorecidas. E acentuou: “Não conhecemos individualidades — ídolos; não temos a idolatria dos selvagens pelos homens e sim um culto ardente e fervoroso pela pátria”.

Em suas quase três páginas de matéria editorial — o restante eram anúncios — o periódico, seguindo a meta traçada, manteve-se politicamente neutro, dando cobertura à eleição de Joaquim Nabuco para deputado pelo quinto distrito; comentando, depois de elogiar, a decadência do Partido Liberal, e defendendo a reforma dos costumes político-partidários.

Órgão noticioso, passavam pelas suas colunas os fatos e acontecimentos, maiores ou menores, da cidade, além de Va-

riedades e informações gerais, raras correspondências e transcrições. Poucos colaboradores apareciam, a salientar Ovídio Filho, **Jack Dorpe**, com as “Carmorianas”, em quadras de sete sílabas, e Samuel Martins.

**A Gazeta do Povo** publicou-se até o nº 12, datado de 11 de agosto (**Bib. Púb. Est.**).

**GAZETA GASTRONOMICA — Órgão dos Interesses Econômicos-Domésticos Pernambucanos** — Fundada em junho de 1885, voltou a publicar-se na mesma época do ano seguinte, nº único, 2a. época, numa só fôlha, ou seja, duas páginas, formato de três colunas largas. Exibia o lema: “Viver para gozar”. Redator e principal garantidor — Vicente, do Café Rui, estabelecimento situado na rua Nova nº 56. Preço do exemplar — \$400.

Fazia a propaganda, sendo todos os exemplares numerados, do sorteio de “completo banquete para a noite de São João”, a correr na penúltima loteria ordinária anterior a 24 de junho. Descrevia os prêmios e respectivos valores. Toda a matéria se confinava aos referidos “interesses econômicos-domésticos”, de muita atração para os glutões.

Em 3a. época, nº único, circulou a **Gazeta** em dezembro de 1886, indicando prêmios para o Natal, nas mesmas condições do anterior. Passou, então, ao regime de quatro páginas, feito jornal de fato, na altura de 31 centímetros, a duas colunas largas de composição, com editorial sôbre tema anódino, notas variadas e versos humorísticos, mas principalmente a descrição dos numerosos prêmios a sorteio.

Prosseguiu no ritmo nôvo, proporcionando duas edições cada ano: em junho e dezembro, correspondentes aos festejos juninos e ao Natal. Impressão, a princípio, na Tipografia Apolo; depois, na Central, na Econômica e na d'**A Província**. O cabeçalho, ilustrado com vinheta de homem carregado com enorme cesto de comestíveis, mudou, anos depois, para vistosa águia. Em 1896, 18a. época, subiu o preço do exemplar para \$500.

Dos comprovantes (unicamente nove) manuseados, o derradeiro encontrado corresponde à 26a. época, de junho de 1900 (**Arq. Púb. Est.**).

Ainda se publicou a **Gazeta Gastronomica** por alguns anos, inclusive em 1907, segundo o **Jornal do Recife**, de 20 de junho, sob a responsabilidade de outra firma: a Confeitaria Modêlo, da rua da Imperatriz, obedecendo à mesma finalidade, e em 1910, consoante o **Correio do Recife**, de 22 de junho, mas editada pelo proprietário do Café Vicente, de Vicente Claudino Alves.

**O METEORO — Periódico Literário, Científico e Satírico** — Publicou-se o nº 1 (do qual não resta comprovante) a 1º de julho de 1885, conforme consta do noticiário, dois dias após, do **Jornal do Recife** (1). Saiu datado de 16 o nº 2, formato 31x22, com quatro páginas, impresso na Tipografia Industrial, em papel superior. Redatores — Artúnio Vieira e Rutílio de Oliveira, êste logo afastado. Assinatura anual — 3\$000.

Destinado a circular quinzenalmente, não pôde continuar a fazê-lo, pois o nº 3 só apareceu a 13 de agosto e o nº 4 a 11 de setembro, neste último adotando o slogan “**Libertas et lux**”.

Dividia-se sua matéria nas seguintes seções: “Ciência”, servida de lições de Física, por Artúnio, e de Arimética, a cargo de Rutílio; “Sátira”, com a assinatura de **Ranuito**; “Literatura”, contendo prosa de Tiago da Fonseca e poesias de Artur Fenelon, J. Hancem, Manuel Sacramento, etc., e “Folhetim”, com a novela “Lucila”, de Artúnio. A primeira página do nº 4 homenageou a instalação do Clube Literário Aires Gama.

Ficou aí a existência d’**O Meteoro (Bib. Púb. Est.)**.

**A VOZ DO POVO** — Surgiu no dia 15 de julho de 1885, formato de 31x22, com quatro páginas de três colunas, declarando-se impressa em tipografia própria. Semanário, não indicou corpo redacional, mas um encarregado de assinaturas: Landelino Garcia Chaves Bilro.

Apresentou bem elaborado editorial de abertura, ao qual pertence o tópico a seguir: “Erguer um jornal, um periódico na altura de ser o eco fidelíssimo dos sentimentos

---

(1) Não no dia 9, como está na relação de Alfredo de Carvalho.

populares, de ser o órgão por onde respire a grossa veia das paixões democráticas, tal é a nossa missão, ou antes, a missão da **Voz do Povo**".

A edição manuseada teve quase que um único objetivo: propagar a candidatura de Joaquim Nabuco a deputado geral.

Não ficou no número de estréia (1). Embora faltem comprovantes, continuou a publicação até o nº 10, registado pelo diário **O Tempo**, de 12 de setembro de 1885.

**O RECLAME — Jornal Anunciativo-Comercial** — Impresso na Tip. Mercantil, apareceu no dia 5 de agosto de 1885, com quatro páginas de três colunas, para distribuição grátis. Dizia ser "órgão de um limitado número de anunciantes". Além de pequena seção de Variedades, só divulgava anúncios.

Publicou-se semanalmente, até o nº 5 (o último), datado de 12 de setembro, quando aumentara um pouco o formato. Foi seu editor Sátiro Serafim da Silva (**Bib. Púb. Est.**).

**O ATALAIA — Semanário Abolicionista e Republicano** — O nº 1 saiu no dia 8 de agosto de 1885, com quatro páginas, em pequeno formato de duas colunas a 16 cêceros. Propriedade de Camilo de Andrade, foi impresso na tipografia da rua das Flores nº 24, 1º andar, local também da redação. Trazia, sob o título, os **slogans**: "Abaixo a escravidão!" e "Viva a República!". No expediente: "... não aceita testas de ferro nem anúncios de escravos fugidos".

O artigo de apresentação, focalizando a necessidade da abolição da escravatura e da implantação da República, acentuou: "O único e principal objetivo que visa (o jornal) é a propaganda destas idéias, trabalhando para o advento delas".

Ocupando-se, igualmente, de Literatura, divulgou um folhetim em versos e mais duas poesias do redator único Ricardo Guimarães, enquanto **Juarez** e **Spartacus** assinavam

---

(1) Alfredo de Carvalho só mencionou o nº 1 d'A **Voz do Povo**, seguido de interrogação.

trabalhos em prosa. Não passou do primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

**AVE-LIBERTAS** — Edição de 8 de setembro de 1885, circulou em solenização ao primeiro aniversário da instalação da Sociedade Abolicionista Ave-Libertas. Impresso na Tip. Mercantil, formato regular, com quatro páginas, trouxe na primeira o retrato da líder abolicionista D. Leonor Pôrto.

Só redigido por mulheres, subscreveram produções, em prosa ou verso, Ernestina Bastos, Odilia Pompílio, Adelaide Pôrto, Maria Carmelita, Maria P. Vilela dos Santos, Maria Olímpia da Paz, Ismênia Maria Duarte Pinheiro, Ernestina Uchoa, Zulmira Monteiro e outras (**Bib. Púb. Est.**).

**JORNAL DAS MOÇAS** — **Periódico Crítico e Satírico** — Publicou-se a 25 de setembro de 1885, em pequeno formato, a duas colunas de 15 cíceros, com quatro páginas, vendido o exemplar a 40 réis. Segundo o seu artigo-programa, não visava “interesse pecuniário”; tinha “em vista somente o amor, a dedicação à causa sublimada e nobre do progresso”, procurando despertar “entre o povo o amor à leitura”.

Apesar de tão seriamente apresentado, ocupou-se, entre outros assuntos, de namoricos escusos, viúvas alegonas e cenas de escândalo. Terminou a edição transcrevendo um poema de Casimiro de Abreu. Não voltou à cena (**Bib. Púb. Est.**).

**O LIBERAL FEDERATIVO** — **Órgão Liberal-Radical. Jornal Político, Noticioso e Literário** — Surgiu, feito bissemanário, no dia 24 de novembro de 1885, formato de 40x28, com quatro páginas de quatro colunas, impresso em tipografia própria, à rua Direita nº 38. Tabela de assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 6\$000; trimestre — 3\$000; para o interior e fora da província: ano — 11\$000; semestre — 6\$000; pagamento adiantado. Aos assinantes facultava-se a publicação grátis de seus anúncios.

Lia-se no artigo-programa: “Modificar as instituições, ou fazer mudar de rumo ao nosso andar de coisas — é o fim principal do campeão que ora se atira às lições do jornalismo”. Pretendia mais: “Batalhar pela autonomia das províncias, instando pela descentralização até onde pode come-



çar a pura integridade nacional”. E, depois de outras considerações: “Queremos o abolicionismo rápido; mais ainda: imediato, como legítimo protesto contra a prepotência da moeda, contra a subserviência dos ganhadores”.

Seguiu-se a publicação, pugnando pelos princípios enunciados no título, ora em editoriais, ora através da colaboração de **Um Republicano**, nos “A pedidos”, que desferia acerbos ataques ao Partido Conservador, e de algumas transcrições de jornais da Côrte, secundando as campanhas em prol da federação das províncias e da abolição da escravatura. Enquanto isto, Martins Júnior divulgava manifestos “Ao eleitorado do 1º Distrito”, solicitando votos para deputado provincial, e Joaquim Nabuco fazia o mesmo como candidato a deputado geral. Alguns anúncios — quase uma página, às vezes — completavam cada edição, além da seção “Variedades”. Nenhum noticiário. Terminou o ano o nº 4, de 26 de dezembro.

O nº 1, ano II, saiu a 7 de janeiro de 1886. Começou, então, o folhetim “Ursina e Albano”, novela sem assinatura, ao mesmo tempo que a “História dos Três Dias de Fevereiro de 1848”, por Eugenio Pelletan, ambos os quais sem chegar ao fim. Artigos importantes eram extraídos do livro “O abolicionismo”, de Joaquim Nabuco.

O bem redigido órgão, que passara à categoria de trisemanário, extinguiu-se com o nº 7 do ano II, datado de 1 de março de 1886 (Bib. Púb. Est.).

1 8 8 6

**ALMANACH ADMINISTRATIVO, INDUSTRIAL e COMERCIAL DA CIDADE DO RECIFE** — Para 1886 — Encontrou-se à venda no comêço de janeiro, em grosso volume de 496 páginas, formato de 17x10, tendo como editôres-proprietários Medeiros & Cia., da Livraria e Papelaria Parisiense.

Reuniu, afora o Calendário do ano, tôdas as informações gerais já divulgadas nos almanaques dos anos anteriores, acrescidas de outras, tão minuciosas que tornavam possível o conhecimento, por exemplo, de quantos funileiros ou de quantas tabernas existiam no Recife daquela época.

Ficou, ao que tudo indica, no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

O **MEDONHO** — Deu à luz o nº 1 no dia 7 de janeiro de 1886, formato de 19x14, com quatro páginas de duas colunas, tendo como “redator principal — dr. Silva Rêgo”, para vender-se o exemplar a 40 réis. A partir do nº 2, trazia no cabeçalho: “Ano primeiro da Lei Saraiva”, depois emendado para “Segundo”.

Foi a seguinte a apresentação do jornalzinho de bolso: “Sendo o nosso partido constantemente ultrajado; e ainda mais, ultrajado o nosso chefe, obriga-nos o nosso dever a, como intransigentes membros do Partido Medonho, apresentar-nos hoje na arena jornalística defendendo os interesses dêste partido. A nossa missão, pois, é esta: Não negar os fatos que forem imputados ao nosso chefe ou aos nossos correligionários; trataremos de mostrar, porém, sua justiça”.

Todo redigido em linguagem de crítica, sátira e ridículo, teve como alvo principal o subdelegado Francisco da Rocha Passos Lins **Medonho** e os candidatos situacionistas às eleições para deputados gerais, visando, entre êstes, sobretudo, o jurista J. J. Seabra e o major Afonso Teodoro Leal, a quem chamava “o donzel Teodoro”. Havia seções como “Rosário Medonho”, “Revista”, “Variedade”, etc., distribuindo-se a matéria em prosa e verso.

Efetuadas as eleições, tendo perdido Joaquim Nabuco no 1º distrito e saindo vitorioso José Mariano no 2º, encerrou **O Medonho** sua existência com o nº 7, datado de 22 de fevereiro (**Arq. Púb. Est.**).

O **DEUS MOMO** — **Jornal Noticioso, Joco-Sério, Comercial e Gastronômico** — Dedicado aos “interesses da barriga”, circulou em fevereiro (1) de 1886, em pequeno formato de duas colunas. Inseriu várias relações de cestas de comestíveis, para premiar os leitores, mediante sorteio da loteria a correr no mês de março, pelo Carnaval. Cada exemplar, vendido ao preço de 200 réis, trazia um número para fazer jus à sorte (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Não no mês de março, conforme registaram os “Anais”.

**O SEIS DE MARÇO — Jornal Comemorativo** (Publicação anual em homenagem aos mártires da Revolução de 1817) — Circulou na data do título, em 1886, formato de 31x21, com quatro páginas de três colunas, impresso em papel **couché**, na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 14. Sob o cabeçalho, lia-se: “Século I — Sexagésimo nono aniversário — Número 1”.

Responsáveis pela edição, assinaram o artigo inicial, de uma e meia páginas, Galdino Loreto, Felício Buarque, Bianor de Medeiros e Delfino de Paula, que também escreveram individualmente, além da colaboração de Aires d’Albuquerque Belo, Leopoldo Pires, A. Chaves, Guenes Júnior e Valdivino Vanderlei, todos ocupando-se do tema enunciado (**Arq. Púb. Est.**).

**A GAZETA DOS MONOS — Macacos serão êles** — Apareceu a 7 de março de 1886, em edição carnavalesca, formato de 22x16, com quatro páginas a duas colunas de composição, impresso na tipografia de Manuel J. de Miranda, à rua Duque de Caxias nº 39.

Divulgou versos de J. Gonçalves Júnior, e outros assinados com pseudônimos. Matéria interessante. A última página foi dedicada a anúncios (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

**O VINTE E CINCO DE MARÇO** — Em “homenagem à libertação do Ceará”, publicou-se na data do título, em 1886, formato de 30x22, com quatro páginas de duas colunas, impresso na Tip. Industrial. Teve a colaboração de Bianor de Medeiros, Manuel Sacramento, Galdino Loreto, Rutilio de Oliveira, Delfino de Paula, J. L. França Chagas e Felício Buarque (**Bib. Púb. Est.**).

**A TRIBUNA ACADEMICA** — Propriedade de “uma Associação”, saiu a lume no dia 15 de abril de 1886, formato de 29x21, com oito páginas, sendo impressa, em excelente papel, na Tipografia Apolo. Entre os redatores contavam-se Bianor de Medeiros, Samuel Martins, Galdino Loreto, Euclides Quinteiro e Mariano Medeiros. Redação e escritório: Praça Conde d’Eu (atual Maciel Pinheiro) nº 32, 2º andar.

Vinha, segundo o artigo-programa, levantar o ânimo da classe acadêmica, paralisada numa “extenuação de idéias, de sentimentos e inspirações”, vivendo das “tradições passa-

das, inconsciente de si e de sua missão". A **Tribuna** era "um protesto acumulado de forças e de indignação contra o mórbido estado mental da nossa Academia". Concluiu: "Levamos, nos arraiais escuros do presente, o facho da Imprensa, que será sempre o farol imperecível do futuro".

Circulou regularmente, cada quinzena, inserindo produções dos redatores e de outros acadêmicos, tais como Nilo Peçanha, A. O. Viveiros de Castro, Henrique Martins, Hildeberto Guimarães, Aires Belo, o do Folhetim; Graça Aranha, José Manta, Figueiroa Sobrinho, **Pafuncio & Pancrácio** (crônica humorística), **Nihil** e **Bias**.

Só existiu até o nº 6 (1), de 30 de junho (**Bib. Púb. Est.** e **Bib. Nac.**) (2).

O **EQUADOR — Periódico Acadêmico** — Apareceu a 17 de abril de 1886, formato de 31x22, com oito páginas de duas colunas, para publicar-se quinzenalmente. Impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 74, teve escritório de redação na praça Pedro II, 83, 1º andar. Propriedade e redação de Alcedo Marrocos, Alvares da Costa, Henrique Azevedo, Gonçalves Maia (1 A), Amaro Rabelo, Gaspar Costa e Eduardo Tavares. Custava 2\$000 a assinatura trimestral.

O artigo de apresentação chamava a postos os que se interessassem pelo bem da pátria, para a discussão refletida e calma, a ver qual o melhor sistema a adotar, e aludia à necessidade da reforma de alguns artigos da Constituição, "verdadeiros enxertos que deram à Monarquia ensanchas para o abuso e governo pessoal".

Além das produções assinadas pelo pessoal da redação, salientaram-se as seções "Expediente do repórter" e, no fim,

---

(1) Alfredo de Carvalho registara, apenas, o nº 1.

(2) Coleções incompletas, completando-se entre si.

(1 A) Aludindo, no livro "Horas de prisão", 1a. edição, página 11, a **O Equador**, declarou Gonçalves Maia havê-lo fundado "com Alcedo Marrocos, um sábio ainda na juventude, Nilo Peçanha, um cronista elegante e original, Alvares da Costa, o crítico literário da geração acadêmica, e Henrique Azevedo, o poeta dourado e espontâneo da natureza pernambucana".

Entretanto, o corpo redacional do periódico, cujos seis números publicados foram vistos pelo pesquisador, não inclui o nome de Nilo Peçanha.

a "Revista", crônica dos fatos da quinzena. Em continuação, divulgava também trabalhos literários assinados por Matilde Oliveira, M. J. Pontes de Carvalho, E. O. A., Tomaz de Lemos, Costa Pinto e J. Duarte Filho.

Circularam seis edições, a última das quais datada de 6 de julho (2 A) (Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.).

**REVISTA ACADEMICA — Órgão Quinzenal de Literatura** — O nº 1, ano 1º, saiu no dia 5 de maio de 1886, formato de 30x22, com oito páginas a duas colunas de composição. Redatores: Amâncio de Sousa, Lopes Gonçalves, Chichorro da Gama, Costa Pinto, Caldas Brito e Cassiano Lopes. Tendo redação à rua Estreita do Rosário nº 31, 3º andar, imprimiu-se na Tip. Mercantil, à rua das Trincheiras nº 50.

Visava, conforme o artigo-programa, a "levantar do olvido a nossa bandeira, para hasteá-la de novo e acender a lâmpada que deverá, como o fogo das vestais, conservar-se continuamente acesa, mas que infelizmente o sópro letárgico do desânimo apagou".

Trabalharia, finalmente, o quanto lhe permitissem as forças, "para estimular entre nós a evolução literária".

Além dos trabalhos do pessoal da redação, inseriu outros, inclusive de Laurentino A. Cesário de Melo, algum noticiário, charadas e a "Seção Recreativa".

O nº 4, publicado a 2 de julho, com quatro páginas, homenageou o feito da Confederação do Equador, só divulgando matéria alusiva, em prosa e verso. Foi impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 14.

Não circulou em 1887. De 1888, ano II, só foi possível avistar os ns. 2 e 3, datados, respectivamente, de 8 e 30 de abril, impressos na Tip. Apolo, à Praça da Concórdia nº 5. Lopes Gonçalves passou a diretor e os demais redatores foram substituídos por Paulino de Brito, Andrade Pinto, Narbal Pamplona, Oliveira Machado e Esmeraldino Bandeira.

Edições de oito páginas, afora a produção dos de casa, divulgaram trabalhos assinados por Tobias Barreto, Costa

---

(2 A) Nos "Anais", Alfredo de Carvalho atribuiu ao nº 6 a data de 15 de junho, que foi a do nº 5.

Neto, J. Diniz e Alfredo de Carvalho (Bib. Pú. Est. e Bib. Nac.) (1).

**REVISTINHA — Pequena Enciclopédia Quinzenal, Especialmente Crítica, Noticiosa e Literária** — (ao que acrescentou posteriormente: “**As Vêzes Política, Mas Nunca Partidária**”) — Estreou a 22 de maio de 1886, em formato de bolso, pois não passavam as respectivas dimensões de 16x11, com duas colunas de composição de sete ciceros. Impressa na Tip. da rua das Flôres, nº 24, 1º andar, assinava-se a \$500 por mês, custando cada exemplar \$200.

Com 16 páginas, tendo como responsáveis pela empresa **Leo & Anios** (pseudônimos de Leovigildo Samuel e Aniano Costa), declarou, no artigo de apresentação, que surgia “rissonha e esperançosa”, significando “um simples **amusement de diletanti** da grande arte da imprensa consorciada com a grande ciência literária”.

Inserindo matéria variada e noticiário local, além de artigos assinados, veio a homenagear, no nº 4, a Queda da Bastilha, com um soneto alusivo na primeira página, a que se seguiu, na segunda, o respectivo editorial. E surgiram as seções “Política e Polícia” e “Réus Literários”. No nº 5, a primeira página foi dedicada “ao democrata, abolicionista e patriota José Mariano”. Publicou-se, regularmente, até aí, com dezesseis páginas, quando baixaram a mensalidade e o número avulso para \$200 e \$60, respectivamente. Continuou com oito, até o nº 8, datado de 2 de setembro, o último do ano, formando, em numeração seguida, um total de 104 páginas.

Só reapareceu — nº 1, ano II — a 6 de agosto de 1888, impressa em tipografia própria, tendo escritório de redação à rua da Penha nº 23, 1º andar, aumentado o preço da mensalidade para \$300. “Ressurrexit” foi o título da reapresentação. Vítima “de um quase hipnotismo”, ergueu-se, todavia, pronta para a luta, com as armas e as forças retemperadas, empunhando a mesma bandeira: “Independência, imparcialidade, tolerância, mas — intransigência”.

Prosseguiu no mesmo ritmo, passando a sair semanalmente, para completar o nº 12, último do ano, a 6 de novembro, num total de 96 páginas.

---

(1) Coleções, ambas, incompletas.

Voltou (nº 1, ano III), a 12 de junho de 1889, com um aumento, no formato, de dois centímetros, transformada em órgão do Curso Preparatório em Pernambuco. Eram redatores Aniano Costa e Malaquias da Rocha, dizendo uma nota editorial que renascia em nova fase, mantendo “o mesmo programa e advogando a causa dos estudantes”. Inseriu, nas suas oito páginas, literatura ligeira, poemas e noticiário. Porém, não foi adiante. Parou.

Mais alguns anos e eis revivido o interessante magazine, cujo nº 1, ano IV, apareceu a 15 de outubro de 1893 com doze páginas, inclusive capa, esta em papel de côr. Abaixo do nome do fundador Leovigildo Samuel, figuravam os redatores Tito Franco e Malaquias da Rocha, exibindo também vários nomes de colaboradores. Confeccionada, ainda, na Tip. da **Revistinha**. Escritório: Atelier de Artes Gráficas.

Lia-se, no editorial, que o pequeno órgão fizera a sua época, tendo radiado, “como estrêla peregrina, na nossa pequena constelação literária; mas sua publicação sofreu “as intermitências do relâmpago, até que afinal desapareceu, como um meteoro fugaz no horizonte de nossa imprensa”. Mediante “generosa cessão do seu antigo fundador e proprietário”, ressurgia transformada, obedecendo a idéias e normas diversas, vigorosa e alentada de novos intuitos”, escudando-se “com o precioso contingente de alguns consagrados talentos da nossa geração hodierna”.

Circulando regularmente, cada quinzena, o sexto número (1) saiu a 31 de dezembro, formando, em numeração seguida, um total de 60 páginas. Nelas escreveram Clóvis Bevilacqua, **Fantoche** (crônica ligeira), Artur Muniz, João Diniz, Alfredo de Castro, Teotônio Freire, **Satyrus**, Paulo de Arruda, Leovigildo Samuel e Júlio Pires.

Nova aparição d’A **Revistinha** — nº 1 ano V — ocorreu a 15 de fevereiro de 1894, sem alterações. Nôvo colaborador: Domingos Leão (**Bib. Púb. Est.**).

No mês e ano em aprêço, a 23, publicou o **Diario de Pernambuco** uma carta de Tito Franco, segundo a qual ficava

---

(1) Em seu lacônico registo d’A **Revistinha**, nos “Anais”, Alfredo de Carvalho dera o nº 1, ano IV, como tendo sido o último, aliás dubitativamente.

suspensão o pequenino órgão, a fim de lhe serem introduzidas reformas, inclusive “maior número de páginas e um plano mais compatível com o seu programa”.

Entretanto, não voltou jamais à liça, ficando por terminar o trabalho de Clóvis Bevilacqua “Estudos psicológicos”, que vinha sendo divulgado em regime de continuação.

**A CIGANINHA — Livro de Sortes** — Entrou em circulação, destinado às noites de Santo Antônio, São João e São Pedro. Continha “algumas quadras bonitas e chistosas” (**Diário de Pernambuco**, 9/6/1886).

**A BRUXA** — “Livrinho de sortes de um autor que se oculta sob o pseudônimo de **Simplório Chalaça**”. Foi editado pela Tipografia Industrial, situada à rua do Imperador nº 14. Estava “bem organizado” (**Diário de Pernambuco**, 10/6 1886).

**O ESTUDO — Órgão do Clube Literário Diegues Júnior** — Publicação quinzenal, fundada “entre os alunos do Instituto 19 de Abril”, circulou o nº 2 (falta comprovante do 1º) no dia 15 de junho de 1886, com quatro páginas de três colunas, formato de 31x22. Comissão de redação — Tiago da Fonseca, Carlos Pôrto Carreiro e Bernardo José da Gama Lins, respectivamente, vice-diretor do educandário, professor e ex-aluno. Impresso na Tipografia Apolo, tinha redação na Rua Primeiro de Março nº 18, 1º andar. Tabela de assinaturas: ano — 1\$500; mês — \$500, mediante pagamento adiantado.

Editado com regularidade, a partir do nº 4 alterou o feitiço para duas colunas largas, em vez de três colunas normais, mantido, porém, o formato. Mais do que tudo literário, contou com a colaboração de Luiz de França Pereira, J. Paulo Carneiro Leão, Licínio, **Berth**, **Crels**, Aires Gama, Cristóvão Uchoa, **Juju**, Leopoldo Pires Ferreira, Ismael M. da Silva, **Jorasi**, etc., incluindo folhetim e crônica noticiosa.

**O Estudo** atingiu o nº 8 a 15 de setembro (**Bib. Nac. e Bib. Pú. Est.**) (1).

---

(1) É incompleta a coleção da Biblioteca Nacional e só existem, na Biblioteca Pública do Estado, entre os avulsos, os ns. 2 e 4.



Dado como extinto (2), ainda viveu o interessante periódico pelo menos uma edição, conforme noticiou o **Diário de Pernambuco** de 12 de outubro de 1886: "**O Estudo** — Distribuiu-se, ontem, o nº 9 dêste quinzenário".

**VULCANO — Fôlha Gastronômica e Órgão da Barriga** — Publicou-se em junho de 1886, destinada unicamente a sortear prêmios, constantes de cestas de comestíveis e fogos juninos. Formato de 22x16, tinha quatro páginas, sendo a última de anúncios. Vendeu-se o exemplar a 200 réis, cada um numerado para fazer jus ao sorteio da loteria de extração mais próxima ao dia de São João (**Bib. Púb. Est.**).

**A PROPAGANDA — Periódico Imparcial, Noticioso e Literário** — Surgiu no dia 5 de julho de 1886, impresso na Tip. Universal, à rua do Imperador nº 50, formato de 37x26, com quatro páginas. Pretendendo circular semanalmente, estabeleceu escritório redacional à rua Estreita do Rosário nº 12, 1º andar, e marcou o preço de 2\$500 por assinatura trimestral. Editor — Quintino Malta.

Apresentara-se "no banquete das letras", "impulsionada pelos bons desejos e sinceras aspirações de uma pleiade batalhadora de moços". Não se filiando a nenhum partido, tinha, todavia, o "ideal republicano". Publicaria "as mais lindas composições literárias dos melhores escritores", estando sempre "ao lado das idéias modernas". Não visava lucro, nem recebia assinaturas adiantadas.

Inseriu colaboração de Rangel Sobrinho, além de comentários, variedades, charadas, enígmias e Publicações Solicitadas.

Tão bem propagada, a fôlha não conseguiu, porém, continuar sua publicação, ficando no primeiro número (**Bib Púb. Est.**).

**O JOÃO FERNANDES — Revista Crítica e Humorística** — Saiu a lume o nº 1, denominado "Número Programa", a 11 de julho de 1886, formato de 32x22, com oito páginas, metade das quais — 1ª, 4ª, 5ª e 8ª — em litogravura, contendo **charges** e desenhos outros de Carneiro Vilela, proprietário

---

(2) O nº 8 figurou, nos "Anais", como tendo sido último.

da publicação, que tinha como sócio Antônio Moraes. Redação à rua Estreita do Rosário nº 37 e trabalho material da Tipografia Apolo, situada à rua do Hospício nº 79. Semanário, cobrava 4\$000 por assinatura trimestral. Ainda no expediente: “É proibido emprestar **O João Fernandes**; quem quiser ler que assine”.

O cabeçalho constou de um desenho humorístico, completando a primeira página da edição de estréia outro desenho, representando, ao fundo, aspecto do Recife e, no primeiro plano, um indivíduo vestido a caráter, com asas, pena e craion na mão direita, segurando, na esquerda, um rôlo de papel cuja parte tombada exibiu o seguinte programa:

“Não sou César; sou apenas  
**O João Fernandes.**  
 Me ocupo das coisas grandes  
 e das pequenas!  
 Tudo o que existe,  
 bonito ou feio,  
 alegre ou triste,  
 serve de meio  
 para chegar ao meu fim,  
 que é rir-me fazendo rir,  
 criticar e corrigir,  
 batendo em cheio  
 em tudo quanto é ruim!”

O editorial de apresentação, sob o título “Artigo sem fundo”, abrindo a segunda página, dizia: “... **O João Fernandes** é o Cristo do jornalismo caricato e humorístico. Vem reformar e completar o sistema. Vem dar com a rotina em pantanas e abrir novos horizontes à gargalhada e à crítica”.

“Mas, em todo o caso, — prosseguiu — quem é e o que é **O João Fernandes**?”

“Nas antigas escolas, para corrigir os meninos malcriados e vadios e para ensinar-lhes aquilo que nem êles nem os próprios mestres sabiam, tinham os professôres a seu lado, e como auxiliar da inteligência, a palmatória.

“Pois bem: nas escolas de hoje, para corrigir os homens, **O João Fernandes** é a palmatória.

“Quando, na extensão vasta dos pampas, o cavalo é lerdoso e manhoso; não obedece à rédea nem à pressão significativa dos joelhos do cavaleiro, o guasca corta-lhe o vazio com a rozeta das chinelas e a anca com o látigo do rebenque. Pois bem: para os cavalos de dois pés, **O João Fernandes** é a espora; **O João Fernandes** é o rebenque.

“Quando o sacerdote, trajando as suas vestes simbólicas e respeitáveis, quer dizer a sua missa ou cantar a sua festa, manda o sacristão repicar os sinos a fim de congregar os fiéis no templo e tirar dêles o maior lucro possível, já da fé, já da bolsa. Pois bem: dos sinos da crítica, a fim de congregar os ridículos, **O João Fernandes** é o badalo”.

As quatro páginas tipográficas inseriram: “Noticias da semana”, por **Tico**; “Variações sôbre tudo”, por **Gregório Júnior** (pseudônimo de João Gregório Gonçalves); “Fatos diversos”, por **Lulu Pancrácio**; “Bazar e Quitanda”, de **Sá Rita**; “Frutas da casa”; “Coisas do arco da velha”, de **Rocambole**; sonetos de **Gil** e de **Carneiro Vilela**, êste iniciando a série “Viagem pelas mulheres”.

Servido do mais fino humor e da melhor sátira, seguiu-se a jornada do semanário domingueiro, que, além dos nomes já referidos, divulgou prosa ou verso de **Pangloss**, o mesmo **Gil**; **Lulu-Zinho**; **Gableotto**; **Leovigildo**; **Juvenal**; **Zumba-o-Sacrista**; **Eduardo de Carvalho**, que iniciou no nº 11 a série de sonetos “Tipos Contemporâneos”; **P. Stubs** (1), principalmente autor de outra série de sonetos: “Viagem pelos homens”; **Dr. Jefferson**; **Kock Júnior**, **H. Pito**; **J. R. S. Duarte**; **Pai Romingo**; **Jacob**, **Zezé**; **Coló** e outros. As litogravuras, a cargo de **Carneiro Vilela** na sua quase totalidade, terminaram sob a responsabilidade de **Rodolfo Lima**.

A começar do nº 13, a revista passou a ser impressa — a parte tipográfica — na Tip. Universal, mas logo no nº 20 transferia-se para oficina própria, funcionando, com a redação, na rua das Laranjeiras (hoje inexistente) nº 18.

Atingido o fim do ano com o nº 25, de 26 de dezembro, continuou a numeração no dia 2 de fevereiro de 1887. A par-

---

(1) **P. Stubs** foi, provavelmente, pseudônimo de **Carneiro Vilela**, pois, logo que êste terminou a série “Viagem pelas mulheres”, aquêle iniciava “Viagem pelos homens”, em igual tipo de sonetos de dez sílabas.

tir do nº 37, de 27 de março, a direção reduziu para 3\$000 o preço da assinatura anual, passando a circulação a ser feita nos dias 5, 15 e 25 de cada mês.

Estendeu-se a existência do **João Fernandes**, sem jamais fugir ao seu programa, até o nº 47, de 15 julho de 1887. (Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.) (2).

**O CONTRA REBATE — Periódico Crítico, Político e Literário** — Surgiu no dia 21 de agosto (1) de 1886, formato de 32x23, com quatro páginas de duas colunas largas e mal impresso. Declarando-se semanário, cobraria 9\$000 por assinatura anual.

Frisou, no editorial de apresentação, que, ao aparecer, talvez já estivesse condenado ao desaparecimento rápido; tal era a lei do jornalismo pernambucano. Entretanto — acrescentava — “o jornalismo é como um termómetro por onde se conhece o grau de civilização de qualquer nacionalidade”. Apesar de “filiado ao partido” (sem dizer qual), elevaria acima de tudo o interesse nacional; não jogaria com “armas que não as da moralidade”.

Inseriu matéria variada, tratando, inclusive, de assuntos econômicos, e um poemeto de A. M. Encheu-se de publicidade comercial a última página.

Outro único comprovante avistado foi o nº 1, ano II, de 17 de março de 1887, de cujo conteúdo constou, em segundo rodapé, o folhetim intitulado “Os estranguladores do Recife”, de João Batista Pinheiro Côrte Real (Bib. Púb. Est.).

**O PATUSCO — Ilustrado e Humorístico** — Teve o primeiro número em circulação no dia 7 de setembro de 1886, obedecendo ao formato de 32x22, com oito páginas — quatro tipográficas, a duas colunas de composição, circuladas de linhas, e quatro em litogravura. Trabalho material da Tip. Mercantil, à rua das Trincheiras (hoje inexistente),

---

(2) A Biblioteca Pública do Estado possui coleção quase completa, até o nº 45. No Arquivo Público Estadual existe, apenas, um exemplar: precisamente o nº 47.

(1) Alfredo de Carvalho localizara o começo da circulação d'**O Contra Rebate** “em fins de 1886”, acrescentando que ainda se publicava em meados de 1887”.

com escritório e redação no mesmo local. Assinava-se a 5\$000 por trimestre, devendo circular nos dias 7, 14, 21 e 28 de cada mês. Além do vistoso desenho do título, outro completou a primeira página, representado por um indivíduo de chapéu à mão, numa mesura, ao sair da cortina de um palco, em cujo cartaz estavam escritos os versos a seguir:

**“Ego sum O Patusco**  
todo inteiro,  
das festas e das bodas  
o primeiro.

A verdade falando,  
lá vai tudo;  
mas pr'o lar das famílias  
serei mudo.

Político! Que esperança!  
boa asneira;  
**O Patusco** só crê  
na brincadeira.

Condenar as más crenças,  
o que é ruim,  
corrigir os defeitos  
é meu fim.

Ser justo, verdadeiro,  
sem mentir.  
E, às vêzes, por acaso,  
fazer rir”.

O editorial, abrindo o texto tipográfico, entre outros tópicos, declarava: **“O Patusco** pretende abrir os olhos a todos, poupar-lhes as fôrças que se exaurem contra o impossível, aconselhar-lhes prudência e moderação, ainda que seja necessário espevitar o candieiro para não se perderem nas trevas da noite”.

Seguiu ritmo normal, inserindo comentários, políticos ou não, do tipo joco-sério, sem usar assinatura em nenhuma das matérias, nem mesmo pseudônimos, só conhecido o autor das **charges** e alegorias: o afamado Libânio Amaral. A partir do nº 9, transferiu-se o trabalho material para a Tipografia Central, passando, no nº 11, para a Tipografia d'O

**Patusco.** Terminou 1886 com o nº 13, de 28 de dezembro, quando o articulista, dirigindo-se aos “amados leitores”, fêz as despedidas de fim de ano.

O nº 14, só aparecido no dia 14 de fevereiro, iniciou 1887. E com êle extinguiu-se a existência secarrona do órgão caricato (**Bib. Púb. Est.**).

**AMAZONIA ARTISTICA** — Poliantéia editada pelos estudantes da região amazônica residentes no Recife, homenagem às irmãs Virgínia e Matilde Sinai, circulou a 13 de outubro de 1886, em pequeno formato, com quatro páginas. Confeccionada na Tipografia Industrial, teve o cabeçalho impresso a côres. Divulgou saudações, em prosa e verso, às duas pianistas, firmadas por Gaspar Costa, Paulino de Brito, Álvares da Costa, J. Marques de Carvalho, Temístocles Figueiredo, E. Barroso, Augusto Montenegro, Santa Rosa, R. Siqueira, Araújo Saldanha e A. Marques de Carvalho (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**A EVOLUÇÃO (1)** — Órgão de Tôdas as Classes — Saiu o nº 1 no dia 30 de outubro de 1886, formato de 40x30, com quatro páginas de quatro colunas. Propriedade e redação de João Francisco Duarte Filho e Luiz J. da Silva Cavalcanti Filho. Impresso em tipografia situada à rua Dr. Epaminondas (Passagem da Madalena) nº 1, instalou redação na rua Duque de Caxias nº 82, 1º andar. Tabela de assinaturas: ano — 8\$000; semestre — 5\$000; trimestre — 3\$000, mediante pagamento adiantado.

Dirigindo um “cumprimento de amigo à grande imprensa diária e aos demais colegas”, consoante o artigo de apresentação, o bissemanário seria “advogado do direito de todos”, admitindo “a discussão e esclarecimento de tôdas as idéias”. Da política só se ocuparia genêricamente, mantendo-se “a cavaleiro das intrigas da pequena política provinciana”.

De agradável aspecto material, seguiu sua trajetória, servido de bons editoriais, em que eram focalizados temas gerais, sobretudo tratando da necessidade da abolição da escravatura; folhetim de Georges Ohnet; produções literárias

---

(1) Não consta da relação dos “Anais”.

— prosa e verso — de Antônio de Oliveira Costa, Maria Lúcia Romariz, Artur Cortines, Maria C. Guerra Jucá, J. Duarte Filho e outros; “Noticiário” e a última página de publicidade comercial.

Até aí o nº 5, datado de 20 de novembro, último manuseado. A publicação prosseguiu, encerrando o ano o nº 11, noticiado pelo **Diário de Pernambuco** de 25 de dezembro.

Outro comprovante foi ainda encontrado: o nº 12, de 25 de janeiro de 1887. Estivera suspenso — escreveu a redação — e voltava depois de passar alguns dias “alheado aos albores da imprensa” (**Bib. Púb. Est.**).

Embora não existindo mais nenhum exemplar guardado, o jornal continuou, porém semanalmente, até 29 de março de 1887, quando saiu o nº 20, depois do que o **Jornal do Recife**, de 6 de abril, divulgou, em sua “Gazetilha”, o seguinte: “**A Evolução** — Comunicam-nos os redatores e proprietários dêste periódico terem suspenso, por algum tempo, a sua publicação, enquanto melhoram as suas condições de publicidade”.

Não reapareceu jamais. A 6 de janeiro de 1888, declarou o primeiro dos redatores, através do mesmo **Jornal do Recife**, que, tendo de transferir sua residência para a capital alagoana, ali continuaria a publicar **A Evolução**.

**BOLETIM HOMEOPATICO** — Revista de propaganda, saiu a lume em dezembro de 1886, formato de 22x16, com 16 páginas, inclusive capa. Redator — Dr. João Sabino de Lima Pinho, proprietário da tipografia situada à rua Nova nº 43, 1º andar. Trazia como divisa a frase latina: “**Res non verba**”. Distribuição gratuita.

Entremeou a matéria específica do pequeno magazine a inserção de crônicas ligeiras, variedades, humorismo e epigramas.

Não há indícios de ter prosseguido (**Bib. Púb. Est.**).

**O PAPAGAIO** — Impresso na tipografia d’A Ideia, in-4º, “o nº 1 e único saiu a 30 de dezembro” (“**Anais**”).

1 8 8 7

O PROVINCIANO — Sucedendo a **O Incentivo**, apareceu esse órgão “científico e literário” a 10 de janeiro de 1887, impresso na Tip. Central, com redação à rua do Imperador nº 73. Formato regular, quatro páginas de quatro colunas, pretendia publicar-se três vezes por mês, cobrando 8\$000 por assinatura anual. Sob o título, lia-se o seguinte conceito de E. Zola: “**L’empire du monde va être a la nation qui aura l’observation la plus nette et l’analyse la plus puissante**”. Propriedade e gerência de Manuel de Araújo Saldanha.

Declarava o editorial “O nosso fim”: “. . .desejamos triilhar a estrada de um jornalismo sério, austero, imparcialmente devotado à defesa do justo, recebendo inspiração no grande hábito ardente das idéias hodiernas”. Só trataria de política geral; nada, porém, de “artigos de fundo, velhas chapas sediças”.

Inseriu colaboração de J. Marques de Carvalho, correspondente no Pará; Fábio Cordélio e outros; seção de Bibliografia, Fatos e Notícias, concluindo por encher as duas metades inferiores das 3a. e 4a. páginas com o início do romance “O Renegado”, de Júlio Claretie.

Faltou incentivo a **O Provinciano** para continuar, ficando no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**),

**REVISTA DO NORTE** — Iniciou sua publicação a 10 de janeiro de 1887, formato de 29x21, a três colunas de composição, com oito páginas. Impressa em bom papel, na Tipografia Industrial, à rua do Imperador nº 14, instalou escritório e redação à mesma rua, nº 51, 1º andar. Propriedade e redação de Martins Júnior, Artur Orlando, Adelino Filho e Pardal Mallet. Trimensal, assinava-se a 3\$000 por trimestre.

Firmado pelos elementos do corpo redacional, não ocupou mais de meia coluna o artigo-programa, intitulado “Definição”, assim concluindo: “**A Revista não tem exclusivismos científicos; não reconhece solidariedade de redação; deixa a cada um a mais completa liberdade de pensamento; só admite artigos assinados e aceita as colaborações que lhe parecerem vantajosas**”.



Não ficou no primeiro número o interessante magazine (1). Circularam, pelo menos, nove edições no primeiro ano, a última das quais datada de 11 de abril, mantido o regime de oito páginas. Ainda se publicou em 1888, cujo nº 5 saiu no dia 20 de fevereiro, divulgando sempre produções do pessoal da redação, ajudado por Leal de Barros, Faelante da Câmara, Teotônio Freire, Alfredo Falcão, autor da seção "O mundo elegante", Victor Leal, J. Gonçalves Júnior e Samuel Martins. A gerência estava a cargo de Alexandre Diocleciano de Albuquerque (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**) (2).

**A ESMOLA — Número único** — Circulou no dia 4 de fevereiro de 1887, em formato de 31x21, com oito páginas de três colunas, impresso, em papel **couché**, na Tip. Industrial.

Deu ensejo à publicação uma quermesse de caridade organizada por um grupo de moças, escrevendo, a respeito, Alfredo Falcão, no artigo inicial: "...ergue-se êste jornal, esplêndido símbolo da liberdade e da luz, transformado em bandeira de misericórdia, para cobrir os corpos de centenas de mendigos, que, esfaimados e nus, estendem-nos as mãos mirradas e sêcas pelas ardentias da canícula, num peregrinar incessante, ininterrupto, de hoje, de amanhã, de sempre, como uma tradição que não se extingue mais! Esta nossa idéia, cremos, achará acolhimento em todos os espíritos ainda não contaminados pela sordidez do egoísmo".

"Vamos! — concluiu — uma esmola para os pobres".

Focalizando o tema Caridade ou literatura diversa, em prosa e verso, colaboraram n'**A Esmola**: Martins Júnior, Pardal Mallet, Sousa Pinto, Adelino Filho, **Nemo** (pseudônimo de Teotônio Freire), Artur Orlando, Vitor Leal, Tomás Espiuca, **Obscuro**, Alfredo Falcão, com quatro produções, inclusive um soneto em francês; Maia Pessoa, Samuel Martins, **Coline**, Teófilo Dias e outros (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**JORNAL BARATINHO** — Edição carnavalesca, saiu em fevereiro de 1887, formato de bolso, com quatro páginas. Distribuiu-se gratuitamente, como reclamo da Casa Miranda, situada à rua Duque de Caxias nº 32. Notas ligeiras, de hu-

---

(1) Nos "Anais", Alfredo de Carvalho registara, apenas, o nº 1.  
(2) Coleções incompletas.

morismo, tiveram a assinatura de **Mascarado, Dr. Manta, Dr. Tibe** e outros pseudônimos (**Bib. Púb. Est.**).

**A ALVORADA — Revista Militar e Literária** — Publicação quinzenal, deu à luz o primeiro número a 7 de março de 1887, impressa na tipografia do **Jornal do Recife**. Formato de 38x26, com oito páginas a duas colunas de 20 cíceros.

Era seu objetivo, expresso no artigo de apresentação: "...pedir aos nossos representantes, aos homens de Estado medidas de justiça para melhorar o Exército, que é sempre, em todos os países cultos, a manutenção e sustentáculo de tôdas as liberdades nacionais".

Publicaram-se cinco números. Colaboração de Mariano Augusto, A. Gomes Pereira Júnior, Melo Castro, Baltazar Pereira e Tomaz Landim; Na parte literária: Teotônio Freire, Dias Barroso, Luiz Guimarães, N. Moreira, Rodolfo Lima, Martins Júnior, Cleodon de Aquino e Afonso Olindense. Ainda constaram do sumário: "Parte recreativa" (só no primeiro número); biografias e algum noticiário.

As três últimas edições foram impressas na Tip. Industrial. O nº 5, que foi o "canto de cisne", circulou no dia 15 de maio (**Bib. Púb. Est.**).

**GAZETINHA** — Impresso em tipografia própria, começou sua existência a 5 de abril de 1887, tendo como redatores Euclides Quintero e Ferreira Júnior. Com redação instalada à rua 1º de Março nº 4, assinava-se a 2\$000 por trimestre. Formato pequeno, com quatro páginas.

Em artigo de apresentação, declarou a redação que o jornalismo atual da província era "raqúitico e anêmico". À exceção de um ou outro jornal de pequeno giro, a imprensa dividia-se em jornalismo oficial e da oposição; "o primeiro aplaude o mais escandaloso abuso, enquanto o segundo condena os atos melhor intencionados". Quanto à **Gazetinha**, seguiria outro rumo; não se manietaria à política, fazendo o possível para ser uma leitura variada e agradável, propagando idéias e analisando os acontecimentos sociais, "democrática e perfeitamente imparcial".

Seguiu-se a publicação regularmente, três vêzes por semana, divulgando trabalhos de literatura ou não; o "Bole-

tim Decenário”, por **Simplório Patusco** ou **Finório Patusco**; boa “Seção Noticiosa” e colaboração especial de **Galdino Loreto**, **M. Júnior**, **Eduardo de Carvalho**, **Bianor de Medeiros**, etc.

Atingiu o nº 8 a 20 de junho, esperando aumentar de formato e circular cada semana (**Bib. Púb. Est.**).

Publicaram-se ainda alguns números, dos quais não restam comprovantes; mas o **Diário de Pernambuco**, de 14 de julho do mesmo ano, noticiou haver entrado em circulação o “último número do primeiro trimestre” do periódico, que se despedira dos leitores porque ia “descansar e, dêste modo, readquirir novas forças, para voltar de nôvo mais tarde”. Não se tratava “de um caso de morte”, mas de “moléstia grave”...

Não houve possibilidade de cura para a **Gazetinha**.

**ERA NOVA — Fôlha Acadêmica** — Impressa na Tip. Central, à rua do Imperador nº 73, iniciou sua existência a 22 de maio de 1887, em bom formato de cinco colunas, com quatro páginas, destinando-se a circular nos dias 2, 12 e 22 de cada mês. Assinaturas a 3\$000 por trimestre. Redação instalada na Livraria Fluminense, à rua Barão da Vitória (hoje, rua Nova) nº 9. Corpo redacional: **Nilo Peçanha**, **Samuel Martins**, **Olímpio de Castro**, **José Teixeira**, **João Lima**, **Gonzaga Bacelar**, **Estefânio Barroso**, **Alcibiades Peçanha**, **João Pereira**, **Marcos Donzani**, **Brito Inglês** e **Elpídio Souto**.

Lia-se no editorial de apresentação, assinado pelo primeiro redator da lista: “O jornal moderno deve doutrinar; mas para isso, principalmente em nossa pátria, deve ser demolidor, porque nada que nos cerca presta. A **Era Nova** será, pois, a reação, a luta. O fato de vivermos num meio atrasado, corrompido, não quer dizer que sejamos um seu natural desdobramento. Ao contrário, indiferentes a esta ou aquela conveniência, seremos o combate sem tréguas a êle. Não sendo assim, a imprensa jamais chegará a dirigir a opinião pública, que é o seu ideal”.

Só divulgou artigos dos redatores, sôbre Direito ou Literatura, com a inovação de figurar, sob a assinatura, a província de nascimento de cada um. **Samuel Martins** foi o autor de “Tipos e tipas — Jornalismo acadêmico de 1886”.

O segundo número saiu no dia 2 de junho, incluindo colaboração do acadêmico Viveiros de Castro, antes assinando-se Olímpio de Castro, cujo primeiro nome era Augusto. Para o nº 3 anunciara-se artigo de Martins Júnior (1) (**Bib. Púb. Est.**).

**GAZETA ACADEMICA** — Entrou em circulação a 1º de junho de 1887, formato de 31x22, com quatro páginas de duas colunas largas, sendo impressa na Tip. Industrial. Redatores — Antônio José de Araújo e Augusto Carvalho, funcionando a redação na rua Marquês do Herval (atual Concórdia) nº 211. Assinatura mensal — 500 réis.

Declarava-se, “o mais ecoador dos gritos levantados animosamente contra a indiferença, que tão deshumana quanto tenazmente vai arraigando-se no espírito da nossa mocidade”. Era o produto de uma preocupação — o “amor às letras”. Trataria, pois, de tudo quanto dissesse “respeito ao desenvolvimento intelectual”, esperando obter o concurso da mocidade acadêmica.

Saiu o nº 2 no dia 20. Exclusivamente literária, a **Gazeta** só divulgou artigos dos redatores e de J. Lustosa; poesias de Samuel Martins, Benjamin Rubim e **Chico-Chico**; transcrições, folhetim e parco noticiário.

Pretendia publicar-se quinzenalmente, mas não o conseguiu. O nº 5, datado de 21 de agosto, com o sub-título “Homenagem ao mérito”, foi dedicado ao aniversário do jurista J. J. Seabra, professor da Faculdade de Direito, impresso em tinta azul, sendo as páginas circuladas de linhas. Abriu a edição o artigo “Exaltar o mérito e idolatrar a virtude — eis a grande aspiração do homem de bem”, de Augusto Carvalho, seguindo-se outras produções, sobre a data, de Virgílio Cardoso, Costa Pinto, Salvador Sousa, **Invenção Sem Júnior**, Alvares da Costa, Caldas Brito, C. Vale, Barroso Rabelo, Sales Barbosa, Amâncio da Cunha, Joaquim Pereira Teixeira, A. J. Araújo, L. Gonçalves e Odilon O. dos Santos (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Não há referência, nos “Anais”, ao nº 3, nem dêle existe comprovante, mas noticiou-lhe o aparecimento o **Diário de Pernambuco** de 18 de junho.

Ainda saiu, consoante Alfredo de Carvalho, “o nº 1 (único?), do II e último ano, a 19 de março de 1888”.

**MADAME VIREMONT, A CHAVE DO FUTURO** — Livro de Sortes — Foi exposto nas livrarias da cidade, contendo boa matéria e regular número de páginas. Preço “ao alcance de quantos, nas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, quizerem ler o futuro” (**A Provincia**, 4.6.1887).

O SORRISO — 1887; in-4º — “O nº 1 e único saiu a 10 de junho. Raríssimo” (“Anais”).

O FUTURO — **Periódico Literário, Crítico e Científico** — Fêz circular o primeiro número a 20 de junho de 1887, formato de 26x19, com quatro páginas a três colunas de composição. Publicação trimestral, com redação à rua da União nº 10, assinava-se a 1\$000 por trimestre e trazia, sob o título, a divisa a seguir, em inglês e português: “Faça-se a justiça na terra, embora desabem os céus”. Redatores-proprietários: Samuel Farias e Austregésilo Júnior, aos quais se juntaria, depois, Pedro Barreto.

Constava do editorial de apresentação: “...propõe-se a atravessar os mares procelosos da publicidade, qual frágil barquinho”; “pretende brincar nos lagos plácidos e serenos da literatura”, fazendo também “retinir a gargalhada franca e incisiva do ridículo, diante de certas misérias”, “caminhando sempre à luz de princípios sãos e moralizadores”.

O segundo número saiu a 30 de julho, tendo as duas edições apresentado matéria variada, incluindo comentários de apoio à causa abolicionista; crônica de **Zwinglio**, em rodapé; produções literárias, notas ligeiras e a “Página de ouro” (a última), com poesias dos redatores, mais Rangel Sobrinho e Silvério Farias, e Charadas, a cargo de J. B. de Meneses (**Bib. Púb. Est.**).

Sem outros comprovantes, continuou, todavia, a publicação até o nº 12, que foi registado pelo diário **A Provincia** de 22 de novembro. Dos “Anais” só constam mesmo os ns. 1 e 2.

**ANTI-REBATE** — **Semanário Abolicionista e Republicano** — “Fundado (segundo constou do cabeçalho) para

defesa das vítimas do imundo pasquineiro do **Rebate**" (1), circulou o nº 1 a 6 de julho de 1887, formato de 31x22, a duas colunas de composição, numa fôlha simples, só impressa a página de frente. Propriedade e redação de Ricardo Guimarães e José de Lima, êste logo substituído pelo muito conhecido Rangel Sobrinho. Assinaturas: ano — 2\$000; semestre — 1\$000; trimestre — \$500; para o interior do Estado, respectivamente: 3\$000, 1\$500 e \$500. Preço do exemplar — 0\$40 e 0\$60. Dizia-se impresso na "Tip. do **Anti-Rebate**".

Tôda a matéria da edição inicial constou do artigo de apresentação, em que declarava prestar um grande serviço ao público, desmascarando "o mercador da imprensa": Fortunato Pinheiro. A começar por "pústula" e "invertido", foram-lhe atribuídos os epítetos mais deprimentes.

Até o nº 3, o jornaleco de duas páginas trazia o verso em branco; daí para o 12º, imprimiu-se de ambos os lados, e as edições restantes saíram com quatro páginas normais.

Do primeiro ao nº 4, não fêz outra coisa senão atacar o redator d'**O Rebate**, no último dos quais criou a "Coluna dos Versos", com o sub-título "Perfis nojentos" e três sonetos, intitulados "Fortunato Coelho Pinheiro", "Benjamin Co-brador" e "Galdino Impressor", assinados com o pseudônimo **Francisco de Castro Marujo**, terminando a seção com o mote de E. Moraes:

"Fortunato é um ladrão  
E de cara descoberta".

Na mencionada edição, uma nota redacional declarava já se achar suficientemente desmascarado o "infame jumento". A partir da seguinte, começaria outra missão, "mais proveitosa e honrosa" — a da propaganda das idéias abolicionistas e republicanas.

Retirada do cabeçalho a declaração, que podia ser chamada "de guerra", foi substituída, no nº 6, pela faixa: "Colaboração política — Drs. Martins Júnior e Madeira Filho", entre os quais se colocou, depois, o nome de Pardal Mallet,

---

(1) A história d'**O Rebate** figura no volume II desta obra: "Imprensa diária — 1829/1900".

sem que, todavia, nem este nem o primeiro houvesse assinado qualquer produção.

O **Anti-Rebate** abriu, então, uma “Coluna Abolicionista” e uma “Coluna Republicana”, a primeira a cargo de Rangel Sobrinho e a segunda de Ricardo Guimarães, os quais, ao mesmo tempo e sucessivamente, assinavam sonetos e mais sonetos de caráter cívico. Houve também a “Coluna de Variedades” e uma “Coluna para todos”, algum noticiário e literatura, bem raros colaboradores, terminando com ligeiros anúncios.

Enquanto isto, mantinha-se firme a polêmica com o chamado Fortunato d’**O Rebate**. Por outro lado, o virulento órgão deu cobertura à eleição, para deputado geral, de Joaquim Nabuco, apoiando, igualmente, a política de José Mariano.

Findou com o nº 20, de 30 de novembro, para, em janeiro de 1888, transformar-se n’**O Recife**, estudado páginas adiante (**Bib. Púb. Est.**).

**A REPUBLICA** — **Revista Mensal do Centro Republicano de Pernambuco** — Saiu a lume no dia 14 de julho de 1887, formato de 33x22, com oito páginas de duas colunas largas de composição, sendo impressa na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 75, com redação à mesma rua, nº 77, 1º andar. Redatores — os membros da Comissão Executiva do Centro: Izidoro Martins Júnior, Argemiro Arôxa, no segundo número substituído por Nilo Peçanha; Antônio Martiniano Veras, Albino Gonçalves Meira de Vasconcelos e Francisco Pinto Pessoa. Assinatura anual — 4\$000.

Composta em tipos grandes, com bastante espaço de entremeio, a primeira página constou do seguinte: “A República Francesa — homenagem do Centro Republicano de Pernambuco — em 14 de julho de 1887”.

No editorial “O nosso intuito”, na segunda página, lia-se: “**A Republica** é menos um órgão da propaganda teórica do que um modesto registro dos fatos que se estão produzindo no seio do Partido Republicano brasileiro. O intuito principal do Centro Republicano, quando deliberou fazer esta publicação, foi criar um instrumento de vulgarização que pusesse, mensalmente, diante dos olhos do público pernambuco-

bucano, o resumo das conquistas que vai fazendo todos os dias, no Brasil, o espírito democrático”.

Abrindo com as “Efemérides republicanas”, inseriu boa matéria, inclusive assinada pelos redatores.

O segundo número saiu a 20 de agôsto, sugerindo que cada membro do Centro Republicano contribuisse com 2\$000 mensais para a publicação do seu órgão, que era distribuído gratuitamente. Estampou o manifesto do Congresso Nacional Republicano. Nilo Peçanha firmou, nessa edição, um artigo e a “Crônica Política”, II, intitulada “Tic... Tac...”.

“Depois de uma interrupção de alguns meses”, recomeçou **A Republica**, com o nº 1, ano II, datado de 11 de fevereiro de 1888, “o seu tirocínio de fôlha propagandista, a serviço do Centro Republicano desta Província”. Acentuava o editorial alusivo: “O seu programa não sofreu alteração, porque também não se alteraram os intuitos sociais e as crenças políticas do partido que representa na imprensa.

“Onde esta fôlha se transformou foi no seu modo de publicação, na sua forma de aparecer e de circular. Efetivamente, a publicação mensal, em forma de revista, não convinha a uma fôlha política, destinada a atuar largamente no seio da massa ativa da nossa sociedade. Compreendendo isto, deliberou o Diretório do nosso partido que **A Republica** aparecesse semanalmente e em formato maior que o primitivo, ainda que limitado a quatro páginas. Só assim poderia ela prestar à causa republicana os serviços que, na hora actual, são urgentes. E, neste sentido, enceta-se hoje esta nova romagem”.

Adotava, enfim, o preço de 500 réis por assinatura mensal e pedia, nessa base, o auxílio dos “verdadeiros democratas pernambucanos”. Para o interior e outras provincias cobrava 2\$000 por trimestre. A redação ficou, nessa segunda fase, a cargo de Martins Júnior, Albino Meira, Pinto Pessoa e Argemiro Arôxa, tendo como gerente Pedro Pessoa. Criaram-se os títulos seguintes de matéria noticiosa especializada: “Gazetilha”, “Movimento Republicano” e “Contestações e reparos”, esta última seção destinada a “combater e refutar as opiniões ou conceitos” que porventura externassem os colegas de imprensa em prejuizo das idéias ou da organização do partido. Além dos redatores e do gerente, passa-



ram a assinar artigos outros intelectuais republicanos, a saber: José Inácio Rabelo, Teófilo Braga, Amaro Rabelo Júnior, Teles de Queiroz, Alcibiades Peçanha, João Cardoso, etc. Também surgiram as “Belas Letras”, com poesias de autores diferentes.

As edições de 6 de março e 21 de abril homenagearam, na primeira página, respectivamente, a Revolução de 1817 (soneto de Martins Júnior) e a Inconfidência Mineira (palavras de exaltação ao mártir Tiradentes).

A partir do nº 11, de 3 de maio, **A Republica** entrou em nova fase, publicando-se bissemanalmente, em formato maior, quatro colunas de composição, impressa na Tipografia do Comércio, à rua do Imperador nº 43, oferecendo, afora os artigos de propaganda e informações gerais do movimento republicano, noticiário geral dos assuntos da atualidade e um folhetim literário. A última página era dedicada a anúncios. E se estabeleceu vendagem avulsa, ao preço de 40 réis por exemplar.

A primeira página da edição de 17 de maio, cercada de linhas e vinhetas, estampou apenas, em letras fortes, os dizeres: “13 de maio de 1888 — Homenagem d’**A Republica** a êsse grande dia nacional”, lendo-se, nas páginas internas, matéria alusiva à abolição da escravatura.

Nova alteração ocorreu: O nº 16 circulou com alguns dias de atraso, porque, à última hora, a Tip. do Comércio comunicara não poder continuar a imprimi-lo, “por ter nisso grande prejuízo”. Transferiu-se, então, **A Republica** para a Tip. Apolo, à rua do Hospício nº 79.

Foram outros colaboradores: Teotônio Freire, Tomé Gibson, João Saraiva, Braz de Melo, que terminaria assinando a crônica “Sustenidos e Bemois”; **Malakof**, com a seção “Consta”; J. P. Nolasco, que mandava “Correspondência”, de Paris; Carlos Falcão, **Camille Desmoulins** e **Desmoulins Júnior**, autores, os três últimos, de excelentes crônicas de rodapé; **Jack**, que fazia a crônica “Coisas...”, já para o fim utilizando o próprio nome — Pedro Pessoa, etc.

A edição de 14 de julho foi inteiramente dedicada à França, ocupando a primeira página (cercada de vinhetas) uma poesia, em lingua francesa, de Izidoro Martins Júnior,

e a última, em tipos fortes, palavras de saudação ao país homenageado, ao passo que tôda a matéria das páginas centrais se constituia de artigos, notas ou poesias assinados, alusivos à data.

Que **A Republica** não vivia em boa paz com as tipografias prova-o o fato de, após outra suspensão, de mais de dois meses, transferir-se, no nº 27, de 20 de setembro, para a Tip. D. Porcia, situada à rua do Imperador nº 41, 1º andar. Por sua vez, na edição seguinte, alterava-se o corpo redacional, que ficou assim constituído: Amaro Rabelo Júnior, Braz de Melo, João Cardoso e Pedro Pessoa, sob a chefia de Martins Júnior. Daí por diante, descontrolou-se a circulação do jornal, que só aparecia em datas indeterminadas, com mais de uma semana de espaço intercalado; até que chegou ao fim, com o nº 31, de 3 de novembro (1) de 1888 (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**) (2).

**ECHO DO POVO — Órgão das Idéias Livres** — Apareceu com o nº 43, ano I, de 23 de julho de 1887, continuando a vivência do **Echo da Victoria**, que se publicava na Vitória de Santo Antão (1 A), sob propriedade e redação de Amaro Pessoa, de residência transferida para o Recife, juntamente com a tipografia, instalando-se à rua Coronel Suassuna (atual rua Augusta) nº 144. Formato de 37x26, com quatro páginas a três colunas de 14 cíceros. Semanário, estabeleceu o preço de 1\$500 por assinatura trimestral, ou 3\$000 pela semestral.

Declarou a redação que o jornal continuava “a marcha antiga”. E seu primeiro editorial foi de ataque à Monarquia, focalizando a necessidade da republicanização e do abolicionismo. Começou o folhetim, em rodapé, intitulado “Os miseráveis do Recife”, de Manuel da Mota Monteiro Lopes, e a seção “Letras”, com poesias de M. A. S. B. e Amaro Pessoa, além de artigo de Ernesto Correia e matéria de rotina.

---

(1) Registando, em poucas linhas, a existência d'**A Republica**, Alfredo de Carvalho afirmara que o último número foi o 20º, de 21 de abril de 1888.

(2) A Biblioteca Pública do Estado só possui, d'**A Republica**, comprovantes das duas edições de 1887 e das dez primeiras do ano seguinte.

(1 A) A bibliografia d'**O Echo da Victoria** consta do vol. XIV desta obra.

Não restam, do **Echo do Povo**, senão números esparsos, a saber: dois únicos de 1888 — o nº 24º, de 6 de março, e o 34º, de 19 de maio, dedicados, respectivamente, à Revolução de 1817 (“Honra e glória aos corajosos mártires da Liberdade! Viva a República!”) e à abolição da escravatura.

Algum tempo decorrido, declarava Tomaz Cavalcanti da Silveira Lins ao **Jornal do Recife**, edição de 19 de julho de 1888, haver assumido a propriedade e o cargo de redator do **Echo do Povo**, sem alterar o programa traçado inicialmente.

O mesmo **Jornal do Recife** deu notícia, a 7 de agosto, de haver entrado em circulação o nº 42 do semanário. Mas ficou êle suspenso.

No ano seguinte, precisamente a 20 de janeiro, informava o **Diario de Pernambuco**: “Reapareceu ontem êsse periódico (o **Echo do Povo**), que havia seis meses tinha desaparecido”.

Dois comprovantes existem, por sua vez, correspondentes a 1889: o nº 3, ano III, 2a. fase, de 2 de fevereiro, em homenagem à memória de Nunes Machado; e o nº 1, ano IV, de 31 de agosto (1), cujo editorial, em bom estilo, declarava que, em meio aos maiores embaraços, o periódico abria “a porta de mais um ano de existência”, entrando “no quarto ano de sua vida cercada de espinhos e de lutas consecutivas”. A edição, igualmente colaborada pelo poeta Ricardo Guimarães, inseriu o folhetim, já no XVII rodapé. “Uma história negra”, romance original de Amaro Pessoa (**Bib. Púb. Est.**).

**O SALTIMBANCO — Periódico Satírico e Literário** — O nº 1 saiu a lume no dia 30 de julho de 1887, formato de 30x21, com quatro páginas de três colunas. Dizendo-se impresso em tipografia própria, tinha redação à rua de São João nº 63. Assinatura trimestral — 3\$000.

Sua matéria, leve e variada, obedeceu ao enunciado no sub-título, assim pretendendo publicar-se semanalmente.

---

(1) Alfredo de Carvalho registara como último número, interrogativamente, o 28º, ano III, de 25 de agosto de 1889.

Não há indício, entretanto, de ter continuado (**Bib. Púb. Est.**).

**ARCHIVO BRASILEIRO DE PHILOSOPHIA, JURISPRUDENCIA E LITERATURA** — Revista mensal, formato de 22x15, publicou-se o primeiro número em agosto de 1887, sob a direção de Clóvis Bevilaqua e João Alfredo de Freitas. Preço do exemplar — 1\$000. Impressão da Tipografia Central, à rua do Imperador nº 73.

“Além de artigos de doutrina e trabalhos de direito prático, decisões e sentenças de alcance atual — dizia o artigo-programa — conterà sempre uma resenha bibliográfica, na qual se consignarão ligeiras notícias de livros e revistas”.

Saiu com 48 páginas, afora a capa, e mais oito contendo a versão do Conselheiro João José Pinto Júnior d’“O espírito do direito romano nas diversas fases do seu desenvolvimento”, de Rudolf von Ihering, através duma tradução francesa, para continuar nas edições seguintes.

O texto geral inseriu longos trabalhos dos diretores, de José Higino e João Vieira de Araújo.

Sairam em setembro e outubro (1), respectivamente, os ns. 2 e 3, com idêntico volume, formando, em numeração seguida, um total de 144 páginas, mais 24 da parte suplementar, ficando sem concluir-se o ensaio de Von Ihering, pois a revista terminou aí sua existência.

A matéria do **Archivo** incluiu: “Estudos de História Natural”, “Estudos Jurídico — Italianos” e “Jurisprudência dos Tribunais”. Além dos mencionados, foram outros colaboradores: T. G. P. Montenegro, Desembargador J. M. de Freitas, Clodoaldo Freitas e Dr. Wing. (**Bib. Púb. Est. e Bib. Fac. Dir. — UFPe.**).

**A EXPOSIÇÃO — Revista Crítica e Humorística** — Circulou, pela primeira vez, a 10 de agosto de 1887, sem constar a designação da data. Impressa na Tip. Central, à rua

---

(1) No registo dos “Anais”, Alfredo de Carvalho fez referência a um “número único” do **Archivo**, interrogativamente.

do Imperador nº 73, formato de 30x22, com oito páginas, sendo quatro em litogravura, tinha redação na rua das Laranjeiras (não mais existente) nº 18, 1º andar, em cujo térreo ficava a Lit. de Rodolfo Lima & Cia. Publicação nos dias 10, 20 e 30, custando 1\$000 a assinatura mensal, pagos adiantadamente.

Apresentou-se com ilustração de Rodolfo Lima (desenhista oficial), na primeira página, representando uma sala de redação, armário com frascos de sais, mesa entulhada de jornais, um gato, compasso e, ao fundo, numa lousa, a divisa: “**Ridendo castigat mores**” no primeiro plano, um gaiato em posição de mesura, e a legenda: “Ao público — **A Exposição** cumprimenta e oferece seus diminutos préstimos”. Por sua vez, o cabeçalho era constituído de vistoso desenho com bobos, palhaços e, no fundo, o povo. Na oitava página figurou um quadro célebre, por cópia de Libânio Amaral, como aconteceria noutras edições.

**A Exposição** — dizia o artigo-programa — “não vem pregar idéias novas, nem consertar o mundo, que, na verdade, vai bastante torto. Não vem tampouco regenerar a sociedade, salvar os destinos da nação, nem pôr termo aos desastinos da política”. “Vem, pura e simplesmente, armada de craion e pena, munida de desinfetante, causticar, com graça e diplomacia, alguns vícios e erros dos nossos homens. Vem, fazendo rir, espetar com craion, muito de leve, mas mesmo muito de leve, algumas consciências levianas. Mas o fará sem dor”. Na política, não meterá o bedelho, porque tem muito amor à sua candura para estragá-la assim tão inutilmente. **A Exposição** será conservadora, liberal, republicana, conforme o tempo, número e caso”.

Do texto tipográfico constaram: “Rimas à pressa”, por **Gregório Júnior** (pseudônimo de João Gregório Gonçalves); notas de **João Congo, Veludo**, etc.

Proseguiu, em tal ritmo, a vida do bem feito magazine, que, no seu nº 4, ocupou as duas páginas do centro com artístico retrato (craion de Antônio Vera Cruz) de Joaquim Nabuco, tendo ao lado um mesureiro, que erguia bela cortina entre flôres e, com a outra mão a segurar o chapéu, fazia reverente saudação, lendo-se em baixo a legenda: “**A Exposição** disse, no seu programa, que não se filia a partido algum, político, mas esqueceu-se de declarar que aplaude e

defende as grandes idéias e as grandes reformas, o que atesta com esta página em homenagem a um dos mais intrépidos batalhadores do abolicionismo”.

Com o nº 14, de 20 de dezembro, terminou o ano, seguindo-se a numeração a 10 de janeiro de 1888, sempre com oito páginas, metade das quais ilustradas, sobretudo pelo craion de Rodolfo Lima, que se encarregou todo o tempo das **charges** de crítica de costumes. A parte tipográfica era assinada, em comentários, crônicas, trepações, versos líricos ou epigramas, pelos nomes já mencionados, mais J. R. S. Duarte, **Major A. Afonso Leal**, **D. Salustio, X.**, **Pansudo**, **Aníbal Barroso**, **Sapt**, **Sataniel**, **Babu**, **Dr. Zenobis**, **Manfredo Rocha**, **O Formigão**, **Inocência Simplicio**, **Babolin**, **Crispiniano Buarque**, **Fritz**, etc.

A partir do mês de abril, já no seu nº 25, começou **A Exposição** a inserir anúncios ilustrados na última página.

O nº 27, ano II, de 13 de maio (1), saiu em edição especial de quatro páginas, mas formato duplo, apresentando, na primeira, expressiva alegoria, em que figurou u'a mulher com a bandeira da Abolição na mão direita, e, na esquerda, correntes partidas, ao passo que esmagava, com os pés, a serpente da Escravidão. O editorial, abrindo a segunda página, dizia render **A Exposição** reverente “tributo à liberdade”. Seguiram-se artigos, sôbre a data, de Martins Júnior, Samuel Martins, Artur Fenelon, J. Gonçalves Júnior, Júlio Falcão, Belisário Pernambuco, Gaspar Drumond e Afonso Olindense, e diversas saudações de poucas linhas. A última página, cercada de vinhetas, entremeadas de nomes e datas, e encimada pelo escudo do Império, inseriu, apenas, ao centro, o soneto “A Pátria”, de Honório Silva.

Outro número avistado foi o 33º, datado de 10 de agosto, obedecendo ao programa inicial, incluindo sonetos de J. R. S. Duarte e Leovigildo (**Bib. Púb. Est.**).

**JUVENTUDE** — Número único, de 14 de agosto de 1887, circulou em formato de 21x15, com oito páginas, em papel especial, impresso na Tipografia Paula Marinho. Comemo-

---

(1) Não obstante a data exposta no cabeçalho, é evidente que a edição especial d'**A Exposição** não podia ter circulado na data mesma da assinatura do decreto da Abolição...

rativo do 23º aniversário da Sociedade Recreativa Juventude, inseriu produções, alusivas à data, de Artur Orlando, Dr. Ferrer, Adelino Filho, Afonso Olindense, M. J. Santana de Araújo, Argemiro Arôxa, Inácio Araus e outros (**Arq. Púb. Est.**).

Outro “número único” apareceu no dia 11 de janeiro de 1890, mas em formato de 44x32, com quatro páginas, comemorando o 3º aniversário da Banda de Música “Juventude”, numa “justa homenagem aos sócios (que eram 24) e ao professor Lourenço T. da Silva” (**Bib. Nac.**).

Finalmente, saiu o terceiro “único” a 14 de agosto do mesmo ano, reduzido o formato para 32x22, outras quatro páginas, trazendo sob o título as divisas “União e Fôrça” e “Melodia e Luz”. Lia-se na página de frente: “Distribuído no baile do 26º aniversário da instalação da Sociedade Recreativa Juventude e 3º da Banda de Música”. Abaixo, os nomes da diretoria atuante no biênio 1889/1890.

A par do noticiário específico, as duas últimas edições, impressas na tipografia de F. P. Boulitreau, apresentaram trabalhos assinados por Manuel Caitano de Albuquerque Melo, J. Pacífico dos Santos, Euclides Quintero, Braz de Melo, Tomaz Espiuca, Graciliano Martins, etc., à frente, invariavelmente, o Dr. Ferrer (**Bib. Púb. Est.**).

**VOZ DO POVO (1) — Periódico Satírico e Literário —** Deu à luz o nº 1 no dia 5 de setembro de 1887, com quatro páginas a duas colunas de vinte cíceros. Redação à rua das Trincheiras (hoje suprimida) nº 50. Anunciou-se como bissemanário, a \$500 por assinatura mensal na cidade ou \$600 para fora.

Lia-se, no artigo de apresentação, que a existência dos jornais era sempre efêmera; causa: a “crise, êsse fantasma multiforme que se encontra a cada passo e sob todos os aspectos”. Pretendia ser um “eco fidelíssimo dos sentimentos populares”; o “órgão por onde respire a grossa veia das paixões democráticas”. Só não fazia política. “Atiramos o nosso cartel de combate. Abram-nos a porta larga do horizon-

---

(1) O título não é precedido do artigo A, como registara Alfredo de Carvalho.

te da imprensa, onde vamos, como um singelo astro, descrever a nossa obscura elítica”. Concluiu “fazendo um largo cumprimento de respeito à imprensa mais adiantada”.

Estampou artigos sôbre política, instrução e abolicionismo, assinados por **Petit Taine**, **Rouget de l’Ile**, **Colbert** e **Júlio Favre**. Apesar da partida de leão, não prosseguiu a publicação (**Bib. Púb. Est.**).

O **ANTHEU** — **Periódico Literário, Crítico e Noticioso** — Também “órgão republicano”, iniciou sua existência a 7 de setembro de 1887, tendo como redatores Manuel Sacramento e Fantino Soares. Trazia como lema: **Libertas quoe sera tamen**”. Com redação à rua da Penha nº 1, apareceu em formato de 26x19, com quatro páginas de três colunas, destinando-se a sair três vêzes por mês. Assinatura trimestral — 1\$500.

Constava do artigo de apresentação: “. . . só há um meio de salvação: a República Federativa”.

Divulgando artigos e poesias dos respectivos redatores, de Paixão Vieira e outros, viveu pouco **O Antheu**, cujo último número, o 5º, ocupada a quarta página com o “Mundo Parnasiano”, circulou a 11 de novembro (**Bib. Púb. Est.**).

**DEZESEIS DE SETEMBRO** — Poliantéia de 1887, cuja data lhe serviu de título, apresentou-se em elegante formato de 40x28, com quatro páginas, a primeira circulada de vinhetas e as outras de linhas. Impressão em papel-cartolina creme, excelente trabalho material da tipografia de G. Laporte & Cia.

Constituiu um preito à Província de Alagoas, no 70º aniversário de sua emancipação política, como “homenagem de seus filhos residentes nesta cidade”, por “iniciativa de alguns acadêmicos”.

Após ligeiras palavras de “cumprimentos” da colônia alagoana, inseriu produções alusivas ao acontecimento, em prosa e verso, de Fernandes Lima, Alfredo de B. Lima, Gonçalo M. de A. Lima, Felício Buarque, A. C. Vieira, José Mendonça, Misael Craveiro, Antônio Cavalcanti, José de Godoi, Domício Marinho Falcão, A. Buarque, C. C., Artur T. da Costa e Costa Rêgo (**Bib. Púb. Est.**).



**20 DE SETEMBRO — Comemoração ao 52º Aniversário da Revolução Riograndense** — Homenagem do Clube Republicano Riograndense 12 de Setembro, circulou na data do título, em 1887, com oito páginas, a primeira das quais servindo de capa, com clichê simbólico, ao centro, e, abaixo, as palavras “Ordem e Progresso”, seguidas de nomes dos chefes daquele movimento armado. Impressão da Tip. do Comércio; formato de 31x22.

Ocupou a segunda página o “Hino Nacional da República Riograndense” (cantado pela primeira vez na noite de 30 de abril de 1839). Sucederam-se artigos em torno do grande feito gaúcho, assinados por Pardal Mallet, João Cardoso, Frederico Bastos, Moy. P. Viana, José Vieira Braga, Antônio de Sousa Neto, Alfredo Varela e Teles de Queiroz. A última página estampou uma relação dos sulriograndenses radicados no Recife e as datas das “vitórias da revolução” (Arq. Púb. Est.).

**O NORTE — Quinzenário de Literatura** — Impresso na tipografia da rua das Flores nº 24, 1º andar, circulou pela primeira vez no dia 1 de outubro de 1887, formato de 30x22, com quatro páginas de duas colunas a 16 cíceros.

Seu fito primordial, conforme o artigo de apresentação, resumia-se “na ciência, na crítica e na literatura”. Batalhando em prol de reformas sociais, só discutiria “princípios, idéias e questões”.

Inserindo trabalhos de colaboração de L. Pamplona, Spencer Neto, Lacerda de Almeida, Teotônio Freire e outros, publicou-se o nº 2 (1) a 15 de outubro (Bib. Púb. Est.).

Não só isto. Nada obstante a ausência de outros comprovantes, **O Norte** continuou até o nº 6, registado pelo **Jornal do Recife** de 25 de dezembro.

**O ESCALPELO — Bimensário Crítico, Humorístico e Literário** — Surgiu a 16 de outubro de 1887, formato de 27x20, com quatro páginas, trazendo sob o título as divisas “Pátria e Democracia — Verdade e Justiça”. Propriedade de Izidro Lavrador.

---

(1) Para Alfredo de Carvalho só havia saído o nº 1.

Pretendia, consoante o artigo de apresentação, “dissecar, mas com o estilete da crítica, os tipos que, em nossa sociedade, vivem na mais adiantada podridão moral”, mas imparcialmente, desassombradamente, visando só à verdade.

Divulgou “Comentários”, de **Barrabás**; “Esboçetos”, por **Delfim**; “Notas a lápis”. etc. Tôda a quarta página encheu-se de poesias, sob o título geral “Jardim poético”. Não prosseguiu (**Bib. Púb. Est.**).

**O TABACO LIVRE — Jornal Literário, Noticioso e Regenerador** — Circulou o nº 1, que foi também o último, no dia 30 de outubro de 1887, tendo como redatores e proprietários A. Vale (**Canivete**) e Amélia (1) Silva. Formato pequeno, com duas colunas de 16 cíceros, inseriu notas humorísticas, curiosidades e anúncio do Café Peri (**Bib. Púb. Est.**).

**O PANSUDO — Periódico Satírico e Literário** — Impresso na tipografia d’**A Ideia**, in-4º, “o nº 1 e único saiu a ? de novembro. Número avulso — 40 réis. Pasquim” (“**Anais**”).

**O TEMERARIO (1 A) — Periódico Crítico, Humorístico e Literário** — Começou a publicar-se no dia 8 de novembro de 1887, formato de 23x16, com quatro páginas, impresso na tipografia d’**O Echo do Povo**. Bissemanário, vendia-se o exemplar a 40 réis. Propriedade de José Coelho e Alfredo Lins.

Noticiando-lhe o aparecimento, o diário **A Província**, do dia 9, destacou do artigo de apresentação do nôvo órgão os tópicos a seguir: “**O Temerario**, se colocando na honrosa posição de respeitar a todos, sem contudo faltar com a justiça a quem de tal se fizer digno, não procura saber quem é rico ou pobre, senhor ou escravo, nobre ou plebeu.

“Não se prestando a instrumento de vinganças públicas ou particulares, e como tal colocado em uma posição louvável, deseja de todos bom acolhimento e pede ao mesmo tempo o seguinte e especial favor: “Ninguém lhe falte com a insignificante quantia de dois vintens; porque:

---

(1) Não Amélio, como está registado nos “Anais”.

(1 A) Omitido nos “Anais” de Alfredo de Carvalho.

Com o **santinho** dinheiro  
 É que se faz tôda guerra;  
 Não com duques e marqueses,  
 Que se tudo torna em terra”.

Prosseguiu regularmente, mas só existe comprovante do nº 7, de 30 de novembro, de cujo cabeçalho constavam as quadras abaixo transcritas, à guisa de profissão de fé:

“Seja vil e presunçoso  
 Quem deseja posição;  
**O Temerario** aborrece  
 O beócio, o toleirão.

E como tal não se curva  
 Nem sabe o que é cobiça;  
 Seu fim único é fazer  
 A todos maior justiça”.

A edição inseriu editorial contra o jôgo, continhos, anedotas, pilhérias, “De bôca em bôca” e “Linhas recreativas”, em versos, sem assinatura, no regime do “continua” (**Bib. Púb. Est.**).

Continuou a existência d’**O Temerario** até o nº 11, registrado pela “Gazetilha” do **Jornal do Recife**, edição de 25 de dezembro de 1887.

**O ESPIÃO — Crítico e Satírico** — Último pasquim aparecido em 1887, circulou o nº 3 (1) a 18 de dezembro, formato de 23x16, com quatro páginas de duas colunas, dizendo-se impresso em tipografia própria, situada no Beco da Pândega nº 2.

**Lia-se em nota redacional de abertura:** “...eis aqui o vosso **espião** pela terceira vez”, seguindo-se uma série de considerações esdrúxulas; **mais matéria corriqueira**, à base de pequenos escândalos amorosos (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Alfredo de Carvalho atribuiu ao nº 1 d’**O Espião** a data de 15 de dezembro...

1 8 8 8

O **RECIFE — Semanário Abolicionista e Republicano** — Não começou com o nº 1 (1), mas com o nº 21, ano I, de 12 de janeiro de 1888, em substituição ao **Anti-Rebate**, conforme notícia dada, no dia seguinte, pelo **Jornal do Recife**, através de sua “Gazetilha”.

Existem comprovantes dos ns. 22, de 21 de janeiro, e 25, de 23 de fevereiro, formato de 30x21, com quatro páginas de duas colunas. Propriedade e redação de Ricardo Guimarães e Rangel Sobrinho. Tabela de assinaturas: ano — 6\$000; semestre — 3\$000; para fora da cidade — 6\$500 e 3\$500, respectivamente. Impressão da tipografia da rua das Flores nº 24, 1º andar.

O nº 22 estampou editorial sôbre a “quadra de imoralidades que atravessamos”, constituída de abusos, injustiças, suplícios praticados pela polícia, etc. O nº 25 focalizou a necessidade da federação das províncias, “gloriosa aspiração dos gloriosos mártires da República do Equador, no célebre martirologio de 1817”.

Era a demais matéria constante de Folhetim Literário, em rodapés, a cargo de Pardal Malet; “Coluna Republicana”, de Ricardo; “Coluna Literária”, “Coluna dos Versos”, ambas com a assinatura de Rangel, e “Coluna de Todos”; mais noticiário e meia página de anúncios. Não há indícios de ter continuado (**Bib. Púb. Est.**).

**RABO ESCONDIDO COM O GATO DE FORA (1A) — Jornal de Arranca-Tôco** — Com “pilhérias de arromba” e “número unquíssimo”, circulou no dia 11 de fevereiro de 1888, formato de 28x21, com quatro páginas a duas colunas de 16 cíceros, impresso em papel superior.

---

(1) Por incrível que pareça, **Alfredo de Carvalho** informou, nos “Anais”, que o nº 1 saiu em princípios de novembro de 1887”, dando como último o nº 22, o que fêz interrogativamente.

(1) O denominado **Rabo Escondido Com o Gato de Fora** foi registado por Gondim da Fonseca, na sua “Biografia do Jornalismo Carioca — 1808/1908”, página 378, (Livraria Quaresma, Rio, 1914), como tendo sido publicado no Rio de Janeiro. No mesmo engano veio a incidir o catálogo dos “Anais da Biblioteca Nacional”, página 105, vol. 85, de 1965, suprimindo, além disso, o artigo o entre as palavras **com** e **gato**.

O editorial de apresentação foi redigido em francês. Seguiu-se matéria leve, constituída de pastiches, anedotas, pi-lhérias, troças e uma série de adágios pelo avesso.

Distribuiu-se a edição durante o baile a fantasia do “sábado gordo”, no Clube Internacional de Regatas (2). Entretanto, não se viu, nas suas páginas, nenhuma alusão ao Carnaval, salvo através das vinhetas de separação das matérias (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

**O CAIADOR — Órgão do Clube Carnavalesco dos Caiadores** — Saiu a lume no dia 12 de fevereiro de 1888, formato de 27x18, com quatro páginas a três colunas de composição e boa matéria alusiva, entremeada de vinhetas.

“Criticar, suavemente, sem dor”, “rir-se e fazer rir” — era o seu programa, que foi cumprido à risca.

Seguiu-se a publicação, cada ano, menos em 1894, impressa na “Tip. d’O Caiador” até o nº 7; depois, no Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias nº 39, e os últimos números na Tip. Mendes, instalada no nº 16 da hoje extinta rua das Laranjeiras.

Além da matéria redacional, fértil na sátira e no humorismo, inseria colaboração de Eurico Vitrúvio e Oscar Aragão, tendo divulgado, na edição de 28 de fevereiro de 1892, um hino de Belisário Pernambuco, oferecido ao Clube dos Caiadores.

Começou o século XX com o nº 16 (?), datado de 17/19 de fevereiro de 1901, e prosseguiu, anos a fora, mais adiante aduzindo ao nome do clube a palavra “decano”, até chegar ao nº 30, que teve a data de 14/16 de fevereiro de 1915 (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**) (1).

Ainda circulou **O Caiador** no Carnaval de 1916, a 5 de março, segundo informação do **Diario de Pernambuco**; no de 1917, a 18 de fevereiro, consoante o **Jornal Pequeno** da mesma data; no de 1919, a 2 de março, conforme o noticiário d’**O Intransigente**; no de 1922, a 25 de fevereiro, e no de 1923, a 2 de abril (segundo Carnaval), ao que registou o **Jornal do Commercio**.

---

(2) Atual Clube Internacional do Recife.

(1) Coleções incompletas.

O **PIPAROTE** — Número especial para comemorar o Carnaval de 1888, surgiu no dia 12 (1) de fevereiro, formato de bolso e quatro páginas a duas colunas de composição. Com tiragem declarada de 10.000 exemplares, foi distribuído pela casa editora, a tipografia de Manuel J. de Miranda, à rua Duque de Caxias nº 39, a cuja propaganda dedicou a última página. Seus redatores eram “filiados à política da folia”. Notas ligeiras e versos chistosos tiveram, entre outros, a assinatura de **O Pai, A Mãe e O Filho (Bib. Púb. Est.)**.

O **EQUADOR** — **Revista Semanal, Política e Noticiosa** — Impressa na Tipografia Industrial, circulou o primeiro número no dia 6 de março de 1888, propriedade de José Caitano da Silva & Cia.

Noticiando o aparecimento do nôvo órgão, que também seria ilustrado quando “a natureza da crítica” a isto o convidasse, frisou o **Jornal do Recife** do dia 8: “. . . está bem escrito, o que faz crer que está êle confiado a boas penas”.

Prosseguiu (1 A) até o nº 4, cujo aparecimento foi noticiado pelo **Jornal do Recife** de 11 de abril.

**NOVA PATRIA** — **Periódico Trimensal** — Circulou pela primeira vez a 10 de março de 1888, formato de 31x22, com quatro páginas de três colunas. Redatores — Antônio de Araújo, Jesuino Lustosa e João Capistrano, instalada a redação na rua dos Ossos (atual 24 de Maio) nº 52. Tabela de assinaturas: semestre — 3\$000; trimestre — 2\$000.

Teve a assinatura dos três o editorial de apresentação, bastante longo. Dizia, entre uma série de considerações: “Pequeno átomo atirado no meio do redemoinho que circula o mundo humano”, seria “um braço forte e musculoso contra os caluniadores e desrespeitadores dos direitos acadêmicos e uma coluna grossa e sólida levantada para proteção daquelas inteligências juvenis que apenas necessitam de animação para voar”.

Sua matéria constou de artigos políticos e literários e poesias subscritas pela equipe redacional e por Leônidas

(1) Não no dia 11, como registou Alfredo de Carvalho.

(1) Dos “Anais”, autor citado, consta apenas o nº 1, seguido de inter-rogação.

e Sá; mais noticiário ligeiríssimo e a crônica do fim, intitulada "Lasquinhas" e assinada por Pof.

No nº 3, que foi o último, datado de 30 de março, só permanecia o primeiro redator, sendo os dois últimos substituídos por Amâncio Ramos e Prado Sampaio, figurando Erotides Viana como "agente" (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O ARTISTA — Órgão da classe em Pernambuco —** Estreou no dia 1 de abril de 1888, formato de 35x25, com quatro páginas de duas colunas a 18 cíceros. Propriedade "de uma Associação", tinha como redator Cirilo Ribeiro, instalada a redação na rua Direita nº 98. Tipografia própria. Assinatura anual — 5\$000. Preço do exemplar — \$500.

Lia-se no editorial de apresentação: "O aparecimento d' **O Artista** é a mais viva demonstração de que a arte de todo ainda não está morta. Ele demonstra também que nesta raça escravizada pelos preconceitos dos homens ainda existem moços que trabalham e lutam para arrancá-la do estado mórbido em que há muito ela se acha submergida". Tera por fim principal "pugnar pelos interesses dos artistas de Pernambuco".

A par de comentários ligeiros, em torno do programa enunciado, inseriu produções específicas de Macedo Papança e Antônio de Araújo e noticiário miúdo.

Um número especial, datado de 13 de maio, foi dedicado à abolição da escravatura, em papel acetinado, figurando na primeira página, circulada, uma poesia comemorativa, de Teotônio Freire, seguida de outras firmadas por Pedro de Assis, Elísio de Melo, Marcelino Cleto, Beatriz de Castro, etc.

Outro comprovante só foi encontrado do ano III, nº 3, de 6 de março de 1890, já o serviço gráfico e a redação transferidos para a Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 75, sem mais alterações, a não ser uma segunda parcela na pauta de assinaturas (para o exterior e estados): ano — 6\$000; semestre — 3\$500. A edição divulgou trabalhos de colaboração firmados por Sílvio de Almeida, **Melhergui H.** (anograma de Júlio Hancem), M. Sousa Júnior e Artur Bivar.

Tendo começado o ano de 1891 com a edição de 26 de janeiro, foi possível avistar exemplares desde o nº 2 até o fim. Cresceu o formato — quatro páginas de quatro colunas — e, a partir do nº 4, de 17 de fevereiro, passou à propriedade e direção da Sociedade União Progressista Central das Artes (1).

Mantido o ritmo inicial, **O Artista** adotara, concomitantemente, uma “Seção Lírica”, com poesias, sobretudo, de Artur Fenelon e **R. Rayroux** (outro pseudônimo do tipógrafo Júlio Hancem); “Literatura”, tendo como principal colaborador Manuel Sacramento, e a “Revista”, seção que se ocupava da recepção de jornais de permuta. Tôda a quarta página se enchia de publicidade comercial. Como cobrador, figurava o nome de Sebastião Guedes.

Prolongou-se a existência do periódico até, pelo menos, o nº 21, ano IV, de 18 de março de 1891 (Bib. Púb. Est.).

**O PARNASO — Pequeno Quinzenário Noticioso, Crítico e Literário** — Impresso na tipografia da rua dos Flôres nº 24, 1º andar, com redação na rua Augusta nº 161, 1º andar, deu à luz o nº 1 no dia 10 de abril de 1888, formato de 23x 16, com quatro páginas. Redatores — Aniano Costa e João Pessoa.

Seu programa estava concebido nas seguintes palavras da apresentação: “Não é político; é absolutamente imparcial e terá por divisa: **Suum quique tribuere**”. Divulgou colaboração de A. Carlos, Godofredo e **K. Funé** e a seção “Pensamentos e anedotas”.

Ficou no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

---

(1) Afastado do antigo pôsto, Cirilo Ribeiro escreveu um artigo na edição de 4 de abril de 1891 d'**O Artista Brasileiro**, de Olinda, saudando o transcurso do aniversário d'**O Artista**, em cujas colunas defendera “a família artístico-operária, a legendária sofredora”, assim concluindo: “... enquanto os teus novos e improvisados redatores e diretores embrenham-se desajuizadamente pela estrada da política, sem rumo e sem norte, deixando-se arrastar pelas correntezas fatais de vinganças pequeninas, de sentimentos de despeitados, eu, teu fundador espoliado; teu redator eliminado, lamentando a grande transformação por que acabas de passar, tôda contrária ao teu programa, venho saudar-te nas idéias de outrora, pelas colunas d'**O Artista Brasileiro**, já que não posso, filho dos meus sonhos, saudar-te entre meus braços”.



A FOLHA MODERNA — **Periódico Quinzenal** — “Puramente literário, sem envolver-se em política”, começou a existir a 15 de abril de 1888, com quatro páginas, formato de três colunas, tendo como proprietários-redatores Artur Lídio Rabelo da Silva e Solidônio Ático Leite. Custava 1\$500 a assinatura trimestral (1\$600 para fora do Recife) e a redação achava-se instalada à rua Padre Nóbrega nº 2, 2º andar.

Contou, nos cinco números publicados, com a colaboração de Henrique Martins, Henrique Azevedo, J. B. Gonçalves Lima, Artur Vanderlei, Olímpio S. dos Santos Falcão e J. de Castro, os dois últimos incluídos, por fim, no corpo redacional. O primeiro número foi impresso na Tip. Comercial, à rua do Imperador nº 43, e os demais na da Rua das Flores nº 24, 1º andar. O nº 5 (e último) saiu a 20 de junho (1) (**Bib. Púb. Est.**).

O SPORTMAN — Surgiu a 22 de abril de 1888, formato de 32x22, com quatro páginas de três colunas. Propriedade “de uma empresa”, instalou redação na rua do Imperador nº 22, 1º andar, imprimindo-se na Tip. do Comércio. Destinado a publicar-se nos dias de corridas hípcas, custava 100 réis o exemplar.

No segundo número, do dia 29, afora a matéria específica e anúncios, iniciou a seção “O pelintra”, uma “revista cômica dos acontecimentos do Recife em 1885”.

Ficou circulando aos domingos, ligeiramente aumentando o formato, e subiram para o cabeçalho os nomes dos redatores: Silveira Carvalho e Batista de Medeiros. O nº 5, de 22 de maio, transformou a primeira página, circulada de vinhetas, numa “Homenagem à Pátria Livre”, aduzindo as palavras: “Trabalho, Civilização, Riqueza, Moralidade e Progresso”, seguidas de vivas às instituições e personalidades que contribuíram para a abolição da escravatura. Ainda figuraram, nas páginas de matéria hípcica, poesias cívicas de Teotônio Freire e J. Gonçalves Júnior.

A 31 de maio circulava o nº 6, sob a direção e redação única de Batista de Medeiros. Resolvera prosseguir a publi-

---

(1) Alfredo de Carvalho dera o nº 4, de 30 de maio, como tendo sido o último.

cação d'O **Sportman**, embora sem o apoio forte do jornalista Joaquim Cândido da Silveira Carvalho. Comprometia-se a dar notícias sucintas das corridas, "quer no Prado Pernambucano, quer nos outros que se estão preparando".

Entretanto, não foi mais além (**Bib. Púb. Est.**).

**HOMENS E LETTRAS — Revista Literária** — Saiu o primeiro número datado de abril de 1888, formato de 31x21, com oito páginas de três colunas, utilizando papel **couché**, trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**. Instalara-se a redação na Livraria Fluminense, à rua Barão da Vitória (atual rua Nova) nº 9. Assinaturas a 3\$000 por seis números, custando 1\$000 o exemplar.

Abriu a edição de estréia um artigo de Artur Orlando sobre Tobias Barreto, em que prestava homenagem "ao regenerador da literatura brasileira", e, centralizando a composição tipográfica, via-se enquadrada em fina vinheta, a figura do pensador sergipano, em fotografia colada ao papel.

Nas páginas restantes liam-se: "Algumas notas sobre a literatura da América do Norte", por Tobias Barreto; o poema "Abril", de Jaime de Seguíer; "Prova escrita de concurso", por José Izidoro Martins Júnior; "Simbolistas e decadentes", de Samuel Martins; "Folhetim", por **La Muse**; versos de Vitoriano Palhares, Claudino dos Santos e Martins Júnior, e algumas notas redacionais.

O nº 2 circulou em setembro, iniciando o texto um estudo biográfico de Vitoriano Palhares, por Afonso Olindense, tendo ao centro da primeira página a fotografia colada do biografado. Seguiram-se artigos de Martins Júnior, Henrique Martins e Samuel Martins; crônica-folhetim de Leovigildo; poesias de Bianor de Medeiros, Agostinho de Oliveira Júnior, além de transcrição de Guerra Junqueiro e a tradução "Um louco", sem assinatura (1).

Não prosseguiu a publicação do jornal (e não revista) redigido por penas tão ilustres (**Arq. Púb. Est.**).

---

(1) Os artigos de Tobias Barreto e Samuel Martins, do nº 1, deviam continuar na edição seguinte, mas permaneceram inacabados. Fato idêntico ocorreu no nº 2, com outro artigo do mesmo Samuel e com a tradução "Um louco".

**LOUROS E PALMAS** — Poliantéia dedicada à artista Luizita Palácios, circulou no dia 5 de maio de 1888, embora sem nenhum indicativo de data. Formato de 31x22, foi impressa em ótimo papel, com quatro páginas, na última das quais figurava, num quadrinho: “Homenagem de seus admiradores, no dia de sua festa artística”. Tôda a matéria constituiu-se de saudações, em prosa e verso, à “criança-artista” (**Bib. Púb. Est.**).

**O BRADO JUVENIL** — Jornalzinho “de crianças e para crianças”, a 80 réis o exemplar, cobrando 300 réis pela mensalidade, circulou pela primeira vez no dia 5 de maio de 1888, formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas.

Tendo como redatores e proprietários José Cândido de Barros e José de Oliveira, o primeiro dêles assinou o sucinto artigo de apresentação, declarando que sua fôlha tinha “por fim advogar as idéias sãs e que coadjuvem o desenvolvimento desta estremecida pátria”.

Constou sua matéria de notas leves, charadas e um folhetim, que ocupou o rodapé das quatro páginas, na altura de quatro centímetros (**Bib. Púb. Est.**).

Impresso na Tip. do Comércio, o nº 3 (1), datado de 4 de junho, divulgou colaboração, principalmente, de Joviano Monteiro e Deodoro dos Santos (**Bib. Nac.**).

**A ACADEMIA — Homenagem dos Estudantes de Direito e ao dia 13 de Maio** — Edição de 1888, teve curso alguns dias depois da grande data, impressa em papel de luxo, formato de 31x22, com quatro páginas. Lia-se sôbre o título: “Era moderna”, de um lado, e do outro: “Século XIX”. Comissão de redação: Bianor de Medeiros, Samuel Martins e Galdino Loreto, os quais assinaram notas sucintas de saudação à data, seguidos de mais 30 saudações, em prosa e verso, de Martins Júnior, Tobias Barreto, J. Tiago da Fonseca, Claudino dos Santos, Delfino de Paula, Pedro Nolasco Pereira da Cunha, Andrade Pinto, Sebastião Lobo e outros (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Para Alfredo de Carvalho, **O Brado Juvenil** havia ficado na edição de estréia.

O **ESFORÇO** — **Periódico Bimensal, Literário, Crítico e Noticioso** — Impresso na tipografia da rua das Flôres nº 24, 1º andar, apareceu no dia 15 de maio de 1888, formato de 30x21, com quatro páginas de três colunas. Propriedade “de uma Associação”, adotou o preço de 500 réis por assinatura mensal.

Declarou, em artigo de apresentação, não tomar parte “nas lutas mesquinhas dos partidos sem bandeira, que se revolvem no seio do país, cada qual mais prometendo ao povo, cada qual mais iludindo”; apoiaria as grandes idéias, “tratando das questões financeiras, econômicas e emigração; abriria páginas à literatura, ciências, artes, indústria e agricultura”.

Divulgando artigos sobre Direito, além da parte literária, variedades, noticiário e versos de Tasso e Samuel Farias, quando chegou ao nº 6, de 31 de julho, duplicou o formato, passando suas quatro páginas a ter três colunas largas e mais variedades, incluindo folhetim. Só, porém, no nº 9, de 20 de setembro, veio a constar do cabeçalho diretores e proprietários — Elpídio de Andrade, Samuel Farias e Andrade Júnior; cobrador — João Joaquim de Figueiredo.

Foram outros colaboradores: M. Furtado, Manuel do Sacramento, Manuel Monte Falco, H. Lima e S. J. Ribeiro de Sá (**Bib. Púb. Est.**).

Além dos exemplares manuseados, ainda ocorreram duas edições, a última das quais, o nº 11, registada pelo **Jornal do Recife** de 28 de outubro (1).

VICTORIA — Número único, circulou a 3 (1 A) de junho de 1888, como “homenagem dos habitantes da freguesia do Poço da Panela ao dr. José Mariano Carneiro da Cunha, em honra ao dia da vitória abolicionista de 13 de Maio”. Impresso na Tip. Universal, papel rôseo, formato de 37x27, com quatro páginas, a primeira envolveu num círculo os nomes dos líderes da abolição da escravatura. E, abaixo do título, lia-se: “Honra à Pátria! — Glória à Liberdade!”. O

---

(1) Alfredo de Carvalho só mencionou, na sua relação, o nº 1 d'O **Esforço**.

(1 A) Não no dia 2, como está nos “Anais” do autor citado.

assunto foi desenvolvido, nas páginas restantes, através de artigos de José Higino, A. Figueira, Martins Júnior, Cleodon de Aquino, José da Mata Cardim, J. Freitas, Pinto Guimarães Júnior, Elvira de Aquino, etc. (**Bib. Púb. Est.**).

**O CARA-DURA DOS SALÕES** — Achou-se “à venda êsse novíssimo livrinho de sortes para as noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, contendo versos, charadas, enigmas, biografias, contos, anedotas, anexins, sortes, cançonetas, jogos... e outras coisas mais”. Acrescentou a notícia: “Quem quiser um para divertir-se, vá à Livraria Francesa” (**Diario de Pernambuco**, 5.6.1888).

**RECIFE ILLUSTRADO** — **Periódico Literário, Crítico e Humorístico** — Publicação trimestral, divulgou-se o primeiro número no dia 10 de julho de 1888, formato de 30x20, com oito páginas, quatro das quais em litogravura. Impresso na **Tip. Industrial**, assinava-se a 3\$000 por trimestre e 1\$000 por mês, para a capital, ou 3\$100 e 1\$050, respectivamente, para fora. Redatores **Jack & Libolio** (na realidade, Joaquim Tiago Lopes da Fonseca e Artúnio Vieira); agente de cobranças — alferes José Matias Lopes da Fonseca. Administração à rua da Soledade nº 80.

A primeira página foi ocupada por artístico desenho a craion, de Libânio Amaral (autor das demais ilustrações), com a seguinte legenda: “Ao público pernambucano, o **Recife** pede benevolência e auxílio, prometendo, em compensação, fazer rir, etc., etc.”

Abrindo o texto, na segunda página, declarou que, além de fazer rir, se dedicava à crítica impessoal, sem individualizar ninguém; só individualizaria a virtude, fazendo-lhe justiça”.

A par de **charges** nas páginas centrais, apresentou lisonjeiro texto tipográfico, dentro do programa enunciado. Na última, figurou expressiva alegoria sôbre a abolição da escravatura, com a seguinte legenda: “A História relê em suas páginas a data que marca para nós a igualdade e a fraternidade”.

Decorreu a publicação com regularidade (o nº 3, com apenas quatro páginas, teve caráter especial, em favor da

Santa Casa) (1), inserindo sempre matéria interessante, em prosa e verso, de linguagem sadia, cheia de verve e sátira, sendo a principal colaboração assinada com pseudônimos, a saber: **Gar Rancho**, o das "Pantofonias", **Dr. Kri Kri**, com a seção "Tipos"; **Licínio**; **Albino**; **Junior**, o das "Silhouetas feminis", que não era outro senão Martins Júnior; **Zezé**; **Nemo** (como se ocultava Teotônio Freire); **Pacífico** (2), etc., que se iam revezando ou apareciam esporadicamente. Manteve torneios poéticos, com a participação de Júlio Pires, Cândido de Alencar, Costa Filho, Leônidas e Sá, Leovigildo Samuel e Gervásio Fioravanti, o último dos quais vencedor duas vezes seguidas, sendo as respectivas poesias inseridas na primeira pagina das edições de 20 de agosto e 11 de outubro, devidamente ilustradas.

As charges das páginas centrais eram constituídas de historietas em quadrinhos, focalizando costumes e fatos da vida comum, a sátira e a crítica casadas ao humorismo dos desenhos e das legendas. Nas páginas externas figuravam, em geral, retratos de personalidades das letras e das artes, ou tipos de rua, assinando-os os ilustradores Antônio Vera Cruz, Crispim Amaral e Livino Amaral.

O nº 13 apresentou, na página de frente, retratos, entre fôlhas de louro, das senhorinhas Delmira Costa, Maria Fragoso e Maria Coelho, numa homenagem "às primeiras bachareladas da Faculdade de Direito do Recife".

Terminado o ano com o nº 16, de 12 de dezembro, o nº 17 só apareceu a 22 de janeiro de 1889. As quatro páginas litográficas encheram-se de alegorias ao Ano Nôvo, a primeira das quais resumida na legenda a seguir:

"O Recife, empunhando o machado  
Do progresso, trabalha constante  
Para abrir êste ovo gigante,  
P'ra sair dentro dêle o saber,  
A ciência, as indústrias, as artes,  
Tudo quanto adianta à nação;  
Mas encontra esta interrogação:  
"Nosso povo aprendeu já a ler?"

---

(1) A edição especial foi datada de 6 de agosto de... 1887, consequência de erro tipográfico, pois circulou em 1888.

(2) **Pacífico** (não houve possibilidade de identificá-lo) foi o pioneiro das reportagens de reuniões na alta sociedade no Recife.

Prosseguiu a publicação, indene de alterações, mas sem ir muito adiante, atingindo o nº 20 a 21 de fevereiro do ano II (**Arq. Púb. Est.**).

Ainda chegou a ser divulgada outra edição do **Recife Ilustrado**, que cada dia mostrava “aperfeiçoar os seus trabalhos”, conforme o registo do **Diario de Pernambuco** de 21 de março de 1889.

JUANITA — Poliantéia dedicada à artista Juanita Palácios, editada pelo Clube que tinha seu nome, circulou a 14 de julho de 1888, dia do respectivo benefício no Circo Chileno. Pequeno formato de três colunas, com quatro páginas, figurou na primeira um retrato, a craion, da homenageada, desenho de Libânio Amaral e trabalho litográfico de Rodolfo Lima & Cia. As páginas restantes divulgaram saudações a Juanita, em prosa e verso, assinadas por diversos intelectuais (**Bib. Púb. Est.**).

NOVIDADES — **Fôlha Imparcial, Noticiosa e Literária** — Impressa na Tip. Econômica, à rua do Imperador nº 73, saiu o primeiro número a 14 de julho de 1888, em pequeno formato de três colunas, com quatro páginas. Assinava-se a 2\$000 por trimestre, para a cidade, e a 2\$100 para fora.

Sem ser político — dizia no editorial de apresentação — “analisará tôdas as questões que se agitarem no seio dos nossos partidos, com calma e desapaixoadamente”, obedecendo à divisa: “Imparcialidade e Justiça”.

Publicou-se semanalmente, até o nº 6 (1), datado de 27 de agosto, já impresso na Tip. Industrial. Sem anúncios, inseria matéria redacional variada, inclusive colaboração de L. Moreira de Azevedo, João Ribeiro, Ascendino de Albuquerque e outros com pseudônimos, mantendo as seções “De relance”, “Novas” e “A pedido”. Era cobrador Carlos de Carvalho.

Tendo circulado o nº 6 com ligeiro atraso, dizia a redação que o jornal passaria a circular nos dias 10, 20 e 30 de cada mês, o que não pôde efetivar-se (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Alfredo de Carvalho registara, unicamente, o nº 1.

**ESTRELA D'ALVA (1 A)** — Número único de 15 de julho de 1888, foi publicado em homenagem à menina Anita Palácios, de quatro anos de idade, por motivo do primeiro aniversário de sua "luminosa carreira" no Circo Chileno. A edição em aprêço constituiu uma retribuição ao festival do seu benefício, que a pequenina artista dedicara à imprensa, três dias antes. Impressa em papel azul, na tipografia do **Jornal do Recife**, com quatro páginas, formato de bolso, inseriu saudações ligeiras, em prosa e verso, assinadas por V. Cardoso, G. de A. M. P., X. C. e W., transcrevendo crônicas da imprensa diária a respeito do festival (**Bib. Púb. Est.**).

**BRADO PERNAMBUCANO — Órgão das Idéias Progressivas** — Apareceu a 12 de agosto de 1888, em substituição ao **Echo do Povo**, obedecendo às mesmas características e ao redator-proprietário Tomaz Cavalcanti da Silveira Lins. Mudara a redação para a rua D. Vital nº 25, estabelecendo que circularia em dias indeterminados.

A edição, única encontrada, a par de variada matéria redacional, teve a colaboração de Joaquim Elias d'A. Rêgo Barros, Marcelino dos Santos e Manuel do Sacramento (**Bib. Púb. Est.**).

Não ficou no primeiro número (1). Prosseguiu, regularmente registado pelo noticiário do **Jornal do Recife**, até o nº 8, êste focalizado na edição de 3 de novembro.

Viveu o **Brado Pernambucano** durante o período em que o outro estêve suspenso.

**O PHILARTISTA — Gazeta Musical** — Entrou em circulação a 1º de setembro de 1888, formato de 33x22, com quatro páginas. Trabalho gráfico, em papel couché, do Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias nº 34, destinava-se a sair bimensalmente. Tabela de assinaturas: Trimestre — 3\$000; mês — 1\$000; para o interior e províncias — 3\$100 e 1\$050, respectivamente. A partir do nº 2 foi excluída a parcela trimestral. A redação funcionava na rua Direita nº 3.

---

(1 A) Publicação omitida nos "Anais" do autor citado.

(1) Segundo os "Anais", o **Brado** ficara no nº 1.



Da primeira página constou artístico desenho, de Ephrém, em litogravura, envolvendo o título, uma lira, livro de músicas e paisagem de fundo, tendo ao lado o sonetinho "Ruínas!...". Nas duas do centro vinha o original musical da valsa "Amélia", autoria de Marcelino Cleto, sendo a última de matéria tipográfica.

"O presente jornal não se ocupará de política" — declarava o editorial de apresentação, acentuando, depois de outras considerações: "Apenas temos em vista fazer um pouco de arte, não somente como estímulo para novas provas na luta pela vida; mas ainda como ocasião de vivificar o espírito amortecido pelo estudo ou pelo ofício".

Iniciada a publicação tendo como diretores Ephrém & Cia., logo no segundo número mudou a direção, sendo um dos redatores Marcelino Cleto. Continuando o ritmo da estréia, cada página de frente era constituída de artística litogravura, a cargo de A. C. ou de Libânio Amaral, com a indicação da música (e respectivo autor), que infalivelmente ocupava as páginas centrais. Eram colaboradores da quarta página, revezando-se e substituindo-se: na Parte Musical — Misael Domingues, Maria Angélica da Cruz Ribeiro, Lourenço Tomaz da Silva, Marcelino Cleto, Alfredo Gama e Cláudio da Gama; na Parte Literária — Artúrio Vieira, Laura da Fonseca, França Pereira, Audifax Lima, Silvano Teles, Afonso Olindense, Teotônio Freire, etc.

Circulou **O Philartista**, ora quinzenal, ora mensalmente, até o nº 16, de 12 de junho de 1889, tendo sido o nº 14 dedicado à libertação da escravatura, desde a alegoria da capa, seguida do hino "13 de maio", por Marcelino Cleto, até a página de Literatura (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**). (1).

**A DISTRAÇÃO — Periódico Crítico, Literário e Imparcial** — Deu à luz o nº 1 no dia 15 de setembro de 1888, tendo como redator-chefe Martinho da Conceição. Com redação à rua do Imperador nº 73, anunciando cobrar 1\$400 pela assinatura trimestral, saiu com quatro páginas, formato de 30x20, a duas colunas de 16 cíceros.

---

(1) **D'O Philartista** só existem, na Biblioteca Pública do Estado, comprovantes dos ns. 1, 13 e 14.

Do artigo de apresentação constava: "...seu princípio — a moralidade; o seu guia — a imparcialidade; o seu fim — a literatura, e o seu passeio predileto — a crítica" (**Bib. Púb. Est.**).

Não ficou na edição de estréia (1). Circularam, ainda, os ns. 2 e 3, registados pelo **Jornal do Recife**, o último na edição de 16 de outubro.

A VERDADE — Órgão Imparcial — Saiu o primeiro número a 24 de setembro de 1888, impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 75, formato de 31x21, com quatro páginas, a duas colunas de composição de 16 cêntimos. Destinado a circular semanalmente, anunciou o preço de 40 réis por exemplar e o de 300 réis por assinatura mensal.

Ao que exprimiu o artigo de apresentação, seria uma trincheira de combate "da hipocrisia e do tartufismo, do embuste e do egoísmo dos nossos pseudos políticos", adiantando: "...mentem os conservadores, os liberais e os republicanos"; "mentira, mentira, mentira é o triângulo em que todos êstes Janos assentam o edifício da felicidade do povo".

Contra "o lema mentiroso" da política, opunha-se **A Verdade**, concluindo: "Só com a verdade e a justiça o povo saberá ter autonomia e valor; e só desta autonomia e dêste valor poderá brotar a frondosa árvore de sua felicidade".

Outros editoriais candentes, ligeiras crônicas de **Pestalozzi** e **Ranutho** (anagrama de Artúnio Vieira) e algum noticiário completaram a edição.

Seguiu-se a publicação com o mesmo desembaraço de linguagem desabusada, criticando atos da administração provincial e os "escândalos" do Hipódromo do Campo Grande, inclusive admitida a colaboração de **Danton**, **Argos**, **Arievi** (anagrama) e **Bocage Brasileiro**, êste com os sonetinhos satíricos "Brinquedos".

Chegado, porém, ao quarto número, de 15 de outubro, ficou suspenso. Só reapareceu — nº 1, ano II — a 7 de ja-

---

(1 A) Consta dos "Anais", apenas, o primeiro número.

neiro de 1889, quando declarou a redação que o afastamento “das lides da imprensa” se dera por “motivos imperiosos”. Continuará profligando o mal e aplaudindo o bem, onde quer que se manifestassem. De logo, deu boas vindas ao nôvo presidente da provincia, Inocêncio Marques de Araújo Gois Júnior, aconselhando-o a não seguir a pista de “des-cabalros” da administração Oliveira Andrade, o que constituiu o assunto principal do órgão durante o tempo todo.

T. A., O Solitário e Puf foram colaboradores novos, enquanto os poetas Ricardo Guimarães e Bianor de Medeiros contribuíam com sonetos, embora raros, para amenizar a parte política e as críticas ao Derby Clube.

Findou a existência d'A Verdade com o nº 7, ano II, a 26 de fevereiro (1) (Arq. Púb. Est.).

O ALBUM (1 A) — Publicação dedicada ao Conselheiro João Alfredo, em regozijo pela abolição da escravatura, caprichoso trabalho da “Encadernação Comercial”, de Manuel Miranda, situada à rua Duque de Caxias, noticiou-lhe o aparecimento o **Jornal do Recife**, edição de 4 de outubro de 1888, nos seguintes têrmos:

“É um rico album encadernado a pelúcia côr de grana-te, ornado com pontas e cantos de prata lavrada, tendo na parte superior da capa um cartão de ouro com a seguinte dedicatória: “Ao Exmo. Sr. Cons. João Alfredo Correia de Oliveira, os empregados da Alfândega de Pernambuco. Maio, 1888”. Diversas fôlhas contêm, em letras de fantasia, os nomes dos empregados e são enriquecidas com lindas aquare-las do sr. Teles Júnior. Além disso, lêem-se nelas conceitos, poesias e artigos apropriados ao fato que comemoram os ofertantes. Destaca-se, porém, a alegoria da primeira fôlha, que é belíssima”.

O ESTIMULO — Publicou-se a edição de estréia no dia 5 de outubro de 1888, formato de 30x20, com quatro páginas de duas colunas largas, constando do cabeçalho os slogans “Viver às claras” e “Ordem e Progresso”. Redação e direção de Artúnio Vieira, Teotônio Freire e Elísio de Melo. Escritório — rua de São José nº 29. Assinatura mensal — \$300.

---

(1) Circularam, como se vê (4+7), onze edições d'A Verdade, e não sete, como consta dos “Anais”.

(1 A) Não consta da relação dos “Anais”.

Tinha por “fim principal um estudo sério da nossa Instrução Pública, que tão malbaratada está”.

Sôbre o ensino primário e temas diversos, escreveram João C. de Melo Cabral, Elísio de Melo, Sérvulo Beda e Artúnio, êste com três produções, inclusive soneto e crônica de rodapé.

Em sua curta existência, o periódico obedeceu ao rumo traçado, acrescentando ao número de colaboradores Ovídio Filho, S. C. Ribeiro Júnior e Severino Marques.

Circularam, apenas, quatro edições, a última das quais datada de 21 de novembro (Arq. Pú. Est.).

A TESOURA — Propriedade de “uma associação” e “redação anônima”, saiu a lume no dia 27 de outubro de 1888, formato de 23x16, com quatro páginas.

No artigo de apresentação dizia-se disposta a cortar “tôdas as partes gangrenadas, ulcerosas e podres” do meio social, inculcando-se “o sustentáculo da dignidade dos cidadãos”.

Constava dos planos d'A **Tesoura** circular duas vêzes por semana, mas ficou mesmo na primeira edição (Bib. Pú. Est.).

O SPORT — Em formato médio, de quatro colunas e quatro páginas, circulou o primeiro número a 15 de dezembro de 1888, impresso na Tip. do Comércio, à rua do Imperador n° 43, com redação instalada à rua do Queimado (hoje, Duque de Caxias) n° 43. Propriedade e redação de Silveira de Carvalho, anunciou o preço de 5\$000 por assinatura anual.

Consoante o artigo-programa, seria “o noticiador severo” de tôdas as ocorrências que se dessem nos hipodromos, “com a finalidade que se impõe a tôda e qualquer missão jornalística”. Independente, teria também alguma literatura e uma seção de Variedades, “para amenizar um pouco o dissabor por que passe quem não tenha a vantagem de acertar no ganho dêste ou daquele animal”.

A publicação prosseguiu. Entretanto, só foi possível encontrar um segundo comprovante: a edição especial de 13 de

maio de 1889, cuja primeira página ostentou expressiva alegoria, trabalho da Litografia Miranda, obedecendo ao título "Homenagem do **Sport** ao dia 13 de maio", seguindo-se palavras de exaltação à data e seus heróis, entre palmas, faixas e o escudo da Monarquia (**Bib. Púb. Est.**).

1 8 8 9

**O LITTERATO — Periódico Crítico, Humorístico e Literário** — Saiu à luz da publicidade no dia 1 de fevereiro de 1889, formato de 23x16, com quatro páginas. Tendo como redatores Demóstenes de Olinda e Ernesto Lemos Duarte, ao qual se juntou, no segundo número, Eurico Vitruvius, visava a "entreter os leitores", sempre justiceiro e crítico quando fôsse preciso. Saindo quinzenalmente, assina-se a 1\$000 por trimestre.

Circularam nove edições, normalmente, inserindo matéria variada, dentro do programa, inclusive as secções "Ao correr do dia", por **Pilôto**; "Palmatoadas"; "Recreio" e outras, mais a colaboração de Samuel Farias, Artur Muniz, Artur Rabelo, Silveira Carvalho, Mário Chaves, etc. (1), além dos trabalhos, em prosa e verso, dos fecundos redatores.

O nº 9, que foi o último, publicou-se a 1º de junho. Impressão da tipografia recém-instalada à rua Conde da Boa Vista nº 24-K, a princípio, e, depois, da Tip. Parisiense, no Pátio do Carmo nº 28 (**Bib. Púb. Est.**).

**O CAPETINHA — Periódico Crítico e Pilhérico** — De "redação anônima", propriedade de F. Moreira da Cruz e J. Gonzaga, circulou pela primeira vez a 15 de fevereiro de 1889, para vender-se a 20 réis cada exemplar, saindo trissemanalmente. Redação à rua das Pernambucanas nº 6.

Divulgando matéria leve, em prosa e verso, o pequeno jornal só existiu até o nº 5, datado de 25 do mesmo mês (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Em artigo sob o título "Demóstenes de Olinda", inserto n.º **Progresso**, de Palmares, edição de 30 de agosto de 1900, afirmou José Lima ter participado do grupo que fundou **O Litterato**.

**O GLOBINHO — Saudação ao Carnaval de 1889** — Impresso na Tipografia do Comércio, circulou a 3 de março, formato acima de médio, com quatro páginas. Apresentou editorial pouco carnavalesco, notas ligeiras e anedotas, tudo na primeira, enchendo as restantes grandes anúncios das três firmas que o editaram: Fábricas Melo — Biset, Globo e Nova Hamburgo (**Bib. Púb. Est.**).

**JORNAL DO MIRANDA — Dedicado à Troça sem ... Traços** — Edição carnavalesca, saiu a lume no dia 3 de março de 1889, em formato de 22x16, com quatro páginas. Propriedade da Litografia, Tipografia e Encadernação Miranda, situada à rua Duque de Caxias nº 39. Bem redigido, boa verve, ilustrado de vinhetas alusivas, serviu de propaganda da firma, distribuindo-se gratuitamente. Tiragem declarada: 5.000 exemplares (**Bib. Púb. Est.**).

**SPORT PERNAMBUCANO** — Número único, editado pela associação do mesmo nome, publicou-se a 3 de março de 1889, formato de 30x22, com quatro páginas.

O editorial de apresentação, assinado por Filipe Cruz, versou sobre a exibição do “célebre Club Carnavalesco Sport Pernambucano”. Inseriu matéria alusiva ao tríduo de Momo, à base da sátira e do epigrama em prosa e verso (**Bib. Púb. Est.**).

**O CARNAVAL — Jornal Humorístico sob a direção do Clube Carnavalesco Cavalheiros da Época** — Circulou datado de 3 e 5 de março de 1889, formato médio, quatro colunas, comportando bastante matéria dedicada ao período de Momo. Exibia, sobre o título, os slogans “Século das luzes” e “Era hodierna”, constando do expediente: “Assina-se de graça no meio da rua sem número — São assinantes todos aqueles que o quiserem ler”. Não faltaram, de permeio às notas de crítica e aos versos chistosos, vinhetas alusivas (**Bib. Púb. Est.**).

**O BEIJA-FLOR — Periódico Crítico e Joco-Sério** — Propriedade “de uma Associação”, apareceu a 18 de março de 1889, declarando, em editorial assinado por Manuel do Sacramento, ser imparcial em política. Com redação à rua Visconde de Albuquerque nº 44, pretendia publicar-se trissemanalmente, ao preço de 20 réis por exemplar e de 500 réis pela assinatura trimestral. Bem apresentado gráfica-

mente, formato de 22x16, com quatro páginas, teve a colaboração, em prosa, de Demóstenes de Olinda e Filipe Cruz, e em versos, de M. S., **Dr. Mequetrefe** e A. P. Não há notícia de ter prosseguido (**Bib. Púb. Est.**).

**A MÃO OCCULTA — Crítico e Recreativo** — Publicou-se pela primeira vez a 22 de março de 1889, tendo como editores-responsáveis J. de Sousa e Guilhermino de Aragão (1). Formato pequeno, com quatro páginas, anunciou o seguinte programa: “Literatura, poesias, charadas e miscelâneas”.

Nas três únicas edições dadas a público, teve como matéria principal as seções “Mão armada”, “Mão de poesias”, “Mão de pêlo e mão foveira”, “Mão de Novas” e “Mão de charadas”.

O nº 3 circulou no dia 6 de abril (2) (**Bib. Púb. Est.**).

**VINTE E CINCO DE MARÇO** — Edição única, circulou em 1889, da data do título, formato médio, com quatro páginas de quatro colunas. Na primeira, lia-se: “Preito da União Acadêmica Cearense ao Quinto Aniversário da Abolição dos Escravos no Ceará. **Pátria — Liberdade**. Primeiro ano da redenção dos escravos no Brasil”. Abaixo, sob os títulos “Fatores do Abolicionismo” e “Batalhão da Vanguarda do Abolicionismo Brasileiro”, respectivamente, vinham duas listas de nomes de pessoas homenageadas.

As três outras páginas divulgaram matéria alusiva, constante de artigos, todos assinados por intelectuais cearenses, a começar por Clóvis Bevilaqua (**Bib. Púb. Est.**).

**A RENOVAÇÃO — Revista de Literatura, Comércio, Artes e Indústria** — Apareceu no dia 16 de abril de 1889, formato de 32x23, de três colunas, pretendendo circular semanalmente, ao preço mensal de \$500. Tendo como proprietário Manuel Bernardino Ramos, era redator principal Felício Buarque.

---

(1) Não “de Andrade”, como está nos Anais.

(2) O livro de Alfredo de Carvalho registara o nº 2, de 29 de março, como tendo sido o último.

Advogaria, segundo o artigo-programa, “princípios de progresso”, discutindo, “à luz da neutralidade e da razão, tôdas as questões de interêsse geral que se agitam na esfera político-administrativa”. Seria “uma tribuna de consciência” onde tôdas as idéias justas encontrariam apoio, concorrendo, “com seu contingente, para a prosperidade da pátria”.

Divulgou produções de Licínio de Macedo, Teotônio Freire, França Pereira, Felício Buarque, J. de Macedo França, Lanciotto de Rimini e Semogerdna, ou seja, Feliciano André Gomes, que escreveu sôbre “As artes”. Não teve anúncios.

Ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

**O CARA MOLE — Periódico Crítico e Caricato** — Publicação trissemanal das segundas, quartas e sextas-feiras, a 20 réis o exemplar, surgiu no dia 24 de abril de 1889, tendo como redator-responsável João Dez. Sob o título aparecia uma caricatura alusiva, ladeada, à esquerda e à direita, pelas duas quadras seguintes:

“**Cara Dura (1)** já morreu,  
Já deu conta a Satanaz;  
Pagou todo desafôro  
O patife Ferrabraz.

Eis aqui **O Cara Mole**,  
Amigo do verdadeiro,  
Pronto sempre a fazer guerra  
Ao safado, ao tribofeiro”.

Com redação na Travessa do Falcão, circulou regularmente, divulgando notas humorísticas e trepações, fatos escandalosos, uma ou outra ilustração em xilogravura, tendo como colaboradores principais **Francisco Manuel João, Reivax e O Olho Vivo**. De formato pequeno (22x16), tendo quatro páginas, veio a aumentar poucos centímetros depois do nº 6. E prosseguiu, com autênticas pasquinadas, até o nº 25, datado de 12 de junho (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Referência a um jornalesco do mesmo quilate, da Vitória-de-Santo Antão, que circulara em fins de 1886.



O PANDEGO — **Periódico Crítico** — Muito fraco e mal feito, circulou a 25 de abril de 1889, formato de bolso, com quatro páginas. Pretendia aparecer semanalmente, mas ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

A RONCA — **Jornal Crítico, Literário e Noticioso** — Deu à luz sua primeira edição no dia 27 de abril de 1889, formato de 22x14, com quatro páginas de duas colunas, tendo como proprietário Eleutério Escobar. Pouco expressivo, quase repleto de anúncios, ainda assim circulou regularmente, cada semana.

A partir do sexto número, porém, datado de 22 de junho, acrescentou ao cabeçalho: “Órgão republicano”, aparecendo com o formato ligeiramente aumentado. A primeira página dessa edição, circulada de vinhetas, trazia o seguinte, em tipos fortes: “Homenagem ao distinto republicano dr. Silva Jardim — 22 de Junho de 1889”.

Lia-se no pequeno editorial, iniciando o texto, que o jornal se tornara republicano declarado devido à “depravação de um governo imoral como o que dirige os nossos destinos”. E concluiu: “A **Ronca** tudo envidará para ser um veneno terrível para a vida, já de si morta, da monarquia brasileira”.

Intelectualmente melhorado, passou a inserir, além de comentários redacionais, colaboração literária de **Ranuito** (Artúnio Vieira), J. G. (Júlio Guilherme), Amaro Pessoa e outros.

Na edição de 29 de julho, declarava uma nota que a aparição do décimo número d’**A Ronca** constituia um índice de progresso, pois aumentara novamente de formato (três colunas) e esperava crescer mais. O proprietário, não tendo ainda escritório, podia ser encontrado à rua Barão da Vitória n<sup>o</sup> 30, às 9 e às 17½ horas. Só então divulgou o preço do exemplar — 60 réis.

Vinha publicando mais de duas páginas de anúncios. Foram novos colaboradores: Alvaro Leitão, E. Santos e Manuel do Sacramento.

Não se concretizaram as esperanças do proprietário e o periódico, ao invés de crescer, findou-se com o n<sup>o</sup> 11, que circulou no dia 10 de agosto (**Bib. Púb. Est.**).

**A REACÇÃO — Revista Crítica e Literária** — Propriedade de “de uma associação”, deu à luz o nº 1 no dia 5 de maio de 1889. Publicação semanal, apresentou-se no formato de 32x23, com quatro páginas a duas colunas de 16 cíceros, assinando-se a 1\$500 por trimestre. Tinha redação à rua do Imperador nº 54, 3º andar.

Lia-se, no artigo-programa, que o seu aparecimento constituía uma reacção contra o “marasmo profundo” do espírito público.

Contou com a colaboração literária de Prado Sampaio, Tomé Gibson (poesia), Machado Dias, Alberto Dias, Braz de Melo, Cruz Saldanha e Courber-Lamarais, além de notas literárias e variedades.

A Reacção viveu até 25 de maio, quando circulou o nº 3 (1) (Bib. Púb. Est.).

A ACADEMIA — Edição única, de 13 de maio de 1889, publicou-se em formato de 32x23, com quatro páginas, a duas colunas de 16 cíceros, impressa em bom papel, na Tip. Econômica.

Além do cabeçalho, a primeira página ostentou, em tipos fortes, a seguinte dedicatória, encimada pelo emblema da República: “Homenagem dos Estudantes de Direito ao dia 13 de maio, primeiro aniversário da Redenção dos Cativos”.

As páginas restantes inseriam produções de Clóvis Bevilacqua, José de Castro e Silva, José Nogueira Filho, Moraes Pinheiro, J. Pacifico dos Santos, P. Landim, F. de Sá e outros (Bib. Púb. Est.).

**REVISTA DO NORTE — Jornal acadêmico** — Declarando-se quinzenário, circulou, pela primeira vez, a 7 de junho de 1889, com seis páginas, formato de 31x21, a três colunas de composição. Eram redatores-proprietários: Jesuino Lustosa, Antônio Costa, José Eusébio, Artur Lemos, Leônidas e Sá e Enéas Martins. Impressão, em papel superior, da Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 75. Assinava-se a 2\$000 trimestrais.

---

(1) Alfredo de Carvalho registara o nº 1 como “último”.

Iniciando com a frase “Esta redação não é solidária em matéria política ou religiosa”, escreveu a redação, sob o título “Razão de ordem”, depois de outras considerações:

“A criação dêste periódico não é nem pode ser um fato isolado e sem nenhuma significação. No meio do estagnamento geral por que passa a nossa Academia, onde, não raro, são esmagadas as nossas melhores inteligências sob o pêso da irresponsabilidade coletiva, estamos certos, o nosso aparecimento significará, senão um acontecimento, pelo menos um protesto em ação”. E mais: “...sobra-nos a satisfação de não pertencermos ao número daqueles que sentem eterna e palpitante a decadência da vida intelectual de nossa escola”. “É esta a nossa crença, criando esta tribuna, com franca colaboração, para todos os nossos colegas”.

O nº 2, datado de 2 de julho, com oito páginas, apresentou a primeira circulada de tarja, ao centro da qual lia-se em tipo negrito, corpo 20: “Homenagem da **Revista do Norte** à memória do Grande Mestre Tobias Barreto de Meneses”. Ao alto, as últimas palavras do extinto: “Tudo tem a sua lógica, até a morte!”, e, ao pé, com a assinatura de Virgílio: “..... **Solatia luctus/ Exigua ingentis**”. Seguiu-se, abrindo o texto, o necrológio, por Artur Lemos, que assim terminou: “Bôa noite, Mestre!”

Ocorreu o terceiro (1) e último número a 14 de julho, novamente com seis páginas.

Constituiu-se a matéria do periódico de artigos, mais longos do que concisos, e poesias dos redatores e dos colaboradores Alberto Dias, **Bahia**, Carlos Leitão, **Petit** e **Jeca**, o cronista (**Arq. Púb. Est.**).

O **PROPHETA — Livro de Sortes** — Entrou em circulação, editado pela Livraria Contemporânea, de Ramiro Costa & Cia., para as noites festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro, nitidamente impresso e dividido em três partes. “A primeira contém uma variada coleção de sortes em versos; a segunda consta de jogos de cartas e de sociedade, como sejam: penitências para resgate de prendas e uma tabela do grau de veracidade ou falsidade dos sonhos e adivinhações das idades; a terceira compõe-se de uma coleção de receita para doces” (**O Norte**, diário, 11.6.1889).

---

(1) A relação dos “Anais” aludiu, apenas ao nº 1 da **Revista do Norte**.

NICAULA, RAINHA DE SABÁ — Foi editado por João W. de Medeiros, da Livraria Francesa e aí pôsto à venda. Cada exemplar continha, “além de grande número de sortes em versos, uma coleção de charadas, enigmas, logogrifos, fábulas, modinhas, recitativos, jogos de sociedade, etc.” (O Norte, 12.6.1889).

O BENDENGÓ — “Assim se denominou um nôvo livro de sortes”, dedicado aos festejos juninos e pôsto à venda em diversas livrarias da cidade (O Norte, 14.6.1889).

O CLARIM — Número único, de 16 de junho de 1889, surgiu como “mensagem do Clube Republicano Acadêmico ao denodado propugnador de nossa liberdade política — dr. Antônio da Silva Jardim, em sua chegada ao Recife”. Constava, ainda, do cabeçalho: “**Macte animo**” — “**Eripuit coelo fulmen sceptrumque tyrannis**” — “Centenário da Revolução Francesa”.

Impresso em papel-cartolina, de côr, apresentou-se em formato de 45x31, com quatro páginas. Da primeira constou, apenas, — composição de uma coluna, localizada no centro — a poesia “As armas!”, de **Tyrtaios**, em seis sextilhas, abrindo-a e encerrando-a a seguinte:

“As armas, republicanos!  
As armas contra a Coroa!  
De tambores, de cornetas,  
Tremendo rebate soa!  
As armas, republicanos!  
As armas contra a Coroa!”

As páginas restantes constituíram-se de artigos a respeito da pregação de Silva Jardim, da necessidade da implantação da República e de repúdio a Gastão de Orleans e ao pretendido terceiro reinado, assinando-os Amaro Rabelo Júnior, Ferreira Teixeira (paraense), Plácido de Andrade, E. Martins, Braz de Melo e outros (Arq. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.).

O TRIBOFE — Periódico Humorístico e Recreativo — Redigido por Manuel do Sacramento e João Gonzaga, circulou no dia 22 de junho de 1889, com quatro páginas, for-

mato de 23x16 e redação à rua da Penha nº 1. Pretendia sair em dias indeterminados, custando 20 réis o exemplar. Matéria leve, de acôrdo com o enunciado no título, porém mal impresso. Ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

**O PORVIR — Fôlha Crítica e Literária** — Fundada para circular quinzenalmente, apareceu no dia 25 de junho de 1889, com quatro páginas de duas colunas a 15 cíceros. Impressa na Tip. d' **O Rebate**, tinha como redatores Pedro Martins Costa e Joaquim Ribeiro Dantas, anunciando o preço de 300 réis por mensalidade, mas 500 réis para fora da capital.

Segundo o seu editorial de apresentação, não seria órgão político, pretendendo sòmente “defender os que trabalharam em favor do nosso torrão e declarar guerra aberta aos amigos da pança cheia”. Adiantou o articulista: “Qualquer descompostura aos redatores desta fôlha não será publicada, ainda que haja espaço”.

Divulgou perfis, histórias, quadros, pilhérias e um conto de **Miss Gray**. Não consta que houvesse prosseguido (**Bib. Púb. Est.**).

**O OBREIRO — Periódico Bissemanal** — Bem redigido e de ótima feição gráfica, impresso na Tip. d' **O Norte**, Cais 22 de Novembro ns. 58/60, iniciou sua circulação a 1º de julho de 1889, formato de quatro colunas, com quatro páginas. Propriedade “de uma Associação”, exibiu, de cada lado do título, o mesmo lema: “Deus — Pátria — Família”. Preço do exemplar — 100 réis.

Abrindo a primeira página, lia-se: “**O Obreiro** não precisa de especular com a política. Não é ateu. Adora a família. E ama à Pátria. Como obreiro, trabalha; e o seu labor consiste em combater tudo quanto seja contrário ao seu lema”. Seguiu-se o editorial alusivo.

A edição divulgou matéria variada, transcrições, inclusive folhetim, anedotas e máximas. Prosa e verso de **Zaoux** foi a única colaboração original.

Não ficou no primeiro número (1). O terceiro saiu a 10 de julho, sugerindo, em editorial, a “instituição de com-

---

(1) A. de Carvalho aludira, apenas, nos “Anais”, ao primeiro número, fazendo-o, aliás, interrogativamente.

panhias de seguro contra as insolvabilidades e suspensões de pagamento”. Dêse mesmo número publicaram-se duas edições diferentes: uma nitidamente impressa em papel superior, a 100 réis o exemplar, e outra popular, contendo o mesmo texto, a 40 réis.

Ficou no nº 3 (**Bib. Púb. Est.**).

**O COMBATE — Órgão Republicano Joco-Sério** — Com redação à rua Visconde de Albuquerque nº 44, saiu a lume no dia 6 de julho de 1889, formato pequeno, com quatro páginas, para vender-se o exemplar a 20 réis. Sob o título, ao lado de uma vinheta simbólica, vinha a divisa: “Franqueza, Justiça e Verdade”. Tendo como redatores... “diversos”, pretendia circular em dias indeterminados.

“...embora fraco lutador — dizia o artigo-programa — também se propõe, com o seu diminuto contingente, a concorrer para a edificação do abençoado templo da liberdade”. Após inserir notas políticas diversas, encerrou a edição com as “Pilhérias”, sem assinatura.

Publicou-se, pelo menos, mais um número (1), datado de 10 de julho, já a redação transferida para a rua Estreita do Rosário nº 4, 2º andar (**Bib. Púb. Est.**).

**O CLARIM (1 A)** — Número único de 22 de julho de 1889, apresentou-se com o sub-título “Centenário da Revolução Francesa” e, aos lados do cabeçalho, os seguintes conceitos, em latim: “**Macte animo**” e “**Eripuit coelo fulmen sceptrumque tyrannis**”. Com quatro páginas de tamanho regular, a primeira divulgou somente, ao centro, o poema “As armas!”, constante de seis sextilhas. Nas demais, escreveram, em prosa, sobre a data: Amaro Rabelo Júnior, Ferreira Teixeira, Plácido de Andrade, E. Martins, Paulo Silveira, Paulo Pessoa, Inácio Nóbrega, Braz de Melo, Alípio Sales, Cruz Saldanha, A. V. Barreto, Alberto Magno da Rocha e Valdemiro Cavalcanti (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Dos “Anais” só consta a existência do nº 1, seguido de interrogação.

(1 A) Omitido na referida obra de Alfredo de Carvalho. Com diferente objetivo, é uma quase total reprodução d’**O Clarim** de 16 de junho. páginas atrás estudado.

**IMPERIO DO BRASIL (1 A)** — Número único, circulou a 29 de julho de 1889, em “homenagem ao faustoso natalício de Isabel, a redentora, virtuosíssima Princesa Imperial”. Formato médio, impresso em papel especial, a primeira página exibiu artístico desenho a craion, nêle aparecendo, emoldurado, o retrato da princesa, ladeado de frases e datas, trabalho da Litografia Epaminondas & Krause. Nas três páginas restantes liam-se produções originais, sôbre a data, assinadas por Antônio Gomes Pereira Júnior, José Mariano, Batista de Medeiros, João Barreto de Meneses, Joaquim Nabuco, Carneiro Vilela e outros (**Bib. Pú. Est.**).

**REVISTA SPORTIVA** — Destinada a circular aos sábados, o nº 1 saiu a lume no dia 3 de agosto de 1889, formato de 45x31, com quatro páginas de quatro colunas. Propriedade de Manuel Lira, imprimiu-se na tipografia do **Jornal do Recife**, sendo a redação e administração instaladas na rua do Imperador nº 39. Tabela de assinaturas: ano — 6\$000; semestre — 4\$000. Preço do exemplar — \$100. Do cabeçalho constava um desenho representando a arquibancada do Derbi do Prado e a pista de corridas com cavalos em disparada.

A nota de abertura aludiu ao “recente desaparecimento d’**O Sport**” e à necessidade da manutenção de uma fôlha dêsse gênero. Do seu programa constava, como pontos essenciais: notificar, exata e circunstanciadamente, os “fatos mais salientes do mundo sportivo; guiar os apostadores” e, sobretudo, “salientar a conveniência da moralidade das corridas” (**Bib. Pú. Est.**).

Não obstante a carência de coleção completa, a publicação atingiu o nº 14 (1) no dia 31 de outubro, concluindo-se daí haver circulado com regularidade, cada semana. Matéria única: noticiário das corridas do Prado Pernambucano e boa messe de anúncios (**Bib. Nac.**).

**A ELEIÇÃO — Jornal Único** — Saiu a lume no dia 31 de agosto de 1889, sendo impresso na tipografia d’**A Província**, com quatro páginas, formato de 32x23, mas com demasiadas margens em branco. Véspera de disputado pleito elei-

---

(1) Essa poliantéia figura, nos “Anais”, sob o título: 22 de Julho de 1889”.

(1) Alfredo de Carvalho mencionara, apenas, o nº 1.

toral, fêz a propaganda das candidaturas de José Mariano e Joaquim Nabuco, através de artigos e notas ligeiras, recomendando-os à deputação geral, tudo sem assinatura.

Arrematou a edição a nota a seguir: “**Um abraço** — Os redatores d’**A Eleição** despede-se (sic) do público pernambucano e garante (sic) o majestoso triunfo de Joaquim Nabuco e José Mariano. Mil parabens à liberdade” (**Bib. Púb. Est.**).

**BYSTORYL — Crítico e Recreativo** — Circulou pela primeira vez, que foi também a última, no dia 22 de setembro de 1889, formato de 23x16, com quatro páginas. Apolítico e variado, divulgou colaboração de Rangel Sobrinho e outros assinados com pseudônimos. Leitura leve e agradável (**Bib. Púb. Est.**).

**O DEZENOVE DE SETEMBRO** — Edição única, de 19 de outubro de 1889, trigésimo dia do falecimento do poeta português Ricardo Ribeiro Guimarães, assassinado, no Recife (1), quando defendia as idéias republicanas, saiu com quatro páginas de três colunas largas. Trabalho gráfico da oficina do diário **O Norte**.

Apresentou, de frente, pequena fotografia do extinto, superposta, no centro da página, constando a matéria, tôda alusiva, de notas biográficas, artigos de Carlos Falcão e França Pereira, os versos “Lira maligna”, de **Nemo** (pseudônimo de Teotônio Freire), e sonetos póstumos de Ricardo Guimarães. Além do que, tôda a quarta página foi ocupada pelo poema que êle declamara, da varanda do Gabinete Português de Leitura, no dia 13 de junho de 1888, trigésimo da abolição da escravatura (**Bib. Púb. Est., Bib. do Inst. Arq. e Bib. Nac.**).

**O ALBACORA** — Periódico humorístico, publicou-se o primeiro (e último) número a 21 de outubro de 1889, com quatro páginas de duas colunas a 16 cíceros. Sob o título trazia a vinheta de uma cabeça de cavalo, ladeada pelas sentenças: “Quem não quiser barulho com jacaré tire o covo

---

(1) O assassinio teve enorme repercussão, inclusive na imprensa do Rio de Janeiro (Gb), onde a famosa **Revista Illustrada**, de Ângelo Agostini, lhe dedicou (edição de 12.10.1889) tôda uma página ilustrada, em litogravura, tendo ao centro artístico retrato de Ricardo Guimarães.



d'água" e "Caranguejo por causa da cabeça perdeu o camarada". Dava o nome do major Antônio Afonso Leal como redator principal. Colaboração de Virgílio Garapa, Dr. Virgílio Mel Com Água, Dr. Badu e Paulo Pacha. A última matéria terminou com a palavra "continua". Mas ficou sem continuar (Bib. Púb. Est.).

**SILVA JARDIM — Homenagem ao Denodado Propagandista** — Saiu a 30 de outubro de 1889, em formato pequeno de duas colunas. Sobre o título, lia-se "Número Único — Era Moderna". Suas quatro páginas foram assim divididas: 1a. — poesia de Teotônio Freire; 2a. e 3a. terminando na 4a. — biografia do famoso republicano, pelo Dr. R. de Sá Vale; ainda na 4a. — Hino da República Brasileira, da autoria de Medeiros e Albuquerque (Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.).

O **CLARIM** — Curioso jornal — todo redigido em versos, principalmente por Teotônio Freire, até mesmo os anúncios, localizados na última página — apareceu a 1º de novembro de 1889. Formato de 37x23, com quatro páginas. Do programa, em oito quadras de alexandrinos, constava:

"Pretendo reformar os tábidos costumes  
E a imprensa tornar uma sujeita séria".

A maioria dos versos, sob títulos diferentes, não teve assinatura. Foram colaboradores: Grabb, Mme. Raflaflá e Dr. Vil'nella Careiro. Não prosseguiu. (Bib. Púb. Est.).

O **MÉDICO DO POVO** — Órgão de Propaganda Homeopática — Surgiu a 11 de novembro de 1889, impresso na tipografia da rua das Flores nº 3, formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas. Sob o título figuravam as frases latinas: "Similia similibus curantur" e "Res non verba" Propriedade da Farmacia, Laboratório e Consultório Homeopático do Dr. João Sabino de Lima Pinho.

Em vez de traçar programa, o artigo de abertura ocupou-se do valor da Homeopatia, seguindo-se-lhe comentários outros e notas de propaganda. Um suelto focalizou o "Agitador Dinâmico, inventado pelo Dr. Sabino, "melhoramento notavelmente poderoso da arte farmacêutica" (Bib. Púb. Est.).

Não existem outros comprovantes; mas Alfredo de Carvalho registou, nos "Anais", que "a publicação continuava ainda em meados de 1892".

**O DESCRENTE** — Jornal apolítico, empenhado em "respeitar a dignidade e proteger aos fracos", circulou a 14 de novembro de 1889 o nº 1, em pequeno formato, com quatro páginas. Sob o título, o clichê de um indivíduo bem trajado, de bengala e chapéu alto, ladeado por quatro quadras humorísticas, a primeira e a última das quais vão aqui transcritas:

"Quem for tôlo que se iluda  
Com promessas e coisas tais;  
Cá por mim já estou descrente  
Dos figurões atuais".

"Por semana duas vezes  
Na rua me hão de ver, .....  
Sempre em favor do oprimido,  
Sempre o fraco a defender".

Os redatores eram "diversos", e custava o exemplar 200 réis.

O editorial de apresentação, depois de homenagear a memória de Maciel Pinheiro, reafirmou o seu "fim principal e único", que era: "curar dos interesses do povo", sobretudo "daquela parte soffredora e que vive atrofiada sob a pressão dos grandes...".

Inseriu matéria ligeira, em prosa e verso, de caráter satírico-humorístico, sem nenhuma assinatura. Para o segundo número, anunciou nova seção: "Nas asas de Cupido".

Não há indício, todavia, de que tenha voltado a publicar-se (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

**A REVOLUÇÃO** — **Órgão Republicano Moderado** — Impresso na Tip. Comercial, Patio do Carmo nº 28, apareceu a 21 de novembro de 1889, formato acima de médio, cinco colunas de composição, com bastante matéria. Preço do exemplar — 60 réis. Redator — João Clodoaldo Monteiro Lopes.

Divulgou artigos sôbre a República, assinados por Eurico Vitrúvio ou sem assinatura; notas de crítica, noticiário, a "Seção alegre", por **Fanderno** (pseudônimo de Fernando Barroca); "Novidades", "Papéis Velhos", "Grandes crimes", em transcrição, e o "Cofre de pérolas", com sonetos de Gomes Leal e Luiz G. Júnior. Nenhum anúncio.

Não foi possível comprovar se a publicação prosseguiu (**Bib. Púb. Est.**).

**MACIEL PINHEIRO** — Poliantéia em homenagem à memória de Luiz Ferreira Maciel Pinheiro, circulou a 28 de novembro de 1889, dezanove dias após seu falecimento. Impressa na tipografia d'O Norte, em bom formato, com quatro páginas de quatro colunas, trazia aos lados do título: "Viver para outrem" e "Ordem e progresso", e abaixo: "**En vain l'injuste violence — Ao peuple qui le louc imposerait silence: — Son nom ne périra jamais!**".

Foi publicado por uma comissão constituída de Carlos Falcão, André M. Pinheiro, Alfredo Varela, J. Fernandes Lopes, Argemiro Falcão, Victor M. Lopes e Cassiano Lopes, que escreveram, afora outros colaboradores, em prosa e verso, sôbre a personalidade do extinto (**Bib. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.**).

**O TRIBUNO** — Apareceu (nº 1, ano I), a 8 de dezembro de 1889, em pequeno formato de duas colunas, com quatro páginas, para ser vendido o exemplar a 40 réis. Lia-se no cabeçalho: "Redatores — Diversos", mas o estilo denunciava a redação única do fecundo e virulento jornalista Fortunato Pinheiro, em cuja tipografia foi impresso. Tinha um só objetivo: defender a personalidade do líder José Mariano Carneiro da Cunha, então em ostracismo político, frisando, num dos comentários: "José Mariano não caiu, porque os grandes homens não caem" (1).

Noutro comentário, declarava **O Tribuno**: "No nosso gabinete de trabalho, havemos de trabalhar para a prosperidade da república brasileira, sem baixar a cabeça a alguém" (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Nos "Anais", de Alfredo de Carvalho, está assim registado **O Tribuno**: "Número 1º e único — Pasquim de Fortunato Pinheiro contra (?) o dr. José Mariano Carneiro da Cunha".

O pequeno órgão deu outra edição a 12 de dezembro, conforme se depreende da carta, dessa data, assinada por Fortunato Pinheiro, inserta na edição d'A **Província**, do dia seguinte, e abaixo transcrita:

“Em pleno domínio e em plena praça pública, a polícia ataca covardemente a liberdade de imprensa. Declaro, solenemente, que sou o proprietário e redator d'O **Tribuno** e acabo de ser informado que a polícia tem rompido os números desse jornal de hoje. Nada mais posso acrescentar. Todo o meu crime é defender o dr. José Mariano, atacado hoje por meia dúzia de covardes incapazes de lambe-lhe os tacões das botas. Estou satisfeitíssimo com tudo isso. Já vi a obra da República em minha terra” (2).

A **LANCETA** — Jornal de crítica, humorismo e sátira política, surgiu no dia 11 de dezembro de 1889, formato de 31x22, com quatro páginas a três colunas de composição. Redação a cargo de Faelante da Câmara. Gerente — Francisco de Paula Mafra. Assinava-se a 1\$500 por trimestre: exemplar — 40 réis.

Pretendia, segundo o editorial de apresentação, “rasgar o tumor inchado da hipocrisia de alguns republicanos novos que vestem-se de farricoco, jejuam às sextas-feiras e são odres de falsidade e de egoísmo, transpirando inveja e cinismo pelos poros da casa” (deve ser “da cara”).

Embora não fôsse capaz “de cortar o nó gordio que a República possa encontrar”, tinha, em compensação, “a ponta bastante aguçada para cortar, de alto a baixo, à direita e à esquerda, as verrugas de alguns honradíssimos doutores”. E concluiu: “Em suma, A **Lanceta** não tem forças para criar, mas oferece-se para extrair; não planta a batata, mas deseja cortar a papoula dos pretensiosos; não pretende ser pura, mas tem por norma receitar salsaparilha aos que têm furúnculos”.

Impresso na oficina d'A **Província**, o bissemanário iria “aos poucos mostrando os pedacinhos de ouro da nova situação”. E como o fizesse, inicialmente, com grande dose de

---

(2) “Logo ao alvorecer da **liberdade** — escrevera Carlos de Laet, no **Jornal Pequeno** de 3.12.1904 — a polícia mandou rasgar todos os números d'A **Tribuna**, (aliás, O **Tribuno**), do Recife”.

sarcasmo, contra os membros da Junta Governativa, soldados de policia tomaram das mãos dos gazeteiros, rasgando-os, em plena rua, numerosos exemplares da primeira edição (1).

Assim começou o artigo de fundo do já temido jornal, em seu nº 2, do dia 14: “Nós somos, na imprensa, a coluna de Hércules ereta, inexpugnável. Não temos ódios, nem pretendemos tomar de assalto as posições heróicamente conquistadas, na República, pelo **Jornal do Recife** desde tempos imemoriais que se perdem de vista na caligem da História. A Deus o que é de Deus e ao sr. Ulisses Viana o que é de César”.

Seguiu **A Lanceta** seu programa, com quatro páginas repletas de matéria do melhor quilate, do editorial às notas ligeiras: do comentário ao “Dizem...” e aos versos amenos ou espinhosos, tudo em linguagem espirituosa, mesmo quando atacava personalidades da situação, mantendo-se em bulha constante com o **Diario de Pernambuco** e o **Jornal do Recife**.

Em sua edição de 11 de janeiro de 1890, protestou, em editorial, contra a censura à imprensa imposta pelo governo republicano, frisando: “**A Lanceta** não faz guerra ao governo, não trama contra as instituições vigentes; mas não deve deixar de erguer bem alto a sua voz contra o sistema da mordaca na imprensa, contra o regime da rolha para os jornalistas de talento e caráter”.

Tendo mudado de tipografia, a fôlha foi impressa em papel melhor, acetinado, a partir do nº 9. A matéria aparecia, geralmente, sem assinatura, salvo, de vez em quando, os pseudônimos de **Tesoura**, **Pedro Malazarte**, **Dr. Xim-binga**, **Batista**, **o Trocista**, **Busca-pé**, **Paff** e **Cabrion**. Manifestou-se, a redação, favorável ao decreto que separou a Igreja do Estado e contra os bancos emissores. Saudou, na edição de 12 de abril, o “ilustre chefe democrata” José Maria-

---

(1) **A Provincia**, de 12 de dezembro, verberou o procedimento da policia, que se dizia haver recebido ordem, para o rasga-rasga, emanada de Martins Júnior, primeiro chefe de policia de Pernambuco sob o regime republicano.

Anos decorridos, em artigo no **Jornal Pequeno** de 3 de dezembro de 1904, o escritor Carlos de Laet citava o caso d'**A Lanceta** (e d'**O Tribuna**), como prova do regime de violências contra a imprensa, iniciado com a República.

no, “que ressurgiu ao lume d’água na onda ruidosa da popularidade”, e fê-lo “intacto, invulnerável, dominando a multidão descomunal que encheu o Teatro Santa Isabel e transbordou pelos corredores, escadas e peristilo”.

O nº 41, de 10 de maio, saiu com atraso de alguns dias, porque o proprietário da tipografia lhe fechou às portas, sendo impresso em outra, situada à rua Dr. Epaminondas. E voltou ao papel comum. Nessa edição iniciava-se a seção “Da quarta ao sábado”. Não tinha trégua a campanha contra Martins Júnior, o “chefe dos violões”. Outros líderes situacionistas, à frente Albino Meira, já feito governador, mereceram críticas. Até Ruy Barbosa, ministro da Fazenda, conheceu-lhe a violência dos ataques.

A 28 de maio, longa nota narrou que a edição anterior fôra apreendida pela polícia. Mas “o sr. Faelente da Câmara, assumindo a responsabilidade d’A Lanceta, na hora em que ela, como Suzana, era vítima dos juizes, mostrou que felizmente ainda há, neste Estado, alguém que saiba protestar”. E concluiu: “Ela hoje tem o seu protetor, pronto a defendê-la, desprezando os seus cômodos, entregando-se à prisão antes que ela sofra qualquer sacrifício, voluntário da morte, se tanto fôr preciso. Ataquem-no, vinguem-se dêle, prendam-no, deportem-no, mas, por Deus!, não ofendam o pudor da pequenina Lanceta, que é uma menina donzela”.

Pouco depois, a 3 de junho, era Faelente da Câmara chamado à presença do chefe de polícia, o qual lhe advertiu a respeito de “um artigo injurioso ao ministro da Fazenda”, convidando-o a mudar de linguagem; não consentiria que A Lanceta continuasse “a atacar os membros do govêrno”, isto de acôrdo com recente decreto relativo à imprensa. Entretanto, o jornalista declarou que continuaria no seu pôsto, “até o momento em que fôsse coagido a abrir mão da pena pela fôrça” (2).

Com seu nº 54, de 9 de julho, mudando, novamente, de oficina, lia-se ao pé da última coluna da quarta página: “Tipografia d’A Lanceta”. Passou, então, a aceitar assinaturas, a 1\$500 por trimestre. E via-se, precedendo o editorial da primeira página, uma vinheta representada por alta montanha, ao cume da qual um homem assestava o binóculo.

---

(2) Artigo de Faelente da Câmara, publicado n’A Provincia de 5 de junho e reproduzido n’A Lanceta do dia 7.

Prosseguiu, sem mais alteração, o programa do sempre bem humorado periódico, cuja existência veio a terminar com o nº 61, datado de 2 de agosto de 1890 (**Bib. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.**).

**MARTINS JUNIOR** — Poliantéia datada de 14 de dezembro de 1889, circulou em formato médio, com quatro páginas de quatro colunas, sendo impressa na Tip. d'O Norte, em papel cetim creme. Sob o título, lia-se: "Tributo ao mérito" — "Centenário da Revolução francesa" — "Proclamação da República brasileira".

A matéria ficou assim dividida: 1a. página — "Salve!", poema, em tercetos, de Teotônio Freire; 2a. — "Escorço biográfico"; 3a. e 4a. — artigos e poesias da saudação a Martins Júnior, assinados por Alcibiades Peçanha, França Pereira, Felício Buarque, Olinto Victor, Sérgio Loreto, Bianor de Medeiros, Clóvis Beviláqua, Honório Silva, Alfredo Falcão, etc. (**Bib. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.**).

**A ERA NOVA (1)** — Número único, de 15 de dezembro de 1889, foi editado pela "mocidade comercial de Pernambuco". Com quatro páginas, formato médio, a primeira, cercada de vinhetas, constou do seguinte, em tipos fortes: "Homenagem ao Grande Dia da Pátria — 15.11.1889 — Ergue-te, mocidade comercial! — Assinala a tua adesão em um grito unisono: Viva a República Brasileira! — Viva a Pátria Livre! — Viva o Exército!". Sobre o evento republicano, escreveram, nas páginas restantes: França Pereira, Tito Lívio Soares, Oliveira Lima, Artúnio Vieira, Augusto Figueira, Spencer Neto, Cleodon de Aquino, Manuel J. de Santana Araújo, Teotônio Freire, Gomes Ribeiro e Alfredo Falcão (**Bib. Púb. Est.**).

**A TROÇA** — Periódico Crítico e Humorístico — Impresso na tipografia d'A Patria, circulou a 20 de dezembro de 1889, formato de 23x16, com quatro páginas. Pretendia sair em dias indeterminados, cobrando 2\$000 por trimestre e 40 réis por número avulso. Divulgou matéria leve, a seção "Aqui, ali e acolá", por Black, e um conto que continuaria na seguinte edição. Mas não há indício de que a publicação tivesse continuado (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Não consta da relação dos "Anais", de Alfredo de Carvalho.

O **RAIO** — Idêntico a **O Tribuno**, com igual feitio e impresso na mesma tipografia, indicou, no cabeçalho, como redator, **Casaca de Ferro**, que não era outro senão o valente Fortunato Pinheiro, dada, sobretudo, a similitude de linguagem. Publicou-se a 23 de dezembro de 1889, declarando combater “a ditadura que se levanta em nome da República”. Acentuou o articulista: “...não terá condescendência com a infame canalha de barões, viscondes, condes, marqueses e duques, latrina onde os verdadeiros republicanos deixam cair o seu escremento”. Atacou, rijamente, o visconde de Tabatinga, o escritor Carneiro Vilela e outros monarquistas.

Não prosseguiu (**Bib. Pú. Est.**).

1 8 9 0

O **MICROBIO** — Órgão do Clube Bôca de Ouro — O n<sup>o</sup> 1 saiu a 24 de janeiro (1) de 1890, formato de 31x22, com quatro páginas de três colunas. Preço do exemplar — 40 réis.

Pretendia, segundo o artigo-programa, “introduzir-se, sorratamente, na roda dos altos figurões”. Seria microbio mesmo, pronto para a ação.

Divulgou humorismo e sátiras, políticas ou não, em prosa e verso, e iniciou a seção literária “O nosso jardim”, com poesia de A. Pinto.

Não consta haver prosseguido (**Bib. Pú. Est.**).

A **INFLUENZA** — Revista Carnavalesca — Saiu a público no dia 16 de fevereiro de 1890, “ano I, 2<sup>o</sup> da República”, em bom formato de 51x43, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Propriedade “de uma súcia”, apresentou, no cabeçalho, os seguintes redatores: **D. Salústio**, **Pedro Botelho**, **Gregorio Júnior** (João Gregório Gonçalves), **Tibúrcio Varela**, **Paul Janin** (Alfredo Falcão), **José Berôncio** e **Oscar** (Teotônio Freire).

---

(1) Não de fevereiro, como consta dos “Anais”.



Redigido por elementos de prol nas letras indígenas, o número único apresentou vasta matéria, em prosa e verso, de excelente qualidade, dela repontando o mais fino humorismo, a melhor sátira (**Bib. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.**).

**A BISNAGA — Fôlha Jocosa para Desenfástico dos Carancudos** — Circulou a 16 de fevereiro de 1890, formato de 32x22, com quatro páginas de duas colunas largas. Lia-se sôbre o título: “Ano da Quebradeira — Carnaval de 1890 — Número de amostra”. Proprietário e redator em chefe — **João Patusco**. Preço do exemplar — “uma moedinha de 40 réis”.

Como matéria exclusiva, inseriu duas extensas crônicas e alguns versos satírico-humorísticos (**Bib. Púb. Est.**).

A **ALBACORA** — Periódico humorístico, circulou o número único no dia 16 de fevereiro de 1890, in-4º (“Anais”).

O **BACCHO** — Número único, publicou-se a 16 de fevereiro de 1890, in-fol. peq. dedicado aos folguedos carnavalescos (“Anais”).

O **POLICHINELLO** — **Jornal humorístico sob a direção do Clube Carnavalesco Cavalheiros da Época** — Entrou em circulação o nº 1, ano I, datado de 16/18 de fevereiro de 1890, formato de 31x22, impresso na Tipografia Econômica, à rua do Imperador nº 73, com quatro páginas. Distribuição gratuita. Inseriu verso e prosa ligeiros, além da descrição do préstito do Clube.

Saiu, novamente, no Carnaval de 1893, em melhor edição, a primeira das quatro páginas apresentando expressiva litogravura.

Reapareceu a 28 de fevereiro de 1897. Na primeira página via-se curiosa alegoria, sob o título “O Carnaval do Recife”, assim resumida: “...a República bisnagrada pela incoerência, pela traição e pelo cinismo”, com um funil representando a lei de imprensa, todos os jornais dentro, sem despejar nem uma gota de “imprensa livre”, e “o Leão do Norte alquebrado”. Boa matéria nas três páginas restantes, com assinaturas de **Deus Momo, Conselheiro Antônio, Afonso Barriga, Sabino, Pessoa de João, Michel Corday, etc.**

A edição em lide, no formato de 32x21, fêz-se acompanhar de um suplemento em página dupla, só impressa de um lado e tôda em litogravura, sob o título "Brinde do Clube Cavalheiros da Época", compreendendo um grupo de charges com legendas manuscritas.

Voltou **O Polichinello** a 12 de fevereiro de 1899, "ano &, nº \$", edição exclusivamente tipográfica, de quatro páginas (35x24). Colaboração de **Yoyô Boêmio** (pseudônimo de Domingos Magarinos de Sousa Leão), **Cascarino**, **Maurício de Queiroz**, **Pierrot** e outros.

Depois de um pulo no tempo, apareceu no dia 22 de fevereiro de 1903, ano XIX (?), nº 19 (?). Formato de 38x27, com quatro páginas. Redatores: **Fra Diavolo**, **Zé Paraguassu** e **L. Saloio**. Outros colaboradores: **João Fernandes** e **Duda Moleque**. Muito interessantes os epitáfios do "Cemitério de Momo". Repleta, a quarta página, de anúncios.

Não existe comprovante da edição de 1905, nem da de 1906, que também circulou (1).

Ressurgiu, "após alguns anos de eclipse", uma vez restaurado o Clube Cavalheiros da Época, datado de 6.7.8 de fevereiro de 1910, transformado em revista, com 40 páginas. A capa, em papel couché, exibiu a alegoria "O Leão do Norte civilizado", desenhada por **Teles Bisavô**, figurando no reverso outra alegoria, em homenagem à imprensa, ambas em policromia, trabalho executado pela **Litografia Alemã**, e ainda, na última da capa, a crítica (autoria de Teles), intitulada "Na quarta-feira de cinzas", em que aparecia o **Mon-senhor Silva** dizendo: — "Lembras-te, homem! que és pó!", enquanto derramava de um vaso de cinzas o "pó das vaidades" e o "pó da desilusão". Em baixo, máscaras caídas.

Dizia-se "impresso em máquinas rotativas de Marinoni, com força de 6.000 cavalos e meio e alguns burros", tendo redação, escritório e oficina à rua Rosa e Silva nº 35, 1º andar. Inseriu vasta matéria crítico-humorística, em prosa e verso, inclusive as "Histórias alegres", por **Carvalho Neves**, e uma descrição completa do préstito e do itinerário do Clube, com seus 14 carros de crítica e alegorias.

---

(1) Os "Anais" não aludiram às edições de 1893, 1899 e 1906.

Verifica-se, pelos exemplares manuseados, que **O Polichinello** não desceu da sua linha de órgão bem comportado, redigido por jornalistas de prol, embora só aparecidos com pseudônimos, raros deles identificados.

Não voltou a publicar-se depois de 1910 (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**) (2).

**MINHA ESPERANÇA** — Edição única de fevereiro de 1890, saiu com quatro páginas de três colunas, impressa no **Atelier Miranda**, à rua Duque de Caxias nº 39. Teve o objetivo de fazer a propaganda, durante o Carnaval, do cigarro do mesmo nome do título, distribuído pela respectiva fábrica, pertencente a Antônio Francisco da Cruz. Inseriu matéria curiosa, entremeada de foguetes de propaganda, inclusivos versos transcritos. A quarta página constou de um só anúncio (**Bib. Púb. Est.**).

**O TAMOYO** — **Periódico Humorístico** — Iniciou sua circulação a 10 de março de 1890, formato de 31x22, com oito páginas, sendo quatro em litogravura, e as quatro tipográficas a duas colunas de composição de 16 cíceros, impresso, em bom papel, na **Tip. e Lit. Miranda**, à rua Duque de Caxias nº 39.

A primeira página apresentou, abaixo do clichê do cabeçalho, o desenho de um índio tendo à mão esquerda a bandeira brasileira e apontando, com a outra, uma criança de barrete frígio — a República. Dizia a legenda: "**O Tamoyo** cumprimenta e saúda os ilustres cidadãos de quem espera tôda estima e consideração". Nova alegoria à República ocupou a oitava página, sendo as do centro, em aberto, servidas por **charges** de crítica a fatos locais.

O expediente constava de sete itens: entre os quais rezava o 2º: "Fazer-se publicar três vêzes em cada mês, e dois no corrente trimestre, enquanto não ficam bem regulados os trabalhos". E o 3º: "Receber 5\$000 adiantadamente por assinatura de cada trimestre".

Abrindo o texto da segunda página, lia-se no editorial "O que desejamos", entre outras considerações: "...se não

---

(2) Apenas números esparsos.

vem com bonita cara, também não a traz tão feia e medonha, capaz de fazer chorar a qualquer criança, nem mesmo aqueles que, mais feios do que êle, andam por aí em busca de um bico de peito que lhes ajude a despregar o estômago da espinha dorsal”.

A publicação seguiu sua meta, sendo A. Roth o responsável pelos desenhos das páginas ilustradas. O sumário constituiu-se de comentários, notas diversas, as seções “Notícias da quinzena”, “Economia”, por **Josephus**; “Sport”, de noticiário hípico, e outras. Nos artigos da abertura, bateu-se, principalmente, pela consolidação da República. Crítica e humorismo sadios.

Atingido o nº 13, de 21 de outubro, a redação transferiu-se da rua Duque de Caxias para a da Imperatriz nº 14, 1º andar. Era cobrador de assinaturas João Batista dos Santos Teles. De quinzenário passou a mensário, encerrando o ano o nº 15.

Proseguiu, saindo o nº 16 a 31 de janeiro de 1891, mas dilatava-se sempre o espaço intermediário das edições, enquanto a redação se ocupava mais de temas políticos, substituindo seções e títulos.

A partir do nº 20, mudava-se o trabalho gráfico para a oficina “d’**O Tamoyo**” e para a Litografia Epaminondas, na rua do Rangel nº 16, em cujo primeiro andar se situou a redação. Tendo o nº 21 circulado a 5 de agosto, o seguinte não apresentou data. Ocorreu grande pausa e o nº 23 veio a lume (ainda sem data) a 21 de fevereiro de 1892, com apenas quatro páginas, as duas externas em litogravura, assim permanecendo até o fim.

**O Tamoyo** mudara completamente de programa. Ocupava todo o espaço de duas páginas com notas políticas, atacando a Junta Governativa e aplaudindo, a partir de maio de 1892, o governo de Barbosa Lima. Mas a publicação, que pretendia ser semanal, saía em datas indeterminadas, muito espaçadamente, até divulgar nos primeiros dias de dezembro o número 30, com êle encerrando o ano.

Finalmente, circulou o nº 31, com o qual se extinguiu o magazine, a 10 de março de 1893 (1), lendo-se, em nota

---

(1) No seu registo dos “Anais”, Alfredo de Carvalho mencionara o nº 2 (?), de 27.8.1892 (?), como tendo sido o último publicado.

de abertura, que havia quase três meses não aparecia **O Tamoyo** devido à “longa enfermidade” do desenhista da casa, A. Roth, que “terminou oferecendo sua alma ao criador” (**Bib. Púb. Est.**).

**O LUSO-PERNAMBUCANO** — Jornal de formato acima de médio, com 4 páginas de cinco colunas e lisonjeira feição material, saiu a público, pela primeira vez, datado de 14 (1) de abril de 1890, tendo escritório instalado à rua Padre Muniz nº 61, 1º andar. Redigido por Francisco Soares Quintas (2), anunciou a seguinte tabela de assinaturas: semestre — 7\$500; trimestre — 4\$000; para fora do Estado — 8\$000 e 4\$500, respectivamente.

Lia-se no editorial de apresentação: “Nêle procuraremos fazer valer a Verdade e o Direito, procurando, dêste modo e ao mesmo tempo, fazer que triunfem as legítimas aquisições portuguesas. Defender os portugueses da opressão que se lhes faz, analisando, tanto quanto estiver em nós, a alta questão em que se empenha o glorioso berço de Camões, eis o objetivo do **Luso-Brasileiro**”.

Mas nem todo o espaço seria gasto com a gente lusitana: “...não esqueceremos, na nossa fôlha, um lugar onde serão tratadas e discutidas as questões que se suscitarem no meio social em que vivemos”.

Abrindo o noticiário, dizia, num tópico, que esperava tornar-se órgão diário. No momento, porém, não era possível precisar quando publicaria o segundo número.

A edição saiu bastante variada, inserindo, além dos editoriais, artigos de P. P. Santos e M. Rotean (anagrama de Jerônimo Materno Pereira de Carvalho); crônicas literárias de Henrique Lima e E. Santos Júnior; folhetim; transcrições e menos de duas colunas de anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

Segundo Alfredo de Carvalho, teriam circulado duas outras edições.

**O ALFINETE** — Órgão Imparcial — Surgiu no mundo da imprensa com a edição de 28 de abril de 1890, formato

---

(1) Não no dia 2, como consta dos “Anais”.

(2) Segundo a obra citada.

de 32x22, com quatro páginas de duas colunas de composição a 16 cíceros, para vender-se o exemplar a 40 réis, custando 500 réis a assinatura mensal. Impressão da Tip. Industrial, situada à rua do Imperador nº 75.

Lia-se no artigo de apresentação: “O Alfinete não é o que possam crer: não é um carrasco, um detrator, não é um miserável que vá ferir individualidades, nem tocar na vida privada de quem quer que seja. Deus o defenda! É outro o seu intuito. Ele pretende corrigir, sem ofender, analisando e apontando as maldades, descobrindo, enfim, o que possa ser nocivo à sociedade”.

Estava repleto de notas humorísticas e satíricas, em prosa e verso, dando alfinetadas na situação política. Arrematando a edição, noticiou a posse do novo governador, Albino Meira, dêle esperando “paz e progresso”, “esperança e justiça”. “Entretanto — acrescentou — se, por uma fatalidade, S. Exc<sup>a</sup> errar, tenha como certo que, então, sentirá a ponta do Alfinete”.

Seguiu-se a publicação regularmente, bem redigida, dispondo da melhor verve, da sátira mais desconcertante, da crítica mais contundente, visando ao ostracismo de José Mariano, ao Clube dos Violões, à criação do Partido Católico, à política de Martins Júnior e de outros republicanos, fazendo-o através de editoriais ou notas ligeiras, entremeadas de versos, nas seções “Palmatoadas”, “De Monóculo”, “Xingações”, “Ganchos”, “Notas a lápis”, “Telegramas”, “Coisas que metem medo”, “Dizem pela Cidade”, etc.

O governador do Estado não se conduziu a contento d’O Alfinete, que escreveu no seu nº 11: “O que se tem feito, até agora, em favor de Pernambuco? Atear a chama das paixões e dos ódios pessoais, que faziam o apanágio dos antigos tempos”. Na edição seguinte, acentuava: “A bandeira republicana não foi hasteada sob a influência da guerra e das paixões, mas sim sob outra influência — a da paz e do amor”. No nº 14, aludia à substituição do governador pelo Barão de Lucena, declarando confiar na sua administração, por tratar-se de “um caráter rijo e imaculado”, concluindo: “Não podia, portanto, ter sido melhor a escolha do governo federal”.

Veio, porém, o bem humorado órgão a parar com o nº 16, de 11 de agosto, sem qualquer explicação. Só voltou —

nº 17 — a 24 de novembro, declarando-se “robusto e forte”, porque se fazia “urgente o seu comparecimento no mundo jornalístico, para corrigir alguns membros da sociedade, analisando os seus atos públicos”, etc. E foi logo dizendo que o desembargador Lucena encerrou a sua administração “com uma chave de chumbo”, a propósito da reforma policial.

Mas não foi adiante **O Alfinete**, terminando aí a sua atuação (Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.).

**MARTINS JUNIOR** — Poliantéia de 8 de maio de 1890, tendo por sub-título **Tributo ao Mérito**, apareceu com quatro páginas, impressa em bom papel, na Tip. d'A Epoca. Constituiu uma homenagem ao eminente político, por ocasião do seu regresso duma viagem ao Rio de Janeiro.

A primeira página inseriu o poema “Ao grande cidadão”, de Manuel Cavalcanti de Melo Filho, constando das restantes produções, em prosa e verso, de Bianor de Medeiros, J. Rocha Lima, Plácido Serrano, Amaro Pessoa, Spencer Neto, F. S. Quintas, J. J. Guedes Pereira, Leal de Barros, Rangel Sobrinho, Faria Neves Sobrinho, Cleodon de Aquino e outros (Bib. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.).

**O TYMBIRA** — Órgão da Sociedade Literária Gonçalves Dias — Surgiu no dia 20 de maio de 1890, formato de 37x26, incluindo grandes margens em branco. Impresso na Tip. Comercial, largo do Carmo nº 28, anunciou-se como quinzenal, a 1\$000 por assinatura trimestral, tendo como redatores Alfredo Campos, Ananias Celestino e Cavalcanti Viana. A primeira página, cercada de vinhetas, inseriu, apenas, em tipos fortes, o nome do sodalício, uma vinheta (constante de livro, tinteiro e pena, entrelaçados), a data solenizada e as palavras “Segundo aniversário”.

Abrindo o texto da segunda página, dizia o editorial tratar-se de um “filho obscuro do jornalismo brasileiro, tendo como redatores moços pouco adestrados às lides da imprensa”. Após algumas considerações, concluiu: “Assim, apareceu **O Tymbira**; não aspira glórias, não teme críticas; as justas ser-lhe-ão por demais agradáveis; para as injustas terá o desprezo, arma que não fere, porém que pune”.

Além dos redatores, escreveram, em torno da data, outros intelectuais, o que constituiu a matéria única das três últimas páginas.

O segundo número só saiu quase um mês depois, a 15 de junho, aparecendo o nome de Ramon da Costa no lugar do terceiro membro do corpo redacional. Só divulgou matéria literária e não há notícia de ter prosseguido a publicação (**Bib. Púb. Est.**).

**A VOZ DO CAIXEIRO — Órgão dos Empregados do Comércio** — Impresso em tipografia situada no Cais 22 de Novembro (atual Avenida Martins de Barros) nº 42, saiu a lume no dia 22 de maio de 1890, com quatro páginas, formato de 36x25, e três colunas de composição a 14 cíceros. Escritório de redação à rua do Imperador nº 51.

Iniciou a edição um Aviso, declarando confiar que mereceria de cada caixeiro a honra de ser seu assinante, dêles esperando “seus artigos”. E acrescentava: “N’A Voz do Caixeiro não é aceito o testa de ferro nem publicação alguma que consigne alusão de qualquer natureza à honra das famílias”.

No artigo-programa, dizia-se “alheio às lutas políticas e às sugestões de influências partidárias”, mas não se eximiria da “discussão franca dos assuntos de que depende a felicidade social”.

Divulgou variada matéria, incluindo comentários gerais, “Ocorrências”, “Registo Comercial”, crônica literária de Nilo e um soneto de G.

Seguiu-se a publicação, regularmente, incluindo artigos semanais, sobre o tema “Horas de trabalho”, além da matéria de rotina, saindo o nº 5, que deve ter sido o último (1), datado de 23 de junho (**Bib. Púb. Est.**).

**ALCORÃO** — Entrou em circulação êsse “originalíssimo livro de sortes, de palpitante atualidade e de notável chiste”, redigido por Gregório Neto, Alfred Duval e Marius Pontmercy. Acrescentou a notícia a respeito: “Um entretenimento que encanta pelos conceitos, diverte pelo espírito e desperta alegria expansiva pelo sal que tempera não só as sortes, como as composições outras que formam o mesmo livro (**Diário de Pernambuco, 24.5.1890**).

---

(1) Nos “Anais”, Alfredo de Carvalho só registou o primeiro número.



O **CABELLEIRA** — Publicado, constou “de sortes para as noites de Santo Antônio, São João, São Pedro e Santana, adicionado da polca “Os teus encantos”, de Claudio Gama, e de outras peças”. Foi uma “obra de Olivério Júnior” (**Diário de Pernambuco**, 24.5.1890).

O **NOVO ISAIAS** — Outro livro de sortes aparecido, apresentou-se como moderníssimo. Pretendia ser o melhor entretenimento para as noites juninas (**Gazeta da Tarde**, 2.6.1890).

A **TROÇA** — Circulou o primeiro número a 19 de junho de 1890 (1), formato de 32x23, com quatro páginas, sendo duas de matéria tipográfica e duas de desenhos em litogravura. Do expediente constava: “...não admite assinaturas; os exemplares serão vendidos na rua a 100 réis e os números atrasados a 200 réis. A empresa reserva-se o direito de cessar a publicação em qualquer época, sem prejudicar os acionistas e assinantes; outrossim: tem completo o quadro de sua redação e auxiliares, não admitindo colaboração officiosa; tôda a correspondência para a tipografia onde é impresso: Imperador, 61, 1º andar”.

O editorial de apresentação, sob o título “A chapa do costume”, dizia estar **A Troça** filiada “ao jornalismo alegre”, “sem medo, escandaloso, capaz de fazer benzer-se o sentencioso burguês; o jornalismo brejeiro, canibalesco, com todos os vícios da **flanerie** e da **bavardage**, gostosamente malicioso e rindo aos escândalos da rua e às caretas faiscentes do burocrata tolo”.

Impressa em bom papel, ocupou a primeira página um retrato, a craion, do “Ator F. C. Taques — primeiro trocista brasileiro”, constando a quarta de **charges** de crítica aos costumes da época. Seções das páginas centrais: “Politica-se por ai...”, de **Argus**; “Troçando”, por **Pipilot**, e “Troteios”, por **Bibiu**.

A publicação seguiu-se, ora semanal, ora quinzenalmente, a princípio com retratos de artistas da Companhia Heler na página de frente e depois com **charges** políticas, como também na página final, ao passo que inseria, nas duas pá-

---

(1) Não em 1889, como está registado nos “Anais”.

ginas tipográficas, matéria humorística do melhor quilate, em prosa e verso, firmada por Pedro Botelho, **Pedro Diabel**, **A. Gil**, **Diavolino**, **Tarik**, **B. Rocha**, **Juvenal**, **Gregório Júnior** e outros, além de atribuir produções jocosas a nomes destacados no jornalismo.

Jornal dos mais interessantes no seu gênero, circulou até o nº 13, datado de 15 de novembro (Arq. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.).

**O CORREIO — Órgão de Propaganda Republicana e Instrução Para o Povo** — O nº 1, ano I, saiu no dia 23 de junho de 1890, formato de 48x32, com quatro páginas de 16 cíceros, impresso na Tip. d'O Correio. Destinado a circular "tôdas as segundas-feiras", assinava-se a 3\$000 por ano e 2\$000 por semestre, custando 40 réis o número avulso. Lia-se no cabeçalho: "São colaboradores: os principais escritores dos Estados Unidos do Brasil — Propriedade de uma Associação e direção política do Padre Roma". E ainda, as quadras a seguir:

"No século da luz que espanca o escravagismo  
O sonho de Cavour enfim realizou-se;  
Mau grado a aspiração do audaz jesuitismo,  
Foi separada a Igreja e o Estado libertou-se.

O Estado é hoje livre! As trevas da ignorância  
Vão dissipar-se à luz da doce liberdade!  
Quem se sujeita mais dos padres à ganância?  
O povo só procura a estrada da verdade".

Dizia o artigo de apresentação: "Se **O Correio** pode dizer alguma coisa que pareça programa, diz: que há de defender a liberdade em qualquer das suas múltiplas manifestações".

Seguiram-se os editoriais "Casamento Civil" e "Igreja livre"; transcrições da imprensa carioca, dentro do programa de apoio às instituições republicanas; crônica assinada por **Theotime**; "Reportagem", com noticiário ligeiro do país, e mais de uma página de anúncios.

O segundo número inseriu, apenas, longo "contra-manifesto ao cidadão dr. Joaquim Nabuco", assinado por Furtado de Mendonça, precedido dum comentário do qual constou o

tópico: “O manifesto do cidadão dr. Nabuco (ao eleitorado) é a negação do seu passado, é o esquecimento mais cruel das tradições pernambucanas”.

Constaram das edições subsequentes extensos artigos sobre política e religião, incluindo ataques ao jornal católico diário *Era Nova*, alguns assinados por Leopoldo A. da Silveira, Cândido Furtado M. Júnior e o Padre A., autor de “O Púlpito”. No nº 5, de 21 de julho, último manuseado, **Franklin** abriu uma “Coluna Operária”. E ocorreu um editorial de três colunas, a respeito da criação do Partido Católico, a continuar na edição seguinte (**Bib. Púb. Est.**).

Não obstante a ausência de outros comprovantes, prosseguiu até o nº 7, registado pela “Gazetilha”, no **Jornal do Recife** de 5 de agosto do mesmo ano (1).

**TOBIAS BARRETO** — Poliantéia datada de 26 de junho de 1890. Com quatro páginas, formato de 45x34, foi impressa na Tipografia Econômica, apresentando lisonjeiro aspecto material. A primeira página, cercada de tarja, ostentou ao centro vistosa vinheta fúnebre, encimada pelas palavras: “Justiça ao mérito”, de um lado, e “A memória do sábio brasileiro”, do outro; títulos dos livros deixados pelo extinto e, abaixo: “Primeiro aniversário do seu passamento”; mais a data, seguida de duas quadras de Tobias Barreto, aparecendo em último lugar a dedicatória: “Lembrança de Artur Orlando, Artur Muniz e A. Nogueira”.

Nas três páginas restantes foram inseridos artigos sobre a personalidade de Tobias, assinados por homens de letras, da maior evidência em Pernambuco, iniciando-os Artur Orlando, que afirmou, entre outros conceitos exuberantes: “Na história do mundo interior, aquela brilhante cabeça passou entre nós como um cometa, descrevendo uma enorme órbita e sulcando o espaço com rios de luz”.

Seguiram-se trabalhos, em prosa, de Henrique Milet, Antônio Ribeiro Maranhão, M. Neto Campelo, Faelante da Câmara, Joaquim Nobre de Lacerda, Artur Muniz, Adelino Filho, J. Tiago da Fonseca, Joaquim Elias d’A. Rêgo Barros, etc., e sonetos de Alcedo Marrocos, Afonso Olindense, Rodol-

---

(1) A relação de Alfredo de Carvalho restringiu-se ao nº 5.

fo Carvalho, José de Castro e Silva e F. Nobre de Lacerda (**Bib. Púb. Est.**).

O **CONTRABANDO** (1) — Jornalzinho sem data, mas publicado em junho de 1890, apresentou-se em formato de 15x11, com quatro páginas de uma coluna de 17 cíceros. Redator — **Pau Campeche**. Preço do exemplar — \$040.

Sua matéria constou de editorial único, no qual declarava exhibir-se ao público com o fim de “bater os contrabandos que se passam na nossa Alfândega e exigir a demissão do delegado do 1º Distrito, que de longos anos passa contrabando”. Findou atacando Martins Júnior, Albino Meira e outros líderes políticos.

Deve ter ficado no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

**GAZETA DOS OPERARIOS** — Órgão das Classes Artísticas e Industriais — Sob a direção e propriedade da Liga Operária, publicou-se no dia 15 de julho de 1890, trazendo sob o título o slogan “A União faz a Fôrça”. Confeccionado na Tip. Apolo, à rua Marquês do Herval (hoje praça Joaquim Nabuco) nº 5, apresentou-se em formato de 32x22, com quatro páginas de três colunas, tendo a redação instalada à rua Padre Muniz nº 17. Publicar-se-ia bimensalmente, ao preço de 40 réis por exemplar. Constava, ainda, da “Etiqueta” (palavra usada no lugar de Expediente): “Os anúncios de artistas, modistas e costureiras serão publicados gratuitamente”.

“Trajando a blusa operária” — lia-se no artigo-programa — apresenta-se **A Gazeta** disposta “a tirar o sono dos que pretenderem, dora avante, negar-nos pão, trabalho e justiça, como nos tempos d’el-rei”.

Seguiram-se um programa de reivindicações, um manifesto operário e um discurso do líder do partido dos trabalhadores do Rio de Janeiro, Kinsman Banjamin, a quem foi dedicada grande parte da edição.

Circulando ininterruptamente, o nº 26 saiu a 24 de janeiro de 1891, sem alteração do programa inicial (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Não consta da relação dos “Anais”.

Indo mais além, a existência da **Gazeta dos Operários** prolongou-se até o nº 39, de 20 de maio do mencionado ano, sendo cada edição anunciada, religiosamente, na "Gazetilha" do **Jornal do Recife** (1).

**A SEMANA — Revista Crítica, Literária e Noticiosa** — Impressa em tipografia própria, circulou, pela primeira vez, a 19 de julho de 1890, sem o caráter de revista, mas simples jornal, com oito páginas de pequeno formato. Instalada a redação à rua Dr. Epaminondas nº 1, tinha como diretores Fernando Barroca e Mário Chaves. Assinaturas a 2\$000 por trimestre, na capital, e 5\$000 por semestre para outros pontos, custando o número avulso 100 réis. Tiragem declarada de oitocentos exemplares. Cobrador — João Bernardo do Rêgo.

"Não tem programa porque não promete norma de conduta. É honesta e isto lhe basta". E acentuou: "...seus redatores são verdadeiros neófitos, que não escarpelam as letras e os defeitos sociais com bisturis de doutores, mas que usam o escopro, a picareta, o pincel e a pena para trabalharem pelas letras".

No nº 3, de 2 de agosto, escrevia a direção: "Resolvemos não publicar mais produção de quem quer que seja estranho à redação, para não pretermirmos os colaboradores efetivos".

Tendo iniciado, no nº 2, uma página de anúncios, aumentou-os a partir do nº 9, quando o cobrador foi substituído por Francisco César de Meneses Sobrinho. No 12º, só permanecia Fernando Barroca na direção, ao passo que o escritório redacional passara para a rua Bemfica nº 7.

Manteve colaboração de José Castro e Silva, Paulo Jácome, Alberto Dias, Carlos Sampaio, Morais Pinheiro, Adeline Fontoura (póstumo), Alonso Jácome, Carlos Barroca, Martins Júnior e Leônidas e Sá, além da crônica "Os 7 dias", de F. B.; "As cabeçadas", de charadas, por Keraban, o cabeçudo; "Perfis literários"; "Novidades", por Ascanio Cascarino; "Sport" e noticiário. O redator Mário Chaves escrevia artigos científicos, literatura, poesias e os "Perfis", estes sem assinatura. Fernando Barroca, além de F. B., também

---

(1) Os "Anais" registam, apenas, o nº 1, e a Biblioteca Pública do Estado não possui mais do que os ns. 1 e 26.

aparecia como **Fanderno**. Eduardo Barroca fazia "Humorismo", e Alfredo Duval assinava as "Fotografias". Já no fim criava-se a seção política "De balcão", por **O Cachoeiro**.

Publicou-se até o nº 13, datado de 4 de novembro (1), em numeração seguida, formando um total de cem páginas, porque o último só teve quatro. No fim, **A Semana** era impressa na Tip. Comercial (**Bib. Púb. Est.**).

VINTE E OITO DE JULHO DE 1889 — Edição única de 28 de julho de 1890, publicou-a o Clube Republicano Frei Caneca, por ocasião do 1º aniversário de sua instalação. Impressa na Tip. Apolo, apresentou pequeno formato de duas colunas, com quatro páginas, em papel especial, inserindo trabalhos originais de J. Tiago da Fonseca, Artur Bahia, França Pereira, Júlio Hancem, J. Coelho, Pedro Pessoa, João de Oliveira, Teotônio Freire, Amaro Pessoa, Cirilo S. Tiago e Cância Prazeres (**Bib. Púb. Est.**).

O GENERALÍSSIMO — Número único, de Tejipló, circulou a 5 de agosto de 1890, formato de 29x22, com quatro páginas de duas boas colunas, impresso em papel de côr. Foi uma iniciativa do capitão Antônio Gracindo de Gusmão Lôbo, como homenagem do Clube Republicano Federalista 2 de fevereiro ao generalíssimo Deodoro da Fonseca, no dia do seu aniversário.

A primeira página, circulada de vinhetas, serviu de capa, contendo palavras encomiásticas ao homenageado. Nas demais, liam-se artigos alusivos, assinados por José Mariano, Alfredo Falcão, J. B. Ramos da Silveira, Xavier Carneiro, Duarte Pereira e Gusmão Lobo. Confecção da Tip. Paula Marinho (**Bib. Púb. Est.**).

A PEROLA — Fôlha Recreativa, Literária, Noticiosa e Crítica — Impressa na tipografia d'O Estado, com redação à rua Duque de Caxias nº 39, 2º andar, saiu a lume no dia 16 de agosto (1 A) de 1890, formato de 29x22, tendo quatro páginas de três colunas. Tabela de assinaturas: ano — 5\$000; semestre — 3\$000; trimestre — 1\$000.

(1) Não "18 de outubro", como consta dos **Anals**.

(1) Além de só mencionar o nº 1, aliás interrogativamente, Alfredo de Carvalho registou-o, por engano, nos "Anais", com data de 10 de agosto.

“...descerrando a concha em que jazia oculta” — rezava o artigo de apresentação — viera “trabalhar em prol das letras pátrias, na arena jornalística”; entretanto, não estava “ainda lapidada”, dependendo do bom acolhimento dos leitores.

O nº 2 saiu a 26 de agosto, o formato ligeiramente aumentado. Inseriram as duas edições colaboração assinada por Guenes Júnior, Ernesto Silva, M. R., Gonçalo Jácome, Cezaltina de Azevedo, Gaspar Guimarães, Stela Carmen e Isabel Souto, tudo em pequenas doses literárias, além de charadas e logogrifos, iniciando, na segunda, um concurso de contos a prêmio. Tinha a última página cheia de anúncios. (Bib. Púb. Est.).

O MAJOR LEAL — Circulou pela primeira vez a 1º de setembro de 1890, tendo como redator-chefe Antônio Pinheiro de Castro. Impresso em formato de 31x22, com quatro páginas de duas colunas largas, vendia-se o exemplar a 40 réis.

Saíram três edições, a última das quais datada de 15 do mencionado mês, sempre repletas de matéria leve, variada, espirituosa, em prosa e verso (Bib. Púb. Est.).

**PEQUENO JORNAL** — **Publicação Semanal do Clube Republicano da Boa Vista** — Surgiu no dia 9 de setembro de 1890, impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 75, formato de 32x22, com quatro páginas a duas colunas largas de composição. Preço da assinatura trimestral — 1\$000, custando o número avulso 40 réis. Direção de João de Oliveira, Manuel Rodrigues de Sousa Viana e José de Amorim.

Constava do artigo-programa: “Modesto no título e no aspecto, o **Pequeno Jornal** entra na liça como combatente cheio de fé na República e de amor à Pátria Brasileira. Não a Pátria desmoralizada que nos legou o segundo reinado, falta de nobres aspirações morais, oscilando entre o **deficit** e a **corrupção administrativa**, explorada pelo inglês e entregue à rapinagem ouropretina. Não a República do sr. Deodoro e do sr. Ruy, fazendo do Tesouro um ninho de compadres, aposentando homens válidos e trazendo o país numa rêde de ferro, sem dar-lhe o direito de falar nas urnas.

Após extensa série de considerações, concluiu o editoria-  
lista: “O **Pequeno Jornal** será implacável com os que estão  
comprometendo a República”.

Dois artigos sôbre a política pernambucana, assinados  
por **Georges Renard** e **José Laviconterie**, e as seções “Faiscas  
eleitorais” e “Noticias eleitorais” completaram a edição.

Distribuído o jornal, logo a polícia entrou em ação, proi-  
bindo-lhe a circulação e intimando Paula Marinho, proprie-  
tário da tipografia que o imprimiu, a não continuar a publi-  
cá-lo. Enquanto isto, seus diretores receberam um aviso do  
sub-delegado, no qual dizia que, “se o jornal continuasse no  
mesmo tom seria picado nas ruas e a tipografia arrasada”,  
pois “em sua freguesia não admitia que se falasse contra o  
governo”, ao que foi respondido:

“Publicaremos o segundo número do **Pequeno Jornal** e  
esperaremos que a polícia do sr. Barão de Lucena cumpra  
sua ameaça. Estamos dispostos a tudo” (1).

No segundo número, uma nota de abertura agradecia  
ao Barão Governador do Estado, por haver S. Excia. “feito  
a tiragem dêste número elevar-se a 2.000 exemplares”.

Tendo êsse segundo número circulado no dia 13, dedi-  
cado às eleições marcadas para 15, a redação antecipou-lhes  
a denominação de farsa, fraude, etc., criticando o oficialis-  
mo e divulgando os “resultados” já “colhidos” na Secretaria  
do Governo, com os nomes dos dois senadores e 14 deputados  
“eleitos” e a votação de cada um.

“Terminada a comédia”, a edição do dia 29 escrevia, con-  
cluindo o artigo “Unamo-nos”: “Que o digno chefe dos repu-  
blicanos, o dr. Martins Júnior, o sucessor de Maciel Pinhei-  
ro, procure fundir os elementos sãos da política pernambu-

---

(1) Tal foi um tópico da carta que, no dia seguinte ao da circulação  
do órgão, dirigiram seus redatores ao **Jornal do Recife**, o qual, por sua vez,  
comentando a ameaça do fechamento do **Pequeno Jornal**, frisou: “Essa  
fôlha, em oposição ao governo do Estado, é escrita com vivacidade, sem  
descer, entretanto, ao insulto e à pornografia”.

No dia 13, noticiou o mesmo **Jornal do Recife**; na “Gazetilha”, “a fim  
de chegar ao conhecimento das autoridades desta capital”, que fôra assi-  
nada, na véspera, “no respectivo livro da Intendência Municipal, a res-  
ponsabilidade exigida por lei para a publicação do referido jornal”.



cana num grande partido de moralidade e esperança para esta terra, explorada há tantos anos. O Clube Republicano da Boa Vista convida o povo pernambucano a entregar os seus destinos a homens dignos”.

O nº 10 do **Pequeno Jornal** (10 de novembro) foi quase inteiramente dedicado ao primeiro aniversário do falecimento do líder republicano Maciel Pinheiro (2), incluindo poesias alusivas, de J. A. G. e José de Amorim.

Prosseguiu criticando acerbamente a política situacionista, mesmo depois da substituição do Barão de Lucena, no governo do Estado, pelo Conselheiro Correia da Silva, através de editoriais, sueltos e da seção “Diz-se por aí...”, sem escapar dos ataques o antigo líder liberal José Mariano, então aliado ao que a oposição chamava “deleterismo” (3).

Após o nº 18, de 29 de dezembro, saiu o nº 1, ano II, a 5 de janeiro de 1891. Na gerência, Sebastião Manuel do Rêgo Barros.

A gestão do ditador Deodoro da Fonseca não vinha satisfazendo à expectativa dos chefes republicanos de Pernambuco, e o **Pequeno Jornal** entrou a atacá-lo, sobretudo quando eleito presidente, a par da campanha constante contra a situação política local.

Não houve trégua na circulação do periódico, que veio a dedicar o nº 31, de 1 de agosto, à memória do “imaculado patriota dr. Antônio da Silva Jardim, que a deshonra de seu ideal, pelos vampiros sociais, fê-lo exilar-se da terra natal, indo encontrar o túmulo nas fauces incandescentes de um abismo, sob o céu azul da encantadora Itália: túmulo, por certo, digno de um tão grande herói”. Afora o necrológio,

---

(2) “O homem que personificava o ideal dos republicanos de Pernambuco” faleceu “seis dias antes que nos horizontes da pátria surgisse o sol da Liberdade”.

(3) O **Pequeno Jornal** divulgou, a partir do nº 13, parte da obra (em quatro vols.) “O Deleterismo”, do escritor alemão Mittenbauer, traduzida por “erudito advogado e antigo político deste Estado”. Escreveu a redação, precedendo o primeiro capítulo: “O Deleterismo é uma moléstia social grave e permanente que deve ser estudada com calma; sem prevenções nem cóleras: sintoma mórbido das sociedades decadentes, êle coloca o observador na posição do médico que tenta eliminar séria perturbação do organismo fisiológico”.

constituiu-se a edição de trabalhos alusivos, em prosa, de Leônidas e Sá, Henrique Palmeira e A., e em versos, de Felício Buarque e Câncio Prazeres.

O nº 52 circulou a 30 de dezembro, para recomeçar — nº 1, ano III — no dia 21 de janeiro de 1892, tendo-se afastado, então, do corpo redacional João de Oliveira, ao passo que a publicação passou a ser feita bissemanalmente. Criou-se a seção “Dobres e Repiques”, de versos satírico-humorísticos, assinada com diferentes pseudônimos, enquanto a redação polemizava com os “deletérios” d’A **Província**.

Uma vez terminada sua missão política, ante a mudança da situação, o virulento órgão parou de circular após o nº 10, de 7 de março.

Reapareceu, em segunda época, a 14 de novembro de 1892, tendo o formato melhorado para 37x27, com três colunas de composição a 16 cíceros. No artigo de reapresentação dizia que, não podendo calar “diante dos fatos anormais”; não podendo sancionar, com seu silêncio, “os atos de verdadeiro despotismo do sr. Barbosa Lima”, resolvera o Clube Republicano reencetar a publicação do jornal, que, “solidário com a revolução gloriosa de 18 de dezembro e com o governo honesto, justo e consciencioso da patriótica Junta Governativa, tinha resolvido descansar das fadigas da longa campanha em que se empenhou contra o lucenismo, sobre os louros que naquele dia obteve o Partido Republicano”. E concluiu:

“É para defender a causa dos republicanos presos e espingardeados pela soldadesca do sr. Barbosa Lima, é para advogar os interesses do Partido Republicano, acusado pelo sr. Barbosa de não ter-se curvado e submetido à ditadura, que S. Exc<sup>a</sup>. pretende, em pleno regime republicano federativo, impor ao nosso Estado, que reaparece o **Pequeno Jornal**. Como dantes, são todos os seus redatores solidariamente responsáveis pelos artigos que em suas colunas forem publicados”.

Com editoriais intitulados “Especuladores”, “Suprema perversidade”, “Quem semeia ventos colhe tempestades”, “Anarquia”, etc., o periódico atacou desabridamente Barbosa Lima, José Mariano e José Maria. E ficou nisso.

Só voltou à circulação a 6 de fevereiro (4) de 1893, assim iniciado o artigo principal: “Parecerá uma temeridade de nossa parte reaparecermos na arena jornalística na quadra lutuosa que atravessa a sociedade pernambucana e, especialmente, esta cidade do Recife. Quando não há garantia de espécie alguma para o Partido Republicano do Estado; quando a violência brutal, o cacete e o sabre respondem à lógica das argumentações dos que têm a desdita de **não agradar** ao sr. governador, parece que nos suicidamos, vindo voluntariamente entregar-nos à **bôca do lobo** em condições tão desfavoráveis. Pois bem: é **por isso mesmo** que o **Pequeno Jornal** reaparece: é o seu fadário”.

Seguiu-se o programa anterior de obcessionante oposição ao govêrno estadual e aos maiores da política que o cercavam, na linguagem mais virulenta possível, sem admitirem outro tema as colunas do ardoroso jornal.

Excepcionalmente, a edição de 13 de fevereiro saiu com seis páginas, mas a última ficou em branco. Os ns. 5 e 6 — ano IV — abriram a primeira página com um “Manifesto do Clube Republicano da Boa-Vista”, dirigido ao Congresso e ao Povo, lendo-se num tópico: “Povo pernambucano! salva a pátria. Não consintais que a bandeira da República continui a servir de manto às mais execrandas misérias e se converta em mortalha de vossos brios!”

A par dos ataques em prosa, o semanário fazia-os também em versos de candente sátira. E polemizava com a **Era Nova**, “órgão deletério sebastianista”, **A Província** e o **Diário de Pernambuco**, não faltando seções como estas: “Ouve-se na rua...”; “Dizem...”, etc.

O **Pequeno Jornal** só veio a aumentar o preço do exemplar para \$100 a 1º de maio do ano em referência, quando circulou o nº 12, isto devido ao “acrescimo de despesas”. Entretanto, suspendeu-se aí a publicação inexplicavelmente, não reaparecendo jamais (**Bib. Púb. Est.** e **Bib. do Inst. Arq.**).

**O SATELITE — Fôlha Científica e Literária** — Circulou o primeiro número a 15 de setembro de 1890, formato de 28x 22, com quatro páginas a duas colunas de 16 cíceros. Impres-

---

(4) Por descuido tipográfico, figura no cabeçalho o mês de janeiro.

sa na Tip. Industrial, à rua 15 de Novembro nº 75, anunciou os preços de 1\$500 por assinatura trimestral e de \$500 por mês, devendo publicar-se quinzenalmente.

Fundado por “moços que se dedicam às letras e que procuram aprender” — lia-se no artigo de apresentação — foi despertado por essa idéia que fundaram **O Satelite**, “modesto e desprezioso”, com o objetivo de ser útil a si mesmos e “àqueles que sabem avaliar o quanto é nobre, o quanto é grandíssima a luta pelas idéias”. Após aludir à falta de persistência dos órgãos literários no Recife, “que surgem e desaparecem com a mesma facilidade com que desaparece a águia através do espaço, fêz um apêlo para que se acabasse tal apatia, concluindo por lançar sua divisa: “Ciência, Pátria e Liberdade”.

A primeira edição divulgou produções de **Jaime Starr**, **Barão de Pink**, M. R., Nelson e A. J. H. R.

O apêlo contra a apatia não deu resultado, porque **O Satelite** só voltou à tona, mais uma vez, no dia 1 de outubro, com a colaboração, inclusive, de Augusto Aristeu, Nelson e Adolfo L. Vieira; mais a “Seção Alegre”, além de editorial em prol do “levantamento do nível moral das sociedades” e a continuação de “Há herança psicológica?”, de P. P. S., que ficou inacabado (**Arq. Púb. Est.**).

**A IMPRENSA** — “Propriedade de uma Associação”, surgiu no dia 14 de outubro de 1890, formato de 32x22, com quatro páginas de três colunas. Assinava-se a 1\$300 por trimestre e \$500 por mês, pretendendo circular semanalmente. Número avulso — \$100. Impressão da Tipografia Universal, à rua do Imperador nº 48.

Segundo o artigo de apresentação, estava amparado por um grupo de moços “cheios de coragem”, destinados a pugnar “pelos seus direitos de cidadãos e levantarem o nível intelectual dos seus colegas”. Acentuou: “Os seus redatores, homens do trabalho, apenas procuram exercitar-se nas lides grandiosas da inteligência”.

Fomentando a literatura, inseriu produções de Paulo J. de Sousa, Emílio Cordang, Leon Roland, Joaquim R. A. da Costa e H. de Sousa, folhetim e um conto sem assinatura, que continuaria na edição seguinte, edição que, entretanto, não saiu jamais (**Bib. Púb. Est.**).

O PHILATELISTA — Começou a 15 de outubro de 1890, formato de 22x16, com oito páginas de duas colunas, sendo impresso em bom papel, na Tip. de F. P. Boulitreau, à rua do Imperador nº 48.

Era a “primeira tentativa” que, no gênero, se fazia, em Pernambuco (1), conforme o artigo de apresentação. Divulgou ampla matéria especializada, a saber: “A Filatélia”, artigo de M.; “Os selos postais do Brasil Republicano”; “Vantagens da Filatélia”; “Alguns envelopes dos Estados Unidos”; “Notas” e “Novas emissões”.

Publicou-se mensalmente, com tôda regularidade, encerrando o ano o nº 3, para iniciar nova numeração em janeiro de 1891. No nº 7, ano II, de julho, adotou, no cabeçalho: “Órgão mensal da Sociedade Filatélica de Pernambuco”. A propriedade, que era de F. Tondela, fôra cedida à agremiação especializada, inaugurando-se, assim, uma segunda época, quando igualmente passou a ser confeccionado no Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias, ns. 29/31. A redação ficou confiada a Manuel Cícero, J. de Oliveira e F. Tondela. Assinatura semestral — 1\$000; número avulso — \$200.

Divulgando sempre farta matéria especializada, o último número d’O Philatelista foi o 11/12, de novembro/dezembro de 1891, contendo doze páginas (Bib. Púb. Est., Bib. da Fac. Dir. UFPe., Arq. Púb. Est. e Bib. Nac.).

A ROSA — **Periódico Crítico e Científico** — “Redigido por senhoras”, apresentou-se em circulação no dia 18 de outubro de 1890, sob a direção de Pórcia Constância de Melo, também proprietária da tipografia que o imprimiu. Formato pequeno (25x17), com quatro páginas de duas colunas, sairia em dias indeterminados, cobrando 300 réis por mensalidade e 40 réis por exemplar.

“...envolta em o véu do pudor” — consoante o artigo-programa, de pequenas dimensões — pedia licença “para também levar seu óbolo à grande obra da civilização. Trataria de “matérias amenas e construtivas”, não se responsabilizando “pelo mal” que seus espinhos pudessem fazer, “nem pelos erros de seus súditos”.

---

(1) Constava do editorial: “Em 1882 apareceu em São Paulo, o **Brazil Philatellco**, primeiro jornal que, no Brasil, se ocupou exclusivamente de selos”.

Seguiram-se dois artigos, ambos assinados por P. C. M., sobre a capacidade feminina e sobre o direito das mulheres nas letras. Inseriu, ainda, o diálogo “Espinhos”, notas ligeiras e versos de A. J. M. (póstumos) e da diretora, concluindo com minúsculo folhetim.

Outras edições tiveram curso; e a primeira página do nº 5, de 8 de dezembro, apareceu circulada de tarja, com o seguinte conteúdo, encimado por pequena cruz: “XVII aniversário do falecimento do comendador Antônio Joaquim de Melo. Saudades de sua filha Pórcia Constância de Melo”.

A Rosa manteve o programa enunciado, contendo matéria variada e de leitura amena, incluindo, já no fim, a colaboração de Inês Pessoa. Foi suspensa todavia, sua circulação após o mencionado nº 5.

Mais de dois anos após, precisamente no dia 15 de junho de 1893, a jornalista d. Pórcia publicou o nº 6 d’A Rosa, que morrera, “quase ao nascer”, porque “tantas senhoras habilitadas, que podiam tê-la sustentado, a trataram com desprezo, desdenhando coadjuvá-la”. Por isso, constou do cabeçalho: “Redigido por uma senhora”. Das notas e crônicas inseridas, a intitulada “Espinhos” e mais outra traziam ao pé a palavra “continua”. Entretanto, ficou nisto. A Rosa morreu de novo, dessa vez definitivamente (Bib. Púb. Est.).

**O CABEÇA DE BURRO — Jornal Crítico e Joco-Sério** — Impresso em formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas, apareceu no dia 31 de outubro de 1890. Redatores — “diversos”. Preço do exemplar — vinte réis. Constou do cabeçalho pequena xilogravura de homem com cabeça de burro, ladeado das quadrinhas a seguir:

“Eu não sou político  
Nem tenho intenção  
De viver metido  
Nesta confusão”.

“A minha tarefa,  
Custe o que custar,  
É bater os crimes,  
Dos vícios o clamor”.

Vinha tratar, segundo a nota de apresentação, de coisas que nada aproveitariam, devido ao “abatimento moral”

em que se achava “a nossa pátria infeliz”, acrescentando: “Crimes, arbitrariedades, vícios, abusos, violências, infâmias e coisas desta ordem hoje nada valem, nem perturbam o espírito dos nossos ilustres representantes”. Entretanto, era o seu programa.

Não o cumpriu à risca, todavia, no primeiro número. Divulgou, apenas, em suas quatro magras páginas, a seção “Fotografias”, uma “Vista d’olhos”, denunciando os abusos da administração municipal, versos humorísticos e, já no fim, umas pasquinadas. Ao pé da última página, dizia um Aviso: “No próximo número trataremos de um tipo desta cidade”.

Cumpriu a promessa, realmente, no nº 2, que saiu no dia 8 de novembro (1) e foi o último publicado. Não deixou de ter um artigo sério, de abertura. Duas páginas foram dedicadas ao gênero escandaloso (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**) (2).

**O POVO — Órgão Republicano** — Trazendo abaixo do título as divisas “Igualdade” e “Liberdade”, publicou-se o primeiro número a 3 de novembro de 1890, formato de 32x22, com quatro páginas, impresso em oficina própria, tendo escritório de redação instalado à rua Visconde de Albuquerque nº 44. Direção e propriedade de Amaro Pessoa. Adotou o preço de \$500 por assinatura trimestral, vendendo o exemplar a 0\$40. Publicação semanal.

Escreveu o redator, no artigo-programa, que desde mais de um ano tinha atirado para um lado a pena de jornalista, mas motivos de ordem superior o obrigaram a outra resolução. Pensavam os republicanos que a 15 de novembro ficara realizado o “dourado sonho”, não havendo mais necessidade de propaganda política; mas os atos do govêrno demonstraram o contrário. Assim, vinha em defesa do povo, que “é e foi sempre a vítima imolada no altar dos mais dolorosos sacrifícios”. **E concluiu: “O Povo segue seu caminho, tendo como único programa: amor à República e defesa do povo”.**

Prestou homenagem a Silva Jardim, publicando o manifesto em que o famoso republicano anunciara sua “inten-

---

(1) Alfredo de Carvalho registara, apenas, o primeiro número.

(2) Na primeira das bibliotecas visitadas só existe comprovante do nº 1. Na segunda encontra-se, unicamente, o nº 2.

ção de viajar e provavelmente residir na Europa”, o que ocupou mais de duas páginas.

O segundo número foi inteiramente dedicado à memória de Maciel Pinheiro, com palavras de exaltação na primeira página, trabalhada em modestas vinhetas, inserindo, nas restantes, artigos ou excertos alusivos, assinados por J. Tiago da Fonseca, França Pereira, Teotônio Freire, Faria Neves Sobrinho, Júlio Hancem e outros.

Prosseguiu fazendo campanha contra os governos de Deodoro da Fonseca e do Barão de Lucena, ao mesmo tempo que inseria versos do diretor e acrescentava uma “Resenha semanal” noticiosa, enquanto **Uma Vítima** apontava “escândalos na conservação do pôrto”, sendo outros colaboradores João de Deus, Marcelino dos Santos, M. F., Justus, etc.

Atingiu 31 de dezembro com o nº 9, começando nova numeração — ano II — a 15 de janeiro de 1891, edição cuja primeira página homenageou a memória de Frei Caneca, incluindo soneto de Amaro Pessoa.

Suspensa, continuou a publicação a 22 de fevereiro. No nº 3, apresentava-se a primeira página em tarja, comentando a notícia da eleição do Marechal Deodoro para a Presidência da República. E concluiu: “O Brasil está irremediavelmente perdido ou, ainda pior, está completamente morto. Derramemos nós, os republicanos intransigentes, a lágrima íntima sobre o cadáver da pátria”.

Circulando, então, mensalmente, o nº 4, que foi último, saiu a 2 de abril, nele escrevendo o redator que ia retirar-se da política. É que, sem êxito algum, divulgara um manifesto, pedindo o apoio do eleitorado à sua candidatura a deputado estadual (**Bib. Púb. Est.**).

NOVE DE NOVEMBRO — Poliantéia de 1890, publicou-se no formato de 44x23, com quatro páginas de três colunas circuladas. Lia-se em manchete da primeira página: “Homenagem do Clube Republicano Frei Caneca ao grande cidadão (1) dr. Luiz Ferreira Maciel Pinheiro, no primeiro aniversário do seu falecimento”. Vinha, abaixo, a expressão italiana: “**Tu duca, tu signore, tu maestro**”.

(1) Nos “Anais”, Alfredo de Carvalho omitiu as palavras ao grande cidadão, substituindo-as por “à memória do”...



Além de uma nota da diretoria do Clube, escreveram sobre a personalidade do extinto: Manuel Gomes de Matos, José Izidoro Martins Júnior, Maria Amélia de Queiroz, Filipe de Figueiroa, Ulisses Viana, Adelino Filho, João de Oliveira, Augusto Figueira, Manuel Cavalcanti de Melo Filho, J. Tiago da Fonseca, França Pereira, etc.

Impressão da Tip. Apolo, à Praça Marquês do Herval nº 5, foi distribuído por ocasião da romaria, grandemente concorrida, ao túmulo do ilustre pernambucano (Bib. Púb. Est.).

**O DELETERIO (1) — Jornal Crítico e Joco-Sério** — Surgiu no dia 13 de novembro de 1890, formato de 22x16, com quatro páginas, tendo como redatores... “diversos”. Custo do exemplar — 20 réis. Sob o título, desenho em xilogravura, via-se um cidadão em pé, de palmatória à mão, aplicando bolos noutra, ajoelhado, e de cada lado do clichê, em vertical, as palavras: “Verdade” e “Justiça”.

No artigo de fundo, dizia ser um “jornal honesto e, sobretudo, patriota”, estando pronto para queimar, “a ferro em brasa, as miserabilidades humanas”.

Divulgou matéria variada, dentro do programa traçado, de extrema contundência contra os políticos da situação, mas não passou do primeiro número, porque, “ao ser anunciado nas ruas, pelos meninos empregados na venda de jornais, foram aquêles presos e êstes apreendidos (2) (Bib. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.).

**O LAROUSSE — Órgão do Partido Católico e da Sociedade de Homens de Letras** — Surgiu a 14 de novembro de 1890, formato de 32x22, com quatro páginas de três colunas. Proprietário — A. Pinheiro de Castro; diretor — Bernardino Garrido. Trazia, sob o título, a jocosa divisa: “Date obulum Belizari”, seguida da tradução... ao pé da letra: “Dal chumbinho a Ulisses” (referia-se ao Deputado Ulisses Machado Pereira Viana).

---

(1) Alcinha do Partido Autonomista, formado pela ala republicana do Partido Liberal e por alguns conservadores.

(2) Registrando o fato, comentou-o o **Jornal do Recife** de 14.11.1890: “Temos sobre a nossa banca êsse periódico e, francamente, não descobrimos uma só razão plausível que justifique semelhante ato da polícia, ato que ofende a liberdade de imprensa e, ainda mais, os direitos dos cidadãos, que, perante a República, devem ser mantidos em tôda a sua integridade”.

Do editorial, com a assinatura **José Maria**, constou o tópico a seguir: “Este hebdomadário há de sair irregularmente, quando tiver roupa e dinheiro. Traz monóculo, carteira e uma respeitável caixa de rapé. No mais... eu não tenho que dar satisfações a ninguém. Vou já para **A Província** embandeirar a saúde dêle”.

O jornal deitou humorismo e sátira do melhor quilate, em tôdas as suas páginas (o sub-título era simples pastiche), sucedendo-se crônicas e notas caricaturalmente firmadas por **Fanderno Barroca**, **Padre Augusto**, **Pereira Júnior**, **Azedo Marrocos**, **Cordeiro Vilela**, **Dr. João E. Liso**, **Correia Sola**, **Mo Lina**, etc. “Revista Diária” constituiu um primor de noticiário, assim como os “Telegramas”, a “Governação de Pernambuco”, assinada por **B. de Sousa Leão**, e a “Última hora”, por **Chico Lacerda**. A crítica principal era desfechada contra o governador **Barão de Lucena**.

Obedecendo ao mesmo ritmo, ocorreu a publicação do nº 2 (e último) a 28 de novembro. A confecção material estêve a cargo da tipografia de **Dona Pórcia Melo (Bib. Nac. e Bib. Púb. Est.)** (1).

**GAZETA DE PERNAMBUCO** — Publicação iniciada a 15 de novembro de 1890 (“Anais”), apresentou-se (avistados os ns. 3 e 4) em formato de 15x10, com quatro páginas de duas colunas. Matéria ligeira e péssima feição gráfica.

Já no nº 6, de 16 de dezembro, melhorara o formato para 20x15, de três colunas estreitas, declarando-se impresso em tipografia própria, situada à rua Conde da Boa Vista nº 24, porém mal impresso, como os números precedentes. Assina-va-se a 1\$000 por ano e a 100 réis por mês, custando dois vinténs o exemplar. Redatores — **Otto Prazeres**, **Valfrido Simões** e **Otávio Simões**.

Tendo o nº 7, do dia 28, encerrado o ano, publicou-se o nº 8, ano II, a 10 de janeiro de 1891, declarando a redação que a **Gazeta** se esforçava “para igualar-se com os periódicos do Recife”. A edição acompanhou-se de um Suplemento de página única impressa, com poemeto de **Gregório Júnior (Bib. Púb. Est.)**.

---

(1) Na Biblioteca Pública do Estado só existe comprovante do nº 1.

**A CAIPORINHA (1) — Jornal Crítico e Joco-Sério —**  
Todo redigido em versos, circulou em novembro de 1890, tendo como redatores... “diversos”. Formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas. Exibiu sob o título uma figura de mulher, ladeada, à esquerda e à direita, pelas quadras:

“Eu sou **Caiporinha**  
Das bandas de além.  
Vim para o Recife  
Ser trunfo também.

Já fui monarquista,  
Sou republicana;  
Não faço cortejos  
A Curia romana”.

Desde as “Duas palavras de apresentação”, tôda a matéria foi redigida em versos de sete sílabas, dosada de verve e sátira. Eram colaboradores: **Major Leal, A Caiporinha, Frei Mocó, Budião e Bravô**, êste último autor da “peça” abaixo transcrita:

“**A Caiporinha** derrama  
Uma lágrima sentida  
Na cova do **Deletério**,  
Que morreu, não tendo vida.

Outra não menos amarga  
— Gerada no coração —  
Sôbre o **Cabeça de Burro**,  
Verdadeiro paspalhão.

E desde já se prepara  
Para outra derramar  
Sôbre o corpo do **Larousse**,  
Que não tarda putrefar”.

Não obstante a crítica feita à curtíssima existência dos congêneres, **A Caiporinha** teve idêntico destino. Ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

---

(1) Noã **O Caiporinha**, masculino, como está nos “Anais”.

O **BOND — Periódico Político e Literário** — Começou a circular no dia 13 de dezembro de 1890, formato de bolso (12x8), com quatro páginas. Redatores — José Coelho e Euclides Pessoa. Preço do exemplar — 20 réis. A primeira página, num quadrinho de vinhetas de cinco centímetros quadrados, homenageou os “briosos militares tenentes Joaquim Quirino Vilarim e Oscar Silva e os alferes José Mariano de Moraes, Miguel Arcanjo Batista e Miguel de Castro Mascarenhas”.

O editorial de apresentação, na segunda página, dizia não ter programa, acrescentando: “**Bond** que é, vai caminho de tudo quanto é progresso na indústria, como nas artes, na ciência como nas letras. Que o protejam os amantes do evolucionismo nacional”.

Composto em duas colunas de 6 cíceros, divulgou mais uma saudação “Aos deportados” (doze linhas), assinada por José Coelho; a “Galeria Histórica”, por A. C. S. S.; charadas e um triolé.

Logo no segundo número, de 27 de dezembro, **O Bond** duplicou de tamanho, adotando assinaturas mensais a 100 réis, dizendo-se “periódico político e literário” e criticando “o govêrno do sr. Deodoro e sua camarilha”. Colaboração de Mimi e M. Aguiar, êste em versos.

O nº 3, de 3 de janeiro de 1891, apresentava três colunas na primeira página, naturalmente estreitas, sendo o cabeçalho colocado na do centro, em sentido vertical, inovação que ficou aí mesmo. Entrou, então, para o corpo redacional o “digno guarda-livros” Ulisses Costa. Além dos redatores, firmaram escritos literários João Dias e Amaro Pessoa.

Saiu o quarto número no dia 10, devendo aparecer o quinto a 17, o que não ocorreu (informação do **Jornal do Recife** de 18.1) “por motivos imprevistos”, terminando, assim, e existência d’**O Bond**.

Foi substituído pelo **O Combate (Bib. Pú. e Arq. Pú. Est.)**.

**FORA DA PATRIA (1)** — Número único, impresso em papel de primeira, formato de 32x22, com quatro páginas

---

(1) Não registado por Alfredo de Carvalho, nos “Anais”.

de três colunas, entrou em circulação sem data nenhuma, trazendo, apenas, acima do título: "Ano da Perseguição da República — Século XIX" e, abaixo: "No Proconsulado do Barão de Lucena". Entretanto, de pesquisa em pesquisa, foi possível descobrir a data do aparecimento: 14 de dezembro de 1890 (2).

Da primeira página, em tipos fortes, constou o seguinte: "Preito do Clube Republicano Frei Caneca às vítimas da Monarquia, os briosos oficiais: tenente Joaquim Quirino Vilarim, tenente-farmacêutico Oscar Pereira da Silva, alferes Miguel Arcanjo Batista, José Mariano Augusto de Moraes e Miguel de Castro Mascarenhas".

Nas páginas restantes, escreveram: Albino Meira, Leônidas e Sá, Amaro Pessoa, Felício Buarque, Pedro Jácome, M. R. Viana, José de Amorim e Cândio Prazeres, todos focalizando a indignação causada pelo afastamento, por motivos políticos (3), daqueles oficiais (**Bib. Púb. Est., Arq. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.**).

1 8 9 1

**SENTINELLA DA REPUBLICA NO ESTADO DE PERNAMBUCO** — Edição única, circulou a 6 de janeiro de 1891, como "presente de festas oferecido pela redação d'O Povo aos republicanos sinceros e bons assinantes". Formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas, lia-se sobre o título: "Segundo ano de perseguição aos republicanos". Sua matéria constou de um soneto de Amaro Pessoa, ocupando a primeira página; artigo de João de Oliveira (tôda a segunda), mais dois artigos assinados e editorial desancando o Marechal Deodoro da Fonseca (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

**15 DE JANEIRO** — Número único, circulou na data que lhe serviu de título, em 1891. Formato de 13x9, com quatro páginas, em papel acetinado, a primeira delas apresentou

---

(2) Segundo o **Jornal do Recife** de 16.12.1890, cêrca de mil exemplares do **Fora da Pátria** se distribuíram quando do embarque dos oficiais do Exército transferidos para outras guarnições, no momento em que foram alvo de manifestações populares de aprêço.

(3) O periódico católico **Era Nova**, de 22.12, afirmou que os oficiais foram deportados por serem amigos de Martins Júnior.

um quadro com os dizeres: “Parabens ao cidadão Amaro Pessoa, pelo seu 39º aniversário natalício”. Nas seguintes, ligeiríssimas palavras de saudação dos redatores Euclides e Teófilo Pessoa e versos de João de Deus e Silva e Câncio Prazeres. No expediente: “Grátis aos colecionadores. Avulso — 20 réis” (Bib. Púb. Est.).

**VINTE E QUATRO DE JANEIRO** — Poliantéia de 1891, com a data do título, apareceu em formato de 37x28, com quatro páginas de três colunas a 18 cíceros. Trazia sob o título: “Cara pátria, carior libertas — Semper paratus pugnare pro patria”, lendo-se num quadro, em vinhetas, na primeira página: “Homenagem da Sociedade União Piauiense ao Estado do Piauí, no 67º aniversário da sua independência política”.

Comemorava, igualmente, o segundo aniversário do sodalício, divulgando os nomes componentes da respectiva diretoria. Sobre os dois eventos, escreveram: José Eusébio, Vitor Manuel de Freitas e José Gaioso, da Comissão Redacional; Leônidas e Sá, Sá Antunes, A. Costa, Augusto Ewer-ton e Silva, J. Otávio de Freitas, Abas de Albuquerque e outros. Impressão da Tip. Econômica, à rua 15 de Novembro (do Imperador) nº 73 (Bib. Púb. Est.).

**O RECREATIVO** — Circulou a 25 de janeiro de 1891, formato de 13x9, declarando “a redação” que o editaria duas vezes por mês, em dias indeterminados, proporcionando aos leitores “charadas, contos e anedotas”.

Muito mal feito, era-o a tal ponto que o próprio título se escondia em tipo corpo 8, caixa alta; e, de tão mal impresso, era quase proibitiva a leitura de suas quatro páginas, três das quais em duas colunas de 7 cíceros, exibindo a última, ao centro, três quadras, assinadas por Otto Prazeres.

Ficou no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

**REVISTA DO NORTE** — Publicação literária, divulgou o primeiro número em janeiro de 1891, impresso na Tip. Apolo, à praça da Concordia (hoje, Joaquim Nabuco) nº 5, formato de 22x16, com oito páginas, afora as quatro da capa, esta em papel de côr. Redação a cargo de Machado Dias, Geraldo Bastos e Osvaldo Machado. Preço do exemplar: \$300.

Segundo o artigo de apresentação, vinha “levantar o espírito público, de modo a colocá-lo em estado de poder apreciar o que haja de bom ou mau no meio social em que se vive”.

“...iremos, qual abelha, de alma em alma, derramando o pólen adamantino da verdade”.

Além dos redatores, escreveram, no primeiro número, Solidônio Leite, Faria Neves Sobrinho, Sérgio Loreto e João Diniz. Chamava-se “Traços” a seção de humorismo, assinada por **Quindotos**.

Outro nº 1 veio a sair no dia 10 de março, apresentando lisonjeiro serviço gráfico. “A suspensão, porém, a que a sujeitamos — escreveu **A Direção** — foi-lhe perfeitamente necessária. No período de impublicidade proposital gastamos nossa diligência tôda em provê-la do número conveniente de assinaturas certas e em assegurar-lhe uma redação ilustre. Uma e outra coisa alcançamos”. E aludiu à “existência real, primeira e única, de uma fôlha indispensável a esta capital, mas cujos projetos hão sempre abortado”.

“...não é só jurídica, só poética, só filosófica, só artística, só política, só econômica. Nada disto. **A sua orientação** é outra: é a facilitação de uma leitura realmente séria e aproveitável”.

A direção estava confiada a Machado Dias, sem mais figurarem redatores, devendo fazer-se a publicação, como de fato ocorreu, nos dias 10, 20 e 30 de cada mês, com 16 páginas. Foi estabelecida a seguinte tabela de assinaturas mensais: no Estado — 1\$000; nos outros — 1\$200; no exterior — 1\$500. Número avulso — \$500.

A 13 de maio, circulou em edição dedicada à data, divulgando, além da nota redacional, unicamente, o poema “Os algemados”, de Fernando de Castro. A partir de julho, passou a sair quinzenalmente, nos dias 15 e 30.

Foi dos mais seletos o corpo de colaboradores da **Revista do Norte**, a começar por Clóvis Bevilaqua, inicialmente com as “Contribuições para a história do Direito”; Artur Orlando, prosa literária; Martins Júnior e Fernando de Castro, poesias e crônicas literárias; Olinto Victor, João Vieira, Dantas Barre-

to, Adelino Freire e Solidônio Leite (prosa) e poesias de Costa Neto, Gervásio Fioravanti, Davino Pontual, Leônidas e Sá, Taumaturgo Vaz, F. Pinto de Abreu e Cruz Saldanha. A edição de 15 de julho inseriu artigo póstumo de Tobias Barreto, que permanecera inédito em poder do também colaborador Artur Orlando.

A publicação seguiu-se, então, quinzenalmente, aumentando para 24 páginas, sem mais alterações. Entretanto, nada obstante os prognósticos da redação, não conseguiu ir muito adiante, extinguindo-se com o n<sup>o</sup> 16, de 30 de agosto, tudo formando um volume de 294 páginas (Bib. do Liceu de Artes e Ofícios e Bib. Est. de Sergipe) (1).

O COMBATE — *Periódico Político e Literário* — Deu à luz o primeiro número no dia 2 de fevereiro de 1891, em substituição a *O Bond*, tendo como redatores José Coelho, Ernesto de Paula Santos, Higino Belo, Manuel do Sacramento, Leônidas de Oliveira e Luiz de Freitas. Impresso em formato de 22x16, com quatro páginas, anunciou que circularia em dias indeterminados, custando \$200 a assinatura mensal e \$040 o número avulso. Escritório de redação à rua Visconde de Albuquerque n<sup>o</sup> 44.

Apareceu, segundo o artigo de apresentação, “como mero soldado nos campos da imprensa, por entre a descrença que avassala os mais obscuros recônditos do país”.

Além das produções do pessoal da redação, o jornalzinho criou uma seção noticiosa, intitulada “Gazetilha”, e outra de “Charadas e Logótipos”, por L. Bandeirinha e D. Luizinho.

Nas mesmas condições, circularam mais três números, o último dos quais datado de 6 de março. Impressão (só o n<sup>o</sup> 1) da Tip. Central das Artes (rua Augusta n<sup>o</sup> 2) e da tipografia d’O Povo (Bib. Púb. Est.).

O NOME — Revista de bolso, formato de 18x12, com 16 páginas, inclusive a capa, tudo em modesto papel, surgiu a 14 de fevereiro de 1891, sob a responsabilidade de Freitas,

---

(1) Antes de ir a Aracaju, cuja Biblioteca Pública guarda expressivo acervo de publicações pernambucanas, o Autor manuseara coleções do escritor Fernando Pio, da Bib. Púb. Est., da Bib. da Fac. de Direito-UFPe e da Biblioteca Nacional, tôdas, porém, com lacunas.



Moura, Bevilaqua & Cia. Impressa na Tipografia Econômica, situada à rua do Imperador nº 73, tinha redação à rua dos Pires nº 111. Do expediente, inserto no verso da capa, constava ser indeterminado o dia da publicação; aceitava colaboração, cabendo à redação o direito de rejeitar os artigos que não julgasse dignos de divulgação; até segunda ordem, não admitia poesias.

Não adotava programa. “Escreveremos à mercê da fantasia, sôbre tudo que nos parecer conveniente ou simplesmente agradável e faremos dêste efêmero periódico uma escola onde limaremos o estilo e uma incude onde se retempere o aço de nossas penas, para que mais tarde possamos fazer delas chuços ou gládios para a defesa da pátria”.

Divulgou contos e crônicas ligeiras de Otávio de Freitas, E. Bevilaqua, **Rochinha**, J. Moura e **Black**, e um artiguete de João Dias, “contra os desmandos que continuam cometendo os homens da atualidade”. (**Bib. Púb. Est.**).

O segundo (e último) número circulou a 28 de fevereiro (1).

**A IMPRENSA — Órgão Crítico, Literário e Noticioso —** Entrou em circulação o nº 1 a 18 de fevereiro de 1891, formato de 24x16, com quatro páginas, a duas colunas de composição. Redação de Tito Franco. Assinava-se a 1\$500 por trimestre, custando 250 réis cada exemplar.

“Será o nôvo campeão completamente imparcial” — declarava o artigo-programa. Noticiaria os acontecimentos com “justiça e sensatez”, tendo como lema: “Instrução e Liberdade”.

Dizendo-se quinzenal, divulgou o nº 2 logo no dia 28. Bem impresso, na Tip. Apolo, à praça Marquês do Herval (atual Joaquim Nabuco) nº 5, e bem redigido, divulgou, nas duas edições (1 A), matéria literária, inclusive a seção “Pérolas sôltas” com poesias de Câncio Prazeres, Sílvio Bouillon e L. Moreira de Azevedo; discurso do acadêmico Sérgio Loreto; o folhetim especial, sem assinatura, “Tragédias do Rio

---

(1) Informação colhida no **Jornal do Recife** de 29 de fevereiro de 1891. Nos “Anais” Alfredo de Carvalho só mencionou o nº 1, interrogativamente.

(1 A) Alfredo de Carvalho mencionara, apenas, o nº 1.

Feio”; “Considerações sôbre a Mulher”, por Tito Franco; e estabeleceu concurso literário, sôbre o tema: “Uma cena campestre”, a ser disputado através de sonetos. (**Bib. Púb. Est.**).

Ainda saiu o nº 3, que foi o último, datado de 14 de março, segundo noticiou, no dia seguinte, o **Jornal do Recife**.

**A RUA** — Número único, foi editado a 6 de março de 1891, formato mínimo, de 13x9, com quatro páginas. Preço do exemplar — 20 réis.

De frente, num quadro em vinhetas, lia-se: “Salve o dia 6 de março de 1817 — Salve!” Das três outras páginas só constaram produções relativas ao 74º aniversário da Revolução Republicana, terminando com ligeira poesia de **Ezzelin** (**Bib. Púb. Est.**).

**O JUDAS** — **Jornalzinho de bolso**, teve seu primeiro número (e único) em circulação no dia 28 de março de 1891, formato de 13x9, com quatro páginas de uma só coluna. Redator — **Padre Aleluia**. Trazia, sob o título, o anexam: “Aleluia... Aleluia! Peixe no prato, farinha na cuia”. Impresso, como o precedente, na tipografia d’**O Povo**.

Sua matéria constou de editorial focalizando a existência, então, de Judas mais infames do que aquêles que vendeu Cristo, e dos versos satíricos “A judarrada”, onde se fêz uma descrição dos diferentes tipos e castas de Judas (**Bib. Púb. Est.**).

**O PEDANTE** — **Órgão do Grande Clube dos Pedantes** — Apareceu no dia 10 de abril de 1891, formato de 13x9, com quatro páginas de uma só coluna. Preço do exemplar — 20 réis. Sob o cabeçalho via-se, apenas, uma figura esquelética de homem (clichê a canivete, em madeira), ladeada, em sentido perpendicular, dos versos a seguir, dois de cada lado:

“Como hoje é muito fácil  
O emprêgo do pedantismo,  
O nosso herói sai a campo  
Cheio de afã e heroísmo”.

Matéria única: um “artigo de fundo” de 18 linhas e seis quadras de definição dos indivíduos pedantes. Foi impresso

na tipografia d'O Povo, ficando na edição de estréia (Bib. Púb. Est.).

O HEROE — Número único (sem data), circulou a 21 de abril de 1891, formato de 13x9, com quatro páginas de uma só coluna. Gráficamente mal feito, foi impresso na oficina d'O Povo. Redatores — Euclides Pessoa e Teófilo Pessoa.

Da primeira página, circulada de péssimas vinhetas, constou o seguinte: "Homenagem ao Alferes Joaquim José da Silva Xavier — o Tiradentes, fuzilado em 21 de abril de 1789".

Seguiu-se artiguinho de Euclides, que declarou não ser mais possível suportar o governo de Deodoro da Fonseca, exclamando: "As armas, pernambucanos! Revolução ou morte!"; mais notas de poucas linhas, um "Anagrama" (aliás, acróstico) do mártir mineiro e uma quadra épica, com a assinatura de João de Deus e dos dois redatores (Bib. Púb. Est.).

A REACÇÃO — Órgão do Clube Literário 7 de Setembro — Começou a sair a 30 de abril de 1891, formato de 31x22, com quatro páginas de três colunas, obedecendo ao lema: "Deus, Pátria e Progresso". Impresso na Tip. Apolo, situada na Praça da Concórdia (atual Joaquim Nabuco) nº 5, instalou redação à rua do Sebo (hoje, Barão de São Borja) nº 82, 1º andar. Publicação quinzenal, assinava-se a 500 réis mensais. Redatores: Olímpio Eusébio de Arroxelas Galvão, Luiz Gomes Monteiro de Melo, Henrique Barros e José Jorge L. Carvalho.

"Longe de querer envolver-se em política, nesse medonho abismo de intrigas e de rixas" — dizia o artigo-programa — "seu assunto será sempre literário". Buscaria o progresso da Associação de que era órgão, "esperando merecer o auxílio do povo pernambucano".

Iniciou as seções "Ensalos científicos", "Perfis históricos", "Diamantes esparsos", "Crônica social", por Ply, e folhetim, com a colaboração de José Lima, Joaquim Ribeiro Dantas e Ismael Silva.

O nº 2 só apareceu a 20 de maio, contendo produção, também, de Ernesto de Paula Santos e as seções "Tímtim por Tímtim", por Júnior, e "No lítico".

Publicando-se muito espaçadamente, do nº 3, de 10 de junho, passou para 5 de setembro, em formato um pouco maior. Daí por diante deixaram de figurar os dois últimos redatores, completando a equipe o nome de Virgílio Caneca. A indicação do alto foi substituída por Órgão Literário.

Afora os nomes citados, a fôlha teve a colaboração de José Pedro Júnior, Feliciano de Ataíde, Coelho Neto Júnior e Ozonra Oatil. Encerrou o ano o nº 64 (1), de 21 de dezembro, quando decidiu não mais receber assinaturas, estabelecendo em 100 réis o preço do exemplar, e retirou o lema do cabeçalho.

O nº 1, ano II, saiu a lume no dia 14 de janeiro de 1892 e o 4º a 21 de maio (2), acrescentando-se-lhe novo redator — Álvaro Leitão. E apareceram produções, não somente dêle, mas também de Castro Morais, Olavo Glympaio e Job (“Croniqueta”) — dois pseudônimos do primeiro redator.

Ultrapassando dificuldades, **A Reacção** voltou à tona — nº 1, ano III — a 1º de abril de 1893, feito “periódico científico, literário, humorístico, etc”, impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 75, em formato menor, de três colunas estreitas. A turma anterior foi reforçada com os “redatores-fiscais” Paulo de Arruda e Epaminondas de Albuquerque e o redator-tesoureiro Ernesto de Paula Santos, o Fortunio de Paula dos “Rabiscos”. Contou, por fim, com a colaboração de Alfredo de Castro. Não continuou (**Bib. Púb. Est.**).

**O JORNAL PEQUENO — Órgão do Clube 22** — Circulou a 11 de maio de 1891, formato de 33x21, com quatro páginas de três colunas, impresso em papel couché. Número único, a 100 réis o exemplar, exibiu, de frente, magnífico retrato, a craion, de José Mariano Carneiro da Cunha, “chefe da democracia no Norte do Brasil”.

---

(1) Alfredo de Carvalho registara, nos “Anais”, como último de 1891, o nº 2, atribuindo-lhe a data errônea de 20 de dezembro.

(2) O mesmo autor dera o nº 3, de 27 de abril, como derradeiro do segundo ano. Aliás, na coleção manuseada não existem comprovantes além do nº 4 do referido ano II. Entretanto, ao reaparecer **A Reacção**, no terceiro ano, adiantou o editorial que a publicação fôra suspensa “em agosto de 1892, por motivos de ordem superior”.

Ensejava a chegada, na data referida, do famoso político ao Recife, com “o intuito primordial de saudá-lo”, conforme o artigo de apresentação, que concluiu por declarar que o fazia “de perfeito acôrdo com os seus mais sistemáticos inimigos de outros tempos”.

Constituia, pois, a aparição do jornal um acinte ao líder Martins Júnior, então adversário de José Mariano. As páginas centrais encheram-se de saudações, em prosa e verso, assinadas, caricaturalmente, por Arôcha Júnior, Gildo Samuel Júnior, Ambrósio Machado Júnior, Pereira Simões Júnior, Medeiros Júnior, T. Licio Buarque Júnior, Major Cintra Júnior, Ulisses Júnior, V. Cisneiros Júnior, etc., com a declaração final de que, “por falta de espaço”, deixava “de ser publicado o artigo do sr. Martins Júnior”... A quarta página constou de charges de crítica a Martins Júnior e Ulisses Viana (Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.).

ARCHIVOS DO NORTE — Impresso em papel couché, na tipografia do **Diario de Pernambuco**, circulou com oito páginas, formato de 22x16, no dia 15 de maio de 1891. Pretendendo publicar-se quinzenalmente, instalou redação à rua Barão de São Borja nº 36, sob a responsabilidade de França Pereira, Teotônio Freire, Marques Silva e Luiz Gomes Monteiro de Melo.

Seu programa estava expresso no tópico a seguir, do artigo de apresentação: “**Archivos do Norte** é um pequenino batalhador em prol da autonomia espiritual pernambucana; original como o seu título o indica, aparece no mundo das letras como quem vem cumprir um dever. Firmam-no as penas dos neófitos literários; sua recomendação está em não ter programas, nem idéias preconcebidas em Religião, em Política, em Letras ou em Filosofia”.

Constou a matéria de produções, em prosa e verso, assinadas pelos redatores, que assim encheram as oito pequenas páginas.

Não prosseguiu (Bib. Púb. Est.).

**O ARRAZA...** — Demolidor, Crítico, Satírico e Noticioso — Surgiu no dia 25 de maio de 1891, formato de 31x22, com quatro páginas de três colunas, declarando-se impresso na “Tip. d’O Arraza...”. Preço da assinatura mensal — 300

réis; número avulso — 40 réis. Só na segunda edição veio o aviso de que todo e qualquer negócio seria tratado com Joaquim Magalhães, à rua 15 de Novembro (do Imperador) nº 45, o qual, no terceiro número, aparecia também no cabeçalho, feito diretor, ao lado de Paulo Sobel, Manuel de Oliveira e Faustino Pessoa.

Assim concluiu o artigo de apresentação: “Nós viemos, e aqui estamos, para esboroar, se não conseguirmos demolir, os velhos preconceitos, os hábitos de inércia, as falsas virtudes e os vícios encapados. Nossa missão é devastadora. Outros se encarreguem de reorganizar, que a nós compete simplesmente a derrubada. A picareta, pois!”

Em sua curta existência, cumpriu o programa traçado, ocupando-se dos mais diferentes assuntos, criticando o que achava errado, desde os namorados afoitos até os serviços públicos, em notas concisas. Começou, em folhetim, o drama “Disciola”, de Alfredo Pinto Vieira de Melo (sem chegar ao fim); adotou a seção “Cabeçadas”, de charadas e logogrifos, e inseriu colaboração, em prosa e verso, de Fábio Rimo Bacharel, A. Silveira, Dr. K. Leite, O Pé de Bronze, Theo, etc. A última página era de anúncios.

Não obstante o sub-título, **O Arraza...** pouco **demoliu**, sendo êle próprio **demolido** após o nº 4, de 12 de junho, quando a primeira página se apresentou circulada de tarja, com um soneto de Eremita de Sousa Pereira de Oliveira, dedicado à memória de seu pai — Manuel de Sousa Pereira (Arq. Púb. Est.).

**REVISTA ACADEMICA DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE** (1) — Datada, simplesmente, de 1891, o primeiro número circulou no mês de junho, obedecendo ao formato de 22x16, com 56 páginas, mais um Suplemento e capa em papel de côr. Comissão de Redação: Clóvis Bevilaqua (redator-chefe), José Izidoro Martins Júnior, Adelino A. de Luna Freire Filho, Antônio de Siqueira Carneiro da Cunha e José Joaquim de Oliveira Fonseca. Trabalho material da Tipografia de F. P. Boulitreau, situada na rua do Imperador nº 48.

---

(1) A fundação do magazine foi uma decorrência da Reforma Benjamin Constant, exarada por decreto de 2 de janeiro de 1891, que deu novos Estatutos às Faculdades de Direito do país, nêles determinada a criação de revistas acadêmicas.

Abriu o texto o artigo "Palavras iniciais", que assim concluiu: "A **Revista Acadêmica** será essencialmente jurídica, ou, se preferirem, jurídico-social. Seu campo, no entanto, é assás vasto, porque não só o direito está intimamente relacionado com muitas ciências, como depende de outras, além de que o quadro das que se ensinam em nossas Faculdades já é bastante largo, e de que as questões fundamentais se apoiam, em regra, nas generalidades de ciências propedêuticas do Direito, como seja: a Psicologia, de que ele é um ramo.

"Dando ingresso, neste repositório, a qualquer discussão científica destas diversas disciplinas, cujas soluções venham esclarecer pontos obscuros ou litigiosos de jurisprudência, não só teremos trabalhado por seu rejuvenescimento e consolidação, como, pelo efeito das variações e dos contrastes, conseguiremos expor grande número de noções, sem exigir fatigante contenção de espírito por parte da mocidade, a quem mais diretamente nos dirigimos".

Constou a edição, apenas, de substanciosos artigos dos redatores.

Publicada, inicialmente, de dois em dois meses, em fascículos de cerca de 72 páginas, assinava-se a 3\$000 por semestre, custando 1\$500 o número avulso; mas os estudantes só pagavam metade do preço. Assinaturas: na Secretaria da Faculdade; entretanto, a correspondência literária devia ser dirigida ao dr. Clóvis Bevilaqua, à rua Barão da Vitória (atual rua Nova) nº 42.

Tornou-se, logo mais, anual, sendo impressa, de 1894 a 1898, na Tipografia Panteon das Artes, de Hugo & Cia., situada à rua 15 de Novembro (atual do Imperador) nº 79, para, após uma suspensão de dois anos, fixar-se, desde 1901, na Imprensa Industrial, de Néri da Fonseca & Cia., à rua do Bom Jesus ns. 34/36, tipografia depois transferida para a rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) ns. 49/51. Só o nº XLI, de 1933, esporadicamente, foi impresso na Tip. Central, à rua Paulino Câmara (atual Camboa do Carmo) nº 104, e a edição de 1947 na Seção de Artes Gráficas da Escola Industrial, na Encruzilhada.

A comissão redacional, de cinco membros (Clóvis Bevilaqua chefiou-a até 1906), vinha sofrendo modificações, assim ocorrendo anos adiante, dela participando, sucessivamente, Adolfo Cirne, Eugênio de Barros, Constâncio Pontual, João

Vieira, Faelante da Câmara, Gervásio Fioravanti, José Vicente Meira de Vasconcelos, Virgínio Marques, Augusto Vaz, Laurindo Leão, Tito Rosas, Neto Campelo, Gondim Filho, Joaquim Amazonas, Hersílio de Sousa, Otávio Tavares, Mário Castro, Joaquim Pimenta, Metódio Maranhão, Andrade Bezerra, Sofrônio Portela, Tomaz Lins Caldas Filho, Sérgio Loreto Filho, Soriano Neto e Aníbal Bruno.

A **Revista** teve, mais, pelos anos a fora, a colaboração de Odilon Nestor, Oliveira Lima, Edgar Altino, Gilberto Amado, Barreto Campelo, Cônego Xavier Pedrosa, João Aureliano, Mário Marroquim, Pedro Lins Palmeira, Agamenon Magalhães, J. J. de Almeida, Abgar Soriano, Mário Pessoa, Haroldo Valadão, Nestor Diógenes, Luiz Delgado, Arnóbio Graça, Magarino Tôrres, Levi Carneiro, Djacir Meneses, Pedro Calmon, Hermes Lima, Rodolfo Araújo, Pinto Ferreira e outros.

Além dos artigos assinados, inseria provas escritas, conferências, discursos, pareceres e necrológicos de mestres de Direito. A princípio com uma média de 200 páginas por ano, aumentou-as, atingindo 636, como aconteceu em 1929. Em 1935, reduziu-se o título para, simplesmente, **Revista Acadêmica**, mas “órgão da Faculdade de Direito do Recife”.

Circulou, ininterruptamente, até 1948, retornando, dois anos depois, numa edição de 283 páginas, pertinente aos anos de 1949/1950.

A edição que devia sair em 1951, de adiamento em adiamento, veio à luz datada de 1951/1956 — ano LVIII — com o caráter de Anais da Universidade do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco), tendo como responsáveis os professores Soriano Neto, Pinto Ferreira e Mário Pessoa.

Esse número, constituindo um volume de 516 páginas, foi confeccionado na oficina da Imprensa Universitária. Do sumário constaram, além de produções dos redatores, outras de Gondim Filho, Mário Lins, Edgar Altino, Evandro Neto e Evaldo Altino Melo de Araújo e dos acadêmicos Nelson Nogueira Saldanha, Vamireh Chacon e Martins Souto (2) (**Bib. Púb. Est. e Bib. da Fac. Dir. UFPe.**) (3).

---

(2) Voltou a publicar-se a **Revista Acadêmica** e ainda circula com certa regularidade.

(3) A Biblioteca Municipal Mário de Andrade, de S. Paulo, possui 41 vols. encadernados da importante revista, compreendendo as edições de 1894 a 1946.



**A GITANA** — Noticiou o **Diário de Pernambuco** de 5 de junho de 1891: “Bem fantasiada, apareceu-nos ontem uma interessante **Gitana**, que se propõe, segundo o seu apresentante e introdutor, **Fr. Malazartes Filho**, a ler a sina do povo. Possuindo o dom da ubiquidade, pode estar em tôda parte para onde fôr levada. Os que, portanto, quiserem consultar a **buena dicha**, só têm o trabalho de procurar nas livrarias **A Gitana**, moderníssimo livro de sortes para as noites de Santo Antônio, São João e São Pedro”.

**O CARRANCA** — Outro livro de sortes saiu à luz, conforme sucinta informação do **Diário de Pernambuco** de 13 de junho de 1891. Encontrava-se à venda na rua da Penha nº 1 e na travessa de São Pedro nº 2.

**O DEFENSOR DO POVO** — **Órgão Popular** — Impresso na tipografia da Sociedade União Progressista Central das Artes, à rua Coronel Suassuna (hoje, rua Augusta) nº 2, saiu à luz no dia 18 de junho de 1891, para publicar-se duas vezes por semana, em dias indeterminados. Redatores — Sebastião Guedes, Eleutério Escobar e Manuel do Sacramento, “sendo os dois últimos responsáveis”, localizada a redação na rua da Penha nº 1. Assinava-se a \$200 mensais, custando 0\$20 o número avulso. A partir do segundo número: mensalidade para o interior — \$300. Formato de 26x18, com quatro páginas de duas colunas.

Palavras do editorial de apresentação: “Sem entrar nas raias de um acanhado programa, êle propõe-se a patrocinar a justa e santa causa dos oprimidos que se estorcem nas agônias de um lutar incessante”.

Seguiu-se outro editorial, a respeito do estado de abatimento do povo brasileiro. Sob a epígrafe “Revista”, vinha o noticiário local, concluindo com uma “Seção alegre”. A quarta página continha anúncios.

Algumas edições depois, aumentou o formato para 33x23, a três colunas de composição. Tornou-se, no nº 12, de 24 de agosto, propriedade única de Eleutério Escobar, adotando tabela completa de assinaturas, a saber: ano — 4\$000; semestre — 2\$000; trimestre — 1\$000; mês — \$350; para fora da cidade, respectivamente: 4\$800; 2\$400; 1\$200 e \$400. E acrescentou ao expediente: “As publicações de interêsse particular serão feitas mediante prévio ajuste e pagamento adiantado”.

Novas seções foram criadas, tais como: “Arquivos da Redação”; “Pérolas Sôltas” (poesias); “Literatura amena”; “Causas e cousas”, pelo **Dr. K. Brito**; “Útil e agradável”, comentário de Tito Franco; “Comunicados”; “Sociedade Tipografica”, por **Incognitus**, além de alguns anúncios. Nos primeiros cinco números foram colaboradores: Felício Buarque e Marcelino Santos.

Continuando como semanário, circularam, ainda, alguns números. No 18º, Tito Franco assumiu a propriedade da empresa; mas, com o 19º, de 19 de outubro, encerrava-se sua existência. Essa última edição, curiosamente, saiu com o título reduzido para **O Def. do Povo**, esclarecendo uma nota, abaixo, que as letras faltantes tinham sido roubadas por um empregado (**Bib. Púb. Est.**).

**A EVOLUÇÃO — Literatura e Crítica** — Em formato de 27x18, três colunas normais de composição e quatro páginas, o nº 1 circulou a 19 de junho de 1891. Imprimiu-se na oficina do **Estado de Pernambuco**, à rua do Imperador nº 45, tendo redação instalada na rua Ponte Velha nº 9. Redatores — José Pedro Júnior, João Barreto de Meneses, Feliciano de Ataíde e J. de Medeiros. Constava do expediente: “Declara-se, em tempo, não haver taxa determinada para assinaturas enquanto não houver época determinada de saída d’ **A Evolução**. Aceitamos aquilo que ditar a generosidade dos senhores assinantes”.

Lia-se no artigo-programa: “O jornalismo literário em Pernambuco representa bem uma criança, que, envergonhada, volta ao lar materno assim que chega à rua pela primeira vez”. Vinha, “pé ante pé, rompendo as multidões de poeira dos corredores do **palácio literário**, erguer, medrosamente, o reposteiro da sala da imprensa”. Acentuou: “Não tem em mente envolver-se no **movimento social** que agita os governos, não; ambiciona, apenas, a literatura”.

Tôda a edição foi ocupada por artigos e poesias (1), assinados pelos redatores, terminando com a seção “Para rir”.

Ao que tudo indica, não passou do primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) José Pedro Júnior divulgou o poemeto “O gênio da Imprensa”, ao qual pertence a décima a seguir:

**A RONDA — Periódico Crítico e Noticioso** — Publicou-se a 23 de junho de 1891, tendo como redatores Joaquim Magalhães e Antônio Silveira. Continuava “a comparecer” em substituição a **O Arraza**, que fôra “totalmente arrasado”, mantendo o mesmo formato. Além do pessoal de casa, teve mais a colaboração de Zeferino Cardoso, João Ezequiel de Oliveira Luz e Ezequiel de Santana, com algum noticiário e a quarta página de anúncios. Não continuou (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

**O FANTOCHE** — Jornal de críticas e humorismo, saiu a lume a 15 de julho de 1891, formato de 33x22, com quatro páginas, duas das quais em litogravura, trabalho da Lit. e Tip. Miranda, situada à rua Duque de Caxias nº 39. Destinado a publicar-se “quatro vêzes por mês”, montou escritório à rua Nova nº 39, 1º andar, cobrando 100 réis por exemplar e 1\$500 pela assinatura trimestral.

Sob o desenho do cabeçalho, representado por um pa-lhaço de braços abertos segurando uma facha com o título da fôlha, exibiu artístico retrato, a craion, do famoso lider republicano Silva Jardim. Abrindo o texto, na segunda página, declarava o editorial que o objetivo da publicação era “fantocheiar a humanidade inteira, numa crítica ciclôpicamente causticante, numa garotagem **pitombicamente** mortificadora”; troçar de tudo; “dizer verdades, duras como a cabeça do homem da **espada de ouro**, mas equilibrando-se na corda bamba da política”. Seguiu-se a biografia da “figura gigantesca” do retratado.

Manteve o programa, principalmente de crítica à política vigente, tanto no setor federal quanto no estadual, atirando verrinas à imprensa oposicionista, o que fazia através de **charges** em litogravura, de que se constituíam as páginas externas, e da matéria tipográfica, em prosa e verso, dividi-

---

“Sou da longa humanidade  
 O grande sol, nôvo Deus!  
 Todos bebem nos meus raios  
 O brilho dos raios seus!  
 — O bruto me teme a fôrça!  
 — O político se esforça  
 Por me não desrespeitar!  
 — O literato me estima!  
 — O pobre artista me anima!  
 — Tudo vem culto me dar!”

da em seções, tais como: “Lembranças”, por **Piperlin**; “Garatujas”, a cargo de **Caturra**; “Receitas”, pelo **Dr. Pitombo**; “Reparos”, do **Major Pataca**; “Retratos”, por **Nemo** (pseudônimo de Teotônio Freire) e outras, firmadas por **Gavroche**, **Bibelot** (pseudônimo de Euniciano Ribeiro), **Bocacio**, etc. Já para o fim, **Tagarela** e **Cock** ocupavam-se de temas teatrais, focalizando a chegada ao Recife da Companhia Arion.

O periódico, que tinha como redator e proprietário Olímpio de Seixas Borges, extinguiu-se com o nº 8, de 9 de setembro, fundindo-se com o já antigo **O Binoculo (Bib. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.)**.

O **REPUBLICANO** — Número único, datado de 16 de julho de 1891, formato de 18x13, foi impresso na Tip. Industrial, em bom papel.

A primeira página constou de um quadro tarjado, com vinheta fúnebre e os dizeres: “Sincera homenagem ao distinto republicano dr. Antônio da Silva Jardim, desaparecido na cratera do Vesúvio”. As três páginas restantes traziam ligeiras produções, em prosa e verso, alusivas ao fato, firmadas por Laurentino Moreira, Henrique Lima, **Laviconterie**, Carlos Perrelt, Francisco Falcão Filho. Maria do Carmo Falcão e J. Veracundo P. de Carvalho. Uma quadra, assinada apenas com asteriscos, dizia:

“Bravo, valente, gigante,  
Foste cair num vulcão!  
Só nas cavernas da terra  
Acha repouso o leão”.

“Gigante”, “Águia”, Gênio”, “o maior dos homens”, “vulcão de pensamentos de ouro”, “cabeça ígnea” e “o martir da liberdade” foram outros tantos qualificativos atribuídos a Silva Jardim (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

**REVISTA BOHEMIA** — Com oito páginas de 27x18½ e boa feição material, circulou o primeiro número, que foi também o último, em julho de 1891, tendo como redatores Alberto Dias, Ferraz Mendes e Alves de Farias. Este assinou o artigo de apresentação, dizendo tratar-se de uma revista de moços cheios de ardor e idéias, para acrescentar, entre outros conceitos: “Vimos de dentro da mocidade, o que vale dizer que, à semelhança dos peregrinos de Meca, temos os olhos voltados para o sol”. E mais: procurava reformar, ou melhor, “demolir para reconstruir”.

Além dos trabalhos assinados pelos redatores, divulgou outros com os pseudônimos de **Ariel**, **Sileno** e **Eldemone**. De oito páginas, a primeira serviu de capa, tudo em papel comum, com o título em diagonal e campo branco, figurando em cima o corpo redacional e em baixo o nome da Tipografia do Apolo, que o imprimiu, situada na Praça Marquês do Herval (hoje, Joaquim Nabuco) nº 5, além do ano e sede da publicação. Da última página constou um anúncio, em boa forma literária, do Sorvete Familiar (1) (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE UNIÃO PIAUHYENSE** — Circulou em julho de 1891, com 22 páginas de texto, em papel **bouffant** e capa em bom acetinado de côr, formato de 22x16. Assinatura semestral — 2\$000. Trabalho gráfico do Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias ns. 29/31.

Destinava-se a tratar de “todos os assuntos concernentes ao Estado do Piauí”, segundo a nota de apresentação, colocada na última página, e mais: “Literatura, História, Geografia, Linguística, Antropologia e todos os demais ramos do conhecimento humano”.

A primeira página exibiu retrato de Sigismundo Gonçalves (litogravura de Rodolfo Lima), seguido de notas biográficas a cargo de Leônidas e Sá, presidente da Sociedade União Piauiense, o qual também escreveu “Contribuições para o Folclore Brasileiro”. F. A. Pereira da Costa focalizou a adesão do Piauí à Confederação do Equador, e, além de outras colaborações, Melo Rezende inseriu “Poetas piauienses”.

Publicou-se o nº 2 (e último) no mês de agosto, continuando a numeração de páginas do anterior, até o total de 40, afora a capa. Abriu com a biografia e retrato do desembargador José Manuel de Freitas. Depois de outras produções, terminou com a “Crônica”, assinada Rezende & Cabral (**Bib. Púb. Sergipe, Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**) (1 A).

---

(1) Dizia um dos tópicos do reclamo: “Ainda nos seus sorvetes tôda a ambrosia estranha dos banquetes de Luculo e êles surgem de dentro dos cálices cristalinos numa visualidade microscópica de geleiras da Suíça”.

(1A) Nas Bibliotecas Nacional e do Estado de Pernambuco existe, apenas, a edição de estréia.

**SILVA JARDIM** — **Terceiro Ano de Perseguição aos Republicanos** — Número único, de julho de 1891, apresentou-se em formato de 31x22, com quatro páginas, impresso na Tipografia Apolo.

Lia-se na página de frente, circulada de tarja, em tipos fortes: “Saúdosa homenagem dos verdadeiros republicanos do povoado do Peres ao grande herói que, no verdor da existência, encontrou o sepulcro no horrendo abismo do Vesúvio”. Abaixo, trazia duas quadras, assinadas por Amaro Pessoa, o responsável pela publicação, a segunda das quais vai abaixo transcrita:

“Dorme, batalhador; dorme, gigante  
 Republicano audaz. Eu me ajoelho  
 Ante o livro de tua imensa história,  
 Que será o meu único Evangelho”.

As páginas restantes da poliantéia inseriram artigos de João de Oliveira, Leônidas e Sá, Henrique Lima, Felício Buarque, Júlio Hancem, etc., e poesias de J. C. A. e Cândio Prazeres (**Bib. Pú. Est. e Bib. do Inst. Arq.**).

O **BORGES** — Poliantéia em homenagem ao 35º aniversário natalício de Joaquim de Oliveira Borges, circulou a 9 de agosto de 1891, formato de 32x22, com quatro páginas, impressa em papel especial. Confeção material da “tipografia do Clube da Esteira”.

Na página de frente aparecia o retrato do aniversariante, em litogravura, numa pôse solene: chapéu de dois bicos, esporas, espada à cinta; na mão esquerda, um bastão com o símbolo de farmacêutico e, na direita, o varão da vela da jangada em que se mantinha, de pé, sobre mar revólto. Trabalho, éste, da Lith. Epaminondas, trazia as seguintes assinaturas: Maria Julia Borges desenhou; Julius Von Sohsten fotografou; C. P. Lemos litografou. Acima de tudo: “Estado do Ceará — 9 de agosto de 1865”. Abaixo: legenda em versos humorísticos, de **Gregório Júnior** (pseudônimo de João Gregório Gonçalves).

As três outras páginas eram constituídas de ligeiras notas ou poesias, até em línguas estrangeiras, de saudação ao homenageado, com diferentes assinaturas, predominando a boa verve.

Inicialmente, o artiguete de apresentação explicou que **O Borges**, “órgão genuíno do Clube da Esteira”, fôra confeccionado às custas do anfitrião, acrescentando: “Sairá à luz quando o Clube cismar e tiver vontade”.

Ficou nisso. (**Bib. Púb. Est.**).

**ARION** — Propriedade de uma “emprêsa anônima”, com o “capital” de “mil histórias divididas em 500 contos”, para vender-se o exemplar a 100 réis, circulou pela primeira vez a 5 de setembro de 1891. Impresso no Ateliê Miranda, à rua Duque de Caxias ns. 29/31, apresentou-se em formato de 33x22, com quatro páginas, duas das quais em litogravura.

Dizia-se “jornal sem peias, com muito espírito, sem programa, sem dias determinados de saída, sem assinantes, escrito à vontade dos seus incorporadores, saindo quando cismar que deve sair, esvoaçando aqui e acolá como um sorriso de solteira, indo ao teatro ouvir religiosamente a “Gioconda” ou pousando rindo sôbre a careca de qualquer burguês amigo”.

A primeira página estampou retrato de artista da Companhia Arion, que iniciava sua temporada no Teatro Santa Isabel, prática que continuou até a última edição. Constou o texto de matéria exclusivamente alusiva a teatro.

Verificou-se, a partir do nº 2, que os cantores líricos não tinham grande mérito, passando a merecer cerrada crítica dos redatores, escondidos atrás de pseudônimos, a saber: **Maestro E. Pompilius, Giovani Repoglio, Carlo Vileli, Capitano Fracasso, Gregorio Zangano, Muzali, Francisco Emanueli** e vários outros, que se revezavam. Cada edição inseria o resumo de uma ópera. Mas a crítica e o ridículo das notas e dos versos de **Arion** envolviam, igualmente, a turma dos bastidores, da imprensa e dos adutores dos artistas, com verve desconcertante. A quarta página, em litogravura, era constituída de **charges** (assinadas por **Porteli**), em tórno das representações da companhia lírica, cheias de mordacidade.

Impressa em papel **couché**, aparecendo no dias de primeira representação, **Arion** estendeu sua circulação até o fim da temporada, com o nº 12, datado de 17 de novembro (1).

---

(1) “Respiga daqui e dali, pouco a pouco se vai descobrindo a redação do **Arion**: Artur Espiua, Gonçalves Maia, Júlio Falcão; Rodolfo Li-

Reapareceu o interessante jornal, começando nova numeração — ano II — a 6 de outubro de 1892, por ocasião da temporada da Companhia Lírica de Giovanni Sansone, no Teatro Santa Isabel. Não se lhe alterou o aspecto material nem a substância redacional, figurando sempre na primeira página retrato de artista e, na quarta, um grupo de **charges** em litogravura. Não se vendia; trocava-se por 100 réis, na tipografia da **Gazeta do Recife**.

Advertira, inicialmente: "... vamos pregar umas mosquinhas de papel chinês na nuca dêsses burgueses gordos, anafados, pansudos, que não compreendem a vida".

Constituiu-se sua matéria de versos chistosos e trepações em prosa, caricaturalmente assinados por nomes de elementos de projeção da imprensa diária, mais a colaboração do famoso humorista **Gregório Júnior** (pseudônimo de João Gregório Gonçalves).

Nessa segunda fase, **Arion** não hostilizou os "astros" da Sansone, que só lhe mereceram encômios.

Ernesto de Vasconcelos era um dos redatores do órgão, que se despediu dos leitores com o nº 8 (2), de 29 de novembro, assim versejando:

"Co' êste número suspende  
Seus trabalhos o **Arion**;  
P'ra o ano, porém, pretende  
Da troça vibrar o som."

Não voltou a circular, encerrando, então, suas excelentes "vibrações" humorísticas (**Arq. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.**).

ERSILIA ANCARANI — Poliantéia datada de 29 de setembro de 1891, apresentou-se como "órgão da reivindicação em homenagem ao talento artístico da prima-dona da Companhia Lírica que canta atualmente no Recife". Forma-

---

ma, Ernesto de Vasconcelos, F. de Sousa Reis, Gregório Júnior" — salientou o escritor Valdemar de Oliveira, no artigo "**Arion** — uma revista teatral", in **Contraponto**, edição dedicada ao centenário do Teatro Santa Isabel, ano V, nº 12, dezembro de 1950.

(2) Não o nº 6, como consta dos "Anais".



to de 32x22, foi impressa no Atelier Miranda, com quatro páginas, em papel especial, a primeira das quais ostentando expressivo serviço em vinhetas, nêle engastados os nomes de seis óperas. Nas páginas restantes liam-se crônicas encomiásticas de **Fra Diavolo**, **Armando Zelio**, **Rui Blas**, **Condor**, **Stela Confidente**, etc. (**Bib. Púb. Est.**).

**O PORVIR** — **Quinzenário literário** — O nº 1 circulou a 3 de outubro de 1891, formato de 31x22, com quatro páginas a três colunas de composição, impresso na tipografia da rua das Flôres nº 24. Redatores: Benedito Formiga, Sabino Filho e Herculano Pinheiro. Assinaturas: trimestre — 1\$500; mês — \$500.

“Simples crianças, nalma e no cérebro”, ensaiavam “o vôo no mundo da Imprensa”, pedindo aos “condores” e “águias” relevassem a tentativa “dos tenros cultores do livro e da pena”.

Divulgou verso e prosa dos redatores e de Lessa Júnior; “Notas ligeiras”, em rodapé, por **N. O Phito**, terminando com “Logogrifo”, por **Luighi**.

Ao que tudo indica, a publicação ficou logo suspensa, só existindo comprovante de outra única edição: o nº 1, ano II (omitida a data), de 1892, reduzido o formato para 22x16, a duas colunas de composição. Saira do cabeçalho o nome de Herculano, surgindo um nôvo colaborador: Antônio Austregésilo (**Bib. Púb. Est.**).

**ORION** — Número especial de 22 de outubro de 1891, constituiu uma “homenagem da Sociedade Anônima Orion ao barítono Enrico Massini, na noite do seu benefício”. Com quatro páginas, formato de 33x22, a primeira estampou retrato do artista, desenhado por Libânio Amaral, e a última, também em litogravura, constou de cenas ilustradas da peça “Ruy Blaz”, levada à cena no Teatro Santa Isabel. As páginas do centro foram destinadas à matéria tipográfica, prosa e verso, em parte firmada pelos pseudônimos **Nemo**, que era Teotônio Freire, **Ego** e **Piperline**, tudo em tórno da “arte sublime” do famoso cantor (**Bib. Púb. Est.**, **Arq. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.**).

**A PEREGRINA** — Revista destinada a sair “duas ou mais vêzes por semana”, circulou o nº 1 no dia 24 de novem-

bro de 1891, formato de 32x23, a duas colunas de composição, com 18 páginas. Impressão da Tipografia Apolo, à Praça Marquês do Herval (atual Joaquim Nabuco) nº 5, e propriedade “de Honorato e seus colaboradores”.

Só uma parte era reservada “a ligeiras críticas e notícias”, sendo romances a sua divulgação principal. Começou com “O processo Lebel”, por Henry Demesse. Findou com notas de Ananias e alguns versos humorísticos.

Não consta que tenha prosseguido (**Bib. Púb. Est.**).

**PORVIR COMMERCIAL** — Órgão da Associação dos Empregados no Comércio de Pernambuco — Saiu a lume no dia 28 de dezembro de 1891, em solenização ao quinto aniversário da instalação do sodalício. Apresentou formato de 43x32, com quatro páginas, a primeira delas circulada de vinhetas, contendo palavras de exaltação à data, em caracteres fortes. Comissão Redatora — Cleodon de Aquino, Alexandre de Médicis, João Coelho de Almeida e Nereu Maciel.

A partir da segunda página, liam-se editorial, artigos e notas a respeito do evento, firmados por diversos colaboradores.

Em formato maior (53x37), a cinco colunas de composição e quatro páginas, impresso na oficina do **Jornal do Recife**, publicou-se o nº 2 a 8 de setembro (1) de 1892, data do sétimo aniversário da fundação (2) da A. E. C. P. Nova Comissão de Redação — Camilo de Andrade, Antônio de Castro Pinto e Augusto C. Boa Viagem.

Estampando retrato do presidente Augusto Lima, na primeira página, numa gravação de Rodolfo Lima, em três colunas, a matéria geral constou da rememoração dos primeiros anos de existência da Associação e de artigos e crônicas assinados.

Decorridos quatro anos, apareceu outra edição do **Porvir Commercial** a 8 de setembro de 1896, com seis páginas,

---

(1) Não “de dezembro”, como consta do registo dos “Anais”.

(2) Fundada, solenemente, no dia 8 de setembro de 1885, a Associação dos Empregados no Comércio de Pernambuco só se instalou, com a primeira diretoria, mais de um ano após, a 28 de dezembro de 1886.

formato reduzido, tendo como redatores Augusto da Silva e Artur V. M. Pereira. Homenageou o sócio fundador Nereu Correia Maciel, cujo retrato figurou na página de frente.

Voltou a publicar-se a 28 de dezembro de 1898, edição organizada por Pelaio Leal, Minervino da Rocha e Alfredo de Castro. Prestou homenagem, no estilo do costume, ao sócio benemérito Leôncio Chaves dos Santos. Matéria sempre farta, incluiu poesia de Manuel Duarte e um conto de **Nemo** (pseudônimo de Teotônio Freire).

O órgão da Associação dos Empregados no Comércio de Pernambuco chegou ao fim com o número especial de 28 de dezembro de 1899. Comissão de Redação -- José Júlio V. de Medeiros, Abel Guedes Pereira e Manuel Duarte. Foi homenageado o sócio benemérito Joaquim José Luiz de Sousa.

Efetuava-se o trabalho material em diferentes oficinas gráficas, sendo a derradeira edição impressa no Atelier Miranda (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**) (3).

A TABOCA — Órgão Joco-Sério e Não Político — Publicou-se o nº 1 a 31 de dezembro de 1891, formato mínimo, 10x8, com quatro páginas de duas colunas a cinco cíceros. Redatores — O. P., W. S. e O. M. Preço do exemplar — 10 réis.

Contendo mais de uma página de anúncios, o restante espaço foi dedicado a charadas, à seção "Para rir" e outras notas ligeiríssimas.

Ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

1 8 9 2

A JUNTA — Órgão da Legalidade — O nº 1, que foi também o último, circulou no dia 11 de janeiro de 1892, com quatro páginas, em papel especial, formato de 32x22, de três colunas. Aos lados do título apresentava os slogans "Ordem e Progresso" e "Saúde e Fraternidade"; e abaixo: "Este jornal não vende-se: compra-se por uma junta de três vinténs".

---

(3) Números esparsos.

“O nosso programa é simples — declarava — Propomo-nos a defender a verdade contra o erro, o bem contra o mal, o futuro contra o presente”.

“Não conspiraremos propinando veneno ou atirando dinamite; limitar-nos-emos a puchar os cordões dêsse bo-necos de engonço que escalaram o poder, para com os seus gritos e trejeitos divertirmos o público, e assim teremos mo-delado a nossa resistência com a arma digna daqueles po-lichinelos — com gargalhadas”.

Fechava a última página: “**A Junta** sai ao público, com quem palestra por uns **três vintens miudos**, nos dias que entende que o deve fazer, a exemplo da colega da Praça da República, que pratica os seus atos fundamentando-os na lei, na salvação pública, ou na unânime aclamação das gerações pretéritas e futuras”.

Tôda a matéria constou de críticas à Junta Governativa do Estado e, sobretudo, a Martins Júnior, em prosa e verso, através de contundente sátira e boa verve. Segundo Alfredo de Carvalho, eram proprietários d'**A Junta**, e responsáveis pela sua publicação, Estêvão de Sá Cavalcanti de Albuquerque e José Teodoro de Godoi Vasconcelos (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

JULIO BORGES — Número único de 18 de janeiro de 1892, apresentou-se em formato de 31x22, com quatro páginas, a primeira das quais circulada de vinhetas. Lia-se sôbre o título:

“Nem cora o livro de ombrear c'o sabre...  
Nem cora o sabre de chamá-lo irmão...  
Quando em loureiros se biparte o gládio,  
Do solo pátrio no funéreo chão”.

Abaixo do título: **Dulce & decorum est pro patria mori**”. Mais abaixo, o emblema fúnebre “In memoriam”, seguindo-se-lhe as palavras: “Saudosa homenagem da Mocidade Acadêmica do Recife ao jovem e denodado cadete, cujo valor e patriotismo ergueram o braço dos sicários que, vil e baramente, o assassinaram dentro do Palácio, na tétrica noite de 18.12.1891”. Completando a página: “No 30º dia do seu passamento”.

As três páginas restantes inseriram produções sobre a personalidade do extinto, assinadas por José de Amorim, M. C. dos Reis, Gaspar Guimarães, Manuel Rodrigues de Sousa Viana, Henrique Palmeira, J. Guimarães, Martins de Freitas e outros (**Bib. Púb. Est.**, **Bib. do Inst. Arq. e Bib. Nac.**).

A REPUBLICA BRASILEIRA — Exibindo o lema “Deus e Liberdade”, surgiu no dia 22 de fevereiro de 1892, formato de 22x16, com duas páginas, a duas colunas de composição, em tipo corpo 8 batido. Redator único: Afonso de Albuquerque Melo, com escritório à rua Duque de Caxias nº 40. Dizendo-se semanário, estabeleceu o preço de 3\$000 por assinatura trimestral, custando 60 réis o número avulso. Imprensa da tipografia do **Diário de Pernambuco**, à rua Duque de Caxias nº 42.

Abriu com a “Proclamação”: “Só há um meio de salvar a pátria: — o segrêdo absoluto do voto. Só um de de salvar a república: a liquidação dos bancos emissores. Só um de extinguir a miséria e engrandecer a nação: a nacionalização do comércio”.

Aludindo “à miséria em que Pedro II deixou o Brasil”, escreveu Afonso: “...levantemo-nos briosos à idéia de que somos 14 milhões de pessoas roubadas, escravos de uns poucos mil senhores despóticos. Faltava-nos apenas um homem que nos conduzisse à terra da promessa, arrancando-a do poder e da gana dos ladrões que a desfrutam”; “...um homem que nos conduzisse à República, que isto que aí está não o é. A República é a coisa pública ou nossa; e o que aí está não é coisa pública nem nossa, é a coisa dos ladrões; não é pois República, é **re-latronum**, é coisa dos ladrões”.

Após outras considerações, com ataques a Ruy Barbosa, a Deodoro da Fonseca e ao Barão de Lucena, lembrou o nome de Custódio José de Melo, frisando:

“...seja Custódio o **açote de Deus** contra os bandidos de todos os gêneros, que, tendo feito da República, desde apenas proclamada, a sua prêsa, duas vezes perdida, levantam a anarquia e a revolta dos condenados”.

Outros artigos: “O golpe e o contra-golpe”, “A classe militar” e “O funeral do Imperador”, todos no mesmo diapação, afirmando, no último: “...êle fêz o que fazem todos

os bons pais de família: curar do feliz futuro de seus filhos, deixando o povo na miséria”.

Ao invés de semanal, **A Republica Brasileira** circulou mensalmente, só aparecendo o nº 3 no dia 13 de abril (1), aumentado o formato para 33x22, com duas colunas de 16 cíceros, todo êle em tipo 10, negrito, interlinhado. Sua matéria constituiu-se de quatro artigos, dois dos quais assinados pelo redator, rebatendo o mesmo ponto de vista dos anteriores. Frisou, no último, que, desde 57 anos atrás, pensava noite e dia, trabalhando e sacrificando-se pela pátria, pela república; “abatido o rei, proclamada a República, ela não foi feita, o povo foi feito escravo”, “cada dia mais roubado por uma companhia bancária de ladrões”.

Para propagar suas idéias — prosseguiu Afonso — empreendera a publicação do jornal; mas estava só; não tinha amigos; nunca tinha partidos; e o jornal por si só não se sustenta; nada mais tem a sacrificar de sua bolsa; apelava para o auxílio daqueles que julgassem útil a publicação. E concluiu: “Se unirmo-nos no pensamento salvador, esmagaremos a hidra. Mas não há grande empresa sem sacrifício. Dividido por muitos, êle será pequeno”.

Decerto que o famoso jornalista republicano não encontrou ajuda, porque sua fôlha não saiu mais (**Bib. Púb. Est.**).

**O PIERROT — Órgão do Clube Carnavalesco Cavalheiros da Época** — Número único, saiu a lume no dia 28 de fevereiro de 1892, formato de 33x22, com quatro páginas, impresso em bom papel, somente as duas do centro comportando matéria tipográfica, constituída de notas ligeiras e versos de sete sílabas, de trepações e “bisnagadas”, focalizando, sobretudo, políticos e jornalistas, com assinaturas em pastiche.

As páginas externas estamparam desenhos em litografia, nêles criticando-se aspectos da vida pública e a política do **Jornal do Recife** e **d’A Provincia**. Curioso, porém, é que a primeira e a quarta página trocaram de lugar, aparecendo esta última de frente (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

---

(1) Nos “Anais”, Alfredo de Carvalho registara o nº 2, de 7 de março, **d’A Republica Brasileira**, interrogativamente, como último publicado.

A PAPIRONGA (1) — **Revista Carnavalesca** — Número único, publicou-se a 28 de fevereiro de 1892, formato grande — 54x38 — com quatro páginas de quatro colunas largas. Era o seguinte o seu corpo diretivo: redator-presidente — **Sr. A.**; redator-secretário — **Sr. B.**; redator-caixa — **Sr. C.** Iniciando o texto, lia-se esta quadrinha, sob o título “Ao povo”:

“Não faças palestra longa  
Se algum **chumbinho** não tens.  
Só pega na **Papironga**  
Quem tiver seus três vintens”.

Vinha “preencher uma lacuna” até então “existente na arena jornalística”, anunciando uma tiragem de... 500.000 exemplares. As três primeiras páginas contiveram bastante matéria, em prosa e verso, dosada de boa verve assinada com pseudônimos, entremeada de figurinhas carnavalescas e pequenos anúncios, êstes também ocupando toda a quarta página (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

O CONSPIRADOR — **Órgão do Atelier Miranda** — Circulou no dia 28 de fevereiro de 1892, impresso em bom papel, formato de 18x12, com quatro páginas de duas colunas.

Nos sete centímetros do artigo de apresentação, dizia-se político, mas político “indústriocomercial”, terminando por afirmar que “os tipógrafos, impressores, encadernadores, desenhistas, pautadores, etc., etc., são também cidadãos muitíssimo úteis, pois com o seu trabalho cotidiano dão grande incremento à causa pública”.

Com uma página inteira de anúncio do Atelier, o bem feito jornalzinho inseriu comentários sobre câmbio, falta de trôco, higiene e certos abusos, tudo compensado com versinhos humorísticos (**Bib. Púb. Est.**).

O ILHEO — **Órgão do Clube Carnavalesco Cana Verde** — Circulou, pela primeira vez, no dia 28 de fevereiro de 1892,

---

(1) Nos “Anais”, **A Papironga** acha-se, por engano, transformada em palavra masculina.

Palavra esquisita como título de jornal, embora carnavalesco, significa, segundo o “Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa” (9a. edição), **logro, batota, embrulho, fraude, etc., ou gôzo; fruição.**

formato de 32x23, com quatro páginas. Impressão da Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 75. Apresentou boa matéria, em prosa e verso.

Seguiram-se outras edições em cada Carnaval, menos nos anos de 1894 e 1899, tendo como colaboradores **Zé Migueles**, **Boêmio**, **Bilontra** (pseudônimo de Caitano Galhardo), **Zé Garoto**, **Zé Corneta**, **Zé de Tal**, **Joel**, **Pacífico Leão**, **Gil Mascote** (dois pseudônimos de Osvaldo de Almeida), **Fra Meireles** e outros.

A 25 de fevereiro de 1900 distribuiu-se um prospecto, segundo o qual não podia, no referido ano, sair o jornal; só “uma espécie de suplemento”, intitulado “Ao público”, impresso de um lado só, com alguns versos jocosos e vivas ao Carnaval e ao Clube Cana Verde.

Reapareceu **O Ilheo**, no ano seguinte, mencionando como redatores **Maneles das Batatas** e **Zeles dos Toucinhos**, que permaneceram em tão árduas funções... A primeira página apresentou-se litografada, inclusive o título, exibindo graciosa cachopa portuguesa de pandeiro na mão esquerda e flores na direita, numa saudação do Clube Cana Verde à Imprensa de Pernambuco. Na quarta página viam-se anúncios ilustrados, repletas as do centro de matéria humorística de bom quilate.

Substituído pelo **O Cana Verde** em 1902, voltou a ser **O Ilheo** em fevereiro de 1904 (1), quando apresentou, na página de frente, o desenho de um ilhéu de violão às costas, trouxa de roupa numa das mãos e uma cana na outra. Homenageou “aos seus sócios honorários e à imprensa pernambucana”.

Foi impresso, a partir do nº 4, na tipografia de Francisco Leão, à rua das Laranjeiras (hoje inexistente), e, depois de 1900, na Tip. Comercial, de Russel, Lobo & Cia., à rua Duque de Caxias nº 34. (**Arq. Púb. e Bib. Púb. Est.**) (2).

**O SYLPHORAMA** — Publicou-se o primeiro número no dia 15 de março de 1982, impresso em papel **couché**, formato de 45x32, com quatro páginas, sendo as duas externas em

---

(1) Alfredo de Carvalho registara a edição de 1898, de 7 de fevereiro, como tendo sido a última.

(2) Coleções desfalcadas.



litogravura, comportando as internas três colunas largas de composição.

Com desenhos da autoria de Libânio Amaral, o da primeira página projetou uma cena de políticos dançando, vendo-se, no primeiro plano, os espectadores. No “Livro de porta”, abrindo a segunda página, lia-se: “Amigos assinantes e leitores: é a vós que consagro a primeira página dêste livro. Auxiliai-nos e enviai-nos resposta favorável ao apêlo que vos dirigimos”.

Tendo escritório e redação à Praça da Independência nº 21, assinava-se a 14\$000 por ano; 7\$500 por semestre e 4\$000 por trimestre, ou 15\$000, 8\$000 e 4\$500, respectivamente, para o interior e estados, custando o exemplar 500 réis.

A exibição d’**O Sylphorama**, que montamos a capricho, — dizia — será decente e circunspecta, porque não irá profanar a inviolabilidade do lar doméstico, nem penetrar no sagrado aconchego da família”.

“Os atos bons e louváveis, as ações patrióticas e generosas terão o nosso apoio e os nossos aplausos — aplausos que também não regatearemos aos homens honestos e sisudos. As ações reprováveis e pequeninas, a covardia, a traição, a ganância, etc., encontrarão na objetiva d’**O Sylphorama** um foco tão intenso que as fará conhecidas de todos para eterna vergonha de seus autores”.

Jornal bem redigido — Olinto Victor era um dos redatores —, onde a verve se casava à melhor sátira, especializou-se em caricaturar seções dos diários contemporâneos, em prosa e verso, tais como: “Em revista”, de G. M.; “Cartas ligeiras”, de Gaspar Meneses; “Graves e agudos”, de Bemol; e assinaturas outras, nomes ou pseudônimos atribuídos a jornalistas credenciados. A partir do segundo número, o título, em desenho especial, tinha como fundo, ao centro, um aparelho projetor de vistas, dedicando-se a parte restante da primeira página a retratos de homens de projeção, como Silva Jardim, Floriano Peixoto, etc., figurando, na última página, charges políticas.

O nº 4, de 21 de abril, constituiu edição comemorativa, apresentando duas magníficas alegorias a Tiradentes, auto-

ria de A. Vera Cruz (primeira página) e Libânio Amaral. Por sua vez, a edição de 13 de maio — nº 6 — mereceu uma primeira página alegórica das mais belas, com a legenda: “A História grava em suas páginas uma data luminosa”.

Embora a imparcialidade política da fôlha, o colaborador **Alivério Júnior** atacou, vivamente, o governo de Alexandre José Barbosa Lima.

Publicado trimensalmente, em dias indeterminados, **O Sylphorama** terminou sua existência com o nº 10, de 1º de julho (**Arq. Púb. Est.**).

**A BORBOLETA — Periódico Literário e Recreativo** — Manuscrito em litogravura, apareceu a 1º de abril de 1892, pequeno formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas, dizendo-se quinzenal e exibindo, abaixo do título, os **slogans**: “Capricho e gosto” e “Letras e artes”. Propriedade da firma Paulo da Silva & Cia., apresentava como redatores **Snitram Ortsac** e **Oluap Avlis** e, como colaboradores, José Coelho, Celso Vieira, Higino Belo e João de Deus (no nº 2 promovidos a redatores), constando do expediente: “Não se aceitam correspondências gratuitas e os artigos são pagos à vista. Ano — 2\$000; semestre — 1\$000; trimestre — \$500; mês — \$200. Avulso — \$040”. Cobrador: Manuel Xavier Monteiro.

Ocupou duas páginas o artigo-programa, no qual se lia que **A Borboleta** era o labor de “crianças ávidas de saber e estudar”. Nada de política, nem de religião. “Os seus obscuros escrevinhadores só visam um fim: o de levantarem a literatura pátria”. E concluiu: “Tudo pela literatura; nada pela política — eis o nosso lema”.

Versos e prosa ligeira, pensamentos e variedades complementaram a edição.

Circulou o nº 2 (1) a 10 de abril, em formato maior (28x20), com duas páginas dedicadas ao juízo da imprensa a respeito do nº 1, e duas de incipiente literatura, anunciando, além do mais, achar-se instalada a redação à rua Bom Jesus nº 49. A impressão litográfica esteve a cargo de Manuel G. Mendes (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Nos “Anais” só há referência ao primeiro número.

**SPORTSMAN** — Publicação semanal, apareceu a 9 de abril de 1892, formato de 38x24, com quatro páginas de duas colunas largas. Ilustrou o título expressiva alegoria de uma corrida de cavalos, vendo-se arquibancada e assistência. Impresso no Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega, funcionava a redação no mesmo local. Assinaturas: ano — 5\$000; semestre — 3\$000; para outros Estados: 6\$000 e 4\$000, respectivamente. Número avulso — 100 réis.

O editorial de abertura focalizou a necessidade que havia, no Recife, de um jornal “verdadeiramente dedicado aos interesses de corridas e divertimentos esportivos”. Daí a iniciativa posta em prática, cifrando-se seu programa em trabalhar “pelo desenvolvimento dos prados de Pernambuco”.

Sua matéria constou de noticiário e programas das corridas do Prado Pernambucano, do Hipódromo de Campo Grande e do Derby Clube de Pernambuco, comentários gerais, notas e palpites.

O nº 2 circulou regularmente, no domingo seguinte, dia 16, terminando aí (1), segundo tudo indica, a publicação, aparecida sob tão acalentadores auspícios (**Bib. Púb. Est.**).

**O CLARIM — Órgão Monarquista por Interesse. Republicano por conveniência** — Circulou o nº 1 no dia 13 de abril de 1892, tendo como redator... **Fulano de Tal**, formato de 22x16, com quatro páginas, impressas em bom papel, constituídas a primeira e a última de **charges** litográficas, desenhadas por E. V. Preço do número avulso — “Três vintens”.

Como, à esquerda do título, se exhibisse uma figura de militar tocando o seu instrumento, abriu o texto tipográfico a quadra a seguir:

“Pelas ruas da cidade,  
Alegre, forte, vibrante,  
Vai **O Clarim**, sem maldade,  
Fazer-se ouvir retroante”.

Seguiu-se matéria ligeira, em prosa e verso, de caráter humorístico, assinada por **Mena, Dr. Pangloni, K. C. T. e Serafim Mimoso** (pseudônimo de Euniciano Ribeiro).

---

Alfredo de Carvalho só registara o nº 1.

Ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

O **JUDAS** — Número único, ano I, surgiu assim datado: Vale de Josaphat — na Aleluia, em 16 de abril de 1892. Com quatro páginas, formato de 35x25, a três boas colunas de composição, o inquieto órgão transpirava sátira e humorismo de todos os seus escritos, quer em prosa, quer em verso. Logo junto ao cabeçalho, lia-se:

“Se pouco **chumbinho tens**  
E algum desejo te abrasa,  
Cai aqui com dois vinténs  
E levas Judas prá casa!”

Ouvira, segundo o editorial de apresentação, “troar a grande trombeta que nos chama a postos para o célebre **juízo final**, a maior falta de juízo, afinal”. Não deporia de ninguém, mas “de todo mundo”. Seguíram-se pequenos comentários e notas diversas e também versos, tudo assinado com pseudônimos, tais como **Alius & Notus**, **Coronel Arranca**, **Judinha**, **Pilatos**, **Iscariotes**, **Judas**, **Bemol** (êste era o jornalista Baltazar Pereira) e outros.

O segundo “número único”, com a mesma procedência, saiu a 1º de abril de 1893, exibindo a quadra:

“Uma vez que o cobre, escasso,  
Não se vê nem por um furo,  
Custa **O Judas** — só de um traço —  
Um sampaio, mole ou duro”.

O **Judas** era “o **specimen** de muitos cidadãos corretos e conspícuos” e sua aparição seria solenizada, no dia seguinte, por dobres de sinos, sermões, etc. Tôda a matéria constituiu-se de caricaturas de estilo das diferentes seções da imprensa diária, “assinadas” pelos jornalistas mais credenciados da época. Os poucos anúncios eram disfarçados em notas literárias (1).

---

(1) Registrando o aparecimento do anuário, escreveu a **Gazeta da Tarde** de 1.4.1893: “Recebemos o nº único d’**O Judas**, jornal, cremos, que, saindo à luz da publicidade, propunha-se naturalmente a fazer rir, mas infelizmente foi frustrado no seu **desideratum**”.

Só em 1895, a 13 de abril, circulou o terceiro “número único”, mudando a quadra do cabeçalho para a seguinte:

“Sampaio em nosso melo  
Não tendo mais extração,  
Custa **O Judas** (sem rodela)  
Nada mais do que um tostão”.

Manteve o padrão dos anteriores, assim como no quarto “número único”, datado de 4 de abril de 1896, êste com duas páginas repletas de anúncios. E assim findou a existência do bem redigido jornal colocador de carapuças (**Bib. Púb. Est.**).

O NEOPHYTO — Ostentando a divisa “**Omnia pro patria**”, surgiu na arena jornalística a 23 de abril (1) de 1892, sendo impresso, em papel especial, na oficina gráfica d’ **A Província**, à rua do Imperador ns. 49/51. Bom formato de 32x22, com quatro páginas a três colunas de composição. Corpo redacional: Feliciano de Ataíde, Francisco de Melo, Abas de Albuquerque e João Rocha. Publicação bimensal, assinava-se a 1\$000 por mês.

Dizia o editorial de apresentação: “Não somos políticos: discutimos neutralmente as magnas questões dos altos acontecimentos que por si formam a grande ciência sociológica”.

Além dos redatores, escreveu, na edição de estréia, Antônio Austregésilo, figurando na quarta página a seção de poesias “Sons da Lira”. O “Noticiário” foi aberto com um protesto contra a demissão, pelo governo de Floriano Peixoto, do jurista J. J. Seabra, da cátedra de Ciências Sociais da Faculdade de Direito do Recife.

O nº 3, de 17 de maio, apareceu sem o nome de Francisco de Melo como redator. Divulgou poesias de Sousa Nogueira e José de Castro e Silva.

O nº 4 (e último) só apareceu um mês depois, precisamente a 15 de junho e, no cabeçalho, em vez do corpo redacional, lia-se: **Diretor político — Natalício Camboim**. Apenas

---

(1) Não no dia 6 de maio, como registou Alfredo de Carvalho. Na referida data publicou-se o nº 2.

literatura, em prosa e verso, com os mesmos colaboradores, e ligeiro noticiário (**Bib. Púb. Est.**).

O GRANDE ENIREB (1) — Circulou no dia 26 de abril de 1892 o “nº 149 — Estados Unidos do Brasil — ano II” (2), em formato enorme, com quatro páginas a quatro colunas de 16 cíceros.

Jornal de propaganda do prestidigitador peruano Enireb, só divulgou juízos da imprensa do país, da Argentina e do Peru, a respeito dêle. A última página foi ocupada por anúncio da estréia do artista no Teatro Santa Isabel.

Impressão da oficina d'A **Provincia**, à rua do Imperador ns. 49/51 (**Bib. Púb. Est.**).

A EVOLUÇÃO — Destinado a publicar-se aos domingos, o nº 1 saiu no dia 8 (1 A) de maio de 1892, formato de 37x27, com quatro páginas de quatro colunas, instaladas a redação e gerência à rua do Cabugá (atual Marquês do Recife) nº 3, 3º andar. Redatores: José de Castro, Pedro Gomes da Rocha, José Maria da Silva Oliveira e Álvaro Otoni do Amaral.

Declarava o artigo de abertura (precedido de uma “carta circular” pedindo assinaturas): “Na estacada estaremos propugnando pelos mais palpitantes deveres do homem”, que consistem no “desenvolvimento do espírito que, certamente não deve permanecer no estado de incultura, como sucede com os selvagens”. Tinha missão “evangelizadora”, chamando aquêles ainda não “inutilizados pelos virus da política a estudar os problemas do desenvolvimento do espírito”.

Inseriu produções dos redatores; versos de Almeida Júnior e Álvaro Martins e o noticiário intitulado “De um polo a outro”. Na quarta página, só anúncios.

Nada obstante tão boa disposição, não passou do primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Não mencionado nos “Anais” do autor antes referido.

(2) Os números anteriores foram publicados noutros pontos do Brasil.

(1 A) Não no dia 7, como está nos “Anais”.

13 DE MAIO — Número único, de 1892, impresso em papel superior, no Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias ns. 29/31, formato de 45x32, circulou com quatro páginas, constando da primeira, em grandes caracteres: “Homenagem sincera da Imprensa e do Povo — à redenção da Pátria Brasileira — no dia 13 de maio de 1892.

Precedendo a inserção do programa dos festejos em solenização à data, abriu a segunda página uma nota da Comissão Executiva, constituída de elementos da imprensa diária, que, “desprezando as rivalidades e dissensões políticas”, resolveram, junto às associações abolicionistas, editar esta poliantéia comemorativa.

Seguiram-se produções alusivas ao evento, assinadas pelos jornalistas Joaquim Tiago da Fonseca, Antônio Gomes Pereira Júnior, Figueiroa Sobrinho, Olinto Victor, Artúnio Vieira, Plácido Serrano, Corbiniano de Aquino Fonseca Filho, Abdísio de Vasconcelos, Cleodon de Aquino e Maria Amélia de Queiroz.

A edição foi distribuída como Suplemento do **Diário de Pernambuco**, do **Jornal do Recife**, do **Commercio de Pernambuco**, da **Gazeta da Tarde** e do **Jornal do Commercio** (Arq. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.).

O **MOTIM — Órgão Político, Crítico e Noticioso** — Propriedade de Paulo Sobel, teve seu primeiro número em circulação no dia 17 de maio (1) de 1892, formato de 28x20, a três colunas de composição. Imprimiu-se em tipografia própria, instalada à rua do Nascente nº 4/B. Preço do exemplar 40 réis, custando 100 réis “o número anterior”. Assinaturas: trimestre — 2\$000; mês — \$500. Cobrador — Joaquim Magalhães.

“Mais uma válvula na grande máquina social por onde respira a opinião”, declarava-se defensor da república federativa, repelindo toda “idéia unitarista”, conforme o artigo-programa. O corpo redacional era anônimo, “para escapar a odiosidades pessoais”.

Além do artigo de fundo e do noticiário ligeiro, divulgou alguma literatura, inclusive poesias de João de Deus, João

---

(1) Não no mês de março, assim registado nos “Anais”, de Alfredo de Carvalho.

B. Machado, Ulisses T. de Aquino, Henrique de Melo e Albuquerque, **Incognitus** e João Ezequiel de Oliveira Luz. Até um folhetim ostentou: “O crime do convento de...”, por **Délia**, mas, tendo começado no segundo número, só foi até o quarto, ficando a novela apenas no princípio.

Passadas as cinco primeiras edições, entre semanal e bissemanal, reduziu o formato, ficando com apenas duas colunas, e assim continuou até o nº 9, de 23 de junho.

Nessa derradeira edição predominaram a colaboração, em prosa e verso, de D. C. de Sousa Leão Júnior, e os “Divertimentos”, constantes de “sortes” para a noite de S. João; entretanto, impresso em papel de côr transparente, e coberta, a impressão, de pó dourado, tornou-se quase ilegível para os leitores (**Bib. Púb. Est.**).

O **MEPHISTOPHELES** — Circulou a 20 de maio de 1892, formato de 32x21, com quatro páginas, as internas a três colunas de composição e as externas com **charges** desenhadas em litogravura. Impressão à rua das Flôres nº 24. Pretendendo publicar-se bimensalmente, o desenho da primeira página representava uma sala de redação com um indivíduo em pé, ao centro, de chapéu à mão e, abaixo, a legenda: “**O Mephistopheles**, casacalmente vestido, apresenta-se ao respeitável público”. O expediente mencionava redação, tabela de assinaturas e outras notas, terminando com a quadra:

“Bom dia, caro leitor:  
Aqui estou em vossa mão;  
Desejo que me aceites  
Com ordem de meu patrão”.

O editorial prometia a objetivação dum programa vasto, incluindo a crítica política e social. Divulgou matéria em prosa e verso, tudo ligeiro, inclusive com a assinatura de José Austregésilo Júnior, um dos redatores (**Arq. Púb. Est.**).

O **RADICAL** — **Órgão Independente** — Destinado a publicar-se em dias indeterminados, surgiu a 27 de maio de 1892, formato de 27x19, com quatro páginas. Não mencionou redação nem tipografia, custando 40 réis o exemplar.

“...sai à rua — lia-se no artigo de apresentação — com o fim de dar expansão às nossas idéias e aos sentimentos



francamente hostis ao ato pelo qual o sr. Governador do Estado, enveredando-se por um caminho tortuoso, demitiu um funcionário criterioso tanto quanto os mais dignos". (O demitido foi Guedes Pereira, questor policial).

Ocupou-se em enaltecer a política republicana e seu líder, Martins Júnior, atacando acerbamente o governo de Barbosa Lima (**Bib. Púb. Est.**).

**A MOCIDADE — Quinzenário Literário e Recreativo** — Propriedade "de uma empresa particular", apareceu no dia 5 de junho de 1892, em substituição a **A Borboleta**, para "continuar o mesmo programa, já expresso no cabeçalho". Imprimiu-se na tipografia da rua das Flores nº 24, formato de 22x16, a duas colunas de composição, com quatro páginas. Diretor-chefe — **Snitram Ortsac**; redatores: Castro Martins (o mesmo do anagrama), Celso Vieira, Paulo da Silva e Artur Vieira. Assinatura semestral — 1\$000; trimestral — \$500. Constava do Expediente: "Não se aceitam artigos políticos".

Além do que escreveram os redatores, inseriu colaboração de Rangel Sobrinho e Almeida Braga, tudo em pequenas doses, terminando com ligeiríssimo noticiário.

Os néo-jornalistas não conseguiram verba para custear o segundo número (**Bib. Púb. Est.**).

**O BILONTRA — Órgão Opositor a Todos os Partidos e Dedicado à Defesa das Sogras** — Circulou no "século das luzes — ano das deposições", número primeiro e único, datado de 11, 12 e 13 do mês "de Santo Antônio, São João e São Pedro" de 1892. Formato de 32x21, com quatro páginas, a três colunas de composição. Redatores: **Dr. Finorio** e **Dr. Patusco**, escondendo-se num destes dois pseudônimos o nome do escritor Olímpio Galvão. Precedeu à matéria redacional longo expediente humorístico, a julgar pelo primeiro item: "...é o jornal de maior circulação no Norte do Universo".

Do artigo-programa constava haver **O Bilontra** chegado "das Arábias, com o fim de ler a sina às moças bonitas, de dizer graçolas", etc. Inseriu boa messe de versos, divididos em **sortes** juninas e epigramas, telegramas trocistas, conto de M. A. e, em forma de soneto, uma "Receita para fazer sogras" (**Bib. Púb. Est.**).

**A CIGANA DO RECIFE** — Livro de Sortes para as noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, circulou em junho de 1892, conforme notícia do dia 15, colhida no diário **A Republica**.

Sua matéria constou de duas partes: a primeira constituída de uma coleção de chistosas sortes, e a segunda constante de “poesias cômicas, jocosas, satíricas, etc., anedotas e tôda sorte de galhofas”.

**A PAPIRONGA** — **Livro de Sortes Fim de Século** — Redigido por Olivério Júnior, circulou (sem data) em junho de 1892, formato de 15x10, com 112 páginas, editado por J. W. de Medeiros e confeccionado na oficina gráfica do **Commercio de Pernambuco**.

Dizia-se “organizado a capricho, para excitar o riso e proporcionar aos leitores uma bela diversão nas festivas noites de Santo Antônio, São João, São Pedro e Santana, contendo revelações d’altos mistérios e tôda sorte de entretenimentos para qualquer reunião onde domine o espírito galho-feiro. Leitura variada, para ambos os sexos”.

Tendo metade da edição composta de Sortes, a outra metade constituiu-se de uma “Miscelânea”, na qual se incluíram produções de França Pereira, Eurico Vitruvius, Rangel Sobrinho, Galdino de Barros; mais verso e prosa por transcrição, curiosidades e humorismo (**Bib. Pú. Est.**).

**O CARTAZ** — **Órgão Republicano Independente** — Saiu a lume (nº 1, ano I) no dia 20 de junho de 1892, formato de 32x21, com quatro páginas a duas colunas largas de composição, impresso na Tip. Industrial, à rua 15 de Novembro (hoje, do Imperador) nº 75.

Aludindo, em editorial, aos “dias difíceis e cheios de pro-vação” que o Partido Republicano de Pernambuco ia atravessar, frisou o articulista: “A aparição, portanto, d’**O Cartaz** é imposta pelas circunstâncias e ditada pelo nosso desejo de ver restabelecido o império da ordem e da moralidade, que sofrem, infelizmente, os efeitos de um eclipse parcial e momentâneo”.

Em notas e artigos, ocupou-se, quase unicamente, em criticar o governo de Alexandre José Barbosa Lima, divul-

gando o “Manifesto político” em que Martins Júnior, em nome do diretório do Partido Republicano, comunicava aos amigos e correligionários o rompimento da solidariedade política que até então mantivera com o governador.

Findou a edição com versos satírico-humorísticos de **Bemol** (pseudônimo de Baltazar Pereira), não passando do primeiro número **Arq. Púb. Est.**).

**O BISTURI** — Circulou no dia 22 de junho de 1892, formato de 32x23, com quatro páginas de três colunas, exibindo, no cabeçalho, a divisa “Iremos ao sacrifício pela pátria, somos cidadãos e podemos falar”. Redatores: **Pedro Explosão** e **Paulo Carbonário**. Pretendia publicar-se aos domingos e estabeleceu o preço de \$500 por assinatura mensal, custando 50 réis o número avulso.

Aparecera com o fim de, sempre que necessário, dar “pancadas seguras, com a intenção de matar, sobre a cabeça da víbora governamental do impossível e vexatório programa do sr. Floriano”.

Não teve outra matéria, senão artigos de crítica política, martelando, sobretudo, contra Martins Júnior (**Bib. Púb. Est.**).

**O SORVETE** — **Fôlha Humorística e Progressista** — Entrou em circulação a 23 de junho de 1892, formato de 24x18, com quatro páginas de três colunas, sendo impresso na Tip. do Comércio, à rua do Imperador nº 43. Redatores: **Piñto Barbosa (Mequetrefe)**, **Almeida Braga (Pimpão)** e **Alfredo Alves (Boreas)**.

Lia-se, no artigo de apresentação: “...acompanharemos o coche progressista, em cuja boléia destaca-se, de farda agaloada, o **groom** Humorismo, porque o progresso atual parece ter alguma coisa de cômico, de trocista, de burlesco, se é que não tem o todo característico de uma farça”. E adiantou: “É um cômico, sim; mas, por favor! é um cômico que, amando a arte, quer, rindo e fazendo rir, viajar no carro do Progresso”.

Redigido em bom estilo, repleto de notas concisas, versos de sadia verve, com assinatura dos redatores de per si, **d’Os Três** e **d’Os Mesmos**, inseriu apenas, à parte êles, um

soneto de sete sílabas de Domingos Leão e raros outros pseudônimos (1) (Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.).

**A AMAZONIA** — Poliantéia em “homenagem ao laureado barítono José de Lima Braga, em a noite de seu benefício, pelos estudantes paraenses”, circulou no dia 2 de julho de 1892, formato de 45x32, com quatro páginas, a primeira das quais ocupada pelo retrato do cantor, numa litogravura de Libânio Amaral. Comissão de redação: J. Miranda, Ataliba de Lima e Belarmino de Araújo. Imprimiu-a o Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias ns. 29/31.

Além dos redatores, escreveram sobre a personalidade artística do homenageado: Pedro de Gusmão, Moura Palha, Oliveira Paz, Ferraz Mendes, Samuel Mac-Dowell, A. Franco de Sá e outros intelectuais. A fôlha foi distribuída durante o espetáculo (Bib. Púb. Est.).

**ARCHIVO POETICO** — Publicou-se o primeiro número a 31 de julho de 1892, formato de bolso, ou seja, 18x12, com 32 páginas, dizendo-se órgão mensal de uma “empresã anônima”. Redação à rua Velha nº 46, 2º andar. Preço do exemplar — \$500; assinatura trimestral — 1\$000.

Lia-se na página de apresentação: “O **Archivo Poetico** é uma coleção de versos angariados no nosso meio literário e publicados mensalmente, num folheto de 32 páginas. O fim que visamos, encetando este trabalho, é animar uma falange de esperançosos moços que entre nós cultivam a poesia, oferecendo-lhes um meio certo de dar à luz da publicidade as suas produções”.

Circulou em agôsto o nº 2, que foi o último.

As duas edições estamparam sonetos ou poematos de Cândia Prazeres, Teotônio Freire, João Barreto de Meneses, França Pereira, Epaminondas de Albuquerque, Artur Bahia, Baltazar Pereira, Demóstenes de Olinda, Eurico Vitruvius, Machado Dias, Pogge e Silva, Ernesto de Paula Santos, Ran-

---

(1) Quase três meses depois, Almeida Braga escreveu uma carta a **O Echo Juvenil**, de 10.9.1892, esclarecendo que, devido à saída dos seus colegas Pinto Barbosa e Alfredo Alves, e aos seus afazeres diários, vinha demorando a publicação do segundo número d'**O Sorvete**, o que esperava fazer em breve... Não o conseguiu.

gel Sobrinho, José Jorge, José Lima, Gaspar Guimarães, Artúrio Vieira, Fernando Barroca, Olímpio Galvão, José Pedro Júnior e Vicente de Carvalho (**Bib. Nac. e Bib. Púb. Est.**) (1).

14 DE AGOSTO DE 1891 — Número único, circulou no dia 14 de agosto de 1892, editado pela Comissão Executiva do Grêmio Literário José Bonifácio, para comemorar o primeiro aniversário de sua fundação. Formato de 19x13, com quatro páginas, trazia ainda, no cabeçalho, a frase latina: “**Vita sine literis mors est**”.

Metade da edição foi dedicada à notícia, comentada, da fundação do sodalício, com a assinatura: **Comissão de Redação**, seguindo-se artigo assinado por João de Deus e um soneto de Luiz Alves, tudo em homenagem à data (**Bib. Púb. Est., Arq. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

O ECHO JUVENIL — **Periódico Literário** — Entrou em circulação a 10 de setembro de 1892, formato de 22x16, com quatro páginas, destinado a publicar-se nos dias 10 e 25 de cada mês. Redatores: Celso Vieira, Francisco Cunha e José Pereira Ramos. Impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 75, instalou redação à rua Primeiro de Março nº 8, 1º andar. Assinaturas: semestre — 1\$000; trimestre — \$500. Número avulso — \$040.

“...não aspira posições nas bancadas do cientificismo” — frisava o artigo-programa — apenas “órgão dos sentimentos de um grupo de moços que segue, firme, resolutos e ativo, pela esplanada do dever”. Sua política era a Liberdade, esta “compreendida filosófica e cientificamente”. Trabalharia “pelas letras pátrias”, o que era “uma intuição muito bela”.

Em seguida às produções dos redatores, completou a edição uma poesia de Ulisses Costa.

Não há indício de ter continuado (**Bib. Púb. Est.**).

O COMBATE — **Órgão do Clube Autonomista Acadêmico** — Surgiu a 12 de outubro de 1892, formato de 35x27,

---

(1) Na Biblioteca do Estado existe comprovante, apenas, do nº 1.

com quatro páginas de três colunas. Impresso na oficina d'**A Provincia**, à rua do Imperador nº 19, instalou redação à mesma rua, nº 45, 1º andar. Destinado a publicar-se trimestralmente, assinava-se a 2\$500 por trimestre e a 1\$000 por mês, custando o exemplar 60 réis. O corpo redacional ficou assim constituído: Francisco de Albuquerque, Belisário Távora, Sousa Leão Júnior, Jorge Studart, Estácio Coimbra e Natalício Camboim, êste último também diretor-gerente.

Longo editorial de abertura, assinado por Belisário Fernandes Távora, fêz uma exposição da atuação da mocidade acadêmica “contra o lema sanguinário do despotismo” e do seu “amor aos princípios democráticos”, manifestando-se, em palavras candentes, contra o govêrno do marechal Floriano Peixoto e a “carreira de crimes e desatinos”. Conclamando para a luta, frisava: “. . . a nós, os moços, elemento básico-propulsor de tôdas as lutas da razão e das energias cívicas, cabe a honra de reconstruir a nação”. Em conclusão: “Combateremos sem trégua”.

O nº 2 publicou-se no dia 24, contando as duas edições, afora o pessoal de casa, com a colaboração de Feliciano de Ataíde, Ábas de Albuquerque, Mário de Avelar, Severino Barbosa e **Dr. Loiselle**, o autor das “Colcheias”, de versos humorístico-satíricos (**Bib. Púb. Est.**).

Além da parte manuseada, circularam mais dois números d'**O Combate**, o último dos quais, o 4º, a 23 de novembro, consoante noticiou, no dia seguinte, o **Jornal do Recife** (1).

**GIUSEPPE VILALTA** — Poliantéia impressa em papel superior, formato de 32x22, saiu a lume no dia 15 de novembro de 1892, por ocasião do espetáculo em benefício do artista mencionado no título, dedicado à imprensa e comemorativo da proclamação da República.

Saudando o homenageado e exaltando-lhe as qualidades artísticas, encheram as quatro páginas do jornal produções de Demóstenes de Olinda, Osvaldo Machado, Gaspar de Drummond, Gaspar de Meneses, Augusto Aristeu, Eurico Vitrúvio, Leônidas e Sá, Artúnio Vieira, etc. (**Bib. Púb. e Arq. Púb. Est.**).

---

(1) Alfredo de Carvalho registara o nº 2 como último publicado.

**HOMENAGEM DO CLUBE MARTINS JÚNIOR AO SEU INCLITO CHEFE** (1) — Poliantéia datada de 24 de novembro de 1892, com quatro páginas, formato de 31x22, apresentou-se em papel couché, nitidamente impressa.

Constou a primeira página de um desenho a craion, litografado (autoria de Libânio Amaral), envolvendo o título, retrato de Martins Júnior, legenda, nomes de livros publicados pelo líder republicano e, em baixo, uma pena.

As páginas centrais inseriram saudações ao aniversariante, que outro não foi o motivo da publicação, firmadas pelos clubistas.

Na página final, circulada de vinhetas, em tipos maiores, apenas os dizeres: “24 de novembro de 1892 — Preclaro chefe: curvemo-nos, reverenciadamente, ante a máscula grandeza do teu caráter, ante a magna superioridade do teu coração”, seguidos de treze assinaturas, inclusive as de Tomé Gibson e Ribeiro de Brito (**Bib. Púb. Est.**).

## 1 8 9 3

**ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL, AGRICOLA E INDUSTRIAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO** — O primeiro número circulou em janeiro de 1893, formato de 23x15, com 320 páginas de matéria redacional. “Obra estatística e de consulta”, abrangendo todos os municípios, teve como organizador Veríssimo de Toledo. Editôra-proprietária: a empresa **d’A Provincia**.

Obedeceu ao programa a seguir: I — Calendário e Informações úteis. II — Governo federal e repartições federais de Pernambuco. III — Governo e administração estaduais. IV — Repartições municipais do Recife e municípios do Estado. V — Comércio, Indústria, Correios e Telégrafos, Lavoura, Estradas de Ferro e Ferrocarril. Ciências, Filantropia, Recreação e Religião. VI — Notabilidades profissionais, comerciais e industriais do Recife. Esta última parte constituiu-se, apenas, de anúncios, num excedente de 70 páginas.

---

(1) Não consta dos “Anais”, de Alfredo de Carvalho.

Norteados por idênticas características, o **Almanak** proporcionou duas outras edições: em 1894 e em 1895. Dizia o competente editorial de abertura tratar-se de “tarefa na sua maior parte executada sob as maiores vexações e sofrimentos causados pela adversidade política”, sendo tudo dificultado em face da posição da empresa editora perante o governo do Estado, chegando ao ponto de as repartições públicas recusarem fornecer os informes solicitados (**Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA DRAMÁTICA — Órgão e Propriedade da Companhia Coimbra** — Deu a lume o primeiro número no dia 19 de janeiro de 1893, formato de 24x18, com quatro páginas, para distribuição gratuita. Impressão da Tip. Industrial, à rua do Imperador n° 75.

Lia-se na concisa nota de apresentação, assinada pelo redator, Artúrio Vieira: “Programar o gosto pelo teatro, já no público, já na caixa; fomentar a Arte Dramática, levá-la, fazê-la brilhar, o que basta retirar de sobre ela a cinza da comédia desmascarada — a Opereta, ressuscitar, por assim dizer, pretendo cadáver — o Drama, dando-lhe todo vigor, fazendo dele um **microcosmo**, tais são os fins a que se propõe a **Revista Dramática**”.

Cada edição abria com ligeiro artigo do redator, seguindo-se matéria exclusivamente sobre teatro, mas em pouca quantidade, porque só inserida nas páginas externas, servindo as internas, em folha aberta, de programa das peças da Companhia Coimbra, em exibição no Teatro Santa Isabel.

Sairam, apenas, segundo foi possível constatar, três números, o último dos quais datado de 27 do referido mês (**Arq. Púb. Est.**).

**O ZIG-ZAG — Órgão do Atelier Miranda** — Propriedade de Manuel J. de Miranda, à rua Duque de Caxias n° 31, publicou-se, pela primeira vez, em fevereiro de 1893. Formato de bolso, 18x12, a duas colunas e quatro páginas, impressas em papel **couché** róseo. Do seu programa constava, apenas, não ter política, pouco lhe importando que o poder pertencesse “a César ou a João Fernandes”. Divulgou comentários ligeiros e versos humorísticos, assinados por Ambrósio Cruz e A. Vaz, ou pseudônimos, como os de **Gama, Borja, Zero** (êste era Barbosa Viana) e **Zero Júnior**.



Circulou, novamente, a 28 de fevereiro de 1897, “para comemorar o Carnaval”, em formato duplicado, com quatro páginas, sendo a primeira de propaganda do Atelier Miranda, já com sua oficina à rua Padre Nóbrega ns. 18 a 22, e a última de **charges** políticas, em litogravura. As páginas centrais divulgaram matéria em prosa e verso, com muita verve, e propaganda da editôra.

O terceiro número, nas condições do segundo, sendo o desenho litográfico da primeira página assinado por Pedro Botelho, publicou-se a 22 de fevereiro de 1898.

Outra edição (1), em formato um pouco maior, saiu a lume no dia 13 de fevereiro de 1899, sendo a quarta página ocupada pela música intitulada “Os confettis do Miranda”, polka para piano, da autoria de Alfredo Gama (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

O **PHILOMOMO — Jornal Carnavalesco** — Circulou pela primeira vez, datado de 12 (repetida a edição no dia 14) de fevereiro de 1893, formato de 32x23. com quatro páginas de três colunas, impresso em excelente papel, no Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias ns. 29/31. Redator principal: **Zé Procópio**. Sob o título, os slogans: “Tudo pela barriga” e “Pouco pela pátria”.

Apresentou-se “ao respeitável público trazendo não a máscara que encobre simplesmente o rosto, porém sempre a crítica sensata que, verberando o atrofiamento das instituições, mostra o mal e ao mesmo tempo a sua corrigenda na gargalhada pública”.

Bem redigido, inseriu, inclusive, colaboração do **Dr. Pitombo, Zé Felix e O Leão do Norte**. Na última página: descrição do préstito e itinerário do Clube Carnavalesco Filomomos.

Reapareceu, em 2a. Época, datado de 24, 25 e 26 de fevereiro de 1895, com o sub-título: **Revista das Revistas e**, abaixo, a quadra:

“Fôlha neutra, imparcial,  
De maior circulação,  
É órgão do... Carnaval.  
Redator: **Seu Folião**”.

---

(1) Alfredo de Carvalho registara apenas três edições

Formato pequeno (22x15), reuniu 18 páginas, afora a capa, esta em papel de côr, sendo impressa no Atelier de Artes Gráficas, de Afonso Duarte & Cia., à rua do Imperador nº 52. Muito variado, servido de boas pilhérias e trepações, foram seus colaboradores principais: **Gregório Júnior** (pseudônimo de João Gregório Gonçalves), **Fantoche**, **Chicó** e **Mestre Tôrres**, que assinava os “Tópicos típicos”.

Depois de outro salto, **O Philomomo** saiu, em 3a. Época, a 28 de fevereiro (repetida a edição no dia 2 de março) de 1897. Era, então: “Órgão dos órgãos. Neutríssimo. Cheio de imparcialidade e de... artigos”. Teve oito páginas, no primitivo formato, a primeira das quais só com o sonêto “Viva o Carnaval”. No mais, matéria humorística, entremeadada de figurinhas carnavalescas.

Com o sub-título “Órgão dos Cujos”, saiu, em 1898, o Nº Único, Ano VII (devia ser VI), de 20/22 de fevereiro, formato maior, de 47x30, com quatro páginas, ocupando as duas centrais, em litogravura, imenso desenho humorístico do préstito do Clube Filomomos. Colaboração, na parte tipográfica, de **Giz**, **Dominó Preto**, **Cascarino**, **Ri-Panço** e **Zero**, êste último pseudônimo de Barbosa Viana.

Só no ano de 1901 reapareceu **Philomomo** (sem o artigo **O**), IX Época, impresso sôbre magnífico papel **couché**, com quatro páginas de 37x24, dizendo-se “Fôlha anual de maior circulação carnavalesca, com oficina zincográfica”. Lia-se no texto, em prosa e verso, entre outras matérias: “Belo sexo carnavalesco”, por **Martial**; “Alegros”, de **Jaboatão Senior**; “Casualidades”, por **Juvenal**, e “Academia Popular dos Quengos”, pelo **Dr. Ximbirra**.

Restabelecido da perda do **O**, com o sub-título “Órgão do Carnaval”, eis que voltou o anuário (nem sempre anual), datado de 22, 23, 24 de fevereiro de 1903 (1), Ano X. Constava do cabeçalho: “Edição definitiva e última”; “Leitura vária para todos e para ninguém”, mais os versos:

“Surge ainda uma vez a caravana ousada,  
Ao rufar do pandeiro, ao tilintar do guizo.  
Avante! Abram espaço à plena mascarada,  
Nesta festa de paz a que preside o riso!”

---

(1) No registo dos “Anais”, de Alfredo de Carvalho, não foram mencionadas as edições de 1898, 1901 e 1903.

Foi confeccionado (34x26) na oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador nº 47, e apresentou, como sempre, variada messe de temas carnavalescos, predominando a assinatura de **Duda Moleque**.

Ainda surgiu **O Philomomo** em fevereiro de 1904, XI Época, com oito páginas de 38x27 e quatro colunas de composição. Sub-título: "Revista Revisionista das Revistas Já Vistas e Revistas". Abaixo, a frase: "Descarnavalizemos a República e Republicanizemos o Carnaval" (ass. **Mortinho da Silva**). No Expediente: "Edição: Uma porção de milhões de exemplares, cada qual mais exemplar".

Servido de muita matéria crítico-irônico-humorística, teve a colaboração de **Lulu Dengoso**, **Pierre Diable**, **Matemático**, **Job Camacho** (pseudônimo de Barbosa Viana), **Diabo a Quatro**, **Dr. Luar** e outros.

Terminou aí a existência da interessante fôlha carnavalesca (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**) (2).

O GRACILIANO — Número único, datado de 5 de abril de 1893, editou-o a **Gazeta da Tarde**, em homenagem ao "incomensurável e zelomaniaco gerente" Graciliano Martins, por motivo do seu aniversário natalício. Propriedade da "Empresa Tipofarmacópia". Em pequeno formato, a primeira página inseriu o título e as palavras da dedicatória, enquanto as três restantes, a começar pelas "Razões da publicação", assinadas pelo chefe da oficina Manuel Araújo, divulgaram notas de saudação de autoria de Fernando Barroca, Eurico Vitróvio, Júlio Hancem, Alfredo Vaz, João Ezequiel e outros, intercaladas de quadras, sobretudo humorísticas, a respeito do evento.

Edições do mesmo caráter circularam, em data idêntica, nos anos de 1894, 1895, 1899, 1900 e 1901, significando a "homenagem (a Graciliano Martins) dos seus admiradores e companheiros de trabalho, em o dia do seu aniversário natalício". Saudações eram igualmente firmadas por Cleodon da Fonseca, João de Deus, Antônio Bernardo, **Lulu Pelintra** (pseudônimo de Eurico Vitróvio), Artur Vautier, João Ferro, João Nepomuceno, **Gregório Júnior**, Xavier Coelho, José Lima, Henrique Soido, Targino Filho, Almeida Braga, Laiete Lemos, Pe-

---

(2) Comprovantes salteados, ora numa, ora na outra biblioteca.

dro Soares, Sebastião Pinto, etc. (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**) (1).

**COUSAS DA ARABIA** — **Revista Política e Literária** — Impressa na tipografia d'A **Provincia**, surgiu em abril de 1893, formato de 16x11, com 14 páginas de uma só coluna, a capa no mesmo papel comum do texto. Redação atribuída a Faelante da Câmara.

“É uma revista — lia-se no editorial de apresentação — escrita à **la diable**, num estilo macabro, com um pouco da filosofia de Offenbach, tendo sempre uma gargalhada fresquinha para tudo o que é postiço”.

Querendo “ter o seu pôsto de sacrificios”, procuraria ser desapaixonada, serena, humilde”, de uma “humildade cristã”. E tinha “um riso sempre engatilhado” para tudo o que fôsse pândego, “desde a **pôse** oratória do sr. Serra Martins até o **aplomb** marcial do sr. João Amorim”.

Em conclusão: “As **Cousas da Arabia** são frutos indígenas, amadurecidos entre o algodão em rama ou a palha sêca dos partidos políticos e **cotteries** literárias, onde a ave sardônica da neutralidade... armada vai buscar o quinhão suficiente de ridículo para as provisões da ironia”.

A demais matéria constou, unicamente, de extensa “Carta a um marechal de tragédia”, de crítica mordaz e virulenta ao Presidente da República, Floriano Peixoto, a propósito da revolução do Rio Grande do Sul, das deposições de governadores, dos fatos de 10 de abril, da baixa do câmbio e da indisciplina no Exército, assim concluindo:

“V. Exc<sup>a</sup>. cai, como o pomo cai da árvore, pela combinação de causas variadas na vida orgânica dos maus governos; V. Ex<sup>a</sup>. cai porque está podre”.

A revista-panfleto ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

**QUATRO DE JUNHO DE 1893** — Poliantéia em homenagem ao flautista brasileiro Gervásio de Castro, circulou na data formada pelo título, sendo impressa no Atelier Miranda, em bom papel, formato de 32x22.

---

(1) Números esparsos.

Na primeira das quatro páginas via-se um desenho em litogravura do homenageado, trabalho artístico de Rodolfo Lima, com a respectiva legenda, só aparecendo o título na segunda página, esta e a terceira repletas de artigos ou poesias de saudação a Gervásio, por motivo do recital-benefício que êle realizaria naquele dia, assinados por França Pereira, Júlio Pires, Lessa Júnior, João Barreto de Meneses, João Pessoa, Baltazar Pereira, E. Fonseca e outros. A última página estampou o programa a ser executado no Teatro Santa Isabel (Bib. Púb. Est.).

A BARBOSINA — Pequeno livro de sortes, destinado às noites festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro, foi redigido pelo **Dr. Afonso do Sentimento**. Noticiou-lhe o aparecimento o **Diario de Pernambuco**, de 11 de junho de 1893, para, três dias após, reformar o bom juízo que dêle fizera, acrescentando: “Êsse livro é composto de versos muitos dos quais ofensivos a pessoas qualificadas da nossa sociedade, e tem como apensos muitos artigos, entre êles alguns imorais e ofensivos, não devendo ser aceito no seio das famílias”.

Logo mais, no dia 17, noticiou o **Jornal do Recife** a prisão, pelo delegado Cassiano Lopes, “do cidadão Vicente Ferreira da Costa, pelo simples fato de andar vendendo o livro de sortes denominado **A Barbosina**, espirituosa produção do chistoso **Dr. Afonso do Sentimento**”. Era a celebridade. Seu organizador, com certeza, “nunca se persuadiu de que o seu modesto livrinho fôsse tão honrado pela zelosa e muito correta polícia atual do Estado”. E concluiu: “Estamos a apostar que não há viva alma, neste Recife, que não deseje ler **A Barbosina**. Mas, vejam lá como fazem isto, porque é possível que a polícia proiba até a leitura d’**A Barbosina**”.

A BERNARDA — Livro de Sortes — Publicou-se em junho de 1893, medindo 15x10, com 104 páginas, sob a orientação de Olivério Júnior. Foi “organizado a capricho, para entretenimento das tradicionais e festivas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, contendo: mistérios d’alto valor e mil e uma diversões de salão, próprias para pôr em prova os espiritos perspicazes. Leitura variada e aos filantes privada”. Editado por J. W. de Medeiros, proprietário da Livraria Francesa, foi impresso na oficina de F. B. Boulitreau.

Em seguida às Sortes, apresentou boa “Miscelania”, na qual se incluiu colaboração de França Pereira, Olivério Jú-

nior, Galdino de Barros, Demóstenes de Olinda, Tomé Gibson e outros poetas e prosadores (**Bib. Púb. Est.**).

**A CIGANA ULRICA — Nôvo Livro de Sortes para entretenimento das festejadas noites de Santo Antônio, S. João e S. Pedro** — Aparecido sem data, circulou, na realidade, em junho de 1893, obedecendo ao formato de 15x10, com 96 páginas, sendo as doze últimas de anúncios e em papel de côr. Redator — **Pala Dina**; editores e impressores — Afonso Duarte & Cia., com tipografia situada à rua 15 de Novembro (atual do Imperador) n° 65.

Dividiu-se o texto em duas partes, “contendo, além de variadas e interessantes sortes, uma escolhida coleção de poesias, contos, charadas, logogrifos, receitas úteis, etc.”. Em meio às transcrições, ocorreram trabalhos assinados por Olímpio de A. Galvão e **Rosa Silvestre (Bib. Púb. Est.)**.

**O MARINHEIRO — Órgão hipocondriaco** — Datado de “19 de Martiniano de Veras” (identificado como o mês de junho) de 1893, o n° 1, série I, apresentou-se em formato de 32x22, com quatro páginas de duas colunas largas. Tiragem: “infinita”. De “maior circulação no mundo”...

Redigido em linguagem humorística, o artigo de abertura fez sugestões para a efetivação de um “Congresso Constituinte de Redatores”. Seguiram-se versos caricaturalmente atribuídos a Afonso Olindense e pensamentos, também em pastiche, de diferentes escritores e jornalistas locais. Ainda as seções “Dizem...” e “É voz corrente...”, só se ocupando de gente da imprensa.

Impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador n° 75, o n° 2 exibiu a data de “26 do Coronel Atraca de 1893, continuando o programa do anterior (**Bib. Púb. Est.**).

**SILVA JARDIM** — Número único, “homenagem da União Cívica de Pernambuco à veneranda memória do imortal prócere da Republica, no segundo aniversário do seu desaparecimento na cratera do Vesúvio”, circulou a 1° de julho de 1893.

Com quatro páginas, em bom papel, impresso na Tip. Industrial, apresentou-se a poliantéia no formato de 50x34,

lendo-se na primeira, circulada de vinhetas, além da dedicatória, as locuções italianas: "**Vuolsi cosi colá, dove si puote**" e "**Cio che si vuole, e piu non dimandare**".

As três páginas restantes divulgaram produções originais, tudo sobre Silva Jardim, assinadas por Felício Buarque, Francisco Soares Quintas, José de Amorim, Alfredo Toledo, Tomé Gibson, Frota e Vasconcelos, Otávio Hamilton Tavares e Paulo Silveira, encarregados da publicação, e ainda de Augusto Figueira, Fernando Barroca, Manuel Cavalcanti de Melo Filho, Ferreira Júnior, Artúnio Vieira, Osvaldo Machado, Joaquim Tiago da Fonseca e Manuel Paulo de Almeida (**Bib. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.**).

**JORNAL DO DOMINGO** — Semanário, começou a publicar-se no dia 16 de julho de 1893, formato de 37x27, com quatro páginas de quatro colunas, impresso, em bom papel, na tipografia da **Gazeta do Recife**, à rua do Imperador n<sup>o</sup> 43. Diretores — Olímpio de Arroxelas Galvão, Antônio Venâncio Filho e Manuel Arão. Ainda no cabeçalho, a lista de colaboradores: João Barreto de Meneses, Artur Bahia, Ernesto de Paula Santos, Severino Barbosa, Mateus Coimbra, Oscar Leal, Eurico Vitróvio, Silva Oliveira, Tito Franco, Epaminondas de Albuquerque, Artúnio Vieira, Paulo de Arruda, Luiz Gomes e Alberto Miranda. Tabela de assinaturas: trimestre — 2\$500; mês — 1\$000; para o interior: semestre — 6\$000; trimestre — 3\$000. Redação à rua da Penha, n<sup>o</sup> 8, 2<sup>o</sup> andar.

Sem fazer política, atirava-se à rua "de lança em riste", desassombadamente, com espírito forte, compreendendo a luta como um apostolado.

Esperava colocar-se "à altura do nosso desenvolvimento intelectual".

Além de artigos assinados e poesias, iniciou as seções "Recados" e "Chistes", esta a cargo de **Fortunio de Paula** (como se ocultava Ernesto de Paula Santos); noticiário ligeiro e uma página, a quarta, de anúncios.

Seguiu-se a publicação (1), a princípio regularmente, vindo a sofrer lacunas a partir do segundo mês.

---

(1) No seu registo, Alfredo de Carvalho mencionou, apenas, o n<sup>o</sup> 1 do **Jornal do Domingo**, dando-o, além disso, por engano, como impresso na oficina do **Diário de Pernambuco**.

Bem redigido e bem impresso, manteve escolhido grupo de colaboradores, incluindo Odilon Nestor, Fernando Griz, Sampaio Cardoso, Ribeiro da Silva, Nero, etc., ao passo que alguns dos mencionados no cabeçalho nada escreveram.

O diretor A. Venâncio Filho, que se batera, em artigos assinados, com **A Província**, rebatendo ataques ao **Jornal do Domingo**, afastou-se da empresa, sendo substituído, no nº 9, por Severino Barbosa, entrando mais dois diretores: Odilon Nestor e Sampaio Cardoso.

O periódico, em situação financeira difícil, viu-se na contingência de parar. É que o diretor-gerente, A. Venâncio Filho, não se conduziu à altura da confiança nêle depositada pelos companheiros, deixando-lhes sérios compromissos a solver, conforme a nota "Ao público", da edição de 12 de novembro, nº 12, que foi o último divulgado.

Desde o nº 10, (extraordinariamente com seis páginas, mas apenas cinco impressas), o **Jornal do Domingo** foi confeccionado na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 75, instalada a redação no mesmo local. Reduzira o formato, diminuindo, sensivelmente, a parte de anúncios. O folheto de Manuel Arão — "Martir e Anjo" — publicou-se, pela última vez, no nº 10, ficando por concluir (**Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA POTYGUAR** — Publicação mensal, de elementos da colônia do Rio Grande do Norte, surgiu em agosto de 1893, formato de 32x22, com oito páginas a duas colunas largas de composição. Impressa na Tipografia Industrial, à rua do Imperador nº 75, tinha escritório redacional na rua Barão da Vitória (atual rua Nova) nº 35, 1º andar. Comissão de Redação: João Batista de Vasconcelos Chaves, Francisco de Sousa Nogueira, Honório Carrilho da Fonseca e Silva, Hemetério Fernandes Raposo de Melo e José Lucas Soares Raposo da Câmara, os dois últimos sucedendo-se na função de secretário.

"O seu programa — resumia o editorial de apresentação — é combater pelas letras e defender o Estado do Rio Grande do Norte em sua integridade e honra, sem entretanto descer ao partidarismo condenável".

Circulando regularmente, quase que só divulgou, na sua curta existência, trabalhos, em prosa e verso, dos redatores,



alguns figurando, numa mesma edição, com duas ou três produções, especialmente Lucas, o da "Sabatina" (crônica da última página), sendo únicos colaboradores à parte Luiz Evangelista de Oliveira e João Lindoso Câmara.

Não foi além do nº 4, que saiu no mês de novembro (Arq. Púb. Est. e Bib. da Fac. Dir. UFPe.).

**REVISTA DE ARTES E ANUNCIOS** — Iniciou sua circulação no mês de agosto de 1893, obedecendo ao formato de 32x22, com quatro páginas. Editores — Afonso Duarte & Cia., proprietários do Atelier de Artes Gráficas, situado à rua do Imperador nº 52. Publicação indeterminada, sairia uma vez em cada trinta dias, para distribuição gratuita "por tôda parte e a todo o mundo".

Abriu o texto o artigo "Milagres do anúncio", sendo a demais matéria constituída de reclamos comerciais, entremeados de notas curiosas, charadas e notícias de poucas linhas.

Prosseguindo, o nº 3, datado de 20 de outubro, apareceu com cada uma das quatro páginas impressa em côr diferente (Bib. Púb. Est.).

Afora a parte manuseada, publicaram-se mais dois números da fôlha especializada, o último dos quais registado pela "Revista diária" do **Diário de Pernambuco**, edição de 31 de dezembro.

O **JASMIM** — Número único, foi dado a lume no dia 12 de agosto de 1893, formato de 32x22, com quatro páginas de duas colunas largas, impresso na oficina do **Jornal do Recife**. Motivou a publicação o transcurso do aniversário natalício da senhorinha Clara Rosa Temporal, mediante iniciativa de um grupo de amigos.

Escreveram crônicas e notas de saudação: M. J. Silveira, Maria do Carmo Temporal, Ana Beiriz, mais quatro diferentes Beiriz e outras assinaturas femininas, terminando com uma parte de literatura prôpriamente dita, com produções, também concisas, de P. A. G., Vaugirard, etc. (Bib. Púb. Est.).

**UNIÃO COMMERCIAL** — Poliantéia em "homenagem aos seus sócios Manuel Ferreira da Cunha, bemfeitor, e dr.

Antônio Gomes Pereira Júnior, protetor”, conforme o quadro de vinhetas da primeira página, circulou no dia 12 de agosto de 1893, formato de 18x11, impressa em papel **couché**.

As duas páginas centrais divulgaram notas ligeiras, a respeito da festa que a União Comercial programara, inclusive inauguração de retratos dos homenageados em seu salão de honra, assinadas por diferentes nomes, entre os quais Celso Vieira, José Coelho e Ribeiro Júnior. Na última inseriu-se o programa do baile comemorativo (**Bib. Púb. Est.**).

**O BOUQUET** — Outra poliantéia, distribuiu-se na noite de 29 de agosto de 1893, como “sincera homenagem pelo feliz aniversário da simpática jovem Elisa Áurea Monteiro”. Foi impressa na Tip. Industrial, formato de 24x16, com quatro páginas, a primeira servindo de capa, circulada de vinhetas.

Preito de amigas, afora o artiguinho de abertura, onde se falou na vibração das “canções melodiosas da aurora” e no “batel côr de rosa do Sonho”, a matéria do texto constou de diferentes saudações, quase só em versos, vários nomes de flôres servindo de pseudônimos (**Arq. Púb. Est.**).

**JULIO HANCEM** — Número único, circulou a 26 de setembro de 1893, formato de 44x32, com quatro páginas, mais um Suplemento de duas, tendo o reverso em branco. Foi impresso na tipografia da **Gazeta do Recife**, situada à rua do Imperador nº 43, por iniciativa da classe gráfica, à frente a seguinte Comissão de Redação: Cirilo Ribeiro, João Ezequiel e Alfredo Gomes.

Além das datas de nascimento e falecimento, na primeira página, cercada de tarja, figuraram, em caracteres fortes, os dizeres: “Homenagem da União Tipográfica Pernambucana à veneranda memória de Júlio Guilherme Hancem, seu imortal defensor”.

Sôbre a personalidade do líder dos tipógrafos, falecido precisamente dois meses antes, escreveram, entre outros, Pedro Brasil, João Ferro, Antônio de Jesus, Antônio Correia de Oliveira, Honório de Araújo, Ermiro Lima, Artúnio Vieira, Francisco de Assis e E. R. Pinto (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**A AUTONOMIA — Órgão Político** — Surgiu no dia 26 de setembro de 1893, formato de 38x27, com quatro páginas de três colunas largas, sendo impresso na tipografia situada à rua das Flôres nº 24, 1ª andar, aí localizados também o escritório e a redação. Redigido por Domingos C. de Sousa Leão Júnior, destinava-se a circular trissemanalmente, anunciando tiragem de 500 exemplares. Assinatura trimestral — 2\$000, acrescida de \$500 para fora da cidade. Número avulso — \$100.

No editorial de apresentação, dizia-se o jornal “clara e francamente decidido adepto da forma federativa em um país republicano, e adversário, que não transige, da participação do elemento militar na gestão dos negócios públicos”, frisando: “...nunca poderemos prosperar, evoluir, crescer, financeira e economicamente, aos olhos dos nossos irmãos vergados, subjugados pelo militarismo, um poder absoluto, inepto, egoísta, vacilante sempre”.

Do programa: “...analisará, desapiedadamente, a marcha administrativa dos atos governativos, quer tratando-se do Poder Central, quer particularizando-se ao nosso grandioso Estado”. Órgão livre, pugnaria pelos direitos do povo. Seria, enfim, um “grito de alarma em defesa da República”.

Seguiu-se outro artigo, igualmente assinado pelo redator, sob o título “Abaixo a farda!”. E mais: folhetim, noticiário, “Variedades”, “Coluna recreativa”, poesias e quase uma página de anúncios.

Publicado regularmente, abria cada edição com artigo assinado pelo redator único, sob o título “Em nosso pôsto”, em que comentava o andamento da revolta da Esquadra brasileira, atacando o governo do marechal Floriano Peixoto. Inseria sempre um segundo artigo político, ou crônica literária, e uma poesia com a mesma assinatura. Enquanto isto, Sabino Filho (João), com igual constância, firmava poesias e a seção de charadas. Foram, ainda, colaboradores da “Coluna Recreativa”, só constituída de poesias: Augusto Aristeu, Custódio Braga, Ulisses d’Aquino, G. Lima e João Bezerra de Vasconcelos.

Manteve algum noticiário, uma “Coluna Pública” e ligeiras publicações comerciais. Com onze inserções, ficou por terminar o folhetim “Um capitão de quinze anos”, sem assinatura.

O último número divulgado foi o 11º, datado de 8 de novembro (**Bib. Púb. Est.**).

**REVISTINHA ACADEMICA DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE** — Surgiu a 30 de setembro de 1893 — nº 1, série I — formato de 15x11, com 16 páginas, inclusive capa simples, no mesmo papel acetinado. Propriedade de “um calouro”. Trabalho gráfico da oficina d’A **Provincia**.

Apresentou modesto editorial, declarando que o “ridendo discere” seria sua divisa. Por cinco **sampaio**s de cada colega, daria sempre “um ponto de uma das cadeiras, tais como os de Penal e de Direito Militar, que são o estôrvo do programa de Criminal, por onde principiaremos; uma crônica humorística da semana acadêmica e, finalmente, a musa do **Pricillo**, o encanecido colega que conhece já tanto a escola do Recife”.

Ficou, entretanto, na edição de estréia (**Bib. Púb. Est.**).

**O TEMPO** — **Periódico Literário, Humorístico e Noticioso** — Saiu a lume no dia 8 de outubro de 1893, formato de 19x13, a duas colunas de composição, com quatro páginas. Do expediente constou: “Participamos aos nossos leitores que só é este o número que é gratuito, por ser o primeiro”.

O editorial de apresentação dizia: “**O Tempo** é um jornal científico, que traz o emblema e a estátua da literatura propagadora da instrução”.

Órgão semanal, estampou, no número 2, a tabela de assinaturas: trimestre: — 1\$500; mês — \$500. Preço do exemplar — \$100. Impressão a cargo da tipografia da **Gazeta do Recife**, à rua do Imperador nº 43, local também da redação. Sua matéria constou de “Variedades”, “Literatura”, “Artes”, “Noticiário” e “Cócegas”.

O nº 3 só circulou no dia 6 de novembro, mas em formato duplicado, com 25 cm de estatura e três colunas normais, assim continuando. Sem indicar corpo redacional, teve a colaboração de J. E., Minervino da Rocha, C. Leal, Ulisses Grant; Ulisses ou **Lysseu G.**; João de Deus, João B. de Vasconcelos e outros. Bem movimentada foi a seção de charadas; e os raros anúncios, aumentando pouco a pouco, terminaram ocupando mais de uma página.

Mas, a tudo contrariando, **O Tempo** parou, depois de haver saído à rua a sétima edição, datada de 17 de dezembro (**Bib. Púb. Est.**).

**A IDEIA — Órgão de uma Associação** — Saiu a lume no dia 16 de outubro de 1893, em bom formato de 45x32, com quatro páginas e colunas de 16 cíceros. Impresso na oficina do **Diário de Pernambuco**, à rua Duque de Caxias nº 42, assinava-se a 1\$000 por trimestre, custando o exemplar 100 réis. Só um nome destacado no cabeçalho: o do cobrador Manuel Quintero.

“Noticioso e crítico, sem molestar esta ou aquela individualidade”, defenderia “os interesses de qualquer classe, quando ofendida”. E defenderia, por outro lado, “como um Direito Sagrado, a Igreja Católica, Apostólica, Romana”.

Seguiram-se: “Religião”, editorial doutrinário; “Uma nota por semana”, por **Krupp**, destinada a defender “os interesses do povo, dos artistas e da religião”; “Artes”; “Na palestra”; “Literatura”; “Folhetim”; “Variedades”; “Solicitações”; “Notícias diversas” e pouco mais de uma página de anúncios.

No segundo número, João Ezequiel conclamava, em artigo, a adesão total dos seus colegas à União Tipográfica Pernambucana; e um editorial repelia **Braz**, da **Gazeta da Tarde**, que apontara erros gramaticais d'**A Ideia**, o que “não admirava” por tratar-se de jornal “escrito por artistas e operários”. Terminou apontando erros do lado de lá.

Manteve-se variado, incluindo a seção “Passa-tempo”, de charadas, e circulou regularmente, com a colaboração de **Ventura**, José de Matos, Pedro Joaquim Velez Botelho, F. Assis, E. R. Pinto, Manuel Libório, João Barreto de Menezes, João Avelino de Albuquerque; G. A. de Brito, com o ensaio cômico “Uma bernarda”; A. C. Serafim e Silva, Xavier de Novais e João Ezequiel. Situava-se a redação no nº 68, 2º andar, da rua São Francisco (hoje, Siqueira Campos).

Último número publicado foi o 9º, de 16 de dezembro (1) (**Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Alfredo de Carvalho registara o primeiro número d'**A Ideia** como sendo “único”, seguido de interrogação.

**A COISA — Fôlha Crítica, Satírica, Humorística** — Surgiu no dia 6 de novembro de 1893, formato de 37x25, com quatro páginas de quatro colunas. Impressa na oficina da **Gazeta do Recife**, à rua do Imperador n<sup>o</sup> 43, era aí também a sua redação e administração, custando 100 réis cada exemplar. Redatores: **Juvenal, Tito, Botelho, Ismael, Diabel e Honório**.

Redigida por “meia dúzia de boêmios, mais por temperamento do que vontade”, dizia o artigo de apresentação: “**A Coisa** levará tudo a rir, desde os sapatos de fivelas do padre santo ao colarinho sebento do colegial; desde o rei ao espanador de coroas; desde o presidente da República”... e por aí a fora.

Publicaram-se, apenas, dois números, repletos de matéria espirituosa, em prosa e verso, em doses ligeiras, assinada com pseudônimos. Não faltava a leve trepação política, nem a anedota de duplo sentido, sendo a quarta página de anúncios.

O n<sup>o</sup> 2 teve a data de 13 de novembro (**Bib. Púb. Est.**).

**O EQUADOR — Ciências, Artes e Letras** — Circulou a 24 de novembro de 1893, impresso na oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador n<sup>o</sup> 47, formato de 31x22, com oito páginas. Destinava-se a circular em dias indeterminados, indicando os preços de 5\$000 por doze números (6\$000 para fora da cidade) e de \$500 por exemplar.

A página de frente foi ocupada por um retrato litografado do juriconsulto Clóvis Bevilaqua (autoria de Antônio Vera Cruz), cujo “Esbôço biográfico” se seguiu, no texto, assinado por Artur Orlando.

Sôbre diferentes assuntos escreveram **Gervásio Fioravanti, Gonçalves Maia, Martins Júnior, Clóvis Bevilaqua, França Pereira e Jesu Kar de Sotero**, terminando com a crônica “O que se passou”, de **João Cirs**.

Ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O JULIO** — Poliantéia de 20 de dezembro de 1893, foi publicada em solenização ao 34<sup>o</sup> aniversário natalício do jor-

nalista Júlio Falcão, em pequeno formato de 19x13, com quatro páginas.

Redigido por **Gregório, Dentista, Ismael, Pipo, Honório. Diabel e Balisa**, todos saudando o homenageado, em prosa e verso, imprimiu-se na tipografia do **Correio do Recife (Bib. Púb. Est.)**.

1 8 9 4

**A UNIÃO DA UNIÃO — Fôlha familiar fosforescente —** Declarando-se, também, “órgão do Grêmio Esperanças da Pátria”, saiu o número único no dia 1 de janeiro de 1894, formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas.

Comemorativo da entrada do ano, sua matéria constou de seções leves e humorísticas, em prosa e verso, nelas colaborando **Gregório Júnior** (pseudônimo de João Gregório Gonçalves), **Zero** (Barbosa Viana), **Martinho G.**, **Pedro Botelho** e **Mandurois (Bib. Púb. Est.)**.

**O ESCUDO DA VERDADE —** Fôlha quinzenal, apareceu no dia 15 de janeiro de 1894, pequeno formato, com quatro páginas, tendo a redação instalada na Travessa Marquês do Recife nº 12. Redatores... diversos. Propriedade de “uma Associação Evangélica”. Assinatura trimestral — 1\$000. Sob o título inscrevia-se a divisa: “Onde está o sábio? Onde o doutor da lei? Onde o esquadrinhador dêste mundo? Porventura não tem Deus convencido da estultícia a sabedoria dêste mundo?” (I Cor. 1º 20).

Lia-se no editorial de apresentação: “Não pertencemos a nenhum grupo político; desejamos a paz e a prosperidade para a nossa cara pátria”.

“...tudo quanto concorrer para profligar o êrro, a superstição e a hipocrisia encerrar-se-á no âmbito do nosso programa”.

Seguiram-se artigos doutrinários e traduções de Filipe da M. de A. C., fechando a última página alguns anúncios.

Continuou a publicação, melhorando o formato para 32x22, mas diminuindo-o no fim. Além dos editoriais, teve

a colaboração de Alves Mendes, H. M. Call e Ulisses Neves César de Melo, que assinava prosa e verso.

Imprimiu-se na Tipografia Industrial, à rua do Imperador nº 75, sendo último número publicado o 6º, de 31 de março (**Bib. Púb. Est.**) (1).

**O SANSONE** — **Jornal Lírico Sério-Funambulesco** — Propriedade “de uma súcia de rapazes de talento anônimo”, saiu a lume no dia 14 de abril de 1894, formato de 27x19, a três colunas de composição e quatro páginas. Constava do Expediente: “Assinaturas — Isto não é conosco, pois não queremos maçadas. Preço avulso — Sòmente um sampaio, enquanto não chegam as apólices municipais”.

O editorial, assinado por “Armando Campos — redator -chefe”, declarou que **O Sansone** vinha ocupar o lugar do **Aricn**, o qual “por motivos justificados não apareceu na época atual”.

Ensejou o aparecimento da fôlha a nova temporada lírica do Teatro Santa Isabel, com a Companhia de Giovanni Sansone. Impressa na oficina da **Gazeta do Recife**, à rua do Imperador nº 43, suas páginas constavam, apenas, de matéria tipográfica, sendo a quarta ocupada com anúncio das óperas encenadas no dia de cada publicação, semanalmente. Focalizava assuntos de teatro, em notas satíricas e versos chistosos, caricaturalmente assinados por nomes destacados da imprensa diária. Um dos seus redatores era **Gregório Júnior** (João Gregório Gonçalves). Como ilustração, apenas vinhetas intercaladas entre a matéria.

Finda a temporada, terminou, igualmente, a existência d'**O Sansone**, cujo último número foi o 6º, de 19 de maio (**Arq. Púb.Est.**).

**O ALBUM** — “Sôbre uma elegante moldura a que vem ligado — noticiou o **Diário de Pernambuco** de 11 de maio de 1894 — ofereceram-nos ontem o número único de um jornal assim intitulado e que foi dedicado à simpática artista Vitória Sulli, ante-ontem, por ocasião do seu benefício no Teatro Santa Isabel. O trabalho de impressão está irrepreensível-

---

(1) Coleção desfalcada.



mente correto, destacando-se no centro o retrato em busto da talentosa artista, que tanto tem sabido impor-se à platéia pernambucana. Os artigos são firmados pelos srs. C. Neves, Euclides Fonseca, Nieli e dr. Molinari Laurin”.

Foi editado por Flósculo de Magalhães & Cia. e impresso na oficina da **Gazeta do Recife**.

**DOZE DE MAIO** — Circulou esta poliantéia na data do título, ano de 1894, formato de 32x22, com quatro páginas, na primeira das quais, circulada de vinhetas, se lia, em tipos fortes: “Homenagem dos sócios da Sociedade Recreativa Juventude ao seu consócio benemérito Manuel Caitano de Andrade Falcão”. Confeção material da Tipografia Industrial.

Em tórno de tal personalidade, escreveram, nas páginas restantes: Artúnio Vieira, Sousa Santos, Leovigildo Samuel, Manuel José de Santana Araújo, Almeida Braga, Spencer Neto e outros (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**A IMPRENSA — Órgão da Classe Tipográfica** — Circulou a 15 de maio de 1894, sob a direção de João Ferro. Formato de 32x22, com quatro páginas de três colunas, foi impresso na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 75, onde funcionava, igualmente, a redação. Tabela de assinaturas: semestre — 3\$000; trimestre — 1\$500; mês — \$500; para o interior: semestre — 4\$000; trimestre — 2\$000. Número avulso — \$100.

Vinha preencher, consoante o artigo-programa, “um vácuo que de há muito não deveria existir”. Fôlha “literária, crítica e noticiosa”, não trataria, nas suas colunas, da “miseranda política”, adiantando o editorialista: “Empenhar-nos-emos pelo alevantamento da arte tipográfica, que é, como já o disse alguém, a propulsora do progresso e da civilização dos povos”.

Logo a seguir, escreveu João Ferro sôbre a responsabilidade que assumiram os diretores do jornal e a situação da classe”. Na página de Literatura apareceram versos de João Bezerra de Vasconcelos e Constâncio de Carvalho e prosa de V. M. Demais matéria: “Conversando”, de **Ro Zonella**; “Contos a vapor”; “Movimento tipográfico”; “Carambola” (charadas) e “Noticiário”. Um único pequeno anúncio. (**Bib. Púb. Est.**).

Embora, por motivos circunstanciais, não pudesse ir mais longe, ainda circularam os ns. 2 e 3 d'A *Imprensa*, o último dos quais datado de 18 de junho, conforme registou, no dia seguinte, o noticiário de *Jornal do Recife* (1).

**THEATRO SANTA ISABEL** — Poliantéia de 18 de maio de 1894, circulou por ocasião do transcurso do 44<sup>o</sup> aniversário da fundação da referida casa de espetáculos, numa iniciativa da Inspetoria dos Teatros de Pernambuco. Impressa na oficina do *Diário de Pernambuco*, formato de 45x32, com quatro páginas, constaram da primeira o título e os dizeres da homenagem, em caracteres fortes. As três restantes (a quatro colunas de 16 cíceros, tipo corpo 8, batido) foram ocupadas, unicamente, pelo importante trabalho de pesquisa "História do Teatro de Pernambuco", autoria de Francisco Augusto Pereira da Costa (1 A) (**Bib. Púb. Est. e Coleção V. de Oliv.**).

**LUIZA FONS — Coroa Poética** — Poliantéia em homenagem à cantora lírica cujo nome figura no título, saiu a lume no dia do seu espetáculo de benefício, no Teatro Santa Isabel: 19 de maio de 1894. Formato de 31x22, com quatro páginas, na primeira exibiu o soneto de França Pereira, em idioma italiano: "Al cisne del Lacio", e na quarta o poema "Algo", de Teotônio Freire. Das páginas centrais constaram outras poesias: de **Gregório Júnior** (pseudônimo de João Gregório Gonçalves), Taumaturgo Vaz, Passos de Almeida, Machado Dias, Odilon Nestor, José Lima, Augusto Aristeu, Barão G. J. d'Herpent (em francês), Tomé Gibson e Sousa Nogueira (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O PROPHETA** — Livro de Sortes destinado às festivas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, circulou ao findar-se o mês de maio de 1894, consoante noticiou, no dia 31, o *Jornal do Recife*.

**DIABO A QUATRO** — Entrou em circulação esse outro livro de sortes, redigido por **Frei Ignácio**. Continua, além da matéria específica, "uma pequena parte recreativa" (*Diário de Pernambuco*, 2.6.1894).

---

(1) Dos "Anais" consta o "n<sup>o</sup> 1 e único", interrogativamente.

(1 A) A parte referente ao Teatro Santa Isabel acha-se reproduzida na revista *Contraponto*, edição de outubro de 1947.

**A FADA MORGANA** — Livro de Sortes para as noites festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro, editou-o a firma Nogueira Irmãos, proprietária do Panteon das Artes, situado à rua do Imperador nº 65. Dizia-se organizado “sob os auspícios do célebre mágico Merline”, dividida a matéria em três partes: 1a. — Sortes; 2a. — Jogos de Oráculos; 3a. — Variedades Literárias.

Acrescentou a informação do **Diario de Pernambuco** de 6 de junho de 1894: “As sortes são feitas em lindas quadras e as outras partes não lhe ficam somenos em interêsse. Acompanha o livro um quadrante-relógio”.

**A BOHEMIA** — No dia seguinte, noticiou o mesmo **Diario de Pernambuco** haver entrado em circulação este outro Livro de Sortes, redigido por **Cláudio Gil** e editado por Hugo & Cia., proprietários na Papelaria Americana, contendo aproximadamente 100 páginas. Afora as Sortes, apresentava “boa parte literária, muito variada”.

**O FUTURO NA PALMA DA MÃO** — “Um bom livrinho de sortes assim intitulado acaba de sair das oficinas tipográficas da Tipografia Industrial. Conta 48 páginas e é nitidamente impresso, o que em todo caso predispõe bem o leitor. A parte recreativa está bem regular e, a par de algumas boas produções literárias, está escrito com chiste” (**Diario de Pernambuco**, 10.6.1894).

**A TZIGANA** — “Mais um livro de sortes acaba de ser editado, com o título acima, saído das oficinas tipográficas da Tipografia Econômica e de que é editora a Livraria Francesa”. A matéria principal acrescentava “uma boa miscelânea colaborada por diversas penas conhecidas no nosso centro literário” (**Diario de Pernambuco**, 26.6.1894).

**A ROLETA** — **Anuário Crítico, Ilustrado, Dedicado aos Interesses de tôdas as Classes** — Circulou no “São João de 1894”, com seis páginas, em formato de 32x22. Redatores: Antônio Pinheiro de Castro, major Afonso Leal, J. Ambrósio da Cruz e Higino Passos. Colaboradores: “os redatores de talento”.

Após o artiguete de apresentação, inseriu “Sortes em versos” e “Sortes em prosa”, terminando com o “Retrospecto elétrico”. A ilustração constou de vinhetas figurativas.

Apesar de ter saído como nº 1, ano I, não voltou no ano seguinte (**Bib. Pú. Est. e Arq. Pú. Est.**).

**REVISTA CONTEMPORANEA — Publicação quinzenal**  
— Saiu a lume no dia 15 de agosto de 1894, formato de 32x22, com oito páginas de duas colunas largas. Redator-chefe — França Pereira; secretário — Teotônio Freire; redator-gerente — Marcelino Cleto. Impressa na Tip. Industrial, à rua do Imperador nº 75, instalou redação na rua do Aragão nº 20. Tabela de assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 5\$000; trimestre — 3\$000; para fora da cidade, respectivamente, 12\$000, 6\$000 e 4\$000.

Apareceu, consoante o artigo-programa — “**Pro domo nostra**” — assinado pelos redatores, “sem profissão de fé literária, sem códigos, fórmulas, nem receitas estéticas”, para, “quanto em si couber, acompanhar as idéias novas”, acentuando: “Quer a revolta, onde seja ela reclamada”. Mas preferirá “a carícia insinuante e clara”.

Órgão literário da melhor qualidade, publicou-se com regularidade no último dia de cada quinzena, sem fugir ao regime de oito páginas, em bom papel, terminando as edições, invariavelmente, excelente crônica, variando de assinatura, e o “Livro de porta”, do qual constava o movimento publicista de Pernambuco.

Além de inserir consecutivas produções da equipe redacional, ocupando-se Marcelino Cleto de temas musicais, teve a colaboração, em prosa ou verso, de Clóvis Bevilacqua, Paulo de Arruda, Faria Neves Sobrinho, Olinda Cavalcanti, autor dos “Traços jurídicos”; Artur Muniz, Demóstenes de Olinda, Dionísio Maia, Júlio Pires, Miguel Barros, Alfredo de Castro, Francisco Pinto de Abreu, Taumaturgo Vaz, Virgílio de Sá Pereira, Gervásio Fioravanti, Alfredo Falcão, Domingos Leão, o mesmo **Paulo de Assis**; Faelante da Câmara, Martins Júnior, Celso Vieira, Baltazar Pereira, Carlos Pôrto Carreiro, José Lima, Temístocles Machado, **Gregório Júnior**, Raul de Azevedo, Clodoaldo de Freitas, José Selgas, Lessa Júnior, Aderbal de Carvalho e outros.

No nº 3 abria-se a seção “Os desaparecidos”, com o trabalho “O sr. Guizot e a escola espiritualista do século XIX”, de Tobias Barreto.

A confecção da **Revista** passou a ser feita na tipografia d'**A Cidade**, à rua do Imperador nº 53, do 2º ao 8º número do ano II; o nº 9 saiu do Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega ns. 18/22, transferindo-se, depois, para a oficina d'**A Província**, à rua do Imperador nº 19, onde permaneceu. O escritório da redação, por sua vez, mudara-se para a rua Gervásio Pires nº 137.

No primeiro ano circularam dez edições; no segundo, 24, e quatro no terceiro. Findou a existência da importante revista — que foi realmente dirigida e colaborada por nomes em evidência nas letras pernambucanas — com o nº 4, ano III, datado de 29 de fevereiro de 1896 (**Bib. Púb. Est. e Bib. da Fac. Dir. UFPe.**).

O **ANARCHISTA** — O nº 1 circulou sem data, mas na realidade em agosto de 1894, obedecendo ao formato de 22x15, com quatro páginas de duas colunas. Trabalho gráfico do Atelier Miranda.

Propriedade do Bazar Caxias, situado na rua do mesmo nome, sua literatura, com exceção de três sextilhas de Casimiro de Abreu, constou, unicamente de propaganda do referido armazinho.

Publicou-se outra edição (1), igualmente sem data e com idênticas características (**Arq. Púb. Est. (nº 1) e Bib. Púb. Est. (nº 2)**).

**REVISTA MODERNA** — **Literatura nacional e estrangeira, História, Política, Filosofia, Ciência e Belas Artes** — O nº 1, ano I, tomo I, circulou no dia 25 de agosto de 1894, formato de 22x16, com oito páginas, afora a capa, esta em papel róseo. Redatores: Francisco Augusto Pereira da Costa Filho e J. Lucas Câmara. Publicação bimensal, tabelou em 2\$000 a assinatura trimestral, com acréscimo de \$500 para os Estados; número avulso — \$400. Impressa na tipografia do **Commercio de Pernambuco**, à rua 15 de Novembro (atual do Imperador) nº 69, instalou redação na Livraria Internacional, à mesma rua nº 77.

O artigo de apresentação — “O nosso roteiro” — terminou assim: “...será um defensor acérrimo das idéias que

---

(1) Da relação dos “Anais” consta o nº 1 como tendo sido “único”.

encontrarem fundamento no Direito e na Justiça”; “. . . trabalhará, quanto em suas forças estiver, pelo progredimento das letras entre nós, pela sua completa difusão, a qual, realizada entre tôdas as classes, será uma garantia segura contra a prepotência, contra a tirania, que, no meio do povo, encontrará uma barreira insuperável às suas tentativas de predomínio”.

Outros números foram aparecendo. No 3º, o redator Lucas Câmara era substituído por Olímpio de Arroxelas Galvão, que começou a divulgar “Notas de viagem”. Colaboradores: Maria Amália Vaz de Carvalho, Celso Vieira, João Cavalcanti, F. A. Pereira da Costa e o filho de igual nome, Manuel Arão, Armando César, etc. Também algum noticiário.

Existem comprovantes (de 1894) até o quarto número, que saiu no dia 13 de novembro.

Passando a ser impressa na oficina d'A **Cidade**, à rua do Imperador nº 43, reapareceu — nº 1, ano II — a 10 de janeiro de 1895, aumentado o formato para 32x22, com quatro páginas (logo mais aumentadas para oito), de duas colunas largas, e reduzido o sub-título para “Jornal Científico e Literário”. Redatores — Pereira da Costa Filho, Olímpio Galvão e Luiz Gomes Monteiro de Melo. Os três abriram, respectivamente, a “Parte Histórica”, a “Parte Literária” e a “Parte Científica”, como ficou dividida a matéria. Assim continuou, contando com a colaboração de Euclides Fonseca (sobre Música), Manuel Arão, Augusto de Carvalho Aranha, Ernesto de Paula Santos, Pires de Almeida, M. T. e outros.

Circulando em datas indeterminadas, veio a publicar-se o nº 10 a 25 de agosto, com oito páginas, comemorativo do primeiro aniversário. O editorial, na página de frente, cercada de vinhetas, lembrou o nome dos fundadores Costa Filho e Lucas Câmara, os esforços por eles despendidos, suas provações e sacrifícios, jamais entibiado o espírito pelo desalento, mas “fortalecido pela fé no futuro”. Escreveram pequenas produções, a respeito do evento, Alcedo Marrocos, Clóvis Bevilaqua, Cleodon de Aquino, João Ezequiel, Fernando Barroca, Argemiro Arôxa e outros, quase todos falando em nome dos jornais em que trabalhavam. A data foi festejada, inclusive, com uma sessão magna, no Liceu de Artes

e Ofícios, repleta de assistentes e de discursos. E distribuiu-se, como brinde, uma plaqueta com o conto "O Caturité", de Irineu Joffily.

Quase quatro meses depois ocorreu o nº 11, último do ano, datado de 16 de dezembro, com oito páginas, quase todo dedicado à transcrição do noticiário da imprensa local e dos Estados vizinhos, sobre o aniversário da **Revista**. Foi impresso na tipografia de F. P. Boulitreau.

Decorreram dois anos, até que circulou o nº 1, ano III, a 9 de janeiro de 1898, tendo como redator-chefe o mesmo Pereira da Costa Filho, secretariado por Francisco Barroso, instalada a redação na rua da Aurora nº 53. Representava nova fase, tendo formato aumentado para três colunas de 12 cíceros e nova tabela de preços para os assinantes, a saber: ano — 10\$000; semestre — 6\$000; União Brasileira: ano — 12\$000; exterior: ano 15 francos.

Teve o programa mais ampliado, proporcionando, além de literatura, "notícias dos mais notáveis acontecimentos que ocorrem dentro e fora do país". E adiantou, no artigo de abertura: "...procuraremos sempre estar ao lado dos princípios invioláveis da Justiça". Colaboração, entre outros, de Edmundo Filho e Francisco Marotti.

O segundo número (e último) da nova fase saiu a 3 de fevereiro, em edição especial, apresentando a divisa "**Pax et Labor**", com apenas duas páginas (fôlha simples). Matéria única: artigos dos dois redatores, sobre Nunes Machado, comemorando o 49º aniversário da morte do líder praieiro (**Bib. Púb. Est.**).

O RECIFE — Circulou o nº 1 no dia 1 de setembro de 1894, formato de 31x22, com quatro páginas de três colunas. Propriedade "de uma Associação", apresentou o seguinte corpo redacional: Carolino Silva, M. Cavalcanti e Valfrido de Alcântara, achando-se a redação instalada à rua de Santa Cecília nº 4. Assinaturas "para onde se paga sêlo": trimestre — 1\$500; "para onde não se paga sêlo" — 1\$000; mês — \$400. Número avulso — 100 réis.

No artigo "Nosso ideal", declarava ser "fiel intérprete das idéias modernas e grandiosas"; defensor enérgico, "integérrimo e leal dos fracos e oprimidos, contra a força portentosa e perseguidora dos poderosos da época".

Logo no segundo número diminuiu um pouco o formato. No 3º, do dia 26, declarou que, em consequência da modificação por que passara o corpo redacional (?), modificava-se, também, a “orientação a respeito dos fatos políticos sôbre os quais a imprensa justa e imparcial tem de emitir do modo mais significativo a sua opinião”.

A par das seções “Pela semana”, “Noticiário” e “Teatros e Música”, divulgou produções assinadas pelos redatores e por Vicente Gomes, Marcelino dos Santos, João Ezequiel, Targino Filho, José dos Anjos Vieira de Amorim, M. Soriano de Albuquerque, **Braz Patife** (pseudônimo de Eugenio José de Magalhães Carvalho), autor da “Musa alegre”; **Manduca**, etc. Poucos anúncios.

Nenhum outro comprovante à vista. Verifica-se, por outro lado, que a publicação estêve suspensa. Só depois de um ano, reapareceu “êsse periódico literário”, conforme o nº 1 da 2a. série. Obedecia a nova equipe, a saber: diretor — Targino Filho; redatores — Luiz Loureiro, Vicente Gomes e Mateus de Oliveira. Trazia “colaboração de conhecidas penas do nosso meio literário”. Mudara a redação para a rua de Santa Rita nº 80.

Da nova fase existe comprovante do nº 11, ano II, de 13 de dezembro de 1895. Inseriu produções, em prosa, de Conceição Pessoa e Monclar Cavalcanti e poesias de Artur Bahia, Honório Carrilho, Ernesto de Paula Santos e França Pereira (**Bib. Púb. Est.**).

O COLOMBO — Número único, circulou no arrabalde da Capunga, a 7 de setembro de 1894, “em solenização ao 11º aniversário matrimonial de Augusto Gonçalves Fernandes com a Exma. Dona Flávia Januária Lages Fernandes”. Redatores: José Lages, Francisco Vieira e João Almeida. Impresso na Tip. G. Matos & Cia., em papel superior, teve o formato de 22x15, saindo com quatro páginas, a primeira das quais, trabalhada em vinhetas, servia de capa.

Constituiu-se, o texto, de notas ligeiras de saudação, assinadas por amigos do casal. Terminou com pequeno anúncio da Chapelaria Colombo, de propriedade do homenageado (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

SANTINO PINTO — Poliantéia datada de 22 de setembro de 1894, apresentou-se no formato de 32x22, com qua-



tro páginas, lendo-se na primeira, circulada e com emblema característico: “Homenagem do Ateneu Musical Pernambucano ao seu sócio benemérito Santino Alves Carneiro Pinto, pelo seu aniversário natalício”.

A respeito da data, encheu-se o texto de saudações, assinadas por Cirilo S. Tiago, Geraldo Cruz, Augusto Vanderlei, Abdon de Aquino, Felinto Elísio, Dias Barroso, Alfredo Lorega, etc. (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**A UNIÃO — Órgão da classe tipográfica** — Entrou em circulação a 27 de dezembro de 1894, formato de 28x17, com quatro páginas a duas colunas de 12 cíceros. O Corpo de Redação, sob a chefia de João Ezequiel, estava constituído de Gustavo Deão, Manuel Torquato de Oliveira, Cirilo Ribeiro, Pedro Cruz e Constâncio Carvalho, sendo gerente João Ferro. Impressão da Tipografia Melo, de Antônio de Melo Oliveira, situada à rua Bom Jesus nº 56. Redação à rua do Imperador nº 69.

“Jornal da classe — escreveu o editorialista — destinado à sua defesa, literário e noticioso, **A União** entra na grande arena jornalística sem nenhum vislumbre político, combatendo o mal e aplaudindo o justo, o honesto e o sincero. Organismo de moços, mil vêzes preferimos a luta e a evolução ao despedaçamento do maravilhoso invento que imortalizou Guttenberg. Vamos lutar, pois. Que a unificação artística seja uma realidade e salva está a primogênita do ousado mogunciano”.

Com o nº 2, divulgado no dia 3 de janeiro de 1895, prosseguiu a publicação regularmente e, ao atingir o nº 19, a 1º de maio, passou ao formato de 38x26, a três colunas de composição; e a redação transferiu-se para o prédio da Tipografia.

Deu plena cobertura aos assuntos da classe, comentando suas reivindicações, pugnando pela união geral dos seus elementos e noticiando os fatos e acontecimentos sociais a eles inerentes, assim como as atividades da União Tipográfica. Divulgou poesias de João Bezerra de Vasconcelos, Alfredo Gomes, João Ezequiel, Eduardo de Sousa Guimarães e Egídio Cunha, na seção “Pérolas sôltas”; artigos de João Costa, de João Ferro e d’**O Velho Tipógrafo**. Quando aumentou o formato, estabeleceu interessante **Indicador de Estabelecimentos Gráficos**.

Ocorreram alterações no corpo redacional, tendo Abdias Guttenberg e Francisco S. d'Agrela dêle também participado; e o gerente, desde o nº 13, foi substituído por Pedro Cruz.

Foi o nº 27, de 5 de julho, dedicado à memória do tipógrafo Antônio de Jesus, ao ensejo do primeiro aniversário do falecimento do fundador da União Tipográfica de Pernambuco, figurando o respectivo retrato (desenho de Eduardo Silva) na primeira página, e, nas três restantes, produções alusivas.

No nº 28 a empresa declarou haver resolvido adotar uma tabela de assinaturas, a fim de fazer face às despesas de papel e impressão, uma vez que, antes, a distribuição era gratuita. Justificou a medida, não logo efetivada, o editorial "A nossa existência", assim resumido: Não tinha outra fonte senão o bolso dos redatores. Até o nº 25, as despesas somaram 361\$000, havendo um miserável saldo de 6\$000. Lamentava achar-se a classe esfacelada, pois "até no corpo redacional" havia "créditos a saldar-se". A equipe, entretanto, não iria ao desânimo, continuando a trabalhar no campo jornalístico por "amor à classe". Defenderia, sobretudo, o encerramento das tarefas tipográficas às 19 horas.

O nº 37, último do ano, saiu a 3 de dezembro (1).

Suspensa, **A União** reapareceu — nº 1, ano III — a 15 de julho de 1896, formato de 32x23, imprimindo-se, e assim continuando, em papel **couché**, bom trabalho da Tipografia Luso-Brasileira, de Russel & Cia., situada à rua Visconde de Inhauma (atual do Rangel) nº 27. No cabeçalho, apenas João Ezequiel, redator-chefe, e José Rodrigues da Fonseca, gerente, afora os correspondentes: Artur Cirne — Distrito Federal; José dos Anjos — Pará, e Neves Filho — Paraíba. Tabela de assinaturas: ano — 4\$000; semestre — 2\$000; trimestre — 1\$000. Redação à rua Larga do Rosário nº 50.

Tinham passado "longos meses de ausência", por "motivos de ordem superior", acentuando o editorialista: "...ontem como hoje; hoje como amanhã, amanhã como sempre, saberá cumprir o seu dever, saberá fazer jus ao seu programa", em missão de paz e fazendo a "catequese dos ignorantes dos deveres da arte e do tipógrafo".

---

(1) Desfalcadíssima, a coleção de 1895.

Tornou-se mensal a circulação da fôlha, que, a par do sempre minucioso noticiário especializado, admitiu a colaboração de João de Deus, Umbelino Costa (versos), Leônidas de Oliveira, Sebastião Duarte e Egídio Cunha.

O nº 4 saiu a 15 de outubro, verificando-se aí nova suspensão.

Outro nº 1 (ano IV) surgiu a 15 de fevereiro de 1897, ocasião em que a emprêsa pedia desculpas “pela interrupção havida”, sendo impresso o ainda mensário na Tip. da Avenida, à rua do Rangel nº 37.

Prosseguiu a boa marca d'A **União**, que circulou com regularidade o ano inteiro, mas no seu nº 7 deixava a redação Rodrigues da Fonseca, que tivera, antes, o nº 4, de 24 de maio, a si dedicado, com excelente retrato ocupando a primeira página (trabalho em litogravura de Rodolfo Lima), seguido, no texto, de artigo biográfico e de uma poesia assinada por Leônidas de Oliveira, em sua homenagem. Novos redatores foram **Luiz do Vale** e **Manuel de Alencar** (pseudônimos).

A partir do nº 5, o quadro do cabeçalho vinha impresso sôbre fundo de côr, com a repetição do título em letras d'água (primeiro trabalho dêsse tipo executado na imprensa periódica de Pernambuco, criação do poeta-tipógrafo Leônidas de Oliveira). Depois, estabelecia uma “Galeria de Artistas”, com resumo biográfico na segunda página e retrato, na primeira, de grandes musicistas, seguindo-se-lhe os “Vultos notáveis”.

Após o nº 12, de 16 de dezembro de 1897, ainda saiu, no dia 27, encerrando o ano, um Número Especial, apresentando a primeira página magnífica alegoria em litogravura (do ilustrador Euclides Fonseca), tendo ao centro velha impressora manual e um livro aberto, em cujas fôlhas de frente estavam os dizeres: “27 de dezembro — 5º aniversário da União Tipográfica — 4º aniversário d'A **União**”. Em baixo: “Salve! Data de luz!” — “Homenagem ao Trabalho”. Havia, ainda, uma capa sobressalente, em papel róseo, trabalhada em vinhetas, vendo-se ao centro um medalhão com três retratos e as palavras: “Homenagem aos gloriosos artistas Antônio de Jesus, Júlio Hancem e Arcôncio Branco” — “Proletários de todo o mundo, uni-vos!” e, abaixo: “Ide e

a fé vos irá alentando!” (Neves Filho). O texto encheu-se de artigos ou notas de saudação à data, assinados, entre outros tipógrafos intelectuais, por Martins Filho, Armando César, Artur Cirne, **Luiz do Vale** e Leônidas de Oliveira, o qual escreveu, apenas, sobre o 27 de dezembro: “Nesta data despertou o tipógrafo pernambucano”.

Transportada a redação para a rua Pedro Afonso (da Praia) nº 60, prosseguiu a publicação do bem feito órgão, saindo o nº 1, do ano V, a 20 de janeiro de 1898. Assinava-se, apenas, por trimestre, a 1\$000. Logo mais juntava-se ao corpo redacional o nome de Cirilo Ribeiro; e os pseudônimos do cabeçalho eram substituídos por Leônidas de Oliveira e Manuel de Oliveira.

O nº 3 saiu com oito páginas. O 4º noticiou, longamente, os festejos do aniversário do redator-chefe João Ezequiel, em cuja homenagem circulou também uma poliantéia com seu nome (V. pag. 430). No 8º iniciava-se a divulgação póstuma, em rodapé, de “Um romance de amor”, de Júlio Hancem.

No último ano, além das produções da equipe redacional, divulgaram-se originais, em prosa e verso, de Francisco Marotti, A. Alcoforado, Targino Filho, Júlio Soares de Azevedo, José dos Anjos, José Coelho, Pereira da Costa Filho, Higino Belo, João de Deus, etc.

Trazendo, desde o nº 7, sob o cabeçalho, mas em tipo miúdo, a divisa “Proletários de todos os países, uni-vos”, **A União** circulou até 30 de novembro de 1898, data do 10º número do ano V (**Bib. Púb. Est.**).

## 1 8 9 5

**ALMANACK DE ARTES E LITTERATURA PARA 1895** — Entrou em circulação no mês de janeiro, formato de 18x13, com 116 páginas. Organizador — Carlos d’Almir; editores — Afonso Duarte & Cia., proprietários do Atelier de Artes Gráficas, instalado à rua do Imperador nº 52.

Lia-se na “Advertência” de abertura: “Se o acolhimento público nos fôr propício, prometemos, oportunamente, dar-lhe melhor orientação, vasando-o em melhores moldes, corrigindo-o das lacunas de que se ressentia e aumentando-o mesmo”.

Inseriu, inicialmente, retrato e biografia de Sadi-Carnot, político francês do século XIX, seguindo-se “indicações úteis ao interesse geral, variada coleção de charadas, logogrifos, anedotas, epigramas, enigmas, contos, pensamentos e poesias de autores brasileiros”.

Entre outros, assinaram produções literárias: Costa Neto, Augusto Aristeu, Fernando Griz, Fernando Barroca, Henrique Soido Falcão, Leodegário Varejão, Malaquias Gonçalves da Rocha, Olímpio Galvão, Pedro d’Able, Ribeiro da Silva, Afonso Barros, Aprígio Costa, Augusto A. de Carvalho Aranha, Tito Franco, Ulisses de Aquino e Paulo de Arruda. Boa seção de variedades e algumas páginas de anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

A FÉ — Entrou em circulação no dia 1 de janeiro de 1895, formato de 23x18, com quatro páginas de duas colunas largas, sendo impresso na Tip. Melo, à rua do Bom Jesus nº 56. Órgão de propaganda evangélica, colocou sob o título a frase bíblica: “Combatei pela fé, que uma vez foi dada aos santos” (Ju. 3.). Destinado a publicar-se mensalmente, cobrava 2\$000 por assinatura anual. Redator — James Faustone.

Segundo o editorial “A nossa razão de ser”, vinha preencher a vaga do **Escudo da Verdade**, que “fazia frente ao inimigo, combatendo sempre fielmente pela fé”.

Repleto de artigos doutrinários e noticiário específico, teve existência normal durante todo o ano, juntando-se ao nome do primeiro redator o de José Orton, estabelecida a redação na rua Conselheiro Peretti (atual: da Roda) nº 62. Entre os colaboradores contavam-se F. Holmes, J. F. e M. d’A.

Último número avistado: o 12º, de 1 de dezembro (1) (**Bib. Púb. Est.**). (2).

A PALAVRA — Jornal católico, circulou o nº 1 no dia 6 de janeiro de 1895, formato de 37x27, com quatro páginas de duas colunas largas, impresso na oficina gráfica da Pa-

---

(1) Alfredo de Carvalho, nos “Anais”, registara, como último número, o 6º, datado de 1 de junho.

(2) Coleção desfalcada.

pelaria Melo, situada à rua do Bom Jesus nº 56. Distribuia-se “aos domingos”, na matriz do Corpo Santo, após a missa, aceitando “qualquer subsídio ou espórtula para a sua publicação”.

Seu programa resumia-se em “desbravar os contornos exteriores da grande basílica da nossa fé”.

O segundo número saiu a 13 de janeiro e o terceiro a 3 de fevereiro (1), divulgando matéria de interêsse exclusivo da Religião Católica, com artigos redacionais ou assinados, inclusive pelo Padre Schouppe, e noticiário específico. A quarta página era ocupada com anúncio da casa impressora (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**) (2).

Além da parte manuseada, publicou-se **A Palavra** até o nº 6, cujo aparecimento foi noticiado pelo **Diario de Pernambuco** de 16 de abril.

**A VANGUARDA — Fôlha de publicação quinzenal e órgão do Grêmio Tobias Barreto (1 A)** — Começou a circular a 26 de janeiro de 1895, tendo como redator principal Manuel Arão; editor — Alexandre Deocleciano; secretário — Ernesto de Paula Santos; redatores — Silva Oliveira, João Barreto de Menezes e Artur Baía, assinando-se ao preço de 2\$000 por série de seis números. Impressão do Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega ns. 18 e 20, e redação à rua dos Pescadores nº 29. Formato de 32x22, a duas colunas de 18 cíceros e quatro páginas.

Surgiu, conforme o artigo inicial, assinado por tôda a redação, “com o ânimo predisposto a afrontar a aspereza da

---

(1) Além de registrar errôneamente a data do primeiro número d'**A Palavra**, Alfredo de Carvalho, autor dos “Anais”, deu como último o 2º, embora com interrogação entre parêntesis.

Por sua vez, nada registou o cônego Xavier Pedrosa, no seu livro “Letras Católicas em Pernambuco”.

(2) Na Biblioteca Pública do Estado só existe comprovante do nº 1. A Biblioteca Nacional possui os ns. 2 e 3.

(1A) O Grêmio Científico Tobias Barreto foi fundado em abril de 1893, sendo a sua diretoria presidida por Luiz Gomes Monteiro de Melo. Contavam-se, entre os associados, Olímpio de Arroxelas Galvão, Mendes Martins e os irmãos Francisco, João e Targélia Barreto de Menezes. A presidência passou, no ano seguinte, a Manuel Arão e, em 1895, a Ernesto de Paula Santos.

jornada”, mas sem programa, assim justificando-se: “Cremos, que, órgão essencialmente literário e apresentando-nos em nome de uma agremiação que é o laço de indissolúvel homogeneidade que nos prende, temos definido perante os leitores qual será a nossa norma de agir em face das lutas que temos de enfrentar”.

Seguiram-se artigos de literatura e poesias, assinados pelos redatores, cabendo a Ernesto de Paula Santos iniciar, no segundo número, a crônica “Os quinze dias”. Passou a sair, também, o “Expediente do Grêmio”. Outros colaboradores, no setor poético, foram Targélia e Pedro Barreto de Meneses.

Atingindo o nº 4, a 20 de março, o interessante jornal anunciou a ausência de quatro redatores, que passaram à categoria de “correspondentes literários”, assim distribuídos: Bahia — Silva Oliveira; Ceará — João e Francisco Barreto de Meneses; Distrito Federal — Artur Bahia. Nôvo redator apareceu no nº 5: o poeta Honório Carrilho, e, na edição seguinte, mais um: Carlos de Araújo Costa.

Ao nº 6, divulgado a 27 de abril, encerrando a série I, acompanhou, como brinde aos assinantes, o livro de versos “Polimorfos”, de Artur Bahia, editado pelo Grêmio (Bib. Púb. Est.).

Decorrida uma quinzena, a direção d'A Vanguarda comunicou ao **Diário de Pernambuco** (edição de 11 de maio) que o periódico, dentro em breve, reencetaria “sua publicação, temporariamente suspensa por causas imprevistas”.

Embora inexista comprovante, foi dado a lume, obedecendo ao ritmo inicial, o nº 7, conforme noticiou o **Diário de Pernambuco**, na sua “Revista diária”, a 28 de setembro (2).

Entretanto, depois de reencetada a publicação, não pôde A Vanguarda continuá-la.

O ARCO-IRIS — **Periódico Literário e Noticioso** — O nº 1 circulou no dia 10 de fevereiro de 1895, formato de 32x22, com quatro páginas de duas colunas largas. Redação e es-

---

(2) Nos “Anais”, acha-se consignada a data de “30 de maio” como sendo a do nº 7 d'A Vanguarda.

critório à rua Marcílio Dias (atual rua Direita) nº 3. Tabela de assinaturas: ano — 4\$000; semestre — 2\$000; trimestre — 1\$000; ou 4\$500, 2\$500 e 1\$500, respectivamente, para fora da cidade.

Declarando-se apolítico, tinha como divisa “combater pelo bem e pelo que diz respeito às ciências e às artes”.

Inseriu colaboração de Antônio Austregésilo e Antônio Feitosa Sobrinho; seções ligeiras, noticiário, charadas, “a pedidos” e uma página de anúncios.

No mesmo estilo saiu, no mês de março, o segundo número (1), no qual aparecia, como diretor, o tipógrafo Abdias Guttenberg (**Bib. Púb. Est.**).

Não resta comprovante do nº 3 (e último), que foi publicado na primeira semana de abril, conforme noticiou, no dia 9, o **Diário de Pernambuco**.

**A ILLUSTRAÇÃO — Jornal Literário e Humorístico —** Editado pelo Atelier de Artes Gráficas, de Afonso Duarte & Cia., à rua do Imperador nº 52, entrou em circulação a 15 de fevereiro de 1895, impresso em papel superior, formato de 32x22, com quatro páginas. Assinatura trimestral — 3\$000; número avulso — \$500. Diretor — Augusto Aristeu; secretário — Malaquias da Rocha; gerente — Afonso Duarte.

A apresentação foi feita através dos versos a seguir, intitulados “Mão de Entrada:

“No alegre Carnaval do jornalismo,  
Do jornalismo literário e nobre,  
Surge hoje **A Ilustração** franca e cordata:  
Másc’ra ditosa, amante do humorismo,  
Mas do humorismo pobre,  
Que de assuntos políticos não trata;  
Não vive no ostracismo,  
Nem é nefelibata...

---

(1) Alfredo de Carvalho registara o “número 1 e único”, seguido de interrogação.



Duas vêzes por mês sai ela à rua,  
 Co'a roupa que tiver...  
 Se não traja vestidos de alto preço,  
 Não anda também nua  
 Aí como qualquer...  
 Para todos terá mais de um travesso  
 Sorriso: não é crua,  
 Nem soberba, a coitada! ela só quer  
 Que saibam dar-lhe sempre o mesmo aprêço  
 Que aos outros também der”.

Ilustrou a primeira página retrato do juriconsulto Clóvis Bevilaqua, seguido, na segunda, do respectivo panegírico, prática que continuou, nas demais edições, homenageando nomes de projeção, como Artur Orlando, José Maria de Albuquerque Melo, Martins Júnior, Adolfo Cirne, Alcedo Marrocos, José de Vasconcelos, etc.

Circulando regularmente, **A Ilustração** inseria boas produções, em prosa e verso, dos seus redatores, ocupando a última página a “Crônica”, depois “Memorandum”, sobre acontecimentos sociais ou literários do Recife, assinada por **Matias** ou **Menelêu**, **Minervino** ou **Simplício**, **Ramon Duval** ou **Álvaro Dalva**, que era o mesmo Augusto Álvaro de Carvalho Aranha, e, finalmente, **Manfredo** de Magalhães. Teve, mais, a colaboração de **Gervásio Fioravanti**, **A. Artur de Albuquerque**, **Almeida Cunha**, **Homem de Siqueira**, **Paulo de Arruda**, **Osvaldo Machado** (poesia), **Manuel Xavier Pais Barreto**, **Honório Carrilho**, **Camille Desmoulins**, **Eduardo de Albuquerque**, **Eça Neto** e outros. Incluiu seções de “Bibliografia”, “Gracejos” e “Bilhetes Postais”, esta a cargo de **Zé Tesoura**, o encarregado de dar palpites a respeito dos trabalhos literários enviados à redação. Manteve, igualmente, concursos literários.

O nº 12, datado de junho, transformou-se em polian-téia ao maestro **Carlos Gomes**, cujo retrato figurou na primeira página.

Ocorreu certa modificação no cabeçalho a partir do nº 15, quando se colocou abaixo do título: “Publicação Bimensal — Literária, Artística e Científica” e o diretor **Augusto Aristeu** foi substituído por **Augusto Aranha**. Pouco tempo depois, encerrava-se a existência d’**A Ilustração**, com seu nº 17, correspondente ao mês de outubro do mesmo ano,

mantido sempre o regime de quatro páginas só de matéria redacional (1) (Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.).

O **PORVIR** — Surgiu no dia 15 de fevereiro de 1895, formato de 31x22, com quatro páginas de duas colunas largas. Diretor — Ferreira Júnior; redatores — Pacheco Filho, T. Godoi e Ribeiro do Vale. Confecção da Tip. Industrial, à rua do Imperador n° 75. Tabela de assinaturas: semestre — 4\$000; trimestre — 2\$000; ou 5\$000 e 2\$500, respectivamente, para fora da cidade.

Do programa, expresso em nota editorial, constava “escrever tudo quanto estiver ao alcance da crítica imparcial, mordaz ou encomiástica, e do humorismo; e quanto à literatura, faremos o que estiver ao alcance de nossas forças. A política vilã não tomará assento em nossos arraiais”.

Afora as produções do pessoal de casa, a edição de estréia inseriu uma parte humorística, intitulada “Fios elétricos”, a cargo de Z+++ , e “Na berlinda”, por Sócrates.

Circularam mais dois números (1 A), o último dêles datado de 28 de março, feito “órgão dos empregados no comércio”, sem alterar o corpo redacional. Foram outros colaboradores: Artur de Araújo Lima, Jacinto Benigno, Ivan e Braz Deabrete (Bib. Púb. Est.).

**REALIDADE** — Mais “um valente órgão da imprensa” entrou em circulação, conforme noticiou o diário **A Cidade**, de 18 de fevereiro (1 B) de 1895, tendo como redator principal Manuel Leal, sob a gerência de José Ferrer. Seu programa estava definido nas seguintes palavras do artigo de apresentação: “**A Realidade** será um periódico literário, humorístico e noticioso. Defenderá as artes, quando fôr mister, e se elevará, tanto quanto fôr possível, para concorrer, tam-

---

(1) Nas duas coleções manuseadas, ambas em volumes de “Diversos”, as edições d’**A Ilustração** só aparecem com quatro páginas. Existe, porém, entre os avulsos da Biblioteca Pública do Estado, uma duplicata do n° 15, com capa em papel acetinado (de terceira qualidade), repleta de anúncios, e um Suplemento de duas páginas, igualmente atopetado de reclamos comerciais. Teria sido a norma geral, entendendo, então, o encadernador que devia desprezar as páginas de anúncios...

(1 A) Em sua breve relação, Alfredo de Carvalho só mencionou o n° 1, como tendo sido “único”.

(1 B) Alfredo de Carvalho situara o aparecimento do nôvo jornal “em março”, o que não exprimiu a realidade.

bém, com o seu pequeno óbolo, para o desenvolvimento de um bom humor”.

Ao que tudo indica, ficou no primeiro número.

**O BADALO — Fôlha Crítica, Satírica e Humorística** — Surgiu no dia 1 de abril de 1895, formato de 31x22, com quatro páginas de três colunas. Redator-chefe — **Pataca**; gerente — **Trezentos e Vinte**. Preço do exemplar — 100 réis.

Abrindo coluna, via-se pequena vinheta de um sino e, abaixo, os dizeres: “**O Badalo** é a fôlha de maior circulação na rua do Imperador” e “só badala nas segundas-feiras”.

Constava do seu programa “completa separação do mundo político”, só se dedicando a “espalhar sons alegres e festivos nesta sociedade que chora a perda de garantias individuais e lamenta a desapareição de filhos diletos, sacrificados à sanha de feras humanizadas”.

De vida efêmera — característica da época — o periódico divulgava “Historietas”, “Contos amorosos”, “Seção mágica”, “Badaladas”, “Charadas”, etc. Os colaboradores escondiam-se sob os pseudônimos de **Frei Formigão**, **Dr. Sino**, **Filipinho**, **Sacrista**, **Dr. Lucifer**, **O Carteiro** e outros, não faltando versinhos em que a verve se casava ao duplo sentido. Na quarta página: anúncio ilustrado do armarinho **Maison Chic**.

Sairam unicamente três edições, a última das quais a 15 do referido mês (**Arq. Púb. Est.**).

**O SPORT — Publicação Semanal** — O nº 1, ano I, circulou a 20 de abril de 1895, impresso na oficina d’**A Provincia**, à rua do Imperador nº 19, formato de 36x24, com quatro páginas de três colunas. Constava do expediente: “As assinaturas são divididas em períodos de quatro meses, sendo 2\$000 o preço de cada um dêles. Anúncios, segundo ajuste”. Preço do exemplar — 100 réis (1).

Destinado a “ocupar-se dos assuntos hípicos”, apontaria os desmandos e irregularidades ocorridos nas corridas de

---

(1) Nos “Anais”, Alfredo de Carvalho foi sumário: registou a aparição d’**O Sport** sem nenhum pormenor.

animais, dispondo-se a reclamar punição, quando preciso, para os proprietários e jôqueis que se ocupassem de “preparar patotas” para obter rateios compensadores.

Em sua curta existência, **O Sport** tratou, exclusivamente, da matéria enunciada, através de comentários, noticiário e blagues em tôrno das atuações do Hipódromo de Campo Grande, Derby Clube Pernambucano e Prado Pernambucano.

Quatro foram, unicamente, as edições manuseadas, a última das quais datada de 11 de maio (**Bib. Púb. Est.**).

Entretanto, ainda circularam diversos números, conforme o noticiário do **Diário de Pernambuco**, cuja edição de 28 de julho registou o aparecimento do nº 15 d’**O Sport**, terminando aí, de fato, a publicação.

**O HOLOPHOTE — Jornal Independente, de Publicação Semanal, Satírico, Político, Sportivo, Grevista, Moralizador e Noticioso** — Saiu a lume no dia 29 de abril de 1895, formato de 33x22, com quatro páginas a três colunas de composição. Assinatura trimestral — 1\$000; número avulso — 100 réis. Ainda sob o título, a advertência: “O quadro dos redatores é definitivo e não admite colaboração oficiosa”.

Disponha-se, consoante o editorial de apresentação, a “espalhar a sua luz benéfica nos bons corações do público pernambucano”, adiantando: “... acreditamos na regeneração dos povos, no alevantamento moral e material de Pernambuco, tanto que já concorreremos com **O Holophote** para alumiar o caminho do progresso”.

Na segunda página vinha o artigo “Nosso desideratum”, assinado pelo diretor, T. F. (Targino Filho), que declarava ser **O Holophote** solidário com tôda a imprensa nacional, em tôda e qualquer questão que disser respeito à sua liberdade”.

Além de seções crítico-humorísticas, inseriu produção literária do mesmo Targino Filho, ocupando a última página um anúncio da Alfaiataria de Coimbra & Targino.

Seguiu-se o nº 2 e, já no 3º, datado de 13 de maio, passava a fôlha a “novos proprietários”, dedicando o artigo de fundo ao sétimo aniversário da abolição da escravatura. Manteve idêntico programa, embora anunciasse modificá-lo. E não voltou mais a publicar-se (**Arq. Púb. Est.**).

**A FEITICEIRA** — **Novíssimo e muito espirituosíssimo livro de Sortes** — “Feito a pulso e muita convicção, para as noites de S. Antônio, S. João e S. Pedro”, saiu a lume no dia 20 maio de 1895, obedecendo ao formato de 15x10, com 88 páginas, o papel em côres variadas. Redator — **João da Bola Virada**. Editores e impressores — Afonso Duarte & Cia., com Atelier de Artes Gráficas à rua do Imperador nº 52. Tiragem de 700 exemplares.

Sua matéria constituiu-se de “muitas sortes engraçadas, receitas úteis, jogos interessantes, recreações, anedotas, pensamentos, contos, pilhérias, poesias, charadas, logogrifos, epigramas e tudo quanto é bom e bem feito”. Incluiu a coleção de versos “Os anos”, de Augusto Aristeu. As seis páginas do fim foram de anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

**A CHAVE DO FUTURO** — **Espituoso Livro de Sortes** — Dedicado “às festejadas noites de S. Antônio, S. João e S. Pedro”, circulou a 21 de maio de 1895. Formato de 15x10, com 96 páginas e trabalho gráfico do Panteon das Artes, à rua do Imperador nº 67. Editores — Nogueira Irmãos.

Sua matéria dividiu-se em três partes, ou seja: “Sortes”, “Quiromancia” e “Album Literário”, esta última compreendendo contos, poesias e humorismo (**Bib. Púb. Est.**).

**FADAS E PRAZERES** — Outro livro de sortes, destinado às noites juninas, saiu a lume na segunda quinzena de maio de 1895. Escreveu, a propósito, o **Diário de Pernambuco**, do dia 22, noticiando-lhe o aparecimento: “É um trabalho impresso em bom papel e divide-se em três partes: a 1a., de Sortes; a 2a. de alguns trechos literários, e a 3a. de alguns versos chistosos sôbre assuntos de oportunidade”. Foi redigido por **Serafim Mimoso** (pseudônimo de Euniciano Ribeiro).

**A SYBILLA DO NORTE** — “Mais um livro de sortes acaba de ser publicado, com êsse título, organizado por Olivério Júnior, já autor de outras publicações dêste gênero”. Tal a informação do **Diário de Pernambuco**, de 23 de maio de 1895, acrescentando: “É digno de aceitação em nossos salões”.

**O BILONTRA** — Livro de Sortes, editado pela oficina gráfica de Hugo & Cia., publicou-se no primeiro dia de ju-

nho (1) de 1895, contendo, afora a parte principal, boa messe de produções literárias e curiosidades (**Diário de Pernambuco**, dia 2).

A PROPHECINHA — “É assim que se intitula um interessante livrinho de sortes compostas pelo sr. Belarmino Almeida”. O **Diário de Pernambuco**, de 11 de junho de 1895, acentuou que o volume estava no caso de figurar, com êxito, nos salões recifenses, nas noites festivas, achando-se à venda em diversos estabelecimentos comerciais.

A PYTHONISA — “Bem feito e bem escrito” livro de sortes, foi editado pelo Atelier de Artes Gráficas (**Diário de Pernambuco**, 16.6.1895).

JOÃO GRILLO — “Interessante jôgo de previsões” em circulação, chamou-o o **Diário de Pernambuco**, de 19 de junho de 1895, “uma verdadeira maravilha em matéria de sortes”. Iria “divertir os leitores e leitoras, nas festivas noites de São João e São Pedro”.

A GANGORRA — O último livro de sortes do ano, editado pela Livraria Boulitreau, foi registado pelo **Diário de Pernambuco** de 21 de junho de 1895, que acrescentou: “. . . tem boas sortes e oferece uma parte literária, onde se notam diversos trabalhos de mérito”.

O ECHO DAS LETTRAS (1 A) — Bimensário redigido por Gastão de Vasconcelos, Gaspar Vanderlei Loio e Lira Andrade, apareceu a 15 de julho de 1895, formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas, sendo impresso na Tip. d' **A Província** e instalada a redação à rua da União n° 39.

Dizia o artigo de apresentação: “Mais um soldado enfileira-se nas legiões da imprensa”. Tratava-se de um “jornaleco garatujado com brocha tosca, embebida no líquido da ignorância”; nada obstante, pugnaria “sempre pela instrução”.

A segunda edição, de 31 de julho, apresentou o seguinte mote:

---

(1) O **Bilontra** foi registado, por Alfredo de Carvalho, como tendo circulado no mês de setembro, sem pormenores quanto à espécie da publicação. O mencionado Autor não dava atenção aos livros de sortes.

(1 A) Não mencionado nos “Anais”, de Alfredo de Carvalho.

“Furta o povo pelo povo;  
Pelo povo paga o povo”,

seguido da advertência: “Prometemos colocar em nossa sala de trabalho o retrato de quem glosar este mote”.

Mais espaçadamente, publicaram-se os números 3 e 4, este datado de 30 de setembro, nêles inserindo-se artigos dos redatores, inclusive com o pseudônimo de **Pangloss**, havendo também uma seção de variedades e logogrifos (**Bib. Púb. Est.**).

Afora as edições manuseadas, ainda circulou o nº 5, conforme consta do noticiário do **Diário de Pernambuco** de 29 de outubro. E, quando já se considerava extinto o **Echo**, publicou o mesmo diário, no dia 3 de janeiro de 1896: “Renecetou a sua publicação esse periódico literário, cujo corpo de redação compõe-se dos srs. Eduardo de Albuquerque, Lira Andrade e Feitosa Sobrinho”.

Nada mais constou, a respeito, no noticiário dos diários da época.

**O POLICHINELLO — Ilustração Crítica** — Surgiu a 19 de julho de 1895, formato de 31x22, com quatro páginas, sendo as duas externas em litogravura, exibindo a primeira o retrato do seu fundador e proprietário, João Rodrigues da Silva Duarte, constituída a última de **charges** de crítica política e de costumes. Redação à rua do Rangel nº 16, 1º andar, e impressão tipográfica da oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador nº 47. Assinatura trimestral — 4\$000; número avulso — \$500. Publicação trimestral.

Lia-se no artigo intitulado “Respeitável público”: “... louvará a Virtude e rir-se-á causticamente do Vício. Terá consciência da crítica e não se furtará em concorrer com o seu **quantum** para o alevantamento moral e material da pátria brasileira. Será o advogado dos bons e o acusador dos maus”.

Inseriu matéria ligeira, chistosa, a salientar as seções “Pontos e...”, “Cambalhotadas” e “Cafunés”.

O nº 3, de 12 de agosto, que teria sido o último (1), ocupou a primeira página com o retrato de Ribeiro da Silva, o

---

(1) Alfredo de Carvalho mencionou, apenas, o aparecimento do primeiro número.

qual, no texto, abriu a seção de versos “No sério” (Bib. Púb. Est.).

**BOLETIM MENSAL DE ESTATÍSTICA MUNICIPAL DA CIDADE DO RECIFE** — Apareceu em agosto de 1895, formato de 31x24, com quatro páginas, impresso em papel especial, na oficina gráfica d’O Estado, situada à rua das Laranjeiras (hoje inexistente) n° 23. Encarregado da publicação — Dr. Otávio de Freitas, responsável pelo Serviço de Estatística Municipal e ajudante do Superintendente de Higiene.

Sua matéria constava unicamente de estatísticas, sob os títulos “Meteorologia”, “Demografia”, “Mercado de gêneros” e os diferentes setores da órbita sanitária.

Existem comprovantes dos ns. 2 e 3, de setembro e outubro, respectivamente, o último dos quais com seis páginas, mas apenas cinco impressas (Bib. Púb. Est.).

Afora a parte manuseada, publicou-se ainda o n° 4 (1), correspondente ao mês de novembro, segundo noticiou o **Diário de Pernambuco** de 22 de dezembro do ano em aprêço, acrescentando: “Essa publicação, de incontestável utilidade, continua a bem preencher os fins a que se destina”.

○ **INTERNACIONAL** — Poliantéia datada de 24 de agosto de 1895, apresentou-se no formato de 31 x 22, com quatro páginas impressas a ouro, em papel especial, trabalho da tipografia do **Novidades**, à rua das Laranjeiras (hoje inexistente) n° 21. Na primeira, circulada de vinhetas, lia-se: “Salve, Casa Forte! — Homenagem dos sócios do Clube Internacional do Recife ao seu presidente, o Exmo. Sr. Barão de Casa Forte, sócio benemérito do mesmo Clube. Em a noite de sábado, 24/8/1895”.

Todo redigido em tom jocoso, constou sua matéria de saudações, em prosa e verso, assinadas por pessoas amigas, inclusive em diferentes idiomas, tudo precedido da seguinte abertura: “Em atenção à lei dos sete vinténs, vulgo N° 140, declaramo-nos solidariamente responsáveis pelos artigos laudatórios contidos neste jornal — Os sócios menores de 40 anos. Os ditos maiores de 40 anos. Francisco Inácio Pinto”. (Bib. Púb. e Arq. Púb. Est.).

---

(1) Alfredo de Carvalho registou, apenas, o n° 1.



**O BISBILHOTEIRO — Fôlha Satírica, Humorística e Noticiosa** — Destinada a sair semanalmente, estreou a 2 de setembro de 1895, formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Assinava-se a 5\$000 por ano e 3\$000 por semestre, acrescidos de 1\$000 para os Estados. Número avulso — \$100.

Na sua “Razão de ser”, dizia-se o jornal escrito à **vol d’oiseau**, trauteando canções burlescas, envolvendo-se em assuntos da época mediante a influência sugestiva dos acontecimentos”. Era “um comediante de feira, exalando sátiras e epigramas, com a simplicidade de sua dialética e a modéstia de seus intuitos”.

Divulgou boa sátira e fino humorismo, em prosa e verso, sendo a última página dedicada a anúncios. Não passou do primeiro número. (**Bib. Púb. Est.**).

**O IMPARCIAL** — Surgiu a 15 de setembro de 1895, formato de 32 x 22, com quatro páginas de duas colunas largas. Impresso na oficina d’**A Província**, anunciou que instalara redação na rua Nova nº 4-A. Redatores — Manuel Horácio, Correia da Silva Filho, Morrison Farias e José de Barros. Assinatura mensal — 1\$000.

Dizia o artigo de apresentação: “O nosso jornal será como a sombra abençoada de um oasis na areia abrasadora do Sahara, onde encontrarão abrigo todos os que, como nós, amam a literatura, e onde o manto sublime da paz será lançado a todos aquêles a quem a guerra surda e mesquinha dos pretensiosos tenha feito perigar no renhido combate das letras”.

Findou apelando para ver extinta a dissensão existente no meio literário: “Seremos terreno neutro nessas dissensões e aqui poderão se ver abraçados num terno amplexo o grupo d’**A Vanguarda** e o da **Revista Contemporânea**”.

Inseriu poesias e crônicas literárias, telegramas humorísticos e anedotas, curiosidades e ligeiras notícias.

Não foi possível continuar o “combate das letras”, porque **O Imparcial** se extinguiu mal se iniciara (**Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA DO TURF** — Entrou em circulação a 6 de outubro de 1895, formato de 22x16, com quatro páginas, instalada a redação no Beco do Ouvidor (atual rua Marquês do Recife) nº 41-A. Publicar-se-ia aos domingos, custando \$500 a mensalidade e \$100 o número avulso.

Só inseriu matéria específica, a salientar programas de corridas, variando com as notas humorísticas “Pilotadas e...” e “E vá comendo...”

O segundo número saiu no dia 13 (1) (**Bib. Púb. Est.**).

**O ESPIRITA** — Surgiu no dia 25 de dezembro de 1895, formato de 32x23, com quatro páginas de três colunas, tendo redação instalada à rua Direita nº 3, 1º andar, para onde devia ser encaminhada a correspondência, destinada a Emílio João Paulo Ribeiro. Assinaturas: mês — 2\$000; para fora — 2\$500. Número avulso — \$100.

Apresentava-se, consoante o artigo-programa, “sem ódios e sem vinganças”, mas “implacável guerreiro e pronto a bater-se com os mais valorosos que nos queiram chamar ao campo de batalha”.

Inseriu várias notas sob o título “Ao público em geral”, assinadas por Emílio ou transcritas doutros jornais, acrescidas de comentários sobre as suas idéias. Completou a edição ligeiro noticiário especializado.

Não há indício de ter continuado (**Bib. Púb. Est.**).

**A SILUETA** — **Hebdomadário Humorístico, Satírico, Artístico, Literário, Sportivo, Imaginação, etc.** — Circulou a 30 de dezembro de 1895, formato de 25x17, com quatro páginas, sendo as duas centrais ilustradas com horríveis **charges** litográficas. Sob o título, as divisas: “**Ridendo castigat mores**” e “**Suum quique tribuere**”. Assinaturas: ano 4\$000; semestre — 2\$000, pagos adiantadamente; número avulso — \$100. Direção de A. de Andrade.

---

(1) Alfredo de Carvalho registou o “nº 1 e único”, seguido de interrogação.

Dizia-se, no artigo de apresentação, “uma pobresita rapariga de espírito indagador, uma espécie do barbeiro de Sevilha — alcoviteira de tudo e de todos”, acentuando: “Uma coisa, porém, não deixará passar: a bestialidade e petulância de uma corja de vadios que nos anda a sugar o dinheiro e nos encher de impropérios, a raça dos engraxadores de botas; nêles daremos de rijo se preciso fôr, com o furor estoico dos jacobinos”.

Só com duas páginas tipográficas, a edição divulgou um conto (a continuar), a seção “No sacco”, por **Saco Filho**, e as notas intituladas “Pela riba”, tudo em estilo satírico-humorístico (**Bib. do Inst. Arq.**).

Em seu nº 3, ano II, de 13 de abril de 1896, dizia **A Silueta** haver reaparecido após “três longos meses de ostracismo”. Nôvo diretor — **J. Times Pereira Júnior**. Mudou, também, a indicação do sub-título: “Música, Teatro, Literatura, Belas-Artes, Sports”. Subiu para 10\$000 a anualidade e para 400 réis o preço do exemplar, transferindo-se a redação e escritório para a rua Bom Jesus nº 49, onde funcionava a Litografia de Manuel Gomes de Sousa.

Publicaram-se, ainda, os ns. 4 e 5, êste de 31 de maio (1). Divulgava matéria variada, a partir das seções “Kroniqueta”, de **C. de Richelieu**; “O que há?”; “Curiosidades”; “Um giro pelo mundo”; “Mosaico”, etc.; mais a colaboração de **Alberto Tavares**, **Manuel Duarte**, **Eduardo de Albuquerque** e **Ios. Times**. Mantiveram-se inexpressivas as páginas em litogravura (**Bib. Púb. Est.**).

1 8 9 6

**THE PERNAMBUCANO** — Entrou em circulação no mês de janeiro de 1896, formato de 32x23, com oito páginas de papel **couché**, todo manuscrito na língua inglesa e com caráter humorístico. Editado por **J. E. Purcell**, era redigido por funcionários do **Telégrafo Inglês**.

---

(1) Alfredo de Carvalho registara, como último, o nº 4, seguido de interrogação.

A matéria principal: "Christmas Day in Pernambuco", "Answers to Correspondence", "Pernambuco Pars", "Our Ladies' Letter" e noticiário desportivo.

Publicação mensal, outro comprovante encontrado foi o "Special Number", de 24 de maio, com quatro páginas, a primeira das quais, à guisa de capa, exibindo, ao centro, o escudo de armas da Inglaterra. Abriu o texto o artigo "Queen Victoria's Birthday", encerrando-o a letra do hino "God Save the Queen" (**Bib. Púb. Est.**).

Prosseguiu, segundo Alfredo de Carvalho, até o nº 12, do mês de dezembro.

**ALMANAK DE LEMBRANÇAS — Para 1896 —** Lançado pela empresa gráfica do diário **A Cidade**, entrou em circulação essa publicação, "de grande interesse para tôdas as classes sociais", segundo informou o **Diario de Pernambuco**, de 19 de janeiro, acrescentando:

"Compõe-se de setenta e tantas páginas e contém tabelas de trens, taxas de telegramas, roteiro do telégrafo ótico, receitas, datas históricas, tabelas de correios, anedotas, historietas, poesias, contos e muitas outras notas úteis. Cada volume vende-se pelo diminuto preço de 1\$000".

**O RODRIGUES** — Poliantéia em homenagem ao 19º aniversário do tipógrafo José Rodrigues da Fonseca, "êsse caráter cristalino", prestada por colegas da classe, circulou no dia 2 de fevereiro de 1896, formato de 18 1/2x14, com quatro páginas de duas colunas. Foi impressa em papel de côr, na oficina gráfica d'**A Cidade**, à rua do Imperador nº 43.

Sua matéria constou de "traços biográficos" e sucintas notas de saudação, assinadas por João Ezequiel, João Vaz, A. Martins, etc.

Outro "número único", o segundo (1), com idêntico objetivo, publicou-se a 30 de janeiro de 1898, incluindo saudações de Leônidas de Oliveira, Mário Bastos, M. de Oliveira e outros (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

---

(1) Da relação dos "Anais", consta, apenas, o primeiro "número único".

O **JANOTA** — **Passageiro da Imprensa** — **Órgão de um Grupo Boêmio** — Divisa: “Falar pouco para cacetear menos”. Carnaval (fevereiro) de 1896. À esquerda do título, lia-se: “Trajo especial em honra do Deus Momo”, e à direita: “Ano das Graças — Avulso: um tostão; apólice ou calcáreo”. Apresentou-se em formato de 32x21, com quatro páginas a três colunas de composição. O editorial, assinado por **Zuza**, dizia, ao terminar suas “considerações” carnavalescas: “Brindemos a folia e, após a carraspana, façamos do nosso **Janota** o pendão das nossas patuscadas”. Seguiu-se interessante matéria alusiva, assinada por **Flávio, Sílvio, Dr. Manduca, Fulvio, J. Medeiros, Artur A. Lima e Ribeiro do Vale**, a maioria em versos (**Arq. Púb. Est.**).

O **BESOURO** — “Publicou-se ontem, nesta cidade, — noticiou o **Jornal do Recife** de 16 de abril de 1896 — o primeiro número dêsse periódico humorístico, satírico e crítico, que aparecerá em dias indeterminados”.

Não ocorreu nenhuma outra informação a respeito d’**O Besouro**.

A **MALAGUETA** — **Jornal um pouco espirituoso e muito pulha** — Circulou em maio de 1896, formato de 31x23, com quatro páginas de duas colunas largas, impresso na tipografia do diário **Novidades**, à rua das Laranjeiras (hoje inexistente) nº 21. Sem adiantar nada no Expediente (1), lia-se, sob o título “Primeira prosa”:

“Quer apenas isto: desopilar o estômago do povo pernambucano, empanturrado com as guloseimas indigestas da política cotidiana dos jornais sérios. Faz espírito por cem réis, o que, hão de concordar, é muito mais barato e mais fácil do que tê-lo de graça”.

Só inseriu matéria leve, desopilante, sem assinaturas. Não houve segundo número (**Bib. Púb. Est.**).

**NÚMERO ÚNICO** — **Dedicado ao Gabinete Português de Leitura, pela Tuna Teatral** — Bem organizada poliantéia

---

(1) Segundo o registo de Alfredo de Carvalho, **A Malagueta** foi composta, paginada e impressa pelo jornalista Fernando Barroca.

impressa a côres, serviço gráfico da “Luso-Brasileira”, formato de 32x22, circulou a 12 de maio de 1896, data do festival em benefício da instituição. A primeira página, trabalhada em vinhetas, além do título, apresentou o soneto “Esmola e Luz”, de Carneiro Vilela, lendo-se, nas três restantes, artigos de Adriano Pinto Coelho, Tomé Gibson, Pereira Júnior, Carvalho Neves, João Alfarrá, José Augusto Álvares de Carvalho, Afonso d’Azevedo, A. Arcadia, Rebelo Valente, Carlos Russell e Gonçalves Maia, e poesias de Barbosa Viana e Leandro de Oliveira, todos enaltecendo o Gabinete Português de Leitura e sua biblioteca (**Bib. Púb. Est.**).

**O CAPENGA — Livro de Sortes** — Destinado às festivas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, editou-o a Papelaria Americana, de Hugo & Cia., para vender-se o exemplar a 1\$000.

“É um livro interessante, — noticiou o **Jornal do Recife**, de 29 de maio de 1896 — pois, além de muitos assuntos de sortes escritos com bastante verve, contém diversos contos bons e dignos de leitura”.

**SEU ANASTACIO** — Foi editado pelo Panteon das Artes, de Nogueira Irmãos, conforme o **Diário de Pernambuco**, de 2 de junho de 1896, que acrescentou: “Além das sortes, em diversos assuntos, tem êsse livrinho uma pequena parte literária de que alguma coisa se recomenda”.

**O MEQUETREFE** — Organizado por **Friend John** (pseudônimo do jornalista Euniciano Ribeiro), considerou-o o **Diário de Pernambuco**, de 3 de junho de 1896, o melhor livro de sortes do ano, pois inseriu dados sôbre cartomancia, “terminando com uma importante parte literária, colaborada pelos talentosos moços João Barreto de Meneses, Ernesto de Paula Santos, Luiz Guimarães, **Gregório Júnior** (pseudônimo de João Gregório Gonçalves) e França Júnior”. Conferiu, além disso, prêmio de 50\$000 a um dos leitores sorteado pela loteria.

**O LAMARÃO** — “Bem confeccionado” livro, “recheado de interessantes sortes” para as festividades juninas, foi publicado sob a orientação intelectual de **Gil Valério e Gil Valente** (**Gazeta da Tarde**, 9/6/1896).

O SANGAIO — Este foi editado pela Livraria Francesa, contendo, “além de graciosas sortes”, “lindos versos, contos, charadas, logogrifos, enigmas, problemas, anedotas, sentenças, cartomancia, jogos de prendas, etc., etc.” (*Gazeta da Tarde*, 10/6/1896).

O PETISCO — Órgão dos interesses da pança e mais nada — Entrou em circulação o primeiro número “dêsse pequeno jornal”, segundo noticiou o vespertino *A Cidade*, de 10 de junho de 1896, sem pormenores.

O JACOBINO — “Importantíssimo livro de sortes, que podemos dizer é o melhor que até aqui nos tem chegado”. Assim registou-lhe o aparecimento *A Cidade*, de 13 de junho de 1896, acrescentando: “...além de bons e espirituosos os seus versos, dá aos seus assinantes um brinde, a correr com a primeira loteria do Estado do mês de julho”.

Era *O Jacobino*, segundo o *Jornal do Recife*, um “livro ilustrado de coisas frescas para a estação ferosa de traques e gebus”, tendo sido redigido por **Maurício de Queiroz** (pseudônimo). Enquanto isto, a *Gazeta da Tarde* atribuiu a redação do “spiritístico e kneipístico” livro de sortes a **Raul Pinglot**, que era um disfarce de **Júlio Falcão**.

O CROTERO — “...ótimo e interessante”, com 126 páginas, “vem ornado de uma importante parte literária, escolhidos assuntos e uma parte de miscelânea”, segundo a informação do *Diário de Pernambuco*, de 13 de junho de 1896, que destacou, da matéria geral do livro de sortes em causa, extensa poesia de Augusto Aristeu e o “meio simples de descobrir a idade dos outros”.

POLYCHINELO — O último livro de sortes do ano, indicou-o o *Diário de Pernambuco*, de 20 de junho de 1896, como “um dos mais completos, trazendo variados assuntos, onde a leitura, ao lançar os dados, poderá dar largas à sua imaginação”. Colaboraram, em suas páginas, **João Barreto de Meneses**, **Ernesto de Paula Santos**, **Gregório Júnior** e **Manuel Arão**, afora transcrições diversas.

O BRAZIL REPUBLICANO — Órgão Literário — Dizendo-se impresso em oficina própria, apareceu no dia 21

de junho de 1896, formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas. Diretor — Miguel de Oliveira; gerente — João Botelho. Redatores — “diversos”. Mensário, assinava-se a 3\$000 mensais, custando 1\$000 o número avulso. Redação à rua do Hospício, n° 85.

Dedicava-se “a tôdas as causas de resultados benéficos”; “...braço levantado a lutar em prol da fertilização do terreno intelectual do país, **O Brazil Republicano** é a reflexão da luz diamantina da vontade — fôrça que nos alimenta o espírito”. Sem outras pretensões, aspirava unicamente “desdobrar o pavilhão de nossas idéias ao bafejo das auras da civilização”.

Divulgou matéria variada, iniciando o folhetim “Os loucos”, de Júlio César Leal. Fraco em literatura, só apareceram versos de **Gregório Belo**.

Seguiu-se a publicação (1), embora irregular, e no n° 4, de 7 de outubro, que teria sido o último, subiam para o cabeçalho mais dois nomes, como redatores: João Augusto Bezerra e Carlos Xavier Pais Barreto. A primeira página dessa edição homenageou a memória do maestro Carlos Gomes. No mais, assuntos de rotina (**Bib. Púb. Est.**).

**POLYANTHÉA** — Circulou a 29 de junho de 1896, em homenagem à memória do Marechal Floriano Peixoto, no primeiro aniversário do seu falecimento. Impressa em papel **couché**, na tipografia de Francisco P. Boulitreau, apresentou-se em formato de 32x22, com dez páginas, a primeira das quais ilustrada com desenho, em litogravura, do extinto, seguindo-se produções a êle referentes, assinadas por Pereira Júnior, Argemiro Arôxa, Martins Júnior, Pereira da Costa Filho, Ribeiro da Silva, Graciliano Martins, Manuel Arão, Euclides Quinteiro, João Barreto de Meneses, Jaborandi Moraes e outros (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**CONGRESSO ACADEMICO** — Iniciou-se com a edição de 14 de julho de 1896, de oito páginas, formato de 32x22, a três colunas de composição. Redator-chefe — Pedro Mota;

---

(1) Alfredo de Carvalho registara o “número 1 e único”, seguido de interrogação.



Secretário — Rodrigo Costa; Redatores — Paulo Amaral, Correia Lima e Laudelino Batista; Gerente — Gaspar Requeira. Redação instalada à rua do Hospício, nº 1, 1º andar, depois na rua Nova, nº 44, 3º. Assinatura trimestral: 2\$000; para fora da cidade — 2\$500.

Lia-se no editorial de apresentação: “Sem objetivo algum político, a nossa fôlha visa tão somente Direito e Literatura, não significando, essa nossa norma, absoluto indiferentismo a questões sociais que surjam de momento e que, pela sua importância, devam ser estudadas à luz da crítica sincera e desapassionada. O nosso jornal, inda mais, será franqueado a todo aquêlê que, como nós, estuda Direito e Letras e quiser, também como nós, reerguer o nome que outrora tinha a lendária Academia do Recife — o Templo augusto donde hão saído as mais pujantes mentalidades do Brasil”.

Além das produções da equipe redacional, teve a revista, até o nº 6, de 15 de dezembro, a colaboração de Augusto Meira, Edison Filho, Newton Burlamaqui, Joaquim Freire, Clóvis Bevilaqua, Abdias Neves, Soriano de Albuquerque, Gerôncio de Carvalho, Afonso de Barros, Heráclito Vaz, Augusto Cavalcanti, Ernesto Garcês, José Julião e J. Xavier de Carvalho, afora a “Galeria de tipos”, por Gil; os “Contos a lápis”, de Block, e a “Crônica”, onde se resumia, em cada edição, o noticiário acadêmico.

“Depois de tormentosa travessia pelo oceano intermino da idéia”, emergiu “da tela caótica da indiferença o **Congresso Acadêmico**, em seu segundo ano de vida”. Assim apresentou-se o nº 1 de 1897, a 15 de junho. A redação se transferira para a rua Paulino Câmara (hoje Camboa do Carmo) nº 28, 2º andar. Sempre com oito páginas, circulou até o nº 7, de 15 de dezembro.

Voltou (impressão do Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias nº 37) — nº 1, ano III — a 15 de maio de 1898, prolongando sua existência até o nº 6, que saiu (atrasado) no dia 15 de novembro, único com 10 páginas (1).

---

(1) Em seu registro, Alfredo de Carvalho mencionou apenas a existência do primeiro número.

O corpo redacional sofreu sucessivas alterações, a começar do quinto número do primeiro ano, dêle vindo a participar também Rodolfo Filho, Newton Burlamaqui, Gaspar Meneses, Augusto Aristeu, Alvaro Ottoni, Augusto Meira, Livino Madeira, Gonzaga de Arruda e Gerônimo de Carvalho. Foram colaboradores, afora os já mencionados: Tito Rosas, Fausto Botelho, Henrique Couto, Targino Filho, Heitor C. Branco, Gervásio Fioravanti, Professor Laurindo Leão, Eurico Chaves, Alcedo Marrocos, Olinto Meira, J. Freire, Manuel Tavares, Alfredo Bittencourt, senhorinha A. F. B., João Barafunda (pseudônimo de João Francisco Coelho Cavalcanti), etc.

O Congresso Acadêmico manteve boa feição material, aparecendo sempre impresso em papel couché (Bib. Púb. Est. (2) e Bib da Fac. Dir.-UFPe.).

**TRIBUNA LITTERARIA — Revista de Ciências e Letras** — Surgiu a 1º de agosto de 1896, formato de 32x23, com oito páginas de duas colunas largas, em papel couché, confecção da Tip. Luso-Brasileira, de Russell & Cia., à rua do Rangel, nº 2. Direção do corpo docente da Escola de Ensino Secundário Para Senhoras, a cargo da Sociedade Propagadora de Instrução Pública. Redatores: Carlos Pôrto Carreiro, João Batista Regueira Costa, Morais Pinheiro, Neto Campelo, Olinto Victor e Pergentino Galvão. Redação à rua do Hospício, nº 10. Assinaturas: semestral — 5\$000; trimestral 3\$000.

Lia-se no artigo de apresentação: “Jornal exclusivamente dirigido por uma corporação docente, sem o bafejo oficial, e destinado à propaganda da instrução e da educação em tôdas as camadas sociais — é êste, que nos conste, o primeiro a sair a lume neste Estado”.

“Nestas colunas, a ciência e a literatura pátria terão acolhimento franco e generoso lugar para expandir-se. Julgamos assim prestar um serviço à instrução em nosso país, e satisfazer a uma verdadeira necessidade pública: — a de espalhar conhecimentos que devem ser o patrimônio de

---

(2) É bastante falha a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

todos, e a de fazer a propaganda educacionista pela mais popular de tôdas as formas — o jornal”.

Saíram a lume quatro edições, apenas, divulgando programas de cursos e pontos; “Notas sôltas” e produções dos redatores, mais Olímpio Galvão e Pinto Júnior.

O nº 4, que foi último, teve a data de 1 de novembro (Bib. Púb. Est.).

MARIA FONTANA — Poliantéia em homenagem à famosa atriz que se exhibia no Teatro Santa Isabel, circulou no dia 12 de agosto de 1896, com quatro páginas, formato de 32x23. Sôbre a persinalidade artística de Maria Fontana escreveram, em prosa e verso, C. V. (Celso Vieira), Alberto Oliveira, Plácido de Almeida, Joaquim Cruz e outros intelectuais (Bib. Púb. Est. e Bib. do Liceu de Artes e Ofícios).

PEQUENO BOLETIM DO CONSELHO CENTRAL DO RECIFE — Órgão mensal da Sociedade de São Vicente de Paula, apareceu no mês de agosto de 1896, para “distribuição gratuita pelas conferências da circunscrição”. Formato de 22x16, com 24 páginas em papel couché e capa simples de côr, foi impresso na Tipografia de A. Matos, à rua Marquês de Olinda, nº 37, constando do Expediente: “Correspondência para Joaquim da Silva Cabral — Rua da Aurora, nº 19, 2º andar.

Lia-se, entre outros tópicos, no artigo-programa, assinado pelo diretor-presidente Carlos Alberto de Meneses: “O Pequeno Boletim será uma carta aberta para todos, se ocupando ora de um, ora de outro, ora de todos, conforme ocasião e necessidade se apresentar, reduzindo assim a um mínimo fácil o que não puder transpor os limites de uma comunicação particular”. Concluiu solicitando ajuda para as despesas com a publicação.

Divulgou leituras espirituais, correspondência, instruções e noticiário do movimento geral da Sociedade, continuando a circular regularmente. Ao atingir o nº 12, que reuniu os meses de julho e agosto de 1897, transferiu-se o trabalho gráfico para o Atelier Miranda, situado à rua Padre Nóbrega ns. 18/20.

Verificado, em numeração seguida, um total de 198 páginas, iniciou com o nº 1 (ano II) nova série em setembro de 1897, para chegar ao nº 12 em dezembro de 1898, perfazendo 298 páginas.

Começou o ano III — nº 1 — em janeiro de 1899, saindo o nº 8 datado de setembro/dezembro, tudo somando 122 páginas.

Prosseguindo em 1900, ano IV, publicou-se o nº 1 em janeiro e o 5º no mês de maio, ao todo 133 páginas.

Terminou aí a existência do **Pequeno Boletim**, cujo programa noticioso e de leituras espirituais não sofreu alteração, constituindo “raro e precioso documentário da ação vicentina” (**Bib. do Colég. Nóbrega**) (1).

O TEMPO — Sem indicação dos respectivos números, existem comprovantes das edições correspondentes a 30 de setembro e 20 de outubro de 1896. Manuscrito, o título em letras grandes, ocupava uma fôlha de papel pautado, com quatro páginas. Redatores — João Demétrio de Meneses e Armando Vaz e Silva. Assinatura mensal — 200 réis, mediante pagamento adiantado. Circulação nos dias 10, 20 e 30.

Sua matéria constituia-se de contos, crônicas, versos humorísticos e uma ou outra notícia. A colaboração principal era do próprio Demétrio, **Zebedeu** e **Dr. Fôlha Sêca** (**Coleç. Isácio Carn. Ramos**).

O ALPHA — “Fiel intérprete das idéias grandiosas que se aninham no coração dos novos”, surgiu êsse bimensário a 22 de outubro de 1896, formato de 32x22, com quatro páginas, tendo redação instalada à rua do Livramento, nº 12. Secretariado por João Pais de Carvalho Barros, eram outros redatores: Eduardo de Albuquerque, Francisco Augusto de Sales Morais, Maturino Monclar, Lira Andrade e Alípio Meneses. Assinatura trimestral — 2\$500; mensal — 1\$000. Impressão da tipografia d’O Estado, à rua das Laranjeiras nº 23.

---

(1) Na Biblioteca Pública do Estado existe comprovante, tão somente, da edição de estréia do **Pequeno Boletim**, única, por seu turno, mencionada, nos “Anais”, por Alfredo de Carvalho.

“Em meio desta mudez intelectual que paira sôbre nossa terra, — lia-se no editorial de apresentação — tenta um punhado de atrevidos novos soerguer a **tampa tumular** que encobre, como que num sarcófago, a **alma literária** do Leão do Norte”.

Aludiu, a seguir, à mocidade que se entregava às lutas políticas, em vez de entregar-se às lides do saber. Lutaria pelas boas causas, contra o êrro, para o que pedia ao “anjo da literatura” luz, muita luz, “para aclarar os cérebros escuros, fazendo-lhes sentir as belezas do saber e do estudo”.

Boa matéria literária, em prosa e verso, constituiu o acervo dos três únicos números d’ **O Alpha** dados à divulgação, o último dos quais datado de 23 de novembro. Além do corpo redacional, colaboraram M. de Oliveira, Cleómenes Filho, Antônio Baltazar, Manuel Barreto e **Xenofonte**, êste com a “Crônica” da última página (**Bib. Púb. Est.**).

**O BRAZIL ARTISTICO — Revista Mensal da Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais, mantenedora do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco** — Entrou em circulação no dia 22 de novembro de 1896, formato de 31x22, com oito páginas a duas colunas largas de composição. Redatores — Mamede (Justiniano) dos Reis, Cirilo Santiago e José Times Pereira Júnior, êste também servindo como diretor-gerente.

Em longo editorial, **A Redação** teceu considerações acêrca dos 55 anos de existência da SAML P, assinalando: “Hoje é mais uma data de glória, porque é mais uma conquista — a publicação da sua bandeira, a sua crônica, o arquivo, em suma, no qual a Sociedade se esforçará com mais vigor, o seu jornal, a que deu o título patriótico e fraternal de **Brazil Artístico**”.

Constituiu-se a matéria da primeira edição de artigos e notas curiosas sôbre movimentos artísticos regionais e internacionais e as atividades da SAML P, assim ocorrendo no nº 2, datado de dezembro, quando escreveu Samuel Farias, em lúcida crônica: “Nas colunas dêste átomo do jornalismo pernambucano é que pretendemos manejar a pena e afiar o gládio neste mármore de Carrara”.

Em janeiro de 1897 circulou o nº 1, ano II, acrescentando a seguinte tabela de assinaturas: Ano — 10\$000; seis meses — 5\$000, mediante pagamento adiantado. A numeração das páginas não se deteve, continuando de edição em edição, para efeito de posterior volume encadernado.

Após o nº 2, de fevereiro, o 3º demorou a publicar-se, aparecendo datado de março/abril/maio, numerado 3/4/5, cujo editorial se rejubilava com o fato de o prefeito da capital haver atendido à sugestão d'**O Brazil Artístico**, abrindo concorrência pública para a construção dum teatro municipal — o Politeama Pernambucano.

Completadas 40 páginas das cinco edições, ficou suspensa a publicação, reaparecendo numa “edição extra”, de quatro páginas, em papel **couché**, a 19 de dezembro de 1897, ao ensejo da abertura da Exposição de Belas Artes, instalada no Liceu. Segundo o editorial assinado por **A Direção**, o periódico esperava reassumir, no ano seguinte, “o seu verdadeiro papel na Imprensa”, o que não conseguiu.

Os dois primeiros números d' **O Brazil Artístico** foram impressos na tipografia do **Diário de Pernambuco**, continuando na oficina de Obras do Estado, menos o último, que saiu da Tip. Laemmert & Cia., situada à Avenida Marquês de Olinda nº 4. Além dos escritos assinados pelos redatores, foi constante a colaboração de Ascendino de Sousa (**Arq. Púb. Est.**).

**LEÃO DO NORTE — Imparcial, Ilustrado e Humorístico** — Surgiu a 1º de dezembro de 1896, formato de 44x32, com quatro páginas de três colunas largas, impresso em papel **couché**, na Oficina de Obras do Estado. Diretor — Vicente Ferreira da Costa Júnior, funcionando a redação na rua do Imperador, nº 21, 1º andar. Tabela de assinaturas: ano 15\$000; semestre — 8\$000; trimestre — 4\$000; para fora da cidade — 17\$000, 9\$000 e 5\$000, respectivamente. Número avulso — \$500.

Serviu de cabeçalho expressivo desenho, entrelaçadas no título as palavras Indústria, Comércio e Agricultura, nêlo aparecendo figuras de mulher e leão e, ao fundo, trecho do pôrto, farol e navios ao largo. Completou a primeira

página simbólica alegoria — leão de guarda-chuva e chapéu à mão — com a legenda: “O **Leão do Norte** apresenta-se à Imprensa Pernambucana, saudando-a, e pede-lhe o seu benévolo concurso na mesma senda de combate” (representada a Imprensa, na ilustração, por caneta, tinteiro e páginas de frente de todos os diários em circulação no Recife).

Declarava o artigo-programa: “Envolto na puríssima clámide da imparcialidade, o **Leão do Norte** cumprirá estritamente o programa traçado pela direção e não procurará absolutamente enlodaçar-se parcialmente no charco político onde medram a mesquinha, o opróbio e a deshonra”.

Depois de outras considerações: “O humorismo pode ser cultivado sem que se tenha necessidade de descer à linguagem licenciosa de bordel, ao insulto baixo de pátio de feira”.

A quarta página constou de charges políticas e de costumes, em desenhos litográficos. Nas páginas tipográficas inseriu colaboração de Olímpio Galvão, João Ezequiel, Leandro de Oliveira e João Ferro; as seções “Badaladas”, de crítica política, com a assinatura de **O Vigário**; “Hidrosudohumorismo”, em versos, de **No Lasco** e **Dr. Pessoa**; “Noticiário” e comentários redacionais.

O nº 2 retratou, na primeira página, ocupando-a toda, o vice-presidente da República, Manuel Vitorino Pereira; o nº 3, o governador do Estado, Joaquim Correia de Araújo; o nº 5, o Visconde da Silva Loyo, e o nº 6 o bispo D. Esberard (homenagem à sua memória), através de excelentes desenhos do ilustrador C. Hompfer.

Foram outras seções do movimentado jornal: “Caixinha dos três desejos”, por **Monóculo**; “Repiques”, por **Batista**, o **Sacrista**; “Operações”, por **Bisturi**; “Práticas”, por **O Vigário**, etc. Teve, ainda, a colaboração dos poetas Antão Souto e Ferreira Júnior. A página final de cada edição apresentava **charges** a craion, em litogravura, de crítica social e política.

No nº 3, de 24 de dezembro, ao passo que augurava Boas Festas e “maiores felicidades” no Ano Nôvo, o editorialista

lamentou que o Natal não pudesse ter o brilho dos anteriores, devido ao flagelo da peste, à crise financeira e “à politicagem, que desmoraliza a República e martiriza o povo”.

A publicação estendeu-se até o nº 7, que circulou a 25 de fevereiro de 1897 (**Bib. Púb. Est.**).

**A RIBALTA — Revista crítico-teatral da Arcádia Dramática Júlio de Santana** — Saiu a lume no dia 6 de dezembro de 1896, formato de 32x22, com quatro páginas de duas colunas largas, impressa na Oficina de Obras do Estado, tendo redação à rua Estreita do Rosário, nº 13, 1º andar. Redatores: Alcides Câmara, Elísio Moreno, Antônio Joaquim de Matos Jacaré, Ribeiro da Silva, Carlos Russell e Antônio de Sousa Campônio. O cabeçalho constou de artístico desenho, entremecendo o título uma lira, máscaras, um cômico, palco e caixa de teatro.

Entre outros conceitos, dizia o artigo de apresentação: “...propagando as modernas idéias sôbre o teatro de hoje, considerado merecidamente a maior fonte de educação, difundindo a pálida e frouxa luz de seu valor literário e artístico, surge **A Ribalta** cheia de fôrça, cheia de vida, tendo por fim o alevantamento do teatro entre nós, honrando assim os esforçados batalhadores como Afonso Olindense, Carneiro Vilela, Ribeiro da Silva, etc., que são dignos de ser imitados pela mocidade de hoje”.

A primeira página foi dedicada ao artista português Júlio de Santana (falecido no Recife, em 1893), com a respectiva biografia e retrato ao centro. Nas páginas restantes: produções assinadas pelos redatores, incluindo pseudônimos, e as seções “Indiscreção”, “Ecos teatrais”, “Pela sede”, “Picos”, de Saloio, e a “Crônica”.

O nº 1, ano II, aparecido em janeiro de 1897, contendo seis páginas, dedicou mais de duas à biografia do artista, também português, Tomaz Antônio Espiuca, ilustrada com retrato. Constava entre os redatores o nome de Leônidas de Oliveira.

Ainda se publicaram, transferido o trabalho material para a “Tip. da Avenida”, os ns. 2, 3 e 4, todos de quatro



páginas, datado o último de maio/junho, dêle constando, unicamente, como redatores, Alcides Câmara, Elísio Moreno, **Figuinha**, **Salio** e **Loendra** (anagrama de Leandro de Oliveira). A par das seções fixas, salientavam-se, no texto, crônicas de Campônio e poesia de Assis Pacheco (**Bib. do Liceu de Artes e Ofícios e Bib. Púb. Est.**) (1).

1897

**ALMANACK LITTERARIO POSTAL PERNAMBUCANO — (Dedicado ao Corpo Comercial de Pernambuco) —** Para o ano de 1897 — Impresso na tipografia do **Commercio de Pernambuco**, à rua do Imperador, n° 69, formato de 20x14, apresentou-se com 208 páginas, tendo como diretor-gerente João Marinho Pais Barreto Filho e diretor literário Olímpio Galvão.

Fundou-se com o objetivo de “bem servir ao comércio e à causa das letras pátrias”, consoante a nota “Ao público”, que iniciou o texto. Logo após ocorreram 35 páginas de informações, as mais precisas, “sôbre o modo por que é feito o serviço postal da República”, além de tabela de preços; nomes de assinantes; dados sôbre serviços telegráficos e ferroviários e taxas de câmbio.

Ao Calendário, seguiu-se longa seção de Literatura, na qual foram divulgados contos de Carlos Pôrto Carreiro, Olímpio Galvão, Ernesto de Paula Santos, L. Lavenere, Gonzaga d'Arruda, **Elro** e Spencer Neto; trabalhos outros, em prosa, assinados por José Martiniano de Sousa, João Barreto de Meneses, A. M., Rodrigo Costa, Francisco Barroso, Alípio Bezerra, Morrisson Faria, Clóvis Bevilaqua, Eustáquio Pereira (Faneca) e J. B. Regueira Costa, e poesias de Targélia Barreto de Meneses, Fenelon Pereira, Augusto Aristeu, Solidônio Atico Leite, Fiúza de Pontes, Francisco Barreto de Meneses, Paulo (Gonçalves) de Arruda, Temístocles Machado, **Raul Bio** (anagrama de Bráulio da Cunha), Artur Bahia, Honório Carrilho, Assis Vidal.

---

(1) É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

Carlos Galvão, Celso Vieira, Mateus Coimbra, Manuel Arão, Joaquim Freire, Valfrido Souto Maior, Carlos Pôrto Carreiro e Alfredo de Castro. Diferentes produções, em prosa e verso, tiveram como assinatura o anagrama **Leugim**, não identificado. Houve, ainda, algumas transcrições.

Não há indicação de ter saído o segundo número do interessante **Almanack (Arquivos de A. Alvim e de J. Patrocínio)**.

O **JUCA — Órgão dos Políticos dos Bastidores** — Tendo como redator-chefe o **Major Afonso Leal** (1) (pela via espírita, a cargo do **Desembargador Barreto**, logo substituído pelo **Comendador Giro**), apareceu no dia 12 de janeiro de 1897, formato de 31x22, com quatro páginas, impresso em papel **couché**. Sob o título, lia-se: “Aparece quando quer”. Preço do exemplar — 200 réis.

A primeira página ocupou-se, num enquadramento de vinhetas, das personalidades do empresário José Fernandes de Carvalho (o Juca) e da atriz Alba Ratti.

Não era jornal político — declarava o artigo de apresentação, abrindo a segunda página — mas “lírico, dramático e familiar”. Tinha a tarefa de assestar, com habilidade, seu holofote no Teatro Santa Isabel, para desvendar os mistérios dos bastidores”.

Publicado por ocasião da temporada da Companhia Tomba, **O Juca** teve existência efêmera. Tratou, exclusivamente, de assuntos dos bastidores teatrais, através de seções satíricas e humorísticas, tais como: “Telegramas — via espírita”; “Seção política”, “Coisas frescas”, “Dizem...”, “Telefonadas”, “Coisas Originais” e “Cá por baixo”, assinadas com diferentes pseudônimos. A primeira página focalizava, em tipos fortes, o merecimento dos artistas da Tomba.

O terceiro e último número, no qual Carvalho Neves se declarou “único redator terrestre responsável, saiu no dia 23 de janeiro (**Arq. Púb. Est.**).

---

(1) Apelido do Major Antônio Ricardo dos Santos, oficial da Guarda Nacional, afamado pelas suas excentricidades e falecido a 14 de fevereiro de 1895.

**ARCHIVO FORENSE — Revista Quinzenal de Jurisprudência, Dedicada à Vulgarização das Decisões do Superior Tribunal de Justiça do Estado e Por Este Fornecidas, Por Certidão, e Das Sentenças Dos Juizes de 1ª Instância — O nº 1, série I** circulou a 18 de janeiro de 1897, formato de 22x15, com doze páginas de texto e capa simples, no mesmo papel. Propriedade e redação de Hugo & Cia. Preço do exemplar — 1\$000.

Iniciativa da Papelaria Americana, pretendia publicar-se duas vezes por mês, assim prestando “um grande serviço à jurisprudência brasileira e, especialmente, ao fóro de Pernambuco”.

A edição de estréia obedeceu, estritamente, ao objetivo enunciado, terminando com a transcrição, no idioma francês, de uma audiência do Tribunal de Commerce de La Seine.

Entretanto, apesar de tão bom comêço, o **Archivo** ficou no primeiro número (**Arq. Púb. Est.**).

O **PASQUIM** — Entrou em circulação a 21 de janeiro de 1897, formato de 36x25, com quatro páginas de três boas colunas, lisonjeiro serviço gráfico d' **A Provincia**, instalada à rua do Imperador, nº 19. Preço do exemplar — \$100.

Batizou-se com êsse nome, segundo o artigo de abertura, para lograr “os que tivessem, mais tarde, de crismá-lo assim”, acentuando: “E crisma-lo-iam com certeza. Inteiramente livre, superior às conveniências e às convenções, emancipado dos preconceitos, amante da verdade nua e crua, disposto a ocupar-se de todos os assuntos, resolvido a não poupar pessoa alguma com maus bofes e sem papas na língua — fará danar meio mundo, levando bandos de gente a perder a tramontana”.

Seguiu-se o comentário “Invetivas”, de **Aretino de Sousa**, que assim começou sua arenga: “Tu escondes, governo do campo da República, a tua fraqueza debaixo das côres rubras de uma pletora de mentiras!”.

Foram outros títulos da matéria do desabusado órgão: “Falsidades revoltantes”, “Agressões gratuitas”, “Mistifório

alheio”, “Picuinhas”, “Insulsa moxinifada”, “Várias sensaborias” (dos outros jornais) e o folhetim “O rabo do gato”, por Nolasco Pessoa.

O segundo e último número foi publicado no dia 30, de cuja edição “foram inutilizados”, pela Polícia, “diversos números”, “sendo prêso o sr. Agostinho Bezerra, proprietário da agência onde eram os mesmos vendidos” (1) (**Bib. Púb. Est.**) (2).

O **TOMBA — Órgão dos Coniglistas e Lafonistas —** O nº 1, ano I (e único) circulou a 28 (1 A) de janeiro de 1897, formato de 32x22, com quatro páginas de três colunas, impresso em papel especial. Preço do exemplar — 200 réis. Sob o título, lia-se: “Aparece sempre depois d’O Juca” e, noutra linha: “Redator-chefe — **Gregório Neto** (sem ser pela via espírita)”.

Da primeira página constou, apenas, entre vinhetas, o sonêto “A Alba Ratti”, assinado por **Victor Hugo Stellini**. O editorial, de **Gregório Neto** (pseudônimo de José de Castro e Silva), dizia ser o jornal “exatamente como **O Juca**, lírico, dramático e familiar”, mas diferente num ponto: não penetrava, “como uma criança, nos camarins das atrizes, porque não se limitaria a ver e ouvir”.

Tôda a matéria d’O Tomba (denominação da companhia em exibição no Teatro Santa Isabel) focalizava, com muita verve, a política de bastidores, em prosa e verso ligeiros, a exemplo d’O Juca (2 A) (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**DEZESEIS DE FEVEREIRO** — Poliantéia em homenagem à sra. Elisa Câmara, por motivo da data do seu ani-

(1) Informação do “Almanack de Pernambuco”, edição de 1904.

(2) Não existe comprovante do nº 2.

(1 A) Não no dia 22, como consta dos “Anais”, de A. de Carvalho.

(2 A) — A polícia apreendera edições, não só d’O Pasquim, mas também d’O Tomba e d’O Juca, “repositórios de pilhérias apimentadas”, redigidos por jornalistas “impalpáveis”, o que privou a população “de algumas horas de gargalhadas gostosas”. Tal a informação fornecida pela edição de 7/2/1897, do **Leão do Norte**, periódico também dado à literatura humorística, que concluiu: “Cruel polícia, que assim priva o povo de esquecer por algum tempo as agruras da prosáica vida que êle suporta!”

versário natalício, circulou em 1897, com quatro páginas, formato de 35x24, sendo impressa, em grosso papel *couché*, no Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega, 18/22. Ocupou a primeira página boa litogravura da homenageada, num desenho de C. Hompfer. O sonêto "Data de ouro", por M. C., num ovalóide de vinhetas, encheu a quarta, ao passo que as do centro, em duas colunas largas, apresentavam crônicas e notas de saudação assinadas por José Henrique Campos (de Cuiambuca), Manuel Cavalcanti, Ildefonso Simões, Samuel Guimarães, etc. (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**A GRATIDÃO — Pequeno jornal sério e sincero** — Número único de 16 de fevereiro de 1897, apresentou-se em formato de 20x14, com quatro páginas, circuladas de vinhetas, trabalho gráfico do Atelier da Maison Chic, à rua Nova. Editado por um grupo de amigos da família, sua matéria constituiu-se de sucintas notas e versinhos de saudação à senhorinha Elisa Câmara, que completava anos naquela data. A primeira página foi ocupada pela própria aniversariante, que assinou a seguinte quadra, remetida do Engenho Cuiambuca:

"Aos dignos cavalheiros e autores  
Duma tão esplêndida manifestação,  
Orgulhosa, tributar-lhes venho  
A minha mais sincera gratidão" (**Bib. Púb. Est.**).

**O TROCISTA — Órgão Burlesco e de Propaganda** — Ano I, número único, circulou a 28 de fevereiro, primeiro dia do carnaval de 1897, formato de 32x22, com quatro páginas a três boas colunas de composição. Confeccionado na oficina tipográfica da Livraria Francesa, apresentou matéria leve, de acôrdo com o título, em prosa e verso, entremeada de pequenos anúncios da casa editôra. Incluiu um sonêto sério de Firmino de Figueiredo (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**O CARNAVAL** — Circulou a 28 de fevereiro de 1897, apresentando como redator Antônio Pereira. Formato pequeno, com quatro páginas de duas colunas. Lia-se no cabeçalho: "Ano 96 — n<sup>o</sup> 69".

Outra edição apareceu no dia 20 de fevereiro de 1898, ambas carnavalescamente redigidas e ilustradas com vinhe-

tas figurativas. Mas, na primeira, viam-se “assinaturas” de França Pereira, Bianor de Medeiros, Baltazar Pereira, Graciliano Ramos e outros grandes do jornalismo diário (**Bib. Púb. Est.**).

**A BISNAGA — Órgão do Clube 33** — Saíu a lume (ano **XXIII** — número único) a 28 do mês de Momo (fevereiro) de 1897, dizendo-se “jornal de maior circulação no Carnaval”, tendo como redator-chefe... **Antônio Conselheiro**. Constavam do cabeçalho as quadras:

“Risonha e viva, leitores,  
 Ei-la que surge — **A Bisnaga**,  
 Trazendo versos e flôres  
 A quem aplausos lhe traga.

Mas, cautela! que a brejeira  
 Não traz sômente carinhos:  
 Tôda rosa feiticeira,  
 Tendo aromas, tem espinhos”.

Ainda se lia, abaixo do título: “**Ridendo castigat mores**” e “Para a frente é que anda a gente”. Impressão da oficina gráfica d’ **O Estado**, formato de 33x25, com quatro páginas de três colunas.

Sua matéria constituiu-se de extensas crônicas, inclusive um rodapé que ocupou tôdas as páginas, intitulado “Coisas do Carnaval”, assinado por **Cascarilho**. Havia, também, telegramas carnavalescos, pastiche de pensamentos, as “Elétricas” e uma única peça em versos — “Mofina”, de Plácido de Arruda.

Seis anos depois, deu nova edição o órgão do Clube 33: ano **XXIX**, número único — 22 do mês de Momo de 1903 — tendo como redator-chefe o **General Pando** (pseudônimo de R. M. Braga). Apresentou matéria ligeira, em prosa e verso, entremeada de vinhetas carnavalescas, sendo colaboradores Fausto Cunha (revisor), **Léo** (pseudônimo de Leônidas de Oliveira), **Kock Júnior**, **Joroaldra**, **Murilo** e **Cruz 44** (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA UNIVERSAL — Jornal Noticioso, Comercial, Industrial, Agrícola, Literário, Histórico, Biográfico e de**

**Anúncios** — Apareceu a 4 de abril de 1897, formato de 53x36, com quatro páginas de seis colunas. Diretor responsável — A. da Silva Carvalho, funcionando a redação e administração na rua Duque de Caxias, n° 37. Publicação bissemanal assinava-se a 5\$000 por semestre e a 2\$500 por trimestre. Número do dia — 100 réis. Trabalho gráfico do Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega, ns. 18 e 22.

Lia-se, no “Programa do nosso jornal”, que o mesmo não tinha compromisso político, dedicando-se unicamente a bem informar ao público “as últimas novidades ocorridas, tanto no país como no estrangeiro, sôbre todo e qualquer assunto da vida social”.

A edição abriu com “Almanack”, seguindo-se noticiário ligeiro, estatísticas e informações úteis. Estabeleceu dois planos de prêmios para assinantes. Ainda inseriu alguma matéria redacional na quarta página, enchendo de anúncios o restante espaço, mais de duas e meia páginas.

Circulou o n° 2 no dia 8, obedecendo à meta inicial (**Bib. Púb. Est.**).

Segundo Alfredo de Carvalho (“Anais”), a publicação estendeu-se até o n° 4, de 15 de abril.

**O CAPETA — Órgão Neutralizado** — Impresso em formato de 38x27, a quatro colunas de composição e quatro páginas, circulou — Ano V, n° único (1) — a 17 (2) de abril de 1897. Redatores: **Serafim, Careca, Budião e Chico Congo**. Logo abaixo do título estampou o expediente:

“O câmbio pede gorgeta  
da cabeça até aos pés;  
quem quiser ter **O Capeta**  
que gaste 200 réis.

O meu nome, que era antigo  
**Judas** — chefe e soberano,  
prá distinguir-se dos outros  
virou **Capeta** êste ano”.

(1) Até o Ano IV, era denominado **O Judas**.

(2) Não no dia 27, como consta dos “Anais”.

Três páginas acolheram matéria satírica e humorística, em prosa e verso, apontando êmulos do Judas. Colaboradores: **Gregório Júnior**, **Arion**, **Yoyô Bastos**, **Mandu Sujo**, **Baldomero**, etc. A quarta só conteve anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

**O PECHOTE — Temperado, escolhido para todos os paladares** — Destinado a circular trimensalmente, saiu o primeiro número na 1ª dezena de maio de 1897, formato de 31x22, com quatro páginas de três colunas. Impresso na oficina gráfica d' **O Novidades**, à rua das Laranjeiras (hoje inexistente) n° 21, assinava-se a 1\$500 por trimestre, custando o exemplar \$200. Redação à rua das Trincheiras (também inexistente) (1) n° 38, 1° andar. Redatores: A. Lima (2) (**Gil Boêmio**) e J. Medeiros (**Flávio Stockler**). Do cabeçalho constavam as divisas: “Graças, farsas e neçaças...” e “A seriedade é uma doença e o mais sério dos animais é o burro” (C. Branco), completando-o a décima:

“Qualquer sujeito ou cadete  
Que tiver escrevinhado  
Com chiste e palavriado  
Artigo nada cacete,  
Mandar pode o supradito  
Cá prá nossa redação,  
A sala regimental.  
Verá que faz figurão  
E terá seu nome escrito  
Nas fôlhas dêste jornal”.

Constava do artigo de apresentação: “**O Pechote** é a válvula por onde um punhado de rapazes, que têm dois dedos de espírito, fará jorrar a pilhéria desopilante, a gargalhada tonitroante sôbre tudo que não tem chiste e que é chato e burguês”.

Afora as produções dos redatores, em prosa e verso, teve a colaboração de **Manduca** e **Flávio**.

---

(1) As duas ruas mencionadas, estreitíssimas, foram destruídas, na reforma do bairro de Santo Antônio, para a abertura da grande Avenida Dantas Barreto.

(2) Não A. Luna, como está nos “Anals”.



Não obedecendo à periodicidade enunciada, o nº 3 só saiu na segunda dezena de junho, acrescentando ao cabeçalho mais um redator: L. de Oliveira (**Luiz do Ó**). Também “Mote e Glosas” (**Bib. Púb. Est.**).

Ainda circularam dois números “dêsse bem escrito periódico humorístico”, conforme o **Diário de Pernambuco**, que registou, na edição de 1 de julho, o aparecimento do nº 5 (3).

O **FANATICO** — **Livro de Sortes para 1897** — “Escrito por três jagunços e ornado com os retratos dos mesmos”, circulou com bastante antecedência das festas juninas, ao que noticiou **A Província** de 27 de maio de 1897.

Os “jagunços” eram **Antônio dos Canudos**, **João Nolasco** e **Pedro Pessoa**. Euniciano Ribeiro era um dêles.

A **JANDAIA** — Impresso pela Livraria e Tipografia Boulitreau, dêle se ocupou o **Diário de Pernambuco**, de 29 de maio de 1897, nos seguintes têrmos: “O aludido livro contém grande número de assuntos e boa parte literária, que deve proporcionar um bom divertimento aos seus leitores nas noites de Santo Antônio e São João”.

O **TROCISTA** — “...primoroso livro”, teve como editôra a firma Nogueira Irmãos, proprietária do Panteon das Artes, saindo com 80 partes. Inseriu, conforme o **Diário de Pernambuco**, de 30 de maio, “sortes de bastante espírito, bem elaborada parte literária e ainda uma terceira parte contendo o Correio do Amor, isto é, linguagem do lenço, bengala, leque, chapéu, cartão de visita, etc.”. Ofereceu prêmio, a sorteio, de um relógio de ouro”.

A **PIMPONA** — Outro livro de sortes, foi editado por Manuel José de Miranda, sendo **Raul Pinglot** o organizador, apresentando capa ilustrada. Sua matéria constou, segundo o **Diário de Pernambuco**, edição de 1 de junho de 1897, de “adivinhações, jogos de prendas, contos ilustrados, receitas, troças espirituosas, etc., acrescentando uma bonita polca de **Alfredo Gama**, que por si vale o preço do livro”.

---

(3) A obra citada mencionou, apenas, o nº 1 d'O **Pechote**.

Tamanha foi a receptividade d'A **Pimpona** (**Diario**, de 17 de junho), que o Atelier Miranda deu uma segunda edição, de 500 exemplares.

O **JAGUNÇO** — Também saído da oficina gráfica de Nogueira Irmãos, êsse livro de sortes foi organizado por **João Ninguém**, “um moço — escreveu o **Diario de Pernambuco**, de 2 de junho de 1897 — que tem incontestavelmente espírito para dizer as coisas”.

O **CANUDO** — **Livro de Sortes** — **Organizado** “por um **Conselheirista** e colaborado por diversos jagunços, traz doze variados assuntos, escritos com tôda verve, sôbre **Canudos, Conselhos, Fanatismo, Rivais e Casamento**”. Assim registou-lhe o aparecimento o **Diario de Pernambuco**, de 6 de junho de 1897, acrescentando que a parte literária era firmada “por apreciadas penas do nosso meio intelectual”. Oferecia, por fim, à sorte, um prêmio de 100\$000.

A **TROÇA** — **Órgão essencialmente barrigudo** — O n° 1 circulou no mês de junho de 1897, pequeno formato de 19x14, com quatro páginas, para ser vendido o número avulso a 200 réis. “Publicação convencional”, abriu a página de frente a vinheta de um homem obeso.

Cada exemplar da edição continha quatro dezenas de milhares, com as quais concorria o leitor ao sorteio de uma cesta de gêneros alimentícios e fogos juninos, a correr na Loteria Federal do dia 22. Divulgou as listas de prêmios, como matéria única, terminando com os maus versos a seguir, assinados — **A Redação**:

“Considerando que na época presente  
Predomina muito franca a carestia,  
O que obriga desta forma tôda a gente  
A procurar com afã a economia,  
Resolvemos, por um dever humanitário,  
Fornecer a êsse povo sofredor  
**A Troça**, órgão necessário,  
Por preço que não tem competidor”.

O jornal-rifa ficou nesse primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

**ESCOLA DE DIREITO — Órgão da Academia** — Saiu a lume no dia 11 de agosto de 1897, formato de 45x32, a cinco colunas, com quatro páginas. Sob o título, lia-se: “Dirigem esta fôlha: Gaspar de Meneses, Juvenal Lamartine, Ernesto Batista, Tobias Nunes Machado, Teotônio C. de Brito, Elviro Dantas, Pedro Cirne e Aristeu de Andrade, com a colaboração de tôda a Faculdade” — “Encarregado da parte econômica o acadêmico José Julião Júnior”. Confecção gráfica do Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega, ns. 18/20, e redação à rua Duque de Caxias, nº 37.

Da primeira página, entre vinhetas, constou o seguinte, em tipos fortes: “O direito é uma disciplina social” (Tobias Barreto). “A união faz a fôrça”. “Salve 11 de agosto!!!”. “Homenagem à grandiosa data 11 de agosto!”. “Culto à memória do benemérito Visconde de São Leopoldo, fundador dos cursos jurídicos no Brasil. Saudações aos nossos colegas das Escolas de Direito da República. Amor, Pátria, Liberdade e Justiça — Os alunos da Faculdade de Direito”.

Dizia o editorial de apresentação, na segunda página: “A criação da **Escola de Direito** vem preencher uma lacuna que desde muito se faz sentir: um jornal que, servindo de sulco à vasão dos conhecimentos que formos adquirindo no campo da ciência, defenda em qualquer terreno os interesses da classe estudantil”.

Além dos redatores, escreveram na edição de estréia: Laurindo Leão, Melo Cahu, Gonçalves Lima, Abdias Neves, Joaquim Freire, José Augusto Ribeiro, Manuel Abreu, Artur dos Anjos e Eduardo de Albuquerque.

Publicação mensal, o nº 2 saiu a 18 de setembro e o 3º no dia 21 de outubro, nas mesmas condições do anterior.

Suspenso, em decorrência do período de férias acadêmicas, reapareceu — nº 1, ano II — a 13 de maio de 1898 (Cf. **Diário de Pernambuco**).

O nº 2, ano II, de 16 de junho, saiu em forma de revista pequenina (20x15), com 24 páginas em papel **couché**, mas a capa em acetinado de côr, tendo mudado o escritório da redação para a rua da Imperatriz nº 6, 2º andar. Dos que

dirigiam no primeiro ano, restaram Teotônio de Brito, P. Cirne e Aristeu, sendo os demais substituídos por Sebastião Fernandes, Soriano de Albuquerque, Alfredo Maia, Henrique Soido, Ezequiel de Barros e Correia Pinto. Mais a colaboração de Edmundo Filho, Fiuza de Pontes e José Henrique, terminando com a “Crônica” (noticiário) e “Impressos e Impressões” (Bib. Púb. Est.).

Embora não restem outros comprovantes, prosseguiu, mensalmente, até outubro, ao que informava, com regularidade, o **Diário de Pernambuco**, segundo o qual (edição de 19 de maio de 1899) a **Escola de Direito** ainda divulgou o nº 1 do ano III (1), acompanhando o ritmo anterior.

No mês seguinte, dia 11, noticiaram as fôlhas diárias que os acadêmicos Pedro Cirne, Aristeu de Andrade, Correia Pinto, Soriano de Albuquerque, Sebastião Fernandes, Alfredo Maia, Carneiro da Cunha Júnior, Sérgio Barreto, Alcides Baltar, Luiz Correia e Malaquias da Rocha haviam deliberado “por motivos ponderosos, exonerar-se, coletivamente, da redação da **Escola de Direito**, entregando-a à Faculdade de Direito”, de que era órgão.

**A CRENÇA — Revista Quinzenal, Consagrada aos Interesses Católicos** — Com “aprovação da autoridade diocesana”, saiu a lume a primeira edição a 1 de setembro de 1897, formato de 20x14, sendo impressa no Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega, ns. 18 a 22. Redação constituída dos cônegos João Machado de Melo, José de Oliveira Lopes e João Evangelista da S. Castro e Padre Hermeto José Pinheiro, sob a chefia do primeiro. Na fôlha de rosto, pequena vinheta de cruz, ao centro, ladeada dos seguintes pensamentos, de Pio IX e Leão XIII, respectivamente: “A grande arma da Igreja, hoje em dia, é o jornalismo católico” e “A imprensa católica é uma verdadeira missão perpétua”. Assinatura anual — 12\$000.

Constava do artigo-programa “instruir e guiar a opinião pública”, batendo-se “pela propagação da verdade, pela vitória do bem”.

---

(1) Segundo os “Anais”, o nº 6, ano II, de 20 de outubro de 1898, tinha sido o último publicado.

**A Crença** teve existência normal, circulando, cada quinzena, com 20 páginas, em bom papel. Constavam do sumário artigos de doutrinação e de combate às idéias repudiadas pelo Clero, sobretudo a Maçonaria, cujos defensores dispunham de uma coluna no **Jornal do Recife**. Defendeu os jesuítas e condenou o ateísmo filosófico. Abordou assuntos de Educação e Instrução, pensamento livre e indiferentismo religioso, ministério paroquial e santificação do domingo. Manteve uma seção de variedades e outra com noticiário religioso, assim como não deixou de inserir algum conto ou poesia de Manuel B. Tigre ou simplesmente M. Tigre, **Wascoff**, etc.

Após os primeiros 24 números, iniciava-se o ano II com o nº I, datado de 1 de setembro de 1898, ligeiramente alterado o formato, passando a página a conter duas colunas, ao invés de uma, larga, como dantes, ao mesmo tempo que diminuiu para 16 o número de páginas. Não sofreu alteração, todavia, a parte intelectual e espiritual de doutrinação e debate contra a Maçonaria, o Protestantismo e o divórcio. Foram colaboradores principais Sílvio Ramos, Miss. A. Lins, **Ival**, M. Dulce, **Joannes** e **Lucio Luculo**. Sem que lhe figurasse o nome no Expediente, também participou do corpo redacional o dr. Ananias Correia do Amaral.

Findou a existência d' **A Crença** com o nº 12, ano II, de 15 de Março de 1899. Consta o acervo de dois volumes encadernados, o primeiro com 484 páginas e o segundo com 192 (**Colec. Fern. Pio**).

**O POVO** — Órgão do Clube Republicano **Lauro Sodré** — Impresso no Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega, ns. 18/22, formato de 36x25, com três colunas de composição a 16 cêcros, e quatro páginas, deu à publicidade o primeiro número no dia 7 de setembro de 1897. Corpo redacional: Eurico Vitruvivo (redator-chefe), Izidro Gomes (secretário), José Bernardo Filho, Elviro Dantas, Graciliano Martins, Olímpio Galvão e Trajano Chacon; encarregado da parte econômica: tenente Galdino Buriti. Com escritório à rua do Brum, nº 80, 3º andar, assinava-se a 2\$000 por trimestre, custando 100 réis o exemplar.

Constava do editorial de apresentação, intitulado "A nossa bandeira": "Pela República forte e respeitada e pela

salvação pública, esgotaremos os nossos esforços na altura de nossa idolatria pelos princípios democráticos falseados pelos dominadores do país”.

Constituiu-se sua matéria de artigos patrióticos e notas locais sobre as atividades republicanas. Um suelto aludia “às necessidades vantajosas de ser um privilégio de nacionais o comércio a retalho”. E convidava o público para a instalação do Clube, que ocorreu no mesmo dia em que circulou **O Povo**.

Nada obstante a fé republicana dos redatores, só ocorreu outra edição a 17 de outubro, data do aniversário natalício de Lauro Sodré. Findou aí (**Arq. Púb. Est.**).

**O BICHO — Jornal Crítico, Satírico e Noticioso** — Apareceu no dia 14 de novembro de 1897, formato de bôlso, impresso em papel azul, tendo como redator-chefe **José Bereberé** e gerente **O Cabra Rôxo**. “Avulso — cinco vinténs”.

Fazendo, em editorial, a apologia do jôgo “do bicho”, apresentava, em cada exemplar, um número a ser sorteado pela loteria do dia 17, distribuindo prêmios, aos felizardos, que partiam de 20\$000 e desciam até 2\$000.

Além disso, **O Bicho** divulgou notícias e comentários, tudo em caráter chistoso, dentro do programa estabelecido (**Bib. Púb. Est.**).

**O HOMEM DO PANDEIRO — Jornal Crítico, Satírico, Noticioso e Político** — Obedecendo ao mesmo formato do anterior e impresso em papel róseo, saiu a lume no dia 30 de novembro de 1897, tendo como redator-chefe **Te-Atolo** e gerente **O Cabra Rôxo**, que se desligara da redação d'**O Bicho**. Preço: “avulso — um sampaio; assinatura — não precisa”.

Igualmente numerado cada exemplar, para concorrer a prêmios, divulgou, também, matéria ligeira, inclusive anúncios humorísticos (**Bib. Púb. Est.**).

**O LABOR — Órgão do Grêmio Caixeiral Português Beneficente Tomaz Ribeiro** — Circulou no dia da instalação do sodalício: 8 de dezembro de 1897, formato de 37x25, impresso, utilizando papel especial, no Atelier Miranda. Tôda a pri-

meira página foi ocupada por imponente alegoria, executada pelo litógrafo Rodolfo Lima, figurando em cima o título; ao centro, retrato, e, em baixo, a legenda: "Homenagem ao poeta Tomaz Ribeiro".

Constituiu uma poliantéia, constando a respectiva matéria de noticiário alusivo e produções literárias em prosa e verso (**Bib. do Liceu de Artes e Ofícios**).

Publicou-se o nº 2 a 23 de fevereiro de 1899, com seis páginas, ostentando a primeira expressivo desenho do navio português "Adamastor" e os dizeres, em tipos fortes: "Honrai a pátria, que a pátria vos contempla" e, abaixo: "Homenagem da Mocidade Portuguesa no Comércio de Pernambuco". Tôda a matéria girou em tórno da primeira viagem do transatlântico ao Brasil, tocando, inicialmente, no Recife. Afora o serviço noticioso do acontecimento, grandemente festejado pela colônia lusitana, a edição inseriu artigos assinados por Joaquim do Carmo Almeida, Celso Vieira, Francisco Pinto, Leandro Oliveira, A. Nogueira e outros intelectuais.

O nº 3 saiu no dia 4 de fevereiro de 1900, igualmente com seis páginas, a primeira delas tendo ao centro, em meio a simbólica ilustração, o soneto "Pátria", de Leandro Lopes de Oliveira. Festejou, enchendo as páginas restantes de matéria alusiva, o terceiro aniversário da fundação do Grêmio.

Findou com o nº 4, de 10 de março de 1901, feito poliantéia em homenagem à memória do Conselheiro Tomaz Ribeiro, cujo retrato figurou de frente, emoldurado por vistosa alegoria litográfica, junto ao soneto "Na morte do poeta", de Francisco Pinto. Inseriu o poema "D. Jaime", do extinto, artigos de Carlos Pôrto Carreiro, Barbosa Viana, Celso Vieira, Oscar Brandão da Rocha e outros (**Bib. Pú. Est.**).

1 8 9 8

O PIPO — **Fôlha Crítica, Satírica e Noticiosa** — Entrou em circulação a 17 de janeiro de 1898, formato de 22x15, com quatro páginas de duas colunas, tendo como redatores: **Luiz Peteca, Zé Trompa e Manuel Trovão**, e escritório instalado à

rua das Cruzes (hoje, Diário de Pernambuco), nº 37. Dizia-se impresso na Tip. d'**O Pipo**. Do expediente: "...sai à rua quando lhe parece".

Lia-se no artigo de apresentação: "Alisando a calva lucente do burguês apatacado, do fidalgo de contrabando, dos pobres de espírito, **O Pipo** (1), cheio de brejeirices, sem deixar escapar **notas** que molestem, vem, dando piparotes na barriga da opinião pública, provocar o riso franco dos que gemem pedindo o pagamento de ordenados em atraso". Mais adiante: "...entrará pelos aposentos altos do govêrno, casa de **orações** onde se fabricam leis, passando pelo teatro que saiu das mãos de um **musiciano** e indo descansar nos bancos da Lingueta, onde os **sinônimos**, bem esfregados, discutem a alta e baixa do câmbio".

Seguiu-se outra apresentação, em versos de sete sílabas, assinada por M. de Queiroz, constituindo-se a matéria restante de notas concisas, anedotas, versos em quadras e sextilhas, tudo redigido em fina verve, com a assinatura de diferentes pseudônimos, inclusive **Yoyô Boêmio**, que era Domingos Magarinos de Sousa Leão.

Saiu o segundo número (2) no dia 23 de janeiro, modificado para "órgão de brejeirices", com escritório "em qualquer banco da Lingueta", sem alterações quanto à boa qualidade da matéria (**Arq. Púb. Est.**).

**ZÉ PEREIRA — Semanário Carnavalesco** — Circulou na primeira semana de fevereiro de 1898, em formato de 32x23, com quatro páginas de três colunas. Dizia-se impresso na Tipografia do Zé Pereira. Preço do exemplar — 100 réis. Abriu o texto a nota a seguir, firmada por José Romão Pereira: "Assumo tôdas as irresponsabilidades editoriais e ineditoriais dêste jornal, em virtude da lei 140, vulgo dos **sete vinténs**".

---

(1) O título **O Pipo** era uma sátira a Pepa Ruiz, principal protagonista da peça "Rio nu", em exibição, no Teatro Santa Isabel, pela Companhia Silva Pinto.

(2) Alfredo de Carvalho, em seu registo dos "Anais", dera o nº 1 como sendo "único".



Bem redigido, repleto de trepações e sátiras maliciosas, a fôlha deu mais duas edições, na segunda e na terceira semanas do referido mês, quase sem nenhuma referência aos festejos do Carnaval (**Arq. Púb. Est.**).

O BEIJA-FLOR — Poliantéia de 16 de fevereiro de 1898, publicou-se em homenagem à cantora Medina de Sousa, primeira dama da Emprêsa Silva Pinto, no dia do festival em seu benefício no Teatro Santa Isabel. Imprimiu-se no Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega ns. 18/22, em papel especial, formato de 32x22, com quatro páginas, assim distribuídas: 1<sup>a</sup> — cabeçalho e retrato da atriz, num desenho de Eduardo Fonseca, em litogravura; 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> — saudações assinadas por Paulo da Silveira, **Theo**, Abelardo, Gaspar Guimarães e Adelino Costa; 4<sup>a</sup> — soneto de Carlos Pôrto Carreiro (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

O ESPANADOR — Órgão do Deus Momo — Editado pelo Clube Misto Espanadores, divulgou “número único”, ano VII (na verdade, ano I), a 20 de fevereiro de 1898, formato de 31x21, com quatro páginas a três colunas de composição. Apresentou matéria leve, em prosa e verso, inclusive sob os títulos “Espanando o mundo”, “Coisas que fazem rir”, “Espanadelas”, “Coisas que merecem ser espanadas”, etc., tudo assinado com pseudônimos.

Só voltou a aparecer outro “número único” em 1903, ano XIII, datado de 22/23/24 de fevereiro, ligeiramente acrescido o formato, igualmente contendo quatro páginas. Boa matéria satírico-humorístico-carnavalesca, assinada por Júlio Ortigão, Luiz Malheiros, Lulu Treloso, Lulu Folgazão, Lu Mascote, Virus, Matuto, O Curioso, etc. (**Bib. do Inst. Arq.**).

O VASCULHADOR — Órgão do Clube Carnavalesco Velhos Vasculhadores — Circulou feito “número único”, ano I, a 20 de fevereiro de 1898, formato de 34x20, com quatro páginas de três colunas, bem impresso e bem redigido.

Dizia-se um “verdadeiro quebra-louças”, a “ninguém regateando o gôsto dumas expansivas gargalhadas”.

Divulgou interessante matéria, quase nada em versos, a par do itinerário do desfile do Clube, nos três dias do Carna-

val, e os nomes dos componentes da diretoria, presidida por Salustiano Dias Cabral.

Outro “Nº Único”, ano II, publicou-se a 12 de fevereiro de 1899, incluindo a colaboração de **Simão, Tenório e Narciso**.

Continuou, cada ano, com as seguintes edições: 1900 — 25 de fevereiro; 1901 — 17 de fevereiro; 1902 — 9 de fevereiro; 1903 — 22/23/24 de fevereiro; 1904 — 14/15/16 de fevereiro. Este último, impresso na oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador, nº 47, teve a colaboração de **Gil Minhoca, Fra Meireles, Zamparino** (transcrição) e outros. Tôdas, enfim, bem colaboradas, à base de sátira, humorismo e trepações carnavalescas.

Nada constando sôbre 1905 e 1906, circulou no Carnaval de 1907, a 10 de fevereiro, conforme notícia do **Diário de Pernambuco**.

Reapareceu o **Vasculhador**, datado de 1/2/3 de março de 1908, transformado em revista, com doze páginas, inclusive a capa, esta em papel de côr, trabalhada em vinhetas. Na página de rosto, grande retrato do sócio benemérito Joaquim Rodrigues da Fonseca. “Número de luxo”, registou: ano XIII (?) Redator-chefe: **Dr. T. Grande**. Abaixo do cabeçalho do texto, figuraram as duas quadras a seguir, também insertas na capa, assinadas, respectivamente, por **Lulu Denoso e Gregório Júnior**:

“Haja alegria, surprêsa,  
Haja suprema alegria,  
Rasgue-se, pois, a máscara  
Da maldita hipocrisia”.

“Fala-se em crise na praça  
E a choradeira é geral:  
Entretanto, a gente passa  
Divertindo o Carnaval”.

Inseriu versinhos e notas humorísticas ligeiras, inclusive assinadas por **Lourival Júnior, Gondim, Invisível, Gil Lima, Lelo e K. Louro**. Mas a metade das páginas era composta de reclamos comerciais.

O constante órgão do Clube Carnavalesco Vasculhadores voltou, em edição normal de quatro páginas, a 21 de fevereiro de 1909. Outros colaboradores: **Arlequim, Raio X, Máscara Amarela, K. Aldas, Balduino**, etc.

A edição do Carnaval de 1910 (por engano tipográfico saiu: 1909) teve seis páginas, com alegoria, em zincogravura, na primeira. Apareceram, então, como na subsequente, de 26 de fevereiro de 1911, prosa e verso de Martins Filho, Monte Sobrinho, Agrício Brasil, Benjamin Silva, Joaquim de Oliveira, etc.

Manteve-se o padrão d'**O Vasculhador** no Carnaval de 1912, publicado a 18 de fevereiro. No ano seguinte saiu datado de 1/2/3 de fevereiro, incluindo versos de **Sem** (Armando Oliveira), **Vieirinha, Pipi** e outros.

Em 1914 apareceu a 22/23/24 de fevereiro, impresso na tipografia d'**O Tempo**, situada à rua do Imperador, nº 39. Formato maior, de quatro colunas e quatro páginas. Colaboradores novamente diferentes, tais como: **Petu, Dominó, Máscara Azul, Pierrot, Nolido** (Odilon Vidal de Araújo), J. Constantino, etc.

Ainda publicou-se **O Vasculhador**, como "Nº Único", ano XVIII (?), a 14/15/16 de fevereiro de 1915, nas mesmas condições, incluindo colaboração satírico-humorístico-carnavalesca de **Romeu do Val, Matusalém, A. Sousa, Áureo d'Alvorada, Nolido, Odidnac, Cha-Gaz** (Chagas Ribeiro) e outros. (Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.) (1).

O órgão do Clube Vasculhadores ainda circulou no Carnaval de 1917, a 18 de fevereiro, e no de 1920, a 15 de fevereiro, este último registado, na mesma data, pelo diário **O Intransigente**.

**O ORIENTE — Periódico de Propaganda Maçônica e Idéias Liberais** — Entrou em circulação a 7 de março de 1898, para publicar-se "tôdas as segundas-feiras", obedecendo ao formato de 52x36, com quatro páginas de seis colunas. Re-

---

(1) Coleções desfalcadas, quer numa, quer na outra biblioteca.

dador principal — Bacharel J. M. Carneiro Vilela. Condições de assinatura: por ano — 12\$000; seis meses — 6\$000; fora da capital: ano — 14\$000; pagamento adiantado. Avulso — \$200. Escritório e redação à rua da Madre de Deus, n° 34, 1° andar, sendo impresso na Tipografia Melo, à rua do Bom Jesus, n° 56, e, a partir do n° 4, na oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador, n° 47.

Em longa apresentação, o articulista focalizou as be-nesses da “Sublime Instituição Maçônica”, frisando: “É pois, neste exercício de apóstolos da humanidade, nesta cruzada de missionários do bem, nesta falange heróica, triunfante e vitoriosa até hoje, de defensores das doutrinas verdadeiramente cristãs de liberdade, de igualdade e de fraternidade, que **O Oriente** vem alistar-se como um humilde soldado, sem mira interesseira em recompensas humanas ou celestes, mas somente por amor do seu dever”.

Farto de matéria especializada, entre comentários, noticiário e transcrições, com uma página de anúncios, logo na edição de estréia iniciaram-se: o folhetim “Cartas à minha prima”, só a partir do n° 4 assinadas por **Araguaia** e constituídas de ensinamentos morais; “Ditos Alegres” e a “História dos Papas”, escrevendo **A. X.** sobre o tema “Intolerância Religiosa”.

Na n°4 começavam as “Cartas abertas”, de **Erasmus** (substituído, no oitavo mês, por **Frei Fulgêncio da Encarnação**); depois veio, em longa série, a “História da Reforma”; e mais: “Definições da Maçonaria”, “Curiosidades”; colaboração de Afonso Duarte de Barros sobre o **Espiritismo**, **Paulo Vero** e outros.

A partir de 18 de julho, assumia o rodapé Carneiro Vilela, com a série “A Igreja em ruínas” e, no fim do mês seguinte, **V** começava a escrever sob o título “O Divórcio”, defendendo sua objetividade. Enquanto isto, cada edição trazia, ao alto da segunda página, em coluna dupla, um soneto, ora original de Bianor de Oliveira, Aristeu de Andrade, Sílvio Campos e outros, ora por transcrição.

Do n° 32 (15 de outubro) em diante, com a cessão de direitos do proprietário e redator Antônio Nunes Ferreira Coimbra, **O Oriente** passou a ser “órgão da Maçonaria Pernambucana — Sob a responsabilidade das Lojas do Estado”. E a publicação tornou-se trimensal, saindo nos dias 5, 10 e

15, ao passo que se transferia a redação para a rua Estreita do Rosário, nº 15, 1º andar. Na edição seguinte tinham início os folhetins de **Celestino de Pèdiabos**.

Terminando o ano, a edição de 25 de dezembro augurou Boas Festas de Natal e de Ano Nôvo aos leitores.

Prosseguindo em 1899, escreveu a redação no nº 40, de 15 de janeiro, ao encerrar extenso editorial de saudação ao ano: "Imprensa, maçons e público, façamos uma só cadeia de união, e o bem triunfará; a Liberdade esmagará todos os despotismos; a Igualdade extinguirá todos os privilégios; a Fraternidade apagará todos os ódios".

Com a colaboração, inclusive, de **Morus** (sôbre o Jesuitismo e outros temas); Olinto Victor, **Demon**, **Luiz Fedeli**, padre Guilherme Dias, L. Lavenere, Augusto José da Silva, Joaquim S. de Azevedo Pimentel, **Leão Coroado** (correspondência de Nazaré da Mata) e outros, **O Oriente** primou pela crítica sistemática aos erros do Clero, denunciando desvios morais de padres, ocorressem dentro ou fora do país. E atingiu o ano de 1900, com o nº 74, de 5 de janeiro.

Já o escritório e redação haviam sido transferidos para a Travessa da Carioca, nº 7, 1º andar, e a impressão passara a fazer-se na oficina da **Gazeta da Tarde**, à rua Duque de Caxias, nº 31. Antônio N. F. Coimbra ficou trabalhando no escritório, junto a Antônio de Melo Costa Oliveira, êste encarregado da cobrança, depois substituído por Jesuíno Correia. A partir de 12 de março, o redator principal, Carneiro Vilela, aparecia, no cabeçalho, também, como gerente, e o preço do exemplar aumentava para \$300. Depois, lia-se, no expediente, que só concorriam pecuniariamente, para as despesas de confecção d' **O Oriente**, as seguintes lojas: Cavaleiro da Cruz, Luzeiro da Verdade, Obreiros do Porvir, Filotínia e Pelicano.

Prolongou-se sua existência, pelo menos, até o nº 103, de 25 de outubro de 1900 (1) (Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.). (2).

---

(1) No seu registo dos "Anais", Alfredo de Carvalho referiu-se, apenas, ao primeiro número d'**O Oriente**.

(2) Boa coleção possui o Arquivo Público Estadual, mas só até o nº 94. A Biblioteca Pública do Estado guarda, apenas, números esparsos do último ano.

O EZEQUIEL — Poliantéia em homenagem ao intelectual e artista gráfico João Ezequiel (1), por motivo do seu aniversário natalício, circulou no dia 10 de abril de 1898, formato de 27x18 1/2, com quatro páginas nitidamente impressas em papel couché cartolinado, cobertas com pó dourado.

A primeira página, a par do excelente desenho do cabeçalho, constou de litogravura (trabalho de Eduardo Fonseca) reproduzindo, em miniatura, uma primeira página d'A União (o órgão regular da classe), com fotografia do aniversariante, completando-a os dizeres: "Salve! 10 de Abril de 1898 — Homenagem dos companheiros de trabalho — Honra ao trabalho".

No breve editorial da segunda página, ilustrado com minúscula gravura de Guttenberg, lia-se: "...nós que te contemplamos como um dos exemplos de nossa classe, nós que muito e muito esperamos em ti, reservamos-te êste jornal, como prova de nosso afeto e cumprimos-te pelo dia de hoje".

A parte restante da poliantéia inseriu saudações ao homenageado, em poucas linhas, assinadas pelos seus companheiros de classe (Bib. Púb. Est.).

A CANALHA — Órgão do Proletariado — Formato grande, de cinco colunas, com quatro páginas de bom papel, entrou em circulação a 1º de maio de 1898. Redator responsável: Leônidas de Oliveira. Trazia sob o título o lema: "Proletários de todos os países, uni-vos!"

Teve como objetivo comemorar a data (1 A), segundo o artigo de apresentação, que adiantou: "A Canalha não tem dia, semana ou mês para aparecer; virá à luz da publicidade

---

(1) A propósito, escreveu O Socialista, edição de 8 de maio de 1898: "O Ezequiel, antes de tudo, é um denodado propagandista das modernas teorias sociais, nascidas lá fora e... talvez o primeiro que tem sabido convencer, estreitar, unir cérebros e corações para a luta poderosa em que todos os proletários se empenham e para a qual concorrem, ao menos, com o seu contingente de queixas e desilusões".

(1 A) A iniciativa da instituição do Dia do Trabalho partiu do Congresso das Classes Laboriosas, reunido em Paris, no ano de 1889.

quando se fizer preciso, assim como não receberá colaboração de ninguém. A redação compõe-se de número suficiente de escritores para mantê-lo na órbita de seu programa”.

Consagrado “unicamente à propaganda de assuntos sociais, tendo por ideal o bem da humanidade”, estaria ao lado do fraco, “do desvalido, sôbre o qual pesa sempre o indiferentismo das classes poderosas, por efeito do metal ou pela força da autoridade constituída, em virtude de leis decretadas ao talante dos que dominam. O homem do trabalho terá n’A **Canalha** a alavanca que o defenderá dos golpes perseguidores do capital, reclamando as garantias a que tem direito”.

Teve a colaboração de Armando César, Emílio Barradas, Julião dos Santos, **Fortunato de Paula** (pseudônimo de Ernesto de Paula Santos), **F. Blasco**, **Luiz do Vale**, **Thamson**, **Gavvani** e **Valério**, incluindo-se, nesses trabalhos, temas socialistas e Literatura, inclusive poesias. Nenhum anúncio.

O segundo número saiu a 13 de maio, o formato reduzido para três colunas de 16 cíceros. Junto a alguns dos nomes anteriores, divulgou produções de **Sertório** e **Kropotkine** (**Bib. Púb. Est.**).

O terceiro e provávelmente último número saiu a 14 de julho (2).

O **SOCIALISTA** — **Órgão do Centro Social do Estado de Pernambuco** — Deu à luz o primeiro número a 8 de maio de 1898, formato de 32x22, com quatro páginas. Impresso no Atelier Miranda, montou redação à rua de São João, nº 5, pretendendo cobrar 5\$000 por assinatura anual ou 3\$000 pela semestral. Redatores: Caitano de Almeida Andrade, João Ezequiel de Oliveira Luz, Eustáquio Gil, Araújo Patriciro e José Monteiro.

Publicara-se, segundo o artigo-programa, “em benefício das classes conservadoras”, adiantando: “...procuraremos ativar a queda, o desmoronamento da velha sociedade podre e corrompida, queda tanto mais inevitável quanto será efei-

---

(2) Não existe comprovante do nº 3, mencionado nos “Anais”.

to da evolução” (1). Isento de partidarismo, lutaria “estribado unicamente na Razão e no Direito”.

Além de artigos assinados pelos redatores e alguma poesia, a edição divulgou “Os dez mandamentos socialistas” (Bib. Púb. Est.).

Não restam outros comprovantes d’O Socialista, mas deve ter continuado a publicar-se; tanto que, o **Diário de Pernambuco**, de 30 de julho, divulgou uma comunicação de Caitano de Andrade, segundo a qual, tendo êle de retirar-se para o município de Rio Formoso, assumiria a direção, na sua ausência, o redator João Ezequiel.

O JETTATORE — Circulou êsse “espirituoso livro de sortes”, prometendo “alcançar verdadeiro sucesso nas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro” (**Diário de Pernambuco**, 11/6/1898).

O JANOTA — Segundo livro de sortes do ano, teve lição-apresentação, sendo “escrito com muita verve, como sempre sucede com os livros de **Maurício de Queiroz**” (**A Cidade**, 18/5/1898).

Muito procurado pelos leitores, viu-se-lhe esgotada a primeira tiragem, dando, por isso, uma segunda edição, conforme o **Diário de Pernambuco**, de 21 de junho.

O PACHOLA — Redigido por **Serafim Mimoso** (pseudônimo de Euniciano Ribeiro), entrou em circulação, prometendo quatro prêmios em dinheiro e dois bilhetes de loteria. Encerrava, ao que noticiou o **Diário de Pernambuco**, de 27 de maio de 1898, “além de grande número de sortes bem feitas, uma variada e atraente parte literária”.

O ACICATE — “. . . tem boas produções literárias, ótima parte recreativa, sem falar das sortes, que são deveras excelentes” (**Diário de Pernambuco**, 27/5/1898).

---

(1) Comentando o aparecimento d’O Socialista, escreveu T. F. (Teotônio Freire), na sua crônica diária “De alto a baixo”, inserta no **Commercio de Pernambuco**, de 10 de maio de 1898: “. . . o jornal em questão é somente temível pelo nome; no mais, não; apresentou-se até corretamente vestido, cumprimentando o público em um salamaleque fino e cortês, prometendo tratar das questões que se ligam aos interesses da classe que representa, no que está, confessemos-lo, no seu direito”.



# REVISTA DAS ARTES

A FAVORITIZADA AACTRIZ

**D. Lucinda Furtado Coelho**

POR OCCASÃO DE SUA FESTA ARTISTICA

**NO THEATRO SANTA IZABEL**

Se é pouco o nosso tributo,  
Singela a nossa homenagem,  
E' que nos falta a coragem,  
Que nos fallece a razão.

Em meio d'esse delirio  
De palmas electrizantes,  
De *bravos* altisonantes  
De flores em profuzão!

Por isso damos-te apenas  
—Lembranca pobre, mas bella!—  
Tosa grinalda singela  
Das flores do coração

Recife — Julho 2 — 86

*F. Paula Majra*

EMPREGARDO DA "REVISTA"

# O NORMALISTA

PROPRIEDADE DO RECREIO LITTERARIO DOS NORMALISTAS

Sob a direcção dos Srs. A. Miranda, A. Pradines, M. dos Reis,

A. Braz, J. Damasceno.

## O Normalista

Recife 15 de Agosto de 1882

Cada dia que marca o anno, escreve a historia uma data gloriosa para esta esperançosa provincia de Pernambuco.

Ella que, em si encerra os dotes mais que necessarios, para dominar uma parte desta tão sublimo, quão desventurado Brazil; é sem lizonja alguma a menos protegida de tudo e de todos.

Porém, considerarão os seus mais dilectos filhos no progresso, pela iniciativa individual; e ellos que não temem os abalhos, e marcham em passos sublimes em prol da sciencia, em prol dos seus direitos.

E por isso que avancamos a dizer que cada dia que marca o anno é uma data gloriosa para esta provincia.

Sim! ali tendes 11 de Agosto, que em si encerra duas e sem duvida as mais importantes Faculdades de Direito, e Propagadora da Instrucção, e os resultados nos tem provado, o quanto tem sido útil, e elevado os seus serviços. — 6 de Julho — Escola Normal da dita não menos importante para nós, assim 15 de Agosto, 21 de Novembro, 27 de Janeiro, e as mais que seria em ladinho enumerar-as.

E todo isso, o que nos prova? É que na marcha da civilisação, tudo se eleva e todos se exaltam na conquista do tão sublimo ideal.

A idea é gigante, e para conquistal-a, cada dia retemem-se moços esperançosos, a formarem sociedades procurando o melhor meio de marcharem na luta proficua que encetaram (a luta da Instrucção).

Ali tendes, as pequenas folhas sob suas direcções, conferencias publicas, discussões de theses, sessões litterarias, aulas, Bibliothecas etc. tudo isto provando ao mundo a civilisação que nós filhos de valerosos cidadãos pelas armas, no campo da batalha, rafforzamo-nos por ser valorosos pelas letras, no campo da sciencia.

A Redacção.

## A EDUCAÇÃO

Ce n'est pas tout que de donner à tre à un enfant, il faut le lui conserver; ce n'est pas tout que de conserver l'etre à un enfant, il faut par la culture et l'exercice, développer toutes ses facultés, l'élever en un mot à toute la perfection que comporte sa nature. Tels sont les devoirs des parents et tel est l'objet de l'éducation.

Chauvet

A educação é a base de toda a civilisação e tambem a do aperfeiçoamento do homem e sendo assim devemos dirigir o menino desde sua mais tenra idade, acostumal-o a proceder de conformidade com os preceitos da mais elevada moral.

Na verdade não ha cousa mais importante do que avisar logo os meninos a reflectir sobre os deveres de sua condicção, e sobre a obrigação que tem de conformar-se com as leis da sociedade, da qual deverão ser um dia membros uteis e charos. A educação só tem por objecto fazer conhecer aos homens o modo pelo qual devem obrar em todos os estados de sua vida, como governantes, como governados, como parentes, como amigos etc; a educação não é mais do que a moral apresentada aos homens desde seus primeiros dias para lhes fazer conhecer os seus deveres para comigo, para com seus semelhantes e para com Deus, e por mais varios que possa ser estes deveres uma educação ensinar a mesma moral a todos os homens em todos os estados de sua vida, fálhes-ha sentir a necessidade que tem de serem fiéis as suas obrigações, de serem justos e benéficos, para com todos; por isso que os deveres do homem reduzem-se a justiça em todos os aspectos. A educação deve ter por fim habituar os homens a reputar desde a infancia as paixões que são contrarias a seus deveres, a sua felicidade e a dos outros, e fálhes-ha conhecer os motivos que a devem determinar.

Dizem muitos que os Spartanos mostravão a

# MEPHISTOPHELES

PERIODICO SEMANARIO

TRIMESTRE 1500  
SESTRE 3000  
ANNO 5000



# A BARONEZA RABUGENTA

PERIÓDICO CRÍTICO, NOTICIOSO E JOCO SÉRIO  
 PROPRIETÁRIO — RAYMUNDO B. RAMOS DA SILVEIRA

Passeto todos os sextas-feiras. Todos os negócios commigo serão com o meu typographo, que para isto está autorisado. Vendo me a 40 réis.

## BARONEZA RABUGENTA

Recife, 9 de Novembro de 1883.

### TELEGRAMMA IMPORTANTE.

Recebi um importante telegramma no dia 26, justamente quando sahi a rua na ultima vez, no qual o meu *Seuhor* mandou-me chamar, dizendo que fosse preparada para demorar-me alguns dias com elle, para saborearmos os bellos scapi-pes comprados com o productos do suor e das fadigas do povo.

Eu como serva diante de um chamado da magestade não podia deixar de cumprir o.

Sem a menor demora, apenas recebi a ordem, expedi um telegramma ao meu aeronauta Julio Cezar, dizendo-lhe que sem demora fizesse chegar o seu balão aerostatico á porta de minha choupana.

Eram onze horas e 48 minutos da noite do me-mo dia 26, quando eu ouvia um grande rumor na porta de minha morada.

Já estava descançando no meu leito, levantei-me, abri a porta, e encontrei o balão, que era chegado.

Não tive duvida. Tomei os meus

alfarrabios, hotei a minha coleira de *Baroneza* no pescoço, dei as minhas ordens aos meus famulos, e dirigi-me para tomar o balão sem mais preambulo.

Mas, quando vou sahindo, sou interrompida por um individuo vestido de croi-e, que entregou-me um papel, perguntando se eu era a *Baroneza Rabugenta*.

Fiz meia volta e entrei, abri o bilhete e li, era um telegramma nos seguintes termos:

*Baroneza*. Hontem assassina-ram, á luz do dia, quasi junto á secretaria da policia do Rio de Janeiro, o proprietario do *Corario*, Apulco de Castro, intrepido typographo, cuja victima acabou de exalar o ultimo suspiro dentro da secretaria da mesma policia, salpicando de sangue os ricos tapetes.

Avaliem os leitores como eu não havia de ficar com semelhante noticia, na hora que tinha de embarcar no balão e ir para o lugar do assassinato, afim de cumprir o chamado de meu monarcha!

Confesso, não tenho vergonha de dizer, desculpem-me os meus onvintes, borrei-me toda de tal maneira, que, quanto mais eu queria suspender a diarrheá, mais a

# HOMENS E LETTRAS

## REVISTA LITTERARIA

Abril

Numero 1

1888

### Dr. Tobias

Com toda justiça a primeira pagina do primeiro numero dos *Homens e Lettras* consagrado ao Dr. Tobias Barreto de Menezes.

Mas consagrando a presente pagina ao illustre litterato, o fim dos *Homens e Lettras* não e entrar em detalhes sobre a obra litteraria do grande escriptor; mas simplesmente prestar a devida homenagem ao regenerador da litteratura brasileira.

Com effeito, Tobias Barreto e a individualidade, que mais influencia tem exercido no movimento intellectual e litterario do Brazil.

Devido exclusivamente a coragem e a ousadia de Tobias Barreto e que os moços da podem fallar em umas tantas cousas, ainda ha bem pouco tempo, consideradas faltas graves.

Não falta quem considere Tobias Barreto uma summiidade, mas uma summiidade, que age pouco.

Esta apreciação falsa parte de espiritos mediocres que, não tendo coragem para atacar o gigante, votam-lhe, entretanto, antipathia.

Para aquelles que avaliam a influencia, que uma personalidade exerce sobre o desenvolvimento intellectual de um povo pelo numero de livros que publica, Tobias Barreto tem produzido pouco; mas para aquelles que medem a influencia pelo proveito real ou pela victoria final, o illustre professor e uma summiidade, que age, e que deve ser reconhecida assim.

Com effeito, Tobias Barreto e a individualidade, que mais influencia tem exercido no movimento intellectual e litterario do Brazil.

Devido exclusivamente a coragem e a ousadia de Tobias Barreto e que os moços da podem fallar em umas tantas cousas, ainda ha bem pouco tempo, consideradas faltas graves.

Não falta quem considere Tobias Barreto uma summiidade, mas uma summiidade, que age pouco.

Esta apreciação falsa parte de espiritos mediocres que, não tendo coragem para atacar o gigante, votam-lhe, entretanto, antipathia.

Como: mas com o seu temperamento intellectual, ao mesmo tempo lucido e altivo, não ficou parado, to diante, muito tempo.

Felizmente os moços comprehendendo todo o valor desta extraordinaria força intellectual tão rebelde quanto illuminadora. Com estes Tobias Barreto não tem perdido o seu tempo: a boa grã, que lançou aos quatro ventos, vai produzindo as mais bellas colheitas.

Mas alem de uma intelligencia privilegiada a descobrir novos mundos, Tobias Barreto possui um

regenerador da nossa litteratura nunca procurou formar adeptos, escreve sem tembrar-se do publico, podendo dizer com Taine:

Je fais deux parts de moi-meme: l'homme ordinaire qui bouit, qui mange, qui trait ses affaires, qui evite d'être nuisible. Je laisse cet homme à la porte. Qu'il ait des opinions, une conduite, de chapeaux et des gants comme le public, cela regarde le public. L'autre homme, à qui je permet l'accès de la philosophie ne fait que ce que le public existe.

Tobias Barreto diz o que pensa e o que sente, sem condição, sem reservas, cobardado e a despeito de tudo: e o que pode charmar-se a prohibidade, a sinceridade em litteratura.

Alem de pouco, Tobias Barreto e o mais tolestante dos pensadores: se critica e para impedir ideas e assegurar-lhes uma victoria final.

Em nenhum de seus trabalhos encontra-se a pretensão de fazer escola: o que move a sua penna e a necessidade que sente a sua natureza superior e independente de livrar-se das convenções correntes e expiar um mais largo supro de sciencia, de philosophia e de poesia.

A sua vida e o seu trabalho de desillusão e a sua com a esperanza de illuminação: elle mesmo ja disse que a coherencia consiste menos em adquirir conhecimentos, mais em desmascarar falsas ilusões.

Dr. Tobias Barreto de Menezes nasceu em 1842, em São Paulo, e falleceu em 1883, em Rio de Janeiro. Foi um dos mais importantes litteratos e philosophos do Brazil.

Com effeito, Tobias Barreto e a individualidade, que mais influencia tem exercido no movimento intellectual e litterario do Brazil.

Devido exclusivamente a coragem e a ousadia de Tobias Barreto e que os moços da podem fallar em umas tantas cousas, ainda ha bem pouco tempo, consideradas faltas graves.

Não falta quem considere Tobias Barreto uma summiidade, mas uma summiidade, que age pouco.



Com effeito, Tobias Barreto e a individualidade, que mais influencia tem exercido no movimento intellectual e litterario do Brazil.

Devido exclusivamente a coragem e a ousadia de Tobias Barreto e que os moços da podem fallar em umas tantas cousas, ainda ha bem pouco tempo, consideradas faltas graves.

Não falta quem considere Tobias Barreto uma summiidade, mas uma summiidade, que age pouco.

Esta apreciação falsa parte de espiritos mediocres que, não tendo coragem para atacar o gigante, votam-lhe, entretanto, antipathia.

# MARTINS JUNIOR

## TRIBUTO AO MERITO

### SALVE I

Poeta, que vibraste os visionarios cantos  
Da liberdade patria, tocou as esperanças  
Dasvas a quem ch'rasse amargurados prantos;

E que firmaste assim as santas alianças  
Das eras do passado aos tempos do presente,  
E, depois de lutar, o teu sonhar alcanças;

Mestre, que sacia-te a larga sede ardente  
Dos raios da luz, dos filhos da sciencia,  
— A sede de saber, tantalica, inclemente;

Doutrinário, que o verbo, a pena, a intelligencia,  
Fazeste sempre agir em pro da causa justa,  
— A causa da egualdade, á luz da consciencia;

Inviecto cidadão, alma de fé robusta,  
Que nunca te curaste e foste sempre o forte  
Combatente da idea, — a grande idea augusta;

Gloria da Academia, — invalida p'ra a Corte,  
Que colocou teu direito, — agora, que alcançaste  
Justiça para ti, plenissima; a coborte

Das escolas, que, estudando a lei que tu firmaste  
Por sobre o arruinar dos edificios velhos,  
Attendem que o nome do n.º jernismo alçaste;

Elles fazem de ti — seus santos Evangelhos,  
No teu amor á patria, ás letras, ao civismo,  
De que se nutre sempre o detensor! De pechos,

Se reconhecerdes a lei do altruismo,  
Que se, que o teu nome, arrancaste á cova,  
Fazestes a lei — o jernismo!

Que se, que o teu nome, arrancaste á cova,  
Fazestes a lei — o jernismo!

# A LANCETA

AVULSO 40 REIS

## A LANCETA

Recife 2 de Abril de 1890

### A Constituinte

O Sr. ministro da Justiça, espantando e gente relinchiador do burrismo petrolante, pelos campos sem fim do amor próprio balofa, attribuindo a S. Paulo todas as grandes conquistas do povo brasileiro, a um banquete politico protestou a meio algumas palavras acrias do governo provisorio.

Destas palavras vagas e impenetraveis quasi como uma espinga, que não tem nenhuma transparencia pela qual se possa ver o outro lado, a plantasia creante d'alguns jornalistas tem tirado ensinamentos para artigos pomposos de considerações a respeito da Constituinte.

Sobre este assumpto, o Sr. Ulysses Vianna, que desde 13 de Novembro anda pisando em ovos, fallando entre dentes, atrisou-se a discurrir largamente no *Journal de Recife*, mas não sem que tivesse a subtilidade de não dizer coisa alguma, de não dar sua opinião, tendo apenas escripto um artigo a que com muita propriedade se pode applicar a phrase de Hamlet: *Words, words, words.*

O lettrado redactor do Journal, com uma grande illustração da litteratura antiga de Laramose e da politica moderna do *Journal de Viena*, não teve a minima de aclarar nos affirmando sua opinião sobre a hypothese.

At que ficamos sabendo e que o governo pretendo fallar no seu comitissimo jornal com a nação, isto é, de não dar o dito por não dito a cerca da constituinte convocada.

Que se por em pratica o systema dos plebiscitos, conserendo a Constituinte e depois reunindo o povo para aprovar. Mas isto não tem nenhuma originalidade, e a copia fiel do que fez o nosso Imperador, alias ja depois de ter comprehendido que no sena da assemblea votava se alimentando a aranha.

Além d'isso o systema dos plebiscitos está condemnado na França republicana porque sem dous períodos de duas semanas de tempo que da 1ª vez comece no polo de Moscou e da 2ª segua-se o combinamento do M. X. e abau ficando a sua victima ao capital.

Na duas vezes trouxe o imperio com o respeito a um sado estrangeiro.

O governo tem em vista dar nos a carta constitucional como uma estatua fallada por mão de mestre no bloco de granito, fria, amovida, modelar sem as convulsões de uma assembleia popular.

Ainda como o esculptor que depois de completo o seu trabalho sugenta a opinião de um jury e o colloca em exposição em lugar proprio, assim o governo quer supantar a sua Constituinte a proprio gosto do povo.

Mas, por Deus! todos estão vendo que isto é uma engazopadella, um modo facil de arrolhar o povo, abrindo a porta das mentiras conveniennas e das taticas ficadas resultantes por onde no futuro passarão as encurruadas dos escandalos.

No Sena se pode por em pratica o systema dos plebiscitos porque allou com annos de moralidade politica e administrativa o povo ja approvou a governar-se, mas no Brazil, esse e impensavel, não todos os pontos de vista, e principalmente por que em mil milhões de habitantes não ha vinte mil com as habilitações precisas para julgar o mais Constituinte.

Neste pais de analfabetos que não sabem ler e analfabetos lechreschales e conturbados, o systema dos plebiscitos e uma comedia que pode trazer comto bem a scena a fracção da 2 de Dezembro na França.



Contestação

O Sr. Dr. Paes Barreto de Iguaçu, ex conselheiro e ex hilral, que nos últimos dias da monarchia estava absterendo um lugar no Consulado, e actual republiano de quatro costados, entrou com certa em P. Camera e Talentosa nas suas viagens de viagens veio a campo da impugnação contestar em nome de a maioria que detra o Dr. Amabal affirmando que o Dr. Amabal fora a Iguaçu e abast. uma com. tenca. certo

corrente. Assim o telegrama em que o correspondente do *Diario de Pernambuco* deu a ser houve escripturas por falta de quorum.

Su aquelle illustração fallando de plebiscito seria que de se fosse de semelhante comitissos, para a qual fora a Sr. Commendador Amabal, nome a Sr. Napoleão Duarte se abarant com o p. caso de sublevar.

O Sr. Paes Barreto e o correspondente o homem fallado para a situação.

O Dr. Amabal não ha tido a mesma fortuna no Iguaçu, mas a situação não sempre bem informada, e a atenção do plebiscito com alguma sorte de leniência, mas a *Espresso* foi avizenda por falta do proprio partido do Sr. Amabal, mas o correspondente do *Diario de Viena* que esteve nos plebiscitos no Brazilismo passou no mesmo modo de despacho telegraphico para aquelle jornal.

Além d'isso o Dr. Amabal fallou e se limitou de contestar a noticia de pes de Viagem, sendo alias a pessoa tocas no caso.

Entretanto vem agora o Sr. Paes Barreto para prestar serviços, contesta a que outros entenderam de bem visto no contestar.

O Sr. Paes Barreto quer naturalmente parecer, e a esse intuito não se impoz de servir se do modo de servir, da carta ou da rede de araste.

Tudo lhe serve. Tomamos a liberdade de aproveitar a bella occasião que temos para dizer a S. S. que não tem com *traha* nada no pais.

O proprio Dr. Amabal e o proprio a denunciou da *lança*.



Um cumulo

O Padre Pedro da Paróquia de Pava, ex pro parochus de parochia Panellas e ex pastor da parochia de Frequentes, deu a sua vida com uma pedra da *lança* do Comendador Paes Barreto, com o tempo das parochias.

# REVISTA DE INSTRUÇÃO PÚBLICA

100

ESTADO DE PERNAMBUCO

REDAÇÃO: Rua da Instrução Pública, ex. Edifício do Instituto Histórico e Geográfico, ex. Escola Normal, da Propriedade de Engenheiro e Inspectores de Hygiene

Enviada pela Legação Geral Italiana

JOÃO RAFAEL REQUEIRA COSTA

CAPITAL E RECEITAS

Trimestral	2000
Semestral	4000
Anual	8000

COMPETE AO INSPECTOR GERAL:

Provisões sobre a publicação de seus boletins mensal, em que se publicam os jornais informativos e o relatório do progresso da instrução. Art. 11 § 2º do Reg. de 30 de Julho de 1906

*Neglecta Juvenalis disciplina facit republicae detrimentum*  
-- ARISTOTELIS

ASSIGNATURA

INTERIOR

Trimestral	1500
Semestral	3000
Anual	6000

ANNO II

RECIPRO, 15 DE FEVEREIRO DE 1909

NUMERO 4

## Instrução Pública

Diz-se que o ensino primário entre nós é insufficiente e sem methodo.

Esta é uma que não discutamos, e mostra o principal defeito do ensino primário que a educação actual não se funda em bases e fundamentos *de fato* que, perguntaremos:

- Que educação physica é ministrada em nossas escolas?
- Que exercícios gymnasticos fazem os alumnos?
- Que ensinamentos cívicos e religiosos se lhe impartem?
- Qual a graduação existente no ensino primário?
- Que differença de plano organico, segundo a natureza e o progresso das legiões, se nota em nas escolas estaduais?

Quando a escola se observa, e elle não existe absolutamente, com o mesmo sem progressos.

Escola se no papel e consignação de exercícios manuaes nos organogramas de instrução primária.

Os jogos infantis, os movimentos graduados, os exercícios manuaes, os militares, a alibionia, e até a simples e rudimentar educação dos sentidos -- tudo isso tem merecido (de quem de de) o mais soberano e criminoso desprezo.

E tal o estado, em que nos achamos, de ver em nome de uma instrução mais ou menos facilitada, e mais ou menos barata, que nos parece um sonho a instituição da educação physica no ensino publico primário.

A ausência de matriculas, theoreticalmente estudadas, e o total desconhecimento das superficialidades e totales, com que se livram os alunos, tem feito do Brazil um paiz de sentimentalistas e de idealistas. A nossa raça, uma raça de paupers e gasta, que se habilitou para dar aprego apenas a celebridade, lucrando nos em o espirito a idéa de que a educação de letras, os homens *famulos*, são os merecedores de nossa educação e os dignos de dirigi-los os destinos da nação.

A idéa falsa concebera-se contra idéa falsíssima: -- a de que a educação é a inteligência somente o homem que a busca, dele, e de seus ensinamentos faz um meio de subsistencia.

As idéas dos *Intellectuales* excluem-se os artistas, os profissionais, os agricultores, e até mesmo, os produtores de instrução primária!

Porque a falta de educação physica faz o homem que se dedica ao homem, que ao exercicio de um profissão ou a um commercio, não se funda em bases musculares, tornando-se um animal humano.

Porque a ausência de educação physica traz a incapacidade da educação profissional e a nobilitação sem dos arts e offitinas e especulativas.

Porque a educação physica é a base do homem que se tem direito de ser, para a educação humana que o contempla.

Porque os grandes homens devem os alumnos, ministrados, em que se fazem os interesses da nação e da politica, que envolve a vida e a honra do paiz, e de seus cidadãos que quer

seculares no sentido de crearem uma atmosfera moral para os seus educandos.

Que pode a palavra *traca* do mestre, que na escola sempre inculca a educação moral ao ultimo de seus discipulos, se o mestre corruptor se está do instante a instante infectando?

Essa vergão já a criança, e leva a culpa, ao transportar pela primeira vez os humores da escola, onde vê simplesmente um lugar de supplicio, sem que a amargura por occasião de uma travessura.

No mestre elle avista primeiro a seu aluno; e depois, quando a malicia lhe tem desbotado as côres infantis, elle contempla o seu professor com um ar de desdenho, certo de que aquelle homem é um jogete nas mãos do regulo de alibia, um adventicio, um estrangeiro que tem de se amoldar aos caprichos do logarejo.

Que exemplo de civismo, de séria comprehensão dos deveres publicos pode receber essa criança, que começa a sentir e superlotadamente e acaba incompreendendo a primeira autoridade, cuja comprehensão e acção elle conhece?

Deixamos de parte o que em um caso que ligam muitos paizes a boa moralidade de seus filhos, já fornecendo-lhes exemplos perigosos, já deslizando as bases praticas da sociedade.

Religião e civismo -- essas companhias de impavidez da moral -- não ligam sequer nos programmaes escolares.

Não comprehendemos porque foi fundada o ensino religioso nas escolas.

A separação entre a Igreja e o Estado, regime que não vem a proposito commentar e que é respeitavel como parte do nosso Código Fundamental, não tem parecido raro sufficiente para semelhante exclusão.

A idéa de um Ente Supremo, desse Inconhecivel, confessado pelos mesmos positivistas, é uma necessidade palpante, reclamada diariamente por uma sociedade como a nossa, e desde sua unidade de visões, sem um ideal proprio que lhe sirva de pharos, nada obstrua tormenta de seus elementos desconcentrados.

Se, como diz um profundo psicologo, o homem só se lembra de Deus quando a vida misérrima que vive, invencido pelo seu orgulho e verdadeira ordem moral, e o povo brasileiro de vez em quando quando se dá a educação dos jovens caracterosa -- em um tempo de que se não crevas -- ficar alguma coisa mais alta e digna para os seus cidadãos.

Em um tempo de que se não crevas -- ficar alguma coisa mais alta e digna para os seus cidadãos.

Em um tempo de que se não crevas -- ficar alguma coisa mais alta e digna para os seus cidadãos.

Em um tempo de que se não crevas -- ficar alguma coisa mais alta e digna para os seus cidadãos.



O BICHO NA PONTA — Mais um livro de sortes apareceu, destinado a proporcionar diversão nas noites juninas. Foi editado pelo Panteon das Artes, de Nogueira Irmãos. **A Cidade**, de 30 de maio de 1998, considerou-o esplêndido.

A MANIÇOBA — Editado por Frota & Cia., tendo como encarregados da parte redacional **Cláudio Gil & Cia.**, registrou-lhe o aparecimento o **Diario de Pernambuco**, de 1 de junho de 1898. “Habilmente arranjado”, destinava-se “a dar sortes em noites de foguetório”.

O BICHO FEITICEIRO — Outro livro de sortes, entrou na liça para os festejos de Santo Antônio, São João e São Pedro, segundo o noticiário do **Diario de Pernambuco**, edição de 2 de junho de 1898.

O RAIO X — Livro de sortes, foi organizado pelo **Conselheiro Joaquim Faz Tudo**, tendo como editor o livreiro Leopoldo A. da Silveira (**A Cidade**, 2/6/1898).

A MULATA — **Sortes de Salão** — Circulou (sem data) nos primeiros dias de junho de 1898, formato de 17x11, com 76 páginas, inclusive a capa. Dizia-se “literatura doida” de **Raul Pinglot**, constando sua matéria de “jogos de prendas, contos ilustrados, feitiços, espiritismo, troças, palpites, cançonetas, monólogos, charadas mudas e muitas outras **manicobas** de espírito”. Trabalho gráfico do Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega ns. 18/22.

A página de rosto inseriu o editorial “Abrindo o postigo...”, assim iniciado: “Está na arena **A Mulata**. Cheia de **circunstâncias**, tôda feitiço e graça, ela vai pintar o sete nos salões onde o luxo é o **como passou** da nobreza, bem como na casa baixa onde mora o operário socialista que esquece a oscilação cambial...” Depois de outras considerações, concluiu: “**A Mulata** é um demônio, uma perdição, um mal...”.

O texto, a par das Sortes, apresentou-se bastante variado, incluindo contos ligeiros de Pedro de Abel, mais a colaboração de A. de A. e **Yôyô Boêmio**, que era Domingos Magarinos de Sousa Leão, e diversas transcrições. Encerrou a edição a crônica “Ao descer do pano”, na qual se escreveu: “**A Mulata** dá por findo o seu recado”, concluindo com um delicado e sincero Boa Noite” (**Bib. Púb. Est.**).

**PALMAS E FLORES** (1) — Poliantéia em homenagem ao ator Ferreira de Sousa, circulou no dia do seu benefício, 6 de agosto de 1897, formato de 32x23, com quatro páginas. Impressão da tipografia do **Estado de Pernambuco**.

A dedicatória da edição constou de uma poesia de página inteira, sob o título "A. F. de S.", sem assinatura, seguindo-se outras saudações, em prosa e verso, de Leandro de Oliveira, Leônidas de Oliveira, Silva Ferraz, Trajano Chacon, Henrique Soido de Barros Falcão, Eurico Vitróvio, Xavier Coelho, Tomaz Times Júnior, etc. (**Bib do Liceu de Artes e Ofícios**).

**O BUMBA** — **Interessante Repositório de Notas e Chacotas** — **Órgão da Tertúlia Boêmia** — Entrou em circulação a 15 de agosto de 1898, formato de 33x22, com quatro páginas de três colunas. Assinava-se a 1\$500 por semestre e a 1\$000 por quatro meses, custando o número avulso 100 réis. Propriedade de Joaquim Cruz. Trindade garatujadora: **Pio Piparote** (pseudônimo de Artur Benício de Araújo Lima), **Juca Timbirassu** (Júlio de Medeiros) e **Malon Zurc**. Ainda constava do "Serviço": "Recebem-se colaborações, podendo estas ser dirigidas à Praça Dezessete (antigo Pátio do Colégio) nº 2, tipografia. **O Bumba** publicar-se-á três vezes por mês".

Assim começou o artigo de apresentação: "Tristezas não pagam dívidas. Rir, que o riso não paga impôsto — Está aí um programa, o mais solene, o mais completo que já se atirou à voracidade do respeitável público. É, pois, com êstes intuitos que **O Bumba** surge, hoje, a tomar lugar no convívio jornalístico de Pernambuco".

"...humorístico e literário — acentuou — procurará ser o veículo de tudo quanto se diz, de tudo quanto se escreve na "caserna", onde os corretos boêmios, divertindo e divertindo-se, esquecem a sêca que nos apavora, a crise que nos sufoca".

Manteve o prometido programa, sendo a matéria assinada com pseudônimos, tais como: **Thurra Mila**, **Sílvio**, **Mos-**

---

(1) Não consta da relação dos "Anais".

quito, Traquinas, Neto Junior, Fulvio, Manduca, Eça Junior, Flávio Júnior, etc. Não faltaram frases maliciosas, de duplo sentido, o que tornava **O Bumba** não muito familiar, sem que isto alterasse, porém, a boa qualidade, por exemplo, da poesia de **Pio Piparote** e **Timbirassu**.

A partir do nº 5, o trimensário acrescentou ao expediente: “Azucrim-mor — **Max Senun**”. Já tendo transferido a redação para a travessa de São Pedro, nº 10, terminou na rua de Horta, nº 11, 1º andar.

Não foi além do nº 7, assim datado: Terceira dezena de outubro de 1898 (**Arq. Púb. Est.**).

**O 25 DE AGOSTO** — Edição única, de 1898, apresentou-se em formato de 38x28, quatro páginas, a primeira das quais com o retrato (desenho, em litogravura, de Rodolfo Lima) do sub-prefeito Bianor de Medeiros, no exercício de prefeito, “homenagem dos empregados municipais”. Seguiram-se “Traços biográficos” e artigos sôbre a personalidade dêle, assinados por João Marinho Falcão, A. Bahia, F. Marques da Trindade, Sebastião de Vasconcelos Galvão e outros. Foi impresso em papel couché, no Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias, nº 37 (**Bib. Púb. Est.**).

**A GAZETINHA** — Circulou, pela primeira vez, a 29 de agosto de 1898, formato de 33x22, com quatro páginas de três colunas. Proprietário — Artur da Silva Regadas. Trabalho material da Tipografia Afonso Regueira, situada na rua de São Francisco (atual Siqueira Campos) nº 2-F, onde também funcionavam a redação e administração. Destinada a sair às segundas-feiras, assinava-se a 4\$000 anuais.

Lia-se no editorial de apresentação: “O nôvo semanário será essencialmente imparcial, não admitindo, quanto fôr possível, que apareçam nas suas colunas artigos de política, pois que neste terreno, bastante perigoso, os resultados são imensamente perniciosos e, na maioria das vêzes, conducentes ao desânimo e ao aviltamento”.

Entretanto, não seria “exclusivamente literário e humorístico”, publicando também “assuntos de interêsses gerais e notícias sensacionais, vindas do interior ou do estrangeiro”.

**Otto** abriu a crônica semanal “Da varanda”, de onde contemplaria os **tipos** e as **coisas** da cidade. No mais, literatura, a “Seção alegre”, algum noticiário e uma página de anúncios.

A partir do nº 4, exibiu o seguinte corpo redacional: Targino Filho, Mateus de Oliveira e Antão Souto. Colaboração literária de Francisco Barreto de Meneses, B. Paixão, Neto Júnior, Targélia Barreto de Meneses e Alfredo Leite. Mais folhetim e transcrições.

Findou com o nº 8, de 17 de outubro (Arq. Púb. Est.).

O **TENTAMEN — Órgão do Grêmio Literário Vitoriano Palhares** — Deu à luz o primeiro número no dia 1 de setembro de 1898, formato de 32x21, com quatro páginas de três colunas, sendo impresso na tipografia do **Commercio de Pernambuco**, à rua do Imperador, nº 43. Redatores: José Roque, Francisco Alexandrino, Livino de Carvalho, Álvaro Fernelon e Alfredo Bittencourt, com escritório à rua Duque de Caxias, nº 60, 1º andar. Assinaturas: ano — 5\$000; semestre — 2\$500; trimestre — 1\$500.

O artigo de apresentação reportou-se à vivência, de quase um lustro, do sodalício (cujo patrono figurou, em fotografia, no centro da primeira página), aludindo ao caminho de dificuldades percorrido até o momento em que publicava seu órgão, “prêmio inestimável de muitos sacrifícios”. Sem almentar “a vaidosa pretensão de subir às culminâncias”, seguiria” mundo em fora, com o receio de ave que foge do ninho ensaiando no espaço os primeiros vãos hesitantes”. Como jornal literário, esperava merecer o acolhimento público.

Estampou sonêto (inédito) de Vitoriano Palhares (falecido em 1890); trabalho biográfico, da autoria de C. Livino de Carvalho; outras produções em prosa e verso e a “Crônica” de André Cariri, terminando com “Notícias”.

O nº 2 saiu a 12 de outubro. Transcorridas as férias do ano, uma vez que se tratava de jornal acadêmico, férias “mais extensas do que realmente deveriam ser”, só emergiu o nº 3 (ano II) no dia 11 de junho de 1899. Após as edições de 14 de julho e 5 de agosto (solenização do quinto aniver-

sário do Grêmio), ocorreu nova paralisação, para só reaparecer **O Tentamen** a 17 de maio de 1900, terminando a irregular peregrinação com o nº 7 (ano III) no dia 31 de julho.

De substituição em substituição, foram outros redatores: João Pais de Carvalho Barros, Augusto Monteiro e Antônio Soares. Em 1900 a sede de Grêmio transferira-se da Rua Duque de Caxias para a da Penha, nº 6, 1º andar. No segundo ano o preço das assinaturas foi reduzido para: ano — 4\$000; semestre — 2\$000.

Além das produções do pessoal mencionado, escreveram n' **O Tentamen**: Marques Trindade, Manuel Tavares, Adolfo Santos, Anísio Jobin, **Pio**, Heliodoro M. J. Gitirana, Higino de Oliveira, José Vieira, B. Paixão, Antônio Tenório de Cerqueira, Pedro Palmeira, Luiz de Mascarenhas, etc. (**Arq. Púb. Est.**).

**SILVA PINTO** — Poliantéia datada de 22 de setembro de 1898, apresentou-se impressa em papel superior, formato de 22x16, com quatro páginas. Da primeira, cercada de vinhetas, constava: “Homenagem ao generoso e honrado empresário teatral J. Silva Pinto — coração grandioso e caráter cristalino”, seguindo-se saudações, em prosa e verso, “de um grupo de amigos”, principalmente componentes da empresa que se exhibia no Teatro Santa Isabel. Arrematou a matéria um acróstico assinado por **Gregório Júnior** (**Arq. Púb. Est.**).

**O BADALO** — **Periódico Crítico e Jocosos** — Destinado à divulgação de “três em cada mês”, circulou o primeiro número a 25 de setembro de 1898, tendo como redator Freitas Barbosa. Impresso em formato de 32x23, apresentou-se com quatro páginas — as externas de **charges** em litogravura e as internas de composição tipográfica. Assinava-se a 5\$000 por semestre ou 3\$000 por trimestre, custando o número avulso \$400.

Mais de uma página ocupou o artigo de apresentação, entremeado de versos, porém redigido em linguagem arrevezada e ininteligível, compreendendo-se, apenas, que a missão da fôlha era proporcionar “badaladas”. Bem fracos, igualmente, os desenhos de crítica, menos o do título, êste representado por um sino, o sacristão, uma pena entrelaçada nas letras e, sobre elas, figuras cômicas.

A matéria tipográfica só veio a melhorar no nº 3, com o aparecimento dos “Bemois”, por **Clave**, e dos versos humorísticos de **Felix**.

Os leitores, ao que tudo indica, negavam-se a ter contato com o cobrador de assinaturas, o que deu margem à inserção das quadras sob o título “Males”, cujo verzejador assim concluiu:

“O tormento mais profundo,  
Talvez a dor mais fatal,  
É suportar, neste mundo,  
Quem não nos pague o jornal”.

Foi o “canto de cisne” d’**O Badalo** o nº 4, datado de 26 de outubro (Arq. Púb. Est.).

**A PENNA — Periódico de Idéias Atuais, Democráticas e Livres** — Surgiu no dia 23 de outubro de 1898, formato de 31x22, com três colunas de composição e quatro páginas. Dirigido por João de Guartzman e Manuel Duarte, eram redatores Nuno Guedes Pereira e Leopoldo Bezerra. Escritório e redação instalados à rua da Aurora, nº 71. Tabela de assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 5\$000; trimestre — 2\$500; mês — 1\$000. Constava, ainda, do expediente, o lembrete: “Aceitamos qualquer colaboração que esteja em sua essência vinculada ao nosso programa. Nada de controvérsias políticas”.

Segundo o editorial de apresentação, **A Penna** procuraria, modestamente, “abrigar-se à sombra dos outros órgãos da imprensa pernambucana, bebendo nêles a luz e a inspiração, batendo-se pelas justas causas, pugnando pelo bem e adiantamento de tudo aquilo que nos fôr útil e necessário, pronto para tomar parte em tôdas as questões que agitam-se tendentes ao melhoramento da nossa situação, tomando por norma a mais completa imparcialidade e o mais pronunciado desinterêsse”.

“Genuinamente republicana, liberal e democrática. **A Penna** não vê outra coisa mais nobre e mais simpática do que a causa da República, que é a causa da pátria”.

Era, depois de tudo isto, “um jornal essencialmente literário”.

Circulando bimensalmente, mas em datas arbitrárias, seguiu o programa traçado, a par de constantes alterações no corpo redacional e noutros setores. Já no nº 3, datado de 15 de novembro, não apareciam, no cabeçalho, os nomes dos dois redatores; a redação mudara-se para a rua de São Francisco, 2-F, e a tabela de assinaturas era a seguinte: Ano — 5\$000; semestre — 3\$000; trimestre — 1\$500; mês — 1\$000. A edição em aprêço inseriu artigos de saudação à República.

No nº 5 constava do cabeçalho apenas isto: “Redatores — diversos”. No nº 6 voltava Manuel Duarte, porém como redator, ao lado de Targino Filho. O nº 7, de 5 de fevereiro de 1899, homenageou a memória de Nunes Machado.

A partir do nº 10, de 31 de março, a fôlha entrou a publicar-se mensalmente e, na edição final, admitia mais um redator — Matias Maciel Filho.

Foi o nº 15, de 14 de agosto de 1899, o último que saiu; tinha aumentado o formato para 38x28; transferira a redação para a rua Duque de Caxias, nº 31, e as assinaturas seriam cobradas à razão de 6\$000 por ano e 3\$500 por semestre.

Tôda a primeira página da edição de despedida foi ocupada por enorme retrato do comerciante Delmiro Gouveia, com legenda encomiástica, abrindo a segunda um editorial sôbre a personalidade dêle. Uma nota arrematando tudo, dizia ficar suspensa a publicação “por alguns dias”, por “motivos de ordem superior”, esperando voltar em formato maior, ilustrado, o que não aconteceu.

Contou **A Penna**, que se tornara quase só literária, com a colaboração, em prosa ou verso, de Nilo Dornelas Câmara, Antão Souto, Luiz Cândido de Oliveira, Francisco Barreto de Meneses; **Eça Júnior**, com os “Contos apimentados”; Manuel Arão, Teotônio Freire, Argemiro Aroxa, Mário Júnior, Francisco Barroso, Eurico Vitruvius, Xavier Coelho, Soriano de Albuquerque, José Oiticica, Rafael Benaion, A. de B. Lins e Silva, Henrique Soido, Hugo Jobin, Mateus de Oliveira, Baltazar Pereira, Marcelino dos Santos e João de Deus. Foram

algumas seções de pouca duração: “Curiosidades”; “Bibliografia”; “Seção Recreativa”; “Na troça”, constante de versos humorísticos, por X; “Correio” e “Noticiário” (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

O FERNANDO — Poliantéia em “homenagem a Fernando Pereira da Silva, por ocasião do seu aniversário natalício”, circulou a 1º de novembro de 1898, formato de 31x22, com quatro páginas, a primeira das quais em tipos fortes, dela constando a dedicatória. Foi impressa na tipografia do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador, nº 47, em papel de côr, só contendo o texto notas de saudação ao homenageado, a primeira das quais assinada por Manuel Burlamaqui (**Bib. Púb. Est.**).

O EQUADOR — **Fortiter in re dulciter in modo** — Com a primeira página servindo de capa, circulou êsse jornal de oito páginas a 15 de novembro de 1898, formato de 32x22, tendo como proprietário, redator e único responsável João Coimbra. Impresso na oficina gráfica de Eduardo Layme, à rua Francisco Jacinto, nº 2-E, local também do escritório e redação, assinava-se a 5\$000 por ano e 2\$500 por semestre e, para o Interior e Estados, a 6\$000 por ano e 3\$000 por semestre, custando o número avulso \$100.

Declarava o editorial de apresentação, ocupando tôda a segunda página: “**O Equador** não é o representante de um partido, é apenas o órgão de uma individualidade que tem partido”. Mais adiante: “O aluguel dos tipos e do prelo e dos operários tipográficos não deve ser empregado como cooperação à calúnia torpe, à injúria vil e insolente”. Em conclusão: “**O Equador** abre as suas colunas ao aprêço da opinião, oferecendo-as aos homens de letras para a discussão científica sem remuneração, e ao comércio e aos homens de bem para defesa de seus direitos por contribuição módica”.

Mais três editoriais ocuparam quatro páginas, intitulados “O presidente que sai”, “O presidente que entra” e “Os ministros”, seguindo-se a crônica “Palestra do Figaro”, uma coluna de “Notícias” e página de anúncios.

Destinado a aparecer “uma vez por semana, sem designação certa do dia”, voltou a circular no dia 26, novamente



com prolixos, mas bem redigidos, artigos redacionais e algumas transcrições, terminando aí sua breve existência no mundo jornalístico (Arq. Púb. Est.).

**ANNAES DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO** — Circulou em novembro de 1898, achando-se o corpo redacional constituído dos médicos Arnóbio Marques, Leopoldo Araújo, Otávio de Freitas e Rodolfo Galvão. Do sumário, de temas científicos, constou a colaboração dos drs. Luna Freire e Carneiro da Cunha e dos redatores, além de resenha de trabalhos da Sociedade de Medicina e das seções “Livros e Revistas” e “Fatos Diversos” (Inf. do **Diario de Pernambuco** do dia 29).

“Os Annaes ficaram neste exemplar único” (Otávio de Freitas, in “Os Nossos Médicos e a Nossa Medicina”, Recife, 1904, pág. 181).

**O PAPAGAIO** — Circulou o nº 1 do “espirituoso e simpático jornalzinho assim denominado. É órgão do Clube dos Serras, associação últimamente fundada”.

Foi extraída, a informação acima, da edição de 4 de dezembro de 1898, do **Diario de Pernambuco**, o qual, já no dia 11, registava o aparecimento do nº 3 “dêsse excelente e humorístico periódico” feito “órgão do Sport Clube Recife”.

Continuando, noticiou, a 24 de dezembro, o nº 5 da fôlha “janota e elegante”, dedicado ao aniversário natalício da consócia Condessa Crisântemo, com primeira página de honra e o restante em caráter de poliantéia.

O nº 6 foi focalizado, ainda pelo **Diario**, edição de 19 de janeiro de 1899. “Excelentemente escrito com muita verve”, constituiu-se noutra poliantéia, em honra do Duque d’Erbon, presidente do Sport Clube.

Existe, finalmente, comprovante do nº 8 d’**O Papagáio**, que foi o último (1), publicado a 16 de abril do referido se-

---

(1) Da relação de Alfredo de Carvalho constou o nº 5 como tendo sido o último publicado.

gundo ano. Imprimiu-se em papel verde, na oficina do **Diário de Pernambuco**, formato 32x22, com quatro páginas a duas colunas de 16 cíceros. Redatores — **Visconde de Mendau**, **Conde de Camors** e **Marquês de Sadlec**. Num quadro de vinhetas, na primeira página, lia-se, em tipos fortes: “Salve 16 de abril. **O Papagaio** cumprimenta o **Barão de Marron Glacée**, pelo feliz aniversário natalício”. Inseriu, a seguir, as seções: “Crônica”, do **Marquês**; “Corre como certo...” e “Variedades”, além de epigramas e notas sôltas, tudo dentro do melhor humor. Foi distribuído gratuitamente (**Bib. Pú. Est.**).

A IMPRENSA — Revista de 16 páginas em papel **couché**, formato grande de 44x32, confeccionada na Tip. Laemmert & Cia., à rua Marquês de Olinda, nº 4, circulou no dia 25 de dezembro de 1898, sob a direção de Antônio Gomes Pereira Júnior e editada pela União Cooperativa Universal. Assinava-se a 2\$500 por mês (3\$000 para o Interior e Estados), custando o exemplar 1\$000.

Da primeira página, além do desenho do cabeçalho, constou expressiva alegoria, tendo como motivo a prensa de Guttenberg, trabalho artístico de Eduardo Fonseca, também reproduzido na página de rosto.

Abriu o texto o dispositivo constitucional que estabelece a “livre manifestação do pensamento pela Imprensa”. Seguiu-se imenso editorial de mais de duas páginas, contendo longas considerações sobre a utilidade da Imprensa, sua influência na política e na condução dos povos, e atacando o governo republicano, para concluir:

“...a Imprensa é a fôrça única que pode sustentar a ruína preparada pelo partidarismo; a Imprensa elevada e digna com a consciência de si mesma, do seu dever e da sua missão; a Imprensa que é a representação perfeita da Consciência Universal e evolui ao influxo dos princípios proclamados pela ciência. A Imprensa que se inspira na verdade e nos sentimentos que dignificam e engrandecem o espírito, que não se desprende das indicações do bem e da Justiça, que se dedica à defesa de tudo quanto há de respeitável em relação ao indivíduo e à família, ao povo e à sociedade, à pátria e à humanidade”.

Na última página, o Expediente: “**A Imprensa** dedica-se à defesa de todos os legítimos interesses e aspira sair semanalmente, desde que se regularizem convenientemente os seus trabalhos”.

Outro bom desenho de Fonseca ilustrou, em página inteira, uma saudação ao Natal. Divulgou excertos da história da vida de Victor Hugo, com fotografuras; artigos sobre “Jurisprudência”, “Agricultura” e “Comércio”; notas redacionais, dados a respeito do comércio pernambucano e “Cartões de visita”, que eram anúncios de duas linhas “a 5\$000 por mês”. As quatro últimas páginas foram de anúncios, inclusive a capa externa, que os teve ilustrados, em litogravura da oficina da Fábrica Lafaiete.

Ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

## 1 8 9 9

**ALMANACH DE PERNAMBUCO** — Surgiu em janeiro de 1899, obedecendo ao formato de 16x11, com 286 páginas, impresso na tipografia de Tondela, Cockles & Cia., sucessores de F. P. Boulitreau. Diretor — Júlio Pires Ferreira.

Lia-se no artigo de apresentação, devidamente assinado: “Especialmente aos que se dedicam à decifração de composições charadísticas, faço notar o belo trabalho explicativo de tôdas as espécies de logogrifos, charadas e enigmas, com a designação do seu inventor e número da página do **Almanach** em que primeiro foram publicadas”.

Chamou, igualmente, a atenção dos leitores “para os perfeitos clichês de diversos monumentos do Estado”, que a direção conseguira à “custa de grandes sacrifícios”.

Seguiram-se várias páginas dedicadas à biografia do poeta pernambucano Antônio Peregrino Maciel Monteiro; nota explicativa de quase tôdas as composições charadísticas, por Leopoldo Pires; Calendário Brasileiro; literatura, charadas e algumas páginas de anúncios.

As produções divulgadas na edição de estréia, ora em prosa, ora em verso, foram firmadas por nomes destacados

das letras pernambucanas, a saber: Adelino Antônio de Luna Freire, Alfredo Maia, Almeida Cunha, Aprígio Guimarães, Arnóbio Marques, Artur Orlando, Carlos Pôrto Carreiro, Clóvis Bevilaqua, Eduardo de Carvalho, Ernesto de Paula Santos, Eustáquio Pereira (Faneca), França Pereira, Gervásio Fioravanti, João Barreto de Meneses, Júlio Pires, Martins Júnior, Manuel Cavalcanti de Melo Filho, Miguel Barros, Olímpio de Arroxelas Galvão, Paulo de Arruda, Fiuza de Pontes, Aristeu de Andrade, Zeferino Galvão, Vicente Férrer, Ulisses Costa, Ildfonso Melo e José Moreira Alves.

A edição de 1900 apresentou a biografia do monsenhor Francisco Ferreira Barreto e deu início à “Crônica de Pernambuco”, que continuou nas edições seguintes, como excelente contribuição para o conhecimento dos fatos gerais da vida política, administrativa, econômica e social do Estado, melhorando, por outro lado, a parte de informações úteis e apresentando novos colaboradores, na seção literária, tais como: Augusto Meira, José Fasanaro, Félix Cavalcanti, José do Amaral, Artur Bahia, Eugênio de Sá Pereira, Artur Muniz, Isaac Cerquinho, Spencer Neto, Gaspar Uchoa e Oton Linch Bezerra de Melo.

Proseguiu, ano após ano, a publicação do **Almanach de Pernambuco**, que, a partir de 1904, exibia, na capa, o brasão do Brasil Republicano. A confecção material passou a ser executada, desde 1906, na oficina da Imprensa Industrial.

Não se deteve a prática de sucintas biografias de personalidades extintas, a cargo dos escritores — que se iam revezando — Luna Freire, Alfredo de Carvalho, F. A. Pereira da Costa, Mário Melo e Júlio Pires, abrindo cada edição, só omitidas nos anos de 1924, 1926 e 1928, na seguinte ordem:

1901 — Francisco do Rêgo Barros, Conde da Boa Vista; 1902 — Fernandes Vieira; 1903 — José Inácio de Abreu e Lima, o padre Roma; 1904 — padre-frei Miguel do Sacramento Lopes Gama; 1905 — Manuel de Carvalho Pais de Andrade; 1906 — General José Joaquim Coelho, Barão da Vitória; 1907 — Antônio de Moraes e Silva, o dicionarista; 1908 — Gervásio Pires Ferreira; 1909 — José da Natividade Saldanha; 1910 — Frei Caneca; 1911 — Bispo Azeredo Coutinho; 1912 — Conselheiro Paula Batista; 1913 — Bernardo

Vieira de Melo; 1914 — José Mariano Carneiro da Cunha; 1915 — Joaquim Nabuco; 1916 — Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda; 1917 — Bernardo José da Gama, Visconde de Goiana; 1918 — Bispo Francisco Cardoso Aires; 1919 — Aprígio Justiniano da Silva Guimarães; 1920 — Francisco de Carvalho Soares Brandão; 1921 — Padre João Ribeiro; 1922 — Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira; 1923 — Bento Teixeira; 1925 — José Higino Duarte Pereira; 1927 — Monsenhor Francisco Muniz Tavares; 1929 — Comandante Manuel Antônio Vital de Oliveira; 1930 — Monsenhor Joaquim Pinto de Campos; 1931 — José de Barros Falcão de Lacerda.

Circulando com uma média de 300 páginas, o chamado Almanach de Júlio Pires, de grande receptividade, era, realmente, muito útil repositório de informações gerais e não só calendário, além de copiosa parte charadística e da seção literária. Em suas sucessivas edições, afora os nomes antes mencionados, liam-se trabalhos de Silveira Carvalho, Edwiges de Sá Pereira, Jaime Lessa, José de Barros Lima, Teotônio Freire, Amélia de Freitas Bevilaqua, Laiete Lemos, Faria Neves Sobrinho, Sebastião de Vasconcelos Galvão, Antônio Tenório de Cerqueira, Laudelino Câmara, Luiz Maciel Pinheiro, Pedro Calado, Adolfo Santos, Araújo Filho, Hermógenes Viana, José Lima, **Dudu Peralta** (pseudônimo de Durval de Brito), Agripino da Silva, Raul Monteiro, Domingos Magarinos de Sousa Leão, José Campelo, Mário Linhares, Ulisses Lins, Inês Sabino, Antônio Valença, Armando Oliveira, Ademar Tavares, Augusto Tabosa, Cícero Barbosa, Alcides Siqueira, Costa Monteiro, Costa Rêgo Júnior, José de Moura Galvão, Samuel Valente e muitos outros.

Durante os anos de 1920 e 1921, foi o magazine impresso na oficina da Imprensa Oficial, voltando, então, para a Imprensa Industrial, onde permaneceu até 1925, daí transferindo-se a confecção para a Empresa **Jornal do Commercio**, sem mais alteração.

A edição de 1924 abriu com uma “homenagem que os amigos do dr. Júlio Pires Ferreira lhe prestam na grande dor que alanceou seu grande coração de pai”, ante o falecimento, no ano anterior, de seus filhos, os jovens Rui e Albertina, cujos clichês foram estampados, seguidos de sonetos

de saude subscritos por Edwiges de Sá Pereira, Silva Lobato e Emiliano Pereira. A de 1926 divulgou o discurso de posse do diretor Júlio Pires Ferreira na Academia Pernambucana de Letras, ocorrida a 4 de abril de 1925.

A publicação do **Almanach de Pernambuco** estendeu-se até o nº 33, correspondente ao ano de 1931 (**Bib. Púb. Est. (1), Bib. de Mário Melo e Bib. da Fac. Dir.-UFPe.**).

O NORTE — Antes manuscrito (1 A), apareceu “pela primeira vez impresso”, como nº 1, ano I, no dia 7 de janeiro de 1899, formato de 22x15, com quatro páginas de duas colunas. Redatores — Benjamin Franklin, José Filemon de Albuquerque, Bernardo Magalhães da Silva Pôrto e José Gaudêncio Correia de Queiroz, funcionando o escritório na rua Larga do Rosário, nº 50, 1º andar. Assinaturas: ano — 5\$000; semestre — 3\$000; mês — \$500. Dizia-se “publicação bimensal”.

Apresentou amplo programa, declarando-se apolítico, mas observador das coisas da administração pública. Daria seu melhor espaço à polêmica literária. A edição em aprêço, todavia, além de meia coluna de “Noticiário”, inseriu, apenas, um conto de M. Buarque e um soneto, que ocupou toda a quarta página, de A. de Vasconcelos.

O corpo redacional não se achou, ao que parece, em condições financeiras capazes de prosseguir na empresa (**Arq. Púb. Est., Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

O FILHOTE — **Órgão Distintíssimo** — Apareceu no dia 12 de fevereiro de 1899, formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas, tendo como redator **Pafuncio Semicupio Pechincha**. Com uma tiragem de 300 exemplares, foi impresso na Tip. Laemmert & Cia., situada à Avenida Marquês de Olinda, nº 4, para sua própria propaganda, feita através de anúncios e “foguetes” em meio à matéria geral, constituída de notas ligeiras, versinhos humorísticos e anedotas (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

---

(1) A coleção da Biblioteca Pública do Estado acha-se desfalcada das edições de 1927, 1928, 1929 e 1931.

(1 A) O diário **A Cidade**, de 26/11/1898, registara a visita do “jornal manuscrito **O Norte**”, que prometia dar o próximo número impresso.

**A VASSOURA — Órgão do Clube Carnavalesco Vassourinhas** — Circulou, pela primeira vez, no dia 12 de fevereiro de 1899. Formato de 28x18, com seis páginas a duas colunas de composição. Apresentava-se, “no vasto campo da imprensa, desfraldando o sintético mas expressivo lábaro **Ridendo castigat mores**”. Inseriu boas piadas, crônicas ligeiras e poeminhas humorísticos, assinados por A. M., Euclides, Maximiano, **Apolonio Gangorra**, **Mandu Sujo**, **Oscar Aragão Domingos Barbosa**, etc.

O nº 2, ano II, publicou-se a 25 de fevereiro de 1900, obedecendo ao ritmo anterior, com a colaboração de **Sem**, **Mizael Seixas**, **João de Deus Sem Rêgo**, **Mestre Vassourinha**, **Piparote**, **Pio**, **Pio Piparote** e **P. P.**, os quatro últimos escondendo o nome de **Artur Benício de Araújo Lima**.

Outro comprovante manuseado foi o nº 3, ano IV, de 22 de fevereiro de 1903, sendo ainda **Pio Piparote** o principal colaborador (**Arq. Púb. Est.**).

Ainda houve uma edição no Carnaval de 1906, datada de 26 de fevereiro, consoante notícia do **Diário de Pernambuco**.

**27 DE FEVEREIRO — Homenagem ao Mérito** — Número único, publicou-se na data que serviu de título, ano de 1899, em homenagem ao prefeito recifense **Esmeraldino Olímpio de Tôrres Bandeira**, por motivo do seu aniversário natalício. Impresso em papel **couché**, formato de 33x21, com quatro páginas, a primeira delas, circulada de vinhetas, tinha ao centro o clichê do homenageado, trabalho heliográfico de **G. Freitas**. As páginas centrais apresentaram-lhe a biografia, enquanto na última se liam artigos de saudação, assinados por **S. V. Galvão**, **F. de Sá** e **Adolfo Lins Vieira** (**Arq. Púb. Est.**).

**27 DE FEVEREIRO** — **Poliantéia** editada em 1899, foi impressa na oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador, nº 47, em fino papel róseo, formato de 22x16, com quatro páginas de duas colunas. Lia-se na primeira, cercada de vinhetas, em tipos fortes: “Homenagem à virtuosa criatura **D. Maria Clementina Medeiros**, no seu aniversário natalício”.

Tôda a matéria constou de saudações em prosa e verso, assinadas por amigos e admiradores (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**22 DE MARÇO — Simpatia-Amizade** — Publicou-se essa poliantéia em 1899, na data do título, em homenagem à data do 15º aniversário natalício de Maria das Dores Rosa e Silva (filha do Conselheiro Rosa e Silva). Foi impressa no Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega, nº 18/22, em papel **couché**, com quatro páginas, formato de 32x22, a duas colunas de 16 cíceros. Na primeira figurou artístico retrato da jovem (desenho litogravado de Rodolfo Lima), sendo as demais ocupadas com escritos de saudação de amigas da aniversariante (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**O TESTAMENTO DE JUDAS ISCARIOTES** — Nº 1, ano I, de 1 de abril de 1899, apresentou-se em formato de 34x22, com quatro páginas a três colunas de composição. O primeiro artigo versou sôbre o “símbolo da perfídia, traição e aleivosia” e seus seguidores, seguindo-se “O testamento” e mais alguns tópicos humorísticos. A quarta página foi dedicada ao “Fiel retrato de Judas”, tendo ao centro uma caricatura grotesca, com a legenda: “Pega êle!...” (**Arq. Púb. Est.**).

**SALVE 27 DE ABRIL DE 1899** — Poliantéia em “homenagem à Exma. Sra. D. Elvira Nobre”, retratada por Euclides Fonseca, na primeira página, saiu a lume na data do título, formato de 33x22. Era o “jornalzinho um mimoso **bouquet** de lindíssimas flôres”, que um grupo de amigas lhe ofereciam no dia do seu aniversário natalício. As três páginas restantes constaram de saudações assinadas por Maria Nobre, Eutália Lemos, Maria Mendes, Adelaide Mendes, Alice Câmara e outras. Trabalho litográfico e tipográfico, em papel **couché**, do Atelier Miranda, situado à rua Padre Nóbrega, ns. 18 a 22 (**Arq. Púb. Est.**).

**DEZOITO DE MAIO** — Poliantéia de 1899, com a data do título, publicou-se em “homenagem ao Dr. Joaquim Gonçalves Beltrão, no dia do seu aniversário natalício”. Excelente trabalho da Tip. Laemmert, à rua Marquês de Olinda, nº 4, apresentou, em formato acima de médio, quatro páginas, a primeira das quais com cabeçalho, palavras de saudação e retrato do aniversariante, desenhados por Eduardo Fonseca.



Escreveram, nas páginas restantes, a respeito do evento, A. G. Pereira Júnior, Marcelino Coimbra, N. Nogueira, José Cavalcanti da Costa, Alfredo de Carvalho e Miguel Fontoura, que assinou seis sonetos (**Bib. Púb. Est.**).

**19 DE MAIO** — Outra poliantéia, circulou na data que lhe serviu de título, no ano de 1899, formato de 22x16, com quatro páginas. Constituiu uma homenagem a Pedro Machado da Silva Ramires. A página de frente, circulada de vinhetas, dirigiu palavras de saudação ao aniversariante, contendo as demais notas ligeiras, sôbre a data, assinadas por amigos e admiradores (**Bib. Púb. Est.**).

**O FILHOTE** — Dentre os doze livros de sortes anunciados para o ano de 1899, êste foi o primeiro a aparecer, registado pelo **Jornal do Recife**, de 28 de maio, que o considerou “irrequieto, barulhento”, sendo “as suas pilhérias incontestavelmente cheias de muita verve”. Redigiu-o o conhecido humorista **Fortunato Ventura** (pseudônimo de Ernesto de Paula Santos). Vendeu-se o exemplar a 1\$000.

**FIM DE MUNDO** — **Livro de Sortes** — Dedicado às noites festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro, saiu a lume na última semana de maio de 1899, segundo o noticiou, no dia 31, o **Diario de Pernambuco**.

**O DIABRETE** — Livro de sortes organizado por **Tutu Chismando**, dêle disse o **Jornal do Recife**, de 6 de junho de 1899, que a sua “escolhida parte literária e finas pilhérias” lhe davam “um dos primeiros lugares nas festivas noites dos foliões Antônio, João e Pedro”.

**O JOÃO PATUSCO** — Mais um livro de sortes entrou em circulação, tendo sido editado pelo Panteon das Artes, de Nogueira Irmãos (**Pequeno Jornal**, 6/6/1899).

**O TRAQUE** — Livro de sortes dedicado aos festejos juninos, foi pôsto em circulação na primeira semana de junho, conforme registo idêntico ao precedente.

**A CANGICA** — Êste, editado pela firma Frota & Cia., teve como redator o humorista **Claudio Gil**. Informou, a respeito, o **Jornal do Recife**, de 8 de junho de 1899: “Além de

um variadíssimo número de sortes, traz uma bonita polca para piano, composta pelo professor Leocádio Belo”.

**A ESPIGA** — Outro livro de sortes para as noites de São João e São Pedro foi pôsto em circulação, impresso na oficina do Atelier Miranda. Vendeu-se o exemplar a 400 réis (**Jornal do Recife**, 21/6/1899).

**A SERTANEJA** — **Sortes de Salão** — Saiu a lume (sem data) em junho de 1899, obedecendo ao formato de 17x11, com 100 páginas, incluídas as da capa, ilustrada por Vera Cruz e impressa em papel **couché**. “Poliantéia esdrúxula sob a orientação política de **Raul Pinglot**”, enunciou no Expediente: “Jogos de prendas, adivinhações, cançonetas, receitas, monólogos, sentenças, troças e uma boa porção de etcéteras”. Trabalho gráfico a cargo do Atelier Miranda.

Uma “Carta Aberta” iniciou o texto, declarando, entre outras considerações: “**A Sertaneja** propõe-se a entrar nas salas alcatifadas dos que não sentem o pêso da crise, como nos baixos aposentos dos que pagam caro o pão nosso”. Mais adiante: “Promete ser expansiva quanto baste para trazer a alegria que todos carecem, sem os recursos que só os perversos reclamam”.

Cumpriu o programa exposto, difundindo boa verve, inclusive com a colaboração de Pedro de Abel, **Diavolino**, Oscar Aragão, **Gregório Neto**, Faustino Sobrinho, etc. (**Bib. Púb. Est.**).

**O GUIA** — **Órgão do Espiritismo em Pernambuco** — Saiu a lume no dia 15 de julho de 1899, formato de 33x22, com quatro páginas de três colunas. Aos lados do título, pensamentos de Victor Hugo e Allan Kardek. Como responsável pela correspondência, figurava o nome de A. de Sousa e Silva, instalado na rua da Horta nº 7. Assinatura anual — 4\$000.

O artigo de abertura focalizou o fenômeno do Espiritismo e seu desenvolvimento no Universo, concluindo por apresentar aos leitores o periódico, para o qual pedia “um lugar no jornalismo da terra pernambucana”.

Divulgando artigos doutrinários e noticiário especializado, **O Guia** teve vida normal, circulando mensalmente. E no quinto número, de novembro, aumentou o formato, páginas a quatro colunas de composição, impresso no Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias, nº 37, ao passo que mudava a redação para a rua Primeiro de Março, nº 7.

O último número publicado foi o 12º, datado de 15 de junho de 1900 (**Bib. Púb. Est.** e **Bib. Nac.**) (1)

O **DERBY** — Número único de 7 de setembro de 1899, circulou no dia da inauguração do Mercado Coelho Cintra (localizado no arrabalde do Derby), com oito páginas, formato de 32x22 e impresso em papel *couché*. Confeção da tipografia da **Gazeta da Tarde**, à rua Duque de Caxias, nº 31, e da litografia da Fábrica Lafaiete.

Apresentou, de frente, retratos de Delmiro Gouveia e Napoleão Duarte, realizadores da obra, e, na última página, uma vista do edifício, desenhos do ilustrador Rodolfo Lima. Tôdas as páginas restantes vieram repletas de artigos e crônicas a respeito do acontecimento, assinados por J. R. Dantas (para êste, Delmiro Gouveia era “o Aquiles industrial da nova geração); Trajano Chacon, Misael Seixas, Graciliano Martins Sobrinho, Evaristo de Faria Gurgel (1 A), Francisco de Matos Sobrinho, Xavier Coelho, Argemiro Arôxa, Abel Guedes Pereira, Targino Filho e outros (**Arq. Púb. Est.** e **Bib. Púb. Est.**).

O **PORVIR** — Publicação semanal — Saiu a lume no dia 13 de setembro de 1899, formato de 24x17, com quatro páginas de duas colunas, tendo como redatores os colegas Otávio Dória de Vasconcelos, Mário de Castro Nascimento, José do Rêgo Cavalcanti Silva Júnior e Cláudio de Castro

---

(1) Curiosa coincidência é que a Biblioteca Pública do Estado só possui comprovante d'**O Guia** até o nº 9, encontrando-se na Biblioteca Nacional, unicamente, as edições seguintes.

(1 A) Faria Gurgel escreveu: “...em nenhuma parte do Brasil existe um mercado que, de longe, se compare ao Coelho Cintra”; “...um ponto de reunião que, durante muito tempo, senão e sempre, há de ser procurado e preferido pela população pernambucana, pela utilidade e atrativos que oferece”.

Nascimento, instalado o escritório da redação à rua da Aurora, nº 23. Assinaturas: ano — 5\$500; semestre — 3\$000; trimestre — 1\$500.

“Propõe-se a ser Literário, Científico e Recreativo” — dizia o artigo “Apresentação”, adiantando que, modestamente, deslizaria “nos nitentes lençóis do jornalismo”. Não pretendia falar de ninguém; “...queremos apenas estar no mundo das letras, desenvolver e vigorar as nossas inteligências; somos bem novos; as corolas do nosso saber estão ainda bem desmaiadas...”

Logo no segundo número a empresa, mudando de tipografia, divulgou nova tabela de preços de assinaturas, aumentando-os para 7\$000 por ano, acrescidos de 1\$000 para fora da capital, esclarecendo: “fomos obrigados a isto, visto acharmos dificuldades na impressão deste periódico”.

Não passou do quarto número, datado de 8 de outubro.

No decorrer de sua curta existência, não deixou de abrir cada edição com opulento editorial, focalizando temas sérios, como o jôgo “do bicho”, a peste bubônica e o pôrto do Recife. No mais, com anedotas intercaladas, figurou a literatura incipiente, em prosa e verso, dos redatores e dos colaboradores Gama e Melo, U. Barbosa, José Benedito, Horácio de Quental, Bazílio de Sousa e Melo e M. M., que apareceu com o poema “O cego e a órfã” no nº 2, em regime de continuação, sem chegar ao fim (**Arq. Púb. Est.**).

**A CONCINTRAÇÃO** — O primeiro número saiu a 23 de setembro de 1899, feito pastiche do diário **A Concentração**, órgão da Concentração Republicana, que tinha como líderes José Mariano, Coelho Cintra e Martins Júnior.

Formato de 44x32, com quatro páginas de quatro colunas, apresentou como redatores: **Faiscante da Câmara, Adelino Inimigo Comum, Pinto Galego, Henriqueto de Melo, Tito Fanhoso, Orlando Sujo, G. Fioravanzo e Lulu Andrade.** Gerente — **Mô Mano Pimentel** (eram nomes-caricaturas dos redatores do outro jornal). Constava do expediente: “**A Concinação** é a fôlha de maior circulação no ôco do mundo e tem seu escritório na rua da Pouca Vergonha nº 69”.

No “Introibo”, de sátira contundente, dizia: “**A Concentração** fala pelo **Cintra**, que é a figura saliente. Não tem certeza de programa”; “...aparece quando fôr necessário, e não aceita assinaturas. Deixa-se vender nas ruas e praças, a cem réis o número, que é a menor moeda da República Brasileira”. Seguiu-se um “Manifesto”, apresentando os “mostrengos” da Concentração, que eram assessorados por Alexandre José Barbosa Lima, alvo, todos êles de ataques elevados ao ridículo, como ocorreu na restante matéria, a salientar as versalhadas “Daguerreótipos”, por **Zaz**, e “Os bichos da Concinação”, por **Triz**. Duas páginas compunham-se de anúncios.

Circulou o segundo número (e último) no dia 7 de outubro, trazendo sob o título: “Órgão do Mercado Tio Casusa”, outra forma de ridicularizar Coelho Cintra. A matéria obedeceu ao mesmo critério crítico, sendo a quarta página dedicada a um grande anúncio caricato do mencionado mercado (que era o do Derbi), no qual se chamava atenção para os compartimentos d’**A Concentração** e do High-Life (Arq. Púb. Est.).

**O ESCRINIO** — **Órgão da Sociedade Literária Castro Alves** — Trazendo sob o título o slogan “A instrução do povo para o progresso da República”, entrou em circulação a 12 de outubro de 1899, formato de 36x23, com quatro páginas a três colunas de composição. Redatores: José Severino Gomes de Araújo, Nilo Câmara, Augusto Lins e Silva, Antônio de Góis e Manuel Matos. Assinava-se a 5\$000 por ano e 3\$000 por semestre. Impresso na tipografia d’**A Concentração**, situada no Cais da Regeneração (hoje, avenida Martins de Barros), nº 23, instalou redação à rua da Imperatriz, nº 15, 1º andar.

“Sôbre as águas do encapelado mar do jornalismo pátrio — lia-se no artigo de apresentação — atiramos hoje **O Escriinio**, frágil barco que leva como bússola uma força de vontade irresistível e como tripulação um grupo de moços que, intemeratos, vencem os mais rudes obstáculos”.

Depois de algumas considerações, concluiu: “Nem de soslaio pretendemos olhar para a política, a fim de mais devotadamente procurarmos no livro o agradabilíssimo nectar da ciência e difundí-lo entre aquêles que, como nós, come-

çam a sua carreira literária. Eis o nosso programa, embora mal delineado. Visamos ferir o alvo”.

Publicação mensal, logo no segundo número pedia o imediato pagamento das assinaturas, tendo em vista “as dificuldades” que atravessava a novel empresa. No quarto número, o último dos redatores mencionados foi substituído por Tomaz Ferreira de Aquino. Este e Severino Araújo cederam o lugar, depois, a Olívio Câmara e Artur Lício. E **O ESCRINIO** passou a ser impresso na oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador.

Exclusivamente dedicado à Literatura, com exceção de raros editoriais, o bem feito periódico, além da produção dos redatores, divulgou trabalhos, em prosa e verso, de outros intelectuais, a saber: Carvalho Borges, Eustórgio Vanderlei, Edgar Gomes, Antônio Soares, Durval de Brito, o mesmo **Dudu Peralta** do “Folhetim”; M. Macário Ficalho, França Pereira, Adalberto Cunha, Francisco Lima Botelho, Luiz de Mascarenhas, Gastão Diniz, Domício Rangel, Augusto Monteiro; **Diro**, o das “Conversas”, e **Mimi Bambino**, que assinava “Faiscas”.

Não foi fácil a prossecução do desiderato dos acadêmicos dirigentes d’**O ESCRINIO**. Sua aparição fêz-se mensalmente, até o nº 4, de janeiro de 1900. Voltou em março; depois, abril, passando para 6 de julho (edição totalmente dedicada ao aniversário da morte de Castro Alves) e 12 de outubro, que foi o oitavo e último número (1), comemorativo do primeiro aniversário da fôlha (**Arq. Pú. Est.**).

**O MATTIA — Órgão Nefelibata da Companhia Lírica, dado à luz aos domingos** — Circulou, pela primeira vez, no dia 15 de outubro de 1899, formato de 32x22, com duas colunas largas de composição e quatro páginas. “Direção redacional”: **Celino Vineira, F. Von Thier, Juliano Falco, Raul Bia, Manuel Arinho e Piolim Galvão**.

Pretendia, segundo o artigo de apresentação, “viver das graças teatrais da estação lírica, existência um pouquinho

---

(1) Alfredo de Carvalho registara, como último número, o 6º, de 30 de abril, fazendo-o interrogativamente.

mais puxada que a das rosas de Malherbe, para não esquecer a chapa do estilo". Contava com a colaboração graciosa "de penas vantajosamente conhecidas nos nossos círculos jornalísticos" e exigia "apenas 100 réis para falar do próximo".

Bem redigido, cheio de verve e boa sátira, constituiu-se tôda a sua matéria, nos oito números regularmente publicados (1), de "Telegramas", "Cenas", "Caras e caretas", "Notas diversas", "Cartas a diversos", "Anúncios" humorísticos, "Folhetim", "Fala-se", "Tableau", "Receituário", em prosa ou verso, com assinaturas como **Pan-Tarantula**, **Tar-Tufo Timaró**, **Fuso de Ponta**, **Fra Diavolo**, etc., mas também inserindo a "Croniqueta" de Olímpio Galvão ou Celso Vieira. E atacava o **Jornal Pequeno**, porque êsse vespertino fazia críticas à Companhia De Mattia, que se vinha exibindo no Teatro Santa Isabel.

O último número saiu a 3 de dezembro, divulgando, em quadro, na primeira página, o "Epitáfio d'O Mattia" e, na última, uma "Oração fúnebre da **troupe** do Mattia", contendo, ainda, notas de despedida e adeuses nas páginas do centro (**Arq. Púb. Est.**).

O PEQUENITO — Órgão de reclamos do **Jornal Pequeno** — O nº 1 apareceu engastado no centro alto da segunda página do referido vespertino, ocupando três colunas, mas dividida a respectiva matéria em cinco colunitas por 25 centímetros de altura. Uma vez distribuída a edição do **Jornal Pequeno**, foi **O Pequenito** deslocado da página e impresso à parte, datado de 16 de outubro de 1899.

Lia-se no artiguinho, intitulado "O nosso jornal", que êle não desfraldava "a bandeira de um programa para inglês ver". Nada de política, "essa hidra que devora o nosso progresso". Seu fim era outro: serviria de cicerone aos leitores, para indicar-lhes as melhores casas comerciais. Porque — adiantou — "a alma do negócio já não é o segrêdo, como se pensava antigamente: é o anúncio, é o reclamo".

---

(1) Alfredo de Carvalho, em sua relação dos "Anais", aludiu, apenas, ao primeiro número d'O Mattia.

Foi, realmente, o que fez **O Pequenito**. Cada comentário, cada notícia terminava indicando uma casa de negócio.

Não passou da edição de estréia.

**BERNARDO VIEIRA** — Poliantéia em homenagem à primeira proclamação em prol da República no Brasil, circulou no dia 10 de novembro de 1899, com seis páginas, em papel **couché**, formato de 44x31, exibindo, no cabeçalho, o escudo de armas do Brasil, ladeado pelas datas: 10/11/1710 e 10/11/1899. Impressão da oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador, nº 47.

Mais de duas páginas, abrindo o texto, foram dedicadas à biografia de Bernardo Vieira de Melo, a cargo de F. A. Pereira da Costa. Seguiram-se três sonetos de João Batista Regueira Costa, sob o título “Guerra dos Mascates”. Outros colaboradores: João Coimbra, Artur Orlando, Sebastião de Vasconcelos Galvão, Antônio Adelino de Luna Freire, major José Domingues Codeceira, Manuel J. de Santana Araújo, etc., finalizando com a transcrição de comentários da imprensa diária, de adesão à idéia de um monumento histórico que perpetuasse a memória daquele que propusera, no Senado de Olinda, fôsse a Capitania de Pernambuco declarada “República **ad instar** de Veneza” (**Bib. Púb. Est.**).

**CAI-MI** — Fôlha crítico-satírica, de assuntos teatrais, cujo título era o nome da principal artista da Companhia De Mattia, em exibição no Teatro Santa Isabel, saiu a lume, como nº 1, mas único, no dia 14 de novembro de 1899. Formato 27x19, com quatro páginas de três colunas. Impressão em papel róseo. Além do lema “**Ridendo castigat mores**”, trazia sob o cabeçalho, à guisa de Expediente:

“Só sai sem ser esperado,  
Deixando o burguês danado.  
Se arde é por ser pimenta,  
Com **ela** ninguém se aguenta”.

E mais: “Redatores — os habituês do camarote nº 4. Gerente — **Garoud**. A parte musical é da exclusiva responsabilidade do maestro Fonseca. Redação: Loja do Krause. Não há assinaturas. Número avulso — **um tusta**. O nº 1 é gratuito. Agência: Botequim do Mafra”.



Suas páginas constituíram-se de notas ligeiras e versos redigidos com humorismo e boa sátira, envolvendo nomes de espectadores e artistas nas conversas de bastidores e camarins (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA DE INSTRUÇÃO PÚBLICA DO ESTADO DE PERNAMBUCO** — Fundada por João Batista Regueira Costa, entrou em circulação a 15 de novembro de 1899, obedecendo ao formato de 32x23, com oito páginas. Cumpria, assim, o “Art. 41 § 30, do Regimento de 30 de julho de 1896, que determinava a publicação de uma revista na qual os professores fôsem informados a respeito do progresso do ensino”.

Apresentava, sob o título, o conceito de Aristóteles: “**Neglecta juventutis disciplina facit republica detrimentum**”. Redatores: o Inspetor da Instrução Pública, os diretores do Instituto Benjamin Constant, das Escolas Normal, da Propagadora e de Engenharia e o Inspetor de Higiene. Publicação mensal, com tiragem declarada de 500 exemplares, assinava-se a 7\$000 por ano, 4\$000 por semestre ou 2\$500 por trimestre; para o interior — 8\$000, 5\$000 e 3\$000, respectivamente.

O artigo de apresentação fez um histórico das publicações anteriores consagradas aos interesses da pedagogia, tôdas de caráter mais ou menos efêmero. Referindo-se ao nôvo regulamento da Instrução Pública, concluiu: “...sejam a coragem e a perseverança o lema do nosso escudo e a tenção da nossa bandeira, nos incruentos combates, que ferirmos, pela causa da Educação”.

Confeccionada na oficina do **Diario de Pernambuco**, logo no segundo número transferiu-se para a do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador, nº 47, crescendo o formato para 35x24, a duas colunas de composição de 20 cíceros. A partir do nº 7 o corpo redacional ficou assim resumido: redator-chefe — o Inspetor Geral da Instrução Pública; diretor — J. B. Regueira Costa.

Teve a **Revista** como meta principal, que cumpriu à risca, a divulgação de discursos, instruções, teses, programas de ensino, pareceres, mensagens, atos da I. de I. P. e noticiário alusivo. Divulgou, igualmente, artigos de J. B. Regueira

Costa, Carlos Pôrto Carreiro, que também assinavam constantes poesias; Raimundo Honório, Olinto Victor, Leal de Barros, Alfredo de Carvalho, João Cordeiro Fonseca de Medeiros e Afonso Gonçalves Ferreira da Costa, todos focalizando problemas do ensino.

De circulação ininterrupta, transpôs 1900, atingindo o primeiro ano do século XX com o n° 14 — ano III — que saiu no mês de janeiro. Manteve invariável o regime de oito páginas.

Bem feito e superiormente dirigido, não conseguiu, todavia, estender muito sua existência, ficando suspenso ao publicar-se o n° 17, correspondente a abril de 1901.

Meses depois, precisamente em janeiro de 1902, saiu o n° 18, ano IV, tomo II, em feitio mesmo de revista (22x15), com 50 páginas de coluna larga, mais a capa. A par de vários artigos assinados, inseriu relatórios, exposição e outras peças de interesse da instrução pública.

Terminou aí (**Bib. Púb. Est.**).

1 9 0 0

**O APIPUCOS — Órgão Dos Interesses Dêste Belo Arrabalde** — Apareceu o n° 1, ano I, no dia 1 de janeiro de 1900, com tipografia e redação à Travessa da Rua Nova, tendo como redator-gerente Serapião Maranhão. Vendendo o exemplar a 100 réis, anunciou o preço de 5\$000 para a anualidade. Formato de 26x18.

Do ligeiro artigo de apresentação constava: “Periódico dedicado exclusivamente ao desenvolvimento do melhor, mais bonito e mais saudável arrabalde do Recife”. Alheio à política, manter-se-ia “dentro dos limites da lei e das conveniências, podendo terçar as armas de cavalheiro com quem quer que seja, em casos necessários, mas não apanhará luvas que, por falta de limpeza, possam causar náuseas”.

Inseriu poesias de José Neves e M. Santos, uma nota topográfica, noticiário, a seção “Diz-se...”, de **Arlequim**, e pouco mais de uma página de anúncios.

Não há notícia de haver continuado (**Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.**).

**O TROCISTA** — Surgiu a 14 de janeiro de 1900, formato 25x15, com quatro páginas de duas colunas. Propriedade “de uma Associação”, exibiu o seguinte corpo redacional: **Drs. Sipó, Chico Tripa, Casaca do Homem, Barata, Frango de Tostão e João Grilo**. Escritório e redação à rua do **Passa a Perna nº 0**”. Preço do exemplar — 100 réis.

Pedindo “venia para ocupar uma cadeira no congresso da imprensa livre”, frisou o artigo de apresentação: “**O Trocista** terá frases amenas e doces para os que souberem trabalhar em prol dêste desventuroso Estado, e as frases mais ásperas, mais toscas e grosseiras para os aventureiros, que fazem vergonha ao nosso meio social. O nosso programa será a crítica, o menoscabo e a troça dos atos mais vandálicos praticados pelos mandões ou quem quer que seja.

A edição (única), a par de notas satírico-humorísticas, carregou contra o governador e o prefeito, a propósito do incêndio do Mercado Coelho Cintra, no Derby, que teria sido propositado. Ainda: um soneto de **Sipo** e folhetins de **Pitombo** e **Dr. Chico Tripa** (**Bib. Púb. Est.**).

**REVISTA INDUSTRIAL E MERCANTIL** — **Publicação Mensal de Informações Práticas Dedicadas às Classes Ativas do Brasil** — O primeiro número circulou em janeiro de 1900, formato de 28x18, com 184 páginas, mais 20 do Suplemento denominado **Anunciador Interestadual**. Propriedade de **I. Neri da Fonseca**. Redatores — **Antônio de Sousa Pinto** e **Alcedo Marrocos**, funcionando a administração à rua **Marquês de Olinda, nº 60, sobrado**. Assinaturas: por ano — 38\$000; semestre — 20\$000; para os países de convenção postal: ano — 8 dólares, ouro.

Vinha preencher sensível lacuna, uma vez que se bastava “como biblioteca profissional do comerciante e, em parte, do próprio industrial”. Para atingir o escopo colimado, dividiu a matéria em quatro partes, assim resumidas: compilação e anotação de leis, de caráter permanente ou transitório; dou-

trinação econômica e financeira; crítica; noticiário geral e informações sobre produção, transporte, etc. (1).

Além do artigo de Sousa Pinto e de ligeiras notas, quase toda a edição foi ocupada pelo decreto que instituiu a tarifa das Alfândegas da República, com anotações e as respectivas tabelas. Figuravam, também, anúncios, nas páginas internas da capa.

Datado de fevereiro/março, saiu o nº 2/3, continuando a numeração anterior até a página 366. Constaram do sumário: As finanças da República — O Café — Boletim da Comissão de Tarifa — Regulamento para arrecadação dos Impostos de Consumo — Irrigação — Regulamento do Sêlo Federal — Guia Postal-Telegráfico, Orçamentos, etc.

Continuou, cada mês, regularmente. Ao atingir setembro, a firma proprietária passou a denominar-se Néri da Fonseca & Cia. (2), ao mesmo tempo que a “tipografia da **Revista Industrial e Mercantil**” alterou a denominação para “Imprensa Industrial”, situando-se à rua Bom Jesus, ns. 34/36.

O último número do ano envolveu os meses de novembro e dezembro, perfazendo todas as edições do ano, sempre numeradas ininterruptamente, o total de 1374 páginas, afora os índices e as de anúncios.

Circulou em janeiro a primeira edição de 1901, iniciando numeração nova das páginas, que sofreram grande redução. E prosseguiu, com regularidade, até o nº 11/12 que reuniu novembro e dezembro, perfazendo 698 ditas.

Só inseria mesmo matéria de interesse imediato do comércio e da indústria, a começar pelos artigos dos redatores, que abordavam temas financeiros ou legislativos. O su-

---

(1) Acusando o aparecimento da **Revista Industrial e Mercantil**, em torno da qual toda a imprensa diária do Recife teceu as mais lisonjeiras referências, escreveu **A Província**, entre outras considerações: “É uma publicação de largo fôlego, a mais arrojada talvez e a melhor aparelhada das empresas de seu gênero tentadas no Brasil”.

(2) Estava assim constituída a firma no seu começo: dr. Diógenes da Nóbrega, Inácio Néri da Fonseca e Artur Gonçalves Tôrres.

plemento de anúncios não deixou de acompanhar cada edição (**Bib. Púb. Est. e Bib. Púb. de Sergipe**) (3).

Segundo Alfredo de Carvalho, a publicação se estendera até janeiro de 1902. Mas, na realidade, nenhuma outra edição foi divulgada além da correspondente aos dois últimos meses de 1901.

**O ZÉ PEREIRA** — Órgão que faz favores e também recebe-os. Oferecido pelo **Clube Matias Lima** — Número “especial”, circulou no Carnaval de 1900, a 24 de fevereiro, impresso no **Atelier Miranda**, à rua **Padre Nóbrega**, ns. 18/22, formato de 37x26, com quatro páginas. Redação: “onde for encontrado”. Redatores: “todos aqueles que têm a mania de escrever de graça”.

Foram seus colaboradores, menos em prosa do que em verso: **Satan Peralta, Yôyô Patusco, Caifaz, Catu Filho, Laborão, Mestre Domingos, O Lógico** e outros. Linguagem, às vezes, licenciosa (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

**A BEATA** — Órgão do **Clube Carnavalesco Beatas do Recife** — Número único, saiu a lume no dia 25 de fevereiro de 1900, pequeno formato, com quatro páginas. Redatores — **Joana Graxona, Chico Raio e Calu Gostosa**. Mal redigido, repleto de humorismo grotesco, além de incrível editorial, divulgou as seções “Testamento... da chata irmã Lourenço”; “Dizem...” e “Telegramas” (**Bib. Púb. Est.**).

**O BOHEMIO** — Edição especial consagrada a **Momo, o Deus da Troça e da Gargalhada** — Órgão da **Tertúlia Boêmia**, circulou no “domingo gordo de 1900”, ou seja, no dia 25 de fevereiro, para “distribuição gratuita ao clero, nobreza e povo”. Impresso na tipografia do **Commercio de Pernambuco**, à rua do Imperador nº 43, apresentou-se no formato de 31x22, com quatro páginas de três colunas, sendo a seguinte a “trindade diretora”: **Quiri Kajado, Pio Piparote e Juca Timbirassu** (pseudônimos, os dois últimos, de **Artur Benício de Araújo Lima e Júlio de Medeiros**).

---

(3) A coleção da Biblioteca Pública do Estado não vai além do nº 10 do ano II. O nº 11/12 só existe na Biblioteca Pública de Aracaju, Sergipe.

Lia-se no artigo inicial: “**O Bohemio** é o nosso cartão de boas vindas ao impagável Momo, o eterno chefe dos três gloriosos dias que transformam todo êste vasto Pandemônio do Prazer num verdadeiro e terráqueo paraíso”.

Bem redigido, incluiu mais verso do que prosa, não só assinado pelos redatores, mas por **João Frivolino, Gito, Fúlvio Júnior e Demo de Moraes**, como se ocultava José Monteiro (**Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.**).

O **CARROUSEL** — Publicou-se o nº 2 no dia 22 de março de 1900, formato de 26x19, com quatro páginas, servido de matéria satírico-humorística, em prosa e verso, aqui e acolá descambiando para a linguagem licenciosa de bordéis. Eram signatários de crônicas e epigramas: Alfredo Leal, F. Guimarães, Gastão Diniz, utilizados como pastiche; Cici Budião e Bim. Pouco recomendável (**Bib. Púb. Est.**).

Segundo os “Anais”, de Alfredo de Carvalho, saiu o nº 1 a 9 de março, tendo havido também o nº 3, datado do dia 29.

Ver-se-á, a seguir, como o desabusado jornaleco causou celeuma:

O **Diario de Pernambuco**, de 1 de abril do ano em referência, divulgou uma carta, assinada por L., de condenação a **O Carrousel**, porque êste se ocupava, unicamente, em “falar da vida alheia”, em linguagem tão pornográfica que revoltava. Sendo um dos atacados pelo pasquim, L. enviou esforços e, apesar da difícil tarefa, podia apontar, como responsáveis pela publicação, Xavier Coelho, Manuel Buarque de Macedo, Dantas e José Ribeiro, pespegando-lhes adjetivos nada lisonjeiros.

No dia seguinte, através de outro diário — **A Concentração** — Xavier Coelho desmentiu-o, afirmando: “Nunca escrevi uma linha sequer para tal papeluxo”.

Enquanto isto, no mesmo dia, um tal **Brasil** escrevia à **Gazeta da Tarde**, “para evitar dúvidas futuras”: “Podemos garantir a VV. SS. que os redatores d’**O Carrousel** são os mesmos do antigo **Mattia**, com exceção do sr. Adelino Costa, que se acha atualmente no Amazonas”.

O **CLARIM SOCIAL** — Foi dado à publicidade, segundo **A Província** de 15 de março de 1900, o primeiro número dêsse “periódico de pequeno formato, bem impresso, de leitura variada e orientação socialista, prometendo aparecer mensalmente”.

Saiu o nº 2 no dia 1 de abril, impresso na oficina do **Jornal do Recife**, achando-se a redação instalada na rua Imperial, nº 39. Propriedade e redação de Agripino da Silva, João de Oliveira, José Pinto e José Vilela. Assinatura semestral — 1\$500.

No editorial da edição em aprêço sobressaiu-se a propaganda do Socialismo, declarando o articulista, entre outros conceitos: “...em breve raiará a aurora sublime do levantamento glorioso da classe proletária”. João Ezequiel, por outro lado, firmou comentário defendendo a proclamação da “lei suprema da fraternidade humana”. Foram outros colaboradores: João Dez, Francisco Brito, Martins Filho, Osvaldo de Almeida e Flaviano Martins. Na quarta página figuraram poesias de Tomaz Ferreira de Aquino, Romualdo Lima e outros.

Mais um nome — Euclides de Oliveira — integrou o corpo redacional a partir do nº 3, de 1º de maio, cuja primeira página, trabalhada em vinhetas, exibiu os dizeres: “Glória ao 1º de Maio — Salve, proletariado! — Homenagem do **Clarim Social** — 1893/1900 — Proletariados de todos os países, uni-vos!” Seguiram-se editorial em tórno da data, outros artigos, notas diversas e poesias de J. Monteiro, Agripino da Silva e Gustavo Codeceira (**Bib. Púb. Est.**).

Não restam outros comprovantes. Entretanto, publicaram-se mais três números do mensário, o último dos quais, o 6º, registado pelo **Jornal do Recife**, de 12 de setembro.

O **JUDARÃO** — **Periódico Artístico, Científico e Literário, Distribuído como Prêmio aos Leitores do “Album do Domingo”** — Tendo como redatores Olímpio Galvão e Bráulio da Cunha, circulou a 14 de abril de 1900 (sábado de Aleluia) em formato de 26x17, com quatro páginas e lisonjeiro aspecto material.

Número único, não teve outro objetivo senão ridicularizar, em prosa e verso, o jornalista Manuel Arão, chamado o “Judas Arão”, que dirigia a seção literária do **Diário de Pernambuco**, denominada “Album do Domingo”, em conjunto com os dois redatores do **Judarão**. Um mal entendido entre os três homens de letras deu lugar à publicação em aprêço, com poemetos e crônicas assinados por Bráulio, Olímpio, Fr. Marotti, Oscar Leal, **Dr. Sombra, Canuto, Gastão e Xico Maroto**. O último dêles, na seção “Corre de bôca em bôca...” escreveu

“que os bicheiros em querela,  
prá reformar o talão,  
entre os bichos da tabela  
colocam **manelarão**”.

Na terceira página, ao alto da primeira coluna e encimado por uma cruz, **O Judarão** divulgou, também, o “convite” a seguir:

“Bráulio da Cunha, Luiz de Vasconcelos, Olímpio Galvão e F. Marotti, profundamente sentidos pelo infausto passamento do valente companheiro de lutas do “Album do Domingo”, Manuel Arão, traiçoeiramente enforcado num lampião da rua dos Casos, convidam o público pernambucano para assistir ao seu **enterramento**, que realizar-se-á nos fornos de incineração do Cais do Capibaribe, pelas 4 horas da tarde de hoje. Carros e carroças à rua das Cruzes. Sábado de Aleluia, 14 de abril de 1900” (**Arq. Púb. Est.**).

O **CLETO** — Poliantéla em “homenagem a Marcelino Cleto, o Berlioz pernambucano — por seus colegas e admiradores” — conforme o quadro da primeira página, em vinhetas, encimado pelo emblema musical, publicou-se a 26 de abril de 1900. Impressão da tipografia do **Jornal do Recife**, em excelente papel e formato de 31x22, a três colunas de composição. As três outras páginas, em seguida às notas biográficas a respeito do renomado compositor pernambucano, cujo aniversário natalício se comemorava, inseriram numerosas saudações, em poucas linhas, assinadas por seus amigos e admiradores (**Bib. Púb. Est.**).



**O PRIMEIRO DE MAIO — Órgão do Proletariado —** Publicação mensal, surgiu na data que emprestou ao título, no ano de 1900, tendo como redatores João Ezequiel, Olavo de Albuquerque e Martins Filho, situada a redação à rua Pedro Afonso, nº 60. Formato de 27x20, foi impresso na oficina do **Jornal do Recife**, em bom papel.

A primeira página, num bom trabalho de vinhetas, prestou “homenagem ao 1º de Maio”, acrescentando: “Salve, áurea data em que raiou o Sol da Crença do operariado universal”. Aos lados, em sentido vertical, lia-se: “Proletários de todos os países, uni-vos!” e “A Imprensa é o telescópio d’alma”. Assinava-se o trimestre a 1\$000.

Após uma série de considerações sobre a data, dizia o artigo de apresentação, abrindo a segunda página: “...nasce, hoje, **O Primeiro de Maio**, alavanca poderosa da propaganda na imprensa, clarim da Liberdade, tocando rebate em prol do Trabalho. E nasce porque a hora da emancipação há definitivamente soado; nasce porque o século que morre desperta no século vindouro a glória da idéia”. Em conclusão: “Que um dia vejamos o ruir da moribunda sociedade de mentiras e hipocrisias, que combatemos! Que triunfe o ideal da fraternidade humana é o que almejamos”.

Todos os redatores escreveram artigos assinados, sendo a quarta e última página ocupada com o poema socialista “Nova páscoa”, de Francisco Marotti.

Proseguiu a publicação, sempre a serviço das idéias avançadas, até o quarto e último número, que circulou a 15 de setembro, com o número de redatores acrescido de Francisco Brito, Cirilo Ribeiro e Flaviano Martins, mas afastado Olavo de Albuquerque. Nenhuma outra matéria além de artigos assinados, de propaganda socialista, inclusive por Caitano de Andrade e Francisco Marotti (**Bib. Púb. Est.**).

**O ALBUM — Órgão da Sociedade Literária Bernardo Vieira de Melo —** Entrou em circulação a 1º de junho de 1900, formato de 27x19, com quatro páginas de três colunas, depois, duas, tendo redação instalada na rua Dr. José Mariano, nº 48. Redatores: Alcibíades Lima, Eusébio de Sousa, Mário Melo, Mário Rodrigues e Adalberto Ribeiro. Impres-

são da tipografia do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador, nº 47. Mensário, assinava-se a 4\$000 por ano; 2\$000 por semestre e 1\$000 por trimestre, custando \$500 o exemplar.

Apareceu, segundo o artigo-programa, “destinado a fazer aquisição dum modesto lugar no nosso meio literário para a Sociedade de que é órgão; defender os direitos do imortal pernambucano Bernardo Vieira de Melo, o precursor da liberdade brasileira, e render o merecido preito de homenagem ao mesmo”.

“Amante do Belo, se dedicará em grande parte à Literatura, êste instrumento da cultura íntima, na inspirada definição de Lasson; do saber propagará as ciências, incutindo no espírito do povo a necessidade absoluta de cultivá-las; da pátria, empregará o possível para o seu engrandecimento” e “defenderá ardentemente a forma de governo chamada República, em que ela predomina”.

“Finalmente, fará das suas humildes páginas o oráculo das idéias puras de jovens que, talvez improficuamente, porém com dedicação, trabalham para o engrandecimento do Brasil”.

Publicou-se normalmente e, no quinto número, Mário Rodrigues deixava o corpo redacional, já acrescido dos nomes de Telésforo de Almeida, José Monteiro e Helvécio Guimarães.

Foram colaboradores esporádicos: Demétrio Martinho, **Maneco**, **Tirunculos**, Francisco R. R. de Lima, Adolfo Silva, **Demo de Moraes** (pseudônimo de José Monteiro), etc. Desde o nº 3, o trabalho gráfico passou a ser feito no Atelier Guttenberg, de Rodrigues e Silva, à rua Duque de Caxias, nº 34.

Com o nº 5, de 12 de outubro, terminou o ano. Não foi possível encontrar comprovante da única edição publicada em 1901, com a data de 23 de março.

Voltou, mais de um ano após — nº 1, ano III — a 30 de agosto de 1902, o formato aumentado para 32x22, obedecendo a nova equipe de redatores, que foi a seguinte:

Samuel Valente, Alcibiades Lima, Afonso Neves Batista (secretário), Alfredo de Albuquerque Azevedo (só no primeiro número) e Demétrio Martinho. Por sua vez, mudou-se a redação para a rua de Horta, nº 14, 1º andar. Lia-se no artigo “O nosso reaparecimento”:

“...apresentamo-nos novamente, cômicos da simpatia daqueles que divisam na mocidade a aurora do porvir. A nossa meta será sempre a mesma e a imagem da ciência e da pátria será o talismã que religiosamente será conservado em nossas almas, onde arde a pira do patriotismo”.

No nº 2 dessa nova fase (1), publicado a 9 de setembro, a Sociedade Literária Bernardo Vieira de Melo, de que era órgão, passava a ser, também, Histórica, conforme constou do cabeçalho. Outros colaboradores: Pacifico L. Siqueira, Domingos Vieira, Olímpio Fernandes, Martins Filho, Caitano Galhardo, José Nunes de Melo, etc. (**Bib Púb. Est.**).

**A SATURNINA** — Entrou em circulação o primeiro livro de sortes do ano, redigido por **José Fino** e impresso na tipografia do **Novidades**. Sua matéria constituiu-se de “uma penca de assuntos, parte literária e uma polca de Juventino A. de Sousa” (**Jornal Pequeno**, 1/6/1900).

**O PERALTA** — Outro livro de sortes foi dado à estampa, sob a responsabilidade do “muito chistoso Fortunato Ventura”, redigido com “sadio espírito”. Completou a edição o entreato “Amor na chuva”, do jornalista Ernesto de Paula Santos, dono do pseudônimo acima (**Jornal Pequeno**, 2/6/1900).

**O GRINGO** — Bastante “variado e digno de leitura”, apareceu êsse livrinho dedicado às noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, organizado por **Gregório Gerônimo**. Foi vendido o exemplar a 500 réis (**Jornal Pequeno**, 11/6/1900).

**O ENGROSSO** — Editado pelo Panteon das Artes, de Nogueira Irmãos, teve como responsável o **Dr. Felix Xim-**

---

(1) Para Alfredo de Carvalho, a vida d'O **Album** terminara com o primeiro número de 1902.

**pirra**, conhecido “doutor em galhoifeira”. Considerado um dos melhores livros de sortes do ano (**Jornal do Recife**, 12/6/1900).

**O OLHO** — **Periódico popular** — Surgiu datado de 16/17 de junho de 1900, formato de 30x22, com quatro páginas de três colunas. Impresso na Tipografia de Afonso Regueira & Cia., à rua de São Francisco (atual Siqueira Campos) nº 2-F, onde funcionava a redação, achava-se esta a cargo de **Fortunato Ventura** e **Juca Vergueiro**, pseudônimos, respectivamente, de Ernesto de Paula Santos e José Bento Ribeiro. Número avulso — \$100.

Constava do artigo de apresentação: “Gracejador e sem ofensas, malicioso sem desbragamentos, **O Olho** derrama o nectar de sua verve nas taças de bacará de um banquete burguês, num brinde ao belo sexo, como dulcifica e anima, com a mesma prodigalidade, expansivo e galhoifeiro, a cristalaria modestíssima do beco do Galo, do quadro da Manuela ou da Aldeia do 14”.

Foram matérias principais da edição de estréia: “Vista d’**Olho**”, por **P. P.** (Artur Benício de Araújo Lima); “Teatro dos outros”, por **Juca Vergueiro**, e a “Croniqueta”, de **Planchet**, além dos versos humorísticos, de intenso sabor, do primeiro dos redatores (**Bib. Púb. Est.**).

Só chegou ao terceiro número, que saiu no dia 2 de julho (1).

**O CARROUSEL** — Nôvo livro de sortes dedicado às festivas noites juninas, foi redigido por **Um Boêmio Apontado** (**Jornal Pequeno**, 21/6/1900).

**A SALOIA** — Bem organizado livro de sortes, esteve a cargo “do impagável **Raul Pinglot**, cuja verve é inesgotável”. Além “de trazer assuntos escolhidos”, apresentou “poesias e contos dos melhores dos nossos rapazes” (**Jornal Pequeno**, 21/6/1900).

---

(1) Não foram encontrados comprovantes dos ns. 2 e 3, registados nos “Anais”, de Alfredo de Carvalho.

**THEREZA DINIZ** — “Homenagem de suas alunas na noite de seu concerto”, circulou essa poliantéia no dia 22 de junho de 1900, formato de 31x22, com quatro páginas nitidamente impressas em papel de qualidade, trabalho gráfico da empresa do **Commercio de Pernambuco**. Tôda a matéria cingiu-se ao evento, com retrato da renomada pianista, ao lado de artigos de Carlos Pôrto Carreiro e Gaspar Regueira. Seguiram-se saudações, em prosa e verso, assinadas, entre outros, por Teotônio Freire, Artur Muniz, Faria Neves Sobrinho, Manuel Arão, J. B. Regueira Costa, Joaquim Barbosa, Augusto de Carvalho, Hermenegildo da Silva Sena, José Roque e Nilo Câmara (**Bib. Púb. Est.**).

**O INFANTIL** — Circulou no dia 24 de junho de 1900, tendo como redatores... “diversos”, para vender-se a 100 réis o exemplar. Formato de 20x16 com apenas quatro páginas.

Lia-se, no seu resumido artigo de apresentação: “**O Infantil**, leitores, vem nutrido de forte imparcialidade e grande justiça, falar-vos de alguns fatos ocorridos entre os interessantes artistas da Companhia Infantil (que agora nos proporciona algumas horas de delícias no suntuoso Teatro Santa Isabel) e o snr. Umbelino Dias, empresário da mesma, que traz sempre afivelada no rosto a máscara negra do cinismo”.

Sua matéria constou de notas ligeiras da redação, a par de versinhos, assinadas por **Tenório, Galgo e Cabido**, predominando o assunto do programa estabelecido. Trabalho gráfico pouco recomendável (**Bib. Púb. Est.**).

Embora não restem outros comprovantes, prolongou-se a existência d’**O Infantil** até, pelo menos, o nº 4, consoante notícia do **Jornal do Recife** de 29 de julho de 1900.

**O LABARO** — **Órgão Literário, Crítico e Noticioso** — Formato pequeno, de 21x16, com quatro páginas, saiu o primeiro número a 14 de julho de 1900, redigido por Luiz de Mascarenhas e José Emílio. Empunhando a “alavanca do trabalho”, saberia, segundo o artiguete de apresentação, “manter-se firme no cumprimento de sua missão”, assim concluindo: “Se cair, terá então a desculpá-lo a consciência dos fortes e dos abnegados”.

Jornal sério, divulgou poesia de Alberto Barreto, continho de Luiz Mascarenhas e iniciou um romance em folhetim, afora comentários, noticiário ligeiro e uma quadra de **Gyp**. Trabalho material de Afonso Regueira & Cia., com tipografia à rua de São Francisco, n° 2-F (**Bib. Púb. Est.**).

O n° 2 d'**O Labaro** teve seu aparecimento noticiado pelo **Jornal Pequeno**, de 11 de agosto.

O **PREGO** — **Jornal humorístico e crítico** — O n° 1 saiu no dia 21 de julho de 1900, formato de 31x22, com quatro páginas de três colunas, tendo como redatores: **Fra Diavolo, Bananeira, Bastião** e **Cabaceira Gomes**. Número avulso — \$100.

Com mais algumas palavras de preâmbulo, assim concluiu o artigo de abertura: "...o meu fim é simplesmente a troça, porém troça que não ofenda, que não incomode a quem quer que seja. Muitos nas minhas condições têm aparecido, muitos procuram ter uma longa vida, porém desaparecem sem que tenham conseguido o seu **desideratum**. **O Carrousel, O Infantil, O Mattia** e, ultimamente, **O Olho**, têm surgido e azulado em pouco tempo, mas **O Prego**, que vem depois d'**O Olho**, terá com certeza a vida longa e muito longa".

"Sem querer esposar a política, contudo não deixarei de dar umas **pregadas** em quem merecer. E agora protejam-me, que estarei na mão de todos aquêles que quiserem gastar cem réis. Este é o meu programa e dêle não nos arredaremos".

Além do pessoal mencionado, inseriu colaboração, às vezes em linguagem apimentada, de A. Cunha Carvalho, **Gregório Neto** (pseudônimo de José de Castro), **Gravata Azul, Tome Eça** e **Pipoca** (**Bib. Púb. Est.**).

A publicação continuou, chegando ao n° 4 a 11 de agosto, como consta do noticiário do **Diario de Pernambuco**.

**BOLETIM DIOCESANO** — Órgão oficial da Diocese, com sede no palácio da Soledade, apareceu em julho de 1900, formato de 23x15, com 24 páginas de coluna larga.

Trabalho gráfico da oficina d'A **Provincia**. Redatores — Monsenhor José de Oliveira Lopes, padre Zeferino Veloso e padre Hermeto Pinheiro.

Em longo artigo-programa, a Redação fêz, inicialmente, um estudo sôbre a “maravilhosa invenção de Guttenberg”, comparando os benefícios e os malefícios da boa e da má imprensa, para frisar: “Não, a imprensa ímpia não é hoje sômente um perigo para a religião e para a moral: ela é o mais terrível ariete com que se trabalha para abalar as bases fundamentais em que se apoia tôda a ordem social”.

Concluiu fazendo um apêlo pró-aquisição de assinaturas e saudando os colegas da imprensa católica.

Divulgava, mensalmente, matéria oficial, doutrina, liturgia, mensagens, cartas pastorais, encíclicas, relatórios, noticiário específico, movimento do óbolo diocesano e raras poesias. O número de páginas variou entre 16 e 32.

Encerrou sua existência com o nº 12, de junho de 1901, formando um volume encadernado de 236 páginas (**Coleç. Fern. Pio**).

**SALVE 26 DE JULHO DE 1900** — Poliantéia em homenagem ao Monsenhor Olímpio de Campos, presidente do Estado de Sergipe, cujo retrato figurou na primeira página, numa litogravura de A. V. Cruz. Motivou a publicação — impressa no Atelier Miranda, em rico papel, formato de 32x22 — o transcurso, na data que serviu de título, do aniversário natalício do homenageado, que foi saudado em artigos, biográficos ou não, assinados por F. Nobre de Lacerda, I. L., Silva Marques e Antônio Ferreira da Silva (**Bib. Púb. Est.**).

**O MARTELLO** — Surgiu a 1º (1) de agôsto de 1900, formato de 31x22, com quatro páginas de três colunas, obedecendo ao seguinte Expediente: “Sai uma vez por semana. Redação: “Lá em casa”. Redatores: **Droba, Frita, Zé, Job, Mandu e Eu**”.

---

(1) Não no dia 3, como está nos “Anais”, de Alfredo de Carvalho.

“Manias” foi o título do artigo de apresentação. Ocupou-se do jornalismo humorístico, que dera em mania, com órgãos de vida curta, até chegar **O Martello**, destinando-se êste a bater n’**O Prego**.

Não fugiu à regra a nova fôlha, cujo segundo número, o último, circulou no dia 11. Sua matéria constituiu-se de prosa e verso, onde imperavam a ironia, a crítica, o humor e a malícia. **Eu** era o responsável pela seção principal, sob o título “Martelando” (**Bib. Púb. Est.**).

**O ORPHÃO — Órgão do Colégio Orfanológico São Joaquim** (1) — Publicou-se o nº 1 no dia 19 de agosto de 1900, formato de 26x17, com quatro páginas de duas colunas. Impressão da Tipografia Santo Albino, pertencente à instituição. Redatores — Alfredo Gentil de Carvalho, Pedro Galvão Ivo da Silva e Alfredo Montenegro de Mesquita.

“...juvenil intérprete de um estabelecimento de caridade”, surgiu na data do seu terceiro aniversário, pedindo desculpas, em artigo sucinto, pelas faltas e lacunas.

Divulgou noticiário do Colégio, continhos, humorismo e deu comêço, em folhetim, ao romance “O naufrágio”, de A. de Amicis, fadado a não chegar ao fim.

O nº 2 saiu a 30 de setembro; o nº 3 no dia 28 de outubro, para findar com o nº 4, de 9 de dezembro. Êste último, em formato quase duplicado (43x30), a três colunas de 18 cíceros, inseriu, nas suas quatro páginas, prolixa matéria a respeito do Colégio e da Santa Casa de Misericórdia; poema de José Antônio de Almeida Cunha, que também subscreveu o Hino da instituição, e artigos do diretor Gaurino G. A. da Silva e de S. Régis. Como novidade, exibiu, na quarta página, um “ensaio zincográfico”, representado por figura de homem em meio corpo (**Arq. Púb. Est.**).

**A MATRACA** — Apareceu no dia 23 de agosto de 1900, redigido por Antônio Bazílio, Júlio Paz, Pedro Pacheco e

---

(1) O Colégio Orfanológico achava-se instalado na rua Visconde de Albuquerque, nº 95.



Oscar Cavalcanti, com redação instalada à rua Oitenta e Nove (antiga e atual Imperial) nº 59. Formato de 18x13 e quatro páginas.

O editorial de apresentação saudou o “público em geral”, pedindo desculpas pelas suas “enfraquecidas e débeis frases”. Inseriu artigo de Filarete Charles, sobre “A Imprensa”; conto de A. Bazílio; “Cancioneiro do povo”; notícias, anedotas e meia página de anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

**O TRAQUINAS — Órgão da Cascabulhada** — Publicou-se o nº 1 a 25 de agosto de 1900, formato de 22x16, com quatro páginas. Redatores — **Dudu, Chico, Timpirra e Bumba**. Preço do exemplar — 100 réis.

Entrando na “estéril arena da imprensa trocista pernambucana”, vinha disposto a dar “pernadas a torto e a direito”.

Sua matéria constituiu-se de notas satírico-humorísticas (1) e versinhos amenos e jocosos.

**O Traquinas** prometera sair semanalmente, mas ficou mesmo na edição de estréia (**Bib. Púb. Est.**).

**O FLAVIANO (1 A)** — Edição especial, saiu a lume no dia 4 de maio de 1900, formato mínimo, com quatro páginas, impressa na tipografia do **Jornal do Recife**. Constataram da primeira os dizeres: “Saudação ao faustoso aniversário de Flaviano Martins”, seguindo-se editorialzinho sobre a personalidade do “genial violonista”, assinado por Sousa, Ezequiel, Severino, Lídio e Martins, completando a edição ligeiras saudações de outros admiradores (**Arq. Púb. Est.**).

**A PROPAGANDA — Órgão da Associação dos Empregados no Comércio de Pernambuco** — Surgiu, para publicar-se semanalmente, a 23 de setembro de 1900, formato gran-

---

(1) Na seção “Dizem por aí que...”, lia-se: “Atrizes da ex-“Infantil” projetam um grande concerto, no qual exhibir-se-á, com seu piston, o maestro Mário Melo”.

(1 A) Está registado, nos ‘Anais’, com o título **Flaviano Martins**.

de, a cinco colunas. Com redação à Rua Nova, nº 46, 1º andar, adotou a seguinte tabela de assinaturas: ano — 10\$000 para a capital e 12\$000 para o interior e Estados; semestre — 6\$000 para a capital e 7\$000 para o interior e Estados; trimestre — 3\$500 e 4\$500, respectivamente; número avulso — \$200. Redatores: Bráulio da Cunha, Manuel Duarte e Francisco dos Santos Moreira, êste também na função de gerente, que, no nº 6, transferiu a Abel Guedes Pereira.

Lia-se no editorial de apresentação, entre outros conceitos: “**A Propaganda**, acerando armas nessa incruenta pugna do jornalismo, desfralda a sua bandeira, cujo lema é êste: — **Dieu et mon droit**”.

“Agindo longe das paixões partidárias e religiosas, o seu fim é unicamente servir de baluarte e de escola aos que precisam, entre os de sua classe, de defesa e de instrução. E nisto, nestas últimas palavras, fica o nosso programa, a nossa fé de officio, que saberemos defender e manter por entre as tempestades sociais do nosso meio”.

Prestou homenagem ao sócio protetor da Associação, Alberto Dias Fernandes, estampando-lhe o retrato, a craion (autoria de Eduardo Fonseca), seguido do respectivo panegírico. Abriu a página a “Crônica”, de Caitano d’Almeida Andrade, que se tornou permanente, divulgando êle também, constantes poesias.

Farto de variada matéria, sendo a quarta página de anúncios, a par do inevitável artigo de fundo, regular noticiário, atos oficiais da Associação, “Passatempo” (charadas), a cargo de **Amador**, e o folhetim “A princesa da Harpa de Ouro”, tradução de **Juca Vergueiro** (pseudônimo de José Bento Ribeiro), manteve seções de comentários, como as “Semanais”, por **Alexis** (assim oculto Manuel Duarte), também encontradiço, concomitantemente, com o próprio nome ou as iniciais, em artigos e poesias; “Rabiscando”, de **Rubens**; “Instantâneos”, por **Durval**, e outras, de curta duração, afora a colaboração esparsa de Artur Benício de Araújo Lima, igualmente assinando-se **Pio Piparote**; Targino Filho, João de Deus, **Demo de Moraes**, que era o humorista José Monteiro; Paulo de Arruda, Mendes Mar-

tins, Mário Pinto de Sousa, **Lulu Pelintra** (travesti de Eurico Vitróvio), Mário Rodrigues (prosa e verso), Carlos Galvão, Eugênio de Sá Pereira, que depois criou a seção “Nevadas”, com o pseudônimo **Domingos Dias Santos**; Fausto Cunha; Antônio Valença e **Antovale**; C. G. de S., etc., que se revesavam ou logo desapareciam. A princípio, houve uma “Coluna do Grêmio Caixeiral Português Tomaz Ribeiro”. Com a assinatura de C. C., permaneceu a coluna “Escrituração Mercantil”.

Comemorando o 14º aniversário da Associação, a edição de 28 de dezembro saiu com oito páginas, repletas de matéria alusiva ao evento, ilustrada a primeira por artística alegoria (craion de Crispim Amaral) em litogravura, ao passo que, na última, circulada de vinhetas, se divulgava o corpo diretor do órgão da classe.

A primeira edição de 1901 — nº 14 — publicou-se a 7 de janeiro, acompanhando-a um almanaque editado pela Imprensa Industrial, situada à rua do Bom Jesus ns. 34/36, em cuja tipografia era confeccionado o periódico.

O corpo redacional foi alterado a 21 de janeiro, com a saída de Santos Moreira, logo substituído pelo cronista Caitano de Andrade, e a 22 de fevereiro, despedia-se outro redator: Bráulio da Cunha, vaga que só no mês de agosto foi preenchida por Cleto da Costa Campelo.

Ao lado das seguidas “Cartas portuguesas”, com a assinatura de S. A., apareceram, já em abril, as “Cartas do Rio”, de A. F. Seguiram-se: “Minha seção” e “Flauteando”, a primeira em prosa, focalizando assuntos musicais, e a segunda em versos, assinadas, ambas, por **Paulo Paraguassu** (pseudônimo de Laiete Lemos); “Traços e troças”, por M. de O.; “Rabiscos”, por E. C.; “Cartas rurais”, por **Math**; “O Recife por dentro”, por A. A. e Demétrio Rocha; “Migalhas”, a cargo de **Moacir**; “Cartas do Cariri”, em versos, por Josefino Lima de Aguiar, e “O Recife por fora”, por **Calixto**. Quando, a 15 de julho, Caitano de Andrade retirava o seu nome da “Crônica”, entrou a assiná-la **Falstaff**.

A 26 de agosto, passou **A Propaganda** a ser impressa no Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega, nº 18/22, acrescen-

tando ao cabeçalho: “Comércio, Agricultura, Lavoura e Indústria”, e ocupou-se, algures, desses temas, sem prejudicar, porém, a principal tarefa de propagar e defender a Associação dos Empregados no Comércio. Já nos últimos meses de sua existência, admitiu a colaboração de Fernando Griz.

Não foi isenta de dificuldades a existência do jornal, cujos redatores, principalmente Manuel Duarte, enfrentaram incompreensões, despeito e a acusação de o estarem afastando dos seus objetivos, o que foi devidamente contestado. Não viveu mais do que um ano. A diretoria da Associação decretou-lhe a morte, o que ocorreu com o nº 49, de 16 de setembro de 1901, não sem uma nota de protesto conjunto dos redatores Manuel Duarte, Caitano d’Andrade e Cleto Campelo, abrindo a primeira página.

**Alexis**, na sua crônica semanal — a única mantida desde o primeiro número — escreveu desolado: “Chegou a vez deste modesto periódico e ei-lo que amanhã já terá voltado ao nada das coisas terrenas, impassíveis na morte, gloriosas no túmulo. É a lei” (**Arq. Púb. Est.**).

**24 DE SETEMBRO** — Poliantéia publicada na data do título, em 1900, foi impressa em papel **couché**, formato de 32x22, com quatro páginas. A primeira exibiu expressivo retrato a craion (autoria de Rodolfo Lima e trabalho litográfico de J. Carvalho), com a legenda: “Glória ao mestre Dr. Carlos Pôrto Carreiro”, envolvendo-o as datas: “1865 — 24 de Setembro — 1900”; “1882 — Instituto 19 de Abril”; “1895 — Sociedade Literária 19 de Abril”. Constou, o texto, de saudações, em prosa e verso, ao homenageado, pela data do seu aniversário natalício, assinadas por Benjamin Lins, Pacífico L. Siqueira, Manuel Marques, Cleómenes Filho, João C. Gaspar, Mário de Brito Bastos, José de Barros Lima e outros (**Bib. Púb. Est.**).

**O TRABALHO** — Órgão da Sociedade Literária Diogo Velho (fundada pelos alunos do Liceu de Artes e Ofícios) — Entrou em circulação a 3 de outubro de 1900, formato de 27x18, com quatro páginas de três colunas, impresso na oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador, nº 47. Redator-chefe — Mário Rodrigues; redatores — Olímpio Fernandes, Alfredo Seixas, Alexandre Mota, João da Silveira

e Clementino Cerqueira. Publicação mensal, assinava-se a 1\$000 por trimestre.

Abriu a edição nítido retrato, a craion, do estadista Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, seguido, abaixo, da respectiva biografia, que terminou na segunda página. Aí localizou-se o editorial de apresentação, onde se lia, inicialmente:

“Este pequenito periódico, que surge hoje no campo da Imprensa pernambucana, sob a direção duma modesta plêiade de incansáveis jovens, que esquecem as travessuras peculiares às suas idades”... “destina-se a coadjuvar o desenvolvimento literário neste Estado e o progresso da sociedade de que é órgão; pugnar pela majestosa causa da mesma e render o devido preito de homenagem à memória do invicto brasileiro, cujo laureado nome serve a ela de título”.

Circulando com regularidade, o corpo redacional sofreu constantes modificações, a saber: logo no nº 3, Fausto Cunha substituiu Alfredo Seixas; no nº 2, ano II, juntavam-se êstes dois nomes a Olímpio Fernandes e mais os novos: José César Brasil e Manuel Alves do Nascimento, assumindo a chefia Caitano Galhardo; êste cargo foi exercido, depois, por Olímpio Fernandes, Fausto Cunha e Felisberto dos Santos Pereira. De substituição em substituição, foram outros redatores: Alcibiades Buarque de Lima, Manuel Campelo e Ulisses Néri César de Melo.

Aumentou, então, o formato para 30x21, adotando duas colunas largas. Saiu com oito páginas desde o nº 9, reduzindo-as, novamente, para quatro nas duas edições do fim. Os últimos cinco números imprimiram-se na oficina do Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias, nº 37. A redação, a princípio localizada na residência do jornalista Mário Rodrigues, depois passando para o edifício do Liceu, terminou na rua Vidal de Negreiros, nº 130.

Foram edições comemorativas: nº 6 — 1 de junho de 1901 — segundo aniversário do falecimento de Diogo Velho; nº 7 — 8 de julho — primeiro aniversário da fundação da Sociedade Literária; nº 1, ano III — falecimento do associado e colaborador Alberto Veloso da Silveira Rocha.

Afora a produção constante dos elementos da redação, **O Trabalho**, que foi, mais do que tudo, órgão literário, aqui e acolá abordando temas sociais, teve a colaboração, em prosa e verso, de outros **dioguistas** ou de elementos estranhos à Sociedade, a saber: Carmelitana de Andrade, Eusébio de Sousa, Marcelino dos Santos, Demétrio Martinho, João Manuel da Silveira, Epifânia de Assis, José Rodrigues dos Anjos, Elisa Laura de Almeida Cunha, José de Barros Lima, Pedro Mendes da Costa, José Gomes de Matos e Silva, Pacífico L. Siqueira, Eduardo de Carvalho, Fernando Griz, **Cordélia Silva** (pseudônimo de Júlio Pires Ferreira), Isaura Leal, Pietro Alghero, Batuel Peixoto, Artur Bahia, José de Moraes Vieira da Cunha, Júlio Ortigão, etc.

Publicaram-se, ao todo, 3 edições no primeiro ano e 12 no segundo, terminando com o nº 1, ano III, de 31 de janeiro de 1902 (1) (**Arq. Púb. Est.**).

**AS COISA DO TABARÉO — Fôia dadêra das nutiças arrispitivo os negócios da capitá** — Tôda redigida em linguagem caçanje, com quatro páginas, a quatro colunas de composição, formato de 37x27, circulou na “premêra dominga da premêra luma xêa d’oitubro de 1900”, localizada a redação na “Vila da Jandiroba, friguizia de Noça Siora das Angusta”.

Do cabeçalho constavam as seguinte indicações: “Iscrevedô gerá: Curuné Zé Cangaia, prupietaro do Ingenho Treis Mueda”. “Fazedô da fôia: Nhô Bastião dos Cóigos, buticaro da friguizia — “A torgrafia é taliquá a purnunça” — “Pidimo a vóças mercês prá num levá in conta os êro da Gramatia, apois neste traviá de Gazeta, a gente agora é que vai si fazê-se”.

No Expediente: “Sinatura pru mêiz dentro, pataca e meia e mai um jintem, e pru fora, duas pataca e trei jintem. Numbro ispaiado — um mica”.

O curioso órgão inseriu copiosa matéria, em prosa e verso, empregando títulos assim: “Ao peçoá praciano” (artigo-programa); “Cuprimentação” (versos de saudação à im-

---

(1) No registo dos “Anais”, fala-se, apenas, do nº 1 d’**O Trabalho**.

prensa da capital; “Nutças do Fialete” (telegramas humorísticos); “Talifone”, “Cuxixos”, “Sirviço Uficiá”, “Punicação” e “Anunços”. Até a página dos anúncios foi redigida em caçange (**Bib. Púb. Est.**).

Apesar da ausência de outros comprovantes, publicaram-se, ao todo, cinco números d’**As Coisa do Tabaréo**, o último dos quais “na lua xêa de novembro”, cujo aparecimento foi noticiado pelo **Jornal do Recife**, edição do dia 13.

**A PRIMAVERA** — “O nº 1 saiu a 18 de outubro e o nº 2 (último) a 1 de dezembro. Redatores: **Graciliano Augusto**, **U. Ribeiro** e **J. Silveira**” (“Anais”).

**O GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA EM PERNAMBUCO** — Poliantéia comemorativa de sua fundação, apareceu em formato de 31x22, com doze páginas, em papel **couché**, inclusive a capa. Nesta viam-se as armas do Brasil e de Portugal e as datas: 1850 e 3 de novembro de 1900.

Confeccionou-se na Imprensa Industrial, de Néri da Fonseca & Cia., instalada à rua do Bom Jesus, 34/36. Suas páginas inseriram produções, sôbre o evento, de **A. de Sousa Pinto**, **Alcedo Marrocos**, **Osvaldo Machado**, **J. A. de Almeida Cunha**, **Frederico A. P. Pinto**, **Olímpio Galvão**, **Artur Muniz**, **Machado Dias**, **Barbosa Viana**, **Gastão Diniz**, **Eduardo de Almeida**, **Carmo Luzo**, **M. Rozendo** e **T. Dias**, além de referências de diferentes personalidades (**Arq. Púb. Est.** e **Bib. Púb. Est.**).

**JESUS REDEMPTOR** — Número único, circulou a 4 de novembro de 1900, ao ensejo da grande romaria dessa data, em homenagem a Cristo Redentor. Impresso em papel **couché**, formato de 32x22, apresentou-se com quatro páginas, figurando na primeira um desenho de estandarte com a efígie de Cristo. Constou a matéria de circunstanciado noticiário, artigo de **Afonso Lúcio** e transcrições da imprensa diária a respeito do acontecimento. Preço do exemplar — 200 réis. (**Arq. Púb. Est.** e **Bib. Púb. Est.**).

**O LYCÊU DE ARTES E OFFICIOS** — Órgão comemorativo do 59º aniversário da Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais e 19º do Liceu de Artes e Ofícios, a seu cargo, cir-

culou a 25 de novembro de 1900. Número único, impresso na tipografia do **Commercio de Pernambuco**, em papel **couché**, apresentou-se com oito páginas, formato de 33x23 a duas colunas largas de composição. Cirilo S. Santiago escreveu o editorial sobre a data, seguindo-se produções de Mamede dos Reis, Barbosa Viana, Olímpio Galvão, Manuel Joaquim de Santana Castro (presidente da Sociedade), João Ezequiel, Augusto Vanderlei, Júlio Barjona e outros, além de noticiário (**Arq. Púb. Est.**).

**INDICADOR PERNAMBUCANO — Revista de Reclamo Ilustrada** — Fundada a 4 de dezembro de 1900, publicou-se o nº 3 no dia 22, formato grande, com quatro páginas. Propriedade de D. Monesilho & Cia., tinha redação e administração na rua do Comércio (atual praça Rio Branco) nº 18, 1º andar, achando-se o trabalho gráfico a cargo do Atelier Miranda. As páginas eram constituídas de clichês de anúncios coletivos, em litogravura. Em meio aos reclamos comerciais, figurou, no centro da página interna, conjunta, expressivo retrato do Governador Antônio Gonçalves Ferreira, desenho de Eduardo Fonseca (**Bib. Púb. Est.**).

Circularam mais seis edições, segundo a relação de Alfredo de Carvalho, de 1 de janeiro a 6 de fevereiro de 1901.

**O PAU — Periódico Crítico e Satírico** — Apareceu sem data, tendo circulado, no entanto, a 19 de dezembro de 1900, formato de 27x20, com quatro páginas.

Seu editorial ocupou-se do “**trunfo em paus**” e da necessidade de um bom pau “para acabar com barulhos, para dispersar importunos e para qualquer serviço”, terminando por dizer que êle, **O Pau**, era “pau para tôda obra”.

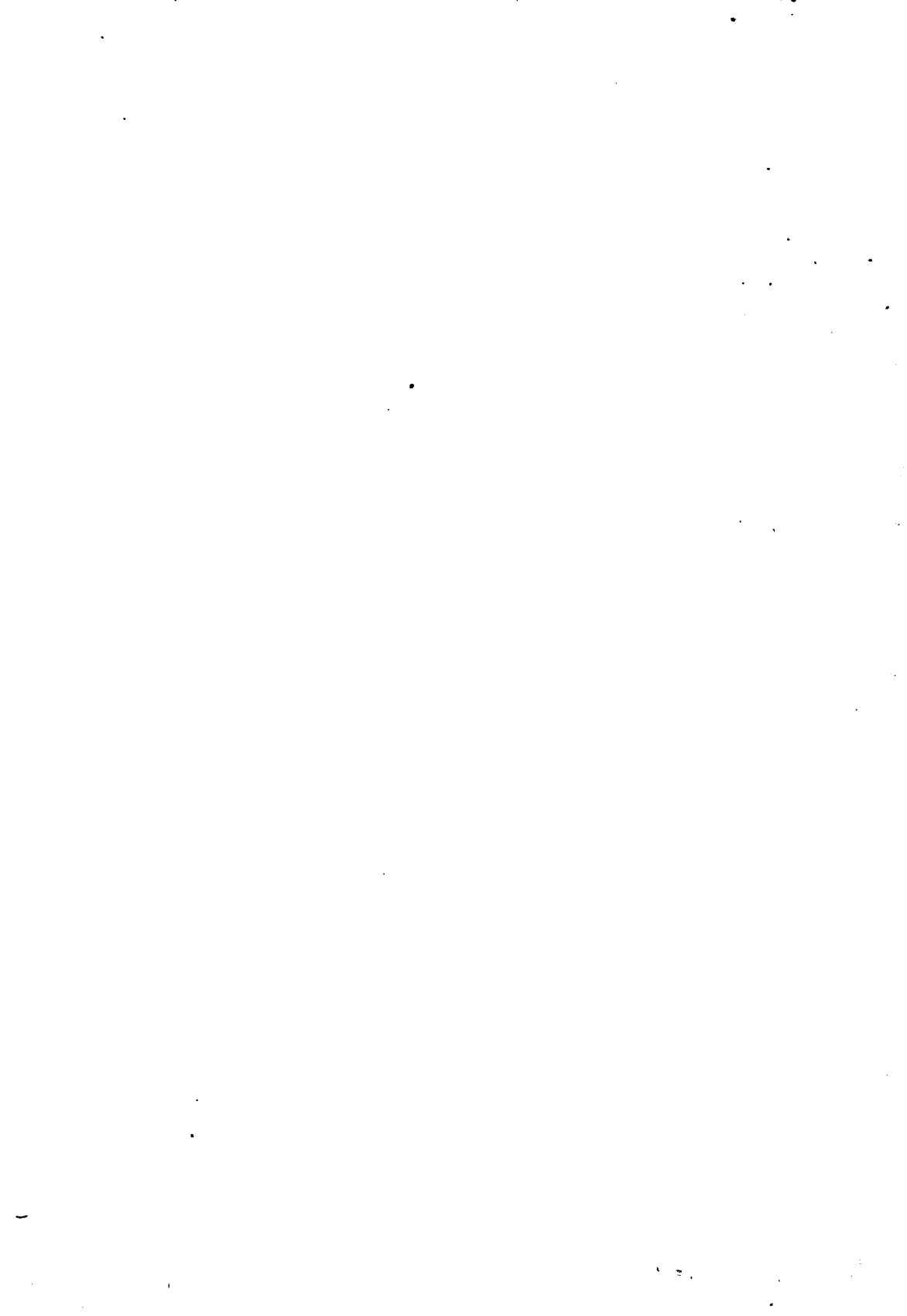
Divulgou matéria ligeira, variada, sobretudo versos humorísticos, assinados por **Gaspar Ponte d’Uchoa, Pajuaba, Ferdinando e Preventivo** (**Bib. Púb. Est.**).

Morreu com o primeiro número, porque, segundo o **Jornal Pequeno**, do dia 20, o delegado do 1º Distrito policial “proibiu a vendagem deste espirituoso periódico satírico”, sob a alegação de que atacava “altos personagens políticos do Estado”.



**RECREIO INFANTIL** — Jornalzinho manuscrito, da escola primária do professor Amaro Epifânio de Vasconcelos, circulou no ano de 1900, sendo Samuel Campelo um dos seus redatores (Ref. de Aurino Maciel, em discurso na Academia Pernambucana de Letras, novembro de 1941).

**THE PERNAMBUCO MACPIE** — Jornal manuscrito, ilustrado com desenhos e caricaturas, confeccionado pelos “inglês de Apipucos”, publicou-se no ano de 1900. De feição humorística, inseriu as seções “Editorial”, “Telegrama”, “Our novel”, “Sporting Bits”, “Prastime” e “Educational column”. Um anúncio fictício do “London & Caxangá Bank”. Uma crítica ao mau serviço do Correio brasileiro: “Dear Effie, your letter dated May 1887 only reached me yesterday” (1900). Tôda a matéria impregnada do chamado humor britânico (Notas colhidas em artigo de Gilberto Freyre, na edição de 15/2/1970, do **Diário de Pernambuco**, sôbre o exemplar, único, que possui no seu arquivo).



## ÍNDICE ONOMÁSTICO

- ABLE, Pedro d' — 110, 381.  
ABREU, Anísio (Auto) de — 131, 149, 203.  
ABREU, Casimiro (José Marques) de — 208, 373.  
ABREU e Lima (Padre Roma), José Inácio Ribeiro de — 444.  
ABREU, (Francisco) Pinto de — 116, 163, 312, 372.  
ABREU, Manuel (Joaquim) de — 419.  
ABREU, Pedro Vergne de — 128, 130, 164.  
ACIOLI (Lins Júnior), Vitorio (do Nascimento) — 48.  
ADELINO Filho (Ver FREIRE Filho, Adelino Antônio de Luna)  
AGÁPITO Júnior — 161.  
AGOSTINI, Angelo — 272  
AGOSTINI, Giuseppe — 63.  
AGRELA, Francisco S. d' — 378.  
AGUIAR, Josefino Lima de — 475.  
AGUIAR, M. — 308.  
ALARCON. P. A. — 78.  
ALBUQUERQUE, A. Artur de — 161, 162, 203, 385.  
ALBUQUERQUE, Abílio Cavalcanti de — 156  
ALBUQUERQUE (Aguiar), Francisco de — 350.  
ALBUQUERQUE, Alexandrino Diocleciano de — 225.  
ALBUQUERQUE, Alferes João Galdino Cavalcanti de — 196.  
ALBUQUERQUE, Ascendino de — 255.  
ALBUQUERQUE, Diogo Velho Cavalcanti de — 191, 476, 477.  
ALBUQUERQUE, Eduardo de — 163, 385, 391, 395, 404, 419.  
ALBUQUERQUE, Epaminondas de — 316, 348, 359.  
ALBUQUERQUE, Estêvão de Sá Cavalcanti de — 332.  
ALBUQUERQUE, Francisco Xavier Carneiro de — 163.  
ALBUQUERQUE, Henrique de Melo e — 344.  
ALBUQUERQUE, Joaquim José Alves de — 99, 187.  
ALBUQUERQUE, João Avelino de — 365  
ALBUQUERQUE, (José Camilo) Linhares de — 133, 150.  
ALBUQUERQUE, (José) Filemon de — 446.  
ALBUQUERQUE, Lídio (Mariano) de — 180.  
ALBUQUERQUE, (Manuel) Soriano de — 376, 401, 420, 439.  
ALBUQUERQUE (Martins Pereira), Abas de — 310, 341, 350.  
ALBUQUERQUE, Mateus de — 111.  
ALBUQUERQUE, Olavo de — 465.  
ALBUQUERQUE Passos, Manuel Xavier Carneiro de — 161.  
ALCÂNTARA, Valfrido de — 375.  
ALCOFORADO, A. — 380.  
ALENCAR, Alvaro Gurgel de — 131, 133, 163, 175, 193.  
ALENCAR, Cândido de — 254.  
ALENCAR, José (Martiniano) de — 151.

- ALEXANDRINO (de Albuquerque Melo), Francisco — 341, 436.  
ALFARRA, João — 106, 398.  
ALGHERO, Pietro — 478.  
ALMEIDA, Aires de — 187.  
ALMEIDA, Antônio Amazonas de 37.  
ALMEIDA, Belarmino de — 390.  
ALMEIDA CUNHA, Elisa Laura de — 478.  
ALMEIDA CUNHA, José Antônio de — 385, 444, 472, 479.  
ALMEIDA, Eduardo de — 479.  
ALMEIDA, Fernando Mendes de — 37  
ALMEIDA, Francisco A. de — 56.  
ALMEIDA, Isaias Martins de — 79, 91.  
ALMEIDA, João Coelho de — 330, 376.  
ALMEIDA, Joaquim do Carmo — 423.  
ALMEIDA, José Joaquim de — 320.  
ALMEIDA Júnior — 342.  
ALMEIDA, (Luiz Cavalcanti) Lacerda de — 241.  
ALMEIDA, Manuel Paulo de — 359.  
ALMEIDA, Osvaldo (Aníbal) de — 336, 463.  
ALMEIDA, Passos de — 370.  
ALMEIDA, Pires de — 374  
ALMEIDA, Plácido de — 403.  
ALMEIDA, Sílvio de — 247.  
ALMEIDA, Telésforo (Soares) de — 466.  
ALMEIDA, Valentim de — 33.  
ALMIR, Carlos d' — 380.  
ALTINO (de Araújo), Edgar — 320.  
ALTINO (Melo de Araújo), Evaldo — 320.  
ALVES, Alfredo — 347, 348.  
ALVES, (Antônio de) Castro — 57, 74, 97, 147, 148, 454.  
ALVES (da Silva), José Moreira — 182, 444.  
ALVES, Luiz — 349.  
ALVES, Vicente Claudino — 206.  
ALVES, Vilhena — 78.  
ALVIM (da Anunciação), Alvaro — 410.  
AMADO (de Faria), Gilberto (de Lima Azevedo Sousa Ferreira) — 320.  
AMÁLIA (de Oliveira Campos), Narcisa — 57, 154.  
AMÁLIA, Helena — 54.  
AMARAL, Alvaro Otoni do — 343  
AMARAL, Ananias Correia do — 421.  
AMARAL, Antônio I. Muniz — 164.  
AMARAL, Crispim — 254, 475.  
AMARAL, Hermino Ernesto de Lemos — 56, 59.  
AMARAL, José (Maria) do — 444.  
AMARAL, Leôncio Gurgel do — 164  
AMARAL, Libânio — 115, 221, 237, 253, 255, 257, 329, 337, 338, 348, 351.  
AMARAL, Livino — 254.  
AMARAL, Manuel Faustino de Lemos — 73.  
AMARAL, Pedro Paulo do — 38, 401.  
AMARAL, Plínio Franklin (Redner) do — 131, 133, 149.  
AMARAL (Valente), Bemvindo Gurgel do — 43, 82.  
AMAZONAS, Joaquim (Inácio de Almeida) — 65, 320.  
AMICIS, Edmundo de — 472.  
AMORA, Gil — 53, 63.  
AMORA, Manuel Albano — 80.  
AMORIM, José dos Anjos Vieira de — 295, 297, 309, 333, 359, 376.

- AMORIM Júnior (Barão de Casa Forte), Antônio João de — 356, 392  
ANCARANI, Ersília — 328.  
ANDRADE Bezerra, (Antônio Vicente de) — 320.  
ANDRADE, Caitano de Almeida — 431, 432, 465, 474, 475, 476.  
ANDRADE, Camilo de — 207, 330.  
ANDRADE, Carmelitana de — 478.  
ANDRADE, Elpídio (Martins Carvalho) de — 252.  
ANDRADE Filho, Luiz Antônio de — 142.  
ANDRADE, Geraldo Sousa Pais de — 148, 154, 163, 175, 176, 193.  
ANDRADE, Joaquim Correia de Oliveira — 259.  
ANDRADE Júnior (João Martins de) — 252.  
ANDRADE, Lira — 390, 391, 404  
ANDRADE, (Manuel) Aristeu (Goulart) de — 394, 420, 428, 444.  
ANDRADE Pinto — 213, 251.  
ANDRADE, Plácido de — 268, 270.  
ANJOS, Alfredo (de Carvalho) Rodrigues dos — 146.  
ANJOS, Artur (de Carvalho Rodrigues) dos — 419.  
ANJOS, José dos — 378, 380.  
ANJOS José Rodrigues dos — 478.  
ANTIGONO, (Leandro) Paulo — 188.  
ANTUNES (Filho), (Manuel Fernandes de) Sá — 310.  
AQUINO, Abdon de — 377.  
AQUINO, Cleodon de — 197, 226, 253, 279, 287, 330, 343, 374.  
AQUINO, Elvira de — 253.  
AQUINO, Tomaz Ferreira de — 454, 463.  
AQUINO, Ulisses T. de — 344, 363, 381.  
ARAGÃO, Guilhermino de — 263.  
ARAGÃO, Jaques — 119.  
ARAGÃO, Oscar — 245, 447, 450.  
ARANHA, Augusto Alvaro de Carvalho — 374, 381, 385.  
ARANHA, (José Pereira) Graça — 212.  
ARANHA, Tenreiro — 148.  
ARÃO (de Oliveira Campos), Manuel — 108, 110, 118, 121, 359, 360, 374, 382, 399, 400, 410, 439, 464, 469.  
ARAÚJO, Antônio José de — 228, 246, 247.  
ARAÚJO, Belarmino (Augusto M.) de — 348.  
ARAÚJO Filho, (Joaquim de) — 445.  
ARAÚJO, Honório P. de — 161, 362.  
ARAÚJO, José Severino Gomes de — 452.  
ARAÚJO, Leopoldo — 441.  
ARAÚJO, (Luiz Augusto) Pereira de — 65.  
ARAÚJO, Manuel — 355.  
ARAÚJO, Manuel José de Santana — 197, 239, 279, 369, 456.  
ARAÚJO, Odilon (Vidal) de — 427.  
ARAÚJO, Otaviano de — 187.  
ARAÚJO, Rodolfo de (Albuquerque) — 320  
ARAÚJO, Samuel U. Correia de — 122.  
ARAÚJO, Severino — 119, 454.  
ARAUS, Inácio — 239.  
ARCADIA, A. — 398.  
ARCOVERDE (de Albuquerque Cavalcanti), (Cardeal) Joaquim — 141, 145.  
ARISTEU (de Sousa Ribeiro). Augusto — 300, 350, 363, 370, 381, 384, 385, 389, 399, 402, 409, 419, 420.  
ARISTÓTELES — 457.  
ARÔXA, Argemiro Alves — 231, 232, 239, 374, 400, 439, 451.  
ARÔXA, Tomé Alves — 106.

- ARRUDA, Gonzaga de — 402, 409.  
 ARRUDA, Paulo (Gonçalves) de — 110, 215, 316, 359, 372, 381, 385, 409, 444, 474  
 ARRUDA, Plácido de — 414.  
 ASSIS. (Antero) Francisco de — 362, 365.  
 ASSIS, Epifânia de — 478.  
 ASSIS, José Calazans de — 173.  
 ASSIS, (Rocha) Pedro de — 247.  
 ATAÍDE, (José) Feliciano (Augusto) de — 316, 322, 341, 350.  
 ATAÍDE, Primo de — 188.  
 AUGUSTO C. — 140.  
 AUGUSTO, Graciliano — 479.  
 AUSTREGÉSILO (Rodrigues de Lima). Antônio — 329, 341, 384.  
 AUSTREGESILO (Rodrigues de Lima) Júnior, José — 182, 229  
 AVELAR, Mário de — 350.  
 AZEVEDO, Afonso d' — 398.  
 AZEVEDO, Alfredo de Albuquerque — 466.  
 AZEVEDO, Cezaltina de — 295.  
 AZEVEDO, Feliciano de — 143.  
 AZEVEDO, Guilherme — 110.  
 AZEVEDO, Henrique — 122, 125, 139, 152, 173, 174, 183, 186, 212, 149.  
 AZEVEDO, Júlio Soares de — 380.  
 AZEVEDO, L. Moreira de — 255, 313.  
 AZEVEDO, (Manuel Antônio) Alvares de — 174, 186.  
 AZEVEDO, Maria Heráclia de — 58  
 AZEVEDO, Raul de — 372.
- BACELAR, Gonzaga — 227.  
 BAHIA (da Cunha), Artur (Augusto) — 108, 110, 111, 163, 264, 348, 359, 376, 382, 383, 409, 435, 444, 478.  
 BAHIA, Xisto — 201.  
 BALTAR, Alcides (Ferreira) — 420.  
 BALTAZAR. Antônio — 405.  
 BANDEIRA, Antônio Inácio de Tôress — 110.  
 BANDEIRA, Antônio Rangel de Tôrres — 30.  
 BANDEIRA de Melo Filho, João Capistrano — 150.  
 BANDEIRA de Melo, João Pedro de Saboia — 37.  
 BANDEIRA de Melo, Lídio Alerando — 78, 79.  
 BANDEIRA, Esmeraldino (Olimpio de Tôrres) — 213, 447  
 BANDEIRA FILHO, A. Herculano de Sousa — 147.  
 BANDEIRA, Herculano (Higino Nunes) — 147.  
 BANDEIRA, João (Carneiro de Sousa) — 98.  
 BANDEIRA, Manuel Carneiro de Sousa — 65.  
 BARBOSA (da Silva), Cícero — 445.  
 BARBOSA (de Oliveira), RUY (Caitano) — 278, 295, 333.  
 BARBOSA, Domingos — 447.  
 BARBOSA, Joaquim — 469.  
 BARBOSA Lima, Alexandre José — 116, 284, 298, 338, 345, 346, 453.  
 BARBOSA, Manuel A. Pinto — 347, 348.  
 BARBOSA, Severino Alves — 350, 359, 360.  
 BARBOSA U. — 452.  
 BARJONA, Júlio — 480.  
 BARRADAS, Alfredo Raposo — 79, 80.  
 BARRADAS, Emílio — 431.  
 BARRADAS, Hugo (Raposo) — 159, 191.

- BARRETO, Alberto — 470.  
 BARRETO, A. V. — 270  
 BARRETO, Capitão-general Luiz do Rêgo — 86.  
 BARRETO de Meneses, Francisco — 382, 383, 409, 436, 439.  
 BARRETO de Meneses, João — 110, 229, 322, 348, 357, 359, 365, 382, 383;  
 398, 399, 400, 409.  
 BARRETO de Meneses, Pedro — 229, 383, 444.  
 BARRETO de Meneses, Targélia — 382, 383, 409, 436.  
 BARRETO de Meneses, Tobias — 65, 99, 123, 124, 125, 150, 181, 200, 201, 213,  
 250, 251, 267, 271, 291, 312, 372, 382; 419.  
 BARRETO, G. — 51.  
 BARRETO, General Emídio Dantas — 311.  
 BARRETO, Inácio de Barros — 121  
 BARRETO, Monsenhor Francisco Ferreira — 444.  
 BARRETO, Sérgio — 420.  
 BARROCA, Artur — 187.  
 BARROCA, Carlos — 293.  
 BARROCA, Eduardo (Eugenio Dantas) — 294.  
 BARROCA, Fernando (Teófanos do Rego) — 172, 275, 293, 349, 355, 359, 374,  
 381.  
 BARROS, Afonso (Duarte) de — 381, 401, 428.  
 BARROS (Cavalcanti de Lacerda), Adolfo de — 70, 81.  
 BARROS, Eugênio de — 319.  
 BARROS, Ezequiel de — 420.  
 BARROS, Henrique — 315.  
 BARROS, J. Penido de Lima — 110  
 BARROS, (João) Fernandes de — 83, 103, 104.  
 BARROS, João Pais de Carvalho — 172, 404, 437.  
 BARROS, José Cândido de — 251, 393.  
 BARROS LIMA, José de — 445, 476, 478.  
 BARROS, Miguel — 110, 372, 444.  
 BARROS, Severo de — 118.  
 BARROSO, Aníbal — 238.  
 BARROSO, Antônio Dias — 143, 144, 161, 226, 377.  
 BARROSO, Estefânio — 222, 227.  
 BARROSO, Francisco — 375, 409, 439.  
 BARROSO Rabelo — 228.  
 BARTOLO Júnior, Manuel — 204  
 BASTOS, A. J. Mendes — 40, 172, 184, 185.  
 BASTOS, (Aureliano Cândido) Tavares — 86.  
 BASTOS, Ernestina — 208.  
 BASTOS, Filinto (Justiniano Ferreira) — 122, 124, 133.  
 BASTOS, Frederico — 241.  
 BASTOS, Geraldo — 310.  
 BASTOS, I. — 122  
 BASTOS, (José Antônio de) Magalhães — 191.  
 BASTOS, Mário de Brito — 396, 476.  
 BASTOS, Teixeira — 143.  
 BASTOS, Valfrido — 187.  
 BATISTA, Afonso Neves — 467.  
 BATISTA, Alferes Miguel Arcanjo — 308, 309.  
 BATISTA (de Carvalho), Graciliano (Ribeiro) — 137.  
 BATISTA, Ernesto (José) — 419.  
 BATISTA, Francisco de Paula — 444.  
 BATISTA, Laudelino (José) — 401.  
 BATTAGLIA, Giuseppina de Senespleda — 99.

- BAVIERA, Sindolfo — 134, 151.  
 BAZÍLIO, Antônio — 472, 473.  
 BEDA, Sérvulo — 260  
 BEIRIZ, Ana — 361.  
 BELO, Aires de Albuquerque — 211, 212.  
 BELO, Ana Paulino — 203.  
 BELO, (Antônio Cícero) Fernandes — 64.  
 BELO, Artur — 110.  
 BELO, Hígino — 312, 338, 380.  
 BELO, Júlio (Celso de Albuquerque) — 163.  
 BELO, Leocádio — 450.  
 BELTRÃO, Joaquim Gonçalves — 448.  
 BENAION, Rafael — 439.  
 BENEDITO, José — 452.  
 BENIGNO, Jacinto — 386  
 BANJAMIN, Kinsman — 292.  
 BENTZEM, Pedro (Cristiani) — 186.  
 BERNARDO, Antônio — 355.  
 BERNARDO Filho, José — 421.  
 BEVILAQUA, Amélia de Freitas — 445.  
 BEVILAQUA, Clóvis — 87, 96, 97, 98, 110, 124, 125, 128, 131, 133, 182, 215.  
 216, 236, 263, 266, 279, 311, 318, 319, 366, 372, 374, 385; 401, 409, 444.  
 BEVILAQUA, Euclides — 313.  
 PEZERRA, Alípio — 409.  
 BEZERRA, Augusto Clementino — 160.  
 BEZERRA, João Augusto — 400.  
 BEZERRA, Júlio Agostinho — 412.  
 BEZERRA, Leopoldo — 438  
 BILRO, Landelino Garcia Chaves — 206.  
 BITTENCOURT, Alexandre (Pimentel de Barros) — 148.  
 BITTENCOURT (Barbosa), Alfredo — 402, 436.  
 BITTENCOURT (Berenguer César), Sancho — 79.  
 BITTENCOURT, R. — 187.  
 BIVAR, Artur — 247.  
 BOA VIAGEM, Augusto C. — 330.  
 BOCAIUVA, Quintino (de Sousa) — 106.  
 BONALD (da Cunha Pedrosa), Olímpio — 141, 163.  
 BORBA, Felon — 184  
 BORBA, J. — 133.  
 BORBOREMA, Augusto de — 37.  
 BORBOU, Alfredo — 139.  
 BORGES, B. J. — 147.  
 BORGES, Carvalho — 454.  
 BORGES, Joaquim de Oliveira — 326.  
 BORGES, Joaquim Monteiro de Seixas — 103, 104, 105, 106.  
 BORGES, Júlio — 332.  
 BORGES, Maria Júlia — 326  
 BORGES, Olímpio de Seixas — 106, 107, 108, 181, 193, 324.  
 BOTELHO, Fausto — 402.  
 BOTELHO, Francisco Lima — 454.  
 BOTELHO, João — 400.  
 BOTELHO, Pedro (Joaquim Velez) — 280, 290, 353, 365, 367.  
 BOUILLON, Sílvio — 313.  
 BOULITREAU, Francisco Pedro — 163, 239, 301, 318, 357, 375, 400, 443.  
 BRAGA, Custódio — 363.



- BRAGA, Gonçalves — 156.  
BRAGA, (Joaquim) Teófilo (Fernandes) — 86, 143, 233.  
BRAGA, José de Lima — 348.  
BRAGA, José Ribeiro da Fonseca — 83  
BRAGA, (José Roxo de) Almeida — 345, 347, 348, 355, 369.  
BRAGA, José Vieira — 241.  
ERAGA, Manuel Crisóstomo da Silva — 87.  
BRAGA, M. J. — 203.  
BRAGA, R. M. — 414.  
BRANCO, Arcôncio — 379.  
BRANDÃO (da Rocha). Oscar — 111, 423.  
BRANDÃO, Francisco Soares de Carvalho — 445  
BRANDÃO, Jocelin — 193.  
BRASIL, Agrício (Gonçalves da Silva) — 427.  
BRASIL, José César — 477.  
BRASIL, Pedro — 362.  
BRAZ, Aprigio — 127.  
BRÍGIDO (dos Santos) Júnior, João — 133, 150.  
BRÍGIDO, Virgílio — 63, 79, 90.  
BRITO (Araújo). (José) Paulino de — 213, 222.  
BRITO, Durval de — 445, 454.  
BRITO, Eurico de Caldas — 164, 192, 213, 228.  
BRITO, Francisco (Toscano de) — 463, 465.  
BRITO, G. A. de — 365.  
BRITO INGLÊS. (Jorge Augusto Ribeiro de) — 227.  
BRITO, (João) Ribeiro de — 116, 351.  
BRITO. (Raimundo de) Farias — 131, 133, 149, 182.  
BRITO, Teotônio C. de — 419, 420.  
BRUNO (de Oliveira Firmo), Aníbal — 320.  
BUARQUE, A. — 240.  
BUARQUE, Crispiniano — 125, 238.  
BUARQUE de Macedo. (José) Felício — 173, 174, 211, 240, 263, 264, 279, 298, 309, 322, 326, 359.  
BUARQUE de Macedo, Manuel — 446, 462.  
BURITI Tenente Galdino — 421.  
BURLAMAQUI (de Sousa Martins), Newton — 401, 402.  
BURLAMAQUI, Manuel — 440.
- CABRAL, João C. de Melo — 260.  
CABRAL, Joaquim da Silva — 403.  
CABRAL, J. V. de Sousa — 65.  
CABRAL, Salustiano Dias — 426.  
CAHU, (Pedro Hipólito de) Melo — 419.  
CALADO, Pedro (Eloi Pereira) — 445.  
CALAZANS, Joaquim — 150.  
CALL, H. M. — 368.  
CALMON (Moniz de Bittencourt), Pedro — 320.  
CÂMARA, Alcides — 408, 409.  
CÂMARA, Alice — 448.  
CÂMARA, Augusto (Leopoldo Raposo) da — 79.  
CÂMARA, Elisa — 413.  
CÂMARA, (João) Landelino (Dornelas) — 42, 109, 150, 153, 163, 186, 445.  
CÂMARA, João Lindoso — 361.  
CÂMARA, José Lucas Soares Raposo da — 360, 361, 373, 374.  
CÂMARA Júnior, Marcolino Dornelas — 32, 38, 65.

- CÂMARA (Lima). (Francisco) Faelante da — 98, 99, 109, 123, 130, 143, 149; 171, 175, 182, 200, 201, 203, 204, 225, 276; 278; 291; 320; 356; 372.
- CÂMARA, Nilo (Dornelas) — 439, 469.
- CÂMARA, Olívio (Dornelas) — 454.
- CAMARGO, Adélia — 164.
- CAMARGO, Figueiredo — 90.
- CAMBOIM (de M. Vasconcelos), Natalício — 341, 350.
- CAMERINO Sobrinho — 133, 190, 200.
- CAMÕES, Luiz (Vaz) de — 91.
- CAMPELO, Adolfo — 189.
- CAMPELO, Cleto da Costa — 475, 476.
- CAMPELO, (Francisco) Barreto (Rodrigues) — 320.
- CAMPELO, José (Rodrigues Carneiro) — 445.
- CAMPELO, Manuel — 477.
- CAMPELO, (Manuel) Neto (Carneiro) — 163, 291, 320, 402.
- CAMPELO, Samuel (Rodrigues Carneiro) — 481.
- CAMPÔNIO, Antônio de Sousa — 408, 409.
- CAMPOS, Alfredo — 287.
- CAMPOS, Armindo — 368.
- CAMPOS, José Henrique — 413.
- CAMPOS, Monsenhor Joaquim Pinto de — 445.
- CAMPOS, Monsenhor Olímpio de — 471.
- CAMPOS, Padre Batista — 148.
- CAMPOS Sales. (Manuel Ferraz de) — 117.
- CAMPOS, Sílvio — 428
- CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino — 304, 309, 444.
- CANECA, Virgílio (Bacelar) — 316.
- CAPISTRANO (de Sousa Ribeiro), João — 246.
- CARDIM, José da Mata — 253.
- CARDOSO Aires, Bispo Francisco — 445.
- CARDOSO (de Oliveira), Virgílio — 228, 256.
- CARDOSO, Fausto (de Aguiar) — 150.
- CARDOSO, João — 233, 234, 241.
- CARDOSO, Tito — 192.
- CARDOSO, Zeferino — 323.
- CARIRI, André — 436.
- CARLOS, A. — 248
- CARLOS (da Costa Ribeiro) Júnior, José — 97.
- CARMELITA, Maria — 208.
- CARMEN, Stela — 295.
- CARNEIRO, Belarmino — 100.
- CARNEIRO da Cunha Antônio de Siqueira — 318, 441.
- CARNEIRO da Cunha, José Mariano — 68, 77, 102, 120, 127, 135, 138, 174, 176, 198, 199, 210, 214, 231, 252, 271, 272, 275, 276, 277, 278, 286, 294, 297, 298, 316, 317, 445, 452
- CARNEIRO da Cunha Júnior — 420.
- CARNEIRO (da Cunha), Sizenando — 161.
- CARNEIRO Leão, J. Paulo — 216.
- CARNEIRO Leão, Laurindo (Aristóteles) — 53, 320, 402, 419.
- CARNEIRO, Levi (Fernandes) — 320.
- CARNEIRO (Pessoa), (Manuel) Xavier — 294.
- CARNOT, Sady — 381
- CARRILHO (da Fonseca e Silva), Honório — 101, 238, 279, 360, 376, 383, 385, 409.
- CARROLL, Guilherme — 121.
- CARVALHO, A. Cunha — 470
- CARVALHO, A. da Silva — 415.

CARVALHO, Aderbal de — 372.

CARVALHO, Alfredo (Alvares) de — 25, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40; 44; 46; 48, 50, 53, 54, 57, 58, 59, 66, 67, 69, 71, 75, 78, 79, 80, 82; 83. 84: 90: 91 92. 95, 99, 100, 102, 109, 112, 121, 123; 124; 127; 128; 131; 132; 138; 139; 142, 143, 144, 146, 148, 157, 158, 160. 161; 163; 165; 166; 167; 172; 174; 175. 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 186; 190; 194; 197; 198; 203; 206; 207, 210, 212, 213, 214, 215, 217, 220. 222, 225; 228; 229; 234, 235, 236, 239. 241, 242, 243, 244, 246, 249, 251, 252, 255, 256, 258, 259, 263, 266, 267, 269, 270, 271, 274, 275, 279, 280. 282; 284; 285; 288; 289; 291; 292; 293, 294, 303. 304, 307, 308 313, 316, 328, 330, 332; 334, 335, 336, 338, 339, 341, 342, 343, 350. 351, 353. 354; 359; 365; 370, 373, 381, 382, 383. 384, 386, 387, 390, 391, 392, 394, 395; 396; 397, 400; 401; 404; 412; 415, 420, 424, 429, 431, 434, 441, 444, 449, 454, 455, 458, 461, 462, 467, 467, 468, 471, 473, 478, 480.

CARVALHO, Alfredo Gentil de — 472.

CARVALHO, (Antônio Fernandes da) Silveira — 146, 201, 261, 445.

CARVALHO, Antônio Serapião de — 38.

CARVALHO, (Carlos) Levino de — 255, 436.

CARVALHO, Constâncio de — 369, 377.

CARVALHO, Eduardo de — 54, 57, 91, 99, 100, 143, 219, 227; 444; 478

CARVALHO, Eugênio José de Magalhães — 376.

CARVALHO, Fortunato Rafael A. de — 190.

CARVALHO, Gerônimo (Borba) de — 401, 402.

CARVALHO, J. — 476.

CARVALHO, Jerônimo Materno Pereira de — 285.

CARVALHO, (Joaquim Cândido da) Silveira — 249, 250; 260.

CARVALHO, José Augusto Alvares de — 228, 398, 469.

CARVALHO, José Fernandes de — 410.

CARVALHO, José Jorge L. de — 315.

CARVALHO, J. Marques de — 222, 224.

CARVALHO, J. Veracundo P. de — 324.

CARVALHO, J. Xavier de — 401.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de — 374.

CARVALHO, M. J. Pontes de — 213.

CARVALHO, Rodolfo — 291, 292.

CARVALHO, Vicente de — 349.

CASSAL, (João de) Barros — 132.

CASTELO Branco, Heitor (Gentil) — 402.

CASTRO, Alfredo de — 110, 128, 215, 316, 331, 372, 410.

CASTRO, Antônio Pinheiro de — 295, 305, 371.

CASTRO, (Augusto Olímpio) Viveiros de — 212, 227, 228.

CASTRO, Beatriz de — 247.

CASTRO, (Bonifácio) Pinto de — 148.

CASTRO, Cônego João Evangelista da Silva — 420.

CASTRO (e Silva), José de — 190, 193, 249, 266, 292, 293, 341, 342, 412, 470.

CASTRO Filho — 83.

CASTRO, (Francisco José) Viveiros de — 79, 88.

CASTRO, Gervásio de — 356, 357.

CASTRO, Mário (de Almeida) — 320

CASTRO Martins — 338, 345.

CASTRO Meneses — 78.

CASTRO Silva, Manuel do Nascimento — 36, 38, 79.

CASTRO (Pais Barreto), Fernando de — 43, 130, 171, 183, 203, 311.

CAVALCANTI, Alcibiades — 64.

CAVALCANTI, Álvaro — 190.

CAVALCANTI, Antônio — 240.

- CAVALCANTI, Augusto — 401.  
 CAVALCANTI, Felix — 444.  
 CAVALCANTI Filho, Luiz José da Silva — 204, 222.  
 CAVALCANTI, João (Francisco Coelho) — 374, 402.  
 CAVALCANTI, (Joaquim) Homem Bom de Siqueira — 31, 37, 57, 58, 64, 79, 80, 100, 385  
 CAVALCANTI, Laurentino Vitoriano de Borba — 168.  
 CAVALCANTI, Manuel (Caitano de Siqueira) — 375, 413.  
 CAVALCANTI, Nabor Carneiro Bezerra — 35.  
 CAVALCANTI, Oscar — 472.  
 CAVALCANTI, Valdemiro — 270.  
 CAVALCANTI Viana — 287.  
 CAVALCANTI, Virgílio — 161, 183.  
 CEDRIM, Benedito — 200.  
 CELESTINO, Ananias — 287.  
 CELINO Júnior — 106.  
 CELSO (de Assis Figueiredo Júnior), Afonso — 147, 163.  
 CERISE, L — 81.  
 CERQUEIRA, (Antônio Apolinário) Tenório de — 437, 445.  
 CERQUEIRA, Clementino — 477.  
 CERQUINHO, Isaac (Alfredo Vaz) — 444.  
 CÉSAR, Armando — 374, 380, 431.  
 CÊSAR, Cícero V. — 125, 186.  
 CHACON, Trajano (Carneiro de Holanda) — 162, 421, 434, 451.  
 CHAGAS, J. L. França — 211.  
 CHAGAS, (José Maria) Gonçalves — 98.  
 CHAGAS, (Manuel) Pinheiro — 150  
 CHARLES, Filarete — 472.  
 CHAVES, A. — 211.  
 CHAVES, Eurico (de Castro) — 402.  
 CHAVES, João Batista de Vasconcelos — 360.  
 CHAVES Júnior, V. — 91.  
 CHAVES, Manuel — 193.  
 CHAVES, Mário — 261, 293.  
 CHERMONT, Antônio — 133.  
 CINTRA, (Cupertino) Coelho — 451, 452, 453, 459.  
 CIRILO (Vanderlei Filho), Manuel — 110  
 CIRNE, Adolfo (Tácio da Costa) — 145, 319, 385.  
 CIRNE, Artur — 378, 380.  
 CIRNE, Pedro (Edmundo da Costa) — 419, 420.  
 CISMONTANO, Francino (ver VASCONCELOS, Francisco...)  
 CLARETIE, Júlio — 224.  
 CLEOMENES Filho — 405, 476.  
 CLETO (Ribeiro), Marcelino — 83, 134, 200, 247, 257, 372, 464.  
 CODECEIRA, Gustavo — 463.  
 CODECEIRA, Major Manuel José Domingues — 456.  
 COELHO, Adriano Pinto — 398.  
 COELHO (Barão da Vitória), general José Joaquim — 444  
 COELHO da Silva, José — 106, 242, 294.  
 COELHO da Silva Sobrinha, Maria — 106, 254.  
 COELHO de Assis — 97.  
 COELHO, Gratuliano V. M. — 58.  
 COELHO, José (Xavier) — 308, 312, 338, 355, 362, 380, 434, 439, 451, 462.  
 COELHO, Lucinda Furtado — 201.  
 COIMBRA, Antônio Nunes Ferreira — 428, 429.  
 COIMBRA, Estácio (de Albuquerque) — 350.

- COIMBRA. João — 440, 456.  
COIMBRA, Marcelino — 449.  
COIMBRA, Mateus — 359, 410.  
COMTE, Augusto — 89.  
CONCEIÇÃO, José Maria da — 50.  
CONCEIÇÃO, Martinho da — 257.  
CONSTANT (Botelho de Magalhães), Benjamin — 318  
CONSTANTINO, José — 427.  
CORDANG, Emílio — 300.  
CORDÉLIO, Fábio — 224.  
CORREIA da Silva Filho (José Antônio), — 393.  
CORREIA da Silva, José Antônio — 297.  
CORREIA de Araújo, João Aureliano — 320.  
CORREIA de Araújo, Joaquim — 407.  
CORREIA de Oliveira, João Alfredo — 259.  
CORREIA, Ernesto — 234.  
CORREIA, Jesuino — 429.  
CORREIA Lima, (Antônio Augusto) — 401.  
CORREIA, Luiz — 420.  
CÔRTE Real, João Batista Pinheiro — 200, 220.  
CORTINES, Artur — 223.  
COSTA, Adelino — 425, 462.  
COSTA, Afonso (Gonçalves Ferreira) da — 458.  
COSTA, Aniano — 214, 215, 248.  
COSTA, Antônio de Oliveira — 223, 266  
COSTA, Antônio José da — 310.  
COSTA, Aprígio — 381.  
COSTA, Artur T. da — 240.  
COSTA, Bernardo (Pereira da) — 187, 192.  
COSTA, Carlos de Araújo — 108, 161, 383.  
COSTA, Delmira — 254.  
COSTA Filho, (Antônio Francisco da) — 163, 169, 254.  
COSTA Filho, Francisco Augusto Pereira da — 373, 374, 375, 380, 400.  
COSTA, (Francisco Augusto) Pereira da — 91, 117, 181, 182, 200, 201, 325,  
370, 374, 444, 456.  
COSTA, Gaspar (Vicente da) — 43, 148, 153, 154, 176, 184, 212, 222.  
COSTA, João — 377.  
COSTA, Joaquim R. A. da — 300.  
COSTA, José Cavalcanti da — 449.  
COSTA, (José) Horácio — 147.  
COSTA, Júnior Leovigildo (Samuel da Silva — 118.  
COSTA Júnior, Vicente Ferreira da — 357, 406.  
COSTA), Leovigildo Samuel (da Silva — 32, 104, 106, 109, 214, 215, 219;  
238, 250, 254, 369.  
COSTA Neto, (José da Silva) — 213, 214, 312, 381.  
COSTA, Pedro Martins — 269.  
COSTA, Pedro Mendes da — 478.  
COSTA Pinto, (José Freire da) — 213, 228.  
COSTA, (Raimundo Melquíades) Alvares da — 148, 154, 212, 222, 228.  
COSTA, Ramon da — 288.  
COSTA RÊGO Júnior, José Maria da — 445.  
COSTA Rêgo, (Pedro da) — 240.  
COSTA, Rodrigo (Rodrigues) — 401, 409.  
COSTA, Tristão Henriques da — 129.  
COSTA, Ulisses (Gerson da) — 308, 349, 444.  
COSTA, Umbelino — 379.

- COTA, Benedito Antônio de Oliveira — 64.  
COUTINHO, Bispo (José Joaquim da Cunha de) Azeredo — 444.  
COUTINHO, José Miranda — 157.  
COUTO, Henrique — 402.  
CRATINGUY, Augusto — 54.  
CRAVEIRO, Misael — 240.  
CRESPO, (Antônio Cândido) Gonçalves — 110, 151.  
CRISÂNTEMO, Condessa — 441.  
CRUZ, Antônio Francisco da — 282.  
CRUZ, Filipe Moreira da — 261, 262, 263.  
CRUZ, Geraldo — 377.  
CRUZ, J. Ambrósio da — 352, 371.  
CRUZ, Joaquim — 403, 434.  
CRUZ, M. — 200.  
CRUZ, Pompílio (Cordeiro da) — 133, 149.  
CRUZ, Pedro — 377, 378.  
CRUZ, Ribeiro, Maria Angélica da — 257.  
CRUZ, Saldanha, (João) — 266, 270, 312.  
CRUZ, Xisto (Xavier da) — 83.  
CUNHA, Adalberto — 454.  
CUNHA, Amâncio da — 228.  
CUNHA, Antônio Pereira da — 137, 182.  
CUNHA, Bráulio (Correia da) — 118, 409, 463, 464, 474, 475.  
CUNHA, Egídio — 377, 379.  
CUNHA, Fausto — 117, 414, 475, 477.  
CUNHA, Francisco — 349.  
CUNHA, Higino — 98, 150, 159.  
CUNHA, Júnior, João de Holanda — 193.  
CUNHA, Manuel Ferreira da — 361.  
CUNHA, Manuel Lopes da — 79.  
CUNHA, Melo Filho (Francisco Tavares da) — 163.  
CUNHA, Melo Sobrinho, (José Tavares da) — 42, 91, 110.  
CUNHA, Pedro Nolasco Pereira da — 252.
- DAMASCENO, João — 127.  
DANTAS (Cavalcanti), Elviro — 419, 421.  
DANTAS, Joaquim Ribeiro — 269, 315, 451, 462.  
DARINHO, Inácio de Almeida — 40.  
DEÃO, Gustavo — 377.  
DELGADO, Luiz (Maria de Sousa) — 320.  
DEMESSE, Henry — 330.  
DEOCLECIANO, Alexandre — 382.  
DESTIBEAUX, Oscar — 96.  
DEUS (do Rêgo), João de — 86, 110, 151, 154.  
DEUS (e Silva), João de — 304, 310, 315, 338, 343, 349, 355, 364, 379, 380, 439, 474.  
DEZ, João — 264, 463.  
DIAS, Alberto (Pais) — 266, 267, 293, 324.  
DIAS, Alferes Júlio Coriolano — 196.  
DIAS, João — 308.  
DIAS, Padre Guilherme — 429.  
DIAS, Teófilo — 225, 479.  
DIAS, Umbelino — 469.  
DIEGUES, Manuel (Baltazar Pereira) — 48, 216.  
DINIZ, Gastão — 454, 462, 479.

- DINIZ (Ribeiro da Cunha), João — 81, 214, 215, 311.  
 DINIZ, Tereza — 469.  
 DIÓGENES (da Silva Melo), Nestor — 320.  
 DOMINGUES (da Silva), Henrique — 87, 88.  
 DOMINGUES (da Silva Júnior), Misael — 257.  
 DOMINGUES (da Silva), Luiz (Antônio) — 88.  
 DONZANI, Marcos — 227.  
 DOURADO, Belarmino — 41, 51  
 DROG, Lídia — 128.  
 DRUMOND Filho, Gaspar (de Meneses Vasconcelos de) — 57, 110, 238, 350.  
 DRUMOND, José Lomelino de Meneses Vasconcelos de — 57.  
 DUARTE, Afonso — 354, 358, 361, 380, 384, 389.  
 DUARTE, Ernesto Lemos — 261.  
 DUARTE Filho, (João Francisco) — 110, 124, 125, 128, 213, 222, 223.  
 DUARTE, João Rodrigues da Silva — 219, 238, 391.  
 DUARTE, Manuel (Gomes) — 331, 395, 438, 439; 474; 476.  
 DUARTE, Napoleão — 451.  
 DUARTE Pereira — 294.  
 DUARTE, Sebastião — 379  
 DULCE, M. — 421.  
 DUPERRON, Narciso — 200.  
 DURVAL, Ciridião — 43, 53, 98, 109, 123, 125, 128; 147, 164, 182, 191, 193.  
 DUTRA, Anastácio Alexandrino de Sales — 82.  
 DUTRA, João Adriano de Melo — 109.  
 DUVAL, Alfredo — 294.
- EDISON Filho — 401.  
 EDMUNDO Filho — 375, 420.  
 ELÍSIO (de Meneses Carvalho), Filinto — 377.  
 EMÍLIO, José — 469  
 ENES, Antônio — 189.  
 EPHRÉM — 257.  
 ERBON, Duque d' — 441.  
 ESBERARD, Arcebispo João (Fernando Tiago) — 407.  
 ESCOBAR, (Eleutério) Lima — 136, 265, 321.  
 ESCRICH, Perez — 54.  
 ESPÍRITO Santo, Pânilo do — 134.  
 ESPIUCA, Artur — 327.  
 ESPIUCA, Tomaz Antônio — 201, 225, 239, 408.  
 ESTRÊLA, Maria Augusta Generosa — 142.  
 EURÍPEDES — 123.  
 EUSÉBIO (de Carvalho Oliveira), José — 266, 310  
 EZEQUIEL (de Oliveira Luz), João — 323, 344, 355, 362, 365, 374, 376, 377,  
 378, 380, 396, 407, 430, 431, 432, 463, 465, 473, 480.
- FALCÃO, Alfredo — 37, 38, 53, 91, 100, 101, 181, 182, 200, 201, 225, 279,  
 280; 294; 372.  
 FALCÃO, Anibal (de Mesquita) — 61, 124, 133.  
 FALCÃO, Argemiro — 275.  
 FALCÃO, Carlos — 132, 233, 272, 275.  
 FALCÃO, Domício Marinho — 240.  
 FALCÃO Filho, Francisco — 324.  
 FALCÃO, Henrique Soido (de Barros) — 355, 381, 420, 434, 439.  
 FALCÃO, João Marinho — 435.

- FALCÃO, Júlio (César) — 140, 197, 238, 327, 366, 367.  
 FALCÃO, Manuel Caitano de Andrade — 110, 369.  
 FALCÃO, Manuel Monte — 252.  
 FALCÃO, Maria do Carmo — 324.  
 FALCÃO, Olímpio S. dos Santos — 249.  
 FARIA, Antônio — 187, 192.  
 FARIA, Artur de — 107.  
 FARIA, (Francisco) Silverio — 229.  
 FARIA, Morrison — 393, 409.  
 FARIAS, Alves de — 324.  
 FARIAS, Samuel — 229, 252, 261, 405.  
 FASANARO, José — 444.  
 FAUSTINO Sobrinho — 450.  
 FAUSTO Júnior — 140.  
 FAUSTONE, James — 381.  
 FEITOSA Sobrinho, Antônio (Vicente do Nascimento) — 384, 391.  
 FENELON, Alvaro — 436.  
 FENELON, Artur — 51, 102, 128, 190, 206, 238, 248.  
 FERNANDES, Alberto Dias — 474.  
 FERNANDES, Augusto Gonçalves — 376.  
 FERNANDES Belo — 110.  
 FERNANDES, Carlos Dias — 111.  
 FERNANDES (de Oliveira), Sebastião — 420.  
 FERNANDES, Flávia Januária Lages — 376.  
 FERNANDES, Olímpio — 467, 476, 477.  
 FERRAZ Mendes — 324, 348.  
 FERREIRA, Alvaro Filipe — 193.  
 FERREIRA, Antônio Gonçalves — 480.  
 FERREIRA, Artur Leal — 79, 80.  
 FERREIRA da Silva Filho, Ovidio — 41, 42, 75, 101, 104, 154, 181, 182, 184, 185; 205; 260.  
 FERREIRA (de Lima) Júnior, (Antônio Augusto) — 123, 147, 226, 359, 386, 407.  
 FERREIRA de Sousa — 434.  
 FERREIRA, Francisco Inácio — 60, 124.  
 FERREIRA, (Luiz) Pinto — 320.  
 FERRER (de Barros Vanderlei), Vicente — 239, 444.  
 FERRER, José — 386.  
 FERRO, João — 355, 362, 369; 377; 407.  
 FICALHO, M Macário — 454.  
 FIGUEIRA, Alberto (de Andrade) — 136.  
 FIGUEIRA, Augusto — 253, 279, 305, 359.  
 FIGUEIREDO, Alfredo de — 201.  
 FIGUEIREDO, (Firmino) Cândido de — 124, 413.  
 FIGUEIREDO, (Gustavo) Horácio de — 149.  
 FIGUEIREDO, João Joaquim de — 118, 252.  
 FIGUEIREDO, José Antônio de — 38.  
 FIGUEIREDO Júnior — 53.  
 FIGUEIREDO, Manuel Joaquim Neiva de — 123.  
 FIGUEIREDO, Temístocles — 222.  
 FIGUEIROA Faria, Filipe de — 182, 305.  
 FIGUEIROA Faria Sobrinho, Filipe de — 83, 103, 104, 106; 204; 212; 343.  
 FILGUEIRAS, Leovigildo (do Ipiranga Amorim) — 56, 57, 65.  
 FIORAVANTI (Pires Ferreira), Gervásio — 110, 174, 204, 254, 312, 320, 366, 372, 385, 402, 444.  
 FLORA D. — 140.



- FLORÊNCIO, José — 190.  
FONS. Luiza — 370.  
FONSECA, Cleodon — 355.  
FONSECA, Eduardo — 425, 442, 443, 448, 474, 480.  
FONSECA, Euclides — 379, 448.  
FONSECA, Euclides (de Aquino) — 357, 369, 374.  
FONSECA Filho, Corbiniano de Aquino — 343  
FONSECA, Inácio Néri da — 319, 459, 460, 479.  
FONSECA, João Elísio de Castro — 83, 131.  
FONSECA, Joaquim Rodrigues da — 426.  
FONSECA, Joaquim Tiago Lopes da — 169, 204, 206, 216, 251, 253, 291;  
294, 304, 305, 343, 359.  
FONSECA, José Joaquim de Oliveira — 318.  
FONSECA, José Matias Lopes da — 253.  
FONSECA, José Rodrigues da — 378, 379, 396.  
FONSECA, Laura da — 257.  
FONSECA, (Manuel José) Gondin da — 37, 244.  
FONSECA, Marechal (Manuel) Deodoro da — 294, 295, 297, 304, 308, 309,  
315, 333.  
FONTANA, Maria — 403.  
FONTOURA (Chaves), Adelino — 293.  
FONTOURA, Miguel — 449.  
FORMIGA, Benedito — 329.  
FRAGOSO, Francisco Carlos da Silva — 145, 146.  
FRAGOSO, Maria — 106, 254.  
FRANÇA, João de Macedo — 172, 264.  
FRANÇA Júnior, (Joaquim José de) — 398.  
FRANÇA, Odilon — 161.  
FRANCISCO, Bibiano — 103.  
FRANCO (de Almeida), Tito — 215, 313, 314, 322, 359, 381.  
FRANKLIN, Benjamin — 446.  
FRANLIS, Manfredo — 140.  
FREIRE, Adelino Antônio de Luna — 312, 441, 444, 456.  
FREIRE (Barbosa da Silva), Joaquim — 401, 410, 419.  
FREIRE, Ezequiel — 49, 50.  
FREIRE Filho, Adelino Antônio de Luna — 224, 225, 291, 305, 318.  
FREIRE, Gilberto (de Melo) — 160, 481.  
FREIRE, J. de L. — 100, 402.  
FREIRE, J. M. C. Moniz — 79, 80.  
FREIRE Júnior — 128, 134.  
FREIRE, (Manuel) Teotônio — 110, 128, 134, 215, 225, 226, 233, 241, 247,  
249, 254, 257, 259, 264, 272, 273, 279, 280, 294, 304, 317, 324, 329, 331, 348,  
370, 372, 432, 439, 445, 469.  
FREITAS, Clodoaldo de — 87, 236, 372.  
FREITAS, G. — 447.  
FREITAS, João Alfredo de — 236.  
FREITAS, José Augusto de — 37.  
FREITAS, José Manuel de — 236, 325.  
FREITAS, José (Martins de) — 253, 333.  
FREITAS, (José) Otávio de — 310, 313; 392; 441.  
FREITAS, Luiz de — 312.  
FREITAS, Victor Manuel de — 310.  
FROTA, P. (Pedro Gomes da) — 100.  
FROTA Vasconcelos, João (Evangelista da) — 172.  
FURTADO M. Júnior, Cândido — 252, 291.  
FURTADO, Manuel Antero de Medeiros — 31, 38, 39.

- GAIOSO, José (da Silva Sousa) — 310.  
 GALHARDO, Caitano (Quintino) — 336, 467, 477.  
 GALVÃO, Argemiro — 164.  
 GALVÃO, Carlos — 410, 475.  
 GALVÃO, Enéas — 164.  
 GALVÃO, J. Virgílio — 171.  
 GALVÃO, José de Moura — 445.  
 GALVÃO, Olímpio (Eusébio de Arroxelas) — 108, 118, 315, 316, 345, 349, 358, 359, 374, 381, 382, 403, 407, 409, 421, 444; 455, 463, 464, 479, 480.  
 GALVÃO, Pergentino (Saraiva de Arroxelas) — 402.  
 GALVÃO, Rodolfo — 414.  
 GALVÃO, Sebastião de Vasconcelos — 110, 111, 173, 435, 445, 447, 456.  
 GALVÃO, Zeferino (Cândido) — 444.  
 GAMA, Aires de Albuquerque — 56, 147, 216.  
 GAMA, Alfredo (de Albuquerque) — 257, 353, 417.  
 GAMA, Antônio Pinto Chichorro da — 193, 213.  
 GAMA, Cláudio — 257, 289.  
 GAMA e Melo, (Severino Antônio da) — 452  
 GAMA Lins, Bernardo José da — 216.  
 GAMA, Padre-Frei Miguel do Sacramento Lopes — 444.  
 GAMA (Visconde de Goiana), Bernardo José da — 445.  
 GAMBETA (Tavares Barreto), Juarez — 163.  
 GARCÉS (de Caldas Barreto), Ernesto — 401.  
 GARRIDO, Bernardino — 305.  
 GASPAR, João C. — 476.  
 GAZZI, Fernando — 118.  
 GIBSON, Tomé (Joaquim de Barros) — 117, 233, 266, 351, 358, 359, 370, 398.  
 GIL, Cláudio — 433, 449.  
 GIL, Eustáquio — 431.  
 GIOVANA, Ida — 100.  
 GITIRANA, Heliodoro M. J. — 437.  
 GODOFREDO Júnior, (José Afonso Lamounier) — 248.  
 GODOI, (Antônio Batista) Barbosa de — 159.  
 GODOI (Vasconcelos), José (Teodoro) de — 154, 240, 332, 386.  
 GOETHE — 60.  
 GOIS Cavalcanti, Antônio de — 453.  
 GOIS Júnior, Inocêncio Marques de Araújo — 259.  
 GOMES, Alfredo — 362, 377.  
 GOMES, (Antônio) Carlos — 122, 123, 125, 126, 385, 400  
 GOMES (da Silva), Izidro — 163, 421.  
 GOMES (da Silva), Tomaz — 42, 97, 98, 100, 124; 175.  
 GOMES, Edgar — 454.  
 GOMES, Feliciano André — 171, 188, 189, 264.  
 GOMES, Vicente Ferreira — 376.  
 GONÇALVES, Georgino — 159, 182.  
 GONÇALVES, José Hugo — 204.  
 GONÇALVES, J. Ribeiro — 110, 136, 140.  
 GONÇALVES, Lopes — 213, 228.  
 GONÇALVES, Sigismundo (Antônio) — 325.  
 GONDIN, Antônio (Feliciano Guedes) — 163  
 GONDIN Filho, Joaquim Guedes Correia — 320.  
 GONDIN, Gabriel Cercalis da Câmara — 90.  
 GONZAGA, João — 261, 268.  
 GORDILHO, Virgílio Ramos — 79.  
 GOUVEIA, Delmiro (Augusto da Cruz) — 439, 451.  
 GOUVEIA, Epaminondas (Mariano de Sousa) — 47, 62, 112, 115, 203, 204.

- GRAÇA, Arnóbio — 320.  
GRANT, Ulisses — 364.  
GREGÓRIO (Gonçalves) Júnior, (João) — 110, 121, 122, 125, 127, 182, 201, 211, 219, 225, 237, 238, 249, 280, 290, 306, 326, 328, 353, 355, 367, 368, 370, 372, 398, 399, 416, 426, 437.  
GRIZ, Fernando (Carlos) — 360, 381, 476, 478.  
GUARTZMAN, João — 438  
GUEDES, Pelino (Joaquim da Costa) — 31.  
GUEDES, Sebastião — 248, 321.  
GUENES (da Silva e Melo) Júnior, (Joaquim) — 174, 211, 295.  
GUIMARÃES, A. C. Antunes — 53.  
GUIMARÃES, Afonso Pinto — 148.  
GUIMARÃES, Antônio (da Silva) — 190; 204.  
GUIMARÃES, Aprígio (Justiniano da Silva) — 42, 43, 57, 91, 127, 174, 444, 445.  
GUIMARÃES, Eduardo de Sousa — 377.  
GUIMARÃES, F. — 462  
GUIMARÃES, Gaspar (Antônio Vieira) — 295, 333, 349, 425.  
GUIMARÃES, Helvécio (de Carvalho Gomes) — 150, 466.  
GUIMARÃES, Hildeberto — 212.  
GUIMARÃES, J. — 333.  
GUIMARÃES, (Joaquim de Albuquerque) Barros — 137, 149.  
GUIMARÃES Júnior, Luiz (Caitano Pereira) — 192, 226, 275, 398.  
GUIMARÃES Júnior, Pinto — 253.  
GUIMARÃES, Manuel Adalberto de O. — 99.  
GUIMARÃES, Ricardo (Ribeiro) — 120, 152, 158, 178, 185, 197, 199, 200, 207, 230, 231, 235, 244, 259, 272  
GUIMARÃES, Roberto — 188.  
GUIMARÃES, Samuel — 413.  
GUIMARÃES, Tertuliano — 188.  
GUIZOT, Francisco — 372.  
GURGEL, Evaristo de Faria — 451.  
GUSMÃO, Pedro (Alexandrino) de — 348.  
GUTTENBERG, Abdias — 378, 384.
- HAHNEMANN, (Francisco) — 129.  
HANCEM, Júlio Guilherme — 193, 197, 206, 247, 248, 265, 294, 304, 326, 355, 362, 379, 380.  
HASSLOCHER, Germano — 132.  
HENRIQUE (Lima), Antônio José — 420.  
HERMANN, Cláudius — 37.  
HERPENT, Barão G. J. d' — 370.  
HIGINO (Duarte Pereira), José — 137, 236, 253, 445.  
HOLANDA Cavalcanti, Padre Cristovão de — 110.  
HOLMES, F. — 381.  
HOMPFER, C. — 407, 413.  
HONÓRIO, Raimundo — 458.  
MORACIO, Manuel — 393  
HUGO, Victor — 204, 443, 450.
- IBIAPINA, Antônio — 79.  
IHERING, Rudolf Von — 236.  
IRENÊ, Luciano — 37.

- IRINEU, Antônio — 127.  
 ISABEL, Princesa — 114, 271.  
 ISIDORA (Gonçalves da Rocha), Francisca — 109.
- JACARÉ, Antônio Joaquim de Matos — 408.  
 JACOME, Alonso — 293.  
 JACOME, Paulo — 293.  
 JACOME, Pedro Gonçalo — 295, 309.  
 JAGUARIBE, João Nogueira — 191.  
 JAQUES, F. Th. — 197.  
 JAQUES (Vanderlei), Pedro — 100, 110, 122, 123, 125.  
 JARDIM, (Antônio da) Silva — 265, 268, 273, 297, 303, 323, 324, 326, 337, 358, 359.  
 JESUS, Antônio de — 362, 378, 379  
 JOBIN, Anísio — 437.  
 JOBIN, Hugo — 439.  
 JOFFILY, Irineu (Ceciliano Pereira) — 375.  
 JOLY, Afonso (Eugênio) — 187, 194.  
 JUCA, Maria C. Guerra — 223.  
 JULIÃO (Regueira Pinto de Sousa Júnior), José — 401, 419.  
 JUNQUEIRO, (Abilio) Guerra — 57, 78, 182, 250.
- KARDEK Allan — 450.
- LABOULAY, (Eduardo Renato Lefevre) — 52.  
 LACERDA, Coronel José de Barros Falcão de — 445.  
 LACERDA, Francisco Nobre de — 471.  
 LACERDA, Joaquim da S. — 147.  
 LACERDA, Joaquim Nobre de — 291, 292.  
 LAET, Carlos (Maximiniano Pimenta) de — 276, 277.  
 LAGES, João — 183.  
 LAGES, José — 376.  
 LAMARTINE (de Farias), Juvenal — 419.  
 LANDIN, Pedro (Secundino de Sousa) — 163, 266.  
 LANDIN, Tomaz — 226.  
 LAURIN, Molinari — 369.  
 LAVENERE, Luiz — 409, 429.  
 LAYME, Eduardo — 440.  
 LEAL, Alfredo — 462.  
 LEAL, (Antônio) Gomes — 141, 275.  
 LEAL, C. — 364.  
 LEAL de Barros, (Joaquim Cavalcanti) — 225, 287, 458.  
 LEAL, Isaura — 478.  
 LEAL, Júlio César — 38, 56, 59, 62, 400.  
 LEAL, Major Antônio Afonso — 210, 273, 371, 410.  
 LEAL, Manuel — 386.  
 LEAL, Oscar — 359, 464.  
 LEAL, Pelaio — 331.  
 LEAL, Victor — 225.  
 LEÃO, Francisco — 336.  
 LEITÃO, Alvaro — 265.  
 LEITÃO, Carlos (Artur da Silva) — 267.

- LEITE, Alfredo — 436.  
LEITE, Solidônio (Ático) — 247, 311, 312, 409.  
LEMERCIER, (Luiz João Nepomuceno) — 78.  
LE MOS, Artur de Sousa — 266, 267.  
LE MOS, C. P. — 326.  
LE MOS (Duarte), Laiete (Edgar Poggi de) — 118, 355, 445, 475.  
LE MOS, Eutália — 448.  
LE MOS, Hermínio Augusto Moreira — 42.  
LE MOS, Tito (Joaquim) de — 88.  
LE MOS, Tomaz de — 213.  
LEON, Ulisses Ponce de — 182.  
LEOPOLDINO, João — 195.  
LESSA, Jaime — 445.  
LESSA Júnior, (Joaquim dos Santos) — 329, 357, 372.  
LIBÓRIO, Manuel — 365.  
LICINIO — 216.  
LÍCIO, Artur — 454.  
LIMA, Alcibiades (Buarque de) — 465, 467, 477.  
LIMA, Alfredo (Moreira) de Marros (Oliveira) — 156, 240.  
LIMA, Antônio — 416  
LIMA, Antônio de Barros — 152.  
LIMA, Artur Benício de Araújo — 386, 397, 434, 447, 461, 468, 474.  
LIMA, Ataliba (Soares) de — 348.  
LIMA, Audifax — 257.  
LIMA, Augusto — 330.  
LIMA, Ermiro — 362.  
LIMA e Silva (Duque de Caxias), Luiz Alves de — 34.  
LIMA, Figueira — 182.  
LIMA, Francisco (Alves) — 197.  
LIMA, Francisco R. R. de — 466  
LIMA, Gonçalo M. de A. — 240, 363.  
LIMA, Henrique — 252, 324, 326.  
LIMA, Hermes — 320.  
LIMA, J. B. Gonçalves — 122, 124, 125, 249, 419.  
LIMA, J. Rocha — 287  
LIMA, Joaquim Gonçalves de — 186.  
LIMA, José — 230, 261, 315, 349, 355, 370, 372; 445.  
LIMA, (José) Fernandes (de Barros) — 240.  
LIMA, José Miranda C. — 176.  
LIMA, (Manuel de) Oliveira — 279, 320.  
LIMA (Marquês de Olinda), Pedro de Araújo — 445.  
LIMA Penante — 181.  
LIMA, Rodolfo — 219, 226, 237, 238, 255, 325, 327, 330, 357, 379, 423, 435, 448, 451, 476.  
LIMA (Rodrigues), João de — 227.  
LIMA, Romualdo — 463  
LIMA, Vicente — 190.  
LINHARES, Mário — 445.  
LINS, Alfredo — 242.  
LINS, Benjamin — 476.  
LINS Caldas Júnior. (Tomaz) — 195, 320.  
LINS (de Albuquerque), Ulisses — 445.  
LINS e Silva, Arnulfo de Barros — 439.  
LINS e Silva, Augusto — 453.  
LINS, Francisco da Rocha Passos — 210.  
LINS, Mário — 320.

- LINS, Miss. A. — 421.  
 LINS, Samuel — 117.  
 LINS, Sebastião — 163.  
 LINS, Tomaz Cavalcanti da Silveira — 235, 256.  
 LIRA, Carlos Benigno Pereira de — 163.  
 LIRA, Manuel — 271.  
 LIRIO, J. Morcira — 51.  
 LISBOA, Armindo — 58, 140.  
 LISBOA, Carvalho — 201.  
 LISBOA, Francisco — 140.  
 LISBOA, (João) Coelho (Gonçalves) — 42, 124.  
 LISLE, R. de — 88.  
 LITTRÉ, Maximiliano Paulo Emilio — 42, 87, 97.  
 LOBATO, (Manuel Tolentino da) Silva — 111, 446.  
 LOBO, Aristides da Silveira — 106.  
 LOBO, Benvenuto — 194.  
 LOBO, Capitão Antônio Gracindo de Gusmão — 196, 197, 294.  
 LOBO, Sebastião — 251.  
 LOIO, Gaspar Vanderlei — 390.  
 LOIO, Visconde da Silva — 407.  
 LOPES, Cassiano (Amaro) — 213, 275, 357.  
 LOPES, Dom José de Oliveira — 420, 471.  
 LOPES, Hiláрино — 102, 127, 200.  
 LOPES, J. Fernandes — 275.  
 LOPES, (João) Clodoaldo (Monteiro) — 188, 274.  
 LOPES, João Fernandes — 36.  
 LOPES LIMA, Antônio Sérgio — 65.  
 LOPES, Manuel da Mota Monteiro — 161, 234.  
 LOPES Neto, Jorge Victor Ferreira — 204.  
 LOPES, Victor M. — 275.  
 LOPITA, (Antônio de) Magalhães — 150.  
 LOREGA, Alfredo — 377.  
 LORETO Filho, Sérgio (Teixeira Lins de Barros) — 320.  
 LORETO, Galdino (Teixeira Lins de Barros) — 135, 160, 169, 173, 174, 190,  
 204, 211, 227, 251, 346, 358.  
 LORETO, Sérgio (Teixeira Lins de Barros) — 279, 311, 313.  
 LOUREIRO, (Antônio Fernandes) Trigo de — 146.  
 LOUREIRO, Luiz (Tolentino César) — 376.  
 LUCENA, (Barão de...) Henrique Pereira de — 30, 286, 287, 296, 297, 304,  
 306, 309, 333.  
 LÚCIO, Afonso — 479.  
 LUIZ I, rei — 115.  
 LUNA, João Atenógenes de Barros — 189, 190.  
 LUNA, Tiago de — 100.  
 LUSTOSA (da Cunha), Jesuino — 228, 246, 266.  
 LUZ, Antônio Claudino Ferreira da — 152.  
 LUZO, Carmo — 479.
- MACDOWELL, Samuel (da Gama e Costa) — 348.  
 MACEDO, Joaquim Manuel de — 134.  
 MACEDO, Licínio de — 264.  
 MACHADO Dias — 266, 310, 311, 348, 370, 479.  
 MACHADO (Freire Pereira da Silva), Osvaldo — 111, 310, 350, 359, 479.  
 MACHADO, J. A. — 171.  
 MACHADO, João B. — 343, 344.

- MACHADO, (Joaquim) Nunes — 88, 235, 375, 385, 439.  
MACHADO, Oliveira — 213.  
MACHADO, Temístocles — 372, 409.  
MACHADO, Tobias (Gonçalves) Nunes — 419  
MACIEL, Aurino (Vieira de Araújo) — 481.  
MACIEL Filho, Matias — 439.  
MACIEL, Nereu (Correia) — 330, 331.  
MACRÓBIO, Enéas — 54.  
MADEIRA, A. C. de Castro — 36.  
MADEIRA Filho — 230.  
MADEIRA, Livino — 402.  
MAESTRALI, Tobias — 161.  
MAFRA, Francisco de Paula — 180, 200, 201, 276.  
MAGALHÃES, Agamenon (Sérgio de Godoi) — 320.  
MAGALHÃES, Agostinho de — 203.  
MAGALHÃES, Barbosa — 195.  
MAGALHÃES, Fernando T. S. — 58.  
MAGALHÃES, Flósculo de — 369.  
MAGALHÃES, Joaquim — 318, 323, 343.  
MAGALHÃES, Manfredo de — 385.  
MAGNO, Teodorico — 148, 176.  
MAIA, Alfredo — 420, 444  
MAIA, Antônio de Sousa — 155, 164, 170, 176.  
MAIA, Deraldo (de Almeida) — 191.  
MAIA, Dionísio (de Farias) — 372.  
MAIA, (José) Gonçalves — 191, 193, 212, 327, 366, 398.  
MALET, (João Carlos) Pardal (de Medeiros) — 224, 225, 230, 241, 244.  
MALHEIROS, Luiz — 425.  
MALTA, Quintino — 217.  
MANTA, José Fernandes da Silva — 204, 212.  
MARANHÃO, Antônio Ribeiro — 291.  
MARANHÃO, João de Barros Falcão de Albuquerque — 101.  
MARANHÃO, Júlio Constantino Carneiro de Albuquerque — 163.  
MARANHÃO, Metódio (Romano de Albuquerque) — 163, 320  
MARANHÃO, Serapião — 458.  
MARIANO, José (ver CARNEIRO da Cunha, José Mariano).  
MARIANO, Lúcio — 181.  
MARINHO, Joaquim Saldanha — 106.  
MARINHO, Paula — 238, 294, 296.  
MÁRIO, Jaques — 36.  
MÁRIO Júnior — 439.  
MARIZ, Vicentina — 118.  
MAROTTI, Francisco — 118, 375, 380, 464, 465.  
MARQUES, Arnóbio — 441, 444.  
MARQUES (Carneiro Leão), Virgínio — 320.  
MARQUES, Manuel — 476  
MARQUES, Severino — 260.  
MARQUES Silva — 317, 471.  
MARROCOS, (Francisco) Alcedo (da Silva) — 123, 212, 291, 374, 385, 402, 459, 479.  
MARROQUIM (do Nascimento), Mário (Rômulo) — 320.  
MARTINHO, Demétrio — 466, 467, 478.  
MARTINS, Alvaro — 342, 396.  
MARTINS, (Antônio) Mendes — 382, 474, 475.  
MARTINS, Enéas — 266, 268, 270.  
MARTINS Filho, (Antônio Mendes) — 380, 427, 463, 465, 467, 473.

- MARTINS, Flaviano — 463, 465, 473.  
MARTINS, Graciliano — 203, 239, 355, 400, 421.  
MARTINS, Henrique — 204, 212, 249, 250.  
MARTINS Júnior, (José Izidoro) — 42, 86, 87, 91, 96, 97, 98, 99, 103, 106, 110, 123, 125, 128, 131, 143, 149, 150, 175, 181, 182, 200, 201, 204, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 238, 250, 251, 253, 254, 277, 278, 279, 286, 287, 292, 293, 296, 305, 309, 311, 317, 318, 327, 345, 347, 351, 366, 372, 385, 400, 444, 452.  
MARTINS, Samuel — 123, 133, 183, 204, 205, 209, 211, 225, 227, 228, 238; 250; 251.  
MARTINS, Serra — 356.  
MARTINS Sobrinho, Graciliano — 197, 451.  
MARTINS Souto — 320.  
MASCARENHAS, Alferes Miguel de Castro — 308, 309.  
MASCARENHAS, Luiz de — 437, 454, 469, 470.  
MASSINI, Enrico — 329.  
MATOS, A. — 403.  
MATOS e Silva, José Gomes de — 478.  
MATOS José de — 356  
MATOS Júnior, José João de — 100, 159  
MATOS, Manuel Gomes de — 305, 453.  
MATOS Sobrinho, Francisco de — 451.  
MAY, Alfredo Oscar — 181.  
MEDEIROS, Batista de — 249, 271.  
MEDEIROS, Bianor (Gadault Fonseca) de — 211, 227, 250, 251, 259, 279, 287, 414, 435.  
MEDEIROS, F. Ricardo de — 147, 163.  
MEDEIROS, João Cordeiro Fonseca de — 458.  
MEDEIROS, João Walfredo de — 91, 100, 268, 346; 357.  
MEDEIROS, José Júlio V. de — 331, 322, 397, 416, 434; 461  
MEDEIROS, Maria Clementina de — 447.  
MEDEIROS, Mariano Augusto de — 86, 100, 110, 139, 183, 201, 203, 211, 226.  
MEDEIROS, Soares de — 181.  
MEDICIS, Alexandre de — 330.  
MEIRA, Artur — 110.  
MEIRA (Dantas), José Augusto — 401, 402, 444.  
MEIRA (de Vasconcelos), Albino (Gonçalves) — 231, 232, 278, 286, 292, 309.  
MEIRA e SA, Francisco de Sales — 65.  
MEIRA, Olinto José — 402.  
MELO, A. B Rocha — 160.  
MELO, Afonso de Albuquerque — 184, 333, 334.  
MELO, Antônio Epaminondas de — 193, 203.  
MELO, Antônio Joaquim de — 302.  
MELO, (Antônio) Pedro de — 98, 124, 156, 188.  
MELO, Basílio de Sousa e — 452.  
MELO, Braz de (Andrade) — 43, 233, 234, 239, 266, 268, 270.  
MELO Castro — 226.  
MELO, Comandante Custódio José de — 333.  
MELO, Cônego João Machado de — 420.  
MELO, Elísio de — 247, 259, 260.  
MELO (e Silva), (Manuel) Claudino de — 195  
MELO Filho, Manuel Cavalcanti de — 287, 305, 359, 444.  
MELO, Gomes de — 121.  
MELO, Ildefonso — 444.  
MELO, José Maria de Albuquerque — 36, 38, 89, 108, 114, 298, 306, 385.  
MELO, José Nunes de — 467.



- MELO, Laurentino A. Cezário de — 213.  
MELO, Manuel Caitano de Albuquerque — 239.  
MELO, Manuel do Rêgo — 38.  
MELO, Mário (Carneiro do Rêgo) — 444, 446, 465, 473.  
MELO Morais, (Alexandre José de) — 151.  
MELO Morais Filho, (Alexandre José de) — 188  
MELO, Oton Lincz Bezerra de — 444.  
MELO, Pórcia Constância de — 234, 301, 302, 306.  
MELO, R. Elviro de — 100, 180.  
MELO, Ulisses Néry César de — 368, 477.  
MELO, Vicente de Morais — 146.  
MELO, Vital — 118.  
MENDES, Adelaide — 448.  
MENDES, Alírio — 134.  
MENDES, João José de Siqueira — 148, 195.  
MENDES, José de Freitas — 67.  
MENDES, Manuel G. — 338.  
MENDES, Maria — 448.  
MENDES, M. Sousa — 118.  
MENDES, Pedro — 163.  
MENDES, Raimundo (José) de Siqueira — 148.  
MENDONÇA, F. Alves de — 161, 183, 186.  
MENDONÇA, (José Luiz) Cavalcanti de — 191, 240.  
MENDONÇA, (José Xavier) Carvalho de — 90.  
MENDONÇA, (Júlio César) Furtado de — 290.  
MENESES, Alípio — 404.  
MENESES, Carlos Alberto de — 403.  
MENESES, Djacir (Lima) — 320.  
MENESES, Ferreira de — 199, 200.  
MENESES, João Demétrio de — 404.  
MENESES, (José Alves de) Assunção — 130.  
MENESES, Padre (Manuel Cavalcanti de) Assis Bezerra de — 176.  
MENESES, (Rodolfo) Gaspar de — 337, 350, 402, 419.  
MENESES, Rodolfo Gonzaga de — 148.  
MENESES, S. — 169, 173.  
MENESES Sobrinho, Francisco César de — 293  
MESQUITA, Alfredo Montenegro — 472.  
MESQUITA, Elpidio (Pereira de) — 90, 97, 99.  
MILAGRES, Felisberto — 88, 132.  
MILET, Henrique (Augusto de Albuquerque) — 36, 38, 39, 291.  
MIRANDA, Alberto — 359.  
MIRANDA, Ernesto — 127.  
MIRANDA (Filho), João (Evangelista C.) de — 348.  
MIRANDA, Francisco da Silva — 147.  
MIRANDA, Manuel José de — 198, 211, 246, 352, 417.  
MIRANDA, Ponciano de — 197.  
MIRECOURT, Eugênio de — 60.  
MITTENBAUER — 297.  
MONCLAR (Cavalcanti de Albuquerque), Maturino — 376, 404.  
MONESILHO, D. — 480.  
MONTE Sobrinho, (Francisco do) — 427.  
MONTEIRO, (Antônio Peregrino) Maciel — 443.  
MONTEIRO, Augusto (Carlos de Vasconcelos) — 437, 454.  
MONTEIRO, César do Rêgo — 98.  
MONTEIRO de Melo, Luiz Gomes — 315, 317, 359, 374; 382.  
MONTEIRO, Elisa Áurea — 362.

- MONTEIRO, José — 431, 462, 463, 466; 474.  
MONTEIRO, (José da) Costa — 445.  
MONTEIRO, Joviniano (da Costa) — 251.  
MONTEIRO, Manuel Xavier — 338.  
MONTEIRO, Raul (da Costa) — 111, 445.  
MONTEIRO, Tobias (do Rêgo) — 175.  
MONTEIRO, Zulmira — 208.  
MONTENEGRO, Augusto — 222.  
MONTENEGRO, T. G. P. — 236.  
MONTÉPIN, Xavier de — 104, 202.  
MORAIS, Alferes José Mariano Augusto de — 308, 309.  
MORAIS, Antônio — 218.  
MORAIS, Castro — 316.  
MORAIS, E. — 230.  
MORAIS, Eduardo Augusto Ferreira de — 58, 119.  
MORAIS e Silva, Antônio de — 444.  
MORAIS, Francisco Augusto de Sales — 404  
MORAIS, Libânio (Ferreira de) — 133, 164.  
MORAIS, Otávio Jaborandi de — 400.  
MOREIRA (de Azevedo), Laurentino A. — 324.  
MOREIRA, (Manuel dos) Santos — 169, 204, 474, 475.  
MOREIRA, N. — 226.  
MORENO, Elísio — 408, 409.  
MOTA, Alexandre (Freitas Simões da) — 476.  
MOTA, Augusto (Ferreira da) — 159.  
MOTA, Pedro — 400  
MOURA, Francisco Amintas de Carvalho — 146.  
MOURA, J. — 313.  
MOURA, Palha, (Augusto César de) — 348.  
MOURA, Tomé Afonso de — 64, 65, 69.  
MUHLERT, Carlos Eduardo — 79, 123.  
MUNIZ (Ferreira de Aragão), Jerônimo — 37, 57.  
MUNIZ, (Manuel) Artur — 110, 215, 261, 291; 372; 444; 469; 479.  
MURTINHO, Joaquim (Duarte) — 129.
- NAEUCO (de Araújo), Joaquim (Aurélio Barreto) — 68, 70, 74, 94, 111, 113,  
114, 130, 149, 164, 198, 199, 200, 201, 204, 207, 209, 210, 231, 237, 271,  
272, 290, 291, 445.  
NAGHEL, Adela — 197.  
NASCIMENTO, Cláudio de Castro — 451, 452.  
NASCIMENTO, Manuel Alves do — 477.  
NASCIMENTO, Mário de Castro — 451.  
NAZARÉ (Silvino Guilherme de Barros), Barão de — 77, 199.  
NEPOMUCENO, João — 355.  
NESTOR (de Barros Ribeiro), Odilon — 320, 360, 370.  
NETO, Evandro — 320.  
NETO Júnior, Coelho — 316, 436.  
NEVES, Abdias (da Costa) — 401, 419.  
NEVES, Carvalho — 282, 369, 393, 410.  
NEVES Filho — 378, 380.  
NEVES, José (Manuel Vieira) — 458.  
NEVES Sobrinho, (Joaquim José de) Faria — 111, 287, 304, 311, 372, 445, 469.  
NEVES, Urbano (Sampaio) — 187.  
NOBRE, Elvira — 448.  
NOBRE, Maria — 448.

- NÓBREGA, Diógenes da — 460.  
NÓBREGA, Inácio — 270.  
NOGUEIRA, A. — 291, 423.  
NOGUEIRA Filho, José — 266.  
NOGUEIRA, (Francisco de) Sousa — 341, 360, 370.  
NOGUEIRA, N. — 449.  
NOLASCO, J. Pessoa — 233, 412.  
NOVAIS, (Faustino) Xavier de — 152, 365.  
NOVAIS (Melo), Miguel de — 88.  
NUNES, José — 188.
- OHNET, Georges — 222.  
OITICICA, José (Rodrigues Leite e) — 439.  
OLINDA (de Almeida Cavalcanti), Demóstenes de — 110, 261, 263, 348, 350; 358; 372.  
OLINDENSE (Ribeiro de Sousa), Afonso — 32, 33, 60, 151, 152; 181, 186, 200, 201, 203, 226, 238, 250, 257, 291, 358, 408.  
OLINTO Filho — 163.  
OLIVEIRA, Albertina — 203.  
OLIVEIRA, Alberto — 403.  
OLIVEIRA, Antônio Correia de — 362.  
OLIVEIRA, Antônio de Melo Costa — 377, 429.  
OLIVEIRA, Armando — 427, 445.  
OLIVEIRA, Batista de — 164, 187.  
OLIVEIRA, Bianor (Fernandes Carneiro) de — 428.  
OLIVEIRA (e Sousa) Arquimedes de — 111.  
OLIVEIRA, Emídio d' — 139.  
OLIVEIRA, Eremita de Sousa Pereira de — 318.  
OLIVEIRA, Euclides de — 463.  
OLIVEIRA, Higino de — 437.  
OLIVEIRA, J. B. de — 163.  
OLIVEIRA, João (Antônio) de — 53, 294, 295, 298, 301, 305, 309, 326, 463.  
OLIVEIRA, João Hosannah de — 64.  
OLIVEIRA, Joaquim Augusto de — 66.  
OLIVEIRA, Joaquim (Tavares) de — 427.  
OLIVEIRA, (José Fernandes da) Costa Pereira e — 79.  
OLIVEIRA, (José Manuel) Cardoso de — 153, 154.  
OLIVEIRA, José Maria da Silva — 251, 342.  
OLIVEIRA, Josefa (Agueda Felisbela Mercedes) de — 140, 142, 143.  
OLIVEIRA Júnior, Agostinho J. de — 42, 250.  
OLIVEIRA, Leandro Lopes de — 398, 407, 409, 423; 434.  
OLIVEIRA, Leônidas de — 312, 379, 380; 396; 403; 414; 430; 434.  
OLIVEIRA, Luiz Cândido de — 439.  
OLIVEIRA, Luiz de — 417.  
OLIVEIRA, Luiz Evangelista de — 361.  
OLIVEIRA, M. — 396, 405.  
OLIVEIRA, Manuel Torquato de — 318, 377, 380.  
OLIVEIRA, Mateus de — 376, 436, 439.  
OLIVEIRA, Matilde — 213.  
OLIVEIRA, Miguel (Santa Cruz) de — 400.  
OLIVEIRA Pais, José Jorge de — 348, 349.  
OLIVEIRA, Romualdo Alves de — 46, 78.  
OLIVEIRA, Rutilio de — 172, 206, 211.  
OLIVEIRA, Valdemar de — 328.  
OLIVÉRIO Júnior (pseud. de Galdino de Barros) — 289, 346, 357, 389.

- ORIA, José I. Cavalcanti de — 173.  
 ORLANDO (da Silva), Artur — 87, 110, 143, 150, 182, 201, 224, 225, 239, 250, 291, 311, 312, 366; 385; 444; 456.  
 ORLEANS Bragança, dom Pedro Gastão — 268.  
 ORTIÇÃO, (José Duarte) Ramalho — 96.  
 ORTIGÃO, Júlio — 425, 478.  
 ORTON, José — 381  
 OSÓRIO, Francisco Luiz — 65.  
 OTTONI (do Amaral), Álvaro — 402.  
 OVIDIO Filho (ver FERREIRA da Silva Filho, Ovídio).
- PACHECO, Assis — 409.  
 PACHECO, Ernesto Alves — 119.  
 PACHECO, Felix (Alves) — 62.  
 PACHECO Filho — 386.  
 PACHECO, Pedro — 472.  
 PAIS Barreto, Carlos Xavier — 110, 400.  
 PAIS Barreto Filho, João Marinho — 409.  
 PAIS Barreto, Manuel Xavier — 385, 405.  
 PAIS de Andrade, Manuel de Carvalho — 444  
 PAIXÃO Vieira, B. — 240, 436, 437.  
 PALÁCIOS, Anita — 256.  
 PALÁCIOS, Juanita — 255.  
 PALÁCIOS, Luizita — 251.  
 PALHARES, Vitoriano (José Marinho) — 65, 91, 250, 436.  
 PALMEIRA, Henrique — 298, 333.  
 PALMEIRA, Pedro (Lins) — 320, 437.  
 PAMPLONA, Licurgo (Norbal) — 172, 213, 241.  
 PAPANÇA, Macedo — 247.  
 PARAISO, Raimundo — 56.  
 PARANAGUA (Marquês de...), João Lustosa da Cunha — 37.  
 PARANHOS (Visconde do Rio Branco), José Maria da Silva — 105, 133, 149, 196.  
 PARENTE, (Francisco) Gomes — 149.  
 PASSOS (Manuel) Higino da Silva — 371.  
 PATICIRO, Araújo — 431.  
 PATROCINIO (Oliveira), José do — 410.  
 PATRONI (Martins Maciel Parente), Filipe (Alberto) — 148.  
 PATURI, Manuel (Vilas-Boas) — 195.  
 PAULA, Delfino de — 173, 211, 251.  
 PAZ, Júlio — 472.  
 PAZ, Maria Olímpia da — 208.  
 PECANHA, Alcibiades — 227, 233, 279.  
 PECANHA, Nilo — 212, 227, 231, 232  
 PEDRO II, Imperador — 49, 84, 120, 333.  
 PEDRO Júnior, José — 190, 316, 322; 349.  
 PEDROSA, Cônego Alfredo Xavier — 142, 320, 382.  
 PEDROSA, Manuel Sebastião de Araújo — 162.  
 PEIXOTO, Batuel — 478.  
 PEIXOTO, João Batista de Melo — 65, 79, 80.  
 PEIXOTO, Marechal Floriano (Vieira) — 337, 341, 347, 350, 356, 363, 400  
 PEIXOTO, Severiano (do Rêgo Chaves) — 133.  
 PELLETAN, (Pedro Clemente) Eugênio — 209.  
 PEREGRINO da Silva, Manuel Cícero — 301.  
 PEREIRA, Abel Guedes — 331, 451, 474.

- PEREIRA, Antônio — 413  
PEREIRA, Artur V. M. — 331.  
PEREIRA, Baltazar (Martins de Albuquerque) — 226, 340; 347, 348, 357, 372; 414; 439.  
PEREIRA, Bráulio — 187.  
PEREIRA, (da Silva Guimarães), Pedro — 133, 149, 182.  
PEREIRA, Edwiges de Sá — 110, 445, 446.  
PEREIRA, Emiliano — 446.  
PEREIRA, Eugênio de Sá — 110, 444, 475.  
PEREIRA, (Faneca), João Eustáquio — 110, 409, 444.  
PEREIRA, Felisberto dos Santos — 477.  
PEREIRA, Fenelon — 409  
PEREIRA, J. J. Guedes — 287, 345.  
PEREIRA, João — 227.  
PEREIRA, Joaquim Cândido da Costa — 197.  
PEREIRA, José Romão — 424.  
PEREIRA Júnior, Antônio Gomes — 226, 271, 343, 362, 398, 400, 442, 449.  
PEREIRA Júnior, José Times — 395, 405.  
PEREIRA, (Luiz de) França — 110, 147, 154, 216, 257, 264, 272, 279, 294, 304, 305, 317, 346, 348, 357, 366, 370, 372, 376, 414, 444, 454.  
PEREIRA, Manuel de Sousa — 318.  
PEREIRA, Nuno Guedes — 438.  
PEREIRA, (Raimundo) Alexandre — 131, 133, 147, 149, 150, 164  
PEREIRA, Virgílio de Sá — 372.  
PERES (Campelo), Gaspar (Cavalcanti) — 133.  
PERNAMBUCO, Belisário — 99, 124, 154, 167, 238.  
PERRELT, Carlos — 324.  
PESSOA, Amaro — 147, 234, 235, 265, 287, 294, 303, 304, 309, 310.  
PESSOA, Antônio da Maia — 124, 225.  
PESSOA (Cavalcanti de Albuquerque), João — 248, 357.  
PESSOA, Conceição — 119, 188, 376.  
PESSOA, Euclides — 308, 310, 315.  
PESSOA, Faustino — 318.  
PESSOA, (Francisco Leocádio de) Andrade — 150.  
PESSOA, Francisco Pinto — 231, 232.  
PESSOA, Inês — 302  
PESSOA, Mário (Monteiro) — 320.  
PESSOA, Padre Luiz Francisco de Sales — 141.  
PESSOA, Paulo — 270.  
PESSOA, Pedro (Jácome da Silva) — 107, 232, 233, 234, 294.  
PESSOA, Teófilo — 310, 315.  
PESSOA, Tertuliano — 197.  
PIMENTA, Joaquim — 320.  
PIMENTEL, Emília Adelaide — 181.  
PIMENTEL, Joaquim S. de Azevedo — 429  
PINHEIRO, André Maciel — 275.  
PINHEIRO, Fortunato (Coelho) — 167, 230, 275, 276, 280.  
PINHEIRO, Herculano — 329, 330.  
PINHEIRO, Ismênia Maria Duarte — 208.  
PINHEIRO, José de Freitas Morais — 67, 173, 174, 193, 266; 293, 402.  
PINHEIRO, (Luiz Ferreira) Maciel — 106, 274, 275, 296, 297, 304, 445.  
PINHEIRO, Maria do Rosário — 147.  
PINHEIRO, Padre Hermeto José — 420, 471.  
PINHEIRO, Severino (Marques de Queiroz) — 163.  
PINHEIRO (Visconde de São Leopoldo), José Feliciano Fernandes — 419.  
PINHO, João Sabino de Lima — 129, 151, 223, 273

- PINHO (Maia), Inês Sabino — 154, 203, 204; 445.  
PINHO, Sabino Olegário Ludgero — 129.  
PINTO, Antônio de Castro — 330.  
PINTO, Antônio de Scusa — 58, 86, 91, 143, 181, 182, 193, 200, 201, 225, 280; 459; 460; 479.  
PINTO, (Augusto) Correia — 420.  
PINTO, E. R. — 362, 365.  
PINTO, Francisco Inácio — 423.  
PINTO, Frederico A. P. — 479.  
PINTO, José — 463.  
PINTO Júnior, João José — 236, 403.  
PINTO, Maria — 203.  
PINTO, Saldanha — 197.  
PINTO, Santino Alves Carneiro — 376, 377.  
PINTO, Sebastião — 356.  
PINTO (Vieira de Melo), Alfredo — 130, 143, 154, 171, 182, 184, 186, 201, 203, 318.  
PIO dos Santos, Fernando — 312, 471.  
PIRES Ferreira, Albertina — 445  
PIRES Ferreira, Gervásio — 444  
PIRES Ferreira, Júlio — 110, 215, 254, 357, 372, 443, 444, 445, 446, 478.  
PIRES Ferreira, Leopoldo — 211, 216, 443.  
PIRES Ferreira, Rui — 445.  
PIRES, Rodolfo — 134, 183, 186.  
PITANGA Filho — 100.  
POMBAL (Sebastião José de Carvalho e Melo), Marquês de — 124.  
POMPILIO, Odília — 203, 208.  
PONTES, (Antônio) Fiuza de — 409, 420, 444.  
PONTUAL, Constâncio (dos Santos) — 319.  
PONTUAL Filho, Davino (dos Santos) — 130, 312.  
PORTELA, Bento Emílio Machado — 64.  
PORTELA, Felix Fernandes — 35, 36.  
PORTELA, Sofrônio (Eutiquiano da Paz) — 65, 320.  
PÓRTO, Adelaide — 203, 208.  
PÓRTO ALEGRE (Barão de Santo Ângelo), Manuel de Araújo — 35.  
PÓRTO, Bernardo Magalhães da Silva — 446.  
PÓRTO, Campos — 164.  
PÓRTO Carreiro, Carlos (da Costa Ferreira) — 110, 147, 203, 204, 216, 372, 402; 409; 410; 423; 425; 444; 458; 469; 476.  
PÓRTO Carreiro, Júlio — 111.  
PÓRTO, Cristóvão de Barros Gomes — 146.  
PÓRTO, Leonor — 200, 203, 208.  
PÓRTO, Reinaldo da Silva — 133.  
PRADINES, Alberto — 127 160  
PRADO, Antônio Daniel do — 142.  
PRAZERES, Feliciano — 54.  
PRAZERES, (João) Cância (da Costa) — 294, 298, 309, 310, 313, 326, 348.  
PRAZERES, Oto — 306, 310.  
PURCELL, J. E. — 66, 84, 122; 124; 133; 395.  
PURIFICAÇÃO, Agapito da — 62.  
  
QUEIROZ (Coutinho Matoso da Câmara), Eusébio — 132, 133.  
QUEIROZ (Ferreira), Pedro (Tomaz de) — 37, 53, 63.  
QUEIROZ, José Gaudêncio Correia de — 446.

- QUEIROZ, (José Maria de) Eça de — 96, 139.  
QUEIROZ, Júlio — 163.  
QUEIROZ, (Manuel) Teles de — 233, 241.  
QUEIROZ, Maria Amélia de — 147, 203, 405, 343.  
QUEIROZ, Maurício de — 282, 424.  
QUENTAL, Horácio de — 452.  
QUINTAS, Francisco Soares — 143, 285, 287, 359.  
QUINTEIRO, Euclides (Bernardo) — 174, 204, 211, 226, 239, 400.  
QUINTEIRO, Manuel Pernambucano — 141, 356.
- RABELO da Silva, Artur Lídio — 249, 261.  
RABELO, Joaquim — 159.  
RABELO, José Inácio — 233.  
RABELO Júnior, Amaro — 212, 233, 234, 268, 270.  
RABELO, Manuel Ferreira — 82.  
RAMADA, Tomato — 172.  
RAMIRES, Pedro Machado da Silva — 449.  
RAMOS, Amâncio — 247.  
RAMOS, Artur — 128, 190.  
RAMOS, Graciliano — 414.  
RAMOS, Herculano — 201.  
RAMOS, Isácio Carneiro — 404.  
RAMOS, João — 99, 121.  
RAMOS, José Pereira — 349.  
RAMOS, Manuel Bernardino — 263.  
RAMOS, Manuel Lopes de Carvalho — 147, 187, 192.  
RAMOS, Sílvio — 421.  
RANGEL, Domicio (do Rêgo) — 110, 454.  
RANGEL Sobrinho, (José Francisco do Rêgo) — 110, 135, 137, 138, 139, 153, 154, 161, 217, 229, 230, 231, 244, 272, 287, 345, 346, 348, 349.  
RAPOSO de Melo, Hemetério Fernandes — 360.  
RAPOSO, M. — 123.  
RATTI, Alba — 410, 412.  
REBELO Júnior, (João Batista de) Castro — 151.  
REBOUÇAS, Antônio Pereira — 30.  
REGADAS, Artur da Silva — 435.  
REGIS, S. — 472.  
RÊGO Barros (Conde da Boa Vista), Francisco do — 444.  
RÊGO Barros, Joaquim Elias d'A. — 256, 291.  
RÊGO Barros, Sebastião Manuel do — 297.  
RÊGO, Dioclécio Fábio da Silva — 161, 183, 186.  
RÊGO, João Bernardo do — 293.  
RÊGO, (Joaquim Francisco) Vilela do — 154, 183.  
RÊGO, José do — 190.  
REGUEIRA, Afonso — 435, 468, 470.  
REGUEIRA Costa, Gaspar (do Nascimento) — 41, 57, 109, 111, 128, 401, 469.  
RIGUEIRA Costa, Jaime — 111.  
REGUEIRA Costa, João Batista — 81, 97, 141, 402, 409, 456, 457, 458, 469.  
REGUEIRA (Pinto de Sousa), José Julião — 110.  
REIS, A. J. Fernandes dos — 57.  
REIS, Cândido T. dos — 136, 138.  
REIS, (Joaquim) Francisco de Sousa — 328.  
REIS, Levino — 136.  
REIS, Mamede Justiniano dos — 127, 405, 480.  
REIS, Manuel Coelho dos — 98, 333.

- REIS, Zacarias (Horácio) dos — 153, 154, 192.  
REVOREDO, Tenente Antônio Machado — 196.  
REZENDE, (Simplício de) Melo — 325.  
RIBEIRO, A. A. S. de Castro — 58.  
RIBEIRO, Adalberto — 465.  
RIBEIRO, (Antônio Camilo das) Chagas — 427.  
RIBEIRO, Antônio M. da Costa — 187.  
RIBEIRO, Artur (Barreto de Oliveira) — 88.  
RIBEIRO, Cirilo — 247, 248, 362; 377; 380; 465.  
RIBEIRO da Silva, (José Cavalcanti) — 40, 41, 42, 78, 81, 101, 102, 110,  
136; 184, 185, 360, 381, 391, 400, 408.  
RIBEIRO (de Andrade Fernandes), João (Batista) — 150.  
RIBEIRO (de Araújo Bittencourt), Pedro — 176.  
RIBEIRO, Emílio João Paulo — 394  
RIBEIRO (Ferreira), Tomaz (Antônio) — 121, 422, 423.  
RIBEIRO, Flaviano — 161.  
RIBEIRO, Gomes — 279.  
RIBEIRO, João — 255.  
RIBEIRO, João da Costa — 172.  
RIBEIRO, João de Aquino — 163.  
RIBEIRO, José Augusto — 419.  
RIBEIRO, José (Bento) — 462, 468, 474.  
RIBEIRO, José Carlos da Costa — 125.  
RIBEIRO Júnior, S. C. — 260, 362.  
RIBEIRO, (Manuel) Euniciano (do Nascimento Guimarães) — 110, 324,  
339; 389; 398; 417; 432.  
RIBEIRO (Pessoa de Melo Montenegro), Padre João — 445.  
RIBEIRO, Raimundo Nina — 37.  
RIBEIRO, Sebastião Pinto — 118.  
RIBEIRO, U. — 479.  
RIMAR, Girondino — 75.  
ROCHA, Alberto Magno da — 270.  
ROCHA, Alberto Veloso da Silveira — 477.  
ROCHA, Antônio Olímpio da — 150, 182.  
ROCHA, Demétrio — 475.  
ROCHA, João — 341.  
ROCHA, Landelino (Ulisses Ferreira da) — 86.  
ROCHA, Malaquias Gonçalves da — 215, 381, 384, 420.  
ROCHA, Minervino da — 331, 364.  
ROCHA, Pedro Gomes da — 342.  
RODOLFO (Gomes da Silva) Filho — 128, 402.  
RODRIGUES, (Antônio) Marques — 159.  
RODRIGUES, C. — 180.  
RODRIGUES, Mário (Leite) — 465; 466; 475; 476; 477.  
RODRIGUES, Pedro Alexandrino de Faria — 48.  
ROLAND, Leon — 300.  
ROMARIZ, Maria Lúcia de Almeida — 223.  
ROMERO, Benilde — 150.  
RONDELLI, Constantino — 116.  
ROQUE (Dias da Silva), José — 436, 469.  
ROSA e Silva, Francisco de Assis — 448.  
ROSA e Silva, Maria das Dores — 448.  
ROSA, Jaime de Albuquerque — 79  
ROSA, O. — 37.  
ROSAS, Galdino — 132, 164.  
ROSAS, João — 140.



- ROSAS, Tito (Passos de Almeida) — 320, 402.  
ROTH, A. — 62, 102, 284.  
ROZENDO, M. — 123.  
RUBIM, Antônio de Sousa — 90, 99, 156.  
RUBIM, Benjamin de Sousa — 228  
RUI, Vicente — 205.  
RUIZ, Pepa — 424.  
RUSSEL, Carlos — 398, 402, 408.  
RUSSO, Flávio — 131.
- SÁ, Antônio Franco de — 348.  
SÁ (e Albuquerque), Fernando de — 447.  
SÁ (e Albuquerque), Francisco (Cavalcanti) de — 133, 152, 266; 325.  
SÁ, Leônidas (Benício Mariz) e — 246, 247, 254, 266, 293, 298, 309, 310, 312, 326, 350.  
SÁ Lima, Luiz de — 99.  
SÁ, S. J. Ribeiro de — 252.  
SABINO Filho, João — 363.  
SABINO (José dos Santos) Júnior — 188, 189, 329.  
SACRAMENTO (Ramos), Manuel do — 189, 206, 211, 240, 248, 252, 256, 262; 265; 268; 312; 321.  
SALDANHA, José da Natividade — 444.  
SALDANHA, (Manuel Torquato de) Araújo — 153, 154, 222, 224.  
SALDANHA, Nelson Nogueira — 320.  
SALES, Alípio — 270.  
SALES Barbosa — 133, 147, 148; 164; 191; 192; 193; 228.  
SALES (Ribeiro Fôlha), Francisco de — 97.  
SALGADO, Pedro — 163.  
SALVADOR, Leopoldo — 103.  
SAMICO, Osvaldo E. — 163.  
SAMPAIO Cardoso — 360.  
SAMPAIO, Carlos — 293.  
SAMPAIO, João — 48.  
SAMPAIO (Leite), (Joaquim do) Prado — 247, 266.  
SANDOVAL (de Abreu), (Rita) Rosália — 118.  
SANSONE, Giovanni — 328, 368.  
SANTANA Castro, Manuel Joaquim de — 480.  
SANTANA, Ezequiel de — 323  
SANTANA, Júlio de — 408.  
SANTA Rosa, (Augusto Americo de) — 222.  
SANTIAGO, Antônio de Melo Ferreira — 37.  
SANTIAGO, Cirilo Augusto da Silva — 146, 294, 377, 405, 480.  
SANTINA, Adelaide — 154.  
SANTOS, Adolfo Generino (Rodrigues) dos — 437, 445.  
SANTOS, Antônio Carlos Borromeu dos — 115.  
SANTOS, Claudino (Rogoberto Ferreira) dos — 102, 106, 130, 135, 143, 153, 182, 186, 201, 203, 250, 251.  
SANTOS (da Costa Araújo), Urbano — 79, 80.  
SANTOS, Deodoro dos — 251.  
SANTOS, Ernesto de Paula — 107, 108, 110, 265, 312, 315; 316, 348, 359, 374, 376, 382, 383, 398, 399, 409, 431, 444, 449, 467, 468.  
SANTOS, (João) Pacífico (Ferreira) dos — 144, 161, 171, 172, 193, 239; 266.  
SANTOS Jorge, João dos — 197.  
SANTOS, Julião dos — 431.  
SANTOS, Julieta dos — 183.

- SANTOS Júnior, E. — 285.  
SANTOS, Leôncio Chaves dos — 331.  
SANTOS, M. — 187, 458.  
SANTOS, Major Antônio Ricardo dos — 410.  
SANTOS, Manuel Porfírio de Oliveira — 64.  
SANTOS, Marceuno dos — 256, 304, 322, 376, 439, 478.  
SANTOS, Maria P. Vilela dos — 203, 208  
SANTOS, Odilon O. dos — 228.  
SANTOS, P. de Lery — 34.  
SANTOS, P. P. — 285.  
SANTOS, Sousa — 369.  
SÃO PAIO, (João Zeferino) Rangel de — 31, 32, 54.  
SARAIVA, João — 233.  
SARAIVA Sobrinho, José Antônio de — 65.  
SCHILLER, (João Cristóvão Frederico) — 60, 125.  
SCHOUPPE, Padre — 382.  
SEABRA, José Joaquim — 37, 164; 192; 210; 228; 341.  
SEGUIER, Jaime de — 250.  
SEIXAS, Alfredo — 476, 477.  
SEIXAS, Aníbal (Rodrigues de) — 193.  
SEIXAS, Misael (Correia) — 451.  
SELDAR, Júlio — 172.  
SELGAS, José — 372.  
SENA, Hermenegildo da Silva — 469.  
SERRANO, Plácido — 287, 343.  
SETE, Mário (Rodrigues) — 117  
SEVE, Franklin (de Magalhães) — 111.  
SILVA, A. C. Serafim e — 365.  
SILVA, Adolfo — 466.  
SILVA, Afonso da — 62.  
SILVA, Agripino (Fernandes) da — 445, 463.  
SILVA, Amélia — 242.  
SILVA, Antônio Carlos Ferreira da — 86, 471.  
SILVA, Antônio Irineu da — 155, 169, 173, 194.  
SILVA, Augusto Ewerton e — 310.  
SILVA, Augusto José da — 331, 429  
SILVA, Benjamin (Ernesto Pereira da) — 147, 427.  
SILVA, Carolino — 375.  
SILVA Castro — 143.  
SILVA, Clemente F. da — 180.  
SILVA, Eduardo — 378.  
SILVA, Ernesto — 295.  
SILVA, Fernando Pereira da — 440.  
SILVA Ferraz — 434.  
SILVA, Gaurino G. A. da — 472  
SILVA, Ismael M. da — 216, 315.  
SILVA, João Alves Mendes da — 35, 368.  
SILVA, José Caitano da — 246.  
SILVA, José Cordeiro Alvim da — 37.  
SILVA, José Izidro da — 40.  
SILVA Júnior, José do Rêgo Cavalcanti — 451.  
SILVA, Lourenço Tomaz da — 239, 257.  
SILVA, Luiz Antônio Domingues da — 156  
SILVA, Manuel G. da — 188.  
SILVA, Monsenhor Augusto Franklin Moreira da — 282.

- SILVA Oliveira — 359, 382, 383.  
SILVA, Osvaldo — 187.  
SILVA, Padre Jerônimo Tomé da — 145.  
SILVA, Paulo da — 338, 345.  
SILVA, Pedro Galdino Ivo da — 472.  
SILVA Pinto, J. — 424, 425, 437.  
SILVA, Poggi e — 348.  
SILVA, Rebelo da — 196  
SILVA Rêgo — 210.  
SILVA, Rodrigues e — 466.  
SILVA, Sátiro Serafim da — 207.  
SILVA, Tenente Oscar Pereira da — 308, 309.  
SILVEIRA, Antônio — 318, 323.  
SILVEIRA, J. C. Baltazar da — 65, 129.  
SILVEIRA, João Balbino Ramos da — 46, 93.  
SILVEIRA, João Benigno Ramos da — 71, 294.  
SILVEIRA, João Manuel da — 476, 478, 479.  
SILVEIRA, Leopoldo A da — 291, 433.  
SILVEIRA, M. J. — 361.  
SILVEIRA, Paulo A. da — 133, 270, 359, 425.  
SILVEIRA, Raimundo O. Ramos da — 161, 174.  
SIMÕES, Fulgêncio (Firmino) — 79.  
SIMÕES, Ildefonso — 413.  
SIMÕES, (Luiz) Demétrio (Dias) — 54.  
SIMÕES, (Luiz José) Pereira — 97, 98, 130, 143.  
SIMÕES, Otávio — 306.  
SIMÕES, Valfrido — 306.  
SINAI, Matilde — 222.  
SINAI, Virgínia — 222.  
SINIMBU (Visconde de...), João Lins Vieira Cansação de — 81.  
SIQUEIRA, Alcides (Lopes de) — 445.  
SIQUEIRA, Manuel de — 201.  
SIQUEIRA, Pacífico L. — 467, 476, 478.  
SIQUEIRA, R. — 222.  
SIQUEIRA, Sebastião — 133  
SIZENANDO, E. — 133.  
SOARES, A.P.S. — 86.  
SOARES (da Silva), Firmino — 65.  
SOARES (de Araújo), Antônio — 437, 454.  
SOARES, Fantino — 240.  
SOARES, Pedro — 356.  
SOARES, Tito Lívio — 279.  
SOBEL, Paulo — 318, 343  
SODRÉ (e Silva), Lauro (Nina) — 421, 422.  
SOHSTEN, Július Von — 326.  
SORIANO (de Oliveira), Abgar — 320.  
SORIANO (de Sousa) Neto, (José) — 320.  
SOUSA, Amâncio (José) de — 213.  
SOUSA, Antônio José de Melo e — 167, 172.  
SOUSA, Ascendino de — 406.  
SOUSA e Silva, A. de — 450.  
SOUSA, Eusébio (Néri Alves) de — 465, 478.  
SOUSA Filho, A. — 172, 188  
SOUSA Filho, Tarquínio de — 38, 63, 79, 87.  
SOUSA, Hersílio (Lupércio) de — 300, 320.  
SOUSA, João de — 135, 263.

- SOUSA, Joaquim José Luiz de — 331.  
SOUSA, José Augusto de — 63, 79, 87.  
SOUSA, José Martiniano de — 409.  
SOUSA Júnior, Manuel Adeodato de — 98, 247.  
SOUSA, Juventino A. de — 467.  
SOUSA Leão (Barão de Vila Bela), Domingos de — 70  
SOUSA Leão, Domingos Filipe de — 215.  
SOUSA Leão, Domingos Magarinos de — 110, 282, 372, 424, 433, 445.  
SOUSA Leão Júnior, Domingos Cavalcanti de — 344, 348, 350, 363.  
SOUSA Leão, Luiz Filipe de — 70.  
SOUSA Leão Neto. — Joaquim (de — 132.  
SOUSA, Manuel Claudino de Melo e — 189.  
SOUSA, Manuel Gomes de — 58, 183, 395.  
SOUSA, Mário Pinto de — 475.  
SOUSA, Medina de — 425.  
SOUSA, Misael de — 103, 132, 186.  
SOUSA Neto, Antônio de — 241.  
SOUSA, Paulo J. de — 300.  
SOUSA, Salvador — 228.  
SOUTO, Antão — 407, 436, 439.  
SOUTO, Galdino — 172.  
SOUTO, Isabel — 295.  
SOUTO Maior, Moacir — 91.  
SOUTO Maior, Valfrido — 410.  
SPENCER (Lopes) Neto, (Joaquim) — 106, 241, 279, 287, 369, 409, 444.  
SPENCER, W. Herbert — 65.  
SPEZIO, Armino — 135  
STUBS, P. — 54.  
STUDART, Jorge (Augusto) — 350.  
SULLI, Vitória — 368.
- TABOSA, Augusto (Monteiro de Andrade) — 445.  
TAQUES, F. C. — 289.  
TARGINO (César Afonso) Filho — 355, 376, 380, 388, 402, 436, 439, 451, 474.  
TAVARES, Alberto — 395.  
TAVARES (Barreto), Otávio (Hamilton) — 320, 359.  
TAVARES (da Silva Cavalcanti), Ademar — 111, 445.  
TAVARES, Eduardo — 212  
TAVARES, Manuel — 102, 437.  
TAVARES, Monsenhor Francisco Muniz — 445.  
TÁVORA, Belisário (Fernandes da Silveira) — 350.  
TÁVORA, Luiz (Antônio da Silveira) — 112, 113, 116, 117, 118; 119.  
TÁVORA, Valfrido da Silveira — 113.  
TAYLOR, C. — 51.  
TEIXEIRA, Bento — 445.  
TEIXEIRA, Francisco Taciano — 40.  
TEIXEIRA, Joaquim Pereira — 228.  
TEIXEIRA, José (Ferreira) — 227, 268, 270.  
TEIXEIRA, Múcio (Scévola Lopes) — 111.  
TEIXEIRA, Sigismundo — 136, 144, 161.  
TEIXEIRA, Timóteo — 148.  
TELES, Alberto Júlio de Gois — 186.  
TELES, Fernão — 62.  
TELES, João Batista dos Santos — 284.  
TELES Júnior, (Jerônimo José) — 259.

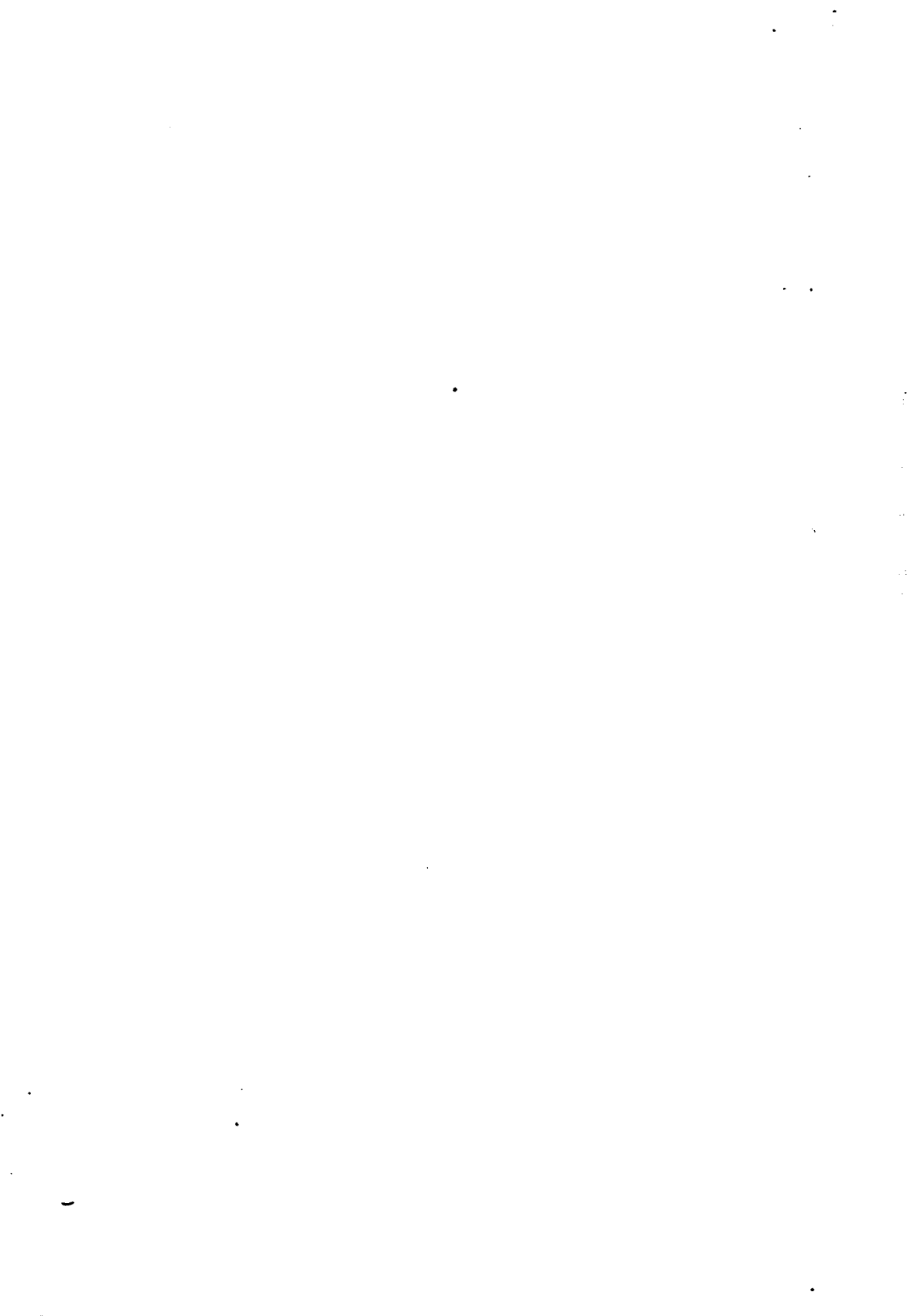
TELES, Manuel dos Passos de Oliveira — 125, 130.  
TELES, Silvano — 257.  
TEMPORAL, Clara Rosa — 361.  
TEMPORAL, Maria do Carmo — 361.  
TERRAIL, Ponson du — 33.  
TIGRE, (Manuel) Bastos — 421.  
TIMES Júnior, Tomaz — 434.  
TOCANTINS, Adriano — 148.  
TOLEDO, Alfredo — 359.  
TOLEDO, Veríssimo de — 351.  
TONDELA, F. — 301.  
TÔRRES, Artur Gonçalves — 460.  
TÔRRES, Magarinos — 320.  
TRINDADE, Filemon Marques da — 435, 437.

UCHOA Cavalcanti, João Barbalho — 110, 126, 145.  
UCHOA Cavalcanti, Pedro Celso — 110, 128, 156, 163.  
UCHOA, Cristóvão — 216.  
UCHOA, Ernestina — 208.  
UCHOA, Gaspar (Saturnino Cavalcanti) — 111, 444

VALADÃO, Manuel — 151.  
VALE, A. — 242.  
VALE, C. — 228.  
VALE, R. de Sá — 273.  
VALE, Ribeiro do — 386, 397.  
VALENÇA, Antônio (Maximiano Ramos) — 445, 475.  
VALENTE, Rebelo — 398.  
VALENTE, Samuel (da Silva) — 445, 467.  
VAMPA, Franklin — 89.  
VAMPA, Genaro — 89.  
VANDERLEI, Artur — 249.  
VANDERLEI, Augusto José Maurício — 146, 377, 480.  
VANDERLEI, Eustórgio — 118, 119, 454.  
VANDERLEI, Valdivino (D. da Rocha) — 211.  
VAREJÃO, (Joaquim) Lucilo (de Siqueira) — 146.  
VAREJÃO, Leodegário — 381.  
VARELA, Alfredo — 241, 275.  
VARELA, Tibúrcio — 32.  
VASCONCELOS, A. de — 446.  
VASCONCELOS, Abdísio de — 343.  
VASCONCELOS, Amaro Epifânio de — 481.  
VASCONCELOS, Antônio Augusto de — 63.  
VASCONCELOS, Antônio Pepes Barreto de — 41, 57, 101, 134, 184.  
VASCONCELOS, Antônio Vitrúvio Pinto Bandeira e Acioli — 144, 145.  
VASCONCELOS, Bernardino de — 136.  
VASCONCELOS, Ernesto de — 328.  
VASCONCELOS, Eurico Vitrúvio (Pinto Bandeira e Acioli) — 110, 245, 261, 275, 346, 348, 359, 421, 434, 439, 475.  
VASCONCELOS (Francino Cismontano), Francisco do Brasil Pinto Bandeira e Acioli — 32, 53, 60, 102.  
VASCONCELOS, Gastão de — 390.  
VASCONCELOS, João Bezerra de — 363, 364, 369, 377.

- VASCONCELOS, (Joaquim) Frota e — 359.  
 VASCONCELOS, José de — 110; 138; 385  
 VASCONCELOS, José Vicente Meira de — 58, 81, 133, 320.  
 VASCONCELOS, Luiz de — 464.  
 VASCONCELOS, Maria Cândida Maciel de — 175.  
 VASCONCELOS, Otávio Dória de — 451.  
 VASCONCELOS, Turiano Lins Meira de — 38, 39.  
 VAUTIER, Artur — 355.  
 VAZ (de Oliveira), Alfredo (Ernesto) — 355.  
 VAZ (de Oliveira), Heráclito (Andrade) — 401.  
 VAZ e Silva, Armando — 404.  
 VAZ (Ferreira), Augusto — 320, 352.  
 VAZ, João — 396.  
 VAZ, José Viana — 65  
 VAZ, Taumaturgo — 312, 370, 372.  
 VELOSO Filho, Pedro Leão — 37.  
 VELOSO, Padre Zeferino — 471.  
 VENANCIO Filho, Antônio — 359, 360.  
 VERA Cruz, Antônio — 62, 99, 102, 122, 124, 125; 126; 132; 164, 169, 181,  
 203; 204; 237; 254; 338; 366; 450; 471.  
 VERAS, Antônio Martiniano — 231.  
 VERNECK, Francisco (Peixoto de Lacerda) — 191.  
 VERNET, Horácio — 111.  
 VERVIERS, João Randal — 136.  
 VIANA, (Antônio Joaquim) Barbosa — 109, 115, 199, 352, 354, 355, 367,  
 398, 423, 479, 480.  
 VIANA, Erotides — 247.  
 VIANA, (José) Hermógenes — 445.  
 VIANA, Manuel Rodrigues de Sousa — 295, 309, 333.  
 VIANA, Moy P. — 241.  
 VIANA, Ulisses (Machado Pereira) — 277, 305, 317.  
 VICTOR, Jorge — 204.  
 VICTOR, Olinto — 48, 183, 279, 311, 337, 343, 402, 429, 458.  
 VIDAL, Assis — 409.  
 VIDEIRA, Carrilho — 86.  
 VIEIRA, A. C. — 240.  
 VIEIRA, Adolfo Lins — 300, 447.  
 VIEIRA, Artúnio — 106, 119, 190, 193, 206, 253, 257, 258, 259, 260, 265, 279,  
 343, 349, 350, 352, 359, 362, 369.  
 VIEIRA, Artur — 345.  
 VIEIRA da Cunha, José de Moraes — 478.  
 VIEIRA da Silva, (João Henrique) — 37.  
 VIEIRA da Silva, (Raimundo José) — 88.  
 VIEIRA (de Araújo), João — 311, 319, 320, 336.  
 VIEIRA de Melo, Bernardo — 444, 445, 456, 466, 467.  
 VIEIRA (de Melo Pereira), Celso — 110, 338, 345, 349, 362, 372; 374, 403,  
 410; 423; 455.  
 VIEIRA, Domingos — 467.  
 VIEIRA, F. F. da Silva — 104.  
 VIEIRA, Francisco — 376.  
 VIEIRA, João Fernandes — 444.  
 VIEIRA, José — 437.  
 VILABOIM Manuel Pedro — 204.  
 VILALTA, Giuseppe — 350.  
 VILAR, (José) Gomes — 176.  
 VILARIM, Tenente Joaquim Quirino — 308, 309.

- VILELA, Carlota — 203.  
VILELA, Castro — 181, 201.  
VILELA, José — 463.  
VILELA, (Joaquim Maria) Carneiro — 32, 35, 54, 114, 118, 122, 217, 219, 271; 280; 398; 408; 429.  
VIRGILIO (Publius Virgilius) — 267, 428.  
VIRGOLINO, (Inácio de) Loiola (Henrique) — 99.  
VISCONTE, Emanuel — 57.  
VITAL de Oliveira, comandante (Manuel Antônio) — 445.  
VITAL (Maria Gonçalves de Oliveira), Don frei — 34, 445.  
VITORINO (Pereira), Manuel — 407.  
VITRÚVIO (ver Vasconcelos, Eurico...)
- XAVIER (o Tiradentes), Alferes Joaquim José da Silva — 173, 315, 337, 350, 355.
- ZOLA, Emílio — 224.





**Nascimento, Luiz do**

**História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954). Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Imprensa Universitária, 1966-**

v ilustr.

1. ed. do v. 1, do Arquivo Público Estadual em 1962.

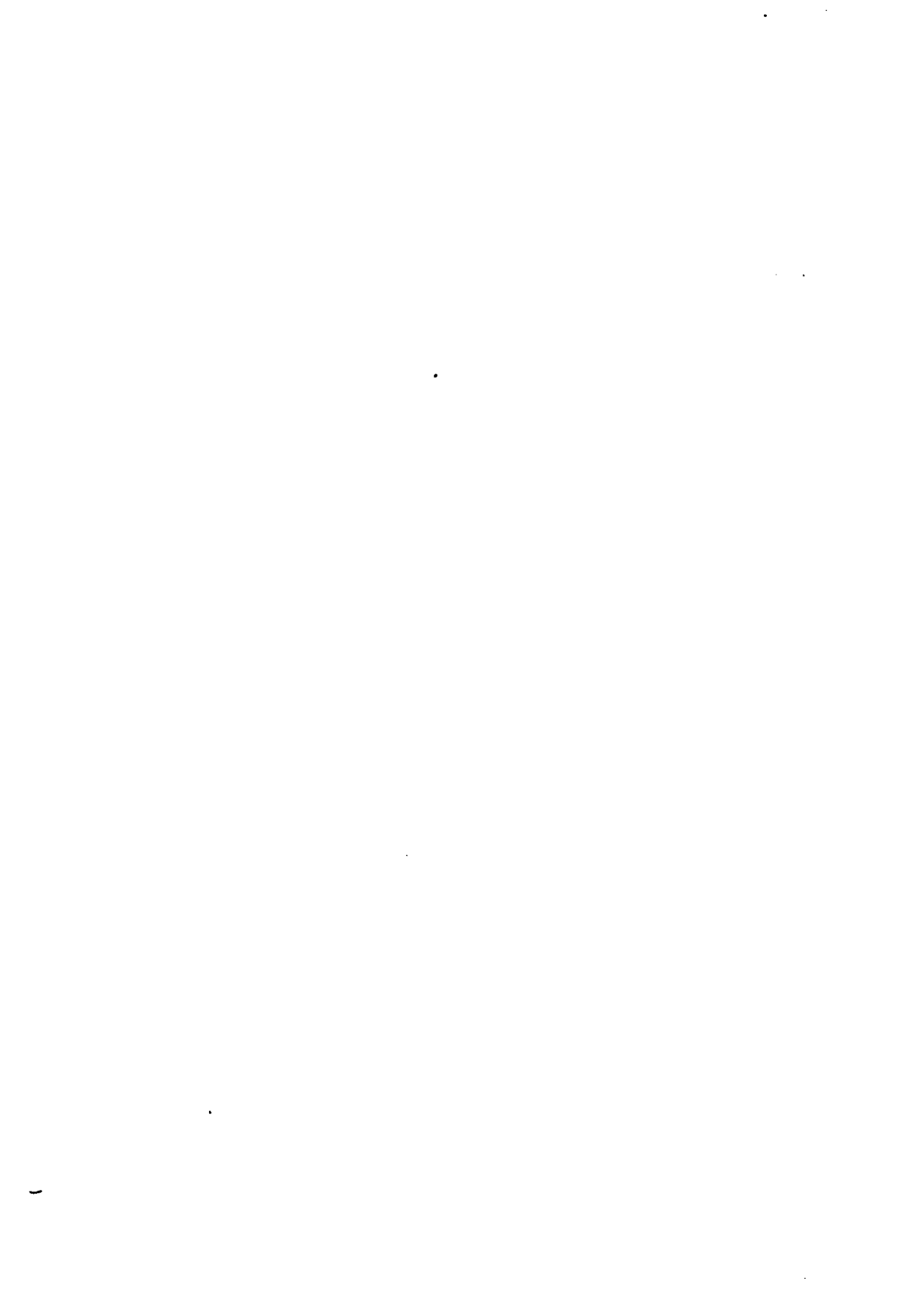
Inclui bibliografia.

Conteúdo. — v. 1. Diário de Pernambuco, 2. ed. 1968. — v. 2. Diários do Recife — 1829-1900. — v. 3. Diários do Recife — 1829-1900. — v. 4. Periódicos do Recife — 1859-1921. — v. 5. Periódicos do Recife 1851-1875. — v. 6. Periódicos do Recife — 1876-1900.

I. Imprensa — História — Pernambuco I. Título.

655.1834 (C.D.D.)  
655.1(813.4) (C.D.U.)

PeR-UF  
BC-72-940



## PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

BIOGRAFIA DE GERVÁSIO PIRES — 2 vol. — Antônio  
Joaquim de Melo

DA PROMESSA DE COMPRA E VENDA DE IMÓVEIS EM  
GERAL — Rubem Scavuzzi

OS LUSÍADAS NO RECIFE — Joel Pontes

ESTUDO DE PROBLEMAS BRASILEIROS — 2.º volume —  
Coordenação de Joel Pontes

CATÁLOGO GERAL DA UNIVERSIDADE

A LITERATURA DE CORDEL — Mark J. Curran

TESTEMUNHOS DE CRÍTICA — José Augusto Guerra

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS — vol. 13 — n.º 1/1972

REVISTA SCIENTIA — Cecine

CURSO DE DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO — Sérgio  
Loreto Filho



## ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

BIOQUÍMICA DOS MICRORGANISMOS — Gilberto G. Villela

HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO (6.º vol.) —  
Luiz do Nascimento

A IMAGEM AUTÔNOMA — Evaldo Coutinho

PEQUENA COLETÂNEA DA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA DE  
EDUCAÇÃO — Aderbal Jurema

A UNIVERSIDADE E A REFORMA DO ENSINO DE 1.º e 2.º  
GRAUS — Newton Sucupira

ENSAIOS DE HISTÓRIA REGIONAL — Nilo Pereira

CURSO DE DIREITO DO TRABALHO — Gentil Mendonça

INICIAÇÃO À MEDICINA PREVENTIVA — Orlando Parahym

A QUINTA ESTAÇÃO (Poesia) — César Leal

DOCUMENTOS UNIVERSITÁRIOS N.º 2

DOCUMENTOS UNIVERSITÁRIOS N.º 3

ANAIS DA FACULDADE DE MEDICINA VOL. 30

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS VOL 12 N.º 1

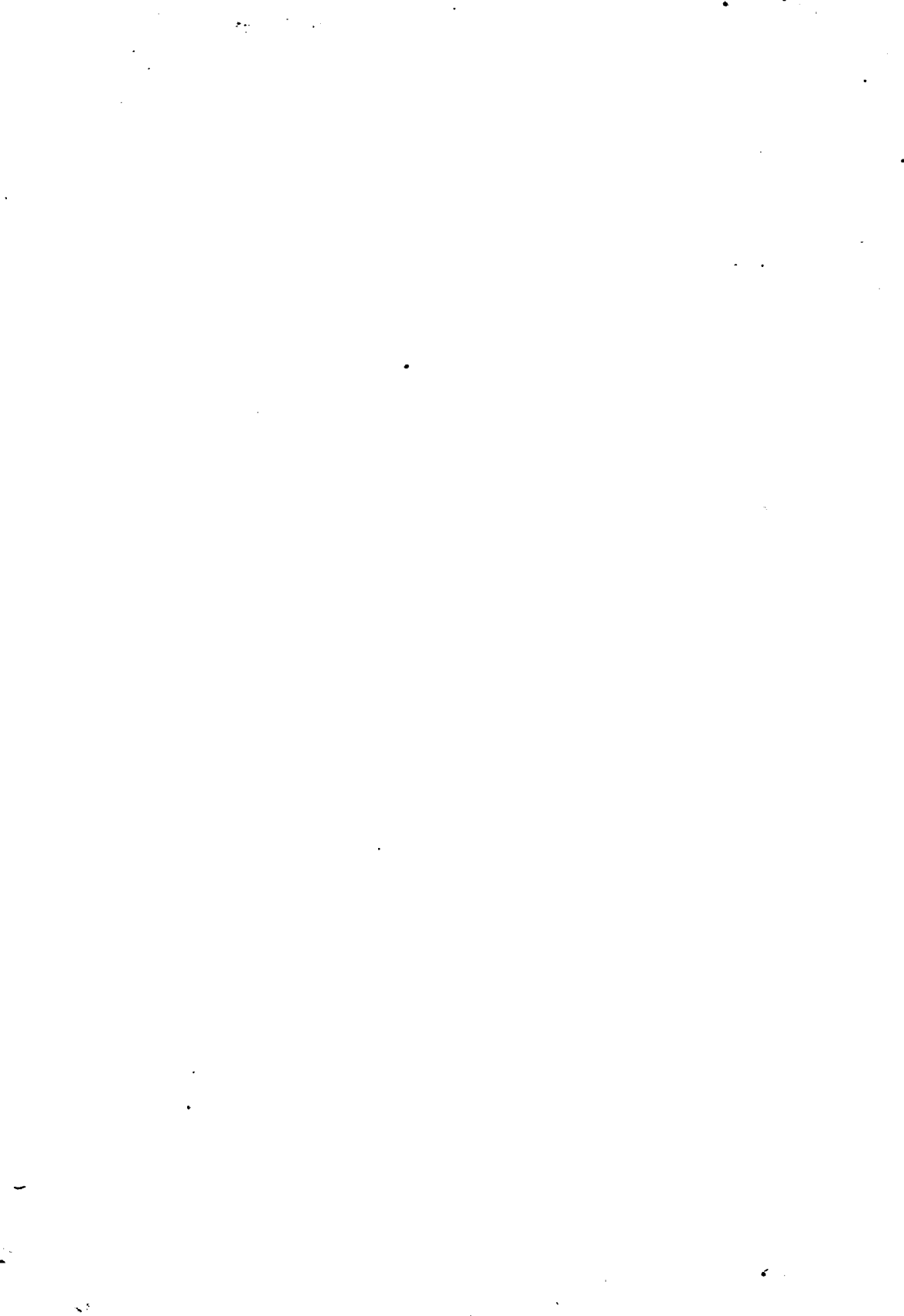
INIBIDORES DE GERMINAÇÃO EM FOLHAS DE WEDE-  
LIA PALUDOSA DC (Compositae) Efeito no Crescimen-  
to da Plântula de *Lycopersicum Esculentum* Mill —  
Dilosa Carvalho de Alencar Barbosa

FRUTO, GERMINAÇÃO E CRESCIMENTO DE PLÂNTULAS  
DE *TALISIA ESCULENTA*, Radlk. (Sapindaceae) —  
Dilosa Carvalho de Alencar Barbosa

CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DO PÓLEN DE  
GUTTIFERAE — José Luiz de Hamburgo Alves

Estes livros são encontrados na  
**Livraria da Editora Universitária**  
Rua Gervásio Pires, 674 - Recife









Nascimento, Luiz  
História da imprensa  
de Pernambuco: (1821-1954)  
07/N244h

FUNDAÇÃO JOAQUIM  
INSTITUTO DE DOCUMENTAÇÃO  
BIBLIOTECA CENTRAL  
Rua Dois Irmãos, 92  
52.071-440 - Recife  
Caixa Postal 1595  
Telefone (081) 441-  
Telefax (081) 441-  
bibli@fundajoaqui

"A "História da Imprensa de Pernambuco" não é cronologia de jornais, datas pescadas nos palheiros arquivais, mas o panorama autêntico dos nossos jornalistas. redivivos, integrais, contemporâneos, compreensivos pelo reavivamento da motivação animadora, e lógicos na reação incontida dos temperamentos revelados. V. realizou o milagre de uma reconstrução cultural, inédita nos demais recantos da amada terra do Brasil. Nos seus livros não há o pedantismo do algodão-em-rama enchendo os vácuos que a preguiça prodigaliza às investigações imóveis. Obra de Mestre! Definitiva, indispensável, vibrante! E depois, Luiz, aqui para nós, exemplo, catucamento, sugestão. Seus livros são o Baedeker do jornalismo pernambucano. Também as biografias, anedotários, revelações, semeando simpatias. **fazendo a intriga do Bem!** Todos nós, espalhados por essa terra querida, devemos, na ausência de frase condigna, dizer a V. como Napoleão aos soldados de Austerlitz: — **Je suis content de vous!** E veja que raramente essa frase deve ser, moralmente, dita". (Carta de Luiz da Câmara Cascudo ao Autor, a 4.2.1970).

"É um trabalho que se distingue pelo valor da pesquisa e da ordenação. Quem quer que se interesse pelo passado dêse centro de civilização nordestina tem de se abeberar dessa fonte que nos oferece. É uma contribuição indispensável pela variedade e importância dos elementos que fornece" (De uma carta do escritor José Américo de Almeida, datada de 30.2.1970, ao agradecer a remessa de um volume da "História da Imprensa de Pernambuco").

"Luiz do Nascimento é um trabalhador incansável, que realiza, com a mais beneditina das paciências, a obra sem precedentes da história da imprensa pernambucana, com a amplitude e com a honestidade que lhe dão o direito de se considerar, sem qualquer favor, na seara em que semeia. um mestre sem competidor" (Trecho final da "Crônica da Cidade", de Leduar de Assis Rocha, no **Jornal do Commercio**, do Recife, edição de 20 de janeiro de 1971).

# O ACADEMICO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

REDACTORES:

D. F. BELLO, E. MESQUITA, J. PAULINO, F. CAMARAO, C. MENDES

A. CABUSSU E S. RUBIM

ACADEMICO

Quadros, livros, marmores, m...  
nas, tudo vem impregnado dessa febre.  
Não se poupam sacrificios. Livingston na  
...ção d'Africa.

Longo somno, um sonho  
...deu a huer...

## IMPERIO DO BRAZIL

29 de Julho de 1889

HOMENAGEM AO FASTOSO NATALICIO

AVE. POPELE

AVE

OBRA



IZABELA DE BRAS...

AVE LIBERT...

S IDEIAS

O REB...

Ric...

d'essa comp...  
sociedade Bras...  
lação moral do...